UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Artes

HANDEL CECILIO PINTO DA SILVA

A ARTE ORGANÍSTICA NOS MOSTEIROS BENEDITINOS DO BRASIL COLONIAL E IMPERIAL:
seus órgãos, organistas e organeiros

CAMPINAS, 2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Artes

HANDEL CECILIO PINTO DA SILVA

A ARTE ORGANÍSTICA NOS MOSTEIROS BENEDITINOS DO BRASIL COLONIAL E IMPERIAL:
seus órgãos, organistas e organeiros

Orientadora: Profa. Dra. Helena Jank.

Tese Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do Titulo de Doutor em Música.

Área de Concentração: Fundamentos Teóricos.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO HANDEL CECILIO PINTO DA SILVA E ORIENTADO PELA PROFA. DRA. HELENA JANK.

CAMPINAS, 2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Eliane do Nascimento Chagas Mateus - CRB 8/1350

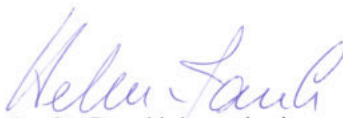
C324a
Cecilio, Handel, 1963-
A arte organística nos Mosteiros Beneditinos do Brasil Colonial e Imperial : seus órgãos, organistas e organeiros / Handel Cecilio Pinto da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

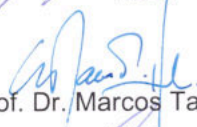
Orientador: Helena Jank.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Ordem de São Bento. 2. Arte organística brasileira. 3. Órgão de Tubos. 4. Brasil - Período colonial, 1500-1822. 5. Brasil - Império,1822-1889. I. Jank, Helena,1939-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The organistic art in the Benedictine Monasteries of Brazilian Colonial and Imperial Periods : theirs organs, organists and organ builders
Palavras-chave em inglês:
Benedictine Order
Brazilian organistic art
Pipe Organ
Brazilian - Colonial period, 1500-1822
Brazilian - Imperial Period, 1822-1889

Área de concentração: Fundamentos Teóricos
Titulação: Doutor em Música
Banca examinadora:
Helena Jank [Orientador]
Alexandre Machado Takahama
Marcus Tadeu Holler
Dorotea Machado Kerr
Carlos Fernando Fiorini
Data de defesa: 28-02-2014
Programa de Pós-Graduação: Música

Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Tese de Doutorado em Música, apresentada pelo Doutorando Handel Cecilio Pinto da Silva - RA 065407 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor, perante a Banca Examinadora:

Profa. Dra. Helena Jank
Presidente

Profa. Dra. Dorotea Machado Kerr
Titular

Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler
Titular

Prof. Dr. Carlos Fernando Fiorini
Titular

Prof. Dr. Alexandre Machado Takahama
Titular

DEDICATÓRIA GRATULATÓRIA:

- A Deus, criador e benfeitor. Aquele que capacitou, direcionou, e conferiu as condições para a conclusão de mais essa etapa em minha vida, quando encerro nesta etapa uma sequência de estudos musicais iniciada em 2002, que incluiu um bacharelado, uma especialização (*stricto sensu*), um mestrado, e este doutorado.

- A meus pais, Diógenes Cecilio da Silva (*in memoriam*), meu primeiro professor de música, e Olga Pinto Silva, pelo incentivo e apoio de sempre aos estudos musicais e à minha carreira profissional na música.

- À minha tia, Elizabeth Pinto de Campos (*in memoriam*), a quem considero uma segunda mãe, que deu todo o apoio e suporte necessários à realização do mestrado e doutorado, e que desejava vivenciar esse momento.

- Aos prezados amigos Pr. Júlio Oliveira Sanches e a Ministra de Música Audiva Barbosa Sanches, grandes incentivadores a meus estudos musicais e também para me tornar um organista de igreja. Quando fui membro da Igreja Batista da Graça, em Belo Horizonte, eles incentivaram e criaram oportunidades para meu desenvolvimento musical no acompanhamento congregacional e coral nesta igreja.

- À minha orientadora da UNICAMP, Doutora Helena Jank, e minha co-orientadora estrangeira do PDSE, da Universidade de Coimbra, Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão, pela amizade, apoio, incentivo, e pela excelência na orientação da construção deste trabalho de pesquisa.

- Aos prezados amigos Arquiabade e Abades, Monges, e Irmãos dos Mosteiros beneditinos brasileiros e portugueses que muito gentilmente abriram seus arquivos documentais. De modo especial, aqueles Mosteiros que me hospedaram, apoiaram, e incentivaram às pesquisas de sua arte organística.

- Aos diletos amigos da Família Real e Imperial Brasileiras, representados por Sua Alteza Imperial e Real Dom Luiz de Orleans e Braganca – Chefe da Casa Imperial do Brasil, S.A.I.R Dom Bertrand de Orleans e Braganca e S.A.I.R Dom Antônio de Orleans e Braganca. Sou grato pelo apreço de sempre, pelo apoio, incentivo e também contributo, através de uma carta de apresentação ao Mosteiro do Rio de Janeiro, através da qual foram abertas as portas do demais Mosteiros Beneditinos Brasileiros para a realização deste trabalho de pesquisa.

Alleluia!

Laudate Deum in sancto eius laudate eum in fortitudine potentiae eius

laudate eum in fortitudinibus eius laudate eum iuxta multitudinem magnificentiae suae

Laudate eum in clangore bucinae laudate eum in psalterio et cithara

Laudate eum in tympano et choro laudate eum in cordis et organo

Laudate eum in cymbalis sonantibus laudate eum in cymbalis tinnientibus

Omne quod spirat laudet Dominum **alleluia!**

The Book of Psalms: Caput 150

Aleluia!

Louvem a Deus no seu santuário, louvem-no no seu poderoso firmamento.

Louvem-no pelos seus feitos poderosos, louvem-no segundo a imensidão de sua grandeza!

Louvem-no ao som de trombeta, louvem-no com a lira e a harpa,

louvem-no com tamborins e danças, louvem-no com instrumentos de cordas e com flautas,

louvem-no com címbalos sonoros, louvem-no com címbalos ressonantes.

Tudo o que tem vida louve o Senhor! **Aleluia!**

Livro dos Salmos: Capítulo 150

AGRADECIMENTOS:

- Aos Mosteiros Beneditinos Brasileiros que muito gentilmente abriram seus arquivos eclesiásticos às minhas pesquisas, principalmente, aos Mosteiros do Rio de Janeiro, de Olinda, de Vinhedo e de Salvador, pelas hospedagens, em alguns destes, fui honrado fazendo as refeições nos refeitórios de suas clausuras. Da convivência nestes períodos de pesquisa, resultaram grandes amigos pessoais.
    - Mosteiro do Rio de Janeiro: ao prezado Abade Dom Roberto Lopes pela acolhida e hospedagens e apoio nas pesquisa; ao prezado amigo, Monge Historiador Dom Mauro Fragoso, pela amizade de sempre, pelos artigos e textos cedidos e o poio nas pesquisas; ao Monge Hospedeiro Irmão Martinho Santiago (atualmente Bruno Santiago Jupetipe), pela hospedagens, poio nas pesquisas e pela amizade de sempre; ao Monge Arquivista Dom Pascal; ao Monge Dom Bento; ao organeiro José Joaquim Marçal.
    - Mosteiro de Olinda: Ao Abade Dom Filipe da Silva pela acolhida e hospedagens e apoio nas pesquisa; ao amigo Monge Arquivista e Historiador Dom João Cassiano; ao Monge Hospedeiro Dom Francisco. E ao amigo Sandro Gustavo Santos Vicente (ex. irmão Petrus) pelos contatos e por me acompanhar nas pesquisas em Olinda e no Recife.
    - Mosteiro de São Paulo: ao Bibliotecário do mosteiro Antônio Cesar Garcia que elucidou aos monges deste mosteiro sobre a importância de minhas pesquisas e do levantamento da história do mosteiro paulistano; ao Monge Dom João Batista Barbosa; ao Monge Historiador Dom Eduardo Uchôa Fagundes Júnior; e ao Monge Arquivista Dom Gregório de Oliveira Ferreira.
    - Mosteiro de Vinhedo: ao prezado Prior Dom Paulo S. Panza pela acolhida e hospedagens e apoio nas pesquisa; ao Monge Irmão Emanuel do Prado, pela ajuda nas fotocópias; e ao Monge Dom Rogério Miranda de Almeida, pelas traduções do latim. Em consequência de minhas pesquisas, este Mosteiro organizou seu arquivo documental, organizando os livros e criando um espaço adequado a sua conservação.
    - Mosteiro de Salvador: ao Arquiabade Dom Emanuel D`Able do Amaral pela acolhida e hospedagens e apoio nas pesquisa; ao nosso contato Monge Dom Mauro Soares dos Santo; ao Monger Arquivista Dom Ivan da Silva Andrade. aos Monges Hospedeiros, Dom Henrique Paixão Gregório e Dom Tiago Neves da Silva; ao Diretor da Biblioteca, Dom Samuel Dantas de Araújo; à bibliotecária Lucyana Nascimento; ao Monge Diretor da Faculdade Dom Agostinho de Araújo Carvalho; e ao Monge Dom Angelo Alves de Oliveira.

- À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro através da bolsa de doutorado e do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) na Universidade de Coimbra, em Portugal, no período de Setembro de 2011 a Setembro de 2012.

- Um especial agradecimento às minhas orientadoras, em anexo.

- Aos professores e funcionários do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, em especial, a Joice Jane sena de Lima e Letícia C. S. Machado.

- À Musicóloga Conceição Resende, pelo material de suas pesquisas que foram gentilmente doados a meu trabalho.

- Ao prezado Dr. Dr. Ibsen José Casas Noronha, primeiro professor brasileiro no Curso de Direito da Universidade de Coimbra, e a sua distinta família, pelo apoio, companheirismo e pela amizade durante o período que morei na Cidade de Coimbra.

- À Sra. Fernanda Rodrigues, de Caldas das Taipas, Braga, em Portugal, sua irmã Ester e Zé e demais familiares, pela amizade, hospedagens, apoio e incentivo de sempre.

- Aos primos Grace Korps, Jeff Cruz e André Cruz pelo apoio de sempre e pelas hospedagens em São Paulo.

- Ao amigo Antônio Rosa, colega da Universidade de Coimbra, pelas amizade, companheirismos, pelas longas e proveitosas conversas sobre nossos trabalhos e sobre a realidade das pesquisas acadêmicas e sobre a musicologia. Também agradeço a António Rosa e a Denisa Ferreira Nunes pelas várias hospedagens em minhas viagens de pesquisa nos arquivos de Lisboa.

- Aos prezados e diletos colegas e amigos dos Estudos Artísticos da Universidade de Coimbra Juan Martinz (Argentina/Espanha), Isaura Santos (França) e António Rosa (Portugal), que formávamos um *quadrivium* internacional. Em nossos encontros semanais na tasca "O Abílio", em Coimbra, além de uma excelente gastronomia tradicional portuguesa, tratávamos, resolvíamos e adiantávamos nossos trabalhos, e principalmente, divertíamos e riamos bastante nesses encontros de almoço.

- Ao Trompetista Basílio Gomarín Píriz e ao Organista Enrique Campuzano Ruiz, pela amizade, apoio e pelas séries de concertos por eles organizadas na Espanha. Também pelo presente da coleção *El Organo Barroco Espanol*, de Jesús Angel de la Lama – S.J., ofertado pelo Organista Enrique Campuzano Ruiz, obra extremamente necessária na construção deste texto.

- Aos diretores e funcionários dos diversos arquivos, eclesiásticos e púbicos, nos quais pesquisei no Brasil e em Portugal.

- Ao Leandro Pereira de Abreu do Centro de Memória Histórica da PUC Minas - ICH, do Departamento de História, por ter gentilmente proporcionado o acesso aos CDs do Projeto Resgate do Arquivo Ultramarino, documentação extremamente necessária a este trabalho de pesquisa.

- Ao Arquivo Público do Estado da Bahia, na pessoa de sua Diretora Maria Teresa Navarro de Britto Matos, e também aos funcionários pelo gentil atendimento.

- Ao Musicólogo Dr. Gerhard Doderer, pelos artigos e publicações fornecidas.

- Ao Presidente Jayme Lustosa de Altavila e funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL.

- À Luciana Viana Assunção e ao Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM, pelas digitalizações de diversos documentos.

- Ao Arquivo Público de Alagoas – APA, através de seus funcionários Daython Alexandre, Gisele.

- Ao Jorge Paixão da Divisão de Informação Documental da Fundação Biblioteca Nacional do rio de janeiro, pela gentileza em enviar o microfilme com urgência e pela presteza em solucionar os problemas surgidos com as digitalizações dos documentos necessários a tese.

- Ao Padre Roberto Nogueira do Nascimento, Pároco da Igreja Matriz da Madre de Deus (Recife, Pernambuco) por ter proporcionado o acesso aos livros de registros das diversas ordens terceiras do Recife, assim como também ao Sr. Jonea Carlos de Albuquerque Ferreira, responsável pelo arquivo.

- Ao Dr. Paulo João Oliveira, Historiador do Mosteiro de São Martinho de Tibães, pela acolhida no dito mosteiro para minhas pesquisas e por sua contribuição a este trabalho, indicando contatos e fornecendo diversos artigos.

- Ao Mosteiros de Macaúbas, em Minas Gerais, à Madre Superiora e demais irmãs, como também à Historiadora Maria Juscelina de Faria.

- Ao Carlos José Aparecido de Oliveira (Caju), Técnico Responsável pelo Arquivo Eclesiástico da Paróquia de N. S. do Pilar de Ouro Preto. Por toda sua boa vontade e contribuição, disponibilizando o acesso em minhas pesquisas nos documentos do arquivo documental desta Paróquia.

- À Igreja Batista Memorial de Belo Horizonte, seus membros pelo apoio e sempre e ao Pr. Wagno Alves Bragança, pelas orações e pelo contato constante quando estive morando em Coimbra, Portugal. E como o Pr. Wagno falou à Igreja Memorial, "podemos dividir esta vitória".

- À Igreja Batista da Renascença, onde sou organista, a seus membros. Ao Pr. Rubens Schreiber e a Ministra de Música Marilene Brasil Schreiber agradeço pelo editorial publicado no boletim desta igreja.

- Ao organeiro Nuno Rigaud pela diversas consultas e assessoria sobre organaria. Pelas revisões nos textos relacionados à organaria ibérica e órgãos de tubos em geral.

- Ao Seminário Menor de Coimbra, aos prezados amigos Padres Humberto Martins e Adelino ferreira, como também aos seminaristas Ricardo Jorge Pinto, Micael Gomes e Antonio Costa; que foram como uma família para mim quando morei em Coimbra. Neste período, fui organista da Capela deste Seminário.

- Aos prezados amigos Joadir Spillari, Adriana Marques Filipin Spillari; a seus pais, Sr. Alcindo Leduíno Filippin e Sra. Maria Matilde Marques Filippin; e também à Bidu, pelo apoio de sempre e pelas várias hospedagens em minhas idas à Campinas.

- Sou muito grato à professora Ana Isabel Correa Martins (Anita), pelas aulas de latim na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra durante o Estágio PDSE, pelas revisões do texto sobre as nomenclaturas organísticas, como também nas muitas consultas, pela internete, quando tive dúvidas sobre minhas traduções de textos em latim, e sempre fui atendido com toda boa vontade, simpatia e competência.

- Aos prezados amigos tradutores de alguns textos: Marcos Pereira Feitosa (tradutor e revisor); Adriana Marques Filipin Spillari; Eduardo Ostergren; Sr. José do Nascimento Dias e a seu Irmão Sr. Hélio Dias Viana; e ao Monge Beneditino do Mosteiro de Vinhedo, Dom Rogério Miranda de Almeida – OSB.

- Ao Jornal da Unicamp e a jornalista Isabel Gardenal pela excelente matéria publicada sobre minhas pesquisas e tese publicada na edição de 14 a 27 de abril de 2014 – Ano XXVIII – Nº. XXVIII.

- À Revista Louvor, e à sua editora Leila Gusmão, pela entrevista publicada na edição Ano 37 – Vol.3 – Nº 140 – 3T14.

- À jornalista Delma Medeiros pela matéria publicado do Jornal Correio Popular de Campinas, São Paulo.

- Ao Jornalista Rodrigo Simon de Moraes, da UnivespTV/TV Cultura, pela entrevista. E também aos demais Jornais que apoiaram.

- Aos Amigos Pr. Júlio Oliveira Sanches, a Ministra de Música Audiva Barbosa Sanches, Adamares Andrade e a Maria Angélica Franquis, que estiveram presentes em minha defesa da tese. Também ao Edelson Constantino, responsável pela filmagem, videoconferência e toda parte de áudio e vídeo durante a defesa da tese.

- À todos os prezados amigos, parentes e familiares (legítimos e adotados), que sempre apoiaram e incentivaram a realização deste doutorado. Optei por não citar nomes para eu não falhar com alguém. Mas, certamente todos estes saberão a quem me refiro e que fazem parte deste rol.

RESUMO:

O órgão de tubos, mesmo não tendo sua gênese dentro do ambiente eclesiástico, foi adotado e convertido em um instrumento litúrgico por excelência pela Igreja Cristã, e consagrado no século XVI pelo Concilio de Trento. Neste ambiente, foi possível ao órgão de tubos ter seu desenvolvimento técnico de construção, e a ampliação de seus recursos e de variedades tímbricas. A arte organística brasileira, com raízes na escola de organaria ibérica, teve início no século XVI, e manteve sua tradição ao longo dos séculos seguintes. A princípio, foram usados pequenos órgãos de tubos positivos de mesa, positivos de chão e órgãos realejos vindos de Portugal. Posteriormente, no século XVIII, a Coroa Portuguesa supriu as catedrais e igrejas brasílicas com grandes órgãos de tubos fixos. Ainda neste mesmo século, os órgãos de tubos começam a ser construídos *in loco*, quando ocorre a gênese da organaria brasileira. Considerando-se o desaparecimento da grande maioria dos órgãos de tubos dos Períodos Colonial e Imperial brasileiro, através de um levantamento histórico documental tornou-se possível um resgate da existência destes instrumentos, hoje desaparecidos. Diversos documentos eclesiásticos registram compras de órgãos de tubos, gastos com assentos e manutenção, como também, pagamentos aos organistas. Os cronistas de época e os diários de viajantes citam a presença e o uso desses instrumentos. A arte organística da Ordem de São Bento manifesta-se através de seus órgãos de tubos adquiridos e doados, de seus monges organistas, da manutenção deste instrumentos e dos organeiros que construíram para os mosteiros. Os Mosteiros Beneditinos Portugueses e brasileiros adotaram o órgão de tubos como o instrumento de seus Ofícios Divinos, mantendo essa tradição até os dias atuais. Objetivando resgatar a arte e a tradição organística colonial e imperial brasileira, foi realizado um levantamento histórico dos momentos significativos do órgão de tubos no Brasil, através de registros documentais eclesiásticos e seculares, e de crônicas de época, em uma abordagem detalhada, concisa e objetiva.

Palavras-chave: Ordem de São Bento; Arte Organística Brasileira; Órgão de Tubos; Brasil – Período Colonial, 1500-1822; Brasil – Império, 1882-1889.

ABSTRACT:

The pipe organ, even not having its genesis within the ecclesiastical environment, was adopted by the Christian Church and converted into a liturgical instrument par excellence, having been consecrated in the sixteenth century by the Council of Trent. In this environment, it was possible for the instrument to experience technical development in construction, the upgrading of its resources and enhanced timbristic variety. The organistic art of Brazil, with its roots in the iberian organ school of organ building, begun in the sixteenth century was maintained throughout the succeding centuries. At first, small positive organs (placed on a table or on the floor) and *realejo* organs brought from Portugal were employed. Later, during the eighteenth century, the Portuguese Crown supplies brazilian cathedrals and churches with large fixed pipe organs. Also in the same century, organs began to be built *in situ*, at the time when the art of organ building in Brazil begins to take place, it was the genesis of Brazilian pipe organ building. Considering the disappearance of most pipe organs of the brazilian colonial and imperial periods, through a documentary historical survey it has been possible to rediscover these instruments. Various church documents have recorded purchases, installations and maintenance of these pipe organs as well as payments made to organists. Chroniclers of the times and diaries of travelers attest to the presence and use of these instruments. The organistic art of the Order of Saint Benedict is manifested through the acquisition, instalations and maintained of their pipe organs, their organist monks and organ builders who worked for benedctine monasteries. The Portuguese and Brazilian Benedictine monasteries adopted the pipe organ as the instrument for their Divine Services, keeping this tradition to the present day. As an effort to rescue the organistic universe traditions of both Brazilian Colonial and Imperial Periods, ecclesiastical and secular documented records as well as chronicles of the times on pipe organs, organists and pipe organ builders have been examined and studied in detail and presented in a concise and objective manner.

Tags: Benedictine Order; Brazilian Organistic Art; Pipe Organ; Brazilian – Colonial period, 1500-1822; Brazilian – Imperial period, 1822-1889.

LISTA DE FIGURAS

Lista de quadros

LISTA DE TABELAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A história da arte organística brasileira possui muitas lacunas. Muitos questionamentos ainda não foram respondidos. O primeiro deles, refere-se ao início da história do órgão de tubos no Brasil. Teria sido com o organista Frei Masseu, na Armada de Cabral, ou no primeiro cargo oficial de organista, na Sé Primaz de Salvador. A segunda dúvida reside no uso dos diversos tipos de órgãos de tubos, e até quando foram usados, e a partir de que momento começaram a serem assentados grandes órgãos de tubos de igreja. O terceiro questionamento, concerne ao momento no qual os órgãos de tubos começaram a ser construídos *in loco*, por organeiros brasileiros, e como se deu a formação nesse ofício, ou seja, em que momento ocorreu a "gênese da organaria brasileira". E o último deles refere-se a tradição organística brasileira, se através da prática e dos órgãos existentes no Brasil Colonial e Imperial justificam a afirmativa ou a negação de um legado organístico.

O recorte temporal do trabalho tem seu início no achamento (descobrimento) do Brasil, tendo seu encerramento nos finais do século XIX, princípios do século XX. O primeiro limite, refere-se ao organista vindo na esquadra de Pedro Álvares Cabral e as Missas celebradas ao tomarem posse da nova terra. Quanto ao recorte final, está delimitado ao final do século XIX, pelo momento da restauração dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros. Em alguns momentos, foi necessário adentrar ao século XX. Quanto ao âmbito geográfico, abrange a América Portuguesa, seus territórios anexados, e também o Reino de Portugal, de onde vieram os órgãos de tubos, organistas e organeiros; como também vieram os monges beneditinos da Congregação Portuguesa para fundar a Província Brasileira. Contudo, como a organaria portuguesa e brasileira fazem parte da escola ibérica de organaria, e também considerando-se a União Ibérica ocorrida no século XVI, é necessário que se aponte também, em alguns assuntos e momento, a Espanha.

Este trabalho de pesquisa visa levantar novas informações, e responder a alguns questionamentos e lacunas existentes na história do órgão de tubos no Brasil. Considerando-se o tempo necessário ao desenvolvimento do trabalho, a extensão geográfica do Brasil, e a dificuldade das pesquisas documentais nos arquivos públicos e eclesiásticos brasileiros, optou-se por focalizar os órgãos de tubos, organistas e organeiros dos Mosteiros Beneditinos brasileiros, como representativos da arte organística brasileira.

Escolheu-se, a fim de ilustração e comprovação tradição organística, os Mosteiros Beneditinos, fundados no Período Colonial Brasileiro, que possuíram órgãos de tubos. Foram eles os Mosteiros: da Bahia, do Rio de Janeiro, de Olinda, da Paraíba, de São Paulo, de Brotas, da Graça e de Santos.

Considerando-se que a grande maioria dos órgãos de tubos históricos brasileiros foram perdidos ao longo da história, o caminho para o resgate destes instrumentos e de seu uso somente se torna possível através de um levantamento histórico documental. Para tal levantamento, foram utilizadas nomeadamente duas ferramentas fundamentais: a paleografia e a diplomática. A paleografia, trata da escrita antiga dos documentos, a diplomática, do estudo destes documentos. Durante o estágio PDSE, realizado na Universidade de Coimbra, em Portugal, de setembro de 2011 a setembro de 2013, foi possível cursar dois semestres de Paleografia e Diplomática. Ambas disciplinas, ministradas pela Professora Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão, são extremamente necessárias para a transcrição dos textos antigos, considerando-se que usava-se outra ortografia, não se fazia muito uso das virgulas, além do sentido e significado das palavras, algumas delas, não mais existentes. Durante o estágio PDSE, contamos com a co-orientação da Professora Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão. Além destes, acrescenta-se um curso intensivo de Latim, na Faculdade de Letras, com a Professora Anita Martins.

Foi incluído no texto o recorte dos principais documentos, ou mesmo em sua integra, afim de tornar acessível ao leitor a fonte primária da informação, fundamentar a informação, além de comprovar a consulta as fontes referidas. Adotou-se a transcrição literal dos textos documentais, segundo a escrita de sua época. Não foram inseridas as indicações diversas, próprias das transcrições, a fim de facilitar a leitura. Contudo, colocou-se, entre parênteses, palavras que possam gerar dúvidas na leitura, pois muitas das grafias antigas são diferentes das atuais. Todas as transcrições foram inseridas no texto em forma de citações. Contudo, em algumas delas, mesmo sendo menores que três linhas, tais como os lançamentos de despesas ou gastos, foram colocadas em forma de citação, logo abaixo do documento, para facilitar a leitura do lançamento contábil.

Para serem inseridos estes recortes, há necessidade de um tratamento das

imagens fotográficas para que sejam vistas com mais qualidade no texto, pois muitos documentos de acham em avançado estágio de deterioração, textos com muito desbotados, corroídos por insetos ou pelo próprio tipo de tinta usado.

Um das dificuldades encontradas pelos pesquisadores da área documental, é o preço das digitalizações. Em alguns arquivos, no Brasil, são gratuitos, em outros, são extremamente dispendiosos.

Por outro lado, encontramos apoio por parte dos Mosteiros Beneditinos. Recebemos todo o apoio e abertura dos arquivos, como também hospedagem e alimentação durante os dias de pesquisas pelos seguintes Mosteiros Beneditinos: Rio de Janeiro, Olinda, Vinhedo (antigo Mosteiro de Santos), e de Salvador. Todos estes nos disponibilizaram as pesquisas mesmo fora de seus horários de funcionamento. Quanto ao Mosteiros de São Paulo, as pesquisas se restringiram a somente quatro dias. Em consequência de minhas pesquisas, Mosteiro Beneditino de Vinhedo organizou seu arquivo documental, organizando os livros e criando um espaço adequado a sua conservação.

A diversas crônicas de época são fontes de informações, através dos testemunhos oculares, tomando-se o devido cuidado de absorver os fatos, isentando-se das opiniões pessoais dos cronistas. Outro recurso adotado neste trabalho foi a iconografia, que revelam determinados temas através de imagens. Utilizou-se imagens de órgãos, atentando-se somente ao seu formato, como um todo, e não necessariamente a detalhes organológicos. Um único exemplar representante da organaria brasileira, permitiu um estudo de caso de um órgão de tubos fixo de igreja, da Abadia de São Bento do Rio de Janeiro.

As pesquisas desenvolveu-se em estágios definidos. Primeiramente, um levantamento bibliográfico de teses e artigos acadêmicos, obras raras publicadas durante os séculos em estudo, literatura eclesiásticas, livros de cerimoniais litúrgicos, crônicas de época e das ordens regulares, entre outros. Resumidamente, uma busca de conceitos e fundamentos organístico e litúrgicos, duas áreas inseparáveis neste trabalho de pesquisa. Em um segundo momento, foram iniciadas as pesquisas em arquivos documentais das igrejas, ordens terceiras e nos Mosteiros Beneditinos brasileiros. Em uma terceira fase, através do estágio PDSE vinculado à Universidade de Coimbra, iniciou-se as buscas de documentação relativa aos órgãos, organistas, organeiros, e aos Mosteiros Beneditinos,

buscando sua fundação e criação da Província Beneditina brasileira nos arquivos públicos distritais e monásticos em Portugal. Em síntese, uma busca aos documentos não mais existentes no Brasil. A Coroa Portuguesa tinha por prática administrativa produzir cópias dos diversos documentos. Muitas vezes, transcreviam os documentos anteriores nas respostas aos Requerimentos e as Cartas Régias. Foram consultados a Torre do Tombo, a Biblioteca Nacional de Portugal, o Arquivo da Universidade de Coimbra, o Arquivo Distrital de Braga, a Biblioteca Pública do Porto, o Arquivo Distrital de Évora, e os Arquivos eclesiásticos dos Mosteiros de Tibães e de Singeverga. No penúltimo estágio, finalizaram-se pesquisas em arquivos e Mosteiros Beneditinos Brasileiros. Finalmente, na ultima etapa, a elaboração do texto final da tese.

A tese está dividida em três capítulos que tratam de temas tais como: a contextualização histórica do órgão de tubos, do uso do órgão na liturgia Católica Romana, da organaria ibérica e brasileira, dos organistas que atuaram no Brasil, e do foco do trabalho, da arte organística nos Mosteiros Beneditinos.

O trabalho tem seu início apresentando-se o órgão de tubos através de um breve relato da história desse instrumento milenar, e de seu uso dentro do ambiente eclesiástico. Considerando-se a raridade de se encontrar na literatura brasileira ou mesmo portuguesa, textos que tratem, de forma sistemática, a arte da organaria portuguesa ou mesmo da colonial brasileira, foi incluído um estudo da estética e das técnicas de construção do órgão em Portugal e no Brasil, relativo aos séculos em estudo, necessário à compreensão do especificamente do estudo de caso do órgão de tubos do Mosteiro do Rio de Janeiro, assim como também de todo o último capítulo da tese. Por meio de documentação foram definidas e conceituadas as tipologias de órgão de tubos usados no Brasil ao longo dos séculos em estudo.

Considerando que todo o trabalho trata o órgão de tubos dentro do ambiente eclesiástico, foi elaborado um estudo do uso deste instrumento dentro da liturgia católica, desde sua introdução nas celebrações sacras. Sendo o catolicismo a religião oficial dos colonizadores portugueses, torna-se importante tratar sua ligação com o instrumento, sua importância, assim como também a contribuição da Coroa Portuguesa, equipando suas capelas reais, catedrais, matrizes e igrejas com órgãos de tubos. Também foi tratado o uso

do órgão de tubos nas Missas e Ofícios Divinos dos mosteiros beneditinos.

Todo este trabalho tem sua fundamentação preferencialmente em fontes primárias, sejam em documentos eclesiásticos, documentos seculares, crônicas de época e relatos de viajantes europeus. Em muitos diversas publicações de musicólogos e organistas foram feitas afirmativas baseadas em fontes secundárias ou mesmo afirmativas sem alguma fundamentação documental. Em consequência da repetição, estas afirmativas, não fundamentadas, vieram a se tornar uma "verdade". A seguir, destacam-se alguns desses equívocos: supor, ou mesmo afirmar, a participação de Frei Masseu nas primeiras missas celebradas no Brasil, fundamentando-se na carta de Pero Vaz de Caminha, que em momento algum faz citação a Frei Masseu e a seu órgão de tubos; além disto, o erro na transcrição do nome do organista Frei Masseu como sendo Maffeu, um equivoco entre a letra "s" (ſ) e a "f" (f); afirmar que "certamente" Frei Masseu trazia um órgão portativo, instrumento usado para dar a tonalidade no gregoriano, e não um órgão positivo, muito usado nesta época nas capelas e igrejas; pressupor que os órgãos enviados ao Brasil, a partir da Sé da Bahia, instrumento instalado ainda na primeira metade do século XVIII, no período barroco, eram semelhantes ao órgão renascentista da Sé de Évora; além de outros diversos desacertos. A título de conhecimento, existem dois órgãos na Sé de Évora, o primeiro construído em 1562, de autor desconhecido; o segundo, de 1758, construído pelo organeiro italiano Pascoali Caetano Oldovini. Os órgãos enviados pela Coroa Portuguesa para o Brasil eram feituras de organeiros portugueses, sendo instrumentos legitimamente construídos em Portugal, segundo características estilística de cada período de época.

O primeiro questionamento a ser respondido neste trabalho neste trabalho, seria definir quem foi o primeiro organista a atuar no Brasil, pois em diversos trabalhos foi colocado que a história do órgão no Brasil teve seu início com Frei Masseu, nas primeiras missas celebradas em Terra de Santa Cruz por ocasião do achamento do Brasil.

O primeiro cargo oficial de organista no Brasil, concernente à primeira Sé Catedral brasileira, foi ocupado pelo tangedor de órgãos, o Cônego Padre Pedro da Fonseca. O dito organista é citado em textos diversos, contudo, nunca estudado documentalmente em sua função, como também sua origem e formação.

Por várias vezes afirmou-se que o Brasil não tem tradição organística. Portanto,

torna-se necessário desmistificar este conceito. Para tal, levantou-se breves notícias de compras de órgãos de tubos, contratação e atuação de organistas, e da vinda de órgãos de tubos de Portugal, como a gênese da organaria brasileira, supostamente colocado como no século XVIII, sendo seu primeiro organeiro o pernambucano Agostinho Rodrigues Leite. Para tal, contextualizou-se os diversos séculos da história do Brasil.

Finalmente, no último capítulo, é abordada a arte organística nos Mosteiros Beneditinos Brasileiros. Nesta parte da tese são tratados: a história dos respectivos mosteiros, o uso do órgão em sua liturgia, órgãos adquiridos, a formação dos monges organistas, e atuação destes monges nas Missas e Ofícios Divinos. Nesse trabalho não trataremos especificamente do repertório cantado pelos monges nos mosteiros. Apenas faremos menção a estes como ilustração ao uso o do órgão de tubos, e das regras para o acompanhamento vocal do cantochão e do canto d'órgão.

Este trabalho pretende dar uma visão ampla da arte organística, durante os Períodos Colonial e Imperial, através do levantamento dos órgãos de tubos, que existiram e dos existentes, dos organistas que atuaram nas igrejas, e dos organeiros que construíram e fizeram manutenção. Por meio de um estudo de caso, serão abordadas técnicas de construção da organaria colonial brasileira, além de discorrer sobre o início da organaria brasileira. Sabemos que não é possível esgotar este assunto, pois e ainda há muito a ser levantado. Acreditamos, porém, poder considerar esta produção como um ponto de partida para novos empreendimentos, novas pesquisas, e consequentemente, novas descobertas sobre a arte organística brasileira e sua história, objetivando levar novas informações aos organistas, organeiros, acadêmicos, apreciadores da arte organística e aos prezados Abades e Monges beneditinos.

Convém destacar que este primeiro levantamento documental histórico sobre a arte organística nos Mosteiros Beneditinos Brasileiros foi executado por um organista e musicólogo filiado à Igreja Protestante Brasileira. Atualmente o autor é membro de uma Igreja Batista da Convenção Batista Brasileira, mas também tem raízes na Igreja Presbiteriana do Brasil.

1. CAPÍTULO 1: A ARTE ORGANÍSTICA: SUA HISTÓRIA, SEU USO LITÚRGICO E A ESCOLA DE ORGANARIA IBÉRICA PORTUGUESA

1.1. BREVE HISTÓRIA DOS ÓRGAOS DE TUBOS E SEU USO LITÚRGICO

O órgão de tubos não foi inventado na forma que conhecemos hoje, mas é resultado de um processo de desenvolvimento das técnicas de construção (organaria), e da ampliação dos recursos do instrumento. Seu início é marcado pelo momento em que ao conjunto de “flautas” (tubaria)[1] são adicionados: o teclado, o mecanismo para soar os tubos; o fole gerador de ar, hidráulico ou pneumático; e o someiro, o reservatório de ar. Em momentos posteriores, são acrescidas outras fileiras de tubos, os registros de vozes, outros manuais e a pedaleira.

O princípio fônico do órgão de tubos está na flauta, o mais primitivo dos instrumentos de sopro. Durante séculos, ou mesmo milênios, a parte fônica dos órgãos de tubos foi constituída somente pelos tubos flautados labiais. Somente mais tarde, entre o século XVII e século XVIII, foram introduzidos os tubos palheta, ou de lingueta. Até nossos dias, os tubos flautados são maioria, constituindo 80% do total da tubaria de um órgão de tubos. Como conhecido hoje, o órgão de tubos deriva-se de dois instrumentos antigos, a saber:

- **A flauta de pã** (Figura 1a) – o mesmo que *sýrinx* ou *syringa panos* (grego), *syringe* (latim) ou siringe (português), Consiste em um instrumento musical constituído por um conjunto de sete ou nove tubos fechados[2] numa extremidade e do qual se originaram os tubos flautados labiais;
- **O shêng** (Figura 1b) – o mesmo que órgão de boca, consiste em um instrumento musical chinês de palhetas livre que pode tocar várias notas ao mesmo tempo e do qual derivaram os tubos de palhetas (linguetas). Este veio a ser o precursor do órgão regal e do harmônio, o órgão de palhetas livres.

---

[1] O mesmo que tubagem, também chamado canaria. Constitui o conjunto de todos os tubos do órgão, compreendendo toda a parte fônica do instrumento.

[2] Os tubos não possuem bocal, são tapados (soam uma oitava abaixo dos tubos abertos), graduados em comprimento e ligados uns aos outros lado a lado. São soprados com os lábios tangenciando as extremidades superiores. Foram denominadas “pã” por associação ao deus homônimo da mitologia grega.

a) b)

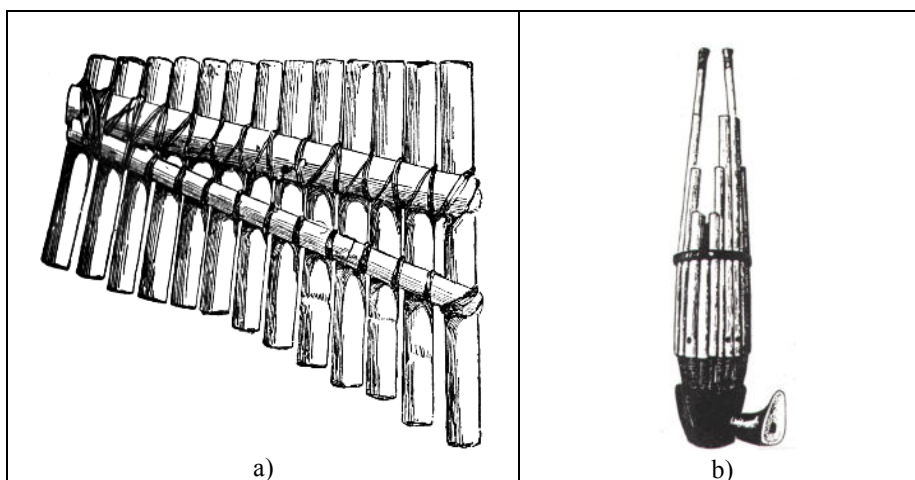



Figura 1: O princípio fônico do órgão de tubos

a) A flauta de pã

Fonte: www.etc.usf.edu/clipart/25400/25459/pan_pipes_25459.htm.

b) O shêng

Fonte: www.harmonicaspain.com/estudios/milton/2009/sheng.jpg.

O órgão de tubos, na tipologia como conhecemos hoje, foi resultado de um processo que pode ser dividido em três períodos[3]:

I. **Os órgãos de tubos portáteis (ca. 246 a.C. a ca. 1150):** compreende os órgãos desde sua invenção, assim como também os órgãos dos gregos e romanos, dos bizantinos, os portativos e positivos, e os primeiros órgãos portáteis de igreja, a partir de sua introdução na Igreja Cristã;

II. **Transição dos órgãos de tubos portáteis para os fixos (ca. 1150 a 1600):** os órgãos ocupam lugares próprios e fixos, assumem maior dimensão a partir da invenção das caixas, que têm as funções de proteger e de amplificar a sonoridade dos tubos. Corresponde aos órgãos construídos durante o Período Gótico e o Renascimento;

III. **Os grandes órgãos de tubos fixos de igreja (a partir do século XVII):** os órgãos adquirem grandes dimensões em número e variedade de registros de vozes, quantidade e extensão de teclados, e desenvolvimento de recursos técnicos de organaria. Abrange os órgãos construídos a partir do Barroco.

[3] As datas dos períodos são aproximadas e considera-se no corpo desse trabalho somente o recorte temporal correspondente até finais do século XIX, princípios do século XX.

Os primórdios do órgão de tubos, o mais antigo dos instrumentos de tecla, neste caso ainda alavancas e não cromático, e com a produção de ar própria encontra-se no *Hydraulos*[4] (*hydraule, hydraulis, hydraulo, hydraulus*). No livro *De Arquitetura*, Marcus Vitruvius Pollio[5], além de atribuir a invenção do *Hydraulos* ao engenheiro Ktesibios de Alexandria[6] no ano de 246 a.C., relata, no livro X, capítulo XII, sua observação sobre esse instrumento (Figura 2a). Heron de Alexandria (Hero de Alexandria), século I d.C., em sua obra *Pneumatica*, no capítulo 76, faz uma descrição precisa do órgão de tubos hidráulico (Figura 2b). Além desses autores, Philo de Byzantium, em *Pneumática*, faz referência a Ktesibios de Alexandria.

a) b)

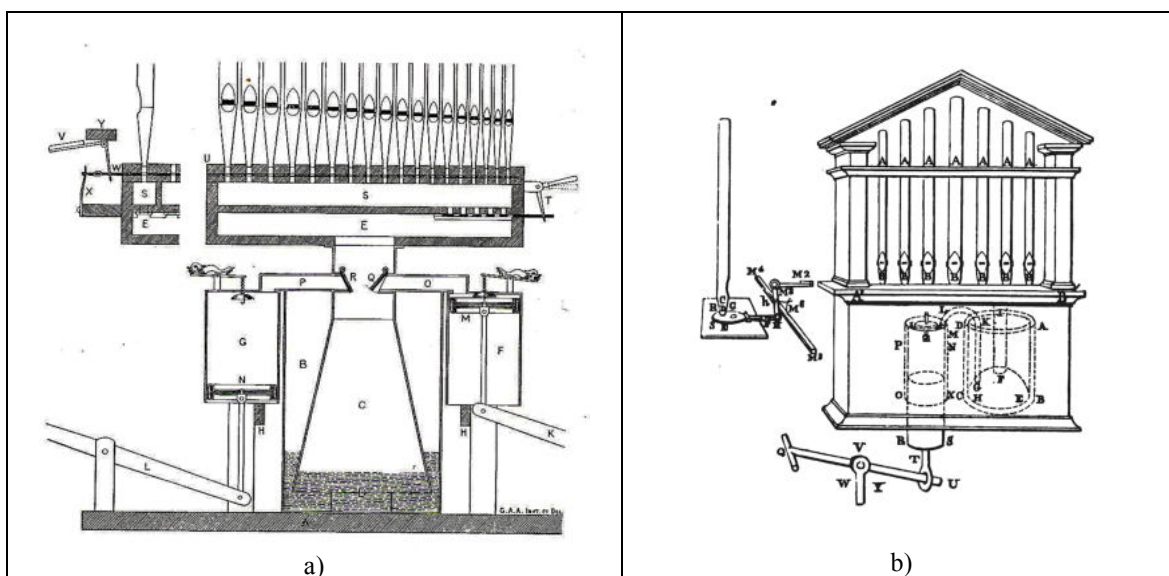



Figura 2: O órgão hidráulico, segundo gravuras de edições do século XIX
a) Segundo Vitruvius
Fonte: *The Art of Organ Building* – George Ashdown Audsley
b) Segundo Hero de Alexandria
Fonte: *The Pneumatics* – Hero de Alexandria.

Ao longo desse processo de desenvolvimento, os órgãos de tubos hidráulicos começaram a ser substituídos, a partir de 514 d.C., pelos órgãos de tubos pneumáticos

[4] O mesmo que órgão hidráulico. Seu princípio de funcionamento está na utilização da água para fornecer a pressão de ar necessária ao funcionamento dos tubos.
[5] Escritor romano, arquiteto e engenheiro do primeiro século antes de Cristo. Sua obra *De Arquitetura*, conhecida hoje como *Os Dez Livros da Arquitetura*, é um tratado escrito em latim e considerado o primeiro trabalho sobre arquitetura.
[6] Também grafado como Ctesibios de Alexandria.

(*organum pneumaticum*), que se tornaram de uso comum em seu tempo (HOLBROOK, 1834, p. 233). Diferencia-se o órgão hidráulico do órgão pneumático pela fonte produtora do ar, que faz soar os tubos: o órgão hidráulico utiliza a pressão da água como fonte geradora e mantenedora da pressão do ar nos tubos, ao passo que, no órgão pneumático, é a força da gravidade nos pesos dos foles que desempenha essa mesma função. Surge a figura do tocador de foles ou folista, que mais tarde, assim como o tangedor de órgãos, viria a ser um cargo nas igrejas. Destarte, o órgão de tubos é classificado como um aerofone de teclas

1.1.1. O ÓRGÃO DE TUBOS NA LITURGIA CRISTÃ

O princípio da liturgia[7] da igreja cristã primitiva está no partir do pão (a Eucaristia, a Ceia do Senhor) em conjunto com as práticas vindas da sinagoga: as orações, juntamente com leitura e estudo do *Livro Sagrado*. Durante o período dos mártires e das perseguições, não há registros da liturgia praticada. Provavelmente tratava-se de um ritual simples e desprovido de instrumentos musicais, pois as celebrações não eram públicas. No ano de 313 da era cristã, em Milão, o cristianismo é oficializado pelo edito do Imperador Constantino, o que deu abertura para a construção dos primeiros templos cristãos para as celebrações do culto. Foi estruturado o ano litúrgico em períodos e festas, sendo constituída uma liturgia mais rígida e o domingo é estabelecido como dia para a celebração.

No que diz respeito ao primeiro uso do órgão de tubos no culto cristão, não existem dados precisos sobre o local e a data. Sabe-se que, a princípio, havia reservas quanto ao uso desse instrumento na liturgia, em virtude de seu uso secular e por sua ligação com os ritos[8] pagãos, tais como: ligação com o culto ao deus Pã na mitologia grega; uso nas festividades cívicas e palacianas em Roma; utilização durante as lutas dos gladiadores nos espetáculos dos circos romanos; e empregado nas arenas, por sua sonoridade imponente, para encobrir os gritos dos cristãos quando jogados às feras. A título de exemplo, a Igreja

---

[7] A palavra "liturgia" tem origem no grego clássico, *leitourgía* (*leit*, povo; e *érgon*, obra) e significa serviço do povo. O termo refere-se à expressão comunitária pública dos fiéis através de ritos usados na Celebração da Missa e dos Ofícios Divinos e do Culto Protestante. Corresponde a formas por meio da quais se manifestam o conteúdo da fé de forma externa e visível. Em seu princípio, a liturgia não se limitava a dar normas, mas em justificar sua importância, significado e dignidade.

[8] Conjunto de fórmulas e cerimônias que formam um todo. São as regras e cerimônias que devem ser observadas na prática de uma religião.

Bizantina não permite a utilização do órgão de tubos em seus cultos divinos, por ele ter ligação com as manifestações pagãs ou seculares, sendo usado em cerimônias civis no Império Bizantino (SUMNER, 1958, p. 39).

A princípio, o órgão de tubos é inserido na igreja, mas sem um uso litúrgico estabelecido, de certo modo, anárquico. Em um segundo momento, em festas eclesiásticas e em poucos momentos da liturgia, geralmente alternando os cantos ou servindo como diapasão. Finalmente, é regulamentado acompanhando os cantos na liturgia e como solista.

De acordo com o cronista Bartolomeo Platina[9] (1421-1481), no livro *Vitae Pontificum* (Vidas dos Papas), o órgão de tubos é introduzido nos ritos da Igreja em um processo que se iniciou com o Papa Vitalianus I[10] (620?-672). Assim o autor narra: "Mas Vitalianus, sendo resolvido a fazer algo sobre coisas sacras, redigiu *Ecclesiastical Canons*[11] e regulamentou o canto na igreja, introduzindo órgãos de tubos para serem usados com a música vocal" (PLATINA, 19?? [1479], p. 158). Esse relato é confirmado pelo Cardinal Bellarmine[12] (1542-1621), segundo o qual o Papa Vitalianus I introduziu o órgão de tubos no serviço religioso em Roma no ano 660, o que implicou a procura e disseminação desse instrumento por toda a Europa. Na Igreja Cristã o órgão de tubos encontrou um ambiente propício a seu desenvolvimento.

Como era prática na Diplomacia dos Teclados[13], o imperador bizantino Constantinus Copronymus VI, aproximadamente no ano de 757 d.C., presenteia Pepino (O Breve), Rei da França, com um pequeno órgão (*organum*[14]), o primeiro de que se tem registro naquela região e que é, então, encaminhado para a Igreja de São Cornélio, em Compiègue. Segundo o Reverendo Joseph Bingham, em *The Antiquities of the Christian*

---

[9] Vitae *Pontificum*, do escritor italiano Platina, é considerado o primeiro livro a sistematizar a história dos papas da Igreja Católica. No final do ano de 1474, ou início de 1475, Platina ofertou o manuscrito dessa obra ao Papa Sisto IV.

[10] O Papa italiano Vitalianus I governou a Igreja no período de 657 a 672. Oficializou a celebração das Missas em Latim e restabeleceu a comunhão entre Roma e Constantinopla.

[11] Ecclesiastical *Canons* são regras determinadas ou prescritas pela igreja.

[12] Roberto Francesco Romolo Bellarmino, jesuíta italiano, foi arcebispo de Cápua, e defensor do uso do órgão na liturgia.

[13] A prática de presentear com órgãos, relógios musicais e outros automáticos como presentes diplomáticos, teve seu início no Império Bizantino no século VIII. Este costume pode ser confirmado através de diversas crônicas de época.

[14] Em diversas crônicas de época, esse órgão é citado como *Organum*.

Church, esse evento é confirmado pelos cronistas: Martin Polonus (século XIII), Marianus Scotus (século XI), Bartolomeo Platina (século XVI) e Johannes Aventinus (século XVI). Em *Annales Boiorum Libri Septem*, Aventinus assim descreve o referido órgão de tubos:

> *Constantinus ad Pipinum profiscici iubet legatos, quorum princeps Stephanus Episcopus Romanus. Ipsi maritimo in itinere, cum muneribus ad Pipinum devenere. Munera Imperatoris, quae a legatis deferebantur erant instrumentum musicae maximum, res adhuc Germanis & Gallis incógnita, Organon adpellant. Cicutis ex albo plumbo compactum est, simul & follibus inflatur, & manuum, pedumq digitis pulsatur.* (AVENTINUS, 155 4, p. 300).
>
> Constantino manda que legados, cujo chefe é o Bispo Romano Estevão, se dirijam a Pepino. Eles, utilizando-se do caminho marítimo, chegam a Pepino com presentes. Os presentes do imperador, levados pelos legados eram o instrumento máximo da música, chamado orgaõ, que era uma coisa ainda desconhecida dos germânicos e dos gauleses. Construído com tubos de chumbo branco que, ao mesmo tempo em que é inflado por foles, é tocado pelos dedos das mãos e pés. (AVENTINUS, 155 4, p. 300).

Em 873, o Papa João VIII (872-882) *envia a carta* ao *Bispo Anno de Freysing* (Baviera), pedindo-lhe, entre outras coisas, que lhe envie um órgão de tubos e um organista. Assim diz o texto:

> *Precamur autem ut optimum Organum cum artífice, qui hoc moderari, & facere ad omnem modulationis efficaciam possit ad instructionem musicæ disciplinæ nobis aut deferas, aut cum eisdem redditious mittas: quatinus dum vile metallum beato Petro conderre festinhas ab eo aure regni caelestis munera capesfas.* (Épist. Joan, Pap. VIII).
>
> Pedimos, ainda, que nos dês, ou que nos envies, com as referidas receitas, o excelente órgão juntamente com o artífice[15] que o possa regular e torná-lo apto para todas as modulações para que nos ensine as disciplinas musicais, de forma tal que, enquanto te apressas a entregar a São Pedro o vil metal, dele obtenhas as áureas recompensas do reino do céu. *(MANSI, 1960 [1759], vol. 17 A, p. 246)*

Algumas vezes é difícil estabelecer a linha divisória entre os órgãos portativos e os positivos em determinados aspectos. Os órgãos portáteis tinham uso nas igrejas e nas casas, são classificados em dois tipos:

1. **Os órgãos de tubos portativos (*organum portabilis*):** também conhecidos como *organetto ou organino*. O termo "Portativo" deriva do termo latino

[15] O "artífice" aqui mencionado é o organista. Nesta época os organistas tinham práticas não somente na execução do instrumento e no ensino da música, mas também na organaria (consertos e ajustes).

portare, que significa portar ou carregar. Possuíam teclado, que nos primitivos eram botões, com uma extensão que variava de nove a doze teclas tocadas com os dedos dois e três de uma das mãos[16] do organista. Possuíam apenas um registro, além de um pequeno fole que era tocado pela outra mão do próprio organista. Esse instrumento, usado em procissões dentro e fora das igrejas, era sustentado no pescoço ou nos ombros por uma tira (tipoia) ou por um cinturão (Figura 3a), podendo ser tocado enquanto era carregado. Nos coros, era usado para dar a nota para a *schola cantorum*, e sustentar o cantochão;

2. **Os órgãos de tubos positivos (*organum positivum*):** existiam dois tipos de órgãos positivos, ambos dotados de tubos (abertos e fechados) de metal e de madeira, teclado (cromático) com extensão de mais de duas oitavas e tocado por ambas as mãos do organista, um par de largos foles[17] tocados por *calcantores ou calcants* (foleiros) e possuíam dois ou três registros. Enquanto o órgão positivo de mesa (Figura 3b) era posicionado sobre uma mesa, o órgão positivo de pé (positivo de chão) (Figura 3c), geralmente de maior porte, se apoiava sobre o piso. Para ambos os tipos, a extensão do teclado variou de 12 teclas, nos séculos X e XI, a 40 teclas, no século XVI. Além disso, podem ser transportados em pequenas distâncias, sendo necessárias, no mínimo, quatro pessoas. O órgão regal, popular entre 1450 e 1750, consistia em um órgão positivo cuja parte fônica era composta de palhetas, sendo considerado o precursor do harmônio.

Os órgãos portativos desapareceram no século XVII, mas os órgãos positivos continuaram a existir, sendo posteriormente incorporado ao grande órgão de igreja. A seguir, três tipos de órgãos de tubos portáteis.

---

[16] As imagens iconográficas geralmente retratam organista tocando o teclado com a mão direita, por conotações religiosas e sociais que as mãos assumiam nesta época. Religiosamente a direita era o lado que significava o correto, a mão esquerda, era a mão da higiene pessoal.

[17] Segundo William Sumner, algumas vezes os foles eram em número de três.

a)

b)

c)

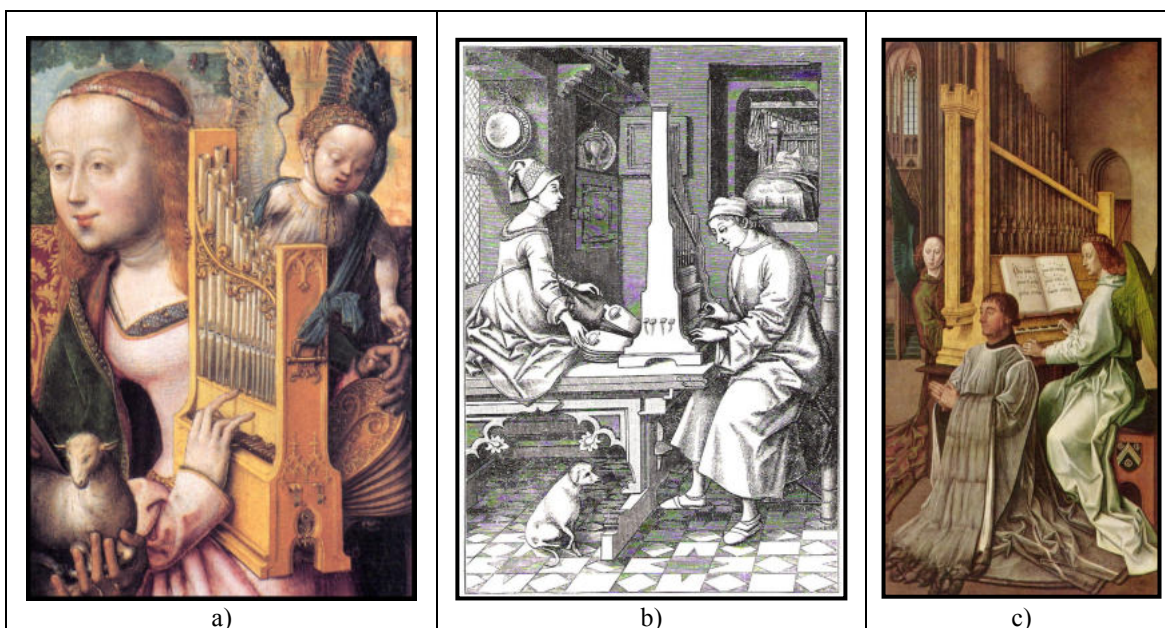



Figura 3: Três tipos de órgãos de tubos portáteis[18]

a) O órgão portativo – Pintura de Jan van Eyck
b) O órgão positivo de mesa – Gravura de Israel Van Mecken
c) O órgão positivo de chão – Pintura de Hugo Van der Goes

Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Os órgãos de tubos positivos[19] eram tocados pelo organista com as duas mãos em um manual que possuía mais de uma oitava, enquanto a outra pessoa tocava os foles. Surge a figura do folista, que muitas vezes era um cargo pago pela igreja, ou o organista mantinha seu próprio folista. Para serem tocados, os órgãos de tubos ficavam apoiados sobre uma mesa ou no piso, e eram transportados em um carro nas procissões. Michael Praetorius[20] (1571-1621) usava o termo "positivo" para designar os órgãos de mesa com dois foles. A imagem iconográfica[21] a seguir, da obra *Margarita Philosophica Nova*[22] (1508), retrata um grupo musical no qual está incluído um órgão de tubos positivo de mesa.

[18] As imagens iconográfica usadas ao longo do texto servem para ilustra os tipos de órgão e não detalhes técnicos do instrumentos, considerando que essas pinturas não tinha o foco técnico de organaria.

[19] O termo "positivo", do latim, *ponere*, que se traduz por pousar.

[20] Michael Praetorius - compositor alemão, virtuoso organista, mestre de coro, construtor de órgãos e tratadista. Em seu tratado, *Syntagma Musicum*, publicado entre 1614 e 1620, o autor detalha os instrumentos musicais e as práticas musicais de sua época. No segundo volume desta obra, Praetorius dedica uma larga seção ao órgão de tubos.

[21] É o conhecimento e descrição de imagens, estátuas e monumentos antigos; ciência das imagens produzidas pela pintura, escultura e pelas outras artes plásticas.

[22] M*argarita Philosophica Nova* (A Nova Pérola da Filosofia) é uma obra de Gregorius Reisch (1467?–1525), confessor do Imperador Maximiliano I, que trata do conhecimento humano no século VI.

Figura 4: Órgão positivo de mesa
Fonte: Acervo de figuras do autor – *Margarita Philosophica Nova*, 1508, p. 202.

A seguir, a imagem iconográfica, uma iluminura, do *Livro de Orações do Rei Alfonso V de Aragão*, O Magnânimo" (1396-1458), exemplifica um órgão órgão positivo de chão, também conhecido como órgão positivo de pé. Na ilustração encontam-se atuando o Tangedor de Órgãos e o folista.

Figura 5: Órgão positivo de chão ou órgão positivo de pé.
Fonte: Acervo de figuras do autor – *Keyboard music from the middle ages*.

Haviam diferenças de dimensão entre o órgão portativo de mesa e o órgão positivo de chão, a principal residia na extensão dos teclados, e consequentemente no comprimento dos tubos. Os órgãos positivos de pé eram de maior porte que os órgãos positivos de mesa. Portanto, pode-se entender que nas expedições portuguesas foram usados estas tipologias de órgãos portáteis. Ambos os tipos de órgãos possuíam, inicialmente, teclados com escalas diatônicas, as quais passaram a ser cromáticas a partir do século XV. Os tubos eram feitos de estanho puro, de um liga de estanho e chumbo, ou de madeira. Enquanto os tubos de metal tinham forma cilíndrica ou cônica, os de madeira eram de forma quadrada, podendo ser abertos ou fechados. Um tubo fechado possui metade da altura de um tubo aberto e soa uma oitava abaixo de um tubo aberto. Assim, é possível obter uma redução nas dimensões, diminuindo a altura do órgão. Quanto aos foles, podiam ter formato triangular, semicircular, retangular ou em forma de pera.

Por volta do século XVI surgiram os "órgãos realejos" (*organum manuale parvum*), eram instrumentos com mais de um registro e uma mesma corredeira de registro serve para abrir ou fechar os registros. Este tipo de órgão possui apenas um manual de aproximadamente 42 a 47 teclas, com cerca de 6 a 8 registros de vozes, e um par de foles (Figura 7). Sua principal característica era ser portátil, e assim, poder ser transportado pelas capelas das igrejas. Diferencia-se dos órgãos positivos por possuir uma caixa, que o protege e amplifica sua sonoridade, além da função estética. Esta tipologia de órgão seguiu seu desenvolvimento paralelamente ao grande órgão de tubos de igreja, pois assumiu as funções litúrgicas que necessitavam de um instrumento portátil, sendo principalmente usado nas procissões.

No Brasil Colonial, o nome órgão realejo foi utilizado para os órgãos positivos, instrumento que possuíam poucos registros, e usado para acompanhamento do cantochão e do canto d'órgão nos Ofícios Divinos, fato que justifica a pequena extensão do teclado. Foi muito usado em igrejas que não possuíam recursos para adquirir um grande órgão de igreja. O órgão realejo da Catedral Velha de Salamanca na Espanha (Figura 6a), instrumento construído no século XVI (ca. 1530), possui quatro oitavas (Figura 6b), sendo a primeira uma oitava curta esquerda, e a última, uma oitava curta direita. Esta outra forma de órgão realejo possuíam duas partes distintas: a parte fônica (dos tubos) e a parte dos foles. Na

Figura 6c, um órgão realejo muito usado no Brasil durante os séculos XVIII e XIX.

Figura 6: Órgãos realejos: Catedral Velha de Salamanca e do Mosteiro de São Bento de Salvador

a) O órgão realejo da Catedral Velha de Salamanca

b) O órgão realejo da Mosteiro de São Bento de Salvador

Fonte: a) e b) Acervo fotográfico do autor. c) SANTOS, 1942, p. 115.

A título de ilustração de uma missa celebrada com coro e um órgão realejo processional, na obra do pintor Claudio Coello (1642-1693), *La adoración de la Sagrada Forma* (Monastério de El Escorial, 1690), o artista retrata a cerimônia de translado do Relicário com La Sagrada Forma de Gorkum, ao altar da sacristia, em 1685, na Corte do Rei Carlos II. Centralizados na pintura encontram-se os elementos: um órgão realejo processional, semelhante a um órgão positivo de mesa; o organista; o folista e o coro. Este instrumento foi concebido para ser levado em procissões, especialmente em *Corpus Christi*,

ou para as capelas palacianas, sendo transportado da mesma forma que os andores das procissões. Algumas vezes os órgãos realejos eram transportados em cima de um carro.

Figura 7: ***La adoración de la Sagrada Forma*** **– Pintura de Claudio Coello**
Fonte: www.wikimedia.org.

1.1.2. A TRANSIÇÃO DOS ÓRGÃOS DE TUBOS PORTÁTEIS PARA ÓRGÃOS DE TUBOS FIXOS

Primeiramente, o órgão de tubos foi usado como diapasão no cantochão. A seguir, assume sua posição como instrumento acompanhador do canto litúrgico, na sequência, improvisando alternadamente entre os versos dos cantos. E finalmente, no século XVI, o órgão de tubos obtém sua própria personalidade, adquirindo o *status* de instrumento solista, primeiramente dentro das partes da liturgia, posteriormente, como instrumento de concerto.

Em consonância com diversos historiadores, o órgão de tubos começa a ser usado efetivamente nas igrejas e conventos, e adquirir sua importância no culto cristão, por volta do século X, contudo, não pode-se precisar o ano. No século X, os órgãos de tubos se tornaram comuns na Inglaterra, na Itália e na Alemanha, sendo recebidos nas igrejas e nos

conventos (HOLBROOK, 1834, p. 233). São Dunstan[23] (909-988), de acordo com William Malmsbury, oferta um órgão para a abadia de Abingdon, no reinado de Edgar. Allatson Burgh, no livro *Anecdotes of Music*, afirma que muitas igrejas e conventos da Inglaterra foram equipados com órgãos, o que possibilita situar historicamente a introdução dos órgãos na liturgia (BURGH, 1814, p. 158).

Segundo Katharine Le Mée, em *The Benedictine Gift to Music*, os órgãos de tubos começaram a ser usados nas liturgias beneditinas a partir do século X, sendo esta ordem a responsável pela introdução do órgão de tubos nas igrejas cristãs. Anteriormente, no século VIII, pequenos órgãos de uma oitava eram usados para o ensino do canto e para ilustrar as leis matemáticas das relações de afinação (LE MÉE, 2003, p. 16; p. 18; p. 191).

São Tomás de Aquino OP[24] (1225-1274), na obra *Summa Theologica*: *Secunda Secundae*, na questão 91, artigo 2, argumento 4, intitulado "*Utrum in Divinis Laubidus Sint Cantus Assumendi"*[25], faz restrições ao uso da harpa e do saltério, vinculados ao Judaísmo. Nesse texto, como transcrito a seguir, São Tomás de Aquino, embora não faça menção ao uso do órgão de tubos, tampouco estabelece restrições ao uso desse instrumento.

> *Praeterea, in veteri lege laudabatur Deus in musicis instrumentis et humanis cantibus, secundum illud (Psal. XXXIII, 2): confitemini domino in cithara, in Psalterio decem chordarum psallite illi; cantate ei canticum novum. Sed instrumenta musica, sicut citharas et Psalteria, non assumit Ecclesia in divinas laudes, ne videatur iudaizare. Ergo, pari ratione, nec cantus in divinas laudes sunt assumendi* (AQUINAS, 1880 [1265–1274], p. 647).
>
> Além disto, na Lei Antiga Deus era louvado mediante instrumentos musicais e cânticos humanos, conforme o que consta no Salmo XXXIII: 2[26]: "Louvai o Senhor com a cítara, com a harpa de dez cordas cantai-lhe. Cantai-lhe um cântico novo.". Mas a Igreja não adota instrumentos musicais tais como a cítara e a harpa nos louvores divinos para que não pareça judaizante. Portanto, pela mesma razão, também não devem ser neles adotados cantos (AQUINAS, 1880 [1265–1274], p. 647).

As transformações pelas quais o órgão de tubos passou, de portátil a um instrumento fixo, advêm de fatores relacionados diretamente com o seu uso nas práticas

---

[23] Segundo Allatson Burgh, São Dunstan foi um excelente músico.
[24] Padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica. Chamado o mais sábio dos santos e o mais santo dos sábios, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época.
[25] Do latim: "Deveriam os cânticos ser adotados nas Laudes Sagradas".
[26] O Salmo 32 na Bíblia Católica e corresponde ao Salmo 33 na Bíblia Protestante.

litúrgicas e o ambiente físico no qual estava inserido, os templos cristãos. Este processo foi diferente nas diversas partes da Europa, tanto em época, em características técnicas de construção, morfológicas, estéticas e timbrística. Assim, surgiram as diferentes escolas de organaria europeias.

As mudanças no repertório litúrgico ao longo dos séculos, os estilos musicais de época, e o aumento das dimensões internas dos templos da Igreja Cristã na segunda fase da Idade Média[27], o Período Gótico (ca. 1150 – ca. 1450), foram os fatores primordiais que levaram ao desenvolvimento técnico de construção dos órgão de tubos, assim como também de seu porte e dimensão, neste momento de transição.

O processo histórico de ampliação do órgão de tubos, de órgãos portáteis até se converter na tipologia dos grandes órgãos como conhecemos atualmente, é relativamente recente, levando-se em conta seu surgimento, no ano de 246 a.C. O desenvolvimento do órgão de tubos e sua inserção eclesiástica aconteceram dentro de um contexto litúrgico e de forma paralela ao surgimento e ao desenvolvimento da polifonia. Em sua primeira aplicação na liturgia, o órgão portativo[28], era utilizado para dar a afinação à *schola*[29] e sustentar o canto gregoriano. No século XIV e início do século XV, o órgão era usado alternadamente entre os cantos em uma forma litúrgica conhecida como *alternatim*[30], na qual era usada a forma musical conhecida como *verset*[31]. Mais tarde, o órgão tem sua "independência litúrgica", sendo usado nos ritos em peças instrumentais próprias tais como prelúdios, interlúdios e poslúdios e, posteriormente, em peças como ofertório e comunhão.

O repertório sacro foi sistematizado no final do século VI, pelo Papa Gregório I (590-604), o que ficou conhecido por canto gregoriano ou cantochão. A princípio sem acompanhamento instrumental, mas com a inserção dos primeiros órgãos de tubos, foi usado, a princípio, como um diapasão para dar a altura e sustentar a afinação. Para tal

---

[27] O Período Medieval é dividido em duas fases: Românico, ca. 800 a 1150; e Gótico, ca. 1150 a 1450.

[28] Considerando-se a estrutura construtiva e a maneira que organista tocava o instrumento, o órgão portativo não possibilitava uma execução polifônica, mas apenas o acionamento de uma ou duas teclas.

[29] O mesmo que *Cathedral schola*, era um pequeno e seleto coro constituído por eclesiásticos, que cantavam nas igrejas no Período Medieval.

[30] *Alternatim* é a prática de alternância estrófica entre a congregação e o órgão.

[31] Peça composta ou improvisada em quantidade proporcional aos versos cantados pelo coro na missa. O órgão toca os versos ímpares; e o coro, os pares.

função, não era necessário um instrumento com grande extensão de teclado ou mesmo uma diversidade de registros de vozes. Neste momento eram usados os órgãos portativos, cuja extensão do teclado era suficiente à estreita extensão vocal do cantochão.

Com o surgimento da polifonia, havia necessidade de uma extensão maior do teclado, correspondendo à extensão vocal desde o baixo ao soprano. Assim, foi necessário acrescentar mais tubos graves ao órgão, não comportando essa quantidade e comprimento dos tubos nos pequenos órgãos portativos. Ademais, era necessário o uso de ambas as mãos para organista dobrar as partes da polifonia vocal (*colla parte*). Para tal, a dimensão das teclas, anteriormente tocadas com as mãos ou mesmos com os punhos, foram diminuídas para serem tocadas com os dedos, e assim, se possível executar todas as vozes[32]. Quanto aos registros de vozes, são acrescentados ao órgão os registros de oitavas e de quintas, similar a prática vocal conhecida por *organum*, na qual as vozes seguem em intervalos de oitavas, quartas (quinta invertida) e quintas; legitimando a intima relação entre o órgão de tubos e o canto litúrgico. O órgão de tubos, agora com mais variedade de altura dos registros de vozes e independência de registros de vozes, possui mais recursos para a execução de solos instrumentais.

Assim como o órgão de tubos teve na igreja cristã o ambiente adequado a seu desenvolvimento, foi no repertório litúrgico vocal a concepção das primeiras obras organísticas solistas. Dos primórdios de sua atuação como solista, no *Alternatim*, passando pelas improvisações ornamentadas[33] sobre as quatro vozes da polifonia vocal sacra, surgindo as primeiras peças instrumentais solistas. Os primeiros compositores organistas improvisavam ornamentando as partes vocais destas peças vocais. Destacam-se como os

---

[32] O teclado dos primeiros grandes órgãos europeus construídos entre os séculos X e XIII eram diatônicos, exceto pela nota Si bemol, e cada tecla tinham de 8 a 10 centímetros de largura, coincidindo com a distância entre os tubos no someiro; o que permitia a execução de apenas duas vozes. A partir do século XIV, e com invenção da tábua de redução, foi possível a redução da largura das teclas para as dimensões atuais (LAMA, 1995, vol. I, p. 143).

[33] Na Espanha eram chamados *glosa*, sinônimo de *diferencias, disminución, variación, ornamentación e floreos.* Na época de Antonio y de Hernando de Cabezón eram praticados três formas diferentes: a) Glosa "*integrada*" na polifonia - a glosa dos vihuelistas e dos organistas, de Antonio de Cabezón; b) Glosa "*solista instrumental*" o "*en discanto*" - a glosa de Diego Ortiz, com dos instrumentos e dos timbres; e c) Glosa "*solista orgánica*" - a glosa de Francisco de Peraza e de Sebastián Aguilera de Heredia, composta sobre os órgãos partidos.

primeiros representantes deste período os seguinte compositores: Arnolt Schlick (Alemanha, 1560?-1521); Antonio de Cabezón (Espanha, 1510-1566); Claudio Merulo (Itália, 1533-1604), Andrea Gabrieli (Itália, ca.1533-1585), Jan Pieterszoon Sweelinck (Holanda, 1562-1621), Jean Titelouze (França, ca. 1562-1633), Michael Praetorius (Alemanha, ca. 1571-1621), Girolamo Frecobaldi (Itália, 1583-1643), e Samuel Scheidt (Alemanha, 1587-1654). Além da origem eclesiástica, o repertório organístico teve influência das danças seculares, sobre temas sacros conhecidos, sobre baixos *ostinattos* (a *folia,* a *romanesca ou* o *passamezzo*) e em pesquisas instrumentais (peças livres tais como o prelúdio, o *ricercar* e a fantasia).

Quanto a influência do espaço físico litúrgico no desenvolvimento do órgão de tubos, a arquitetura eclesiástica começa a passar por remodelações estruturais e estéticas aproximadamente a partir do século XII. Os templos são remodelados e construídos visando as grandes dimensões, de acordo com a nova estética do período conhecido como o Gótico. O espaço interno das igrejas e catedrais góticas se tornam muito amplos em altura e largura. Seu objetivo era, através da altura das igrejas, tocar a face de Deus com suas altas torres, abóbodas e agulhas.

Durante o Período Gótico, os órgãos de tubos adquirem seu posicionamento fixo dentro dos templos das igrejas e geralmente passam a ocupar lugares elevados como os coros altos[34]. Em alguns templos são construídas tribunas exclusivas para a instalação do órgãos e tubos (Figura 8a). Neste momento, o órgão passa a ser um instrumento de destaque, e assumem sua personalidade através de suas caixas e dos tubos de fachadas, que se tornam elementos decorativos no corpo da igreja[35].

Em consequência do grande espaço interno que os templos adquirem, o órgão de tubos necessita corresponder em sonoridade a essas novas dimensões. Como recurso técnico de construção, é inventada a caixa do órgão[36], que além de proteger os tubos e

---

[34] Poucos órgãos de tubos do Período Gótico sobreviveram. Portanto, não é possível se obter maiores informações técnicas sobre os mesmos.

[35] Ao longo da história do órgão de tubos, as caixas acompanham a estética dos estilos de época.

[36] As caixas destes primeiros órgãos possuíam portas (postigos) frontais que protegiam os tubos de fachada. Em sua função de proteger o instrumento, a caixa cria um microclima, resguardando das mudanças climáticas, do vento, poeira e sol direto.

mecanismos, tem a função acústica de amplificar a sonoridade dos tubos e projetar para a nave[37] da igreja. Neste momento, o órgão de tubos ainda não possui uma grande quantidade de registros de vozes. Somente no Período Barroco os órgãos atinge um grande porte em quantidade de registros, em extensão, e também em quantidade de manuais. Grosso modo, pode-se afirmar que o órgão de tubos nos Períodos Gótico e Renascentista era um órgão positivo em uma caixa maior. Primeiramente sua base passa a ser 8' (oito pés), em tubo aberto, e posteriormente, 16' (dezesseis pés). Nos órgãos de tubos portáteis eram usados tubos tapados[38], em razão das dimensões do instrumento portátil. O registro chamado Principal passa a compor as fachadas dos órgãos, exprimindo assim a maior dimensão assumem os órgãos de tubos. No Período Renascentista, o órgão de tubos se expande em quantidade de teclados, surgindo a pedaleira.

É o início da "maturidade" do órgão de tubos, quando o instrumento assume um porte maior e um posicionamento fixo. Pode-se considerar como um estágio intermediário entre os órgãos portáteis e os grandes órgãos de igreja. Alguns órgãos de tubos do século XII foram destruídos por incêndios que assolaram algumas catedrais medievais. Deste período citam-se os órgãos das seguintes catedrais: Canterbury, England – 1114; Freising, Alemanha – 1158; Merseburg, Alemanha – 1199. Fazem parte do conjunto de órgãos de tubos construídos neste período de transição os seguinte instrumentos: ca. 1380 – Capela de San Bertolomé no claustro da Catedral de Salamanca; ca. 1435 – Catedral de Notre Dame de Valère, Sion – Suíça; 1443 – Catedral de Zaragoza, Espanha; 1475 – Igreja de Barenfooted Friars, Nürnberg, Alemanha; 1479 – Igreja de St. Nicolaas, Utrecht, Holanda; 1504 – Jakobikirche, Lubeck Alemanha; 1515 – Igreja de Santa Maria della Scala, Siena, Itália; ca. 1562 – Catedral de Évora, Portugal; 1563 – Catedral de Tarragona, Espanha; cerca de 1580 – El Escorial, Espanha; 1599 – Basílica de São João Latrão, Roma, Itália. Pleiteia a posição de órgão mais antigo, na tipologia de órgão fixo, o instrumento da Catedral de Notre Dame de Valère, Sion – Suíça, construído em ca. 1380. Contudo, segundo estudos recentes, sua construção remete ao século XV, sendo datada sua

[37] A nave é a parte central da igreja onde ficam os fieis.

[38] Os tubos tapados têm metade do tamanho e soam um oitava abaixo de sua altura. Assim, um tubo de 4' (quatro pés) tapado soa como um 8' (oito pés) aberto.

construção aproximadamente no ano de 1435.

Na Catedral de Salamanca[39] (Espanha) encontra-se um dos exemplares dos órgãos de tubos desse período de transição dos portáteis para os fixos. Considerado o mais antigo da Europa, datado de ano de ca. 1380, o órgão encontra-se no claustro da Catedral de Salamanca, em uma tribuna na Capela de San Bertolomé. São poucas as informações técnicas sobre este instrumento. Seu teclado possui apenas três oitavas de extensão. A caixa do órgão tem forma de castelo ou fortaleza, muito comum nesta época, e duas portas compõem a fachada, sendo estas toda decorada com motivos sacros e brasões de armas. Como pode ser constatado na Figura 8a, este órgão possui somente dois foles manuais, e sua caixa não possui grande profundidade. Portando, possui poucos tubos e registros.

a)	b)

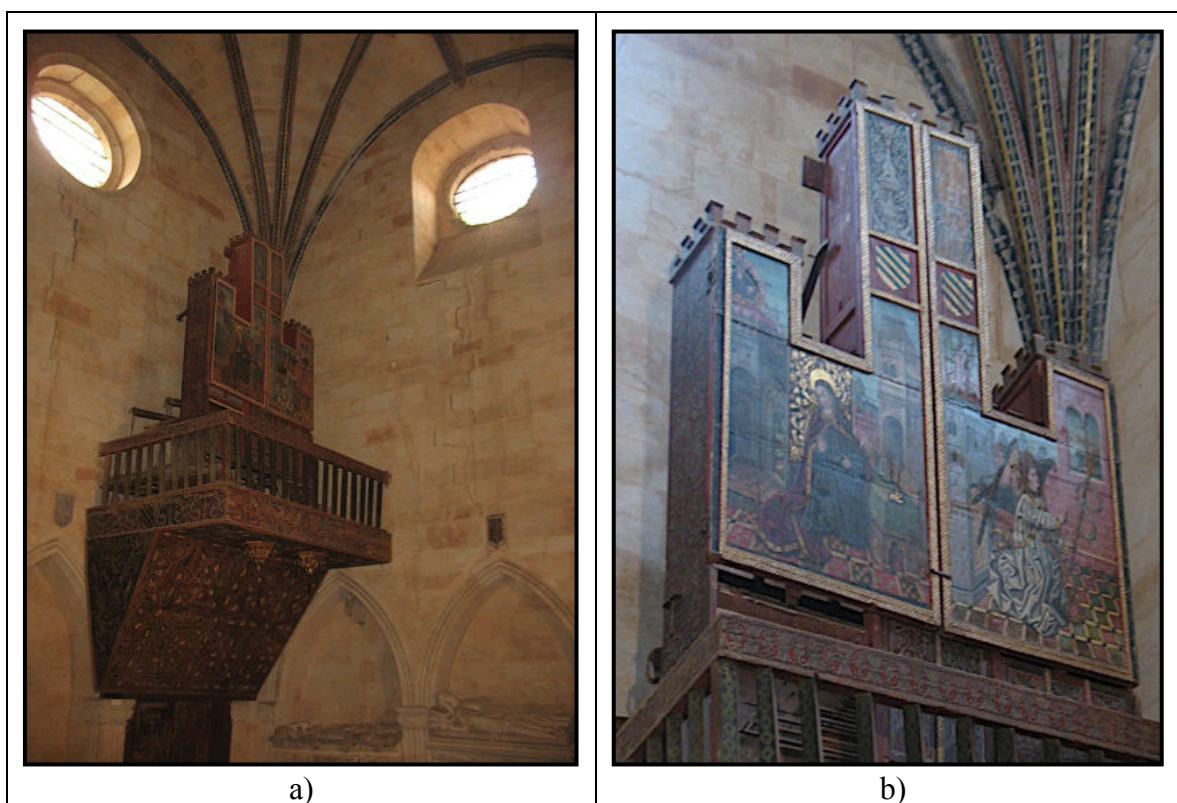



Figura 8: Órgão de tubos da Catedral de Salamanca
a) Tribuna e órgão
b) Janelas da fachada do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

[39] Fundada pelo bispo Jerónimo de Perigord, sua construção teve início no primeiro terço do século XII, e prosseguindo até o século XIV.

A partir de 1450 começa a haver a separação dos registros de vozes, consequência da invenção da régua de registros individual. Anteriormente as réguas corriam no sentido latitudinal em relação ao teclado, ligado diretamente ao mecanismo do teclado, abriam todos tubos da mesma nota, em todas as fileiras. A régua correndo longitudinalmente, abria cada fileira de registro separadamente. Nesta mesma época, ca. De 1450, surgiu o registro de palheta. Surgem as escolas europeias de organaria: escola alemã; escola dos países baixos, Holanda, Bélgica e Luxemburgo; escola do norte e leste europeu, Dinamarca, Polônia, Áustria, Suíça; escola britânica; escola ibérica, Portugal e Espanha; escola francesa; e escola italiana.

Na primeira metade do século XVI ocorrem os movimentos de reforma separatista da Igreja Católica Romana[40], sendo primeiro destes a Reforma Protestante Luterana, em 1517. O foco principal deste movimento de reforma eclesiástica está em se opor às práticas, doutrinas e questões teológicas. Na liturgia, os movimentos reformistas protestantes investem no canto congregacional na língua vernácula, mas a princípio, sem o uso do órgão de tubos, instrumento usado na liturgia da Igreja Católica Romana.

As ideologias dos diversos reformadores protestantes foram diferentes[41]. Em sua maioria, somente no século XVII as igrejas reformadas adotaram o órgão de tubos, algumas delas, somente a partir do século XIX. Martinho Lutero criticava o uso e a construção de órgãos de tubos, alegando ser uma forma inapropriada de adoração e um desperdício de dinheiro. Contudo, posteriormente os luteranos, cujos corais e congregação cantavam à capela, passaram a ser acompanhados ao órgão de tubos. Por outro lado, os calvinistas cantavam os Salmos e textos bíblicos, sem acompanhamento instrumental. O reformador João Calvino[42], baniu o cântico de hinos e não permitia coros; aceitava somente o canto de textos bíblicos e dos Salmos, em uma silábica homofonia. O reformador suíço Ulrico Zuínglio, aboliu os corais e baniram completamente os órgãos de tubos da liturgia,

---

[40] Outros movimentos de reforma antecederam a estes, contudo, foram estes os primeiros a se consolidarem.

[41] As reformas protestantes ocorreram nas seguintes datas: os Luteranos, em 1517; os Calvinistas, em 1537?; Ulrico Zuínglio, em 1524-1525; Anglicanos, em 1534; os Presbiterianos, em 1560; os Batistas, em 1612, e os Metodistas em 1817.

[42] Os Calvinistas receberam nomes diferentes nos demais países: na França, os Huguenotes; na Inglaterra, os Puritanos; na Escócia, os Presbiterianos; na Holanda, a Igreja Reformada.

justificando-se pelo fato de não ser um instrumento mencionado na Bíblia. Os Anabatistas, fundado em 1525 por dois seguidores de Ulrico Zuínglio, em seu radicalismo, destroem órgãos de tubos de suas igrejas em 1535. Na reforma da Igreja Anglicana muitos órgãos foram fechados por sua identidade com o Catolicismo Romano. Os Puritanistas, no século XVI, destruíram órgãos durante o Reinado de Elizabeth. Nesta época da reforma, os órgãos ingleses possuíam mais de um manual e meia dúzia de registros de vozes. Com a Restauração da Monarquia em 1660, os órgãos foram restaurados e usados na liturgia anglicana (SUMNER, 1958, p. 97). A reforma holandesa adotou a teologia calvinista.

O Reformado Martinho Lutero aceitava a prática do *Alternatim* nos corais luteranos. Assim, neste ambiente litúrgico, o órgão de tubos encontra as condições de posteriormente assumir seu *status* como solista, através de prelúdios, interlúdios e alternando as estrofes dos hinos congregacionais[43]. Surge na Igreja Luterana a forma instrumental do Prelúdio Coral, peça organística que tem a função de introduzir o canto congregacional de um coral, ou servir com interlúdio no serviço religioso[44]. Nas igrejas protestantes é priorizada a participação efetiva dos leigos nos cultos, através do canto congregacional e do canto coral na língua vernacular. O uso do órgão de tubos no acompanhamento congregacional e dos grupos corais nas Igrejas Protestantes tem início em ainda nos seiscentos, passando a ser amplamente usado em todas as épocas do Calendário Litúrgico. Na liturgia protestante o organista assume uma postura de “regente congregacional”, pois o órgão não é um mero acompanhador dos cantos, mas conduz os fiéis nos cânticos congregacional. O organista é o responsável pelas introduções dos hinos, quando é determinado o andamento, a tonalidade e o caráter do hino, Nas estrofes dos hinos, o organista indica a respiração entre as frases e, através das diversas registrações, conduz a dinâmica das estrofes de acordo com o texto poético.

Nesse novo ambiente litúrgico dos países protestantes do centro-norte europeu, a organaria tem um amplo impulso. São construídos grandes órgãos de tubos com mais de dois manuais e pedaleira. Ampliou-se a extensão dos manuais dos órgãos de tubos e são

---

[43] O mesmo que forma coral, que pode ser definido como o canto religioso protestante.

[44] Destacaram-se como compositores de Prelúdios Corais: Dietrich Buxtehude (1637-1707); Johann Sebastian Bach (1685-1750) e Johannes Brahms (1833-1897).

enriquecidos na quantidade e variedade de registros, sendo provido de uma variedade de timbres e de harmônicos. Enquanto isso, nessa época, no sul da França, Itália e Península Ibérica os órgãos de tubos possuíam somente um manual dividido, raramente dois manuais. Na Península Ibérica, essa realidade permaneceu até finais do século XIX.

A Igreja Católica Romana, no Concílio de Trento (1545-1563), conhecido como a Contrarreforma[45], permite a atuação dos fiéis em determinadas partes da missa, contudo, a maior participação ainda continuou reservada aos celebrantes. O Concílio de Trento regulamenta e controla a prática musical e a simplicidade e o cantochão são incentivados. Somente em 1600 é publicado o *Caeremoniale Episcoporum* (*Cerimonial dos Bispos*), que regulamenta o uso do órgão na liturgia católica. Em oposição à prática protestante, ampla no uso litúrgico do órgão de tubos, o *Caeremoniale Episcoporum* restringe os momentos de atuação do órgão, assim como também dias próprios de uso. O repertório usado na liturgia católica, oficialmente continua o cantochão como forma principal de canto litúrgico, sendo então permitido o canto de órgão (*Cantus organalis*).

Durante a Idade Média, não existia unidade nos ritos da Igreja Católica e cada região tinha manual de liturgia próprio. Somente a partir do Concílio de Trento (1545 a 1563) há a unificação litúrgica da Igreja Católica Romana. É também nesse Concílio – mais especificamente no dia 17 de setembro de 1562 – que é oficializado o uso do órgão de tubos na liturgia da Igreja Católica Romana. Na sessão XXII, sexta em tempo de Pio IV, no *Decretum de observandis et evitandis in celebratione Missae* (*i.e.*, *Decreto do que se deve observar e evitar na celebração da Missa*), assim se faz referência ao órgão de tubos:

> *Ab ecclesiis vero musicas eas, ubi sive organo sive cantu lascivum aut impurum aliquid miscetur, item saeculares omnes actiones, vana atque adeo profana colloquia, deambulationes, strepitus, clamores arceant, ut Domus Dei vere domus orationis esse videatur, ac dici possit.* (REYCEND, 1781, Tomo II, p. 112).
>
> Apartem também das Igrejas aquelas músicas, onde assim no órgão, como no canto se mistura alguma cousa impura, e lasciva; e do mesmo modo todas as ações seculares, conversações vãs, e profanas, passeios, estrépitos, clamores; para que a casa de Deus pareça, e se possa chamar com verdade Casa de oração (REYCEND, 1781, Tomo II, p. 113).

[45] Considerada como a Reforma Católica, foi uma resposta à Reforma Protestante iniciada com Martinho Lutero.

Como mostra o excerto do decreto do Papa Pio IV, há uma séria preocupação em relação à intromissão da música profana na liturgia ao se advertir sobre o repertório usado no canto e no órgão de tubos. Neste texto, o órgão de tubos é simplesmente mencionado, mas é o único, dentre os instrumentos musicais, a ser citado para o uso eclesiástico. Esse documento oficial da Igreja Católica Romana, que revela consentimento expresso do Concílio de Trento, consagra o órgão de tubos como o instrumento litúrgico por excelência, resultado de séculos de seu uso litúrgico e sua eficácia no acompanhamento voz humana e sustentação do canto congregacional. Ao ser oficializado na liturgia cristã, o órgão de tubos se torna, então, um signo do Cristianismo, sendo consagrado como o instrumento próprio ao culto divino e que reveste de solenidade as cerimônias.

O Concílio de Trento[46] (1546-1563), convocado pelo Papa Paulo III, tinha como objetivos principais: assegurar a unidade da fé, unificar a liturgia romana e a disciplina eclesiástica. Foi uma reação à divisão religiosa vivida na Europa em consequência da Reforma Protestante, sendo desse modo denominado como Concílio da Contrarreforma. A Missa Tridentina é instituída no Concílio de Trento, sendo unificada a Liturgia da Igreja Católica e abolidas as variações locais, bastante diversificadas e com influências pagãs em algumas delas. São promulgados os livros litúrgicos: *Breviário Romanum* (1568) e *Missale Romanum* (1570), pelo Papa Pio V; *Pontificale Romanum* (1596) e *Caeremoniale Episcoporum* (1600), pelo Papa Clemente VIII; *Rituale Romanum* (1614), pelo Papa Paulo V.

Concílios posteriores ao de Trento também restringirão ao órgão de tubos sua excelência eclesiástica, excluindo outros instrumentos da liturgia em certas dioceses. O Concilio de Milão (1565) decretou: “Somente o órgão tem lugar na igreja; flautas, cornetas e outros instrumentos devem ser excluídos” (MANSI, 1960 [1759]. V. 34, p. 57). Com menos austeridade, o Concilio de Ravena (1568) determinou: “São proibidos instrumentos que não seja o órgão, a menos que por algum motivo pareça bom ao Bispo, que pode julgar se está de acordo com a religião, e com as circunstâncias do momento e lugar, e assim

[46] O Concílio de Trento foi um dos três mais importantes concílios da Igreja Católica, sendo realizado em três períodos.

decidir conforme sua prudência" (MANSI, 1960 [1759]. V. 35, p. 631).

No século XVIII, são feitas algumas tentativas de reformas de alguns livros litúrgicos, e, no século XX, o Concílio Vaticano II (1962-1963) autoriza a disseminação dos textos nas línguas modernas. São revistos e publicados livros litúrgicos, sendo realizadas adaptações às circunstâncias modernas das igrejas. Na liturgia, é dada ênfase à inculturação[47].

A Liturgia Romana é organizada em serviços litúrgicos que são os Ofícios e as Missas, a saber: **a) O Ofício Divino** – são orações, salmos, cânticos, antífonas, responsos, hinos e leituras que se distribuem ao longo do dia: Matinas, antes do nascer do sol; Laudes, ao alvorecer; Primas, às 6 horas; Terças, às 9 horas; Sextas, ao meio dia; Nonas, às 15 horas; Vésperas, ao pôr do Sol e Completas, logo após as Vésperas. Musicalmente, as Matinas, as Laudes e as Vésperas são as mais importantes; **b) A Missa** – classificadas em três tipos, corresponde a um termo derivado da frase, em latim, "*ite, missa est*" (*i.e., "*ide, a missa está dita") e consiste na celebração da Liturgia da Palavra e da Liturgia da Eucaristia. A Missa Solene (*Missa Solemnis*), representa a forma mais nobre da celebração eucarística, a partir da qual a solenidade acumulada das cerimônias, dos ministros e da música sagrada manifesta a magnificência dos divinos mistérios e conduz os espíritos dos assistentes a uma piedosa contemplação desses mistérios[48]. Realizada na língua própria da Igreja Romana (*i.e.*, o latim), celebrada por motivos festivos ou por exéquias e contando com a participação dos Ministros Sacros, Diácono e Subdiácono, é a forma completa executada com toda a majestade do cerimonial católico e cantada pelo celebrante e pelo coro ou congregação. Por sua vez, a Missa Rezada (Privada ou Reduzida) é geralmente falada em vez de cantada, constituindo uma versão reduzida realizada pelo celebrante e um acólito. Quanto à Missa Cantada, o canto é restrito ao celebrante e coro.

Dentro da missa existem partes fixas e variáveis. São partes fixas (*Ordinarium Missae*): *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Agnus Dei*. São partes variáveis segundo o

---

[47] Trata-se de um termo típico do linguajar religioso e de recente utilização no discurso missiológico (Missões). é um método de introduzir a cultura, aspectos culturais de um determinado povo à sua.

[48] Definição segundo a Carta Encíclica *Musicae Sacrae Disciplinae*, do Papa Pio XII (Pontífice de 1939 a 1958).

Calendário Litúrgico (*Proprium Missae*): Intróito, Coleta, Epístola, Gradual, Aleluia (*tracto*), Evangelho, Sermão, Ofertório, Prefácio, Comunhão e Pós-comunhão

As primeiras sistematizações do livro litúrgico romano são o *Sacramentário Gelassiano* e *Sacramentário Gregoriano*; surgem depois outros livros litúrgicos. Citam-se aqui os livros litúrgicos usados nas celebrações no Rito Romano: **a) Os livros com cantos:** *Graduale Romanum* (missa) e *Antiphonarius* (ofícios); **b) Os livros com textos:** *Rituale Romanum* (1614), que contém todos os rituais normalmente administrados por um padre; *Lecionario*, usado na liturgia da palavra e contém as leituras da Missa; *Missale Romanum*, que apresenta o ritual da missa; e *Breviarium Romanum*, que corresponde aos ofícios.

No Missal Romano[49], encontram-se as regras canônicas que definem, organizam e regulam as diversas cerimônias de culto e adoração da Igreja. No livro litúrgico *Caeremoniale Episcoporum* (*Cerimonial dos Bispos*), editado pelo Papa Clemente VIII em 14 de julho de 1600, é então regulamentado o uso do órgão de tubos no *Ceremonial Romano*. Constituindo uma restauração tridentina de obra que existia desde sua origem no *Ordines Romani* (fins do século VII), esse livro é dividido em três tomos que contêm os ritos e cerimônias a serem observados nas Missas e no Ofício Divino. Encontra-se no Capítulo XXVIII, do *Líber Primus* (Primeiro Livro), do *Caeremoniale Episcoporum*[50], intitulado "*De organo, organista, et musicis, seu cantoribus, & norma per eos servanda in divinis"*, os princípios fundamentais do uso do órgão de tubos e da atuação do organista na liturgia católica após o Concílio de Trento. A seguir, transcreve-se, na íntegra, a tradução literal do latim[51], dos treze argumentos do referido Capítulo XXVIII do *Caeremoniale Episcoporum*:

> Será usado o Órgão na igreja em todos os Domingos e festas do ano. Não deve

[49] Missal Romano é livro usado para as leituras próprias do celebrante na Missa de rito romano. Ele contém vários tipos de orações eucarísticas.

[50] O *Caeremoniali Episcoporum*, o Cerimonial dos Bispos, foi publicado pela primeira vez em Roma no ano de 1600. Seguiram-se a essa publicação do *Caeremoniali Episcoporum*, o *Caeremoniali Divini Officci, secundo ordinem fratrum BVM de Monti Carmeli* (1616) e o Caeremoniali Parisiense (Paris, 1662). No presente trabalho, utilizou-se uma edição do *Caeremoniale Episcoporum* publicada em Roma no ano de 1606.

[51] A tradução do texto original, em latim, deste Capítulo XXVIII, foi gentilmente realizadas por José do Nascimento Dias. Na tradução, procurou-se manter a originalidade sintática do texto. Neste texto foram usadas duas edições da referida obra: uma do ano de 1606 (Roma) e outra de 1853 (*Mechliniae*).

ser tocado no Advento e desde a Quadragésima até a Páscoa, com exceção do terceiro Domingo do Advento e quarto Domingo da Quadragésima e em algumas festividades que ocorrem nesses tempos. Deve ser tocado quando o Bispo entra na igreja sempre que ele faz uma celebração solene. Da mesma forma, na entrada do Legado Apostólico, do Cardeal, do Arcebispo e de outro Bispo, quando pela primeira vez entram na igreja, enquanto oram. Quando e de que forma deve o Órgão ser tocado nas solenidades das Matinas, nas Vésperas e durante os versos dos Hinos e na Missa. Se deve ser usado nas Horas Canônicas. O som do Órgão e a modulação do canto não devem apresentar falta de seriedade, nem lascívia. Nos Ofícios e Missas dos defuntos não se admite nem o Órgão, nem música.

1.Em todos os Domingos e em todas as festividades que ocorrem durante o ano, nas quais o povo costuma abster-se de obras servis, convém que sejam usados na igreja o Órgão e o cântico dos músicos.

2.Entre elas, não se enumeram os Domingos do Advento e as Quadragésimas, excetuado o terceiro Domingo do Advento, chamado *Gaudete in Domino* e a quarta da Quadragésima, que é chamada *Laetare Hierusalem*, mas apenas na Missa, igualmente excetuadas as festividades e férias[52] posteriores ao Advento, ou que ocorrem na Quadragésima, que são celebradas com solenidade pela Igreja; como os dias dos santos Mateus, Tomás de Aquino, Gregório Magno, José, dia da Anunciação e semelhantes que ocorrem após o Quadragésimo e o Advento. Também a quinta-feira da Ceia do Senhor, apenas quanto à Missa e o Sábado Santo, quanto à Missa e às Vésperas; e sempre que venha a ocorrer celebração solene e alegre em razão de alguma coisa importante.

3.Também convém tocar o Órgão sempre que o Bispo for celebrar solenemente ou for entrar na igreja para participar de missa solene celebrada por outrem em festividades solenes; ou, depois de terminado o ato sacro, estiver se retirando.

4.Da mesma forma seja feito na entrada do Legado Apostólico, do Cardeal, do Arcebispo, ou de outro Bispo ao qual o Bispo diocesano queira honrar, durante o tempo em que aqueles estiverem orando e a cerimônia sacra estiver para começar.

5.Nas Matinas, que são solenemente celebradas nas festas maiores, o Órgão pode ser tocado, da mesma forma que também no princípio das Vésperas.

6.Nas Vésperas, nas Matinas, e na Missa, durante o primeiro verso dos Cânticos e Hinos e, igualmente, nos versos dos Hinos durante os quais se deve ajoelhar – como é o caso do Versículo *Te ergo quaesumus*, etc. E do versículo *Tantum ergo Sacramentum*, etc., quando o próprio Sacramento está sobre o altar e em ocasiões semelhantes – o coro cante em tom inteligível; não, porém, o Órgão. Assim também com o versículo *Gloria Patri*, etc., mesmo que o Versículo imediatamente anterior houver sido cantado em conjunto; o mesmo deve ser observado nos últimos versos dos hinos.

7.Porém, nas outras Horas canônicas, que são recitadas em coro, não é costume tocar também o Órgão. Mas, se em alguns lugares for costume tocar o Órgão também durante as Horas canônicas, ou algumas delas, como é o caso da Hora Terça; especialmente quando é cantado enquanto o Bispo, que irá fazer celebração solene, toma os paramentos sacros, este costume pode ser observado. Deve ser advertido, porém, que sempre que o Órgão imita o som de um canto, ou imita responder alternadamente aos versículos dos Hinos ou dos Cânticos, deve também ser pronunciado com voz inteligível por alguma pessoa do coro aquilo que cabe ao Órgão responder. E seria louvável se algum cantor cantasse em conjunto com o Órgão e em voz clara.

8.Nas Vésperas solenes, o Órgão costuma ser tocado ao final de cada Salmo; e,

[52] Termo que designa cada dia da semana, exceto os dias primeiro (domingo) e o sétimo (sábado).

de forma alternada, nos versículos do Hino e do Cântico *Magnificat*, etc., devendo ser, entretanto, observadas as regras acima ditas.
9.Na Missa solene, deve ser tocado alternadamente quando é dito o *Kyrie eleison* e o *Gloria in excelsis*, etc., no princípio da Missa; da mesma forma, ao terminar a Epístola; da mesma forma no Ofertório; da mesma forma no *Sanctus* etc., alternadamente; da mesma forma, e com um som mais doce e grave, enquanto é elevado o Santíssimo Sacramento; da mesma forma no *Agnus Dei, etc.,* alternativamente; também no Versículo anterior à Oração após a Comunhão, e também no fim da Missa.
10. Mas, quando é rezado o Credo na Missa, o Órgão não deve interferir; ele deve ser proferido pelo coro em um canto inteligível.
11. Entretanto, deve-se tomar cuidado para que o som do Órgão não seja lascivo, ou impuro e não imite um canto que não diga respeito ao Ofício que está sendo celebrado, nem seja ele profano ou lúbrico e que não sejam acrescentados outros instrumentos musicais além do Órgão.
12. Também os cantores e músicos devem observar para que a harmonia das vozes, cujo objetivo é aumentar a piedade, apresente alguma coisa de leviano, ou de lascivo; mas que, acima de tudo, convide os ânimos daqueles que ouvem à contemplação das coisas divinas; que ela seja devota, distinta e inteligível.
13. Nas Missas e nos Ofícios dos Defuntos não usamos, nem o Órgão, nem a música denominada figurada, e, sim, *Canto Firmo*[53], ao qual convém aderir também nos dias da semana do tempo do Advento e da Quadragésima. (CAEREMONIALE EPISCOPORUM, 1606, p. 145).

A intenção do *Caeremoniale Episcoporum* era regulamentar o uso do órgão de tubos em toda a Igreja Católica Romana, determinando os serviços religiosos e os momentos em que o órgão deveria ser tocado. Outras jurisdições religiosas publicaram cerimoniais próprios, como o *Caeremoniale Divini Officci Secundum Ordinem Fratrum B. Virginis Mariae de Monte Carmeli* (Carmelitas – 1616) e o *Caeremoniale Parisiense* (Paris – 1662). Alguns desses cerimoniais não estavam de acordo com os padrões do Cerimonial Romano, o que refletiu nas Missas compostas a partir do século XVII, que, de acordo com o Cerimonial usado, incluíam ou omitiam partes como o *Benedictus*.

No Capítulo V, do *Caeremoniale Episcoporum*, ao tratar das Missas Solenes, o texto assim determina: "Em determinados dias, as campainhas [sinos] devem ser tocadas enquanto o Bispo se aproxima da igreja e, nos dias mais solenes, também o órgão deve ser tocado" (CAEREMONIALE EPISCOPORUM, 1853, p. 56).

1.1.3. OS GRANDES ÓRGÃOS DE TUBOS DE IGREJA

Na medida em que o órgão deixou de ter a função unicamente como

[53] O *Canto firmo* refere-se ao canto monódico, ou gregoriano.

instrumento de acompanhamento de cantos litúrgicos, e passou a ter sua interpendência como instrumento solista, houve a necessidade de ser ampliado em quantidade e extensão de teclados, assim como também na quantidade e variedade de registros de vozes.

Este processo de desenvolvimento, crescimento, e ampliação do órgão de tubos acontece segundo algumas necessidades em seu uso litúrgico, assim resumidos:

1. **Ampliação da extensão do teclado** – aumenta o número de teclas, consequentemente a quantidade de tubos, atingindo a extensão definitiva de cinco oitavas;
2. **Cresce o número de tubos por tecla** – segundo a série harmônica, primeiramente são acrescentados tubos de oitavas, os registros de oitavas; depois os registros de quintas, e posteriormente, tubos de terças, reforçando-se estes três harmônicos do registro de vozes fundamental;
3. **Desenvolvimento do someiro** – em consequência das ampliações dos teclados e de sua extensão, torna-se necessário o aumento dimensional, como dos canais tonais e das válvulas de notas;
4. **Desenvolvimento da fachada do órgão** – surge a distribuição diatônica dos tubos de um registo no someiro, nos órgãos positivos e portativos eram somente cromáticas. Surgem as formas estéticas de agrupamentos dos tubos na fachada em forma de nichos, mitras, harpa, torres, castelos, etc;
5. **Registros independentes** – o flautado do Principal é separado das misturas, havendo independência de timbres;
6. **Ampliação da quantidade de teclados** – são acrescentados outros órgãos no mesmo instrumentos, sendo estes acionados no mesmo consolo, em manuais independentes. Posteriormente, é acrescida a pedaleira.

A partir da segunda metade do século XVI, Portugal adquiriu seus primeiros órgãos de maior porte. A exemplo disso, cita-se o órgão de tubos da Catedral de Évora, de ca. 1562. Em Portugal e no Brasil, os órgãos fixos, o mesmo que órgãos de igreja, foram construídos segundo duas tipologias, classificados como órgão de tubos positivo de armário (Figura 9a) e grande órgão de tubos de igreja (Figura 9b e Figura 10).

Os órgãos positivos de armário foram largamente usados em Portugal, assim

como também no Brasil Colonial e Imperial. Trata-se de uma tipologia de órgão fixo de pequeno porte. Geralmente possuem somente um manual (partido), quatro a oito registros de vozes, um registro de palheta, uma mistura e 80% dos registros são compostos de flautados de madeira e flautados de metal, e não possuem pedaleira[54].

a)

b)

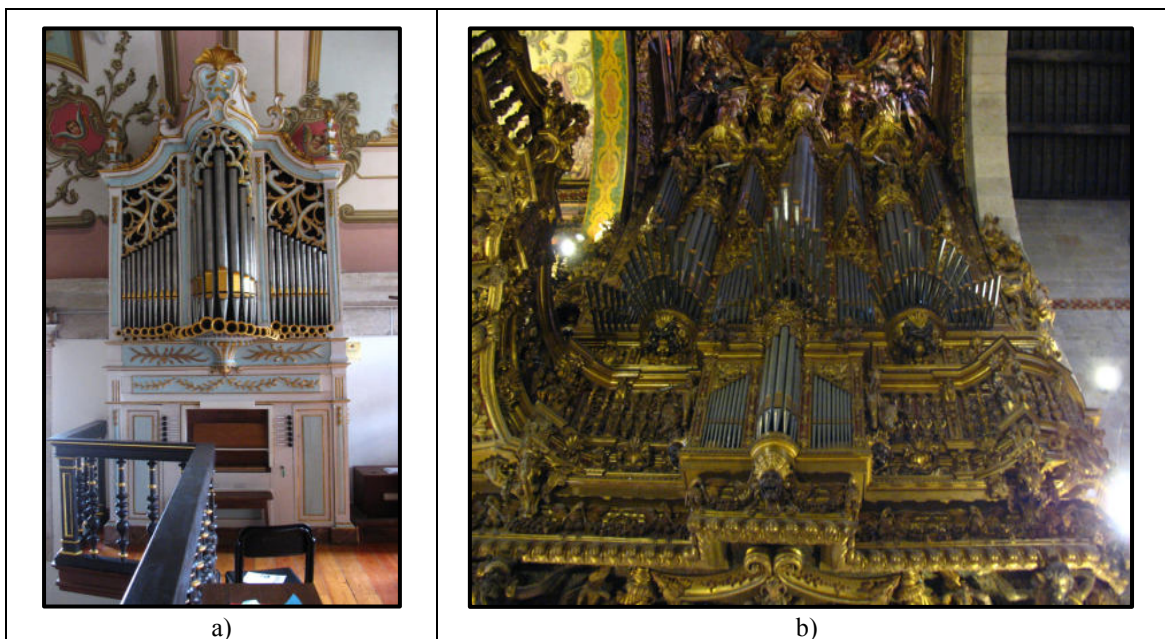



Figura 9: Os órgãos de tubos fixos
a) O Órgão Positivo de Armário – Igreja de Pico de Regalados em Portugal
b) O Grande Órgão – Sé de Braga em Portugal
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

No Período Barroco, as alturas do registros de vozes do órgão de tubos formam uma pirâmide que tem como base o registro 32', 16' ou 8' (pés). Acima desta base estão os registros de oitavas (4', 2' e 1'), como também o registro de terças, quintas, sétimas e nonas (ver página 48). Essa pirâmide de registros de vozes está baseada na série harmônica.

A denominada "era de ouro" da construção do órgão de tubos ocorreu entre os anos 1740 e 1790, e o esplendor da organaria norte-europeia aconteceu entre os anos de 1650 a 1800, resultado da necessidade de órgãos de maior porte para o acompanhamento congregacional das igrejas protestantes (WEBBER, 1989, p. 11). Por outro lado, nos países católicos (Espanha, Portugal, Itália e França), o órgão de tubos era preferencialmente usado

---

[54] A pedaleira, teclado tocado pelos pés do organista, segundo algumas fontes, já existia desde, aproximadamente, o século XIV. Contudo, os órgãos ibéricos não tinha pedaleira com teclas, alguns possuíam pisas (alavancas) ou botões com as notas: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si b, Si e Dó.

alternadamente entre os versos, e no acompanhamento do cantochão e do canto d'órgão.

A princípio de uso secular e mesmo pagão, o órgão de tubos, ao longo da história eclesiástica cristã, é convertido no instrumento mais adequado para o serviço litúrgico. Logrando no Concílio de Trento a sua consagração como instrumento ao serviço divino. O órgão de tubos, simbolicamente representa conversão ao cristianismo e o próprio processo de santificação dos fiéis. Na dupla proposta da liturgia de glorificar a Deus e a santificação da humanidade, o órgão de tubos contribui para tornar os cultos solenes e conduzir os fiéis ao louvor e à adoração no Drama Litúrgico Cristão na Igreja Católica Romana e nas Igrejas Protestantes.

1.2. A NOMENCLATURA ORGANÍSTICA

Em documentos eclesiásticos antigos o órgão de tubos é referido como "*Organum tubulatum*"[55]. O termo composto pelas palavras latinas: *Organum* (órgão) e *tubulatum* (provido de tubos). Adota-se no corpo deste texto, o termo "órgão de tubos", visto que a língua portuguesa tem sua origem latina, assim como os primeiro documentos eclesiásticos, eram escritos na língua latina[56].

Atualmente tem sido usado o termo "órgão tubular", contudo, o termo "tubular" não se adequa ao instrumento, pois significa "tubiforme", ou seja, órgão em forma de tubo. Compete salientar que, no entanto, também se encontra em textos mais antigos, em latim, as forma *organum* ou *organo*. Na língua grega, o instrumento ainda primitivo, era chamado de *órganon*, traduzido literalmente por "instrumento"; origem do termo latino *organo*.

O termo "*organo*" adotado no versículo quatro do Salmo 150, da edição da Vulgata[57], quando diz "*laudate eum in cordis et organo*"[58], certamente não refere-se ao instrumento órgão de tubos, instrumento concebido muito posteriormente ao *Livro dos*

---

[55] Esse termo encontra-se dessa forma grafado em *Musicae sacrae*, do Papa João Paulo VI – mais especificamente, no primeiro parágrafo, artigo 120 de *Nobile subsidium liturgiae* (1963).
[56] O mesmo ocorreu na língua espanhola.
[57] A Vulgata (*vulgata edition)* é a tradução para o latim da Bíblia Sagrada. Foi escrita, entre fins do século IV e início do século V, por São Jerónimo, sendo adotada pela Igreja Cristã até os dias atuais.
[58] O termo *organo* está em ablativo singular, enquanto complemento circunstancial de meio ou instrumento.

Salmos[59], escritos em sua maioria pelo do Rei Davi. O termo usado pelo salmista no texto original é "*ugab*", que significa, instrumento de sopro, um aerofone composto por alguns tubos. Nas atuais traduções, o termo "*organo*" foi traduzido por "flautas". De toda a forma, a flauta é a constituição básica do órgão, correspondendo a aproximadamente 80% de sua tubaria. Outrossim, existem semelhanças organológica entre o *ugab* e o órgão de tubos.

Em textos portugueses entre os século XV e XVIII, o termo "órgão", é empregado no plural, fazendo-se referência a apenas um instrumento. Também, em algumas citações, o órgão de tubos era chamado por "órgãos músicos". Não se sabe a razão precisa do uso no plural, contudo, existem algumas possibilidades de esclarecimento:

- O termo no plural "*organa*", usado para referir-se ao instrumento musical, seria uma maneira de diferenciar-se da forma primitiva de polifonia na Idade Média, o "*organum*", que posteriormente, quando mensurado, é denominado "canto de órgão" (*Cantus organalis*). Semelhantemente à polifonia do *organum*, nesta época, as fileiras e jogos de registros dos órgãos de tubos eram estruturados em intervalos de quartas, quintas e oitavas;
- Nas obrigações do cargo de organista, o mesmo teria a obrigação de tocar os dois tipos de órgãos na igreja, o grande órgão (fixo) e o órgão de procissão (positivo processional). Também justificado pelos nomes em latim, *organa*, plural de *organum*;
- Quando o órgão começou a assumir a forma de grande órgão, e a possuir mais de um teclado, cada um desses manuais era tratado[60] e considerado um "órgão", que constituía um grande instrumento. Portanto, o organista era o "o tangedor dos órgãos";
- No final do século XVII, em muitos textos, não somente na península ibérica, como também na Inglaterra, a expressão "órgãos" tem o significado de "par de órgãos", uma referência aos instrumentos com dois manuais. O

[59] Originalmente, *Sepher Tehillim*, *Livro de Louvores*. A *Sptuaginta* usou o título *Psalmoi*. Também é chamado de *Psalterium*, *Coleção de Cânticos*, ou *Liber Psalmorum*, *Livro de Salmos*.
[60] A exemplo, citam-se: órgão de ecos, e órgão principal.

autor J. Matthews, em sua obra *A Handbook Of The Organ*, assim afirma:

> *In 1450, St. Albans possessed a "pair of organs", regarded as the finest in size, tone and workmanship of all the English monastic instruments, – a present from the Abbot, its cost being £ 50. Organs with two rows of keys were described as "double organs"; the term "pair of organs" in old records being merely used in the same way as we still speak of a "pair of bellows" or a "pair of stairs". A small "pair of organs" with just one small row of pipes, capable of being carried in procession, (and so used in Roman Catholic countries) was termed a "regal", or "portative", whilst the instrument of fuller compass, fixed and played with both hands, was called "positif". Used to accompany the voices of the choir, it is the forerunner of our "choir" organ* (MATTHEWS, 1923?, p. 12).

> Em 1450, St. Albans possuía um "par de órgãos", considerado o melhor em tamanho, timbre e de fabricação de todos os instrumentos monásticas ingleses, – um presente do Abade, tendo um custo de £ 50. Órgãos com duas fileiras de teclas foram descritos como "órgãos duplos"; o termo "par de órgãos" em registros antigos sendo simplesmente usado da mesma maneira que nós dizemos "par de foles" ou um "par de escadas". Um pequeno "par de órgãos", com apenas uma pequena fila de tubos, capaz de ser carregado em procissão, (e muito usado em países católicos romanos) foi denominado "*regal*", ou "*portative*", enquanto que o instrumento de maior extensão, fixo e tocado com as duas mãos, era chamado de "positif". Usado para acompanhar as vozes do coro, que é o precursor do nosso "*Choir Organ*" (MATTHEWS, 1923?, p. 12).

- Na Missa Pontifical da transladação do corpo do Rei Dom João II, para o Mosteiro de Batalha, em 1499, o cronista Garcia de Resende narra: "[...] e a missa foy tangida com orgaõs, charamelas, sacabuchas, trombetas." (RESENDE, 1622, f. 132v). Ainda nesta obra, em *Entrada D'El-Rey Dom Manoel em Castella* (1498), é esclarecido o emprego do termo no plural, ou seja, o uso de vários órgãos em uma missa: "[...] e tantos orgaõs, charamelas, sacabuxas, trombetas, atambores, e outros muitos estromentos, que quando acabaram de jurar juntamente tangeram [...] (RESENDE, 1622, f. 138).

A princípio, a palavra latina "*organum*", segundo o teólogo e filósofo Santo Agostinho (354-430 d.C), foi usado na Vulgata como um termo geral para todos instrumentos musicais. Durante a Idade Media, se aplica aos instrumentos, mas principalmente, a voz humana. A partir do século IX, é aplicado a polifonia, ou seja, várias vozes simultâneas, em oposição ao canto plano, o cantochão. O teórico John Cotton (Johannes Affligemensis - ca. 1100), em *De Musica*, Capítulo XXIII, ao tratar do *organum*, afirma: "*Qui canendi modus vulgariter Organum dicitur: eo quod vox humana apte dissonans similitudinem exprimat instrumenti, quod Organum vocatur*. *Interpretatur autem Diaphonia dualis vox vel dissonantia*", ou seja, "Este é o modo de cantar vulgarmente

chamado de *organum*: pois a voz humana é unissonante (*dissonans*), apresentando semelhança com o instrumento chamado órgão (*organum*, neste caso, o órgão portativo). Contudo, compreende polifonia (*Diaphonia*) a duas vozes, ou homofonia (*dissonantia)*".

Quanto ao instrumentista, foram usados diferentes termos diferentes na História desse instrumento. Primeiramente foram usados, na Renascença, os termos *pulsator organi* ou *pulsator organorum*, ou seja, "*pulsator*", significando aquele que toca o instrumento, o instrumentista, e *organi/organorum*, o órgão de tubos, o instrumento. Além destes, existe também o termo "*Modulator Organorum*", todos estes referem-se ao organista[61]. Em alguns instituições eclesiásticas, como nos conventos, existiam os cargos de *pulsator Organorum*, correspondendo ao *Primer Organista* (Organista Titular)[62], e *Intonator Organorum*, *Segundo Organista* (Organista Substituto).

Em Portugal e no Brasil, formas diversas de se mencionar o instrumentista foram usadas em documentos desde o século XVI: tangedor dos ditos órgãos; tangedor dos órgãos; tangedor do órgão; tangedor de órgãos e organista. O termo organista foi usado em documentos portugueses e brasílicos a partir de cerca do século XVI. Anteriormente a esta data eram chamados "o mestre de órgãos", referindo-se ao organista e ao organeiro. Quando o mestre de órgãos era instrumentista, era um tangedor de órgãos, e quando era construtor, era um mestre organeiro.

Quanto ao termo "tangedor de órgãos" também tem sua origem na língua latina, do latim *Tangere*[63], em português, "tanger", significando o mesmo que "tocar". De acordo com o *Diccionario técnico-histórico del órgano en España*, de Joaquín Saura Buil, o termo "*pulsare*", do latim, é traduzido por tocar ou tanger; termo usado para os instrumentos que são "pressionados" como o órgão de tubos, e todos instrumentos de tecla, a harpa, o saltério, entre outros. Nas técnicas antigas de teclado, as teclas eram pressionadas, puxando-se os dedos para fora, técnica similar aos instrumentos de corda dedilhados, nos quais se pressionam e puxam-se as cordas. Carl Phillipp Emanuel Bach, em *Ensaio sobre a*

---

[61] Os termos *Pulsare organi* e *Pulsare organorum*, significam "tocar órgão".

[62] A título de ilustração, no século XVI, entre as obrigações do Primeiro Organista da Catedral de Granada, estava a composição de obras para a liturgia.

[63] Do verbo, em latim, *tango*, no infinitivo, *tangere*.

maneira correta de tocar teclado, assim trata: “[...] a ponta do dedo dobra-se o mais rapidamente possível e deixa a tecla, escorregando” (BACH, [1753] 2009, p. 89).

Curiosamente, em documentos eclesiásticos portugueses, até aproximadamente o século XIX, os termos referentes ao instrumento, instrumentista e ao cargo eram grafados em letras maiúsculas: Órgão, Organista e Tangedor de Órgãos. Nesse mesmo período, são também empregadas as seguintes grafias em língua portuguesa: orgam; órgão; orgaõ; orgo; organo; horgano; horgão e órgão. O uso do termo “organo”, grafado semelhantemente à língua espanhola, justifica-se como resultado da União Ibérica, ao final do século XVI. Quanto ao termo organaria, refere-se a arte e o ofício de se construir órgãos de tubos. Sendo o organeiro, o profissional que constrói, amplia ou faz a manutenção destes instrumentos.

1.3. A ESTRUTURA DOS ÓRGÃOS IBÉRICOS PORTUGUESES

O órgão de tubos pode ser considerado o mais complexos dos instrumentos musicais. Sua arquitetura envolve diversas áreas das ciências e das artes, dentre elas destacam-se: a acústica; a química; a metalurgia; a pneumática; a mecânica e a marcenaria. Afim de um estudo técnico de organaria, pode-se dividir sua estrutura em quatro partes distintas, sendo elas: a caixa, a fachada, o consolo, a tubaria, e mecânica e a pneumática.

A organaria colonial brasileira tem suas raízes na organaria ibérica, especialmente na organaria ibérica portuguesa. A princípio os órgãos de tubos eram vindos de Portugal e montados no Brasil, posteriormente, passaram a ser construídos *in loco*, segundo as escola de organaria ibérica portuguesa.

A caixa de um órgão de tubos tem como função fundamental abrigar e proteger a tubaria, a mecânica, o conjunto pneumático e, em muitas vezes, os foles. Sua principal função é acústica, garantindo que o som emitido pelo conjunto de tubos, a tubaria, seja concentrado, amplificado, e projetado para a nave da igreja. Além dessas, tem uma função estética, sua fachada é a visão externa do corpo do instrumento, podendo ser considerada como “o rosto” ou “a face” do órgão de tubos, a sua identidade.

Durante o Período Barroco existia um simbolismo teológico nas caixas dos órgãos de tubos ibéricos de tribuna em Portugal e no Brasil. Estas caixas podem ser divididas em três planos distintos, como pode ser constatado na figura a seguir.

Figura 10: Um exemplar da organaria ibérica portuguesa[64]
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

plano superior, o reino celestial, decorado com anjos tocando instrumentos, principalmente os anjos trombeteiros[65]. No plano inferior das bases das tribunas[66] do órgão encontram-se esculpidos monstros, carrancas e atlantes, que sustentam as bases das tribunas, lembrando aos fieis o inferno. Todas estas alegorias abrem suas bocas emitindo sons graves e grotescos. As carrancas, conhecidas por "cabeça de sarraceno" ou por

---

[64] Órgão de tubos da Igreja do Mosteiro de São Gonçalo em Amarante, Portugal. Fatura do organeiro galego D. Francisco António Solha, construído na segunda metade do século XVIII.

[65] Segundo Jesús Angel de la Lama, em sua obra *El Órgano Barroco Espanhol*, alguns destes anjos, no século XV, possuíam trombetas sonantes, sendo estes considerados os primórdios das trombetas de fachada (LAMA, 1995, vol. I, p. 290).

[66] Também conhecida por bacia da tribuna.

"cabeça de mouro", emitiam sons graves em um crescendo similar a um urro. Na medida em que crescia a sonoridade, a boca se abria, os olhos saiam das órbitas e rangiam os dentes. No plano intermediário, o consolo do órgão, representando o mundo terreno, o âmbito humano, a dualidade entre o bem e o mal. Neste cenário mediano, o órgão de tubos em sua função primeira na *ecclesia*, o acompanhamento dos cantos litúrgicos, sendo executado pelo organista no ritual do culto, na busca dos fiéis ao Reino dos Céus, representado pelo plano superior.

No decorrer dos séculos, os órgãos tiveram seu posicionamento definido segundo critérios litúrgicos, estéticos e acústicos. No que tange à localização nos templos, os órgãos ibéricos geralmente podem ser posicionados na igreja:

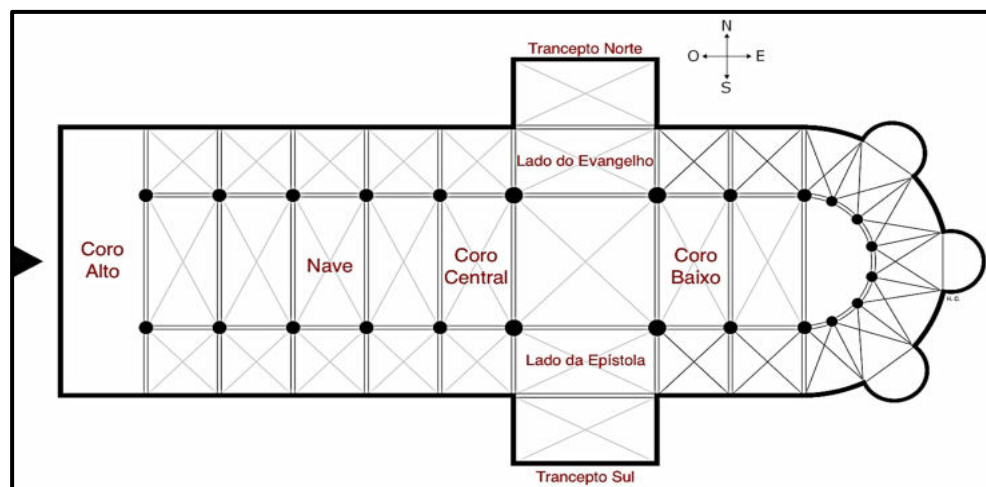



Figura 11: Planta baixa de uma igreja em forma de cruz latina
Fonte: Acervo de figuras do autor / www.wikimedia.org.

- **Lateralmente nos coros:** sempre em pares, são chamados órgão da epistola (Lado da Epístola – Transepto sul) e órgão do evangelho (Lado do Evangelho – Transepto norte), sendo instalados acima do cadeiral[67] do coro baixo (no altar mor ou no presbitério), coro central da nave maior, ou no coro alto, localizado acima da entrada principal da igreja. Foi muito comum nas sés catedrais e maiores cenóbios, em Portugal e Espanha. No Brasil, não

[67] O mesmo que cadeirado. Trata-se de uma série de cadeiras ligadas entre si, geralmente encostadas a uma parede, usada em coros de igrejas, conventos etc.

existe algum registro de pares de órgãos de tubos instalados em alguma igreja durante o Período Colonial;

- **No Coro Alto:** são classificados como órgão de balaustrada, quando posicionado no parapeito (Figura 12a); órgão de coro, posicionado ao fundo do coro (Figura 12b) ou lateralmente no coro (Figura 12c);

Figura 12: **Órgão de balaustrada e órgão de coro**
a) Igreja da Ordem Terceira do Carmo em Diamantina – Brasil
b) Igreja de San Salvador – Usurbil – Espanha
c) Igreja da Ordem Terceira de São Francisco em Braga, Portugal
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- **Em tribunas laterais:** os órgãos encontram-se assentado nas bacias[68], que geralmente têm a forma de ninho de andorinha. Essas tribunas se localizam junto ao coro, algumas vezes com comunicação direta, através de uma porta recortada na balaustrada. Outras vezes, estão em uma das tribunas da igreja. No Brasil, o órgão de tubos do Mosteiro de São Bento de Olinda era posicionado em uma tribuna construída lateralmente, junto ao coro alto;

a)	b)

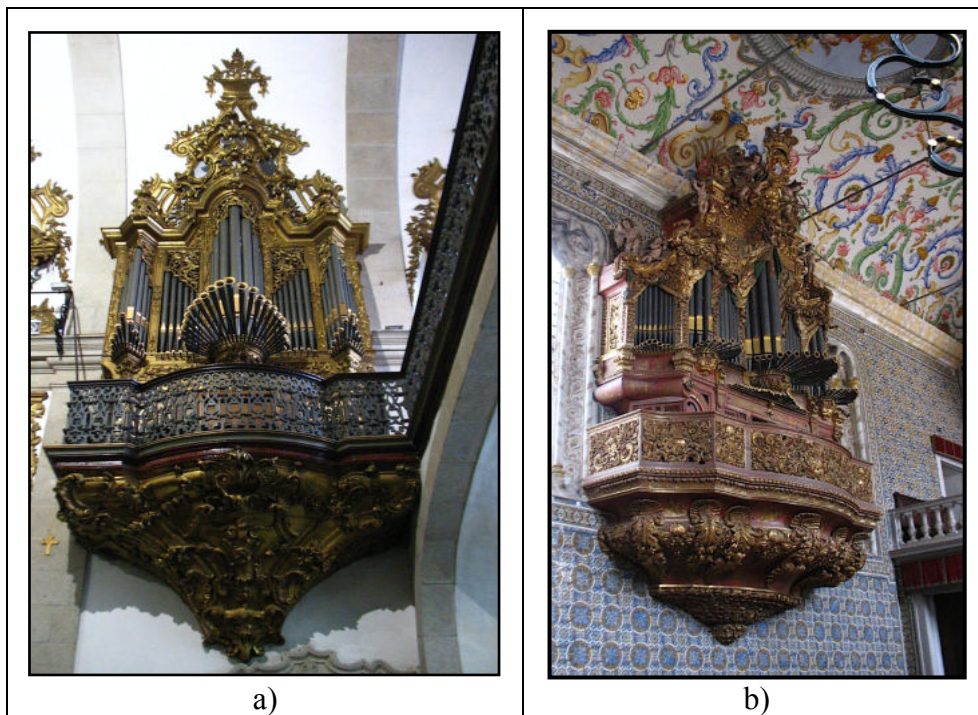



Figura 13: Órgão de tribuna e de andorinha
a) Igreja do Carmo no Porto – Portugal
b) Capela Real da Universidade de Coimbra – Portugal
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- **No térreo das naves:** são os órgãos de rés-do-chão (órgão térreo); posicionado no coro baixo[69]; em capelas; ou no piso das naves das igrejas.

Em síntese, os órgão de tubos, em Portugal e no Brasil, eram assentados em

---

[68] Bacia é a parte inferior da tribuna que faz a base para assento do órgão.
[69] O coro alto, coro central e coro baixo tratam-se dos lugares onde está situado o cadeiral, o local onde os religiosos (clero e monges) ou o próprio coro vocal toma lugar durante o serviço religioso. O coro alto localiza-se acima da Galilé (Nártex ou Vestíbulo), a entrada oeste do templo. Por sua vez, o coro baixo localiza-se próximo ao altar-mor, e o coro central, ao centro da nave maior. Estes coros centrais são cercados, havendo sempre, nas três formas de coro, uma separação dos leigos.

tribunas (coreto) ou instalados no coro alto. Quando instalados em coros, estes eram instrumentos de pequena dimensão, da tipologia "órgãos de armário". Estes órgãos possuíam somente um manual e um someiro (órgão simples de uma secção). Em Portugal, os órgãos de tribuna, geralmente possuíam dois manuais: um órgão principal e um órgão de eco, que algumas vezes, era acomplado a um órgão positivo de costas (cadereta). Portanto, duas secções, e someiros distintos para cada órgão (manual). O órgão de eco encontrava-se inserido em uma caixa expressiva, localizado na parte inferior da caixa do órgão, e sua base era uma oitava acima do manual principal. Se o órgão principal possuía um jogo de 12 palmos[70] (8'- oito pés), a base do eco seria um flautado de 6 palmos (4' – quatro pés).

A fachada do órgão de tubos é parte frontal do instrumento onde se encontram os tubos aparentes, que geralmente são os tubos do registro principal. Como parte da caixa do órgão, é também responsável pela projeção do som. Existem diversas formas de composição da fachada que incluem partes decorativas em madeira e os tubos. Estes tubos podem ser organizados verticalmente, em torres ou em nichos, e receberem decorações próprias. Nos órgãos ibéricos, os tubos podem se posicionar horizontalmente, conhecido como Trompeteria Tendida (ver Figura 10 e Figura 13).

A caixa e a fachada do órgão de tubos podem compostas por:

- **Tubos sonoros ou tubos mudos (cónego, ou cônego):** são tubos de enfeite, com a função de compor as formas geométricas da fachada;
- **Torres ou castelo:** são posicionados ao centro ou lateralmente na fachada, podendo ter as formas circular, poligonal e triangular (piramidal), conforme pode ser visto na Figura 14a;
- **Nichos:** estão posicionados ao centro, lateralmente ou intermediários da fachada, em formas planas (a), arqueadas côncavas (b), arqueadas convexas (c), e forma de harpa (d) (Figura 14b);
- **Figuras decorativas:** Podem possuir decoração em talha, entalhes e esculturas e pinturas, compondo a estética da caixa do órgão.

[70] Na Espanha, o registro de 12 palmos (8' pés) corresponde ao registro de 13 palmos.

a)

b)

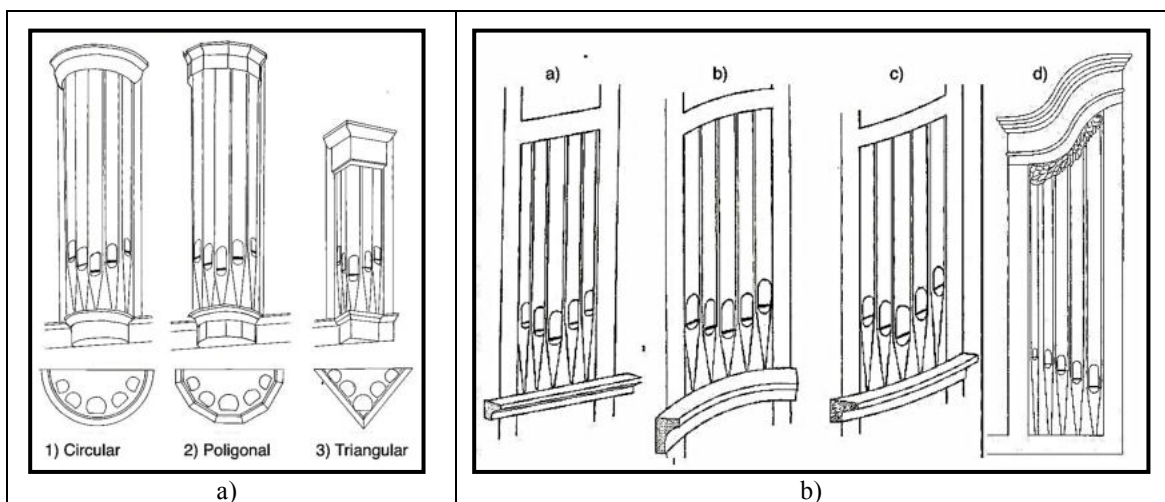



Figura 14: Os tipos de torres e nichos das fachadas de órgãos de tubos
a) As torres na fachada do órgão
b) O nichos na fachada
Fonte: Acervo de figuras do autor – Dicionário do órgão – Wilfried Praet.

O uso de torres e nichos cria uma surpreendente sensação de profundidade na fachada ou na caixa. Na segunda metade do século XVIII, os órgãos portugueses integram funcionalidade e beleza em uma união de técnica e concepção estética.

O consolo do órgão de tubos é a parte do órgão onde o organista programa e executa o instrumento. Como pode ser constatado na figura a seguir, trata-se da mesa de controle onde estão os puxadores de registros e os acoplamentos (Figura 15a), os manuais (Figura 15b) e a pedaleira (Figura 15c). Nos órgãos mecânicos, o consolo se localiza na própria caixa, podendo ter sua posição lateral, frontal ou traseira.

No Brasil tem sido usado os termos "consola" ou "console", uma tradução equivocada do vocábulo *console*, que tem origem nas línguas francesa[71] e inglesa[72]. Entretanto, consoante ao verbete do *Novo Dicionário Aurélio – Século XXI*, o termo correto é "consolo", adotado ao longo desse trabalho. Os documentos portugueses e brasileiros dos períodos em estudo, em latim ou português, não fazem qualquer referência a esta parte do

---

[71] O dicionário *Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa*, versão 3.0, define o termo como: "peça móvel dos órgãos, onde ficam os teclados, os registros e os pedais". Segundo o mesmo dicionário, é uma derivação da palavra francesa *console*, devendo ser pronunciado como "consóle".

[72] De acordo com o *Cambridg International Dictionary of English*, 1995, o termo significa uma superficie na qual se encontram os controles para uma peça de um equipamento eletrônico ou de uma máquina. Um painel de controle.

instrumento, pois nos órgãos de tubos mecânicos o consolo fazia parte do instrumento como um todo. Dom Bedos de Celle – OSB, em seu tratado *L'Art du Facteur D'Orgues*, em *Description des Buffes d'Orgue*, página 87, e na Estampa (*Planche*) XXXII, refere-se a esta parte do órgão de tubos como *buffet d'Orgue*, ou seja, a caixa do órgão, não desmembrando ou nomeando as parte distintamente. Este é um termo usado recentemente pelos organistas e advém dos órgãos de tubos modernos de tração elétrica.

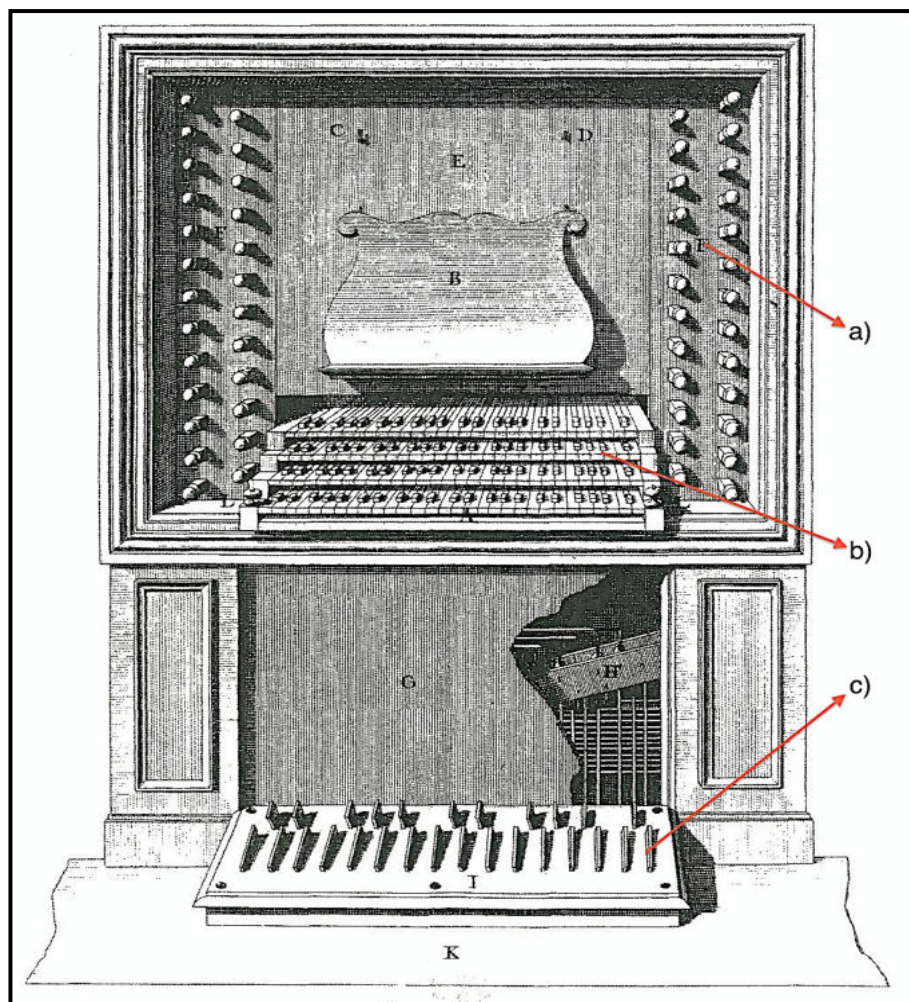



Figura 15: Consolo de um órgão de tubos
Fonte: Acervo de figuras do autor – BEDOS DE CELLES, [1766] 2010, Pl. XXXIII.

Os teclados, manuais (Figura 15b) e pedaleira (Figura 15c), são responsáveis acionamento dos tubos. A arquitetura timbrística de um órgão de tubos não se restringe somente a construção dos tubos ou a um mero conjunto de registros de vozes (timbres) (Figura 15a). Existe uma unidade na divisão da estrutura timbrística, essa divisão é

conhecida por “estrutura tonal do órgão de tubos”. Esta divisão é organizada através dos manuais, o teclado para acionado pelas mãos, e pedaleira, o teclado acionado pelos pés. A partir do momento em que o órgão deixou de ter apenas um manual, os órgãos positivos e portativos, houve a necessidade da organização de seus diversos registros de vozes. A estrutura tonal, assim como os registros de vozes, são diferenciados de acordo com as várias escolas de construção de órgãos e também com o período da história da música ao qual pertence. A base de um teclado corresponde a altura do registro de voz mais grave, e os demais, estão de acordo com a “pirâmide de alturas dos registros de vozes”[73]:

- **Teclado de Base 32’:** 32’, 16’, 10 2/3’, 8’, 6 2/5’, 5 1/3’, 4 4/7’e 4’;
- **Teclado de Base 16’:** 16’, 8’, 5 1/3’, 4’, 3 1/5’, 2 2/3’, 2 2/7’ e 2’;
- **Teclado de Base 8’:** 8’, 4’, 2 2/3’, 2’, 1 3/5’, 1 1/3’, e 1’.

A pirâmide de altura dos registros de vozes é embasada nas primeiras nove notas da série harmônica. Existem os registros de fundo, correspondentes aos harmônicos parciais em uníssono, as oitavas (32’, 16’, 8’, 4’, 2’ e 1’) e os registros registros de mutação simples, correlatos aos harmônicos parciais não uníssonos: às quintas (10 2/3’, 5 1/3’, 2 2/3’ e 1 1/3’); às terças (3 1/5’ e 1 3/5’) à sétima (1 1/7’) e à nona (8/9’)[74]. A base da pirâmide dos registros de vozes um teclado equivale ao som fundamental da série harmônica. As mutações compostas, também chamadas misturas, são formadas por fileiras de tubos e Servem para reforçar determinados harmônicos e dá brilho a registração (combinação dos registros).

Segundo Joseph Guédon, em sua obra *L’Organiste*, existe uma proporção adequada para a quantidade de registros de mesma altura. Nos séculos XVI ao XVIII, era observada seguinte proporção de registros: um registro 16’, três registros 8’, dois registros 4’, um registro 1’, um registro 2 2/3’, um registro 1 3/5 e uma ou duas misturas (CAMIN, 1941, p. 26). O manual de um órgão de tubos também é chamado de “órgão” e recebe

---

[73] Raramente encontrado nos órgãos estão os registro sétima: 1 1/7’, 2 2/7’. A sétima é sempre a terça da dominante (C-G-B^b), seja qual for o tamanho. Os registros de nona: 1 7/9’ e 8/9. A nona é a quinta da dominante (C-G-D).

[74] As alturas de números inteiros correspondem aos registros de fundo (registros fundamentais ou de oitavas), por outro lado, as alturas com frações correspondem as mutações simples (harmônicos de 3as, 5as, 7as e 9as).

nomes diferenciados de acordo com a escola de construção. O órgãos podem ter de um a quatro manuais, raramente cinco[75]. Cada manual do órgão de tubos é nomeado segundo a escola de organaria a que pertence:

- **Grande Órgão:** considerado o órgão principal, possui os Jogos de registros mais numerosos e mais potentes. Nesse manual encontra-se a família dos principais: 16', 8', 4', uma mistura, 2 2/3', 1 1/3'. Geralmente tem um registro de palheta, o trompete. É desprovido de expressão, pois não está fechado em caixa expressiva[76]. Recebe os seguintes nomes: *Great Organ*, *Hauptwerk Manual, Grand'Orgue, Grand'Organo*;
- **Manual Positivo:** é o órgão que tem como função primeira, o acompanhamento. Para tanto, este manual possui registros de vozes mais suaves, adequados à essa função. É conhecido como órgão do coro, *Choir Organ, Organo Corale, Cadereta*. Se for um positivo de cadeireta, é o *Rückpositive*, e estando na caixa principal, é o *Brustwerk*. Em órgãos de dois teclados sem expressivo é chamado muito simplesmente positivo;
- **Manual Recitativo:** está posicionado como segundo ou terceiro manual, de acordo com a quantidade de teclados existente no órgão. Usado para registrações mais suaves ou para fazer diálogos com o manual principal. Nesse Manual também encontra-se a família das palhetas (16', 8'e 4') de forte sonoridade. Esse manual podem estar inserido em caixa expressiva. São nomeados como: manual superior, *Swell Organ*, *Nebenwerk, Récit, Órgano Expressivo*. Quando *Oberwerk*, o órgão encontra-se em um plano mais alto da caixa, e não precisa ser expressivo. Sendo expressivo, é nomeado de *Schwellwerk*;
- **Órgão do Eco:** muito difundido nos séculos XVII e XVIII, esse manual

[75] Muito raramente, alguns órgãos modernos possuem seis ou sete manuais.
[76] As caixas expressivas são fechadas com venezianas na frente, proporcionando assim um controle da intensidade dos tubos nela inseridos. Assim, é possível fazer dinâmica, *crescendo* e *diminuendo*, ao contrario dos órgãos barrocos em que a dinâmica era somente realizada em planos sonoros.

possui registros de flautas suaves e geralmente era fechado em uma caixa[77]. Também chamado de: *Echo Organ, Fernwerk, Écho*, *Órgano de Eco*.

Quando o órgão de tubos possui dois manuais, o primeiro é o grande órgão e o segundo pode ser o recitativo ou o positivo. A partir de três manuais, o primeiro geralmente é o positivo e o segundo grande órgão[78], podendo estes dois primeiro estarem invertidos; o terceiro é o recitativo; e o quarto, o órgão do eco.

Os órgãos ibéricos têm como característica básica a possuir somente um manual dividido em duas metades distintas, conhecido como teclado partido. Segundo Jesús Angel de la Lama, em sua obra *El Órgano Barroco Espanhol*, esta partição teve sua origem entre os anos de 1540 e 1550, coincidindo com o pleno florescimento da polifonia (LAMA, 1995, vol. I, p. 254). Somente os grandes órgãos ibéricos possuem dois manuais. Segundo a tradição portuguesa, a partição do manual se localiza entre o Dó^{3} e o Dó$^{\#3}$. O teclado partido permite que cada metade do teclado tenha timbres diferentes da outra partição, para o qual existe um repertório solístico específico para ser executado nesses instrumentos. Nesse sentido, cumpre também apontar que as formas musicais distintas do órgão ibérico estão associadas ao surgimento da divisão do teclado. O principal gênero musical para um teclado partido é o *Tiento de Medio Registro*[79]. Quanto às extensões dos manuais, podem possuir: 38/39 teclas, (Fá1 a Lá4), entre 1440 e 1550; 42 teclas (Dó1 a Lá4), em 1550; 45 teclas (Dó1 a Dó5), 1522; 47/48 teclas (Dó1 a Lá4), surgiu no último terço do século XVII perdurando por cinquenta anos; 49 teclas (Dó1 a Dó5), 1790; 51 teclas (Dó1 a Ré5), 1755; 54 (Dó1 a Fá5), última década do século XVIII; e 56 (Dó1 a Sol5), 1779. (LAMA, 1995, vol. I, p. 145).

---

[77] Esta caixa deu origem, posteriormente, a caixa expressiva.

[78] No caso de ser um *Rückpositiv* é o primeiro teclado o do positivo porque assim a tração de notas não se cruza com os outros órgãos.

[79] Tiento ou Tento: Forma musical originada na Espanha em meados do século XV. Análogo às formas *Fantasia* e *Ricercare*. Inicialmente para vários instrumentos, nos finais do século XVI se tornou uma peça exclusiva para teclados. Forma tradicional do final do século XVI, é um tipo de obra geralmente estruturada em várias secções encadeadas, algumas vezes de caráter rítmico contrastante, baseadas numa sucessão de motivos que se imitam, circulando de voz em voz. O teclado partido veio permitir destacar a trama polifônica do *Tento*, uma ou mais linhas melódicas, solísticas ou concertantes, tanto no Registro superior como no inferior, dando assim lugar aos *Tentos de meio registro alto* (*de mão direita)*, B*aixo (de mão esquerda), de dois Tiples*, ou *de dois Baixos.*

A divisão ou partição de um teclado ibérico pode ser determinada através de suas réguas de registros. Estas réguas, também chamadas de registro, tratam-se de réguas de madeira que correm nas corrediças. Cada régua de registro possui um orifício correspondente a cada tubo do registro sob o qual está colocada. As corrediças ficam acima dos canais que estão sobre o reservatório de ar. Quando a régua é deslocada, por meio dos puxadores, permite a comunicação entre os canais e os tubos desse registro. Ao ser pressionada a tecla, a válvula é aberta permitindo que o ar passe do reservatório para o canal de nota, chegando então ao tubo, fazendo este soar.

A pedaleira existe nos grandes órgãos alemães desde a segunda metade do século XIV, tendo sua extensão aumentada a partir de finais do século XV (LAMA, 1995, vol. I, p. 167). Podem ter a forma reta, própria dos órgãos barrocos, ou côncava e radial, que surgiu em meados do século XIX. Os órgãos ibéricos não possuem pedaleira, mas um mecanismo chamado *contras* (redução de *contrabajo,* ou contrabaixo). Para acionar este mecanismos, existem duas formas de acionamento das notas: a) pisas[80], em forma de pequenas alavancas; b) botões, semelhantes à letra "T". Quanto a extensão, existem dois tipos: **a) Oitava diatônica** – surge por volta do começo do século XVI e corresponde a um acoplamento da primeira oitava do teclado, sendo composta pelas notas: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si^{b} e Si; **b) oitava cromática** – aparecem nos grandes órgãos de igreja a partir de 1730/1740, sendo constituída no máximo por doze ou treze notas (LAMA, 1995, vol. I, p. 170).

Os puxadores dos registros de vozes, localizados lateralmente no consolo dos órgãos de tubos mecânicos, são responsáveis pelo acionado dos registros de vozes. Em Portugal são chamados "manúbrios", na Espanha, "*tirantes*". Nos órgãos ibéricos os puxadores de registros encontram-se agrupados de acordo com o teclado e a metade do teclado partido a que pertencem. Portanto, existem registros de vozes, com puxadores de registros distintos para cada uma dessas metades dos manuais, sendo conhecidos como registros divididos ou *Medio Registros*. Cada uma das metades do teclado são nomeadas por baixos (*bajos*) e os sopranos (*tiples*). Os registros partidos são conhecidos como

[80] O termo tem sua origem na ação de pisar.

registros de registro de mão esquerda (*medio registro bajo*) e de mão direita (*medio registro de tiple*). Alguns desses registros existem somente em cada metade do manual, outros são inteiros (*Registro de Lleno*), mas com puxadores distintos para cada metade do teclado. Este recurso é próprio da escola de construção da organaria ibérica, que permite uma registração solo para a mão direita (metade do soprano) e uma outra para acompanhamento (metade do baixo), em um mesmo manual, sendo adequado a estética das obras musicas organística do repertório ibérico. Outros países se utilizaram deste recurso, tais como: Itália, Inglaterra e Holanda. Contudo, ninguém utilizou-se mais desse recurso como os compositores ibéricos.

Em termos sonoros, a tubaria é a parte mais importante do instrumento. O órgão pode ser visto como um conjunto de flautas, e portanto, um instrumento de sopro executado por teclado. Os tubos de um órgão[81] são organizados por conjuntos de mesmos tipos de tubos, chamados de registros de vozes. Estes podem possuir uma ou mais fileiras de tubos. Os tubos são responsáveis pela emissão sonora, sendo classificados em: tubos labiais (subdivididos em principais, flautas e cordas), sendo construídos em ligas de metal ou em madeira; e os tubos de palhetas (subdivididas em palhetas livre ou batentes). Os tubos labiais podem são classificados em abertos, soando na altura real, ou tapados, soando uma oitava abaixo.

Os tubos labiais podem ser construídos em metal (forma cilíndrica) ou em madeira (geralmente a forma quadrada). Nos tubos Labiais, o timbre depende muito da proporção entre o diâmetro e a altura[82], além da liga ou do material utilizado, bem como das formas do lábio, das orelhas, e da forma do corpo do tubo. A altura da nota (a frequência) está diretamente relacionada à altura do tubo e seu diâmetro, que é proporcional à altura do mesmo. Nos tubos de palhetas, por sua vez, depende do comprimento da palheta. Nos labiais de metal, são empregados materiais como estanho, chumbo, cobre, latão e zinco ou

---

[81] Em Portugal, e no Brasil Colonial, os tubos eram chamado de canos, e o conjunto destes, canaria.

[82] Como os tubos estão, em regra, posicionados verticalmente nos órgãos, utiliza-se aqui o termo "altura", que se refere à dimensão vertical. Comprimento é atribuído a uma dimensão horizontal ou longitudinal. Na Alemanha e na França utiliza-se o termo de "altura" somente para se referir a altura sonora do tubo, senão diz-se comprimento *Fr-longuer, D-Länge*.

ligas; nos labiais de madeira, utiliza-se geralmente carvalho, pinho, cedro, nogueira, mogno ou cerejeira, dentre outras.

As partes que constituem um tubo do órgão são as seguintes:

a) **Tubo labial de metal** (Figura 16a): 1) lábio superior, 2) orelhas, 3) alma, e 4) lábio inferior;

b) **Tubo labial de madeira** (Figura 16b): A) corpo, B) alma, C) parede, D) orelhas, E) lábio inferior, F) pé, G) furo do pé, H) embolo de afinação, em tubo tapado, e I) tampa do lábio inferior;

c) **Tubo de Palheta** (Figura 16c): A) cânula, B) soquete do pé, C) ressonador, D) palheta, E) vareta de afinação, F) soquete da cânula, G) pé e H) furo do pé. As palhetas destes tubos são, em sua grande maioria, batentes, ou livres, no caso do registro de Clarinete.

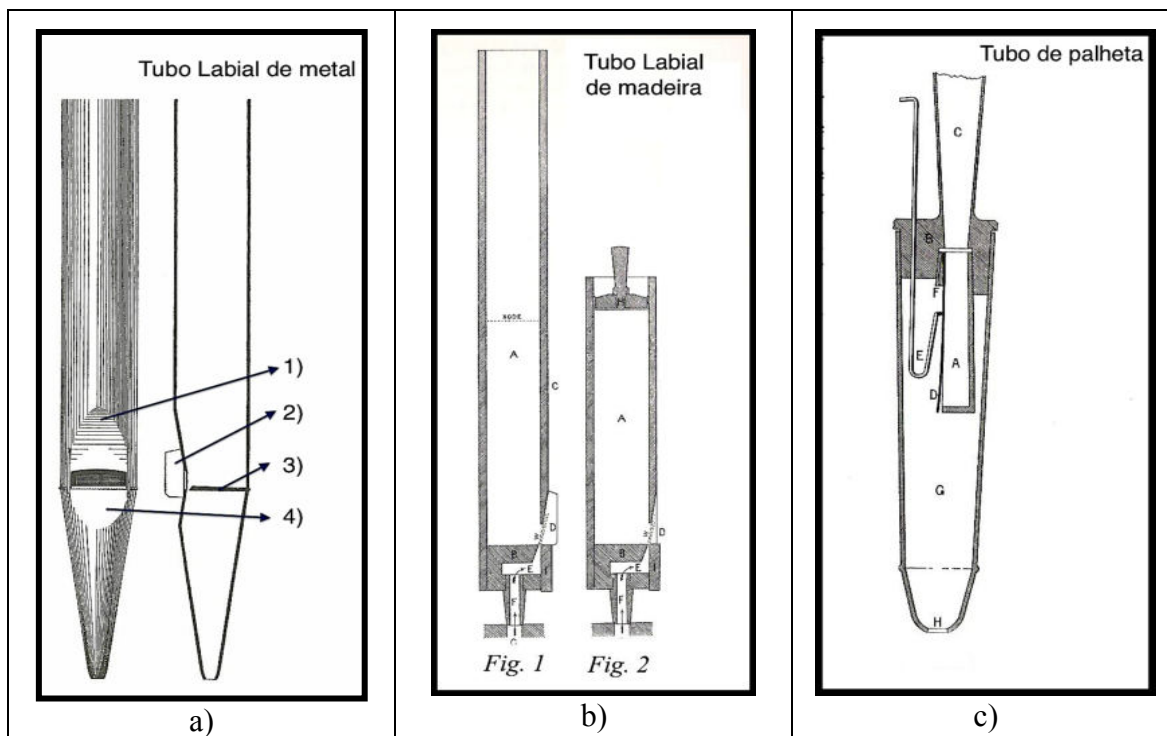



Figura 16: Os tipos de tubos de um órgão
Fonte: Acervo de figuras do autor – AUSDLEY, 1965: vol II, p. 549; vol. I, p. 358; vol II, p.600.

Atualmente, a referência a altura dos registros de vozes é feita no sistema de medida anglo-germânica, que corresponde à medida aproximada do tubo mais grave deste

registro de voz. No entanto, do século XV até a metade do século XVIII, enquanto em toda Europa era utilizada essa medida em pés, o palmo[83] permaneceu como padrão na Península Ibérica. O palmo começou a cair em desuso durante o período da Revolução Industrial, com a influência de nomes de registros mais modernos, que apareciam em muitos órgãos importados adquiridos naquela época. Existe uma diferença entre os valores de medida, demonstradas na TAB. 1, a seguir, a saber:

Tabela 1 – Comparação dos sistemas de medida da altura de um tubo: pés x palmos.

Nomenclatura em pés		Nomenclatura em palmos	
Altura em pés[84]	Em metros[85]	Altura em palmos[86]	Em metros
16’	5,512	24	5,40
8’	2,606	12	2,70
4’	1,303	6	1,35
2’	0,652	3	0,68
1’	0,326	1,5	0,34

Na Península Ibérica e no Brasil os registros do órgão receberam nomes de acordo com o intervalo em relação ao registro de 12 palmos (8 pés). Na Espanha, o registro 8 pés corresponde a 13 palmos, e o de 16 pés, a 26 palmos. Nas outras escolas de organaria europeias, os registros recebem nomes especiais, segundo o quadro a seguir.

Quadro 1 – Nomenclatura dos registro das escolas de organaria

Série de Parciais 8’	Península Ibérica	Anglo-saxônica	França
8’	Flautado	Principal	Montre
4’	Oitava	Octave Prinzipal	Prestant
2 2/3’	Dozena	Quinte	Nazard
2’	Quinzena	Super-octave/ Superoktave	Doublette
1 3/5’	Dezassetena (XVII)	Seventeenth	Tierce
1 1/3’	Dezanovena (XIX)	Nineteenth	Larigot
1’	Vintedozena (XXII)	Twenty-Second/ Octave Fifteenth	Picollo

[83] Um palmo corresponde a 22,5 cm, e um pé tem 30,48 cm.
[84] Essas medidas em pés ou em palmos são valores aproximados para um número inteiro. As alturas dos tubos variam de acordo com o diâmetro (tubos de metal) e a largura x profundidade (tubos de madeira).
[85] A medida do tubo em metros varia de acordo com o formato do mesmo.
[86] Segundo nomenclatura ibérico portuguesa.

Os registros de palhetas (*Lingueteria*) ibéricos tem como características sonoras serem brilhantes, um pouco nasaladas, penetrantes (sem serem dominadoras) e de resposta imediata. Funcionando bem como registro solo, como também parte de um *Full Chorus*, sem dominar esta combinação. Citam-se dois principais registros de palhetas encontrados nesses órgãos: as *Regalies* (palhetas de pequeno comprimento) e as *Trompetas Horizontales* (*Lengüetería Tendida* ou de *Batalla*).

As Trombetas Horizontais[87], característica fundamental do conjunto de registro de vozes da escola de organaria ibérica, visualmente destacadas nas caixas dos órgãos, são os tubos de palheta dispostos horizontalmente ao longo da fachada dos instrumentos, aparelhados em forma de artilharia, como os canhões de uma nau. Primeiramente, a partir de 1580, foram inseridas na fachadas dos órgãos ibéricos os registro de Regalias. Os registros de palhetas horizontais são incluídas em cinco etapas[88]: **Iª etapa (**1659), registro de *Clarin*; **IIª etapa** (1683), registros *Bajoncillo* e *Clarin*; **IIIª etapa (**1695), registros *Trompeta Magna*, *Trompeta de Batalha*, Chirimia, e *Clarines Tiples*; **IVª etapa (**1725), seis médios registros na fachada – *Trompeta de Batalha* e *Trompeta Magna*, *Bajoncillo* e *Clarin, e Oboe e Clarin;* **Vª etapa (**1780 a 1830), o ponto culminante, surgem novos registros e aumentam as tessituras.

É um dos recursos essenciais para a execução dos ritmos de fanfarra, dos motivos em eco e das sequências de acordes nas “Batalhas”, peça organística de origem ibérica. Cada metade do manual possue um jogo de palhetas. Normalmente o registro de Clarim para a mão direita, e o registro de Trombeta para a mão esquerda. Assim, fica claro o efeito de uma batalha, anunciada pelas trombetas do órgão de tubos. Em órgãos positivos de armário de menor porte, ou mesmo em órgãos realejos, as palhetas geralmente estão situadas dentro da caixa do instrumento, correspondendo a primeira fileira de tubos, junto às portas destes órgãos. Nos órgãos com manual eco, os jogos de palhetas são de timbres suaves: o *Bué*, *Dulçainas*, entre outros.

Também fazem parte do conjunto dos puxadores os registros de acoplamento,

---

[87] O organeiro francês Arístide Cavaillé-Coll (1811-1899) inclui as Trombetas Horizontais em seus órgãos de tubos, sendo designadas por *Chamade*, ou *En Chamade.*
[88] LAMA, 1995, vol. I, p. 293.

que servem para unir os registros de vozes de uma teclado a outro, e os registros de adorno, os *Pajaritos*, o *Tambor* e *Timbales,* as *Campanillas*, entre outros mais.

O quadro a seguir sistematiza a classificação dos registros de vozes de um órgão de tubos, com foco na escola ibérica de organaria.

Quadro 2 – Classificação dos registros da escola de organaria ibérica

<table>
<tr><td rowspan="8">REGISTROS MUSICALES</td><td rowspan="5">Labiales</td><td rowspan="3">De fondo</td><td>Principales</td><td>• Talla intermedia: Flautado, Octava, Prinzipal
• Talla estrecha o mordentes: Salicional, Viola de Gamba
• Tipo cónico: Gemshorn</td></tr>
<tr><td>Flautas</td><td>• Cilíndricas: Flauta dulce
• Cónicas: Flauta de punta</td></tr>
<tr><td>Bordones</td><td>• Tapados: Violón, Subajo, Tapadillo, Gedackt
• Semitapados: Flauta chimenea</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Armónicos o mutaciones</td><td>Simples</td><td>• Principales: Docena, Decinovena
• Nazardos: Nazardo en 12ª, Decisetena, Larigot</td></tr>
<tr><td>Compuestos</td><td>• Principales: Lleno, Címbala, Mixtur
• Flautas: Sesquialtera, Corneta</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Lengüetas</td><td rowspan="2">Lengüeta batiente</td><td>Con gran resonador</td><td>• Cónicos: Trompeta, Clarín, Bombarda, Clarín de campaña
• Cilíndricos: Cromorno
• De forma variada: Oboe, Clarinete, Dulcian</td></tr>
<tr><td colspan="2">Con resonador corto: Regalía, Orlos, Voz Humana</td></tr>
<tr><td colspan="3">Lengüeta libre: clarinete</td></tr>
<tr><td colspan="5"></td></tr>
<tr><td rowspan="3">REGISTROS DE ADORNO O EFECTO</td><td>Con tubos</td><td colspan="3">• Con tubos pequeños: Pájaros, Jilgueros, y Ruiseñores
• Con tubos grandes: Timbales y Tambores
• Con tubos de lengüeta: Roncos de Gaita</td></tr>
<tr><td colspan="4">De percusión: Cascabeles, Campanillas y Revolanderas</td></tr>
<tr><td colspan="4">Efectos: Trueno, Orage, Voces Grotescas y Barbones</td></tr>
</table>

Fonte: Acervo de figuras do autor – ACIN, 1998, p. 354.

Existem três formas de disposição dos tubos no someiro do órgão: **a) A forma cromática** – os tubos estão nas fileiras em sequência cromática, de meio em meio tom, na correspondência direta do teclado. Esta disposição é usada em registros inteiros e em registros divididos (*medio registros*). Assim, os tubos graves ficam posicionado ao lado esquerdo do someiro e os tubos agudos a direita do someiro. Quando a caixa do órgão é em forma de teto, a disposição dos tubos dos registros do *bajo* estão posicionados ao centro do someiro, ou seja, os tubos graves dos *bajos* e dos *tiples* estão ao centro e os tubos agudos nos extremos; **b) Lado de Dó e Lado de Dó$^{\#}$** − de acordo com essa forma os tubos estão distribuídos seguindo a um padrão de disposição no qual a primeira nota de cada oitava é colocada ao lado direito e a nota seguinte ao lado esquerdo, sendo essa sequência mantida em todo o teclado. Segundo Hugo Riemann, quando o someiro está dividido em duas metades, uma parte é denominada "lado de Dó" e a outra metade é o "lado de Dó$^{\#}$" (RIEMANN, 1929, p. 152). Alguns órgãos possuem dois someiro separados para um desses lados; **c) Disposição em terças** – em terça maior (C-E-G# / C#-F-A / D-F#-B / D#-G-B), ou em terça menor (C-D#-F#-A / C#-E-G-Bb / D-F-G#-B).

Nos órgãos de tubos Ibéricos, o someiro é do tipo de corrediça e com distribuição cromática dos tubos. Este é dividido em duas partes separadas, correspondentes diretamente a cada metade do manual. O someiro é composto por: um depósito de ar, as válvulas, os canais, as corrediças e o contra-someiro. Dentro do depósito de ar do someiro existem válvulas e cada uma dessas está ligada a uma tecla do manual por meio de uma vareta ou fio de arame. Quando é pressionada a tecla, abre-se uma válvula permitindo a passagem do ar do reservatório para os canais abaixo dos tubos. O puxador de registro de voz aciona cada corrediça correspondente a essa fileira de tubos, fazendo-os soar. O comprimento do someiro equivale à extensão do teclado e à largura da fileira dos tubos.

Os dutos de condução e distribuição do ar servem para levar o ar dos foles ao someiro, alimentando os tubos do órgão. Geralmente são empregados, em sua construção, matérias tais como madeira e chumbo.

Até onde se pode comprovar documentalmente, os primeiros órgãos de tubos enviados ao Brasil, assim como também os que foram construídos posteriormente por organeiros brasileiros, possuíam somente um manual, sendo este teclado partido, conforme

a tradição ibérica da época. Somente no século XIX, com a vinda dos instrumentos importados da Inglaterra, França e Alemanha, surgiram os órgãos de tubos com dois ou mais manuais e pedaleira, de acordo com cada escola de organaria.

A ação mecânica do órgão de tubos é responsável pelo acionamento do instrumento. Nessa parte do instrumento estão incluídos a mecânica dos teclados e dos registros. A mecânica dos foles faz parte deste grupo, mas, nesse trabalho, será abordado separadamente na pneumática do órgão de tubos. O sistema de tração mecânica é mais antigo, tendo sido usado desde o início do órgão de tubos, e se mostrado o mais eficiente na resposta dos tubos do órgão, é o mais expressivo dos sistemas de tração, permitindo uma melhor articulação das notas e uma extensa gama de diferentes tipos de toques. O sistema mecânico permite um melhor controle da abertura e fechamento das válvulas, responsável pelo ataque e o desataque das notas (liberação das notas).

O mecanismo de transmissão refere-se a toda a mecânica responsável pelo acionamento do tubos, através dos manuais e da pedaleira. Fazem parte dessa divisão, na sequência de posicionamento no sistema mecânico::

a) **Os teclados:** acionados pelas mãos (manual) e pés do organista (pedaleira), é o ponto principal de contato do instrumentista com o instrumento;
b) **As tábuas de redução:** trata-se de uma tábua vertical[89], paralela aos manuais e pedaleira, responsável pela transmissão do movimento dos teclado até as válvulas do someiro. A tábua de redução é composta por molinete de redução (horizontal ou vertical), vareta de tração[90], vareta de pressão, esquadro, braço e eixo. A tábua de redução é confeccionada sempre em madeira, mas as demais partes podem ser em metal ou madeira;
c) **As válvula do someiro:** localizada dentro do secreto, abaixo do canal tonal, tem como função permitir ou obstruir a passagem do ar para o canal tonal relativos a cada tecla do manual ou da pedaleira.

[89] Existem tábuas de redução distintas para os manuais e para a pedaleira.
[90] Em alguns órgãos são usados arames de tração.

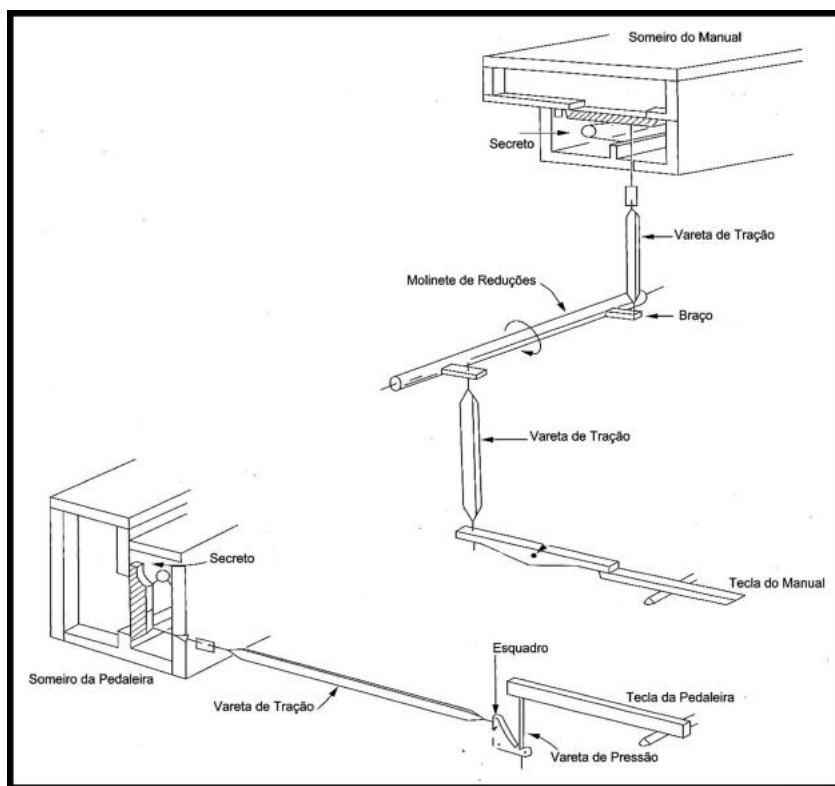



Figura 17: O mecanismo de transmissão de um órgão de tubos
Fonte: Acervo de figuras do autor – BUSH, 2006, p. 8.

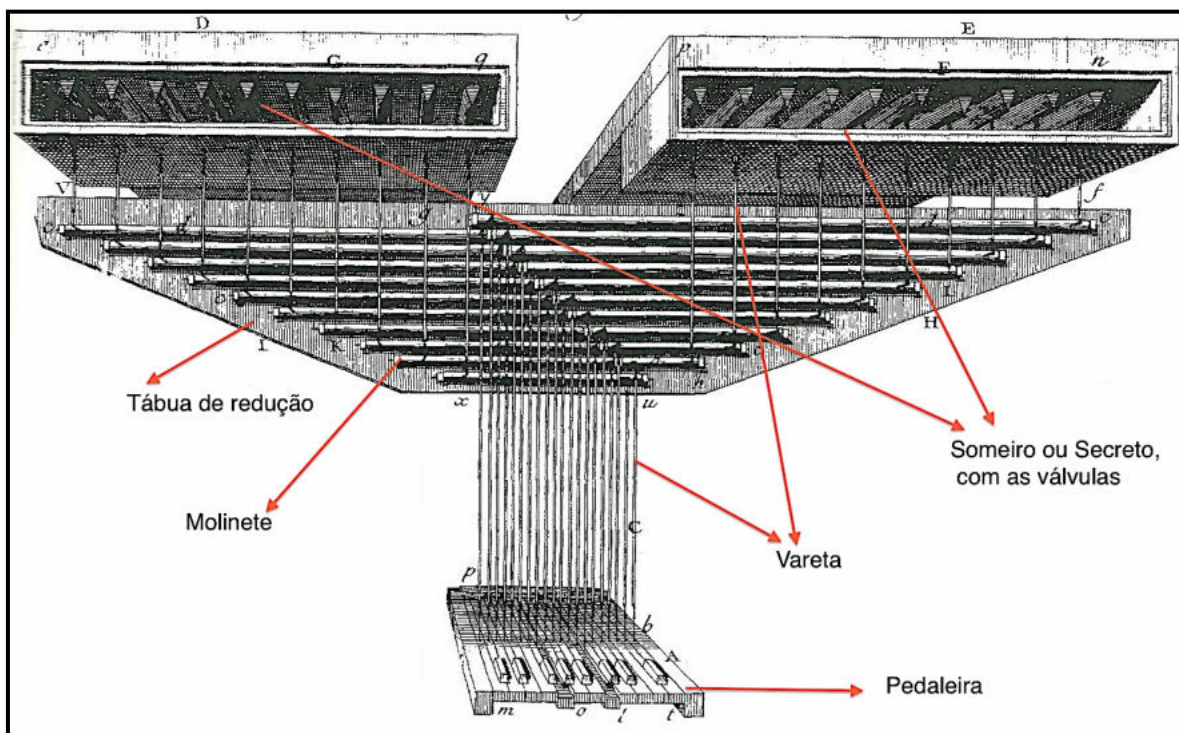



Figura 18: O esquema completo dos mecanismos do teclado um órgão de tubos
Fonte: Acervo de figuras do autor – BEDOS DE CELLES, [1766] 2010, Pl. XLVL.

O mecanismo dos puxadores de registros engloba toda a mecânica responsável pelo acionamento das réguas dos registros de vozes do órgão de tubos. Estão incluídos os puxadores de registro (manúbrio ou tirante), os molinetes de registro, biela, alavanca de corrediça e as réguas de registro. Ao ser acionado o puxador de registro, o mecanismo movimenta as réguas de registros no someiro, fazendo coincidir os furos desta régua com os furos do pé do tubos, permitindo que ar do reservatório do someiro faça soar os tubos deste registro de voz, ao serem acionadas as respectivas teclas. A figura a seguir exemplifica detalhadamente cada uma dessas partes do mecanismo.

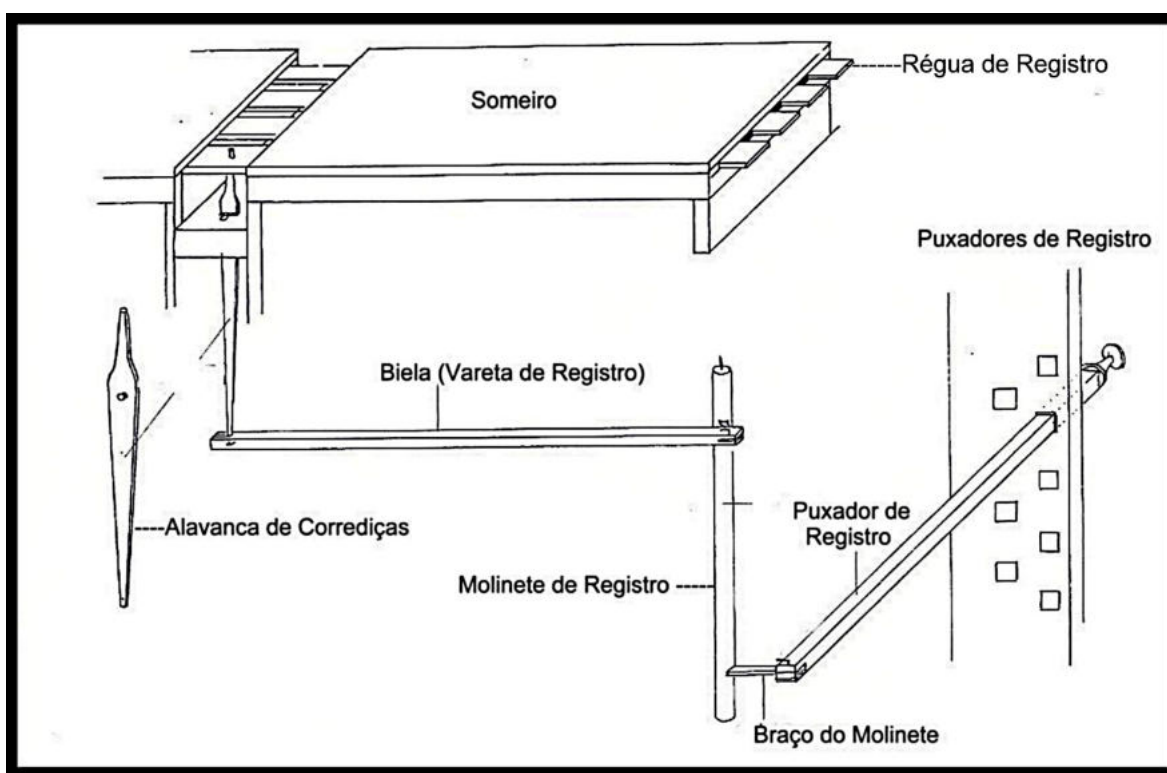



Figura 19: O mecanismo dos registros de vozes de um órgão de tubos
Fonte: Acervo de figuras do autor – PRAET, 2000, p. 205.

A pneumática dos órgãos de tubos é constituída pelos foles, someiros, os dutos de condução e os dutos de distribuição do ar. Os foles são responsáveis pela produção de ar para alimentar os tubos, sendo considerado como "os pulmões" do órgão de tubos. Existiram vários tipos de foles, contudo, este estudo se restringe apenas ao fole de cunha (fole diagonal), e ao fole "reservatório e fole-alimentador" (*reservoir and feeder-bellows*), usados nos órgãos de tubos históricos ibéricos do Brasil Colonial e Imperial.

Os foles usados desde o período medieval até o século XVIII, e parte do século XIX, eram do tipo de cunha, com pregas internas, que produziam um “ar mais vivo”[91], menos estável como são nos órgãos modernos. A figura a seguir, mostra um fole de cunha.

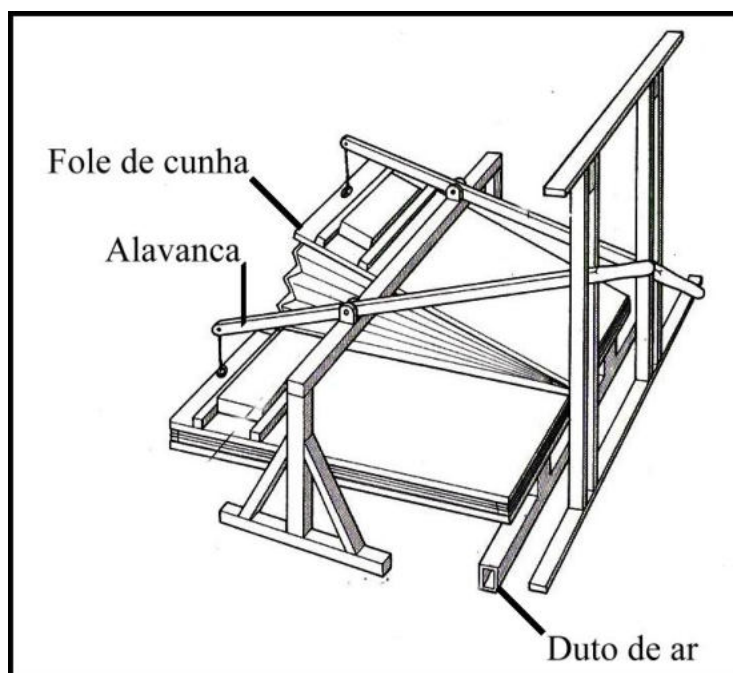



Figura 20: O fole de cunha
Fonte: Acervo de figuras do autor – WILLIAMS; OWEN, 1988, p. 21.

Os foles de pregas paralelas ou “reservatório horizontal” surgiram no início do século XIX e tem pregas alternadas entre internas (prega padrão) e salientes, conhecidos como “reservatório[92] e role-alimentador[93]”, ou *reservoir and feeder-bellows* (WILLIAMS; OWEN, 1984, p. 21). Nesse sistema, o fole-alimentador gera o ar que é bombeado para um reservatório maior, o qual fica na parte superior do conjunto. O fole Alimentador e o reservatório abrem em sentido contrário. Este reservatório tem a função de manter a estabilidade do ar. A figura a seguir, apresenta o corte transversal desse tipo de fole.

---

[91] Esse termo, comumente utilizado pela organaria, se refere ao ar produzido pelos foles, que não é constante (mais instável), em oposição ao ar produzido por motor elétrico (ventoinha), que é sempre constante (mais estável). O termo vivo é uma analogia à respiração humana.
[92] São foles horizontais ou foles de pregas paralelas, que servem como reservatório de ar. Podem ter uma ou duas pregas. Os reservatórios de pregas duplas proporcionam maior capacidade e boa estabilidade.
[93] São foles em forma de cunha, também chamados de bombas. Geralmente, são usados a partir de dois foles.

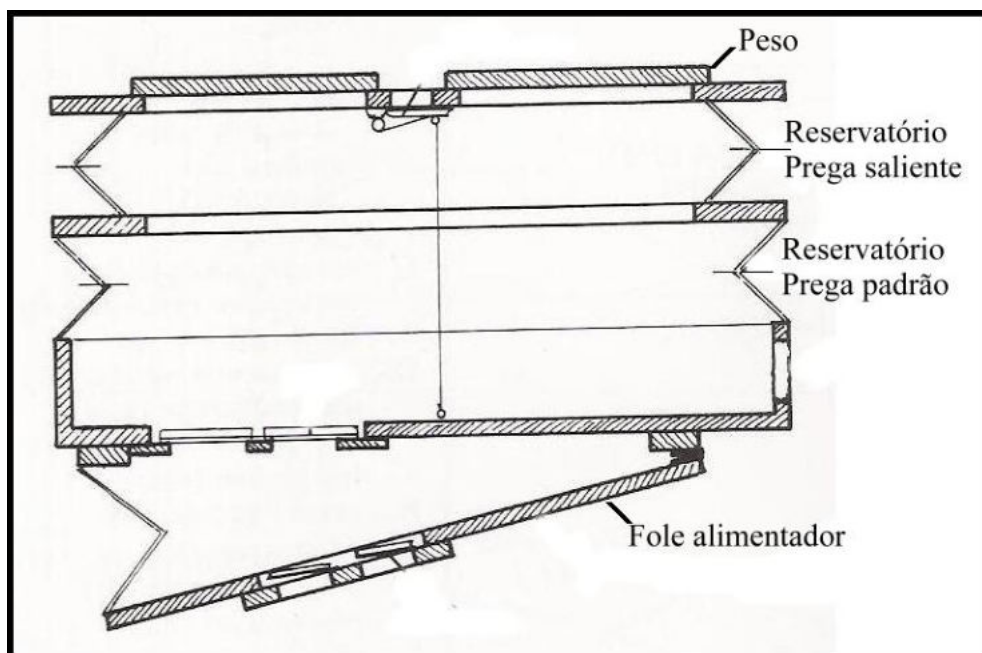



Figura 21: Fole do tipo reservatório e fole-alimentador
Fonte: Acervo de figuras do autor – PRAET, 1989, p. 97.

O someiro, também conhecido como secreto[94], é uma caixa retangular, hermeticamente fechada, construída em madeira, e tem como função principal receber o ar dos foles, armazená-lo e distribuí-lo para os canais de notas, suprindo os tubos colocados sobre ele, ao serem acionadas as válvulas, por meio da tecla. O someiro é uma caixa inteira, mas composto por duas partes. A parte inferior tem a função servir como reservatório de ar, a parte superior, de distribuir o ar através dos canais de notas. Quando as válvulas, tem a função intermediária na passagem do ar deste reservatório para os canais de notas. Na parte frontal dessa caixa encontra-se a tampa do reservatório do someiro, para o acesso ao reservatório de ar do someiro. Na superfície superior do someiro, acima da caixa dos canais e transversais a estes, encontram-se as réguas de registro (*corredeiras*), que deslisam entre a falsa corrediça (falso registro). Acima desta parte, encontra-se uma tampa do someiro com furos para apoiar o pé dos tubos. Nesta mesma superfície encontram-se as mesas superiores (*Panderetes*), uma para cada registro de voz, que firmam os tubos na posição vertical. Existem três tipos de someiros: de corrediça, de válvula única e de válvula cônica.

[94] Era prática os organeiros esconderem nesta parte do someiro informações sobra a construção do órgão: dados técnicos do instrumento, data de construção e o nome do organeiro construtor.

A figura a seguir, um corte longitudinal de um órgão de tubos mecânico, demonstra o funcionamento deste instrumento e compreende as seguintes partes: os foles de cunha e o folista (foleiro), a caixa do órgão, o someiro, a tubaria, os dutos de ar, os mecanismos, o secreto, os teclados (manuais e pedaleira), o organista e o órgão positivo de costas, a *cadeireta*.

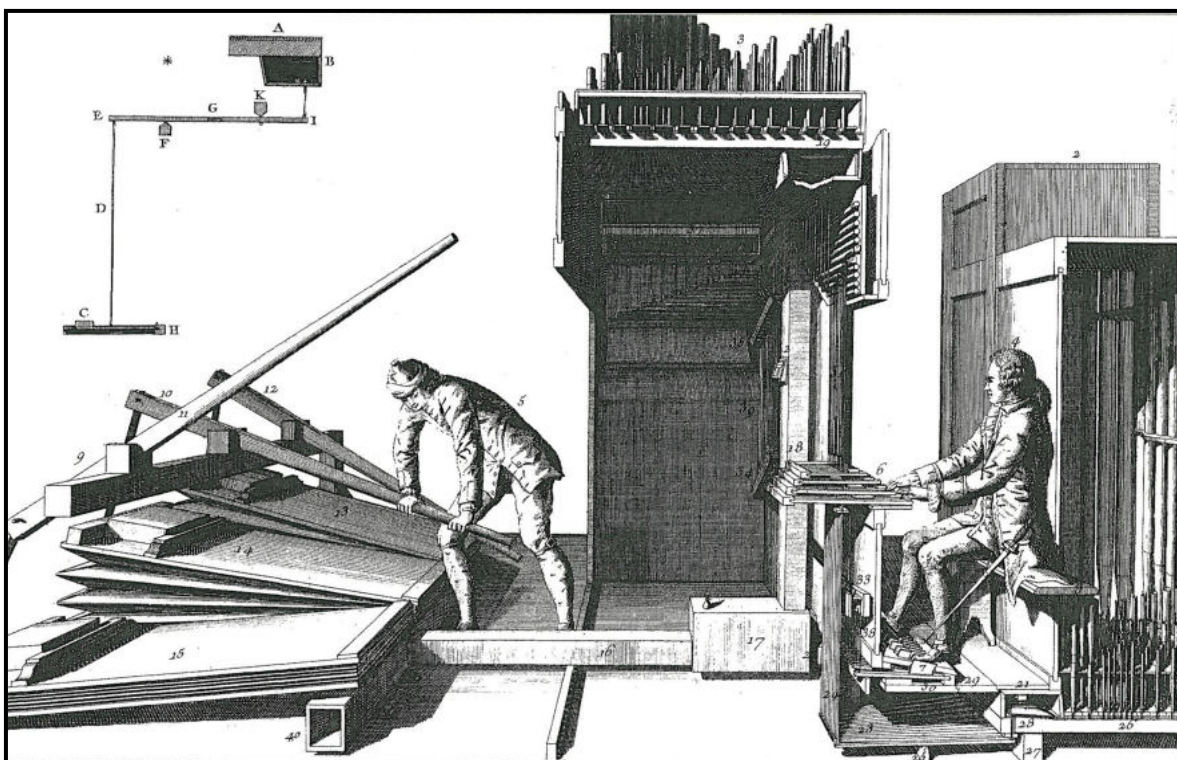



Figura 22: Corte longitudinal de um órgão de tubos mecânico
Fonte: Acervo de figuras do autor – BEDOS DE CELLES, [1766] 2010, Pl. LII.

Os órgãos vindos de Portugal e construídos Brasil durante os Períodos Colonial e Imperial Brasileiro pertenciam à escola de organaria ibérica portuguesa. O órgão de tubos da Igreja do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, construído por Agostinho Rodrigues Leite, é o único exemplar existente de um grande órgão de igreja, representativo da excelência de construção da escola de organaria colonial brasileira do século XVIII. Contudo, atualmente não mais se encontra integralmente constituído, tendo sido bastante modificado durante o século XX.

Com a vinda dos órgãos de tubos importados, após a abertura dos portos em 1808, foram instalados órgãos de tubos das escolas de organaria inglesa, francesa e alemã.

2. CAPÍTULO 2: REGISTROS DA HISTÓRIA ORGANÍSTICA BRASILEIRA

A história do órgão de tubos no Brasil está diretamente ligada ao uso no culto cristão, seja na Igreja Católica Romana ou na Igreja Protestante Reformada. Durante os Períodos Colonial e Imperial Brasileiro, o órgão de tubos foi largamente usado na liturgia das Igreja Católicas no Estado de Brasil. Nestes períodos, a religião oficial era a Católica Romana, e o órgão de tubos era considerado um instrumento essencial à diginidade do culto. Deste modo, o Brasil teve uma tradição organística desde os primórdios de sua existência, resultado da estreita ligação entre a Coroa Portuguesa e o Altar.

Não podem ser descartadas as missões protestantes em alguns eventos pontuais no Período Colonial e, posteriormente, quando se estabeleceram durante o Período Imperial. O primeiro destes ocorreu durante as invasões dos franceses Calvinistas, os Huguenotes, que fugiam de perseguições religiosas em sua pátria. Tinham o intuito de fundar a França Antártica, em uma ilha na Guanabara, então Capitania de São Vicente, atualmente, cidade do Rio de Janeiro. Estes permaneceram no Estado do Brasil no período de 1555 a 1556. Nesta época, os Calvinistas holandeses não usavam órgãos de tubos em sua liturgia. Quanto as invasões que se seguiram, não existem registros documentais que confirmem o uso do órgão de tubos em seus cultos. No século seguinte, ocorreram duas invasões. Primeiramente no Estado do Maranhão, 1612 a 1615, onde fundaram a França Equinocial e a futura cidade de mesmo nome. Entre os anos de 1624 e 1654 o Estado do Brasil foi invadido pelos holandeses calvinistas. A invasão abrangeu a região do Rio São Francisco ao Estado do Maranhão, e ficou centralizada em Recife e Olinda. A vinda dos holandeses foi resultado do conflito entre Espanha e os Países Baixos, durante União Ibérica, quando Portugal esteve sob o governo espanhol da Dinastia Filipina (1580-1640). Além da religião[95] e do comércio, os holandeses trouxeram cientistas e artistas, criando um ambiente cultural semelhante ao europeu. Presumivelmente foram usados órgãos de tubos nos cultos protestantes no Brasil nas invasões holandesas do século XVII, pois, segundo Peter Williams, os órgãos passaram a ser usados na liturgia calvinista na Holanda entre os

---

[95] Essa invasão foi marcada pela tolerância religiosa, quando então foi fundada a primeira sinagoga das Américas, em Pernambuco, na Cidade do Recife.

anos de 1620 e 1650 (WILLIAMS, 1968, p. 37). Posteriormente, no século XVIII, os franceses retornaram o Rio de Janeiro em dois breves períodos de invasões de combate: por Jean-François Duclerc, em 1710; e por René Duguay-Trouin, em 1711.

Em 1808, por meio do decreto, os portos brasileiros foram abertos às nações amigas. Ainda nesse mesmo ano, no dia 25 de novembro, um segundo tratado foi assinado permitindo o comércio e a indústria, como também garantias aos imigrantes independentes de nacionalidade e de credo religioso. Assim, os primeiros imigrantes se estabeleceram no Brasil, sendo fundada oficialmente a primeira Igreja Reformada no Brasil, pelos Anglicanos, em 12 de agosto de 1819, na Cidade do Rio de Janeiro.

Em sequência à independência do Brasil, proclamada em 7 de setembro de 1822 por Dom Pedro I, foi promulgada a Constituição Brasileira de 1824, que tratou das liberdades religiosas. No Título 1º, *Do Império do Brasil, seu Território, Governo, Dinastia, e Religião*, no artigo 5º, assim estabelecia: "A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo". Mais adiante, no Título 8º, *Das Disposições Gerais e Garantias de Direitos Civis e Políticos dos Cidadãos Brasileiros*, Artigo 179, Parágrafo V, "Ninguém por ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado e não ofenda a moral pública".

Após a promulgação dessa constituição, em 1824, vieram outros imigrantes e missionários protestantes europeus na seguinte sequência: primeiramente os Luteranos (1824), em Nova Friburgo, Rio de Janeiro; os Metodistas (1835), os Congregacionais (1855), os Presbiterianos (1859), Rio de Janeiro; e os Batistas (1871). Desde então, a Igreja Reformada se estabeleceu no Brasil, permanecendo até os nossos dias. Estudos focados no uso do órgão de tubos pelos protestantes, na história do Brasil, ainda são muito escassos.

2.1. A TRADIÇÃO ORGANÍSTICA DOS COLONIZADORES PORTUGUESES

Através da história de Portugal é revelada a importância o uso do órgão de tubos nas práticas religiosas dos colonizadores, podendo ser considerado como o instrumento de maior prestígio no ambiente eclesiástico.

Desde sua fundação, a nação portuguesa mantém uma tradição musical fomentada pela Casa Real Portuguesa[96] em suas quatro dinastias[97]: **1ª) Dinastia Afonsina** (1143-1385); **2ª) Dinastia de Avis** (1385-1580); **3ª) Dinastia Filipina** (1581-1640)[98]; **4ª) Dinastia de Bragança** (1640-1910). Seus monarcas foram apreciadores, cultivadores, mecenas musicais e possuíram bibliotecas de música. Alguns destes monarcas eram estudiosos, compositores e músicos práticos. O Rei Dom Duarte I[99] (1391-1438), O Eloquente, em seu livro *Leal Conselheiro* reservou dois capítulos que tratam do modo de se cantar e dos cantos usados nos vários Ofícios Divinos na Capela Real Portuguesa. São eles: o Capítulo XCV, *Do reygimento que se deve teer na Capeella pera seer bem regida* (D. DUARTE I, 1842, p. 449); e o Capítulo XCVI, *Do tempo que se deteem nos ofícios da Capeella* (D. DUARTE I, 1842, p. 455). Em sua outra obra *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*, o capítulo XV, que tem como título: *Do louvor das manhãs* (D. DUARTE I, 1842, p. 631). Dom João IV (1604-1656), O Restaurador, era compositor, teórico e possuidor de uma vasta biblioteca de música[100]. Destacou-se também Dom João V (1689-1750), O Magnânimo, por sua biblioteca de música e por seu estímulo ao desenvolvimento da música em Portugal.

A música na Capela Real de Portugal, fundada por Dom Dinis I em 1299, revela a preocupação dos reis lusitanos não somente com Culto Divino, mas com a qualidade da música. Dom João V buscou músicos e cantores para a sua igreja patriarcal, começando em Portugal a influência italiana na música portuguesa. Dentre estes músicos estava o compositor Domenico Scarlatti, que teve do Rei todas as condições para desenvolver o seu trabalho. Também mandou vir de Roma cantocanistas e liturgistas, e, enviou músicos portugueses para estudar na Itália. Na Capela Real Portuguesa o órgão era considerado o instrumento litúrgico por excelência, e, em suas solenidades, teve um coro de

---

[96] O termo "Casa Real" possui múltiplo sentido que tanto se refere à família real reinante, como ao local físico onde se alojava o rei, o conjunto de funcionários e os bens próprios do monarca.
[97] Fonte: www.casarealportuguesa.org.
[98] A Dinastia Filipina reinou durante a União Ibérica, quando Portugal e suas colônias estiveram sob o governo espanhol.
[99] Reinou em Portugal no período de 1433 a 1438. Também conhecido como O Rei-Filósofo.
[100] Esta biblioteca foi destruída pelo terremoto de Lisboa em 1755.

até setenta cantores, muitos deles entre os melhores da Itália.

Citam-se três organistas que durante o século XV trabalharam para reis ou em ordens monásticas, todos chamados João Álvares[101]. O primeiro foi organista do Infante Dom Fernando, em 1437; o segundo no monastério de São Vicente de Fora, em 1486; e o terceiro, trabalhou para Dom João II, em 1493 (BUSH, 2006. P. 431). Entre os compositores portugueses organistas, destacam-se entre vários[102]: Antônio Carreira, natural de Lisboa (1520-1587?)[103]; Manuel Rodrigues Coelho, Natural de Elvas (ca. 1555 – 1635); Pedro Pimentel, natural de Lisboa (?-1599); José Antônio Carlos de Seixas, natural de Coimbra (1704 – 1742) e Marcos Portugal, natural de Lisboa, (1762-1830).

Existiu na Europa, ao longo de muitos séculos, a chamada Diplomacia dos Teclados. Tendo a mesma dignidade de um objeto de arte, a representação do órgão foi considerada como um recurso na diplomacia. O órgão também era considerado um presente digno da realeza. Em visitas oficiais e eventos diplomáticos, os reis costumavam presentear os dirigentes de outros reinos com órgãos de tubos. O Imperador Bizantino Constantino V (741-775), no ano de 757 d.C., enviou um embaixador a Pepino (714-168), O Breve, rei dos Francos, e o presenteou com um órgão[104]. Este órgão de tubos, o primeiro conhecido na França, foi para a Igreja de São Cornélio, em Compiegne. A partir de então, nos séculos seguintes, tornou-se prática serem ofertados pequenos órgãos de tubos pelos monarcas. Curiosamente, em 1599 a Rainha Elizabeth I presenteou o Sultão Mehmed III, da Turquia, com um órgão de tubos mecânico, juntamente com seu construtor[105]. A narrativa deste evento diplomático encontra-se no diário do organeiro Thomas Dallam (ROSEDALE, 1904, p. 77).

Em Portugal, os navegadores utilizaram a música como um importante meio de diplomático. Os Monarcas Portugueses, embaixadores e negociantes presenteavam os soberanos africanos e asiáticos com órgãos de tubos e cravos. Em muitas vezes, estas

---

[101] Será tratado sobre este organista adiante deste texto.
[102] (MACHADO, 1754, tomos I a IV) e (MAZZA, 1944/45).
[103] Foi organista na Capela Real Portuguesa em Lisboa. Faleceu entre os anos de1587 e 1597.
[104] Este instrumento era um órgão pneumático com tubos de chumbo. Através deste presente, o órgão de tubos chega ao ocidente, através da França.
[105] Juntamente com estes presentes foi uma carruagem dourada para o Sultão.

ofertas eram acompanhadas com o envio de músicos para tocarem estes instrumentos, os tangedores de órgãos e tangedores de cravos. A importância destes presentes reside no fascínio pelo mecanismo complexo, por sua decoração e pelos sons que produziam estes instrumentos. Como ilustração desta prática diplomática, cita-se uma narrativa da crônica *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*[106] de Fernão Lopes de Castanheda[107].

> E despachado dõ Rodrigo &[108] Mateus se partirão pera Arquico levando dõ Rodrigo estas peças pera ho Preste[109], quatro panos darmar de figuras muytos finos, hũas coyraças de veludo cammesim cõ as outras peças douradas [...] & hũ punhal douro, [...] & hũ mapa com todas as terras que el Rey tinha na India cõ cruzes postas nelas, [...] & hũs orgãos. & hũ cravicordio, e hũ tangedor para eles, & pera raynha Helena mandou hũa meada de daljofar[110] grosso com hũa cruz de rubis, [...] & o governador & Antonio de Saldanha forão coeles hũ pedaço. (CASTANHEDA, 1833, Tomo V, cap. XXVIII, p. 180).

No ano de 1489, o Rei de Portugal, Dom João II (1455-1595), o Príncipe Perfeito, recebe em Beja uma embaixada do Reino do Manicongo (Congo). Este grupo é muito bem recebido e convertido ao cristianismo. A convite do Rei de Portugal, esta embaixada permaneceu em Portugal até o final de 1490, a fim de aprenderem mais da língua e da fé. Ao retornarem ao reino do Congo, o Rei de Portugal envia vários presentes, pelo embaixador do Congo. Na crônica *Vida e feitos D'El Rey Dom João Segundo*, de Garcia de Resende[111], estes presente encontram-se assim listados:

> [...]& em sua companhia muitos frades da ordem de Sam Francisco, & alguns delles bons letrados & de boa vida. E com elles mandou muitos & ricos ornamentos & cruzes, castiçaes, & galhetas, campaynhas & sinos, & orgãos, &

---

[106] A obra é uma coleção de oito densos livros da sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* foram publicados entre 1551 e 1554. Foi a primeira grande crônica da expansão a ser impresso.

[107] Castanheda (1500-1559) teve sua obra publicada pela primeira vez em 1551. Não esteve na esquadra de Cabral, mas viajou para a Índia portuguesa e lá permaneceu de 1528 a 1538 para obter informações sobre achamento e da conquista da Índia pelos portugueses. Assim, pode redigir sua obra por oito volumes.

[108] O "&" empregado em textos desta época representa a conjunção copulativa "e".

[109] O lendário presbítero ou preste João das Índias, um misterioso, poderoso e muito rico soberano de um vasto império, era sacerdote cristão de uma seita herética.

[110] Aljôfar - São pequenas pérolas que vinham do mar da Pérsia. Existiam as miúdas e as grossas. Eram elementos de grande consumo e enorme admiração.

[111] O cronista português Garcia de Resende (1470-1536), de origem nobre, foi um poeta, músico e arquiteto. Foi secretário particular do Rei Dom João II. Escreveu algumas obras como: *Crônicas de D. João II e Vida e feitos del rei D. João II.*

> muytos livros, & todalas outras cousas necessarias pera Igrejas, tudo em muyta perfeiçam. (RESENDE, 1622, f. 101v).

Sua importância era tal que durante o expansionismo português, juntamente com os religiosos, eram incluídos órgãos de tubos nas armadas[112], nas grandes expedições marítimas dos séculos XV e XVI. Durante estas viagens os órgãos de tubos serviam para as liturgias regulares, nas missas e nos ofícios divinos. Nas viagens eram celebradas missas regulares do calendário litúrgico, assim como também em ação de graças por terem sido guardados por Deus pelos mares. Como estavam a serviço de Deus, os religiosos missionários celebravam missas solenes[114] pelos reinos por onde passavam, com o objetivo era proclamar a fé católica aos povos não cristãos.

Considerando-se as circunstâncias das viagens nas naus, os diversos relatos das crônicas portuguesas e os órgão de tubos usados nas igrejas e capelas nesta época, certamente eram usados órgãos positivos de mesa, órgãos positivos de chão, ou mesmo os pequenos órgãos realejos. Estes eram instrumentos de pequeno porte, e usados para o Culto Divino no acompanhamento do canto dos fiéis nas procissões e nas capelas reais. Decerto, não eram órgãos portativos, pois estes instrumentos eram de menor extensão de teclado e possuíam menos registros. Portanto, não teriam sonoridade suficiente e adequada ao uso em ambientes abertos nestas viagens.

Em todas as crônicas portuguesas dos séculos XVI e XVII, analisadas e referidas neste texto, não encontra-se alguma descrição técnica ou mesmo detalhada do instrumento dos órgãos portáteis usados nestas expedições. Em *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, o cronista Fernão Lopes de Castanheda narra a armada de Lopo Soares, que em 1504 partiu em destino às Índias. Ao aportarem as naus em Cananor, Índia, foram em festas, nos batéis, ter em terra com o Rei de Cananor. No texto são citados “órgãos”, no plural. Não é possível se determinar, no restante do texto desta

---

[112] Grupo de navios comandados por um capitão-mor.
[113] Cabe aqui fazer uma distinção conceituando missa, as cerimônias semanais, dos ofícios, os serviços litúrgicos diários.
[114] Solene, do latim *Solemnis*, ato celebrado com toda pompa e grandeza. Um ritual ou cerimonial elaborado que representa a sua importância. A palavra também tem o significado de “autêntico”.
[115] Em sua crônica *Vida e feitos D'EL Rey Dom João Segundo*, o cronista Garcia de Resende afirma em que para executar esta incumbência missionária eram enviados frades com muita instrução.

obra, se os navegadores levavam mais de um instrumento ou se era a forma da época de tratar o instrumento pelo plural.

& ſeis
trombetas com bandeiras de ſeda, leuaua hũs orgãos que lhe hiã
tangendo em hũ eſquife jũto do ſeu batel, & nele hũ preſente pa
el rey de Cananor que lhe mandaua el rey de Portugal. ſ. ſeys col
chões dolanda, dous traueſſeiros enfronhados cõ ſuas almofa-
das, tudo laurado douro dous cubertores de veludo carmeſim, &
ho de cima quartapiſado de tres tiras de borcado: a do meo de
largura dhũ palmo, & as outras de tres dedos: hũ leyto dourado
cõ cortinas de cetim carmeſim, cõ aforcadura de fio douro. E quã
do ho capitão môr ſe deſamarrou das naos deſparou toda a arte-
lharia & deſpois tocarão as trombetas & atabales, & ẽ acabãdo
começarão os orgãos que forão tangẽdo ate chegarẽ a terra õde
auia grande multidão de mouros & de gẽtios que ſayão a ver ho
capitão môr:

Figura 23: Órgãos positivos tocados em um esquife
Fonte: Acervo fotográfico do autor – CASTANHEDA, 1551, p. 255.

> [...] & seis trombetas com bandeiras de seda, levava huns Orgaõs que lhe hiã [iam] tangendo em hum esquife[116] junto do seu batel[117], & nele hum presente p[a]. [pera] el rey de Cananor que lhe mandaua [mandava] o rey de Portugal [...] E quando ho capitão môr se desamarrou das naos [naus] desparou toda a artelharia & depois tocaram as trombetas & atabales, & em acabando começarão os Orgaõs que foram tangendo até chegaram a terra onde auia [havia] grande multidão de mouros & de gentios [...] (CASTANHEDA, 1551, p. 255).

Além do órgão de tubos, nas embarcações eram levados outros instrumentos, tais como: as trombetas[118], sempre presentes nas expedições; as flautas; e os tamborins. Estes instrumentos, em sua maioria, eram usados com a finalidade de divertimento, as trombetas, em eventos ou momentos oficiais nas armadas.

---

[116] O esquife era o segundo escaler dos navios de grande porte, e o principal das embarcações do tipo da galé, que os deveriam rebocar pela popa, pois não podia ser transportado como os batéis nas naus e galeões (DOMINGUES, 2004, p. 283) Esquife e batel são pequenas embarcações auxiliares, a remo ou velas, usado nas naus.

[117] Designação muito frequente para embarcações de pequeno porte empregues na navegação fluvial e costeira, do tipo da barca. (DOMINGUES, 2004, P. 276)

[118] O mesmo que trompetes, neste caso, se tratava-se de trompetes naturais.

> Levava dous [dois] pajes vestidos como ele, & seys trombetas com bandeiras de seda, levava hũs orgãos que lhe yão tangendo em hum esquife junto do seu batel, e nele hum presente pera o rey de Cananor que lhe mandava el rey de Portugal. (CASTANHEDA, 1833, Tomo I, cap. XCI, p. 266).

Ainda neste mesmo capítulo de sua narrativa, Castanheda fala em seguida:

> E quando Lopo Soarez se desamarrou das naos [naus] desparou toda a artelharia & despois tocarão as trombetas & tabalares, & em acabãndo começarão os orgãos que forão tangendo ate chegaram a terra õde [onde] avia [havia] grande multidão de mouros & de gentios que sayão [saiam] a ver Lopo Soarez, que desembarcado se meteo em hũ çarame q' pera isso estava feyto junto do mar [...] (CASTANHEDA, 1833, Tomo I, cap. XCI, p. 267).

Segundo a narrativa acima, enquanto a embarcação era conduzida até a praia, o órgão de tubos era tocado, apoiado no esquife. Considerando-se que, o órgão de tubos estava sendo tocado em um local aberto, e que neste momento festivo deu continuidade ao toque de trombetas e de tabalares, e portanto, não poderia se tratar de um instrumento com poucos recursos de sonoridade, como eram os órgãos portativos. Além do mais, o instrumento usado estava apoiado na embarcação e não sustentado pelo pescoço ou pela cintura do organista, como eram tocados os órgãos portativos Portanto, confirmando assertiva anterior, entende-se que era de um órgão positivo de mesa, um órgão positivo de chão, ou um pequeno órgão realejo.

A relevância do órgão de tubos na história de Portugal está registrada em diversas crônicas portuguesas dos séculos V e VI. Estas crônicas são documentos históricos repletos de detalhes, e são notáveis por relatarem, muitas vezes em detalhes, as viagens das armadas, vindo a ser fontes das conquistas portuguesas[119].

Em 1437, os portugueses tentam conquistar a Cidade de Tanger[120]. Esta expedição militar se tornou um dos episódios mais controversos da história da expansão portuguesa; considerando-se a derrota do exército português. Na armada do Infante Dom Fernando (1402-1443) foi levado um órgão de tubos e um organista, seu fiel secretário Frei

---

[119] Alguns cronistas portugueses tiveram parte de suas obras aprendidas ou mesmo foram presos por terem narrado a verdade acima de qualquer conveniência em suas obras (SOUZA, 1956, p. 119).

[120] Esta expedição portuguesa, comandada por Dom Henrique, irmão mais velho de Dom Fernando, foi uma tentativa para alargar o seu domínio no Marrocos. A tentativa de conquista de Tanger resultou em uma grave derrota militar na batalha de Tanger.

João Álvares. Em suas crônicas encontramos algumas referências ao órgão de tubos e sua importância para Infante Dom Fernando. Na crônica intitulada *Chronica dos feytos, vida, e morte do infante santo D. Fernando, que morreo em Fez*, o autor João Álvares (1406? – ca. 1490), ao descrever a capela do infante, assim cita seus pertences:

> Na capella andava hum livro, aonde estava o ordinario escrito, de quando haviaõ de fazer os officios de contraponto, e de canto de órgão[122], ou do canto chaõ, e quando com orgaõs, e prégaçoens; e quanto haviaõ de haver os Capellaes de offerta (ALVARES, 1730, p.35).

Na crônica de Garcia de Resende, *Vida e Feitos del Rei D. João II*, encontramos três referências ao órgão de tubos. Na primeira, citada anteriormente, o Rei Dom João II, envia um órgão de tubos, pelo embaixador do Congo, como forma de presente. Chegando ao Congo, em 1490, no domingo da ressurreição, na Páscoa, o congolês Dom Manoel converte-se ao cristianismo, sendo festejado e celebrado com missa.

> E lhe disseram os frades com missa cantada com orgaõs, & ricos ornamentos que levavam pera o Rey, & e em grande maneira folgou de a ouvir, & esteve a ella com muita devaçam, & sempre pedia aos Frades que lhe ensinassem as cousas que era obrigado fazer pera poder merecer salvaçam de sua alma, & este dia em que primeiro ouviu missa, por honrra della mandou que em sua terra pera sempre se guardasse por dia santo, [...}(RESENDE, 1622, f. 103).

Em outro momento, nesta mesma crônica, Garcia de Resende narra a visita do embaixador do Rei de Nápoles[123] à corte portuguesa, no ano de 1493, na Cidade de Torre de Vedras[124].

---

[121] Na crônica *Tratado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Senhor Infante Dom Fernando*, o autor, João Álvares, assim se apresenta: Frei João Alvares, cavaleiro da Ordem d'Avis e da casa do Senhor Infante. Foi secretário e companheiro de cativeiro de Dom Fernando.

[122] Segundo o tratado *Arte, ó Compendio general del Canto-llano, figurado y organo* (1777), de Francisco Marcos y Navas, o canto de órgão é um conjunto de várias, e diversas figuras, que aumentam, e diminuem, segundo o tempo; onde as figuras são sinais representativos do canto. Também conhecido como canto mensural, trata-se de polifonia que algumas vezes era acompanhada de instrumentos musicais: órgão, cravo, harpa ou baixão. Estes termos provêm da tradução em vernáculo das expressões latinas *cantus organicus* ou *mensurabilis* fixando-se, na Península Ibérica, canto de órgão como derivado de *organicus*.

[123] Neste momento era Rei de Nápoles Fernando II de Aragão, que reinava sobre Aragão, Castela, Sicília, Nápoles e Navarra e Conde de Barcelona. Por meio de seu casamento com Isabel de Castela, unificou os reinos de Aragão e Castela em uma monarquia, dando origem ao moderno estado espanhol deu início à expansão da nação hispânica. Eram chamados Os Reis Católicos.

[124] Cidade pertencente ao Distrito de Lisboa.

> Aqui em Torres Vedras veyo a el Rey hum embayxador del Rey de Napolles com hum muy grande & rico presente de cousas de muita estima, & o embayxador era muyto grande de corpo, muyto bem feyto, e muyto gentil homem, manhoso, avisado, & de bom despejo, & ho mayor musico de cravo, & orgãos que entam se sabia, que El-rey algũas vezes ouvio (RESENDE, 1622, f. 110v).

Ainda no tomo VIII desta mesma crônica de Castanheda, encontra-se a narrativa da chegada da Armada de Antônio da Silva, enviado como embaixador ao Rei de Bengala, à Cidade de Chatigão no ano de 1534. Assim o texto relata:

> [...] & neste tempo mandou q lhe tirasse os ferros, & aos outros, de que mandou tirar da cadea Nuno fernadez Freyre por saber tanger viola, & a hum João adão que tangia hũns orgãos q. lhe Martim Afonso[125] mandara da Chatigã, & a hũ Andre goncalvez pera lhe cantar, porque era muyto inclinado a musica, [...] (CASTANHEDA, 1833, Tomo VIII, p. 192).

Na Sé de Braga encontra-se um exemplar representativo da organaria portuguesa do século XVIII, que influenciou toda a organaria ibérica. São dois órgãos, um do lado do evangelho e outro do lado da epístola, como é próprio da organaria ibérica. A exuberância de sua talha reflete a dignidade deste instrumento na liturgia em Portugal.

O órgão de tubos do lado do evangelho foi construído no ano de 1737, e o do lado da Epístola, em 1739. Ambos instrumentos foram entalhadas e esculpidas pelo mestre Marceliano de Araújo com elementos característicos da talha joanina. Nas caixas destes órgãos de tubos encontram-se diversas figuras esculturadas, sátiros e golfinhos.

A parte mecânica e fônica deste órgão de tubos é obra mestre organeiro Frei Simão Fontanes, natural da Galiza. O órgão de tubos do lado do Evangelho possui dois teclados partidos, o manual I (doze registros), servindo para executar a cadeireta[126] (oito registros) e o órgão de eco (doze registros). Considerado um recurso avançado para época, o órgão de ecos está inserido em uma caixa expressiva, permitindo a variação de intensidade. No segundo manual encontra-se o grande órgão. Quanto ao órgão de tubos do lado da Epistola, possui somente um manual, o grande órgão, com dois registros inteiros e vinte e um registros partidos; além de dois tambores e um passarinho.

---

[125] Trata-se de Martim Afonso de Melo.

[126] O mesmo que órgão positivo de costas. Chamado cadeireta, em Portugal, e *cadereta*, na Espanha.

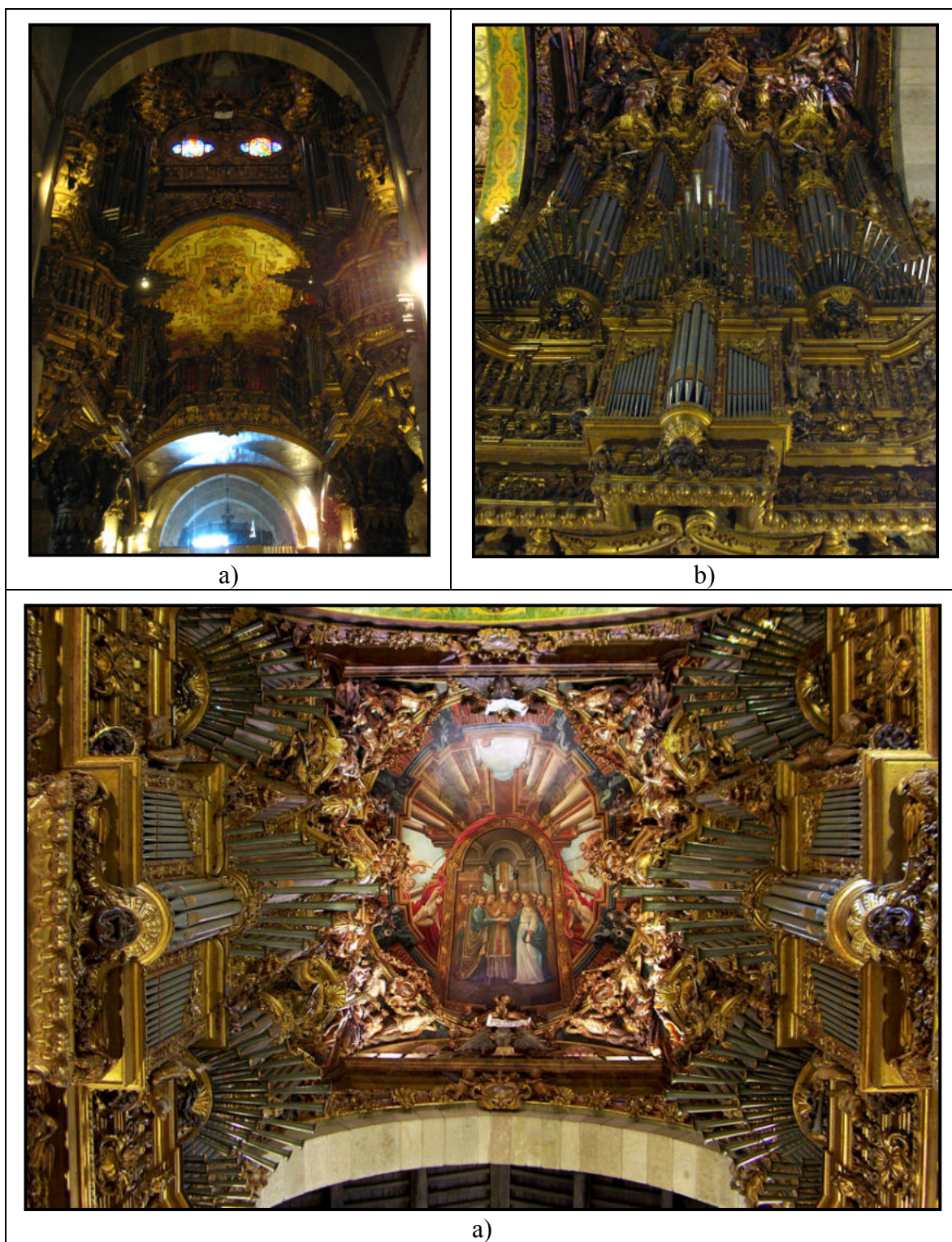



Figura 24: Os órgãos da Sé de Braga, em Portugal
Fontes: a) e b) Acervo fotográfico do autor / **c)** All rights reserved by guiapaulocoelho.

O apogeu e esplendor dos órgãos de tubos em Portugal se revelam em Mafra. A magnificência do conjunto arquitetônico de Mafra – o Palácio, o Convento e a Basílica – é um testemunho da opulência da corte de Dom João V. O testemunho vivo do prestígio deste instrumento são os seis órgãos de tubos da Basílica de Mafra. Até os dias de hoje, considerado algo único no mundo. Construída durante o reinado Dom João V (1706-1750), o Magnânimo, sua magnífica Basílica de Mafra foi consagrada em 1730.

Uma das primeiras referências a seis órgãos de tubos, inacabados, datam de 1760, quando é citado o organeiro irlandês Eugene Nicholas Egan (VAZ, 2012, p. 25). Existe uma liturgia e um repertório exclusivo para esta Basílica. Em 1761 foi escrito pelo Frei Joseph de Santo Antônio um manual para o acompanhamento das missas pelos órgãos[127], no qual é regulamentada a liturgia a seis órgãos da Basílica de Mafra. Nele encontram-se as regras de uso dos órgãos de tubos nos ofícios durante o ano litúrgico, demonstrando o prestígio do órgão de tubos para uma liturgia solene.

> Na Festa do nascimento de Christo. Epifania. [...] Domingo da Resurreiçaõ. [...] Dedicaçaõ da Basilica de Mafra. Em todos estes dias officia o Prelado Mayor, e acompanhaõ o Côro seis Orgaõs [...] A Missa da Alva em dia de Natal. A primeira, segunda, e terceira Oitava do Natal. Nestes dias afficiaõ os Definidores actuais, e acompanhaõ o Côro quatro Orgaõs [...] Nos dias Duples Majus de Nossa Senhora, acompanhaõ o Côro dous Orgaõs, e a sua Missa própria. [...] Em noite de Natal officia o Prelado Local as Matinas, [...] e acabada as Matinas, o tempo que restar até sahir a Missa, tocarão os Orgaõs algum concerto, como pede o dia (SANTO ANTONIO, 1761, P. 14).

Os atuais seis órgãos de tubos de Mafra foram inaugurados entre os anos de 1806 e 1807 e pertencem à Escola Ibérica de Organaria, possuindo um teclado partido, e foram construídos pelos organeiros portugueses Joaquim Antônio Peres Fontanes e Antônio Xavier Machado e Cerveira, este foi nomeado Administrador dos Reais Órgãos de Mafra em 1792. Durante as invasões francesas as atividades organísticas em Mafra foram interrompidas. Somente com a expulsão dos franceses retornaram as atividades organísticas e os órgãos passaram por intervenções (VAZ, 2012, p. 37).

---

[127] Este manual tem como título: *Acompanhamento de missas, sequencias, hymhos, e mais cantochao, que he uso, e costume acompanharem os Órgãos da Real Basilica de Nossa Senhora e Santo Antonio, junto á Villa de Mafra, com os transportes, e armonia, pelo modo mais conveniente, para o Côro da mesma Real Basilica*. Frei Joseph de Santo Antonio foi o primeiro organista de Mafra.

a)

b)

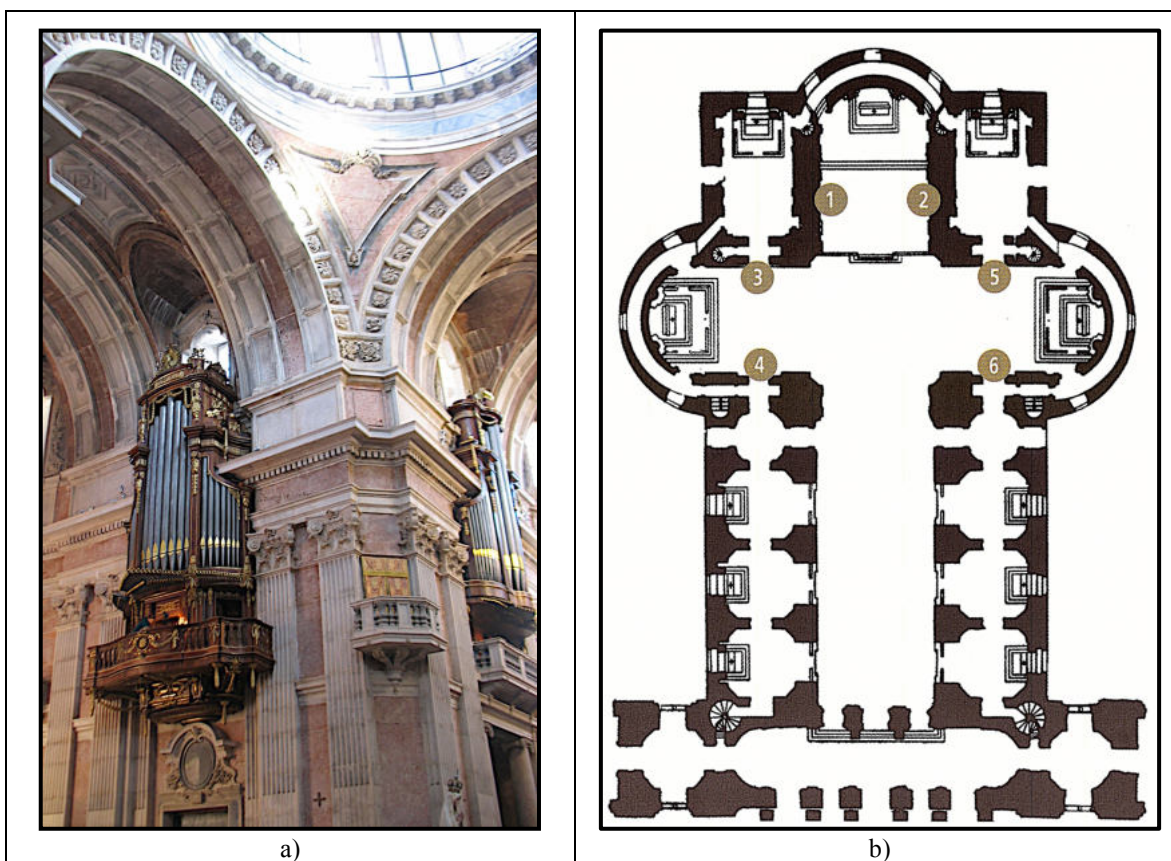



Figura 25: Os órgãos da Epístola e Conceição / Disposição dos seis órgãos de tubos na Basílica de Mafra
Fonte: a) Acervo fotográfico do autor / **b)** VAZ, 2012**,** p. 36.

1) **Órgão do Evangelho** – construído por Antônio Xavier Machado e Cerveira, em 1807, ca. 1820[128];
2) **Órgão da Epístola** – construído por Joaquim Antônio Peres Fontanes (1807) e Antônio Xavier Machado e Cerveira (ca. 1820);
3) **Órgão de São Pedro d'Alcântara** – construído por Joaquim Antônio Peres Fontanes e Antônio, 1806;
4) **Órgão do Sacramento** – construído por Antônio Xavier Machado e Cerveira, em 1806, ca. 1820;
5) **Órgão da Conceição** – construído por Antônio Xavier Machado e Cerveira, 1807, ca, 1820;

[128] A segunda data refere-se sempre a intervenção após a expulsão dos franceses.

6) Órgão de Santa Bárbara – construído por Joaquim Antônio Peres Fontanes (1806) e Antônio Xavier Machado e Cerveira (ca. 1820).

Durante o século XIX o Brasil sediou os únicos governos legítimos monárquicos naa Américaa pós-colombiana: um governo real e dois imperiais. Com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808, de sua Corte, e de toda a máquina do Estado Português, foram transferidas e estabelecidaa no Brasil a sede da Monarquia Portuguesa, sendo abolido por Dom João VI o regime de colônia (MOTA, 2000, p. 453). Houve neste período uma inversão colonial. Quanto à Capela Real Portuguesa, foi transferida para o Brasil por Alvará Real de Dom João VI, em 15 de junho de 1808, e instalada na Igreja de N. S. do Carmo do Rio de Janeiro. Por este mesmo Alvará, foi transferido o Cabido, vindo também a se tornar a Sé Catedral da Cidade. Assim, o Brasil Colônia passa ao *status* de Brasil Corte. Por lei de 16 de dezembro de 1815, o Brasil foi elevado a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sendo o Brasil a Metrópole Constitucional dos Portugueses (SEQUEIRA, 1821, p. 7). A Capela Real do Rio de Janeiro veio a ser o mais importante centro musical do Reino de Portugal. Um novo órgão de tubos foi construído para a Capela Real pelo organeiro português Antônio José de Araújo. Após a independência do Brasil, durante o Brasil Imperial, a Capela Real do Rio de Janeiro passou a ser Capela Imperial.

A Capela Real/Imperial foi palco de eventos únicos nas Américas, tais como: a Coroação de Dom João VI como Rei de Portugal (20 de março de 1816); o casamento de Dom Pedro I[129] e Dona Leopoldina (6 de novembro de 1817); a Sagração e Coroação do Imperador Dom Pedro I (1º de dezembro de 1822); o segundo casamento de Dom Pedro I e a Princesa Amélia de Leuchtenberg (2 de agosto de 1829); a Sagração e Coroação de Dom Pedro II (18 de julho de 1841) e seu casamento com Dona Teresa Cristina (4 de setembro de 1843); o casamento da Princesa Isabel com o Conde D'Eu (15 de outubro de 1864). Duas obras retratam momentos da Capela Real e da Capela Imperial. Ao fundo, o órgão de tubos, a orquestra e o coro desta Capela.

---

[129] Dom Pedro I, Imperador do Brasil, sendo brevemente, Dom Pedro IV, Rei de Portugal.

Figura 26: Segundo casamento de Dom Pedro I e Dona Amélia – Pintura de Jean-Baptiste Debret.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – www.pt.wikipedia.org.

Figura 27: Casamento da Princesa Isabel com o Conde D'Eu – Pintura de Victor Meirelles
Fonte: Acervo fotográfico do autor – CASTRO, 2008, p. 56.

Encontram-se na Torre do Tombo, em Portugal, diversos documentos relativos a organistas mantidos pela Coroa Portuguesa nas colônias e em território português, e pagos pelas antigas ordens militares: Ordem de N. S. Jesus Cristo, Ordem de São Tiago da Espada, e Ordem de Avis; fundadas, respectivamente, nos anos 1319, 1172 e 1170. Estas ordens militares remontam sua origem à Idade Média, desde a época da expulsão dos mouros. O Mestrado dessas ordens militares eram atribuídos aos Monarcas Portugueses.

Em 1551, houve a união *in perpetuum* dos mestrados das três ordens militares à Coroa, concedida pela Bula do Papa Júlio III, no reinado de Dom João III. Os Templários Portugueses tinham o compromisso de defesa e manutenção da Igreja Católica e da Fé, portanto foram responsáveis por sustento dos cargos eclesiásticos. As ordens militares, enquanto instituições religiosas, foram extintas com o advento do Liberalismo (1832-1834). Seus bens foram revertidos para o Tesouro Público, e assim, as antigas ordens militares tornaram-se ordens de mérito, puramente honoríficas, sem quaisquer privilégios.

A Ordem de Cristo possuía um cerimonial próprio, elaborado em 1741, intitulado *Uzos e Ceremonias da nossa Ordem de Christo*, o qual reservava na Segunda Parte, o Capítulo XXI, *De como e quando se tangem os órgão*, que define as regras do uso do órgão de tubos em seus Ofícios Divinos (MEDEIROS, [1741] 2008, p. 105).

Nos quadros seguintes encontram-se compilados alvarás, cartas de apresentação e privimentos dos organistas que atuaram em Portugal e nas colônias, durante os séculos XVI ao XVIII. Como pode ser constatado nos ditos quadros, os organistas, em sua grande maioria, eram religiosos, Padres e Cônegos. Certamente existiram outros organista sustentados pelas Ordens Militares, contudo, em consequência do terremoto de 1755, muitos documentos foram perdidos em Portugal. As ordens militares estão organizadas em três quadros distintos, na seguinte sequência: Ordem de Cristo, Ordem de São Tiago da Espada e Ordem de Avis. Nos quadros a seguir estão listados apenas dois organista do Estado do Brasil, contudo, exitem outras referências a organistas da Ordem de Cristo: Sé do Maranhão (Livro 206 – Fólios 429v, 430, 430v, 433v e 434, 438 e 438v); Sé Catedral de São Paulo (Livro 224 – Fólio 328) e Sé Catedral de Mariana (Livro 227 – Fólios 5v, 6 e 6v, 226 e 226v, 236 e 236v, e 237). Este último registro corresponde ao Alvará de Criação do Cargo de Organista da Sé Catedral na recém criada Diocese de Mariana (1745).

Quadro 3 – Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo

Século XVI - Chancelarias Antigas da Ordem de Cristo					
Nome	**Data**	**Igreja**	**Cidade**	**Livro de Registro**	**Tipo de Documento**
Organista: não citado	3/10/1571	Sé de S. Thomé		L. 2 / f. 36	Alvará de confirmação para que se pague o Ordenado de Costume.
Conego Pedro Annes França	26/09/1571	Sé de Cabo Verde		L. 2 / f. 30	Alvará de mercê.
Organista: não citado	24/04/1573	Igreja da Ilha de Porto Santo		L. 4/ f. 55	Organista, Tesoureiro Alvará para na Cidade de Angra serem pagos de seus mantimentos quando não tiverem cabimento na dita Ilha.
Miguel Mendes	02/04/1577	Sé de Funchal	Ilha da Madeira	L. 4 / f. 63v	Alvará.
Francisco Vaz	17/02/1579	Sé de Angra	Ilha de S. Jorge	L. 4 / f. 108	Alvará.
Organista: não citado	04/10/1582	Igreja de N. S. Da Graça	Villa de Niza	L. 5 / f. 221v	Alvará de acrescentamento de 4 $ rs
Organista: não citado	18/01/1584	Sé de S. Thomé		L. 5 / f. 303	Alvará de acrescentamento de 8$ rz além do que tem.
Organista: não citado	18/01/1584	Sé de S. Thomé		L. 5 / f. 303	Verba por que se consta dar-se a Certidão do Alvará..
Antônio Vaz Bogalho	03/04/1585	Igreja de S. João de Thomas	Castelo Branco / Portugal	L. 6 / f. 235v	Alvará de acrescentamento de 2$ rs no seu ordenado.
Organista: não citado	05/09/1584	Sé de Angra	Ilha de S. Jorge	L. 6 / f. 163	Alvará de acréscimo de mantimento
Salvador Francisco	08/08/1584	Igreja de S. Sebastião	Ponta Delgada / Ilha de S. Miguel Bispado de Angra	L. 6 / f. 82v	Alvará de acrescentamento de 4$ rs no seu ordenado.
Antônio de Oliveira	17/08/1584	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure		L. 6 / f. 159	Alvará.

1

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
Pe. Diogo Rodrigues Homem	12/04/1585	Sé de Cabo Verde		L. 6 / f. 236	Alvará.
Antônio de Oliveira	24/09/1585	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure		L. 6 / f. 334	Alvará de 3$ rs de mantimento.
Organista: não citado	26/05/1588	Colegiada de N. S. Do Calhão	Ilha da Madeira	L. 7 / f. 285	Alvará de mantimento
Organista: não citado	23/09/1588	Sé de Cabo Verde		L. 7 / f. 299v	Alvará de acrescentamento de congrua.
Organista: não citado	09/02/1589	Sé de Cabo Verde		L. 7 / f. 299v	Apostila de 10$ rs de acrescentamento de congrua.
Organista: não citado	16/05/1589	Igreja de S. Pedro	Ponta Delgada / Ilha de São Miguel	L. 46 / f. 5	Alvará de 26$600 rs, e hum moio, e trinta e sete alqueires de trigo de mantimento.
Organista: não citado	16/05/1589	Igreja de S. Pedro	Ponta Delgada / Ilha de São Miguel	L. 7 / f. 40v	Alvará de 8$ rs de seu mantimento e ordenado com o dito cargo.
Organista: não citado	13/07/1590	Sé da Cidade de Salvador da Bahia		L. 8 / f. 259	Alvará de 20$ rs de ordenado.
Organista: não citado	30/09/1590	igreja de Santa Cruz	Ilha Graciosa	L. 8 / f. 13v	Alvará de mantimento
Organista: não citado	28/02/1591	Igreja de Salvador	Villa de Horta / Ilha de Faial	L. 8 / f. 22	Alvará de 8$ rs de mantimento.
Organista: não citado	28/02/1591	Igreja de Salvador	Villa de Horta / Ilha de Faial	L. 8 / f. 22	Alvará de 8$ rs de mantimento.
Organista: não citado	28/02/1591	Sé do Salvador	Ilha do Faial	L. 2 / f. 36	Alvará mantimento que devem ter com o dito cargo.
Organista: não citado	06/02/1592	Igreja do Salvador	Villa de S[ta]. Cruz / Capitania do Machico	L. 8 / f. 51v	Alvará de acrescentamento de mantimento.
Organista: não citado	20/03/1592	igreja de S. Miguel	Villa de Franca do Campo / Ilha de São Miguel	L. 8 / f. 57	Alvará de 2$ rz de acrescentamento ao seu ordenado
Lazaro Marques [Cardozo]	01/06/1592	Igreja da Villa das velhas	Ilha de S. Jorge	L.2 / f. 192	Alvará para que Lazaro Marques e os que lhes sucedessem no dito cargo tivessem o mantimento no mesmo declarado.

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
Lazaro Marques [Cardozo]	01/06/1592	Igreja da Villa das velhas	Ilha de S. Jorge	L. 8 / f. 192	Alvará de hum moio de trigo de ordenado.
Organista: não citado	??/??/1592	igreja de N. S. da Piedade	Ilha de Porto Santo	L. 8 / f. 203v	Alvará de acrescentamento de mantimento
Organista: não citado	??/??/1592	igreja de N. S. da Piedade	Ilha de Porto Santo	L. 8 / f. 203v	Alvará de dez alqueires de trigo e acrescentamento de ordenado
Pe. Francisco Fernandes	28/01/1593	Igreja do Salvador	Villa de S^{ta}. Cruz / Ilha da Madeira	L. 8 / f. 148	Alvará.
Pedro da Costa	14/071593	Colegiada de N. S. do Calhão	Funchal / Ilha da Madeira	L. 10/ f. 153v	Carta
Antonio Vaz Bogalho	23/07/1593	Igreja de S. João Baptista	Castelo Branco / Portugal	L. 310 / f. 171	Alvará de acrescentamento de 2$ rz no seu ordenado.
Conego Francisco Vaz	19/08/1598	Sé de Angra	Ilha de S. Jorge	L. 10 / f. 227v	Organista e Mestre de Capela. Provimentos para poder servir os ditos cargos.
Organista: não citado	22/10/1599	Igreja de S. Pedro	Funchal	L. 10 / f. 62v	Alvará de mantimento
Século XVII					
Manuel Garcia	08/05/1608	Igreja N. S. Da Conceição	Lisboa	L. 17/ f. 272v	Alvará
Pe. Jorge da Matta	14/05/1609	Igreja de S. Sebastião	Ilha de S. Miguel	L. 17 / f. 305	Alvará
Organista: não citado	10/06/1609	Igreja do Lugar do Canisso	Bispado do Funchal	L. 17/ f. 119v	Alvará aos seu moradores para se dar 30 alqueires de trigo ao dito [organista] à custa da Fazenda Real.
Pe. Manoel coelho	2/05/1609	Igreja de N. S. da Estrela	Villa da Ribeira Grande / Ilha de São Miguel	L. 17 / f. 310v	Carta de confirmação
Pe. Lourenço Fernandes	05/09/1609	Igreja N. S. dos Anjos	Villa de Agoa de Pão / Ilha de São Miguel	L. 9/ f. 302v	Alvara de Merde do dito cargo
Pe. Lourenço Francisco	12/10/1609	Igreja N. S. dos Anjos	Villa de Agoa de Pão / Ilha de São Miguel	L. 9/ f. 308v	Alvara de mantimento

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
Organista: não citado	05/12/1609	Igreja do Espirito Santo	Villa da Calheta / Funchal	L. 9/ f. 312v	Alvará de Acrescentamento de ordenado
Martinho Camacho	08/02/1610	Igreja de S. Pedro	Ilha de São Miguel	L. 21 / f. 179v	Carta de apresentação.
Lazaro Marques Cardozo	30/03/1612	Igreja da Villa das velhas	Ilha de S. Jorge	L.21 / f. 150v	Provimento.
Organista e Tesoureiro	23/05/1612	Igreja de Santa Cruz	Ilha Graciosa	L. 21 / f. 159v	Alvará de acrescentamento de mantimento
Pe. Bartholomeu Dias	03/07/1612	Igreja de S. Sebastião	Angra	L. 21 / f. 161v	Alvará.
Pe. Rafael Moniz	12/10/1612	Igreja de S. Miguel	Villa Franca / Ilha de São Miguel	L. 21 / f. 440v	Alvará.
Organista: não citado	10/12/1612	Igreja de S. Matheus	Villa da Praia / Ilha Graciosa	L. 21 / f. 159	Alvará de seu mantimento
Francisco de Porras	19/07/1613	Igreja de Salvador	Villa de Horta / Ilha de Faial	L. 21 / f. 191	Alvará.
Manuel Ferreira Fagundes	08/11/1613	Igreja N. S. dos Anjos	Villa de Agoa de Pão / Ilha de São Miguel	L. 21/ f. 241v	Alvara
Francisco Alves	22/02/1614	Sé de Funchal	Ilha da Madeira	L. 21 / f. 209v	Alvará.
Francisco da Cruz	28/021614	Sé de Funchal	Ilha da Madeira	L. 21 / f. 209v	Carta de apresentação.
Manoel de Oliveira	03/06/1615	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 15 / f. 106	Provisão de serventia.
Manoel de Oliveira	03/12/1616	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 15 / f. 61	Carta.
Francisco Gomes Ferreira	25/08/1617	Igreja N. S. da Conceição	Lisboa	L. 14/ f. 219	Alvará
Gonçalo Annes Boto	03/11/1617	Igreja de Santa Cruz	Ilha Graciosa	L. 14 / f. 217v	Alvará
Organista: não citado	19/10/1618			L. 22/ f. 159v	Carta a Diogo Fernandes
João Ferreira do Olival	29/11/1618	Igreja de Santa Cruz	Ilha da Madeira	L. 14 / f. 226	Carta
Pe. João Ferreira do Olival	29/11/1618	Igreja do Salvador	Villa de S^{ta}. Cruz / Ilha da Madeira	L. 14 / f. 226	Alvará.
João Ferreira do Olival	29/11/1618	Igreja de Santa Cruz	Ilha da Madeira	L. 14 / f. 226	Carta

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
João Ferreira do Olival	29/11/1618	Igreja de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 14 / f. 226	Mantimento de 6$ rz com o dito cargo
Pe. Diogo Jorge Valadão	2911/1618	Igreja de N. S. da Conceição da Villa do Machico	Ilha da Madeira	L. 11 / f. 226	Carta
Pe. Manoel coelho	15/11/1621	Igreja de N. S. da Estrela	Villa da Ribeira Grande / Ilha de S. Miguel	L. 22 / f. 185v	Alvará
Pe. João Baptista	19/03/1622	Matriz de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 22 / f. 200v	Alvará
Pe. Simão de Macedo	03/03/1623	igreja de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 22 / f. 212v	Alvará
Álvaro Gomes	16/04/1623	Igreja N. S. da Conceição	Lisboa	L. 22/ f. 339	Provimento
Francisco Gomes Arruda	16/07/1623	igreja de N. S. da Piedade	Ilha de Porto Santo	L. 22 / f. 219v	Carta
Álvaro Gomes	20/11/1623	Igreja N. S. da Conceição	Lisboa	L. 22/ f. 231	Alvará
João Rodrigues	29/10/1624	Colegiada de N. S. do Calhão	Funchal / Ilha da Madeira	L. 12/ f. 180	Carta
Francisco de Abreu	19/01/1627	Matriz da villa de Niza		L. 12/ f. 326	Provimento do cargo de organista
Pe. Antônio Gomes	28/10/1627	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 12 / f. 233	Provimento.
Pe. Matheus de Braga	10/04/1629	Colegiadas de N. S. Da Conceição da Villa do Machia	Ilha da Madeira	L.26 / f. 194	Carta de apresentação
Pe. Matheus de Braga	18/05/1629	Igreja de N. S. Da Conceição da Villa do Machico	Ilha da Madeira	L. 26 / f. 194	Carta
Ignácio Lopes	20/10/1629	igreja de São Bento da Ribeira Brava	???	L. 26 / f. 206v	Carta
Manoel Alvares Machado	23/06/1638	Igreja de S. Sebastião	Ponta Delgada / Ilha de S. Miguel	L. 23 / f. 244v	Alvará do dito cargo
Organista: não citado	11/04/1739	Sé do Maranhão	Brasil	L. 206 / f. 433	Alvará que manda seja hum dos Capellães creados pelo mesmo alvará.
André Fernandes	20/04/1641	Igreja de S. Sebastião	Angra	L. 36 / f. 217	Provimento.
Manoel Alves Machado	04/09/1642	Igreja de S. Sebastião	Ponta Delgada / Ilha de S. Miguel Bispado de Angra	L. 36 / f. 75v	Alvará.
Pe. João Baptista	27/11/1644	igreja de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 22 / f. 220v	Alvará
Pe. João Moreira Cardozo	27/11/1644	igreja de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 24 / f. 311	Alvará

				Registro	
Pe. João Moreira Cardozo	27/11/1644	igreja de S^{ta}. Marinha desta cidade	Ilha Terceira	L. 310 / f. 181	Alvará de 3$600 rz de mantimento
Pe. João Moreira Cardozo	27/11/1644	Matriz de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 24 / f. 311	Alvará de serventia.
Sebastião da Costa	15/01/1645	Igreja da Villa do Nordeste	Ilha de São Miguel	L. 24/ f. 365v	Alvará de mercê deste cargo [de organista]
Conego Gonçalo Coelho	30/03/1645	Sé de Cabo Verde		L. 24 / f. 371v	Carta.
Thomas Nogueira Picanço	20/11/1645	Igreja de S. Pedro	Ilha de São Miguel	L. 24 / f. 462v	Alvará.
Bernardo Lopes	26/10/1647	Colegiada de N. S. do Calhão	Funchal / Ilha da Madeira	L. 740/ f. 281v	Carta
Pe. Antônio Gomes	14/06/1657	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 42 / f. 371	Provimento do dito cargo.
Pe. Pascoal Ferreira de Souza	20/04/1648	Sé de Funchal	Ilha da Madeira	L. 40 / f. 258	Carta.
Diogo Marques	28/09/1648	Matriz da villa de Niza		L. 40/ f. 382	Provimento
Sebastião da Rocha	20/02/1649	Igreja de N. S. de Montemor Novo		L. 40 / f. 288v	Provimento
Sebastião da Rocha	20/02/1649	Igreja de N. S. dos Açougues	Montemor Novo	L. 40/ f. 288v	carta
Pe. Antônio Gomes	06/11/1650	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 31 / f. 438v	Organista durante o impedimento de seu tio. Alvará do dito cargo.
Organista: não citado	14/09/1652 ?	Matriz de Mazagão		L. 21/ f. 158v	Alvará de 40$ rs para 2 organistas para a dita igreja
Organista: não citado	15/10/1664	Igreja de S$^{to.}$ Antam do Lugar de Caniço	???	L. 18 / f. 217	Alvará de mantimento de 30 alqueires de trigo pelo dito cargo.
Organista: não citado	17/10/1664	Igreja de S. Pedro	Funchal	L. 18 / f. 218v	Alvará de mantimento de 60 alqueires de trigo pelo dito cargo.
Gaspar Rodrigues	17/10/1664	igreja de São Bento da Ribeira Brava	???	L. 18 / f. 218	Alvará de mantimento de 6$ rs pelo dito cargo.
Organista: não citado	12/07/1667	Matriz de S^{ta}. Cruz da Villa da Praia	Ilha Terceira	L. 50 / f. 129	Alvará de mantimento de 6$ rz com o dito cargo.

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
Organista: não citado	02/08/1667	Matriz de S. Jorge da Villa	Villas da Ilha de S. Jorge	L. 50 / f. 177	Alvará de mantimento de hum moio de trigo com o dito cargo.
Pe. Domingos de Andrade Alvarenga	24/11/1657	Igreja de N. S. da Conceição da Villa do Machico	Ilha da Madeira	L. 42 / f. 426	Carta
Pe. Joze Ribeiro Mello	22/08/1661	Igreja de N. S. da Conceição da Villa do Machico	Ilha da Madeira	L. 47 / f. 113v	Provisão
Organista: não citado	21/04/1666	Matriz da Villa da Horta	Ilha do Faial	L. 45/ f. 184v?	Alvará de 8$ rs de ordenado
Organista: não citado	17/06/1666	Igreja N. S. da Conceição	Angra / Ilha Terceira	L. 45/ f. 357	Alvará de 3$333 rs dois mios, hum alqueire, e huã oitava de trigo de seu mantimento.
Organista: não citado	15/11/1666	Igreja de S. Sebastião do Lugar de Câmara de Lobos	Ilha da Madeira	L. 45 / f. 416v	Alvará de hum moio de trigo de mantimento.
Organista: não citado	11/08/1667	Igreja de Santa Cruz	Ilha Gracioza	L. 50 / f. 187v	Alvará de mantimento de 1$333 rs com o dito cargo
Organista: não citado	05/11/1667	Igreja de N. S. da Estrela	Villa da Ribeira Grande / Ilha de S. Miguel	L. 50 / f. 474	Alvará de Mantimento de 3$330 rs com o dito cargo.
Organista: não citado	16/11/1667	Igreja Paroquial	Villa de Agoa do Pão Ilha de São Miguel	L. 50/ f. 261v	Alvará de mantimento de 2$ rs com o dito cargo
Organista: não citado	02/01/1668	Matriz da Villa Franca do Campo	Ilha de S. Miguel	L. 50 / f. 393	Alvará de mantimento de 3$330 rs com o dito cargo.
Organista: não citado	28/09/1668	Igreja do Salvador	Villa de S^{ta}. Cruz / Ilha da Madeira	L. 56 / f. 24	Alvará de hum moio de trigo de mantimento.
Organista: não citado	05/12/1670	Igreja do Espirito Santo	Villa da Calheta / Bispado do Funchal	L. 46/ f. 221v	Alvará hum moio de trigo de mantimento
Organista: não citado	14/02/1671	Sé de Angra	Ilha de S. Jorge	L. 46 / f. 181	Alvará de 12$ rz him moio de trigo, e huma pipa de vinho de mantimento.

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
Jeronimo Mendes	29/11/1673	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 63 / f. 364	Provisão.
Jeronimo Mendes	24/06/1674	Igreja Matriz de S. Tiago da Villa de Soure	Portugal	L. 53 / f. 5v	Alvará.
Organista: não citado	17/08/1680	Sé de Angra	Ilha de S. Jorge	L. 69 / f. 280	Alvará de mantimento.
Século XVIII					
Luiz da Costa	2/09/1705	Capela de São Joao Baptista	Vila de Thomar / Portugal	L. 97 / f. 54v	Provimento de servenha do dito empregado
Organista: não citado	09/10/1711	Igreja N. S. da Conceição	Lisboa / Portugal	L. 2/ f. 152v	Alvará de Acrescentamento de mantimento.
Organista: não citado	13/05/1718	Igreja N. S. da Conceição	Lisboa	L. 124/ f. 336v	Apostila de Acrescentamento de ordenado.
Alexandre da Silva Coelho	18/06/1718	igreja de S^{ta}. Maria dos Olivais	Thomar	L. 124 / f. 406v	Provimento
Alexandre da Silva Coelho	18/09/1718	igreja de S^{ta}. Maria dos Olivais	Thomar	L. 124 / f. 406v	Provimento.
Organista: não citado	06/06/1735	Igreja da Villa da Magoa	Bispado de Angra	L. 215/ f. 350	Alvará da sua criação a Requerimento do Vigário Salvador de Souza Braga
Organista: não citado	02/05/1747	Sé de Mariana.	Brasil	L. 227 / f. 237	Alvará de sua criação.
Organista: não citado	07/01/1750	Colegiada de S. J. Baptista da Villa de Abrantes		L. 267 / f. 72v	Alvará ...do vencimento da ...da dita Igreja ... das anualmente ..15 $ r para ajuda de seu ordenado.
Pe. João Baptista de Araújo	11/08/1751	Igreja N. S. da Conceição	Lisboa	L. 236/ f. 405v	Alvará de 20$ rz de acrescentamento de ordenado
João de Abreu Teixeira	18/08/1758	Capela de São Joao Baptista	Vila de Thomar / Portugal	L. 220 / f. 94v	Provimento
Francisco José da Conceição	13/09/1760	Capela de São Joao Baptista	Vila de Thomar / Portugal	L. 227 / f. 44v	Provimento de propriedade
Francisco Joze da Conceição	04/04/1770	Igreja de S. João Baptista	Villa de Thomar / Portugal	L. 293 / f. 440	Carta de Apresentação.
Pedro Florêncio Rodrigues	26/02/1772	Igreja de S. João Baptista	Villa de Thomar / Portugal	L. 305 / f. 109	Provimento.

Nome	Data	Igreja	Cidade	Livro de Registro	Tipo de Documento
Organista: não citado	23/06/1776	igreja de S^{ta}. Marinha desta cidade	???	L. 310 / f. 181	Alvará de 3$600 rs de mantimento.
Organista: não citado	22/08/1776	Igreja de S. Tiago de Beja.		L. 310 / f. 166	Alvará de mantimento.
Organista: não citado	07/09/1776	Igreja de S. João Baptista	Castelo Branco / Portugal	L. 310 / f. 171	Alvará de 15$ rs de mantimento.
Gaspar Rodrigues	15/09/1790	igreja de São Bento da Ribeira Brava	???	L. 18 / f. 260	Alvará de 6$ rs de ordenado.

Quadro 4 – Chancelaria Antiga da Ordem de Santiago de Espada

Século XVI - Chancelaria Antiga da Ordem de Santiago de Espada					
Nome	**Data**	**Igreja**	**Local**	**Livro de Registro**	**Tipo de Documento**
Manoel Ignácio	01/09/1739	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 24 / f. 36	Provimento.
André Pegado	18/08/1758	Igreja de Nossa Sr^{a}. do Castello da Villa de Alcácer do Sal[1]	Portugal	L. 4 / f. 196	Alvará.
André Pegado	08/10/1571	Igreja de Nossa Sr^{a}. do Castello da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 1 / f. 69v	Alvará.
Ruy Dias	18/12/1571	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 4 / f. 262v	Provimento.
Manoel Mendes	16/07/1577	Igreja N. Sr^{a}. da Graça da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 1 / f. 190	Alvará.
Estevaõ Sardinha	08/03/1578	Igreja de N. Sr^{a}. da Graça de Setubal	Portugal	L. 1 / f. 248v	Provimento.
Estevaõ Sardinha	21/11/1586	Igreja de N. Sr^{a}. da Graça de Setubal	Portugal	L. 2 / f. 159	Alvará.
Pe. Nicolús Ambrózio	22/05/1590	Igreja de N. Sr^{a}. Da Assumpção do Castello da Villa de Almada	Portugal	L. 2 / f. 418	Alvará.
Gonçalo Barradas	14/10/1592	Convento de Palmella	Portugal	L. 6 / f. 25v	Carta da acrescentamento de mais 4$ rz de ordenado.
Estevaõ Sardinha	05/11/1592	Igreja de S^{ta}. Maria da villa de Setubal	Portugal	L. 6 / f. 5	Alvará.
Estevaõ Sardinha	11/02/1595	Igreja de S. Giaõ da villa de Setubal	Portugal	L. 1 / f. 49	Provimento por 3 annos.
Bento Rodrigues	24/03/1595	Igreja Matriz da N. Sr^{a}. de Mertola	Portugal	L. 6 / f. 129	Provimento.
Século XVII					
Gaspar Correa	14/01/1604	Igreja de Santiago da Villa de Almada	Portugal	L. 8 / f. 92v	Provimento de serventia.
Francisco Barreto	16/06/1608	Igreja de Santiago da Villa de Almada	Portugal	L. 11 / f. 169	Provimento.
Manoel de Moura	18/06/1608	Igreja Matriz de N. Sr^{a}. Do Castello de Palmella	Portugal	L. 11 / f. 189v	Alvará.
Christovaõ Rodrigues	14/01/1609	Igreja de N. Sr^{a}. da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 11 / f. 215v	Provimento.
Pedro Luiz	19/01/1609	Igreja Matriz da Villa de Ferreira	Portugal	L. 11 / f. 218	Provimento.

[1] A antiga vila de Alcácer do Sal (nome que provém de *al-kasr*, «castelo» em árabe, e da sua longa história de exploração e comércio do sal.

1

Nome	Data	Igreja	Local	Livro de Registro	Tipo de Documento
Heitor Nunes	12/01/1611	Igreja Matriz da Villa de Grandola	Portugal	L. 10 / f. 213v	Provimento.
Organista: não citado	03/08/1612	Igreja S. Lourenço, Matriz da Villa de Alhos Vedros	Portugal	L. 10 / f. 238	Alvará de 6$ rz de Mantimento
Pe. Manoel de Almeida	02/08/1613	Igreja S. Lourenço, Matriz da Villa de Alhos Vedros	Portugal	L. 10 / f. 244	Alvará.
Mathias Ribeiro	04/09/1615	Igreja de N. Sr^{a}. Castellos de Palmella	Portugal	L. 10 / f. 259	Alvará.
Lourenço Nunes	10/05/1616	Igreja N. Sr^{a}. da Consolação na Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 10 / f. 263	Alvará.
Pe. Manoel Gonçalves	22/06/1616	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 10 / f. 266	Provimento.
Pedro de Araújo de Valadares	20/08/1620	Igreja Matriz da Villa de S. Tiago de Cacem	Portugal	L. 10 / f. 68	Provimento.
Agostinho Alvares	20/08/1620	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 15 / f. 420	Provimento.
Francisco Aires	17/10/1621	Igreja Matriz de S^{ta}. M^{a}. da villa de Setubal	Portugal	L. 12 / f. 255v	Provimento.
Diogo Ribeiro	20/03/1622	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 12 / f. 176v	Provimento.
Pe. João Sevraõ de Macedo	19/07/1623	Igreja de Nossa Senhora do Castello da Villa de Cezimbra	Portugal	L. 12 / f. 273	Provimento ao Pe. João Sevraõ de Macedo, beneficiado da dita Igreja.
Lourenço Nunes	03/08/1628	Igreja Matriz de Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 13 / f. 206	Organista e Mestre de Capella. Alvará.
Jeronimo Tavares	03/08/1628	Igreja N. Sr^{a}. da Consolação na Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 13 / f. 224	Alvará.
Pe. Francisco Grilo	19/11/1630	Igreja da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 13 / f. 630	Provimento.
Pe. Nicolao Rodrigues	31/10/1631	Igreja de S^{ta}. M^{a}. da Graça da villa de Setubal	Portugal	L. 13 / f. 197v	Provimento.
João Gomes	07/03/1635	Igreja de S^{ta}. M^{a}. da Graça da villa de Setubal	Portugal	L. 13 / f. 104	Provimento.
Manoel Gomes	12/01/1636	Igreja Matriz da Villa de Grandola		L. 14 / f. 234v	Provimento.
Antonio Neto Chainho	09/03/1637	Igreja Matriz de villa de Sines	Portugal	L. 14 / f. 253	Provimento.
Sebastião Alvares	27/03/1637	Igreja Matriz da N. Sr^{a}. de Macejana		L. 14 / f. 255v	Provimento.
Mathias Ribeiro	26/11/1637	Igreja de N. Sr^{a}. Castellos de Palmella	Portugal	L. 14 / f. 260v	Provimentos.
Pe. Nicolao Rodrigues	11/08/1638	Igreja de N. Sr^{a}. da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 14 / f. 264v	Provimento.
Luiz da Silva	17/06/1641	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 14 / f. 312	Provimento.
Pe. Manoel da França	14/12/1638	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 14 / f. 270	Carta.

Nome	Data	Igreja	Local	Livro de Registro	Tipo de Documento
Pe. Luiz Faleiro	16/12/1641	Igreja de S^{ta}. M^{a}. da Graça da villa de Setubal	Portugal	L. 14 / f. 322	Provimento.
Gaspar Vaz	10/07/1642	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Castello da Villa de Cezimbra	Portugal	L. 14 / f. 84	Provimento.
Manoel Faraõ	11/04/1646	Igreja Santa Maria do Castello da Villa de Cezimbra	Portugal	L. 15 / f. 340v	Provimento.
Pe. André Duarte	25/04/1652	Igreja de N. Sr^{a}. do Castello da Villa de Palmella	Portugal	L. 15 / f. 462	Alvará.
Manoel da Silva	25/05/1655	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 16 / f. 14v	Provimento.
Diego Escolar	09/10/1656	Igreja de S. Pedro da Villa de Palmella	Portugal	L. 16 / f. 87v	Alvará.
Pe. Manoel de Brito	28/08/1658	Igreja Matriz da Villa de S. Tiago de Cacem	Portugal	L. 16 / f. 214	Provimento.
Miguel Escollar	25/06/1658	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 16 / f. 171v	Provimento.
Organista: não citado	30/09/1658	Igreja Matriz da N. Sr^{a}. de Mertola /	Portugal	L. 11 / f. 191	Provimento de 8$ rz de mantimento à custa da Fabrica da dita Igreja.
Pe. Pedro Freire	23/07/1658	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 16 / f. 179v	Provimento.
João Gomes Escollar	27/01/1659	Igreja da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 16 / f. 200v	Provimento.
Pe. Jacinto Alvares	15/05/1660	Igreja Matriz da Villa de Grandola		L. 16 / f. 278v	Provimento.
Antonio Neto Chainho	13/11/1660	Igreja Matriz de villa de Sines	Portugal	L. 16 / f. 315v	Provimento.
Domingos Lourenço	26/02/1661	Igreja de N. Sr^{a}. da Villa de Palmella	Portugal	L. 16 / f. 332v	Provimento.
Manoel Falleiro	12/01/1662	Igreja de N. Sr^{a}. da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 16 / f. 378v	Provimento.
Luiz Marques	21/01/1663	Igreja Matriz da N. Sr^{a}. de Mertola	Portugal	L. 16 / f. 452	Provimento.
Bartholomeu Fernandes	27/02/1663	Igreja Matriz da Villa de Castro Verde	Portugal	L. 16 / f. 455	Provimento.
Andre da Gama	06/11/1664	Igreja Matriz da Villa de Almodovar	Portugal	L. 17 / f. 104v	Provimento.
Manoel Guterres	04/12/1665	Igreja S^{ta}. Maria de Castellos de Palmella	Portugal	L. 17 / f. 238	Provimento.
Miguel Fernandes Rapozo	29/03/1666	Igreja Matriz da Villa de Grandola	Portugal	L. 17 / f. 267v	Provimento.
Manoel Falleiro	14/04/1666	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 17 / f. 272	Provimento.
Manoel Guterres	29/05/1666	Igreja S^{ta}. Maria de Castellos de Palmella	Portugal	L. 17 / f. 271	Alvará

Nome	Data	Igreja	Local	Livro de Registro	Tipo de Documento
Pe. Jacinto Alvares	26/02/1682	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 20 / f. 179v	Alvará.
Pe. Antonio Lopes Ferro	20/11/1683	Igreja Matriz da Villa de Grandola	Portugal	L. 20 / f. 417v	Provimento.
Simao? Gomes Roxo	03/12/1693	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 22 / f. 276v	Provimento.
Francisco Gomes	14/04/1696	Igreja Matriz de S^{ta}. Maria do Castello da Villa de Palmella	Portugal	L. 22 / f. 414	Provimento à Francisco Gomes Organista e thezoureiro da igreja. .
Sebastião Alvares da Cunha	28/11/1698	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 24 / f. 161	Provimento de serventia por 3 annos.
Hilario de Moraes	16/05/1699	Igreja se S. Pedro da Villa de Palmella	Portugal	L. 24 / f. 186	Provimento.
Século XVIII					
Sebastião Alvares da Cunha	12/05/1701	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 24 / f. 278v	Provimento.
Domingos Nunes	02/09/1705	Igreja Matriz da Villa de Grandola	Portugal	L. 25 / f. 63v	Provimento.
Sebastião Alvares da Cunha	06/09/1705	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 26 / f. 60	Provimento.
Pe. Antonio Lopes	29/11/1706	Igreja S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 115v	Provimento.
Fructuozo Freire de Faria	10/09/1707	Igreja Matriz da Villa de S. Thiago de Cacem	Portugal	L. 25 / f. 151v	Provimento.
Joze de Souza	21/01/1708	Igreja de N. Sr^{a}. da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 159	Provimento.
Domingos Pires da Silva	12/03/1709	Igreja Matriz da Villa de S. Thiago de Cacem	Portugal	L. 25 / f. 241	Provimento.
Antonio Pereira	02/05/1711	Igreja Matriz da villa do Torraõ	Portugal	L. 13 / f. 358	Organista e Thezoureiro da dita Igreja. Provimento.
Manoel Bello	02/05/1711	Igreja Matriz de S^{ta}. M^{a}. da Graça da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 318	Provimento.
Pe. Manoel Gomes da Silva	14/05/1711	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 318	Provimento.
Pe. Manoel Gomes	28/10/1712	Igreja de N. Sr^{a}. da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 375	Provimento.
Pe. Antonio Nogueira	06/03/1712	Igreja da Anunciada da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 354	Provimento.
Pe. Antonio Nogueira	28/10/1712	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 25 / f. 374v	Provimento.

Nome	Data	Igreja	Local	Livro de Registro	Tipo de Documento
Joze Gomes de Carvalho	12/03/1715	Igreja Matriz de S^{ta}. M^{a}. da Graça da villa de Setubal	Portugal	L. 26 / f. 97v	Provimento.
Antonio Pires de Carvalho	06/04/1715	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 26 / f. 104v	Provimento.
Antônio Pereira de Mello	24/091715	Igreja da Villa de Almada	Portugal	L. 26 / f. 136	Provimento.
Manoel Pedro Chacotaõ	29/08/1721	Igreja S. Thiago da Villa de Alcácer do Sal	Portugal	L. 27 / f. 77v	Provimento.
Joze Felix	12/05/1723	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 27 / f. 228v	Provimento.
Pe. Francisco Carneiro de Abreu	08/05/1724	Igreja Matriz da villa do Torraõ	Portugal	L. 27 / f. 280	Provimento.
Pe. João Delgado	22/08/1724	Igreja Matriz da Villa de Grandola	Portugal	L. 27 / f. 304v	Provimento.
Pe. Felix da Silva	04/02/1726	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 27 / f. 402	Provimento.
Pe. Joze da Silva Barradas	12/08/1727	Igreja Matriz da Villa de S. Tiago de Cacem	Portugal	L. 23 / f. 95	Provimento.
Manoel Ignacio	09/06/1728	Igreja de Santiago da Villa de Almada	Portugal	L. 23/ f. 149v	Provimento.
Sebastião Dias Gordilho	02/07/1731	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 23 / f. 348v	Provimento.
Pe. Estevaõ Joze Pereira	01/02/1732	Igreja de Santiago da Villa de Almada	Portugal	L. 23 / f. 396	Provimento.
Pe. Antonio Luiz da Costa	23/04/1732	Igreja S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 28 / f. 341	Provimento.
Pe. Antonio da Costa	19/06/1733	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 28 / f. 43v	Provimento.
Pe. Joze Simão Velho	19/07/1737	Igreja Matriz da Villa de Castro Verde	Portugal	L. 28 / f. 331v	Provimento.
Pe. Ventura de Aguiar e Carvalho	19/10/1737	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 28 / f. 349v	Provimento.
Pe. João Baptista de Menezes	26/09/1738	Igreja Matriz de S^{ta}. Maria do Castello da Villa de Palmella	Portugal	L. 28 / f. 401	Provimento.
Organista: não citado	15/09/1743	Organista e Thezoureiro das nove igrejas da Villa de Setubal	Portugal	L. 29 / f. 267v	Alvará para que no almoxarifado da Mesa Mestral da Ordem de Cristo da dita Villa se lhes inteirassem os ordenados, que lhes ficara devendo a fabrica Geral das distas Igrejas aonde os tinhaõ assentados.

Nome	Data	Igreja	Local	Livro de Registro	Tipo de Documento
Pe. João Rodrigues de Carvalho	19/11/1743	Igreja de Santiago da Villa de Almada	Portugal	L. 29/ f. 266	Provimento.
Pe. Joze Gomes Leitão	16/02/1742	Igreja de N. Sr[a]. Da Assumpção do Castello da Villa de Almada	Portugal	L. 29 / f. 136	Provimento.
Joze Roberto Botelho	24/05/1744	Igreja Matriz de S. Pedro da Villa de Palmella	Portugal	L. 29 / f. 302v	Provimento.
Pe. Luiz Antonio de Matos	24/05/1744	Igreja Matriz de S. Pedro da Villa de Palmella	Portugal	L. 29 / f. 302v	Provimento.
Pe. Francisco Gomes Mosquito	09/11/1745	Igreja de Santiago da Villa de Almada	Portugal	L. 29 / f. 379v	Provimento.
Manoel Joze Fialho	05/12/1748	Igreja de N. Sr[a]. Da Assumpção do Castello da Villa de Almada	Portugal	L. 30 / f. 259v	Provimento.
Pe. Henrique da Costa Pestana	24/07/1749	Igreja de S[ta]. Maria da Cidade de Tavira	Portugal	L. 30 / f. 229v	Provimento.
Pe. João Martins Vieira	13/07/1754	Igreja Matriz da villa do Torraõ	Portugal	L. 34 / f. 137	Provimento.
Martiniano Gomes	12/08/1754	Convento de Palmella	Portugal	L. 34 / f. 142	Alvará.
Manoel de Carvalho	29/07/1755	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 34 / f. 182v	Provimento.
Feliz Dias Sanches	06/05/1757	Igreja de N. S[ra]. da Villa de Palmella	Portugal	L. 34 / f. 276v	Provimento.
Pe. Felis Gomes	02/06/1758	Igreja de N. Sr[a]. Da Assumpção do Castello da Villa de Almada	Portugal	L. 34 / f. 330	Provimento.
Pe. Manoel Inacio Xavier	02/09/1761	Igreja Matriz de S. Pedro da Villa de Palmella	Portugal	L. 36 / f. 168	Provimento.
Francisco de Jesus Berge	15/11/1763	Igreja de S[ta]. M[a]. da Graça da villa de Setubal	Portugal	L. 36 / f. 246v	Organista e Thezoureiro. Provimento.
Pe. Dionizio Joze da Costa	10/06/1765	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 36 / f. 311v	Provimento.
Joze Joaquim Duarte	24/01/1767	Igreja Matriz da Villa de Castro Verde	Portugal	L. 36 / f. 375v	Provimento.
Manoel Faleaõ Murzello	31/01/1671	Igreja de S. Julião da villa de Setubal	Portugal	L. 18 / f. 107	Provimento.
Pe. Joze Rodrigues Pinto	Sem data.	Igreja S. Sebastião da villa de Setubal	Portugal	L. 26 / f. 199v	Provimento.

Quadro 5 – Chancelaria da Ordem de Avis

Século XVIII - Chancelaria da Ordem de Avis					
Nome	**Data**	**Igreja**	**Local**	**Livro de Registro**	**Tipo de Documento**
Placido Manoel da Costa Bravo	05/05/1721	Igreja de S[ta]. Maria, Matriz da Cidade de Beja	Portugal	L. 3 / f. 303	Provimento.
Ignacio Joze de Paiva	03/09/1776	Real Collegiada de S. Joao Baptista da Villa de Coruche	Portugal	L. 2 / f. 266	Provimento.
Joze Antonio da Silva	08/10/1783	Igreja de S. Joao Baptista da Villa de Moura	Portugal	L. 2 / f. 68v	Provimento.
Joao Correa de Carvalho	17/12/1783	Igreja Matriz da Villa de Benorvente	Portugal	L. 5 / f. 172v	Provimento.
Século XIX - Chancelaria da Ordem de Avis					
Pedro Anisio? Gomes	01/03/1817	Matriz da Villa de Benorvente	Portugal	L. 1 / f. 135	Provimento.
Pe. Pedro Antonio Gomes	24/04/1823	Matriz da Villa de Benorvente	Portugal	L. 5 / f. 144v	Provimento.

1

2.2. A ARTE ORGANÍSTICA NO ACHAMENTO DO BRASIL

2.2.1. A ARMADA DE CABRAL ÀS ÍNDIAS E OS FRADES FRANCISCANOS

O grande expansionismo ibérico dos séculos XV e XVI permitiu a estes países o controle de regiões da Ásia, África e América. Portugal foi o pioneiro nas navegações dos séculos XV e XVI devido a seu posicionamento geográfico e a grande experiência em navegações. A política de expansão ultramarina de Portugal iniciou-se em 1415, no reinado de Dom João I (1357-1433), com a expedição da conquista de Celta (Marrocos), com a redescoberta do arquipélago da Madeira em 1419.

Portugal foi levado às grandes navegações pela necessidade de expandir o comércio, pela procura de um novo caminho para se chegar ao oriente, região produtora das especiarias[130], e pela busca de metais preciosos. A Igreja Católica Romana, por sua vez, faz parceria nestas viagens com o objetivo de evangelizar os povos não cristãos e estender a Igreja Católica Romana a outras partes do mundo: a propagação ou o "expansionismo" da fé Católica. Por um lado, a religiosidade estava fortemente inserida entre os portugueses do século XVI, herança do imaginário medieval. Conjuntamente, justifica-se a presença de religiosos nas armadas pelo do temor dos navegantes às intempéries do mar, das tormentas, e dos naufrágios, além da visão mística e pagã das lendas sobre seres e monstros marinhos.

Um tema ainda estudado e debatido refere-se à intencionalidade da Armada de Pedro Álvares Cabral. A começar pelo termo "achamento", usado no título "Carta de Achamento de Brasil", assim como Pero Vaz de Caminha narra logo a princípio: "Posto que o capitão-mor, desta vossa frota e asy os outros capitães escrevam a vossa alteza a nova do **achamento** desta vossa terra nova que se ora nesta navegação achou [...]". o termo "achar" no século XVI tinha ambos significados: encontrar algo que se procura, ou por casualidade. Contudo, muitos fatores levam a crer na intencionalidade.

---

[130] As especiarias eram vegetais tropicais inexistentes na Europa, como pimenta, cravo, noz-moscada, gengibre, cominho, açafrão, canela, ruibarbo, sândalo e aloés. Eram utilizadas de muitos modos pelos europeus: na farmacopeia, serviam para a composição de remédios; na culinária, eram usadas no tempero dos alimentos, tornando-os mais saborosos e digestivos, e ajudando na sua conservação, principalmente na das carnes, que estragavam com facilidade; na fabricação de corantes, algumas especiarias (aloés, açafrão) eram usadas na composição de tintas e no tingimento de tecidos. Eram usadas também na preparação de perfumes ou de cosméticos.

O navegador Duarte Pacheco Pereira, em 1498, enviado pelo Rei Dom Manuel I, veio em expedição ao Brasil, quando explorou a região dos atuais Estados do Amazonas e do Maranhão, o que leva a acreditar na intenção de Portugal em “descobrir” o Brasil. Outro fato a se considerar é que nenhum dos cronistas participantes da Armada de Cabral nada fala sobre esta “tempestade providencial”, que os trouxe ao Brasil. A carta de Caminha ao Rei de Portugal não evidencia a intencionalidade do achamento. Por outro lado, a carta de Mestre João[131] deixa explícita essa intencionalidade. Assim narra o autor:

> [...] Quanto, Senhor, ao sítio desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-múndi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas aquele mapa-múndi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e ali achará Vossa Alteza escrita também a mina [...] (MAGALHÃES, 1999, p. 91).

Diversos documentos de época levam a supor que se tratava de confirmar algo que se previa, ou mesmo se sabia. Não cabe no escopo deste trabalho tratar sobre a casualidade ou da intencionalidade da esquadra de Cabral. Adotamos ao longo do texto o termo “achamento”, no lugar de “descobrimento”, que durante muitos anos foi adotado.

Em 9 de março de 1500, sendo Rei de Portugal Dom Manuel I (1495-1521), o Venturoso, a Armada[132] comandada por Pedro Álvares Cabral (1467?-1420?), e composta por mil e duzentos homens, se lança ao mar com destino as Índias vindo a aportar na Terra de Santa Cruz[133] em 22 de abril.

Segundo o “*Livro das Armadas*”, cronistas de época[134] e as Crônicas franciscanas, posteriormente escritas, a Armada para as Índias era composta por treze naus comandadas pelos capitães: Pedro Alvares Cabral, Capitão-mor (Nau Capitania); Sancho de Tovar; Simão de Miranda; Bartholomeu Dias; Vasco de Ataíde (se perdeu da frota); Aires

---

[131] A Carta do Mestre João, é o documento escrito durante a viagem de Cabral ao Brasil, entre 28 de abril e 1 de maio de 1500, pelo espanhol João Faras ou João Emeneslau. A carta dava ciência ao rei de Portugal, Dom Manuel I, acerca do "descobrimento". A carta tornou-se famosa por fazer uma das primeiras descrições identificando a constelação Cruzeiro do Sul.

[132] A Armada de Cabral era composta de naus e de caravelas. Segundo o cronista Castanheda, eram dez naus e três navios redondos (caravelas).

[133] O Brasil teve diversos nomes, apontados a seguir: Ilha de Vera Cruz, em 1500; Terra Nova em 1501; Terra dos Papagaios, em 1501; Terra de Vera Cruz, em 1503; Terra de Santa Cruz, em 1503; Terra Santa Cruz do Brasil, em 1505; Terra do Brasil, em 1505; e finalmente Brasil, desde 1527.

[134] São eles: Castanheda, Barros, e Damião de Góes.

Gomes da Silva; Simão de Pina; Nicolau Coelho; Nuno Leitão da Cunha; Pedro Diogo Dias; Pedro de Ataíde; Luís Pires; e Gaspar de Lemos[135].

A seguir, a título de contextualização geográfica, o mapa da rota seguida pela Armada de Pedro Álvares Cabral a caminho das Índias.

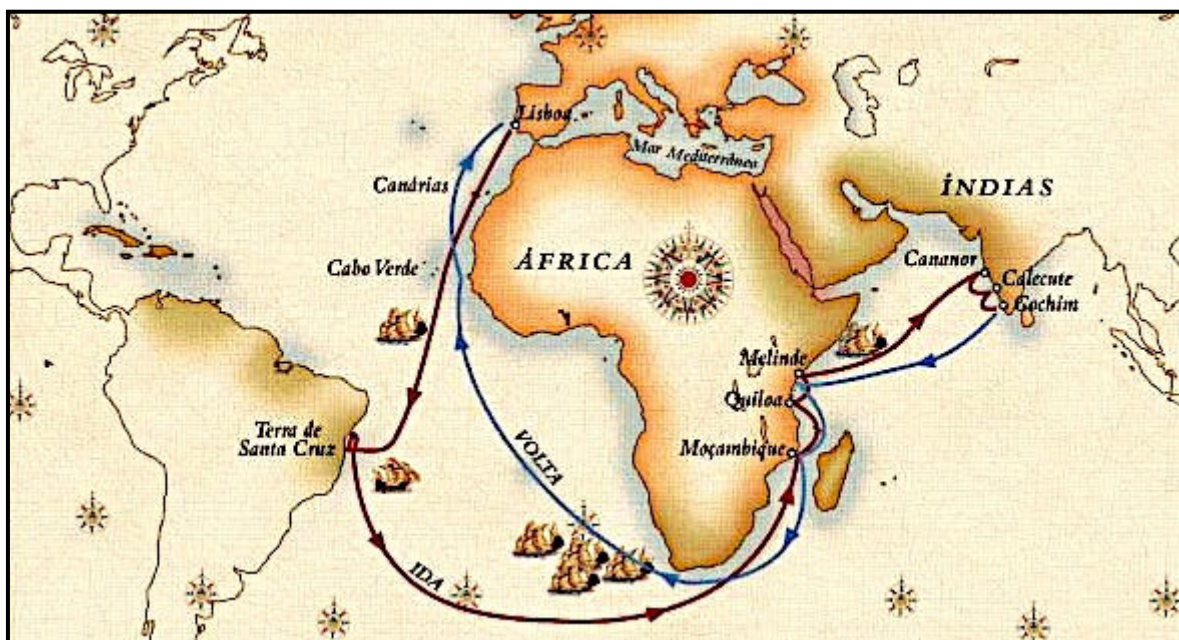



Figura 28: A rota da Armada de Cabral em 1500
Fonte: Acervo de figuras do autor – www.imagick.org.br.

O Rei Dom Manuel (1469-1521), O Venturoso, enviou oito frades franciscanos[136] como parte da tripulação da Armada de Cabral. Estes eram liderados pelo Guardião Frei Henrique Soares de Coimbra[137]. Além das celebrações dos ofícios e das missas[138] durante a viagem, eles tinham como missão a propagação da fé católica. A seguir,

---

[135] Segundo o cronista Lopes Castanheda, Gaspar Lemos retornou do Brasil com sua nau para Portugal a fim de levar a notícia do achamento ao Rei.

[136] Considera-se neste trabalho como sendo oito frades, fundamentando-se nas *Crônicas Seráficas*, deFr. Fernando da Soledade. Segundo comenta Damião de Góes em sua crônica *Chronica do felicissimo rei' dom Emanuel*, Publicada 1790, eram homens letrados.

[137] Segundo João de Barros, em Década da Ásia, Frei Henrique era varão de vida muito religiosa e de grande prudência. Oficiou as primeiras cerimônias religiosas realizadas no Brasil.

[138] Na Idade Média existia uma diferença entre estes ritos. Os ofícios (horas canônicas) eram realizados ao longo do dia: Matinas, Laudes, Primas, Terças, Sextas, Nonas, Vésperas (musicalmente mais importantes) e Completas. As missas eram a liturgia da palavra e liturgia da eucaristia.

citam-se os frades[139] e suas funções na Armada de Cabral (SOLEDADE, 1705, p. 489):

- **Frades Sacerdotes e Pregadores:** Frey Gaspar, Fr. Francisco da Cruz, Fr. Simão de Guimarães, Fr. Luis do Salvador ;
- **Frades Músicos:** Fr. Masseu[140] (Organista e Sacerdote) e Fr. Pedro Neto (Corista de ordens Sacras);
- **Frade Leigo:** Fr. João da Vittoria.

As denominadas crônicas do descobrimento diferem na quantidade de frades que estavam na Armada de Cabral, como destacam-se a seguir:

- Gaspar Correia, em *Lendas das Índias*, contabiliza um total de seis frades;
- Fernão Lopes de Castanheda em *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* cita seis frades: "E hia tambem cõ [com] Pedralvares [Pedro Álvares] hum frey Anrique frade da ordem de sam Francisco grãde [grande] letrado na sancta Teologia pera pregar: & yão coele [com ele] cinco frades outros pera ho ajudarem" (CASTANHEDA, 1833 [1559], p. 96);
- João de Barros, em sua obra *Década da Ásia*, afirma que foram, além do Guardião Frei Henrique de Coimbra, mais oito frades capelães da Ordem de São Francisco, para administrar os Sacramentos na fortaleza que El-Rei mandava fazer (BARROS, 1778, p. 384);
- Damião de Góes em C*rônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manoel*, escrita por, no Capítulo LIV da primeira parte, assim narra:

> E porque El Rei foi sempre mui inclinado as cousas que tocavam a nossa fé catholica, mandou nesta armada oito frades da ordem de S. Francisco, homens letrados, de que era Vigairo [vigário] frei Henrique, que depois foi confessor del Rei & Bispo de Cepta, os quaes com oito capellaes, & hum vigário ordenou que ficassem em Calecut, pera administrarem os sacramentos aos Portugueses, & aos da terra que se quisessem converter à fe (GÓES, 1749, p. 67).

---

[139] A título de curiosidade, existe na Torre do Tombo, um documento, intitulado "Rol das coisas necessárias para a armada a enviar à Índia". Em um de seus vários itens citados consta: Item os clérigos e frades (TT, Gaveta 20, Maço 13, doc. 80, fólio 1).

[140] Em alguns textos, o nome "Masseu" encontram-se grafado como "Maffeu". Trata-se de um erro de transcrição paleográfica, um equivoco entre a letra "s" (ſ) e a "f" (f).

Frei Fernando da Soledade, em *História Seráfica Cronológica da Ordem de São Francisco da Província de Portugal*, assim o religioso é referido:

> [...] Frei Masseu era Sacerdote, Organista, & Musico, que também com estas prendas podia ter parte na conversão das almas, havendo experiência certa de que o demônio também se afugenta com as suavidades das harmonias. (SOLEDADE, 1705, p. 489).

Nas denominadas Crônicas Portuguesas do Descobrimento não havia por parte dos autores um foco nas atuações dos religiosos, mas um foco político, razão dessa divergência de informação. Ao contrário destas crônicas, as diversas crônicas franciscanas focam na atuação e vida de seus frades, destacando os resultados da atuação dos religiosos. A quantidade e origem dos frades da Armada de Cabral podem ser confirmadas e fundamentadas na crônica franciscana *História Seráfica Cronológica da Ordem de São Francisco da Província de Portugal*, de Fr. Fernando da Soledade. O autor relata que o grupo enviado pelo Rei Dom Manuel era composto por oito frades franciscanos, (SOLEDADE, 1705, p. 489, p. 622 e p. 623), e liderados por Fr. Henrique de Coimbra, sendo este originados da Província da Piedade dos Capuchos de Portugal (SOLEDADE, 1705, p. 617). Estes foram os primeiros frades missionários na Índia, onde fundaram a Custódia de S. Thomé, vindo a ser confirmada como Província de São Thomé em 1621 (SOLEDADE, 1705, p. 628 e p. 623).

Ao chegarem a Calicute, a Armada de Cabral foi recebida pelo Rei de Calicute com grande pompa a magnificência, vestido de joias e ricos adornos. Destaca-se no Capítulo IX da narrativa do Piloto Anônimo, *Relação da Viagem de Pedro Alvares Cabral*, a ostentação do evento demonstrada no uso de trombetas feita de metais preciosos[141]: "[...] e junto a ele tocavam de quinze a vinte trombetas de prata, e três de ouro, uma das quais era de grandeza e peso tal, que custava a dois homens a leva-la; as bocas destas tinham cravados muitos rubis. [...]" (CORTESÃO, 1922, documentos anexos, p. 277).

Nas narrativas da *História Seráfica Cronológica da Ordem de São Francisco*

[141] Esse fato é confirmado pelo Cronista Damião de Góes em C*rônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manoel,* no Capítulo LVIII, havendo discordância na quantidade dos instrumentos. Segundo Góes eram vinte trombetas, sendo dezessete de prata e três de ouro (GÓES, 1749, p. 76).

na Província de Portugal, de Fr. Fernando da Soledade, no Livro V, Capítulo III, o cronista fala do martírio sofrido, em 16 de dezembro de 1500, pelos religiosos que foram evangelizar em Calicute: "Mataram três Religiosos[142], os quaes em satisfação das insolências que recebiam, rogavam a Deos pela salvação dos mesmos tyranos, lançando-lhes juntamente no rosto o santíssimo nome Jesu [...]" (SOLEDADE, 1705, p. 493). Frey Henrique de Coimbra sobreviveu, cheio de feridas, e regressou ao Reino de Portugal e Fr. Masseu, segundo alguns autores, morreu neste ataque. A crônica de Fr. Fernando da Soledade não trata do destino de todos os frades, da Armada de Cabral, contudo, revela o paradeiro dos seguintes religiosos franciscanos:

- Quatro frades ficaram como missionários em Cochim: Fr. Simão de Guimarães, Fr. Luís do Salvador, e mais dois de nomes ignorados (SOLEDADE, 1705, p. 497, p. 521 e p. 624);
- Lisboa: Frei Henrique Soares, regressou para o Reino e foi confessor do Rei Dom Manuel, Bispo de Cepta (Ceuta) de 1505 a 1532, e primeiro Inquisidor[143] em Portugal a exercer esse ofício (SOLEDADE, 1705, p. 622).

Quando os frades franciscanos passaram por Quiloa foram feridos e afrontados pelos mouros, resultado da forte resistência dos mouros a pregação dos missionários portugueses (SOLEDADE, 1705, p. 492).

Gaspar Correa em sua crônica *Lendas da Índia*, no Capítulo IX "*Como ElRey de Calecut se alevantou e matou o feitor e portugueses, que com ele estavão em terra*" narra o ataque feito pelo Rei de Calicute[144]. Segundo o cronista, foram salvos o Guardião[145] e mais dois frades.

> [...] somente até trinta e seis homens que tiverao ventura de se acolherem aos bateis, todos feridos, antre os quaes forão dous frades e o guardião, [...] Os bateis se recolherão ás naos [naus] com os feridos, de que muytos morrerão porque com a agoa salgada que lhe entrou nas feridas e os poucos remédios, logo lhe entrava o pasmo, e morriam (CORREA, 1858 [1561], P. 203).

---

[142] Foram executados ao fio da espada (SOLEDADE, 1705, p. 624).

[143] Neste ofício, como primeiro Inquisidor, foi o primeiro no Reino de Portugal a mandar queimar um judeu em Olivença (SOLEDADE, 1705, p. 623).

[144] Calicute (Calecut), cidade situada na costa ocidental da Índia.

[145] Guardião é título que se dá aos superiores de conventos da ordem franciscana.

Fernão Lopes de Castanheda, em *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, diz que Frei Henrique sobreviveu ao ataque do mouros, e simplesmente cita que estavam setenta portugueses com os frades na Feitoria em Calicute. (CASTANHEDA, 1833 [1551], p. 118).

João de Barros, em *Década da Ásia*, relata que Frei Henrique escapou com algumas feridas nas costas e com ele também escaparam quatro de seus frades (BARROS, 1778, p. 436). Coincidentemente, nenhuma das Crônicas do Descobrimento faz menção ao uso do órgão após o ataque aos portugueses em Calicute.

2.2.2. O ORGANISTA FREI MASSEU E AS MISSAS CELEBRADAS NO ACHAMENTO

Encontram-se nas narrativas da Carta do Achamento do Brasil, do escrivão da Armada de Cabral, Pero Vaz de Caminha (1450-1500), dirigida ao Rei Dom Manoel I, os relatos das duas missas celebradas em solo brasileiro. Os diários de bordo relatam celebrações litúrgicas, missas e procissões realizadas nas naus, pelos capelães, nas viagens marítimas (VALENÇA, 1997, p. 14). Entretanto, Pero Vaz de Caminha, em sua Carta do Achamento do Brasil, não faz alguma alusão ao órgão de tubos, ou mesmo algum comentário a seu uso nas Missas celebradas.

A primeira missa na Terra de Santa Cruz[146] foi celebrada no Ilhéu de Coroa Vermelha, no dia 26 de abril, pelo Frei Henrique Soares de Coimbra e acolitado por outros sacerdotes. Na descrição da missa, o órgão de tubos não é citado. A seguir, a transcrição original da o carta de Pero Vaz de Caminha.

[146] Primeiro nome dado ao Brasil, por Pedro Álvares Cabral, no momento da descoberta.

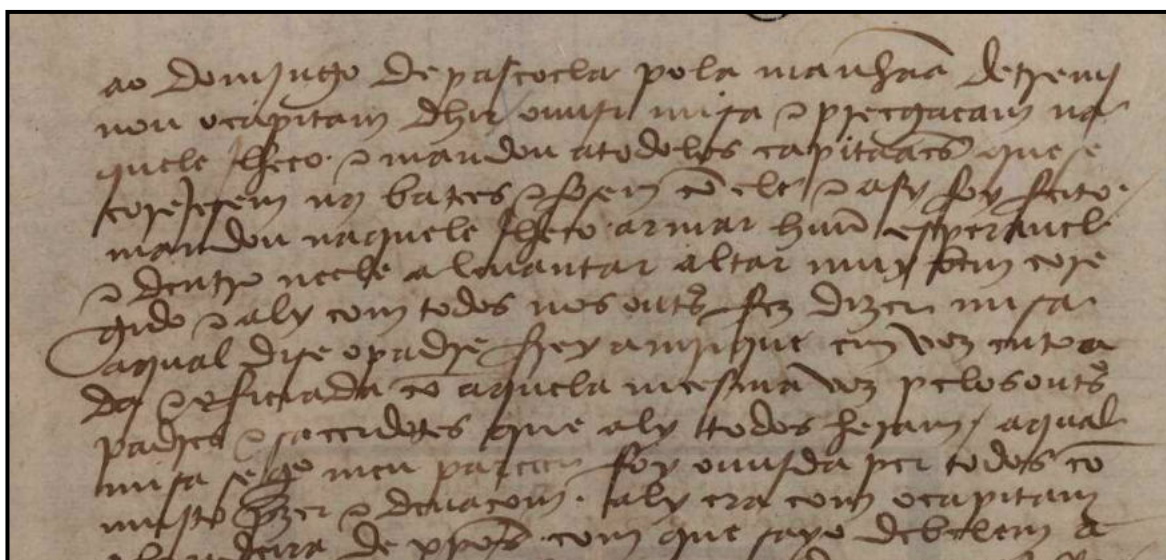



Figura 29: Carta de Pero Vaz de Caminha – Primeira Missa celebrada
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Torre do Tombo – PT-TT-GAV-8-2-8_m0009, fólio 5.

> Ao domingo de Pascoela[147] pola [pela] manhaã detreminouo capitam d'hir [de ir] ouvir misa e preegaçam naquele ilheeo. E mandou a todolos capitaães que se corejesem[148] nos batees e fosem cõ ele e asy foy feito. Mandou naquele ilheeo armar huum esperavel[149], e dentro neele alevantar altar muy bem coregido[150] **e aly com todos nos outros fez dizer misa[151] a qual dise o padre frei Amrique em voz entoada e oficiada cõ aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram.** A qual misa, segundo meu parecer, foy ouvida por todos cõ muito prazer e devaçom [...] (fólio 5).

Segundo narrativas da *História Seráfica Cronológica da Ordem de São Francisco na Província de Portuga*l, de Fr. Fernando da Soledade, no Tomo III, Terceira Parte, Livro V, no Capítulo III "*Sucessos da Viagem, e martírio de três companheiros do V. P. Fr. Henrique*", ao tratar da missa assim diz:

> Era dia da Pascoa, & junta a solenidade dia da invenção da terra, todos se pediam huns a outros os parabens de contentamento. Nao era menor o dos nosso Religiosos, a quem o desejo de lucrar a Deos [Deus] muytas criaturas fazia faltar o coração com alvoroço de ver esta nova seara, em que já pretendiaõ espalhar o graõ [grão] da vida eterna. **Fey hum Altar na praya debayxo de hua arvore, pregou o V. P. Fr. Henrique de Coimbra, & hum de seus companheyros cantou a primeyra missa**" (SOLEDADE, 1705, p. 491).

---

[147] Pascoela é nome dado à semana e ao domingo seguintes à Páscoa.
[148] O mesmo que "arranjassem".
[149] O mesmo que "pavilhão".
[150] O mesmo que "preparado".
[151] Dizer missa significa celebrar missa.

Certamente o organista frei Masseu esteve presente à missa celebrada por ocasião da Páscoa. Em um dos documentos relativos ao achamento do Brasil, conhecido como "Relação do Piloto Anônimo", no Capítulo II, o texto não faz referência ao órgão de tubos, mas cita os instrumentos usados pelos índios:

> Naquelle mesmo dia, que era no Outavario da Pascoa a vinte e seis de Abril, determinou o Capitao mór de ouvir missa; e assim mandou armar hum [uma] tenda naquella praia, e debaixo della hum altar; e toda a gente da Armada assistio tanto á missa como á Pregacao, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavão, e tangiáo nos seus instrumentos; [...] (CORTESÃO, 1922, p. 262).

No primeiro dia do mês de maio, penúltimo da esquadra de Cabral na Terra de Vera Cruz, foi celebrada a segunda missa[152], na foz do rio Mutari, antigamente chamado Itacumirim. A cruz foi trazida, juntamente com os religiosos e sacerdotes, em maneira de procissão. A princípio, o órgão de tubos deveria ser usado nessa missa, pois tratava-se de uma celebração solene[153] e um rito oficial, quando foi plantada (chantada) a cruz[154] em uma cerimônia oficial de posse das novas terras de além-mar, resultado do Tratado de Tordesilhas. Segundo a Carta do Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha, assim aconteceu a segunda missa:

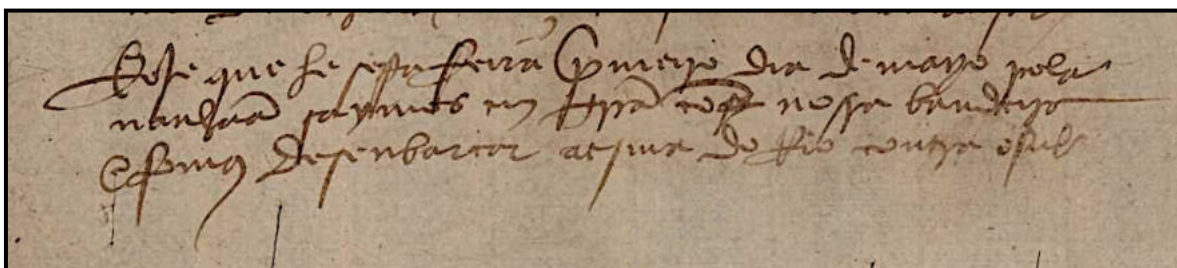



Figura 30: Carta de Pero Vaz de Caminha – Segunda Missa celebrada
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Torre do Tombo – Gavetas, Gav. 8, mç. 2, nº 8, fólio 11.

---

[152] A título de curiosidade, segundo as diversas narrativas destas missas celebradas no achamento, encontradas nas crônicas de época, as pregações eram realizadas pelos sacerdotes depois de finalizadas as mesmas; quando estes tiravam seus paramentos.

[153] Na Idade Média existiam três tipos de missas: Missa Solemnis, é a forma completa. A maior parte do texto é cantada por um celebrante, um diácono, um subdiácono, coro e/ou congregação; Missa Rezada (privada, reduzida), é a versão reduzida, realizada por um celebrante e um acólito (auxiliar, tem como função de servir o altar e auxiliar o sacerdote e o diácono). Geralmente falada e não cantada; Missa Cantada, somente o celebrante e o coro cantam. As missas solenes, era sempre celebradas com vozes e órgão, pois compreendiam que o órgão de tubos era o instrumento capaz de as cerimônias do culto o esplendor e solenidade, e elevar o espírito a Deus.

[154] A cruz alçada era, além do símbolo de devoção à fé cristã, o marco de posse da terra em nome do Rei.

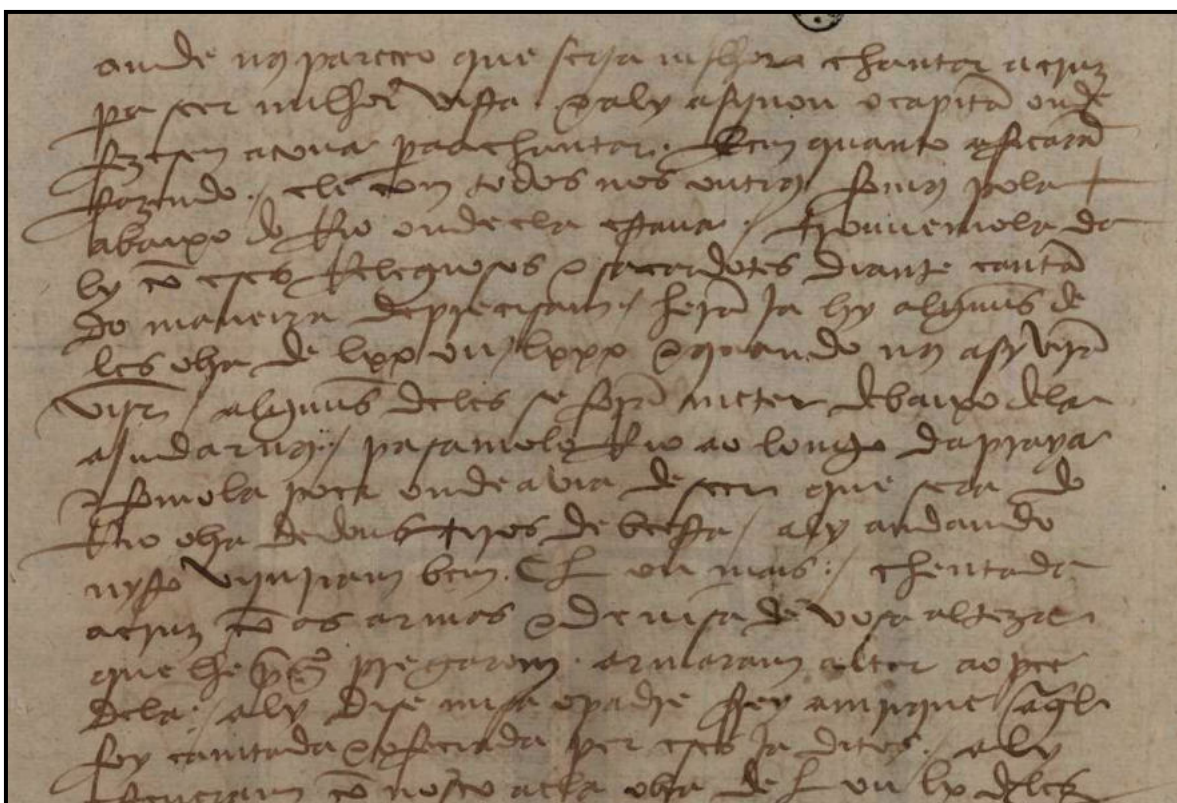



Figura 31: Carta de Pero Vaz de Caminha – Segunda Missa celebrada (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Torre do Tombo – Gavetas, Gav. 8, mç. 2, nº 8, fólio 11 verso.

> E oje, que he sesta feira, primeiro dia de mayo pola manhaã saymos em terra cõ nossa bandeira e fomos desenbarcar acima do rrio contra o sul onde nos pareceo que seria milhor chantar[155] a cruz pera seer milhor vista. [...] ele com todos nos outros fomos pola cruz abaixo do rio onde estava. Trouvemo la daly com esses tres sacerdotes diante cantãdo maneira de precisam [procissão]. [...] Chentada a cruz cõ as armas e devisa de vosa alteza que lhe primeiro pregarom armaram altar ao pee dela. **Aly dise misa o padre frei Amrique a qual foy camtada e oferecida per eses ja ditos** [...] (fólio 11 verso).

A crônica franciscana *História Seráfica Cronológica da Ordem de São Francisco na Província de Portuga*l, de Fr. Fernando da Soledade, no mesmo Tomo III, Terceira Parte, Livro V, Capítulo III, não faz referência à segunda missa celebrada em Terra de Santa Cruz.

Dos vários documentos originais quinhentistas sobre a Armada de Pedro Álvares Cabral, apenas três constituem autênticos testemunhos de membros da equipagem sobre as terras brasileiras, são eles: a Carta do achamento do Brasil de Pero Vaz de

[155] O mesmo que fincar, colocar ou plantar.

Caminha, a Carta de Mestre João Farás, e o Relato do Piloto Anônimo. Em todos estes documentos relativos ao achamento do Brasil, e até mesmo nas crônicas franciscana[156], não existe alguma referência explícita ao uso do órgão de tubos, levado na esquadra de Cabral, nas duas missas celebradas em solo brasílico.

As denominadas Crônicas Portuguesas do Descobrimento do século XVI são relatos históricos ricos em detalhes descritivos sobre a Armada de Cabral às Índias, mesmo existindo algumas divergências nesses relatos. As divergências encontram-se nas crônicas escritas posteriormente e fiada em relatos e depoimentos de outros, escritores não presenciais à viagem. Em sua maioria, as discordâncias residem em datas, quantidades, e omissão de fatos. Os excertos inseridos neste texto descrevem os eventos, não havendo qualquer interesse por parte dos cronistas em forjar informações sobre o uso do órgão de tubos ao longo descrição da viagem. Não haveria mérito ou demérito ao Rei de Portugal ou mesmo para o Reino Portugues a citação ou omissão do uso do órgãos de tubos por parte dos diversos cronistas portugueses. A tÍtulo de ilustração, a Carta do Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha[157], encontram-se comentários e impressões do autor, destacam-se entre elas: “[...] a qual missa **segundo meu parecer** foy ouvida **per todos com muito prazer e devoçom** (fólio 5) [...]. Por outro lado, Damião de Góes, em sua crônica narra: “[...] sendo presentes muitos dos da terra a todo o officio divino, **com grande espanto, & acatamento** [...] (GÓES, 1749, p. 68).

Foram seis cronistas seiscentistas portugueses que trataram da viagem de Cabral as Índias, em 1500:

- *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos portugueses*[158] (1551), de Fernão Lopes de Castanheda;

[156] O mesmo que Crônicas Seráficas, ou crônicas escritas pelos frades franciscanos.
[157] A Carta de Pero Vaz de Caminha é um dos primeiros quatorze documentos relativos à Armada de Cabral, não sendo considerado uma crônica. É uma carta enviada ao Rei de Portugal comunicando o achamento da Terra de Santa Cruz.
[158] Os oito densos livros da sua *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* foram publicados entre 1551 e 1554. Foi a primeira grande crônica da expansão a ser impresso. Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559) nasceu em Santarém e foi Bedel da Faculdade de Artes da Universidade de Coimbra.

- *Décadas da Ásia – Primeira Década*[159] (1552), de João de Barros;
- *De rebusEmmanuelis Gestis* (1571), de Jerônimo Osório;
- *Lendas da Índia*[160] (1858), de Gaspar Correia;
- *História da Província de Santa Cruz*[161] (1576), de Pero de Magalhães Gandalvo;
- *Chronica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (1566), de Damião de Góes[162].

Nestas crônicas, deparamos com várias citações ao uso do órgão de tubos levado nesta Expedição de Cabral. Curiosamente, nenhuma delas explícita o uso do órgão de tubos nas missas celebradas em solo brasílico.

Gaspar Correia (1495-1561) em sua crônica *Lendas das Índias*, ao relatar a viagem da Armada de Pedroalvares Cabral[163], faz três referências ao órgão que ratificam a inclusão deste instrumento nesta frota. A primeira, no Capítulo I, quando trata dos clérigos.

> E na nao [nau] Capitania de Frey Anrique Soares, frade de Sam Francisco, com outros cinquo (cinco) frades com retauolo da Piedade, e todos ornamentos e cousas pera pera o officio divino, com orgãos, tudo em muyta perfeição com rica prata (CORREA, 1858 [1561], p. 148).

Na sequência de sua narrativa, ao descrever a chegada e estadia dos portugueses em terras brasílicas, curiosamente, também não faz alguma alusão às missas celebradas em terra ou mesmo ao uso do órgão de tubos.

Mais adiante em sua narrativa, a Esquadra de Cabral retorna a seu destino original à Índia. Chegando a Melinde (Quênia), no dia 2 de agosto de 1500, é recebido com

---

[159] Tem como título *Da Ásia de João de Barros: dos feitos que os Portugueses fizeram na conquista e descobrimento dos mares e terras do Oriente*. A primeira década foi publicada em 1552, a segunda em 1553 e a terceira foi impressa em 1563. A quarta década, inacabada, foi finalizada por João Baptista Lavanha e publicada em 1615, em Madrid. João de Barros (1496?-1570) nasceu em Ribeira de Alitém.

[160] A crônica de Gaspar Correia (1495-1561) foi escrita entre os anos de 1529 a 1561. A família conservou o manuscrito original e somente foi publicado, em quatro volumes, em 1858 (a primeira parte) e em 1864 (a segunda parte) por disposição da Academia Real das Ciências de Lisboa. Composto por cinco volumes, é considerada uma das obras fundamentais da historiografia colonial portuguesa.

[161] Tem como título História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Foi editado em Lisboa, por Antônio Gonçalves, 1576. Pero de Magalhães Gandalvo (? - 1579) nasceu em Braga.

[162] Damião de Góes (1502-1574), ocupava cargo guarda-mor na Torre do Tombo. Foi nomeado por D. João III o cronista-mor do Reino.

[163] A título de curiosidade, nesta crônica, o nome de Pedro Álvares Cabral está grafado como "Pedroalvares".

grande solenidade e honra pelo rei. O Capitão-mor ordena celebrar missa, quando houve o uso do órgão de tubos. Assim encontra-se a narrativa do texto no Capítulo V:

> O Capitão mór mandou armar tenda de velas ao pé do padrão que posera Dom Vasco, e os frades concertárão altar com ricos ornamentos, e toda a prata do altar, e retauolo [retábulo] do Crucifixo muy rico, e todo concertado, o Capitão mór mandou pedir licença a ElRey pera ali fazerem oração. ElRey disse, que ali, e dentro dos seus paços se quisesse, porque aquella cidade era d'ElRey de Portugal, e elle seu vassalo. Toda a gente ali foy, **e os frades disserão missa officiada com orgãos que leuaução [levavam],** e homens cantores que officiárão a missa, a que comungou o Capitão mor e Capitães, e muytos outros homens; ao que se ajuntárão muytos Mouros e pouo [povo] a ver, antre os quaes, se disse, que ElRey demudado tambem fora ver (CORREA, 1858 [1561], P. 166).

Na continuação da viagem, a Armada de Cabral partiu de Melinde seguindo pela costa da Índia e aportou na Cidade de Cananor[164]. Temos mais uma referência a outra missa celebrada, mas sem o órgão de tubos.

> Foy feita apartada uma casinha com grande alpendre pera se dizer missa, e outra casa junta pera o aposento dos frades, e clérigos, que todos desembarcaram e ordenaram altar pera se dizer missa, a que se pôs nome Nossa Senhora da Conceição; [...] Então o Capitão mór com os Capitães em seus bateis, com trombetas, desembarcarão na ponta, e se apozentarão cada hum em seu aposento, [...] O dia que desembarcarão os frades disserão missa, e pregou o guardião hum pequeno sermão, encommendado a todos que pedissem a Nosso Senhor que os mettese per bom caminho, como fizessem seu santo serviço e d'ElRey nosso Senhor (CORREA, 1858, P. 169).

Prosseguindo na narrativa, no Capítulo VIII, as naus da Armada de Cabral partem de Cananor (atual Estado de Kerela, Índia) e chegam ao Çarame[165] do Rei, perto de Calicute. E foram bem recebido pelo Rei Camorym, e ali os frades cumpriram sua missão evangelizadora, e celebraram missa com órgão de tubos.

> [...] onde os frades em sua casa ornamentárão sua Igreja e consertárão tudo muyto bem; onde tambem com elles hião estar clerigos das naos [naus], que dizião missa, e confessauão [confessavam] os doentes e dauão o Sacramento, e o feitor e a gente cada dia ouvião missa, antes que bolissem na fazenda, **e aos domingos e dias de festas dizião missa cantada e sermão, e com orgãos officiada** [...] (CORREA, 1858 [1561], P. 190).

Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559) em sua crônica *História do*

---

[164] Cananor é uma cidade portuária situada na costa sudoeste da Índia.
[165] Çarame é uma casa de madeira, que ficava na praia perto de Calicute.

Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, no Tomo I, Capítulo XXXI, assim relata a missa celebrada em terras brasileiras.

> [...] & dia da Pascoela ouuio [ouviu] missa em terra, q. [que] foy dita em hua tenda cõ [com] grande solenidade, & pregou frey Anrique, & em quanto ho officio divino foy celebrado se ajuntou muyta gente da terra & faziam grandes festas [...] (CASTANHEDA, 1833 [1551], p. 97).

Em toda sua crônica, Castanheda não cita o uso do órgão de tubos. Narra que Cabral mandou colocar um Padrão de Pedra com uma cruz que era o marco de posse da terra, batizando a mesmo como Terra de Santa Cruz. O autor também narra os naufrágios, sem sobreviventes, ocorridos no Cabo da Boa Esperança, quando soçobraram as naus dos capitães: Bartolomeu Dias, Aires Gomes da Silva, Simão de Pina e Vasco d'Ataíde (CASTANHEDA, 1833 [1551], p. 98). Segundo a *História seráfica*, de Fr. Fernando da Soledade, nenhum dos frades estavam nesta naus. (SOLEDADE, 1705, p. 492).

João de Barros (1496-1570), em sua obra Década da Ásia, década I, foi bastante minucioso em sua crônica ao citar os instrumentos usados nas armadas para tirar as tristezas do mar. O autor cita os seguintes instrumentos: trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas[166], pandeiros e até gaitas, usadas nos campos para apascentar os gados (BARROS, 1778, p. 383). Por se tratarem de instrumentos para música para entretenimento, o órgão de tubos não estaria incluído nessa relação.

Quanto à narrativa da primeira missa, João de Barros não faz menção ao uso do órgão de tubos, e assim como ocorrem em outras crônicas, houve uma diferença de datas.

> Ao presente basta saber que ao segundo dia da chegada , que era Domingo da Pascoa, 109ri Pedralvares sahio em terra com a maior parte da gente , **e ao pé de huma grande arvore se armou hum Altar, em o qual disse Missa Fr. Henrique Guardião dos Religiosos, e houve pregação.** E naquella barbara terra nunca trilhada de povo Christão, aprouve a Nosso Senhor per os méritos daquelle Sancto Sacrifício, memoria de nossa Redempção , ser louvado, e glorificado , não somente daquelle povo fiei d'Armada ainda do pagão da terra, o qual podemos crer estar ainda na lei da natureza, com a qual logo Deos obrou suás misericordias, dando-lhe noticia de si naquelle Sanctissimo Sacramento, porque todos se punham em giolhos, usando dos actos que viam fazer aos nossos, como

[166] Encontra-se em vários textos da época (século XVI) os termos flauta e flautista sendo grafados de forma arcaica como "frauta" e "frautista", numa possível influência do português da Galiza. Como exemplos citam-se: "aluguer" (aluguel) e "ingreses" (ingleses).

> se tiveram noticia da Divindade a que se humildavam, e ao Sermão estiveram mui prontos, mostrando terem contentamento na paciencia, e quietação que tinham, por seguir o que viam fazer aos nossos, que foi causa de maior contemplação, e devoção, vendo quão offerecido estava aquelle povo pagão a receber doctrina de sua salvação, se alli houvera pessoa que os pudéra entender (BARROS, 1778, p. 389).

Também na narrativa da segunda missa celebrada na Terra de Santa Cruz, não foi tratado sobre o uso do órgão de tubos levado na Armada de Cabral.

> […] quando veio a três de Maio, que Pedralvares sequiz partir, por dar nome áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar huma Cruz mm grande no mais alto lugar de huma arvore, **e ao pé della se disse Missa, a qual foi posta com solemnidade de benções dos Sacerdotes,** dando este nome á terra Sancta Cruz, quasi como que por reverencia do Sacrifício, que se celebrou ao pé daquella arvore, e final que se nella arvorou com tantas benções, e orações, ficava toda aquella terra dedicada a Deos, onde elle por sua misericordia haveria por bem ler adorado per culto de Catholico povo, posto que ao prefente tão çasaro delle estivesse aquelle Gentio (BARROS, 1778, p. 390).

Damião de Góes em sua *Crônica do Serenissimo Senhor Rei D. Emanuel*, na primeira parte da crônica, no capítulo LV, descreve a primeira missa. O autor menciona a presença de todos os frades, capelães e sacerdotes da Armada de Cabral na missa, oficiada pelos mesmos.

> Achando Pedralvares, tanta familiaridade, & simpreza [simpleza] nesta gente, ordenou que ao outro dia dixesse [dissesse] frei Henrique Missa em terra, onde em amanhecendo mandou armar hum altar debaixo de huma grande arvore. **A Missa foi de Diacono, & Subdiacono, officiada como todolos frades, capellaes das naos, & sacerdotes que hiam narmada [na armada], & outras Pessoas que entendiam de canto, em que houve pregaçam, sendo presentes muitos dos da terra a todo o officio divino,** com grande espanto, & acatamento (GÓES, 1749, p. 68).

Damião de Góes, não narra a segunda missa oficializada em terras brasileiras, mas um marco de posse da terra.

> Antes que Pedralures [Pedro Alvares] partisse deste lugar, mandou poer em terra huma Cruz de Pedra, quomo por padraõ, com que tomaua posse de toda aquella prouincia, pera Coroa dos regnos de Portugal a qual pos nome de Sancta Cruz, posto que se agora (erradamente) chame de Brasil, por caso do pao vermelho que della vem, a que chamam Brasil, & assi despachou pera o regno Gaspar de Lemos no seu navio, com as novas deste descobrimento, [...] (GÓES, 1749, p. 69).

Pero Vaz de Caminha, em sua função de escrivão da Armada de Cabral, considerada a certidão de nascimento da Terra de Vera Cruz, deveria relatar e narrar com

precisão a viagem ao Rei de Portugal, assim como os eventos basilares. Carta de Pero Vaz de Caminha também confirma a presença dos oito frades nas duas Missas celebradas, um ato de importância religiosa e com significado político de posse da nova terra. Primeiramente, no Domingo de Pascoela, assim como na segunda Missa celebrada em primeiro de maio. Contudo, não faz alguma referência ao órgão de tubos e ao organista:

> [...] e ali com todos nós outros fez dizer missa a qual disse o padre frey Amrique em voz emtoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos aly heram [...] (MAGALHÃES, 1999, p. 104).
>
> […] Chentada a cruz com as armas e a divisa de Vossa Alteza que lhe primeiro pregarom armaram altar ao pee dela. Aly dise misa o padre frey Amrique, a qual foi camtada e ofeciada por eses ja ditos […] (MAGALHÃES, 1999, p.117).

Segundo as duas citações acima da Carta de Pero Vaz de Caminha, é confirmada a presença de Frei Masseu na Missa, celebrada somente com cantos, quando o frei organista participou meramente como cantor.

Em outros momentos da Carta de Pero Vaz de Caminha são narrados o uso dos instrumentos levados pelos portugueses, como também os instrumentos dos índios. Logo após a primeira Missa, são usados instrumentos: "E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, [...] (MAGALHÃES, 1999, p.104). Seguem-se diversas citações a instrumentos: "e viemo-nos às naus, a comer, tangendo gaitas e trombetas, […]; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. […] e andavam com ele muito bem ao som da gaita (MAGALHÃES, 1999, p.105; p.109).

Fernão Lopes de Castanheda em sua crônica *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses* diz que essa missa foi celebrada com grande solenidade, como deveria ser uma missa de posse de uma nova terra. A princípio, justificaria confirmar o uso do órgão de tubos, instrumento próprio das missas solenes. Contudo, como tratado anteriormente, o uso do órgão de tubos no *Ceremonial Romano* somente foi regulamentado através *Caeremoniale Episcoporum* (*Cerimonial dos Bispos*), em 1600. Este Livro Litúrgico foi a unificação dos diversos cerimoniais anteriormente existentes, quando foi atribuído o uso do órgão de tubos nas celebrações e momentos solenes (Capítulo XXVIII do *Caeremoniale Episcoporum*). Portanto, não havia no início do

século XVI alguma regulamentação da Igreja Católica Romana que decretasse o uso do órgão de tubos em uma Missa Solene oficial de posse da nova terra.

Considerando-se que o achamento das novas terras era um momento de importância histórica e significativa para a Coroa Portuguesa e para a Igreja Católica Romana, em sua intensão expansionista. O Reino de Portugal procurava o aumento territorial através de novas colônias, a igreja, difundir a fé nestas novas terras. Para os frades franciscanos, seria oportuno documentar detalhadamente sua atuação. Contudo, a própria crônica *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, de Fr. Fernando da Soledade, fiel em relatar a atuação de seus frades não menciona a atuação do organista Frei Masseu nestas missas celebradas em Terra de Santa Cruz.

Certamente Frei Masseu tocou o órgão de tubos em outras Missas e ofícios Divinos celebrados durante a viagem da Armada de Cabral, tanto em terra, como em mar. O religioso franciscano, além de sua missão evangelística, tinha a função auxiliar nas celebrações litúrgicas e demais serviços religiosos.

Organistas, musicólogos e historiadores sempre afirmaram que a história organística brasileira teve seu primórdio nas duas missas celebradas no Brasil por ocasião de seu achamento; atestam a participação organística de Frei Masseu nestas missas. Contudo, considerando-se os textos conhecidos como *Os primeiros 14 documentos relativos à armada de Cabral*, assim como também os Cronistas Portugueses do Descobrimento, nenhum destes confirma esta afirmativa. Como visto nas várias citações das Crônicas do Descobrimento, está comprovada a existência do órgão de tubos na esquadra de Cabral, assim como seu uso em diversos momentos da viagem às Índias. Contudo, estranhamente, em nenhuma das crônicas e mesmo nos três testemunhos autênticos de membros da equipagem, assim como também na Carta de Pero Vaz de Caminha, não descrevem o uso do órgão de tubos, nem a atuação do organista oficial da Armada de Cabral nas missas celebradas em Terra de Vera Cruz. Todos documentos são unânimes em não mencionar o uso do órgão de tubos, como também a atuação de Frei Masseu como organistas nas missas celebradas no achamento do Brasil.

Portanto, até que seja encontrado algum documento ou mesmo alguma crônica

de época comprovando o uso do órgão de tubos nas missas celebradas pela Armada de Pedro Álvares Cabral nesse primeiro momento da história do Brasil, não pode-se afirmar que a arte organística brasileira teve seu primeiro capítulo no achamento do Brasil, meramente confirmar a presença do organista Frei Masseu em solo brasílico, no achamento do Brasil.

2.3. O PRINCÍPIO DA COLONIZAÇÃO DA TERRA DE SANTA CRUZ

Em 1501 uma pequena frota composta por três caravelas se dirigiu ao Brasil a fim de realizar o reconhecimento da qualidade, extensão e valor na nova terra. De acordo com o texto de Varnhagen, esta frota foi comandada por D. Nuno Manuel. Em 1503, uma segunda frota de seis navios, sob o comando de Gonsalo Coelho e tendo como pilotos Américo Vespúcio, João de Lisboa e João Lopes de Carvalho. Encontram-se em *Décadas de Ásia*, de João de Barros, e no *capítulo LXV da primeira parte, da Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel,* de Damião de Góis, referências e esta expedição (GOIS, 1749, p. 87). Seguiram-se a estas expedições algumas outras portuguesas, com o objetivo de exploração, e, até mesmo francesas, interessadas no comércio do pau-brasil.

As primeiras três décadas foram de praticamente abandono do litoral brasílico, sendo considerada uma Capitania do Mar (1516 a 1534). A partir de 10 de março de 1534, foram assinadas as doações das Capitanias por Dom João VI. A Terra de Santa Cruz é dividida em quatorze capitanias hereditárias, a saber: Grão-Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Ilheos, Espirito Santo, Porto Seguro, Rio de Janeiro, e São Vicente. Este sistema perdurou até 1549, quando foi instituído o Governo-Geral, quando o território foi organizado em Estado, sendo administrado pelo Governador Geral do Brasil, Ouvidor-mor, e Provedor-mor. O primeiro Governador Geral do Brasil foi Tomé de Souza (1º de fevereiro de 1549); o segundo, Duarte Costa (13 de julho de 1553); o terceiro, Mem de Sá (1558). A Partir de 1572, são constituídos Governos-Gerais em 1572: Luiz de Brito de Almeida (governo do norte) e Doutor Antônio Salema (governo do sul). Em 1576 é novamente unificado o Governo-Geral, seguindo-se outras administrações. A partir de 1580 tem início a União Ibérica, quando o Estado do Brasil e o Reino de Portugal passam ao domínio e governo espanhol,

perdurando até o ano de 1640.

Somente no século XIX o território brasileiro passa por nova divisão, dessa vez em dez governos, referentes aos seguintes Estados: Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Esta divisão em Estados perdurou até 1817, quando foi o Brasil dividido em vinte províncias. Em 1822, é decretada uma nova divisão pelas Cortes Constituintes, sendo reduzido a dezessete províncias; sendo mantida esta divisão pela Constituição de 1823 (CONSTANCIO, 1839, p. 4). O Estado do Brasil foi uma unidade administrativa da América Portuguesa criada durante o reinado de Dom João III. O Rei mandou fundar a Cidade de Salvador, sede do Governo Geral, e organizando as Terras Brasilianas em Estado, com suas autoridades superiores: Governador Geral, Ouvidor-mor, e Provedor-mor (LEITE, 1955, p. 40).

Considerando-se a significativa perda da maioria do patrimônio organístico colonial e imperial brasileiro, seu resgate se torna possível através de levantamentos documentos eclesiásticos, das crônicas de época, e do estudo de caso dos poucos órgãos de tubos históricos sobreviventes. Os registros documentais de compra, instalação e reformas de órgãos de tubos, assim como também os pagamentos a organistas das sés catedrais, igrejas matrizes, confrarias (irmandades e ordens terceiras)[167] e capelas de fazendas são fontes de informação. Quanto as ordens primeiras e segundas, estas geralmente tiveram seus próprios organistas que membros das mesmas ordens religiosas, contudo, algumas vezes contratavam músicos leigos. Acrescentam-se a estes registros históricos, as crônicas e relatos de época, fontes primárias para pesquisa documental histórica.

[167] As confrarias são associações religiosas nas quais se reuniam os leigos no catolicismo tradicional. Existem dois tipos de confrarias, ambas de origem medieval: as irmandades e as ordens terceiras. As irmandades constituem uma forma de sobrevivência, na espera religiosa, das antigas corporações de artes e ofícios. Quanto às ordens terceiras, são associações que se vinculam às tradicionais ordens religiosas medievais, especificamente às ordens primeiras: franciscanos, carmelitas e dominicanos (AZZI, 2008, p.234).

2.4. O PRIMEIRO CARGO DE ORGANISTA NO ESTADO DO BRASIL

Salvador foi a terceira povoação fundada no Brasil, sendo precedida pela Vila de Olinda (1535) e pela Vila do Recife (1540). Para a fundação da Cidade de Salvador de Todos os Santos, foi enviado em 1549, pelo Rei de Portugal, Dom João III, "O Piedoso", um grupo formado por pessoas de vários ofícios tais como: um cirurgião, pedreiros, mestre de obra, mestre-pedreiro, mestre-pedreiro-arquiteto[168], espingardeiros, carpinteiros, serradores, serralheiros, carvoeiros, homens d'armas, empreiteiros dos muros, entre outros oficiais. Além destes vieram pilotos das naus e caravelas, marinheiros, bombardeiros[169], pajens e grumetes. Também oficiais para os cargos públicos (tesoureiros, feitor, escrivão, almoxarife), e senhores de engenho. Dentre estes estavam clérigos e músicos aqui destacados (Torre do Tombo – Papéis do Brasil – Avulsos – Maço 3 – Documento 6):

- Religiosos – Vigários: Diogo de Oliveira (1549), para Villa de Porto Seguro; Pe. Francisco da Luz (1550), vigário na Capitania do Espirito Santo; João Dermundo (1550), vigário na Capitania do Espirito Santo; Manuel Leitão (1549), Prior da Igreja da Cidade de Salvador da Bahia; e Padre Manuel da Nobrega (1550), Maioral dos Padres Jesuítas;
- Músicos – Trombeteiros: Diogo Dias (1549), outro Diogo Dias (1549), Diogo Glz^{s} [Goncalves] (1549), João Frz' [Fernandez] da Bexiga (1549), Pedro Goncalves dos Lapas (1549), Simão Rodrigues da Bexiga (1549), e Vicente (1549).

O documento seguinte cita os valores anuais dos salários dos ofícios e cargos pagos pela Coroa Portuguesa. Nesse rol de salários também estavam incluídos religiosos, cargos eclesiásticos e os Missionários Jesuítas, ordem eclesiástica convidada pelo Rei. Deste documento, destaca-se o pagamento ao Padre Manoel da Nobrega e demais Jesuítas que vieram fundar a Cidade de Salvador. Consideram-se estes Jesuítas, os "Missionários da Coroa", como os responsáveis pelos primórdios do ensino e da prática de música no Brasil.

---

[168] Destacam-se os mestres das corporações de ofícios que vieram construir a cidade: Luíz Dias, mestre de obra; Diogo Peres, mestre-pedreiro; e Pedro Goes, mestre-pedreiro-arquiteto.

[169] Termo "bombardeiro" refere-se ao artilheiro, ou seja a pessoa que manejava as peças de maior calibre a bordo dos navios da Coroa de Portugal.

Figura 32: **Folha de Pagamento aos Jesuítas**
Fonte: Torre do Tombo – Papéis do Brasil – Avulsos – Mç. 3 – Doc. 6 – Fólio 200 verso.

> A 1^{a}. vez q'. [que] se falla em Jezuitas na folha de pagam^{to}. [pagamento] da Bahia he em 12 de Novembro de 1550; mandando-se-lhes pagar ao Pe. M^{el}. [Manoel] da Nobrega seo Maioral o mantim^{to}. [mantimento] do mez de Novembro, q'. [que] pela Fazenda Real venciaõ a razão de 2$400 rs. [réis] por mez, pagou-se-lhes em farro[170] a razão de 2$000 rs. O quintal. Erã [eram] 6 os Jezuitas vencia cada hum de mantim^{to}. 400 rs. Por mez, o q' se ...melhor em outro lugar. Logo no ano de 1549 1^{o}. da fundação da Bahia houve Farrarias por conta da S. [Sua] Mag^{de}. [Majestade], e o carvão para gasto dellas se deo por empreitada.

A maioria dos sacerdotes e bispos que atuaram no Período Colonial Brasileiro, eram membros da Irmandade de São Pedro dos Clérigos, fundada pelo Clero Diocesano. Ficaram conhecidos como Padres (ou Presbítero) do Hábito de São Pedro, ou mesmo como o Clero Secular[171]. Tem atuação mais próxima ao povo, ao contrário do Clero Regular, que pertencem as Ordens Religiosas, dos mosteiros e conventos.

Criado pela Bulla *Super specula militantes Ecclesia*, de 25 de fevereiro de

---

[170] Farro (*T. turgidum* var. *dicoccum*) é um dos mais antigos cereais cultivados no mundo, mas pouco atualmente. É uma espécie tetraploide com variedades selvagens e domesticadas. A palavra farinha vem de farro.

[171] Termo que vem do latim *sæculum*, que significa mundo.

1551, o Bispado da Bahia, teve como seu primeiro Bispo[172], o Clérigo do Hábito de São Pedro, Dom Pedro Fernandes Sardinha[173]. O Bispado da Bahia foi único na colônia até 22 de novembro de 1676, quando foram criados o Bispado do Rio de Janeiro e o Bispado de Pernambuco.

A princípio, a Sé da Bahia se instalou na Capela de Nossa Senhora da Ajuda, construída de taipa e com cobertura de palha, construída em 1549 por Padre Manoel da Nobrega e pelos primeiros povoadores. Esta primeira Catedral ficou conhecida como a "Sé de Palha".

Em 1550, foi enviada ao Governador Thomé de Souza uma segunda armada pelo Rei de Portugal. Nesta armada veio o primeiro Bispo do Brasil, juntamente com tudo necessário à nova Sé. Em *Tratado Descritivo do Brasil em* 1587, o autor Gabriel Soares de Sousa assim narra:

> Logo no anno seguinte de 1550 se ordenou outra armada, com gente e mantimentos, em socorro d'esta nova cidade, da qual foi por capitão Simão da Gama de Andrade com o galeão velho muito afamado e outros navios marchantes, em a qual foi o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita autoridade, grande exemplo e estremado pregador, o qual levou toda a clerezia , ornamentos, sinos, pecas de prata e outras alfaias do serviço da igreja, e todo o mais conveniente ao serviço do culto divino: e sommou a despeza que se fez no sobredito, e no cabedal que se metteu na artilharia, munições de guerra, soldos, mantimentos, ordenados dos officiaes, passante de trezentos mil cruzados (SOUZA, [1857] 1851. P. 114).

Considerando-se o texto anterior quando diz "e todo o mais conveniente ao serviço do culto divino", pode-se afirmar que, entre estes os utensílios sacros, estava incluído um órgão de tubos; instrumento considerado pelos portugueses como necessário à dignidade do culto. Contudo, levando-se em conta o porte do primeiro templo que abrigou a Catedral, a denominada "Sé de Palha", comportaria apenas um órgão de tubos portátil, um órgão positivo de mesa ou positivo de chão, ou até mesmo um pequeno órgão realejo. Não

---

[172] Os Bispos são responsáveis pela administração de uma diocese, maior unidade territorial da igreja. São considerado sucessores dos apóstolos. Estão diretamente subordinado ao papa.

[173] Dom Pero Fernandes partiu de Lisboa em 24 de março, chegando ao Brasil em 22 de junho de 1552. Atendendo ao chamado do rei de Portugal, Dom Fernandes embarca para Portugal em 1556, ainda nas costa brasileiras, naufragam na enseada de Coruripe, são atacados e comidos por índios Caetés em 16 de junho de 1556.

foi encontrado algum documento, até princípios do século XVIII, de pedidos ou envios de grandes órgãos de igreja para suprir as igrejas ou mesmo as Sés Catedrais brasílicas.

Com a vinda do primeiro Bispo, em poucos meses foi iniciada a construção de um novo templo de "pedra e cal", em 1552, durante o governo de Tomé de Sousa. A Sé Catedral foi edificada na parte alta da cidade, fora dos muros da cidadela, com a fachada voltada para o mar. A construção do novo templo perdurou por mais de cinco anos. Segundo de Padre Manoel da Nobrega, em carta datada de 2 de setembro de 1557, afirma que o templo ainda não estava concluído. A Fazenda Real ainda designava significativos valores para as obras em 1559. Durante o Governo-Geral de Mem de Sá foi possível um levantamento considerável da Sé Baiana. Segundo afirma Francisco da Rocha Peres, em *Memória da Sé*, "a Igreja da Sé jamais chegou a seu término"[174], fato muito comum mesmo nas catedrais europeias, cuja as construções levavam séculos. No caso específico da Sé de Salvador, acrescentam-se a ação do tempo, má conservação, reconstruções pós guerras, remodelações, entre outros fatores.

Em *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Souza descreve a Catedral Sé, seu templo e sua realidade nas práticas litúrgicas. O texto não faz menção ao cargo de organista, sugerindo estar vago; contudo, mostra a realidade financeira da Sé Catedral e de seus cargos eclesiásticos. Pela vacância de organista, provavelmente, o Mestre de Capela ocupava os dois cargos.

> **A igreja é de três naves, de honesta grandeza, alta e bem assombrada, a qual tem cinco capelas muito bem feitas e ornamentadas, e dous altares nas hombreiras da capella mór.** Está esta Sé em redondo cercada de terreiro, mas não está acabada da torre dos sinos e da do relógio, o que lhe falta, e outras officinas muito necessárias, por ser muito pobre e não ter para fabrica mais do que cem mil réis, cada anno, e estes muito mal pagos. **Serve-se n'esta igreja o culto divino com cinco dignidades, seis cônegos, dous meios cônegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre da capella; e muitos d'estes ministros não são sacerdotes;** e ainda que são tão poucos, fazem-se n'ella os officios divinos com muita solemnidade, o que custa ao bispo um grande pedaço da sua casa; por contentar os sacerdotes que prestam para isso, com lhe dar a cada um um tanto com que queiram servir de conegos e dignidades, do que os clérigos fogem por não ter cada conego mais de trinta mil réis, e as dignidades a trinta e cinco, tirado o deão que tem quarenta mil réis, o que lhes não basta para se vestirem. Pelo que querem antes ser capellães da misericórdia

[174] PERES, 2009, p. 85.

> ou dos engenhos; onde tem de partido sessenta mil réis, casas em que vivam e de comer: e n'estes logares rendem-lhe suas ordens e pé de altar outro tanto. Está esta Sé muito necessitada de ornamentos e os de que se serve estão mui damnificados [danificados]; e de maneira que nas festas principaes se aproveita o cabido dos das confrarias, onde os pedem emprestados, de que S. Magestade não deve estar informado, que se o estivera, tivera já mandado prover esta necessidade, em que está o culto divino, pois manda receber os dízimos d'este seu Estado, cuja cabeça está tão damnificada que convém acudir-lhe com remédio devido com muita presteza (SOUZA, [1587] 1831, p 120).

Durante as invasões holandesas algumas igrejas foram transformadas e usadas para cultos protestantes calvinistas[175]. Na Cidade de Recife, a Igreja do Corpo de Deus foi transformada santuário protestante. Em Salvador, a cidade esteve sob domínio holandês no período de 8 de maio de 1624 a primeiro de maio de 1625. Logo após a conquista da cidade, no dia 11 de maio de 1624, foi celebrado o primeiro culto reformado em Salvador, na Sé Catedral Primaz do Brasil[176]. O culto foi dirigido pelo Reverendo Enoch Sterthenius, que foi o pregador na ocasião[177].

O período áureo do Brasil Holandês ocorreu entre os anos de 1637 e 1644, durante a administração de João Mauricio de Nassau Siegen (1604-1676). Segundo Frei Manoel Calado, testemunha ocular da época e amigo pessoal de Mauricio de Nassau, durante o governo de Nassau foi permitida a liberdade religiosa de culto. Uma grande quantidade mapas e de figuras que retratam, não somente Salvador, mas o Brasil desta época, é devido aos holandeses.

A Sé Catedral de Salvador foi reconstruída no início do século XVII e finalmente este templo foi reconstruído definitivamente na segunda metade do século XVII, se tornando um santuário grandioso.

A seguir, o desenho apresenta uma reconstrução hipotética do templo antigo da Sé Catedral de Salvador, no século XVIII, feito por Luís dos Santos Vilhena (1744-1814), em *Recopilação de notícias Soteropolitanas e Basílicas, volume I.*

---

[175] Neste tempo foram fundadas vinte e duas igrejas calvinistas no Nordeste, em sua maioria, na Cidade do Recife, onde existiram também uma congregação inglesa e uma francesa.

[176] Durante a reocupação de Salvador, a Sé Catedral foi bombardeada pelos fortes esquadra espanhola que veio para a reconquista da Bahia.

[177] Juntamente com os exércitos holandeses vieram missionários e pastores da Igreja Reformada Holandesa.

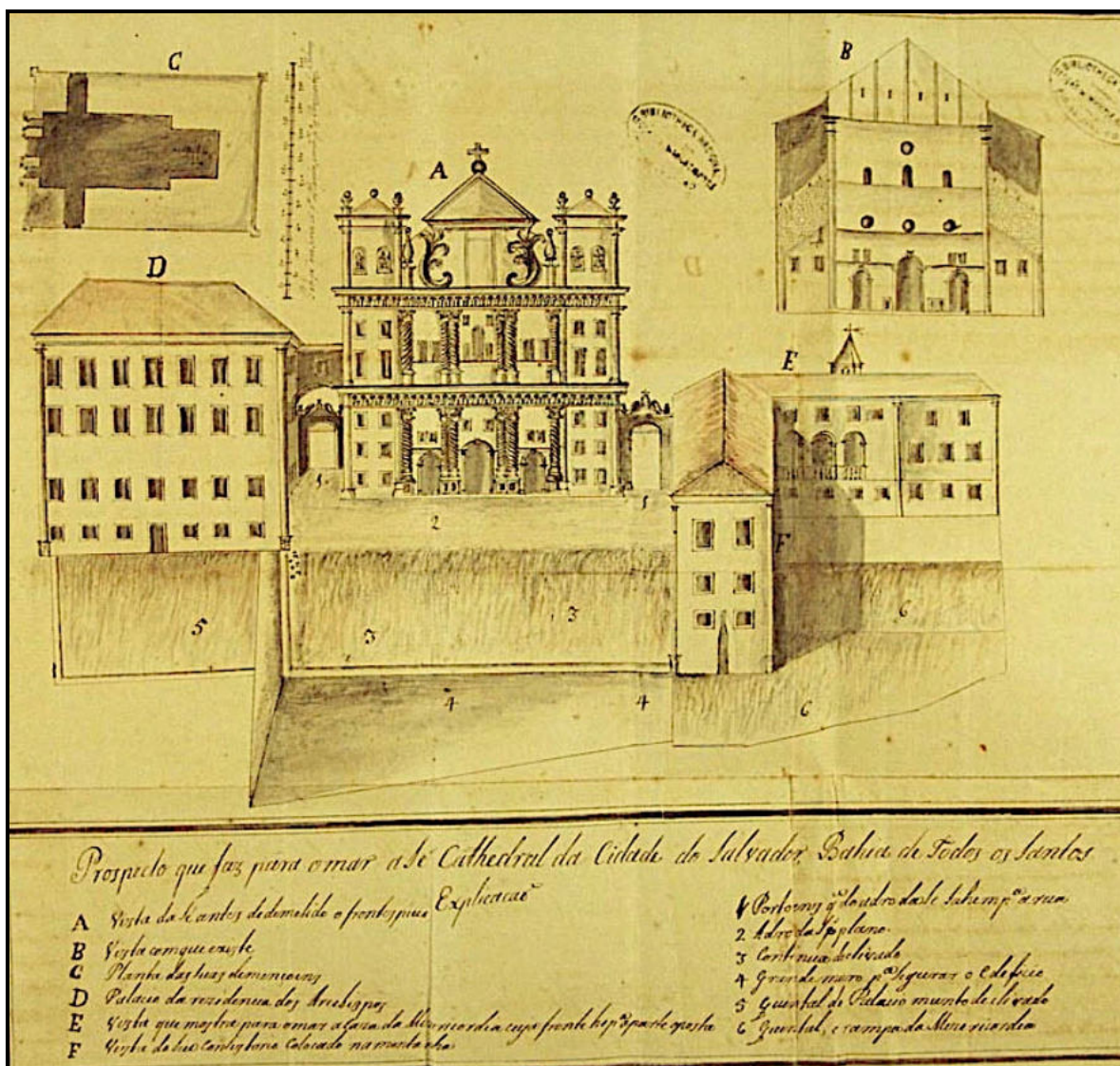



Figura 33: Catedral Sé da Bahia no século XVIII – Carta III – Folha avulsa
Fonte: Acervo de figuras do autor – Recopilação de notícias Soteropolitanas e Basílicas; Vol. 1. [Manuscrito].

Com a expulsão dos Jesuítas no século XVIII a Catedral Sé foi transferida para a Igreja dos Jesuítas. Em 1933, cumprindo reformas urbanísticas, o templo da antiga Sé Catedral foi demolido, dando lugar aos trilhos de bondes. Deste santuário restaram poucas imagens iconográficas. A seguir, uma fotografia do altar pouco antes de sua demolição.

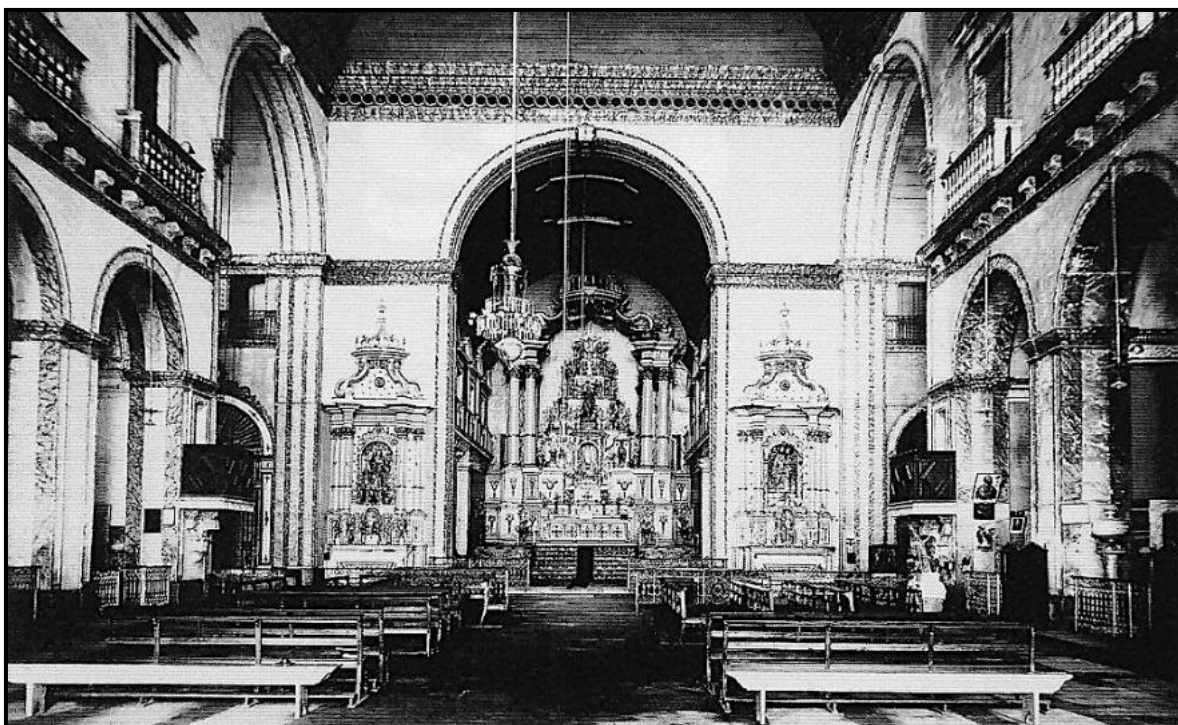



Figura 34: Altar da Catedral Sé da Bahia no século XX
Fonte: Acervo fotográfico do autor – www.bahia-turismo.com.

A imagem iconográfica seguinte, datada de 1875, do fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923), mostra a atual Catedral Basílica, a esquerda, e a antiga Sé Primaz do Brasil, a direita, com sua fachada para o mar, quando não tinha mais suas duas torres.

Figura 35: Catedral Basílica de Salvador e Sé Primaz do Brasil
Fonte: Acervo fotográfico do autor – www.cidade-salvador.com.

2.4.1. AS DIGNIDADES E OFICIAIS DA CATEDRAL DE SALVADOR

Segundo as *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia: Feystas, & ordenadas*, em Catálogo dos Bispos, Dom Pedro Fernandes Sardinha, o primeiro Bispo do Brasil, trouxe consigo dignidades, cônegos e clérigos para servirem na nova Catedral que seria erigida, contudo, seus nomes não são citados no texto. Na fundação do Primeiro Bispado, no Brasil havia somente a Capitania de Ilheos e de Porto Seguro, onde haviam somente clérigos missionários. Nestes primórdios de povoamento do Brasil foram em poucos anos eretas três Paroquias: a Sé de Salvador, a de N. S. da Vitória de Villa Velha, e fora dos muros, a de S. Jorge de Villa de Ilheos[178]. Neste tempo, era Rei em Portugal Dom João III, e Governador do Brasil Men de Sá. Na Bula de criação do Bispado da Bahia foram confirmados os cargos de cônegos, dignidades, capelães e outros demais oficiais para o serviço da Sé. Um bispado era composto por diversos cargos eclesiásticos, com funções distintas e segundo uma hierarquia. Os cargos eram nomeados, ou concursados, por um período de três anos, podendo ser renovado pelo mesmo período. Formaram o primeiro quadro dos cargos nomeados por Provisão, segundo o *Livro Primeiro das Provisões*[179]:

- Seis Cônegos[180]: os Padres Antônio Zuzarte, Diogo Gonçalves, Luis Barreiros, Diogo Marques e Luís de Avada, que resignou sendo nomeado para seu lugar Álvaro Antunes. Uma dessa Capelanias não se confirmou, sendo nomeado João da Varzea ;
- Seis Capelanias: os clérigos das ordens menores Antônio Rodrigues, Antônio velho, Bastião Pereira, Diogo Mendes, Pedro Barbosa e Diogo de Almeida;
- Mestre Escola: Padre Sylvestre Lourenço;
- Tesoureiro[181]: Felipe Estácio;

---

[178] MONTEYRO, 1719, p. 3.
[179] Códice 1 – 19 – 16 – 1.
[180] Cônego é o que possui uma Conezia na catedral. Os cônegos formam o "senado" do Bispo, ajudando e servindo ao mesmo. Formado por Clérigos que tem a Prebenda e direito de sufrágio.
[181] Thesoureiro-Mor está sob seus cuidados os vasos sagrados, as alfaias, e demais preciosidades da catedral; assim como os livros e documentos.

- Vigário Geral: Bacharel Francisco Fernandes[182];
- Deão[183]: Padre Gomes Ribeiro (1551), Padre Fernão Pires (1554);
- Chantre: Francisco de Vacas[184] (22 de junho de 1553);
- Mestre de Capela: João Lopes, Bartholomeu Pires (1565 a 1576);
- Moços de Coro[185]: João Velho (filho de João Velho) e Diogo (filho de Matheus de Juro), nomeados em 17 de agosto de 1552. Em primeiro de abril de 1554 foi nomeado Simão de Oliveira (filho de Antônio de Oliveira) e em 19 de dezembro de 1559, Diogo (filho de Diogo Rodrigues);

As *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia* (Códice L°. 104, fólio 91 verso) foram redigidas somente a partir da Carta Regia, do Rey Dom João V, datada de 11 de abril de 1718, que ordena que houvesse um estatuto próprio para esta Sé Catedral. De acordo com as *Constituições Primeiras*, a corporação eclesiástica desse Cabido ficaria assim é constituído, sendo classificados nos seguintes níveis hierárquicos (Códice L°. 104, f. 99):

- **Dignidades:**
    - Deão: é a primeira Dignidade, depois da Pontifical, sendo Presidente do Cabido. Precede todas as demais;
    - Chantre: é a segunda Dignidade, a quem pertence mandar reger o Coro, e a reza dele;
    - Tesoureiro-mor: é a terceira Dignidade, a quem toca ter a bom recado os bens que há na Sacristia, e mandar tanger os sinos;
    - Mestre Escola: é a quarta Dignidade, a quem pertence reger os Meninos do Coro;

---

[182] Durante a Sé vacante por morte do Bispo Sardinha, Padre Sylvestre Lourenco ficou no cargo.

[183] Deão é a primeira dignidade da catedral, e o presidente do cabido, tanto nas solenidades eclesiásticas como nas suas reuniões em sessão, e a ele compete a direção suprema da administração e economia da sé.

[184] Francisco de Vacas era Clérigo de Ordens do Evangelho e faleceu sendo substituído pelo Padre Fernão Pires (16 de maio de 1554), que por sua vez, abdicou sendo substituído por Ruy Pimenta (7 de dezembro de 1559).

[185] Primeiramente formam confirmados dois moços de coro. Posteriormente, em 14 de setembro de 1669, foram confirmados mais dois, totalizando 4 moços de coro, como era prática de uso na época.

- Arcediago: é a quinta Dignidade, que deve assistir com o Bago[186] as ações Pontificais;

- **Conezias:**
    - Cônego Doutoral;
    - Cônego Magistral;
    - Cônego Penitenciário;
    - Outros Cônegos.
- **Ministros:**
    - Sub-Chantre;
    - Mestre da Capela;
    - Tangedor de Órgão;
    - Capelães (10);
    - Moços de Coro (4);
    - Sacristão;
    - Porteiro da Maça.
- **Oficiais Eleitos:**
    - Prioste Geral;
    - Prioste Anual;
    - Secretário;
    - Cobrador das Fábricas;
    - Cobrador das Igrejas menores;
    - Procurador;
    - Juiz;
    - Apontador.

Quanto às funções dos cargos diretamente relacionados à música na liturgia e no ensino de música nas catedrais, tinham qualificações e obrigações distintas. De acordo com os *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia*, os cargos assim são definidos:

---

[186] O báculo ou bago (termo medieval, já em desuso nesta época), é um dos símbolos episcopais. Tem o significado simbólico do cajado, relativo ao líder.

- **Chantre (Precantor, Cantor):** pertence ao Chantre reger todo o Ofício, coordenar lhe as cousas necessárias, e dar o modo de cantar conforme ao tempo, e fazer que o Subchantre cumpra inteiramente com as suas obrigações como o levantar Hinos, Salmos, encomendar Lições, Antífonas, e o mais que pertence a seu Oficio, advertindo-o, e apontando-o segundo as faltas dele merecer. Obrigara ao dito Subchantre, e capelães a irem a Estante de canto chão, e canto de órgão. E terá também cuidado que os Moços do Coro não faltem a sua obrigação (Códice L^{o}. 104, f. 101v).
- **Sub-chantre (Sochantre):** é um aliviador, e substituto do Chantre para certas e determinadas funções, e atos que não exerce por si o Chantre (Códice L^{o}. 104, f. 105);
- **Mestre da Capela:** será obrigado o Mestre da Capela a cantar todas as vésperas de dias clássicos de preceitos, e todas as Missas Solenes de Domingos, e dias Santos de preceito, e não mais solenidades que determinar, ou o Prelado ou o Cabido e as completas dos sábados da Quaresma. E por cada vez que não cantar Vésperas, e Completas será multado em duzentos réis. E se aplicarão estas multas para a Fábrica. Também é obrigado a assistir e canta na noite de Natal, e Semana Santa. E não sendo a música destes dias suficiente, o Cabido o multará segundo a qualidade de sua omissão (Códice L^{o}. 104, f. 106);
- **Moços do Coro:** cada semana assistirão dois Moços do Coro, a todas as Horas Canônicas para dizerem os versos, e Responsórios das Horas divinas, e servirem de Ceroferários ao Altar. E todos quatro se acharão presentes para ajudarem as Missas Privadas dos Cônegos de Capelães. Nas horas que se não encontrarão com o serviço da Igreja, tomarão lições dos Mestres, e pessoas que lhes forem assinadas sob pena de serem castigados como parecer (Códice L^{o}. 104, f. 106).
- **Mestre-escola:** como tal Capitular, cantará Missa nos dias da sua dignidade. E sem embargo de que os Moços do Coro aprendam a Gramática no Colégio da Companhia de Jesus, fundado pelo Senhor Rey D. Sebastião em falta de

Seminário nesta Cidade, e o Canto Chão com o Mestre da Capela da mesma Sé (Códice Lº. 104, f. 102v).

Destacam-se aqui as obrigações do cargo de organista na Sé Catedral da Bahia, de acordo com as *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia*.

Organista
Hé obrigado o Organista a tocar o Orgaõ nas Vesperas Solemnes, e Completas
dos Sabbados da Quaresma todas as Domingas q̃ occorrem entre o anno
e dias Santos de preceito. Exceptuaõ se desta regra as Domingas do
Advento e Quaresma, nas quaes senaõ tange Orgaõ: salvo na tercei-
ra Dominga do Advento, e quarta da Quaresma. Tambem tocará
o Orgaõ nas Missas de todos os dias duplices, e nas Matinas Cantadas

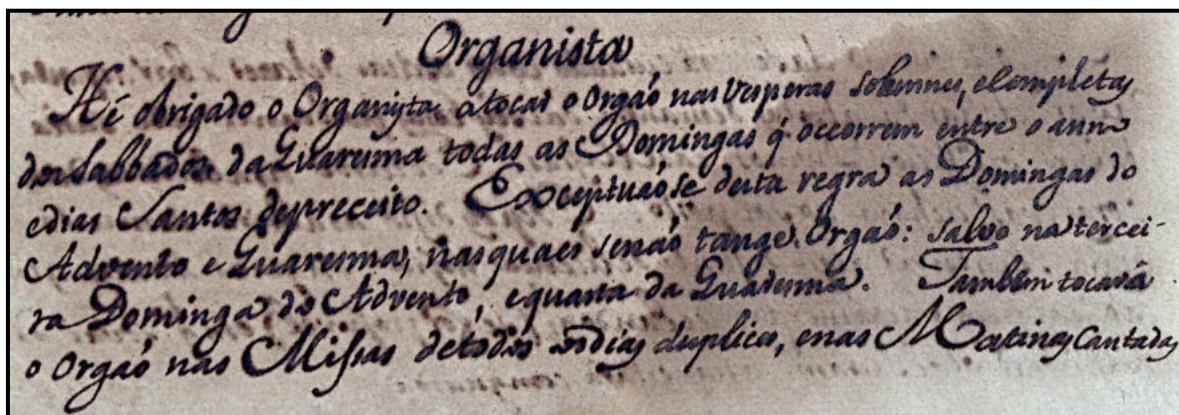



Figura 36: Obrigações do organista da Sé da Bahia
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento da Bahia – Códice Lº. 104, f. 106.

excepto nas da Semana Santa. E todas as vezes q̃ o naõ fizer por si, ou
por outro, será multado em duzentos reis pelas Matinas, e o mesmo
pelas Missas; e pelas vesperas e Completas cem reis. E faltando mais
vezes terá a mesma multa até a sexta vez q̃ será dobrada, e assim tam-
bem dahi por diante. E chegando a faltas doze vezes será a multa
em tresdobro cada huma atè chegar a vinte, e mais se nos dará conta pª
provermos como nos parecer. A qual multa será pª a fabrica
Tambem he obrigado a tocar o Orgaõ nos dias das Antifonas
do O sob pena de quarenta reis

Figura 37: Continuação: obrigações do organista da Sé da Bahia
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. Da Bahia – Códice Lº. 104, f. 106 verso.

> **Organista**
>
> Hé obrigado o Organista a tocar o órgão nas vésperas solennes, e Completas dos sábados da Quaresma todas as Domingas que ocorrerem entre o anno e dias Santos de preceito. Excetuando-se desta regra as Domingas do Advento e Quaresma, nas quais se não tange Órgão: salvo na terceira Dominga do Advento, e quarta da Quaresma. Também tocará o Órgão nas Missas de todos os dias dúplices, e nas Matinas Cantadas excepto nas da Semana Santa. E todas as vezes que o naõ fizer por si ou por outro, será multado em duzentos réis pelas Matinas,

> e o mesmo pelas Missas; e pelas Vésperas e Completas cem réis. E faltando mais vezes terá a mesma multa até a sexta vez que será dobrada, como também dahi por diante. E chegando a faltar doze vezes será a multa em três dobro cada hua até chegar a vinte, em que se nos dá conta para provermos como nos parecer. A qual multa será para a Fábrica. Também he obrigado a tocar o Órgão nos dias das Antífonas do Ó sob pena de quarenta réis (Códice Lº. 104, f. 106).

Nesta época, nas sés catedrais, o povo tinha a participação somente como expectador nas celebrações litúrgicas, não sendo permitido a estes exercerem as funções reservadas às Dignidades, às Conezias e aos Ministros. Mesmo no século XIX, o viajante Auguste de Saint-Hilaire, em visita à Província de Minas, confirma esta mesma situação, e ainda acrescenta: "Aparecer na igreja com o Livro (A Bíblia Sagrada) é expor-se ao ridículo, [...]" (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000, p. 85). Em *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia: Feystas, & ordenadas*, em seu Livro IV, Título XXVIII "*Que nas Igrejas se naõ assentem em cadeyras de espaldas, tamboretes, nem os leygos estejaõ sentados na Capella mòr em quanto se fazem os Officios Divinos*", no Parágrafo de N. 737 assim é definido sobre a participação de leigos nos Ofícios Divinos, restringindo a somente as dignidades, cônegos, ministros e oficiais:

> Porèm esta nossa Constituiçaõ naõ haverá lugar (11) nos leygos, que estiveram nas Capellas móres para effeyto de cantar, tanger, & ajudar aos Officios Divinos nem os que ajudarem à Missa, tiveram tochas, ou assistirem ministrando em semelhantes funções, nem nos que entrarem para se confessar, & commungar. [...] (MONTEYRO, 1719, p. 282).

Quanto as obrigações do organista nas Sé Catedral, *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia,* na primeira parte, que trata dos Estatutos da Sé, assim determina no "Estatuto Segundo", que trata das celebrações solenes dos Ofícios Divinos.

O Organista assistirá ao orgaõ, naõ sem.e nos Domingos e dias Santos, mas tambem em todos os dias duplices. E por cada vez q̃ faltar será multado em duzentos reis p.a a fabrica da Sé.

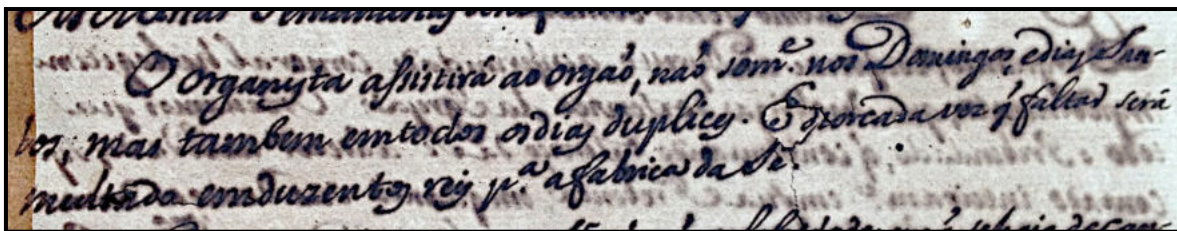



Figura 38: Obrigações do Organista – *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. Da Bahia. – Códice Lº. 104 – Fólio 95.

> O organista assistirá ao órgão, não som[e]. [somente] nos Domingos e dias Santos, mas também em todos os dias dúplices. E por cada vez q' [que] faltar será multado em duzentos réis p[a]. [para] a Fábrica da Sé (Códice L[o]. 104 – Fólio 95).

Além das dignidades eclesiásticas, entre os capitulares, existem os cargos que são ofícios. Nestes ofícios está incluído o organista ou o tangedor de órgãos. Também estão incluídos os seguintes cargos relacionados à música: o Sub-Chantre; Coordenador das Cerimônias; o Diretor de Coro; e o Mestre da Capela.

Na Sé da Bahia, a princípio foram confirmadas apenas duas vagas para Moço de Coro. Posteriormente foram realizadas substituições e criados mais duas vagas, completando-se o total de quatro Moços de Coro. Em primeiro de abril de 1554, foi nomeado Simão de Oliveira (filho de Antônio de Oliveira), para Moço de Coro. Finalmente, a 30 de abril de 1554, foi nomeado Diogo Rodrigues (filho de Diogo Rodrigues) para o cargo de Moço de Coro. No reinado de Dom Sebastião, em 9 de dezembro de 1559, foram acrescentado mais duas vagas para Moços de Coro na dita Catedral. Assim, ficou completo o quadro de Moços de Coro, Até então, os Moços de Coro recebiam 2$000 rs (réis) anuais de Provisão, a partir de então receberiam um acréscimo de 4$000 rs a suas Provisões[187]. Em 11 de dezembro de 1559, foram nomeados Felipe e Belchior para Moços de Coro.

Segundo prática neste período em Portugal, os coros eram composto de 4 Moços (Meninos) de Coro. Contudo, segundo documentos relativos aos outro cargos das sés, os Capelães e Cônegos também cantavam no coro, juntamente com os Moços de Coro. Um Alvará datado de 9 de dezembro determinava que os cargos compatíveis de serem ocupados pela mesma pessoa deveriam receber os mantimentos e ordenados das duas funções, acrescenta: "[...] porque ainda que a pessoa, que for Conego ou tiver outro qualquer beneficio seja Pregador, se fizer falta no coro será apontado, segundo o costume da dita Sé" (Códice 1 – 19 – 16 – 1).

Em 22 de junho de 1553, Francisco Vacas, Clérigo das Ordens do Evangelho, foi nomeado para a Dignidade de Chantre da Sé de Salvador. Contudo, em 18 de maio de

---

[187] As Provisões eram pagas pelo Rei através de suas Fazendas nas Partes do Brasil.

1554, Francisco Vacas foi substituído por João Lopes no Chantrado da Sé. Tendo João Lopes renunciado ao cargo, foi substituído por Ruy Pimenta (Clérigo de Ordens Menores) em 23 de março de 1560.

À Dignidade de Chantre, ou o Chantrado, estava delegada a responsabilidade de assegurar o canto nos ofícios litúrgicos da catedral. Sob sua responsabilidade estavam os cantores e os organistas. Durante o Período Colonial os organistas eram enviados pela Coroa Portuguesa para as sés catedrais, contudo, poucos organistas vieram para o Brasil, considerando-se as outras colônias, fato constatado em documentação, como pode ser confirmado nos quadros 3 a 5 (página 80). Por isto, no Brasil, provavelmente os Chantres, pela carência de organistas, os Chantres assumiram também o cargo de organista.

2.4.2. PADRE PEDRO DA FONSECA, O PRIMEIRO ORGANISTA DA SÉ CATEDRAL DA BAHIA

Em 12 de julho de 1552, o Bispo D. Pero[188] Fernandes Sardinha, em carta dirigida ao Rei Dom João III, pede que Francisco Vacas seja confirmado como Mestre da Capela. Ainda nessa mesma carta o Bispo solicita que o Rei de Portugal envie órgãos. Da mesma forma que veio um órgão positivo na Armada de Cabral, pode-se presumir que D. Pero Sardinha tenha trazido algum órgão tubos em sua vinda para a Bahia. Considerando-se o início do pedido, quando escreve "Não se esqueça Vossa Alteza" sugere ter havido pedidos anteriores não respondidos. De toda a forma, esse é o primeiro documento oficial, encontrado, de um pedido ao Rei de Portugal do envio de órgão, visto que esta seria a primeira Catedral do Estado do Brasil. Com o propósito de contextualização, neste momento da história do Brasil ainda não existiam grandes templos, e sim pequenas capelas ainda construídas de pau a pique e adobe[189], e seus tetos eram de palha. Neste ano de 1552 se deu início a construção de um templo maior. Portanto, não caberiam órgãos de grande porte nestas capelas, tais como os órgãos renascentistas que começavam a ser instalados em Portugal neste século. Somente em princípios dos oitocentos diversas igrejas e sés catedrais queixam-se dos órgãos de pequeno porte que não são mais adequados e proporcionais as

[188] O nome "Pedro" era grafado também como "Pero".
[189] Adobe é um tijolo grande de argila, cozido ao sol e às vezes misturado à palha ou a capim para ficar mais resistente.

grandes dimensões dos novos templos brasílicos.

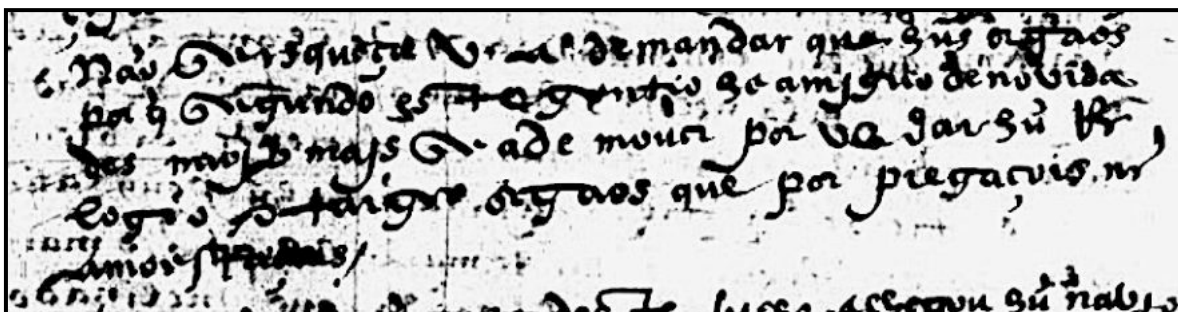



Figura 39: Pedido de órgãos feito pelo Bispo Dom Pero Sardinha ao Rei
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Torre do Tombo – Fólio 1 verso.

> Não se esqueça V. A. [Vossa Alteza] de mandar qua [cá] huns orgaõs por q'. [que] segundo este gentio he amiguo de novidades muito mais se a [há] de mover por vos dar hum relogio e tanger órgãos que por pregaçõis [pregações] nem amoestaçoes [admoestações] (Corpo Cronológico, Parte I, maço 88, n.º 63 No. Suc. 11481 – PT/TT/CC/1/88/63).

Ao comentar a preferência dos mesmos por tanger órgãos, o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha revela a familiaridade dos nativos com o órgão de tubos. Considerando-se que este pedido foi escrito ao Rei de Portugal em menos de um mês de sua chegada ao Brasil, que se deu em 22 de junho de 1552, pode-se deduzir que o órgão era conhecido dos nativos há mais tempo. Neste caso existem duas possibilidades. A primeira, ter sido trazido pelos missionários franciscanos. A segunda, mais recente, sua vinda ter sido através dos Jesuítas liderados por Padre Manoel da Nóbrega, em 1549.

O Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha partiu para a Corte em 2 de julho de 1556. Na sequência desta viagem, o navio no qual viajava naufraga no dia 16 de julho, e morre do primeiro Bispo brasileiro, Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, devorado por índios canibais Caetés na enseada de Coruripe, atual Estado de Alagoas.

Segundo Bispo do Brasil, Dom Pedro Leitão, Clérigo do Hábito de São Pedro, chegou a Bahia em 4 de Dezembro de 1559, ano em que tomou posse. Não é certo o ano de sua morte, mas o terceiro Bispo do Brasil, Dom Antônio Barreyros, tomou posse em 1576.

Em 9 de setembro de 1559, o Rei Dom Sebastião determina, por Alvará de Provisão Eclesiástica, cria o Cargo de Tangedor de Órgãos (Organista) para a Sé Catedral de Salvador, considerado o primeiro cargo oficial de organista no Brasil. Transcreve-se na integra o texto desse Alvará do *Livro Primeiro das Provisões*:

Alvará de S. M. para
haver hum Tangedor na Sé da Cid.e
que tanja os Orgaõs

Eu ElRey. Como Gov.or e Perpetuo Admi-
nistr.or q̃ Sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado
de Nosso Snr. JESUS Christo. Faço Saber aos que es-
te Alvará virem, que Hey por bem, e Me Praz que
na Sé da Cid.e do Salvador das Partes do Brazil
haja daqui em d.e hum tangedor dos Orgaõs, o q̃
haverá de mantimento ordenado doze mil reis
em cada hum anno a Custa de Minha Fazenda
em quanto se naõ acabar de fazer a d.a Sé; porque
tanto que for acabada haverá o dito ordenado
dos quarenta mil reis que saõ ordenados para a
fabrica della; e o d.o Tangedor servirá o d.o Cargo
conforme o Regimento, que lhe para isso dará
o Bispo das ditas Partes do Brazil, e o Cabido
da d.a Sé; e o tempo, em que assim houver de la-
var o d.o ordenado a Custa de Minha Faz.da lhe
será pago no Off.al ou Off.es em que por Sua Mi-
nha Provizaõ ordenei, que forem pagos os man-
timentos, e Ordenados, e acrescentamentos ao d.o
Bispo, e as Dignid.es, Conegos, e Ministros da d.a Sé,
E pelo traslado da dita Provizaõ, e Certa com Co-
nhecimento do d.o Tangedor, e Cert.m do d.o Bispo

Figura 40: Alvará criando o primeiro cargo de organista do Brasil
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Nacional do RJ – Códice 1-19-16-I, f. 151 – Fólio 151.

Figura 41: Continuação: Alvará criando o primeiro cargo de organista do Brasil
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B. N. Do Rio de Janeiro– Códice 1-19-16-I, f. 151 – Fólio 151 verso.

Alvará de S. A. [Sua Alteza] para haver hum Tangedor na Sés desta cid[e]. [cidade] que tanja os Orgaõs

Eu El-Rei Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo. **Faço saber aos que este Alvará virem, que Hei por bem, e Me praz, que na Sé da Cidade do Salvador das Partes do Brasil haja daqui em diante um tangedor dos órgãos o qual haverá de mantimento ordenado doze mil reis em cada um anno** a custa de Minha Fazenda **enquanto se nao acabar de fazer a dita Sé; porque tanto que for acabada haverá o dito Ordenado dos quarenta mil reis**, que são ordenados para a fábrica della; **e o dito Tangedor servirá o dito Cargo conforme o Regimento, que lhe para isso dará o Bispo das Partes do Brasil, e o Cabido da dita Sé**; e o tempo, em que assim houver de haver o dito Ordenado a custa de Minha Fazenda lhe será pago no Official, ou Officiaes, em que por Minha Provisão ordenei, que fossem pagos os mantimentos, e Ordenados, e accrescentamentos ao dito Bispo, e às Dignidades, Conegos, e Ministros da dita Sé. E pelo translado da dita Provisão, e desta com Conhecimento do dito Tangedor, e Certidão do dito Bispo ou do Deão da dita Sé, de como o dito Tangedor serve nella, e cumpre as obrigações, que tem conforme ao dito Regimento, que lhe ha de ser dado, e como a dita Sé não é acabada, serão os ditos doze mil reis levados em Conta ao Thesoureiro Almoxarife, ou Official outro, que lhos pagar: e mando ao Barão de Alvito Veador de Minha Fazenda, que os faça assentar no Livro da Fazenda da dita Ordem com as ditas declarações, e este Alvará quero que valha, tenha força, e vigor, como se fosse Carta Feita em Meu Nome, por Mim assignada passada pela Chancellaria, sem embargo da Ordenação do 2º Livro titulo 20, que diz, que as cousas, cujo effeito houver de durar mais de um anno, passem por Cartas, e Alvarás não valham. Simão Borralho a fez em Lisboa aos 9 dias do Mez de Setembro de 1559 annos. Eu Duarte Dias o fiz escrever. O qual Alvará vinha assignado pela Rainha Nossa Senhora, e com os mais Registros. O qual Eu Sebastiao Rabello Escrivão da Fazenda aqui registrei fielmente sem dúvida, que a ello faça, e concertei com o Escrivão abaixo assignado aos 9 dias do mez de Dezembro de 1559 annos.

Segundo este documento, o templo da Sé Catedral de Salvador ainda estava em construção, e não faz alguma alusão ao órgão de tubos. Todavia, o cargo somente seria criado havendo um órgão de tubos na dita Sé, contudo, certamente um instrumento de pequeno porte, um órgão de tubos portátil.

A seguir, uma carta de apresentação do Rei de Portugal, Dom Sebastião, dirigida ao Bispo da Cidade de Salvador das Partes do Brasil, Dom Pedro Leitão, e datada de 30 de junho de 1559, indica o Clérigo de Missa Pedro da Fonseca ao Cargo de Cônego da Sé de Salvador em substituição ao Cônego Diogo Goncalves, que havia falecido.

Carta poronde Pedro da Fonceca Clerigo de Missa hade haver de servir de Conego da Sé da Cid.e do Salvador

D. Sebastiaõ por Graça de D.s Rey de Portug.l e dos Algarves daquem, e dalem Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegaçaõ Comercio de Ethyopia, Arabia, Persia, e da India &c Como Governador, e perpetuo Administrador, que sam da Ordem, e Cavalaria do Mestrado de Nosso Snr. Jesus Christo. Faço saber a Vos Reverendo D. Pedro Leitaõ Bispo da Cid.e do Salvador das Partes do Brazil, que pela boa informaçaõ, que me destes de Pedro da Fonceca Clerigo de Missa de sua bondade vida, e Costumes, e por ser examinado, e havido por idoneo pelos Deputados da Meza da Consciencia para servir hua Conezia da d.a Sé, que esta vaga por falecimento de Diogo Glz., que della foi ultimo possuidor: Hey por bem, e Me Praz de o aprezentar como de feito aprezento a d.a Conezia, e Vos encomendo que o Confirmeis nella, e lhe passeis disso Vossas Letras de Confirmaçaõ em forma, nas quaes fará expressa mençaõ para guarda, e conservaçaõ do Dir.to

Figura 42: Carta de Apresentação a Pedro da Fonseca
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.N.R.J.– Fólio 147 verso.

da dita Ordem. Jorge da Costa a fes em Lisboa a 30 de Junho. e Anno do Nascimento de Nosso Snr. Jesus Christo de 1559. e Manoel da Costa a fes escrever. e Aqual Prezizaõ vinha assignada pela Rainha e Nossa Senhora. e Aqual eu Sebastiaõ de [illegible] Escrivaõ da Fazenda aqui traslacei fielm.te [illegible] que a elle para, e Concertei como Escrivaõ abaixo assignado dos 9 dias do Mes de Dezembro de 1559 annos.

Figura 43: Continuação: Carta de Apresentação a Pedro da Fonseca
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.N.R.J. – Fólio 148.

> D. Sebastiaõ por graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves daqem, e dalem Mar em Africa Senhor de Guine e [...] Faço saber a vos Reverendo D. Pedro Leitão, Bispo da Cidade do Salvador das Partes do Brasil, **que pela boa informação, que me destes de Pedro da Fonseca, Clérigo de Missa, e de sua bondade, vida e Costumes, e por ser examinado, e havido idôneo pelos Deputados da Mesa da Consciência para servir uma Conezia da dita Sé, que ora está vaga por fallecimento de Diogo Goncalves, que della último possuidor**: Hei por bem, e Me Praz o de apresentar com de feito apresento á dita Conezia, e Vos encommendo, que o confirmeis nela, e lhe passeis disso vossas Letras de Confirmação em fórma, nas quaes fará expressa menção para guarda, e conservação do direito da dita Ordem. Jorge da Costa a fez em Lisboa a 30 de Junho. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1559. (códice 1-19-16-I, f. 147 v).

Examinado pelos Deputados da Mesa da Consciência, em Lisboa, o Padre Pedro da Fonseca foi aprovado para servir em uma Conezia, tomando posse no Cargo de Cônego da Sé da Bahia em 8 de dezembro de 1559, segundo carta enviada ao Rei de Portugal pelo Bispo Pedro Leitão.

> D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostólica Bispo da Cidade do Salvador da Bahia de todolos Santos nas Partes do Brasil, e Comissário Geral por autoridade Apostólica em todas as Capitanias, terras e lugares das ditas Partes, e do Conselho d'ElRei Nosso Senhor etc. A quantos esta Nossa Carta de Confirmação, e posse virem, saúde em Jesus Christo, que de todos é verdadeira Salvação. **Fazemos saber, que perante Nós apareceu Pedro da Fonseca Clérigo de Missa, e nos apresentou uma Carta de Apresentação d'ElRei Nosso Senhor, a qual é a seguinte [...] E o dito Pedro da Fonseca tomou posse na dita Conezia segundo vi por instrumento de posse, que me apresentou aos 7 dias do Mes de Dezembro de 1559 annos digo que tomou posse no dia de Nossa Senhora da Conceição oito dias do Mez de Dezembro do anno de 1559.** Segundo vi por instrumento de posse, que me apresentou feito por Joao Marante Escrivão, e assignado por Affonso Pires, e Antonio Goncalves e Bartholomeu Garcia, Conegos. (códice 1-19-16-I)

Nesta mesma data, o Pedro da Fonseca assumiu a função de Organista da Sé da Bahia. A carta de confirmação do Bispo D. Pedro Leitão enviada a Portugal, citam datas que permite presumir a chegada do Cônego e Organista Pedro da Fonseca à Cidade de Salvador. Uma carta de apresentação da Conezia a Pedro da Fonseca foi enviada de Lisboa, a qual foi inserida uma cópia, em sua integra, nesta carta enviada, pelo Bispo D. Pedro Leitão, a Lisboa. A carta de apresentação está datada de 30 de junho de 1559. Pedro da Fonseca apresentou a carta ao Bispo em 7 de dezembro de 1559, tomando posse como na Dignidade de Cônego da Sé da Bahia no dia seguinte.

O Padre Pero da Fonseca vindo da Corte de Lisboa para assumir o cargo de Cônego. Confrontando as datas acima citadas, pressupõe-se que Pedro da Fonseca tenha chegado à Cidade de Salvador em princípios do mês de dezembro de 1559, pois como expõe a carta acima: "E o dito Pedro da Fonseca tomou posse na dita Conezia segundo vi por instrumento de posse, que me apresentou aos 7 dias do Mes de Dezembro de 1559 annos".

Uma certidão datada de 14 de maio de 1560, confirma a posse de Padre Pedro da Fonseca como primeiro cargo oficial de organista no Estado do Brasil, na Sé Catedral da Cidade do Salvador, segundo o documento a seguir, em 25 de dezembro de 1560.

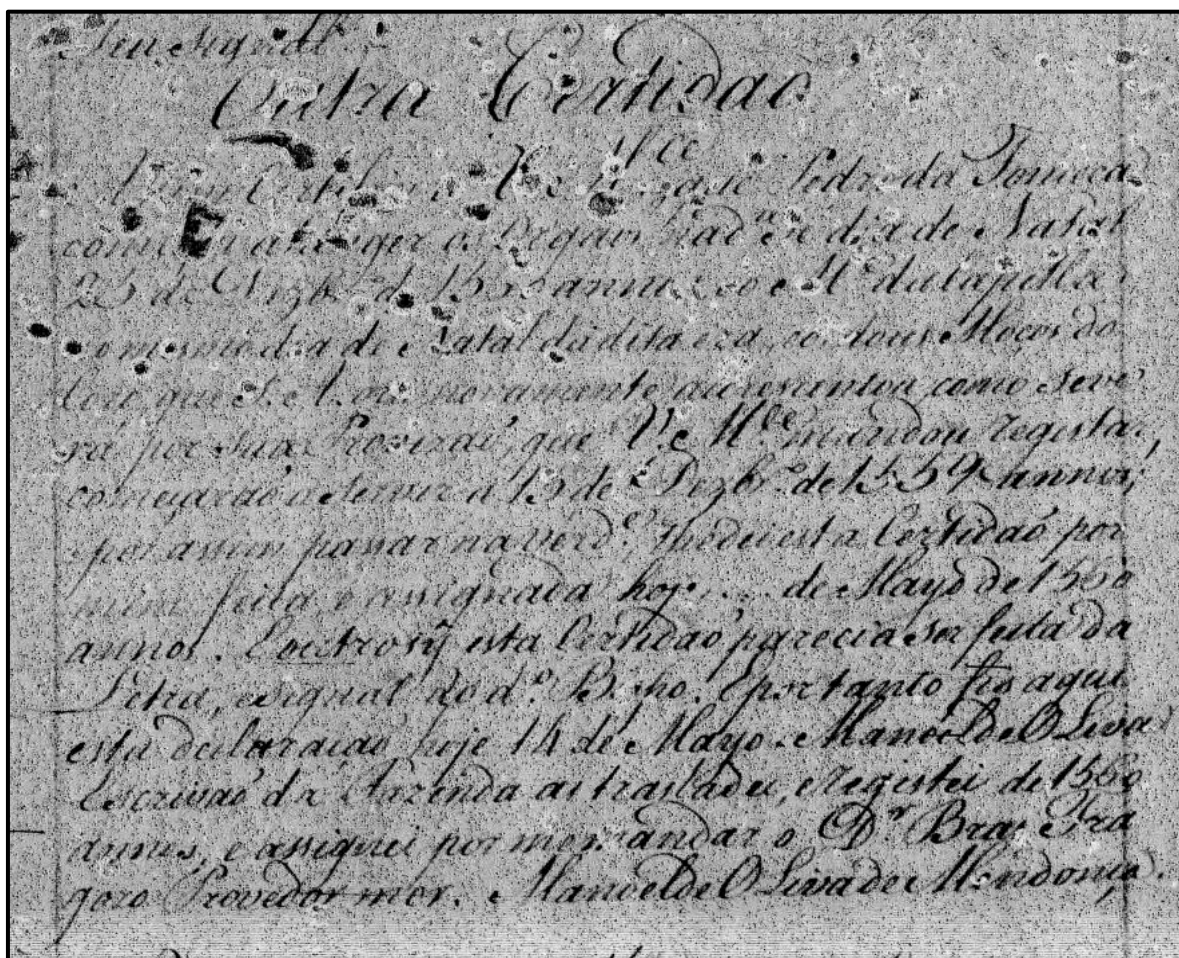



Figura 44: Início de Pedro da Fonseca na função de organista da Sé na noite de Natal
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Fólio 171 verso.

> **Outra Certidaõ**
>
> **Assim certifico a Vossa Mercê, que Pedro da Fonseca começou a tanger os órgãos da dita Sé no dia de Natal 25 de Dezembro de 1560 Annos** e o Mestre

> de Capella no mesmo dia de natal da dita era, e os dois Moços de Coro, que Sua Alteza ora novamente accrescentou, como se verá por sua Procissão, que Vossa Mercê mandou registrar começaram a servir a 15 de Dezembro de 1559 Annos; e por assim passar verdade, lhe dei certidão por mim feita, **hoje 14? De mayo de 1560 annos.** [...] (códice 1-19-16-I, fólio 171 verso).

Contudo, existe um equivoco de datas, por parte do escriba, no documento anteriormente citado, que foi redigido e assinado em 14 de maio de 1560, ao referir a data de início das atividades do Organista Padre Pedro da Fonseca como 25 de dezembro de 1560. Considerando-se os vários pagamentos do Cabido referentes ao ano de 1560, como pode ser confirmado a seguir, conclui-se que o Padre Pedro da Fonseca começou a tanger os órgãos na Sé Catedral de Salvador em 25 de dezembro de 1559.

Além destes documentos oficiais de apresentação e posse nos cargos de Cônego e de Tangedor de Órgãos, com um salário anual de 200$ Réis (duzentos mil Réis), existem diversos registros de pagamentos aos cargos eclesiásticos da Sé da Bahia nos quais estão as remunerações referentes a Pedro da Fonseca, confirmando-se que o mesmo acumulou ambos cargos na Sé de Salvador (códice 1-19-16-I, fólio 172 verso):

> Ao 1º de junho [1559] houveram pagamento a Heitor Antunes, e Francisco de Aguilar rendeiros de assucares; a saber [...] **Pedro da Fonseca 6$033**, Antonio Gonçalves 1$366, Ruy Pimenta 563, [...] o quaes pagamentos venceram até o derradeiro dia de Abril do Anno de 1560 do 1º Terco com o mais que lhes era devido do anno passado, que portanto puz aqui esta verba hoje 5 de junho de 1560. [...] Outrosim houveram pagamento em Jorge Martins Almoxarife de Ilheus os Padres seguintes Domingos Pedro que lhes era devido de seus ordenados até o derradeiro de Abril deste presente anno de 1560 do 1º terço a saber o Thesoureiro 11$666 2/3 Chantre 3693, e ao dito Chantre de tempo que serviu de Conego 6833 2/3 Bartholomeu Garcia Conego 10$000, **Pero da Fonseca 10$ reis**, [...] e sem embargo de ter postas verbas nas suas Cartas, lhe fiz aqui esta declaração de como houveram o dito pagamento. [...] Houve pagamento o Senhor Bispo D. Pedro Leitão e o Cabido em Pedro Rodrigues Amzulho Almoxarife de Pernambuco, [...] que venceram de seus Ordenados aé o derradeiro de Agosto de 1560 a saber o Bispo 15$777 reis 2/3 [...], e a Ruy Pimenta Chantre 11$667 reis 2/3, [...] **Pedro da Fonseca Conego 10$800 reis** [...] quatro Moços de Coro 8$460 reis. E portanto puz aqui esta Verba hoje 9 de Dezembro de 1561, que foi o dia, em que se lhe passou o mandado e assignou.
>
> Manoel de Oliva – Escrivão da Fazenda
>
> **Houve pagamento Pedro da Fonseca Conego de 1º de maio até 6 de agosto do anno de 1560 do Officio de Tangedor de Órgãos** [...] **de 3$200 reis, que se lhe montavam no dito tempo de Tangedor**. E portanto puz aqui esta Verba hoje 8 de Agosto do dito anno de 1560.
>
> Manoel de Oliva – Escrivão da Fazenda
>
> **Houve mais pagamento Pedro da Fonseca Conego de 4$ reis de Tangedor de**

> **Órgãos do 1º de Setembro de 1560 até o derradeiro de Dezembro dele a razão de 200$ reis por anno** e por que os recebeu no Thesoureiro Fernao Vaz da Costa puz aqui esta Verba hoje 8 de Janeiro de 1561 annos, digo que os recebeu em Gaspar de Barros Thesoureiro.
>
> Manoel de Oliva – Escrivão da Fazenda
>
> **Houve mais pagamento o Padre Pedro da Fonseca de 4$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro, que venceu de tanger os órgãos da Sé do 1º de Janeiro do anno presente de 1561 até o derradeiro de abril delle a razão de 200$ reis por anno, e portanto puz aqui esta Verba hoje 4 de Julho de 1561,** digo que houve o dito pagamento em Pedro Rodrigues Amrulho (sic) Almoxarife de Pernambuco, e portanto fiz esta declaração, e assignei no dito dia mez e anno a cima.
>
> Manoel de Oliva – Escrivão da Fazenda
>
> **Houve pagamento o Padre Pedro da Fonseca de 4$ reis** em Gaspar de Barros Thesoureiro, **que venceu em tanger os órgãos desde o 1º do Maio de 1561 até o derradeiro de Agosto** por mandado do Provedor-mor **feito a 13 de Novembro de 1561**. Pelo puz aqui Verba do dito dia.
>
> Manoel de Oliva – Escrivão da Fazenda (códice 1-19-16-I).

O registro de pagamento acima foi o último encontrado referente ao organista Pedro da Fonseca. O pagamento a organista, seguinte a este, revela que a partir do mês de setembro o tangedor de órgãos Pedro da Fonseca foi substituído pelo Padre Organista Francisco da Luz. Os cargos eclesiásticos nas catedrais eram preenchidos segundo concursos, nos quais haviam três candidatos. O escolhido no concurso era nomeado por um período de três anos. Após os três anos, era publicado o edital para um novo concurso.

> Houve pagamento o Padre Francisco da Luz da quantia de 4$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro de tanger os órgãos da Sé, que venceu do 1º de Setembro de 1561 até o derradeiro de Dezembro dele a razão de 200$ reis que tem, e portanto fiz esta Verba hoje 18 de Fevereiro de 1562.
>
> Manoel de Oliva – Escrivão da Fazenda (códice 1-19-16-I).

No ano de 1559 foram estabelecidos os valores salariais dos Cargos Eclesiásticos criados para a Sé da Bahia. Os pagamentos eram anuais e distintos segundo a hierarquia dos cargos, assim determinados: Bispo, 200$00 réis; Deão, 40$000 rs.; Mestre Escola, 40$000 rs.; Cônegos, 35$000 rs.; Capelães, 12$000 rs.; Chantre, 35$000 rs.; Moço de Coro, 6$000 rs.; e Tangedor de Órgão, 12$000 rs[190].

Em uma Confirmação de Vigairaria para a recém fundada Paróquia da Villa

[190] O valor corresponde ao primeiro salário recebido pelo Bispo. Logo foram acrescentado mais 100$000 réis, chegando, posteriormente a 1910$00 réis, em 1721.

Velha (Bahia), datada de 22 de julho de 1562, confirma a Pedro da Fonseca para o cargo. Em nota à margem, está registrado que o dito Pedro da Fonseca cita que o mesmo começou a servir como Vigário em 18 de setembro de 1562 assinado por Fernando Vaz da Costa, como pode ser confirmado no documento a seguir.

Monteiro a fl. de 1562
Confirmaçaõ da Vigai
raria da nova Paróchia da Vila Velha
em Pedro da Fonceca
D. Pedro Leitaõ por Mercê de Deos, e da Sancta
Sé Apostolica de Roma, Bispo da Cid.e do Salvador
da Bahia de todos os Santos, terras do Brazil, Co-
missario Geral por Authorid.e Apostolica em todas
as Capitanias, e lugares da d.a Costa, e do Consellro
de ElRey Nosso Snr &c. A quantos esta Nossa
Carta de Confirmaçaõ virem, Saude em IESVS
Christo Nosso Snr, que de todos he verdadeira Sal-
vaçaõ. Fazemos Saber, que perante Nós apareceo Pe-
dro da Fonceca Clerigo de Ordens de Missa, e Nos
aprezentou hua Carta de Aprezentaçaõ do Snr

Figura 45: Confirmação de Pedro da Fonseca na Vigairaria de Vila Velha
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.N.do Rio de Janeiro – Códice 1-19-16-I – Fólio 196.

Mem de Sá do Cons.o do d.o Snr, Capitaõ da d.a Cid.e, e Gov.or Ger.l nas ditas Capitanias, e terras deste Estado Bra-
zil, pela qual Carta em Nome do d.o Snr, como Gov.or e
perpetuo Administrador, que he do Mestrado, e Orde
da Cavalaria Nosso Senhor IESVS Christo Nos
aprezentou o dito Pedro da Fonceca a hua Vigairaria
ora novamente ... criada por Parochia, e Fregue-
zia separada, e por sy da Sé da dita Cid.e do Salvador
por S.A na Povoaçaõ da Vila Velha; e Outro[illegible] Nos

Figura 46: Confirmação de Pedro da Fonseca na Vigairaria de Vila Velha (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B. N. Do Rio de Janeiro – Códice 1-19-16-I – Fólio 196 verso.

> **Confirmaçaõ da Vigairaria da nova Parochia da Vila de Velha em Pedro da Fonseca**
>
> D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, [...] Fazemos saber, que perante Nós apareceu Pedro da Fonseca Clerigo das Ordens de Missa, e nos apresentou uma

> Carta de Apresentação do Senhor Mem de Sá do Conselho do dito Senhor Capitão da dita Cidade e Governador Geral nas ditas Capitanias e terras desta Costa do Brasil, [...] Nos apresentou o dito Pedro da Fonseca a uma Vigairaria novamente ora creada por Parochia, e Freguesia separada, e per sy da Sé da dita Cidade de Salvador por Sua Alteza na Povoação de Vila Velha, [...].

A seguir, uma Provisão de Vigairaria da Igreja da Povoação de Vila Velha[191], datado de 30 de abril de 1565, quando é apresentado o Clérigo de Missa João Barantes em substituição a Pedro da Fonseca, que renunciou ao dito cargo.

> **Provisão de Vigairaria de Joao Barantes da Igreja de Villa Velha**
>
> D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostólica de Roma Bispo da Cidade do Salvador da Bahia de todolos Santos terras do Brasil, [...] Fazendo saber que Nós appareceu João Barantes Clerigo de Missa, e nos apresentou uma carta de apresentação do Senhor Mem de Sá do Conselho do dito Senhor Capitão da dita Cidade e Governador Geral nas dita Capitanias e terras desta Costa do Brasil, [...] nos apresentou o dito João Barates uma Vigairaria da Povoação de Villa Velha, que vagou por renunciação, que dela fez em Nossas Mãos Pedro da Fonseca ultimo possuidor dela finalmente, que pela renunciação de Pedro da Fonseca que em Nossas Mãos tem feito; [...] derradeiro dia de Abril de 1565 annos. [Assinado] Dias Henrique (códice 1-19-16-I).

Certamente o Cônego Pedro da Fonseca não foi o primeiro organista a atuar no Brasil, mas o primeiro oficialmente apresentado e confirmado por Alvará pela Coroa Portuguesa. Em uma Sé Catedral era criado o cargo de Tangedor de Órgãos (Organista), assim com também a mesma necessitaria estar suprida com um órgão de tubos. Para tal, era realizado o concurso para o cargo, ou neste caso, considerando-se ser a fundação da primeira Sé e início do povoamento do Brasil, foi feita a indicação (apresentação) de Pedro da Fonseca. Era muito comum, nesta época, o acúmulo de cargos eclesiásticos, tanto no Brasil como em Portugal. Muitas vezes os Chantres atuavam como Organistas. Um Alvará de 30 de agosto de 1559, permitia que o mesmo cargo eclesiástico de um cabido fosse servido pela mesma pessoa, desde que houvesse compatibilidade dos cargos, de forma que no exercício destes não entrasse em conflito (Códice 1-19-16-I, fólio 152 verso). Em outro Alvará Régio, de 30 de agosto de 1559, vendo a necessidade de um Sacerdote ou os Ministros Eclesiásticos ocuparem dois cargos, assim de Rei de Portugal determina:

[191] Trata-se da Paroquia de N. S. da Vitoria de Vila Velha, fundada pelo Bispo Pedro Fernandes Sardinha, que ficava extra muros da Cidade de Salvador.

> Hei por bem, e Me Praz, que quando na Sé da Cidade do Salvador das distas Partes servir uma Pessoa dois Cargos Compatíveis; como são Conego, e Pregador, e outros Cargos e Benefícios semelhantes, de maneira que por servir um, não se perca o serviço do outro, vença, e haja a tal Pessoa os mantimentos, e Ordenados dos ditos Cargos, e benefícios: [...] (Códice 1-19-16-I, fólio 152 verso).

Neste mesmo Alvará Régio, confirma que além dos cargos como Capelão do Coro, os Cônegos eram obrigados a cantar no coro: "[...] porque ainda que a Pessoa, que for Conego ou tiver outro qualquer beneficio seja Pregador, se fizer faltar no Côro será apontado, segundo o costume da dita Sé. [...]" (Códice 1-19-16-I).

Nos primeiros séculos da colonização brasileira, os primeiros cargos eclesiásticos do culto divino das sés Catedrais foram ocupados por religiosos, os padres músicos. Todos religiosos vindos tiveram formação em Cânones e teologia, geralmente na Universidade de Coimbra[192]. Quanto à sua formação musical neste período era adquirida no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ou mesmo em outro mosteiro ou nas catedrais sés em Portugal, que como tradição, eram os centros de ensino da arte da música.

No século XVI, a Universidade de Coimbra, recém transferida de Lisboa, em 1537, possuía os cursos de teologia, artes, Cânones, leis e medicina. Posteriormente, os cursos de Cânones e leis vieram a constituir o curso de Direito. Na Universidade de Coimbra não havia o curso de música, mas a cadeira de música fazia parte do currículo. Segundo os Estatutos da Universidade de Coimbra, ano de 1543, durante o reinado de Dom Felipe, no Título V, no item "Das Cadeiras que há de haver, e que se há de ler nelas, e o salário que tem", no Parágrafo 28, assim diz:

> **MÚSICA**
>
> **28.** Haverá uma Cadeira de Música, e o Lente dela lerá duas lições ao dia: depois da lição da Terça lerá Cantochão, e depois da de Véspera Canto de Órgão, e contraponto. Vagará cada três anos, e haverá por ano cinquenta mil réis (SILVA, 1856, p. 204).

Se destacaram como Lentes na Universidade de Coimbra: Pe. Pedro Thalesio (ca. 1563 – ca. 1629), Presbítero Secular, Mestre de Música na Catedral de Granada; Simão

[192] A Universidade de Coimbra foi fundada em 1291, pelo Rei D. Diniz, na Cidade de Lisboa. Ainda no Reinado de D. Diniz, em 1308, foi transferida para a Cidade de Coimbra. Dom Fernando I, em 1359, transfere novamente a Universidade para Lisboa. Finalmente e definitivamente, em 1537, no reinado de D. João III, a Universidade retorna para a Cidade de Coimbra, que a principio funcionou no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

dos Anjos de Gouveia (1679 a 1691), da Ordem de São Francisco Evangelista; Fr. Nuno da Conceição, da Ordem da Santíssima Trindade; e Pe. Manuel José Ferreira.

O arquivo da Universidade de Coimbra preserva documentos dos alunos que tiveram sua formação nesta instituição acadêmica, uma das mais antigas do mundo. No *Livro V de Actos de Graus da Universidade de Coimbra:* 1554-1557, Volume 5, Códice AUC-IV-1ªD-1-1-5, fólio 25 verso, encontra-se citado o nome de Pero da Fonseca no curso de Bacharel em Artes Liberais.

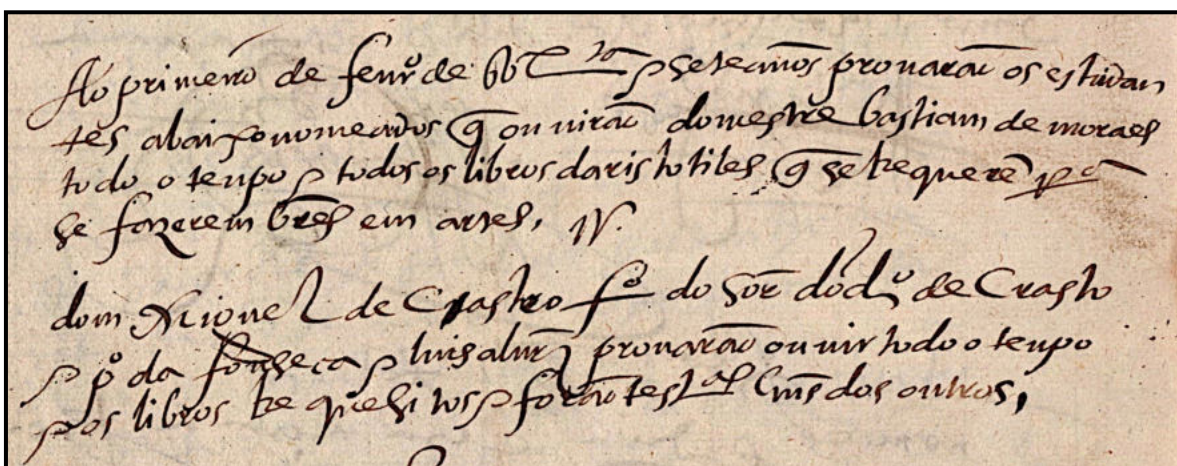



Figura 47: Pedro da Fonseca – Bacharel em Artes Liberais
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Universidade de Coimbra**.**

> Ao primeiro de fevereiro de ī $b^{c}L^{ta}$ & sete [1557] anos provaraõ os estudantes abaixo nomeados que ouviraõ do mestre Bastiam [Sebastião] de Moraes todo o tempo e todos os libros [livros] d'aristóteles [de Aristóteles] q. se requerem p^{a}. [pera] se fazerem Bres. [Bacharéis] em artes.
>
> Dom Miguel de Castro f^{o}. [filho] do sor. [senhor] Dõ. [Dom] Diego de Crasto e P^{o}. [Pero] da Fonseca e Luis Alvrz. [Alvarez] provaraõ ouvir todo o tempo e os libros he quesitos e foraõ $test^{as}$. [testemunhas] uns dos outros [...] (Códice AUC-IV-1ªD-1-1-5, f. 25 verso).

O Curso de Artes da Universidade de Coimbra tinha duração de três anos e seis meses, no qual quatro Lentes liam as lições. A grade curricular anual era formada das seguintes cadeiras[193] (SILVA, 1856, p. 249):

- Primeiro ano – Era lida Lógica: Introdução, Predicáveis de Porfírio, Predicamentos, e Peribermenias de Aristóteles;

[193] Em todos os anos do curso os Mestres sempre liam o texto de Aristóteles.

- Segundo ano – Priores, o que for necessário, Posteriores, Tópicos, elencos, e seis livros dos Físicos de Aristóteles;
- Terceiro ano – Dois dos Físicos que ficam, os De Coelo, a Metafisica, Metauros, e Parvos naturais de Aristóteles;
- Quarto ano – Os de Generatione, e os de Anima, e das Éticas e o que for mais necessário, não se tratando *ex professo* da doutrina da Primeira, e Segunda de São Thomaz.

Em 28 de fevereiro de 1557 Pedro da Fonseca, discípulo do Mestre em Artes Sebastião de Moraes, recebeu o grau de Bacharel na Faculdade de Artes da Universidade de Coimbra juntamente com mais outros vinte e seis bacharelandos em Artes Liberais. Estavam presentes à cerimônia o Reitor, Doutor A. do Prado e toda a Faculdade de Artes. O texto confirma que Pedro da Fonseca era natural da Cidade de Lisboa.

A título de curiosidade, consta a assinatura de Pedro da Fonseca em um dos Actos de Grau da Universidade de Coimbra: "P°. [Pero] Da Fonsequa"[194].

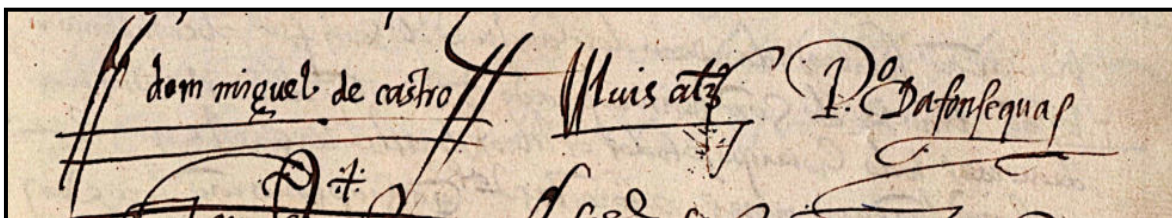



Figura 48: Assinatura do organista Pedro da Fonseca
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Universidade de Coimbra – Códice AUC-IV-1ªD-1-1-5 – fólio 29.

Na listagem seguinte todos alunos são citados com suas cidades de origem, comprovando-se a origem de Pero da Fonseca[195], a mesma citada nos Alvarás nos quais seu nome é citado como organista da Catedral da Sé da Bahia.

---

[194] O sobrenome "Fonseca" muitas vezes vem grafado como "Fonsequa", ou mesmo, "Foncequa".

[195] Considerando-se a existência de um homônimo na mesma universidade e mesma época do organista em estudo, é importante fazer a distinção do mesmo. Contemporâneo do primeiro organista no Brasil, lecionava na Universidade de Coimbra o Padre Doutor Pedro da Fonseca, da Companhia de Jesus, natural da Vila de Cortiçada, Priorado de Crato. Entrou para a Companhia de Jesus em 17 de março de 1548, aos vinte anos de idade. Estudou filosofia na Residência de Sam Fins, na região do Minho. Foi Lente do terceiro curso de Artes na Universidade de Évora. Quando o Rei D. João III entregou o Colégio das Artes da Universidade de Coimbra aos jesuítas, Pedro da Fonseca foi escolhido para ser um dos quatro Mestres de Filosofia. Sua obra Methaphysica, impressa em quatro tomos, foi muito celebrada pelos sábios do mundo de sua época. Foi Mestre de Teologia, e obteve o Grau de Doutor em Teologia, pela Universidade de Évora, em março de 1570 (FRANCO, 1719, Tomo I, Livro 2, Cap. 61, p. 393).

Figura 49: Pedro da Fonseca no rol de alunos da Universidade de Coimbra
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Universidade de Coimbra – Fólio 28.

> **Grau de Brel. [Bacharel] em Artes aos discipullos do M^{tre}. [Mestre] Sebastiaõ de Moraes**
>
> Aos vinte e oito dias do mes de Fevr^{o}. [fevereiro] de ī b^{c}L^{ta} & sete [1557] annos na cidade de Coimbra e Salla dos Paços del Rei nosso S^{or}. [Senhor]. Sendo hi presente o S^{or}. Reitor o Doutor A^{o} [Afonso] do Prado cõ [com] toda a Faculdade de Artes. Sebastiam de Moraes mestre na dita Faculdade da Cõpanhia de JHU [Jesus] as nove oras de polla [pela] minhãa [manhã] deu o grau de Brel [bacharel] na dita Faculdade aos seus discípulos, & a outros & são os seguintes.
> [...]
> + P^{o}. [Pero] da Fonseca de Lix^{a}. [Lisboa] (Códice AUC-IV-1^{a}D-1-1-5, f. 28).

2.5. A GÊNESE DA ORGANARIA BRASILEIRA

No Brasil, até princípios do século XVIII, eram usados órgãos positivos de mesa, órgãos positivos de chão e órgãos realejos, em sua maioria vindos de Portugal. Não foi encontrado algum documento ou mesmo crônica de época, que afirme o início da construção de órgãos no Brasil antes dos oitocentos, assim como também do envio de grandes órgãos de igreja da Europa para o Brasil.

A realidade da arte organística em terras brasilianas era reflexo da situação em Portugal. As primeiras notícias sobre órgãos e organistas em Portugal remetem ao ano de 1326, na Sé de Braga, onde existia um órgão e um organista[196]. Segundo registro no *Livro das Kalendas*[197], existiu em 1337 um organista e organeiro chamado Estevão Dominguez em Coimbra[198]. Em 1374, um organeiro chamado Mestre Garcia, a respeito do qual não existem mais referências. A história da organaria portuguesa teve seu impulso e continuidade a partir do século XV[199], quando destacaram-se os mestres organeiros: Manuel Pires (Rombo), contratado pelo Rei Dom Afonso V para a Capela Real de Lisboa em 1453; Heitor Lobo (ca. 1495 – ca. 1567), construtor do órgão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em ca. 1530 e da Igreja da Ordem de Cristo em Tomar, no período de 1534 a 1536; Elias de Lemos, organeiro do Rei Dom Sebastião, em 1577; Salvador Rabelo, trabalhou nos órgãos da Catedral de Viseu (1582 a 1583), e na Catedral do Porto, em 1598; Frei Simão Fontanes (?-?), construtor dos órgãos da Sé de Braga em 1737 e 1739; Francisco Antônio Solha (Solla) (ca. 1755 – 1794), construtor do órgão do Mosteiro de Tibães em 1784 e da Igreja do Mosteiro de São Gonçalo em Amarante (século XVII); Manuel de Sá Couto (1768 -1837); Joaquim António Peres Fontanes e Antônio Xavier Machado e Cerveira (1756-1828), cada um construiu três dos seis órgão do Convento de Mafra entre 1806 e 1807. O oraneiro Antônio Xavier Machado e Cerveira construiu e

---

[196] VALENÇA, 1990, p. 43.

[197] O mesmo que *Liber anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis*, vulgarmente chamado *Livro das Kalendas*, é um códice do Cabido da Sé de Coimbra. Existem somente três códices: um original, dos século XIII a XVI; um apógrafo, do século XVI; e outro apógrafo, do século XVII. Atualmente, seu original encontra-se na Torre do Tombo.

[198] VALENÇA, 1990, p. 46.

[199] Certamente existiram organeiros anteriores ao século V, contudo, não encontram-se registros documentais claros sobre essa atividade.

enviou muitos de seus órgãos de grande dimensão para o Brasil. A partir do século XVI ao XIX, a organaria portuguesa desenvolve-se e prospera com o surgimento de vários organeiros, que produziram órgãos em quantidade e qualidade.

A situação econômica e política de Portugal no século XVII não permitia grandes investimentos nas colônias, pois suas finanças estavam arruinadas. De 1580 a 1640 Portugal esteve sob o domínio espanhol, durante a União Ibérica, que trouxe uma importante contribuição para o Brasil; sua expansão territorial para oeste, não sendo mais considerada a linha de Tordesilhas. Acrescente-se o domínio holandês no período de 1624 a 1654. Na colônia, toda economia estava no litoral do nordeste, que passou por um decrescimento da produção açucareira. Entre os anos de 1632 a 1636, aproximadamente 15 engenhos foram destruídos pelos holandeses em Pernambuco. Por outro lado, segundo Guilherme Theodoro Pereira de Mello, em *A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da republica*, durante o Governo do Conde de Nassau, as artes floresceram admiravelmente. Em 1635 os engenhos na região entre Paripueira e Porto Calvo, atualmente Estado de Alagoas, foram destruídos.

O missionário jesuíta português Fernão Cardim (1540-1625), que esteve por duas vezes no Brasil como Padre Visitador, em sua primeira vinda, entre 1583 e 1601, produziu narrativas descritivas do Brasil daquela época. Em uma de suas notas, de número XXV, Cardim assim retrata o Brasil do final do século XVI:

> **XXV** — Este capítulo ministra uma ideia do estado da colonização do país no ultimo quartel do século XVI. "Este Brasil he já outro Portugal (assevera Cardim), pelas muitas commodidades que de lá lhe vêm." Casas de pedra e cal e telha já se iam fazendo; se algumas partes da terra, do Rio de Janeiro a S. Vicente, sofriam carência de mercadorias e panos, que não vinham de Portugal, por falta de navios, eram bem servidas dessas coisas as outras capitanias, e andavam os homens bem vestidos, e rasgavam muitas sedas e veludos (CARDIM, [1585] 1978, P. 75).

Neste momento, no Brasil existiam somente pequenas igrejas e capelas. O apelo feito ao Rei Dom João III, pelo Bispo D. Pero Sardinha em 1552, mostra a carência de órgãos em Terras Brasilianas. Contudo, em 9 de dezembro de 1559, quando da criação do primeiro cargo de organista da Sé Primaz Brasil, certamente exista um órgão de tubos de pequeno porte na Catedral, um órgão portátil.

A determinação do primeiro organeiro é um trabalho árduo de busca em

documentos eclesiásticos nos arquivos públicos, e nos arquivos das igrejas, das ordens terceiras, e nos mosteiros e conventos. Muitos documentos seculares e eclesiásticos, tanto no Brasil como em Portugal, perderam-se ao longo dos séculos, destruídos pelo tempo ou pelo descaso. Acrescente-se a estes, as invasões holandesas, quando muitos documentos eclesiásticos foram perdidos. Consequentemente, fatos e dados históricos foram apagados para sempre. Na Cidade do Recife, algumas das irmandades e ordens terceiras jogaram seus livros de registros no Rio Capibaribe[200].

Os órgãos realejos foram amplamente usados no Brasil, mesmo após a vinda dos grandes órgãos de igreja. O termo "realejo" advém do fato de o instrumento não possuir, como base, o jogo de registro de 8' (oito pés), mas um registro de 4' (quatro pés) tapado, que soa como um registo de 8'; ou seja, que seu registro Principal, não é "real[201]", é "realejo". (ACIN, 1998, p. 379). É um instrumento de pequeno porte, geralmente dividido em duas partes: na parte superior encontram-se teclado e a tubaria, na inferior, os foles. O órgão realejo foi concebido para ser transportado processionalmente, sendo adequado aos ofícios litúrgicos dos palácios e igrejas. Portanto, ss órgãos realejos possuem alças laterais de metal para serem transportados, usando-se alavancas como nos andores.

O século XVIII pode ser também considerado como a "era de ouro" do órgão de tubos no Estado do Brasil. Com a descoberta do ouro de diamantes na Capitania de Minas Gerais no final dos seiscentos, o eixo econômico foi deslocado para o centro-sul brasílico[202]. Desta forma, Portugal obteve recursos financeiros para prover as igrejas e catedrais da colônia com ornamentos e órgãos de tubos. Assim, a Coroa Portuguesa começou a suprir as sés catedrais enviando grandes órgãos da Corte de Lisboa. Era um momento de transição em que no Estado de Brasil as igrejas substituíram seus órgãos

---

[200] Em entrevista, o Sr. Jonea Carlos de Albuquerque Ferreira relatou que as confrarias julgaram este livros sem algum tipo de valor, por serem antigos, e por alguns estarem deteriorados. O Sr. Jonea Ferreira era filiado a várias ordens terceiras do Recife. Em entrevista para este trabalho, em 16 de abril de 2010, nos narrou que ele foi responsável pelo salvamento de muitos livros de registros, recolhendo e guardando esses livros em uma das igrejas do Recife. Muitos destes continham as informações sobre o organeiro Agostinho Rodrigues Leite.

[201] O termo "real" no sentido de verdadeiro.

[202] Para um maior controle da região aurífera da Capitania das Minas Gerais, a Capital do Governo Colonial é transferida de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763.

portáteis, positivos e realejos, para os grandes órgãos de igreja.

Como resultado da situação econômica portuguesa na primeira metade dos oitocentos, diversos organeiros estrangeiros se transferiram ou construíram órgãos para Portugal. Destacam-se os seguinte organeiros estrangeiros: o alemão Hans-Joachim Kulenkampff, discípulo de Arp Schnitger (1711 a 1721); o espanhol Benot Gomes (1719 a 1724); e Simon Fontanes, da Galiza.

Na medida que os novos Bispados eram sendo fundados no Brasil, e erigidas as sés catedrais, a Coroa Portuguesa supria com órgãos, assim como também na criação e manutenção dos cargos de organista. Este processo de munir as catedrais com grandes órgãos de tubos nem sempre acontecia simultaneamente como a criação dos bispados. Na sequência histórica de fundação dos Bispados Brasileiros durante o Período Colonial, o Bispado da Bahia ocupa a posição de primaz (1555), seguido do Bispado do Rio de Janeiro (1576), do Bispado de Pernambuco (1676), do Bispado do Maranhão (1677), do Bispado Pará (1719), do Bispado de São Paulo (1745), e do Bispado de Mariana (1745).

Ao serem enviados os grandes órgãos construídos na Corte, vinham organeiros para a montagem e assentamento dos instrumentos. Estes técnicos no ofício da organaria, enviados pelo Rei Dom João V, vinham também com a missão didática de ensinar o ofício aos “brasileiros[203]”, os portugueses nascidos no Brasil. Este era o início da escola de organaria brasileira, que teve suas raízes na escola ibérica de organaria portuguesa.

Diversos documentos do século XVIII do Arquivo Ultramarino elucidam o processo histórico da transição dos órgãos realejos vindos de Portugal, nos séculos XVI e XVII, e o envio e manutenção dos grandes órgãos de igreja de Portugal. Posteriormente, a construção de órgãos *in loco*, a gênese da organaria brasileira.

[203] Até a Independência do Brasil, os nascidos no Estado do Brasil eram considerados como “portugueses nascidos no Brasil”, ou mesmo “português do Brasil”. A partir do século XVII passou a ser usado o termo "reinóis", a pessoa natural do Reino, para designar os portugueses nascidos em Portugal, e os distinguir daqueles nascidos no Brasil. A princípio, o termo “brasileiros” era usado para designar aqueles que comerciavam o pau brasil.

2.5.1. A INSTALAÇÃO DO GRANDE ÓRGÃO DA SÉ CATEDRAL DA BAHIA

A primeira referência documental encontrada referente à vinda dos grandes órgãos de igreja de Portugal remete a Catedral da Sé da Bahia, pertencente ao Bispado Primaz do Brasil. Foi uma das primeiras igrejas a possuir um órgão de grande porte no Estado do Brasil, simbolizando o momento da passagem dos órgãos órgãos de pequeno porte, para os grandes[204] órgãos de tubos de igreja. Ademais, em sua maioria, os órgãos no Brasil estavam muito antigos e desgastados pelo tempo de uso, como também inadequados às grandes dimensões dos novos templos.

Primeiramente, foi realizado o pedido do grande órgão, houve uma avaliação do estado geral da catedral por engenheiros. Sendo aprovada sua compra em Portugal, foi ajustado o envio de novo grande órgão de tubos, e foi consumado o processo com o assentamento do instrumento. Alguns anos depois, este órgão sofre uma deterioração, quando serão necessários reparos, sendo necessária a vinda de um organeiro reinol.

Em 11 de março de 1717, um documento envido pelo Rei Dom João V, informa ao Vice-Rei e ao Capitão Geral do Estado do Brasil a confirmação do pedido feito em 18 de dezembro de 1716, de um novo órgão de tubos para a dita Catedral de Salvador. Até este momento, eram usados nas igrejas órgãos positivos e órgãos realejos.

Por meio de Cartas Régias[205] o Rei de Portugal, Dom João V, responde ao pedido de um novo órgão para o Primeiro Episcopado do Brasil. A carta solicitando o instrumento foi redigida em 18 de dezembro de 1716, sendo respondida em 11 de março de 1717.

[204] Convém esclarecer que o sentido do adjetivo "grande" aqui aplicado para classificar o instrumento, refere-se a estética da época. É necessário considerar o porte da tipologia de órgão até então usados no Brasil, os órgãos portativos e órgãos realejos.

[205] Carta Régia era um documento expedido diretamente pelo rei de Portugal, por ele assinado, e que continha alguma determinação específica para uma autoridade coloniais.

Figura 50: **Carta do Rei de Portugal sobre o novo órgão para a Sé da Bahia**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Público do Estado da Bahia – Colonial – Livro 12º – Doc. 20.

> Dom João por graça de Deos Rey de Portugal, e doz Algarves daq^{m}. [daquém] e dalem mar em Africa. Snõr [Senhor] da Guiné, etc. Faço saber a voz, Vice-Rey e capitão general de Mar e Terra do Estado do Brasil, que se vio [viu] a vossa carta de dezoito de Dezembro do anno passado em que dais conta da Rezuluçaõ [resolução] que tomasteis em mandar acudir ás ruinas que ameaçaua [ameaçava] a Igreja Catredal [Catedral] dessa Cidade que pessoalmente examinastez com asistencia doz Engenheiroz por evitardes á fazenda Real a mayor despeza que

> poderia fazerse se não acudisse com remédio prompto; **insinuando juntamente que por não ser capás o Orgaõ que na ditta See havia por velho e pequeno, mandareiz comprar outro que se vendia pello limitado preço de sento sincoenta mil rz [réis], porem que como este inda era pequeno e já com uzo que não podia ter m^{ta}. [muita] duração, esperaveis da minha Real piedade, e grandeza mandasse hir hum Orgaõ capáz de estar em o melhor templo desse Estado**, visto ser este da minha Real protecçaõ, e pareceo me aprovar o que obraste neste particular. **E quanto ao Orgaõ que pediz se remeta de novo, deveiz mandar as medidas delle, para se poder mandar fazer.** El-Rey Nosso Snõr. O mandou por João Telles da Sylva, e António Roiz [Rodrigues] da Costa conselheiroz do Seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. João Tavares a fez em Lisboa occidenta [ocidental] a onze de Março de mil sette sentoz, e dezasete. O lavru [lavro] André Dyas dilan ma fez escrever vos. (Colonial – Livro 12^{o} – Doc. 20).
>
> [assinaturas] Joam Telles da Sylva — Ant^{o}. [Antonio] Roiz da Costa

Em todos os documentos de pedidos de órgãos de tubos ao Rei de Portugal solicitados o envio de órgão de maiores porte, justificando sempre que os órgãos existentes são de pequeno porte, os órgãos positivos ou órgãos realejos, não sendo mais adequados às dimensões dos novos templos no Estado do Brasil: “[...] insinuando juntamente que por não ser capaz o Órgão que na dita Sé havia por **velho e pequeno** [...] (Colonial – Livro 12^{o} – Doc. 20).

O texto do documento também sugere que era uma prática nesta época a venda de pequenos órgãos portáteis como pode ser comprovado neste excerto: “[...] mandareiz comprar outro que se vendia pello limitado preço de sento sincoenta mil rz [réis], porem que como **este inda era pequeno** e já com uzo que não podia ter m^{ta}. [muita] duração[...]”.

Nesta época, segundo relação dos pagamentos da Sé da Bahia, datada de 4 de setembro de 1717, é confirmada a existência de um órgão e de um organista, através da inclusão no rol de pagamentos do item “Tangedor dos Órgãos”, no valor de trinta mil réis anuais (Colonial – Livro 12^{o} – Doc. 29).

Figura 51: **Rol de pagamentos as Dignidades Eclesiásticas da Sé**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.P.E.B. – Colonial – Livro 12º – Doc. 29.

O Rei de Portugal presenteia a Sé Catedral de Salvador com o relógio e um órgão grande. Por Requerimento de 16 de março de 1723, o Provedor da Mitra da Sé da Bahia, Padre Caetano Dias de Figueiredo, solicita ao Provedor da Fazenda que envie dinheiro ao Tesoureiro do Conselho Ultramarino afim de se mandar construir um órgão para a dita Sé. (AUH – Bahia, cx. 14, doc. 18)[206].

Um Requerimento posterior, enviado pelo Procurador da Mitra da Sé Padre Caetano Dias de Figueiredo, em 28 outubro de 1723, ao Rei Dom João V, solicita ao Provedor-mor da Fazenda Real que mande fazer um novo coro e duas cadeiras do cadeiral para o atual coro da Catedral. Assim, foi construído um Coro Alto para que fosse feito o assento do novo órgão de tubos.

[206] Este mesmo documento tem como Cota AUH – Bahia, cx. 17, doc. 1562.

Figura 52: **Construção de um coro alto para a Catedral da Bahia**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Histórico Ultramarino – AHU_ACL_CU_005, Cx. 18, D. 1589.

> [...] servido mandar ao Procurador Mor da Fazenda Real **q' logo mande fazer as duas cadeiras q' faltão & mesma forma, e feitio q' saõ as dezaseis [dezesseis] q' a [há] no d^{to}. [dito] Coro, como tambem mandar ao d^{to}. Procurador mor q' mande fazer na d^{ta}. [dita] See hum Coro em sima [cima],** visto haver bastante comonidade [comunidade] p^{a}. isso, e podera se fazer sem m^{to}. [muito] dispêndio por haverem na d^{ta}. Cid^{e}. [Cidade] m^{tas}. Cadeiras, p^{a}. nella rezarem os Capitulares nos dias q' naõ forem de obrigaçaõ cantarem no de baixo, como se observa nas mais Sees deste Reyno q' os tem. (AHU_ACL_CU_005, Cx. 18, D. 1589).

Este requerimento revela que a Catedral de Salvador não possuía um Coro Alto. Sendo assim, o Coro da Catedral cantava no Coro Baixo, localizado no altar-mor. Portanto, o antigo órgão de tubos, um positivo de mesa ou um realejo, estaria junto ao Coro Baixo. A construção do coro alto serviria, posteriormente, para o assento do novo órgão de grande porte. De fato, qualquer um destes dois instrumentos portáteis seriam incapazes de servir a uma catedral que possuía três naves. Além de que, o Cabido da Bahia, desde sua fundação, sempre zelou pela dignidade de seu templo e de seu culto. Consagrado pelo Concílio de Trento como o instrumento litúrgico por excelência, os templos católicos deveriam ser supridos com este o instrumento. A Sé Catedral empenhou-se em ter sempre um organista em seu quadro de ministros eclesiástico, como também um órgão de tubos apropriado a grandeza do templo e em condições de uso.

No documento seguinte, está explícita a realidade do órgão existente e a necessidade de um novo órgão de maior porte. Assim, o zeloso o Padre Caetano Dias de Figueiredo, procurador da Mitra da Sé da Cidade da Bahia, faz o pedido do um novo órgão,

adequado à grandeza do templo, e à qualidade dos cultos ali praticados.

Figura 53: **Requerimento pedindo um órgão para a Sé da Bahia**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – Bahia, cx. 14, doc. 18.

Figura 54: **Requerimento – Fólio seguinte**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – Bahia, cx. 14, doc. 18.

> Diz o P^{e}. Caetano Dias de Fig^{do}. [Figueiredo] como procurador da Mitra da Sé da Cidade da B^{a}. [Bahia] q' [que] V. Mag^{de}. [Vossa Majestade] foi servido ordenar q'. na d^{ta}. [dita] Seê se fizessem os Officios Divinos Cantados na forma q'. se fazem nesta Corte, e por q^{do}. [quando] p^{a}. [pera] seg^{do}. [segundo] devem fazer. **Se acha esta Seé sem ter hum Orgam, por^{to}. [porquanto] o q'. de prez^{te}. [presente] serve he hum m^{to}. [muito] pequeno, e ja velho in capaz [incapaz] p^{a}. o tal ministerio por ser a d^{ta}. Seê hum templo grande, e este q' serve senaõ ouve bem pella pequenehez delle, e grandeza do Templo.** E porq^{to}. O este Arcebispo naõ tem rendas nem humas, p^{a}. poder fazer o de q' necessitar a d^{ta}. Seé, por ser V. Mag^{de}. O q'. satisfaz as Congruras dos Beneficios, e tudo o mais de q'. carece a d^{ta}. Seé e mais Parochias do Arcebispado e os dízimos[207] della se acham com grande aumento pois he anno q'. se remataõ por mais duzentos mil Cruzadoz, desta forma satisfaz as Congruas dos Beneficios vem a ficar liquidam^{to}. [liquidamento] mais da metade, **e he justo q' atendendo V. Mag^{de}. A isto, e a neçeçidade q' tem a d^{ta}. Seé do d^{to}. Orgam,** seja servido mandar q'. da renda dos ditos dízimos se dem [deem] seis, ou oito Cruzados **p^{a}. se poder mandar fazer hum Orgam, capas como os q'. se acham na Seé Oriental & por ser o Cargo da Seé da B^{a}. [Bahia] nao menos q'. o da d^{ta}. Oriental de L^{x}. [Lisboa].** Atendendo V. Mag^{de}. Também a acharçe [achasse] a d^{ta}. Cidade da B^{a}. sem Arcebispo, por ser este falecido, e a Congrua dos coatro [quatro] mil Cruzados q'. se davaõ em cada anno ao d^{to}. Arcebispo se naõ darem agora, e ficar tudo unido a Real Fazenda de V. Mag^{de}.
>
> P. [peço] a V. Mag^{de}. Q'. atendendo do referido, seija [seja] sirvido mandar ao Provedor mor da Fazenda da Cidade da B^{a}. q'. do dinhr^{o}. mais prompto q'. tiver dos ditos Dizimos Reaz, remeta na primeira frota seis ou oito mil Cruzados ao Thez^{o}. [Tesoureiroi] do Tribunal do Conselho Ultramarino **p^{a}. q'. chegado q'. seija o d^{to}. Dinhr^{o}. [dinheiro], por ordem de V. Mag^{de}. Se mandar fazer hum Orgam p^{a}. a d^{ta}. Seé como o da Seé Oriental por ser m^{to}. [muito] e necessr^{a}. [necessária] p^{a}. assim se poderem fazer os Officios Divinos na forma q'. V. Mag^{de}. Tem ordenado e se façaõ na d^{ta}. Seê p^{a}. milhor serviço de tudo.**
>
> E. R. M^{ce} [Mercê] (AUH – Bahia, cx. 14, doc. 18).

Mais uma vez os requerimentos de órgãos de tubos ao Rei de Portugal mostram a realidade dos instrumentos e as novas dimensões dos templos: "Se acha esta Sé sem ter um Órgão, porquanto o que de presente serve é um muito pequeno, e já velho in capaz incapaz para o tal ministério, por ser a dita Sé um templo grande [...]", e na sequência, o texto torna mais claro a tipologia do órgão de tubos, que se trata de um órgão positivo de mesa ou de chão, ou mesmo um pequeno órgão realejo: "[...] e este que serve se não ouve bem pela pequenez dele, e grandeza do Templo [...]".

Em 17 de setembro de 1725, assumiu o Bispado da Bahia, D. Luiz Alvares de

[207] O dízimo referido era o tributo pago pelos agricultores brasílicos à Coroa Portuguesa. Os impostos no Brasil Colonial se resumiam a três atividades: a agricultura (colheita e comércio), taxada em 10%; a extração (pau-brasil, especiarias e pescados), taxada em 20%; e a mineração, o quinto, taxada em 20%.

Figueiredo, que dedicou-se à reconstrução da Catedral da Sé, a qual encontrava-se bastante danificada[208]. Considerando que haviam recursos financeiros suficientes, o Bispo teve a iniciativa de instalar o novo órgão, presente de Sua Majestade. Sendo assim, envia uma carta ao Rei de Portugal, datada de 10 de outubro de 1728, nos seguintes termos:

> Senhor. — Foi servido o sereníssimo senhor D. Pedro, que santa gloria haja, no tempo que como príncipe, governava o reino, por carta sua, dirigida ao governador deste estado em data de 8 de junho de 1674 consignar 1:000$ rs. Cada anno, pagos da sua real fazenda, para com essa quantia, e com a de 200$ rs. Que se havião consignado para a fabrica da Sé desta cidade, e com o mais que houvesse, se irem continuando as obras della, como se manifesta da copia inclusa: esta consignação se acha em seo vigor, porque ainda é preciso continuar com as obras da dita Sé, até o seo ultimo complemento, e em virtude della se continuou a despeza que consta da certidão inclusa até o anno de 1724: no anno de 1725, em que cheguei a esta cidade, e considerei a despeza. Que era necessária fazer-se para o assento do órgão, e relógio, que por ordem de V. M. Estavão mandados fazer nessa cidade para esta dita Sé, não requeri a continuação de outras obras precisas, reservando a consignação para a despeza do assento do órgão, e relógio; foi V. M. Servido no anno de 1724 mandar o dito órgão e officiaes rara o assentarem, o que com effeito se fez e como era precisamente necessário fazer-se-lhe a base e varandas de talha, requeri se mandasse fazer por conta da dita consignação, ao que com effeito se deferio, ajustando-se a obra com um official perito, por ordem do provedor da fazenda de V. M. [Vossa Majestade] (SILVA, 1937, Vol. V, p. 106).

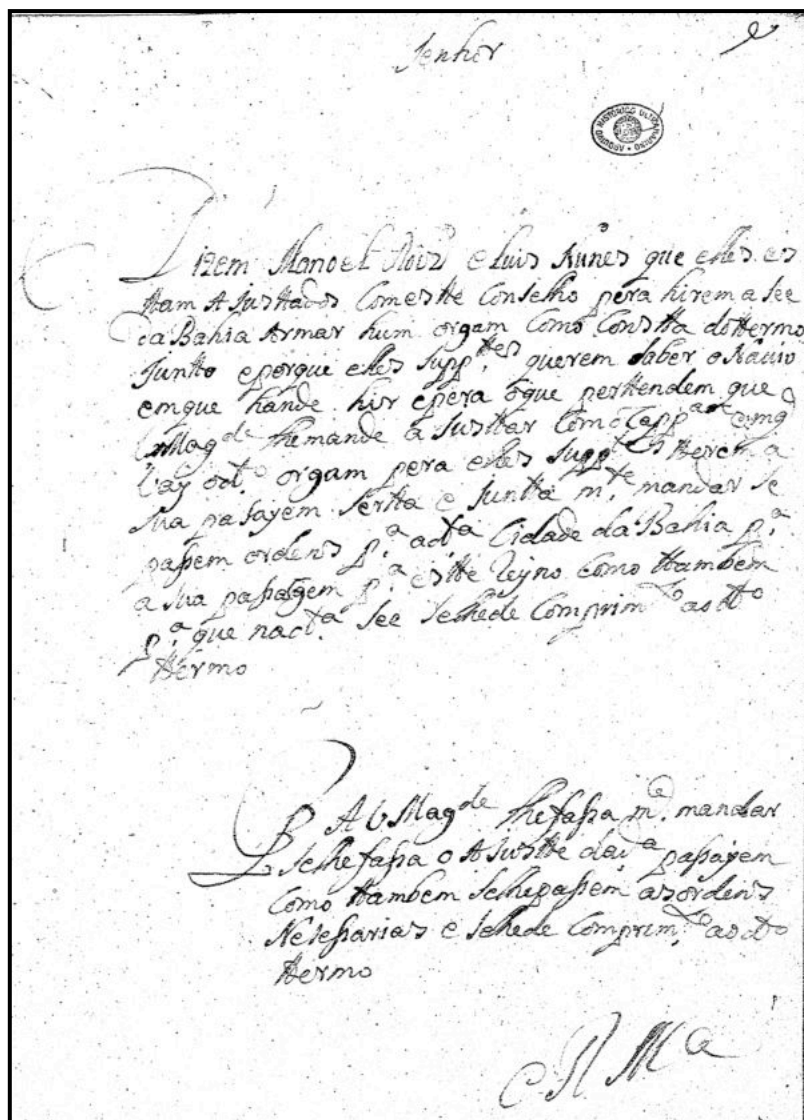
Na continuação deste mesmo documento, é posta a suspensão do assento do órgão de tubos da Sé Catedral da Bahia.

> Estando esta dependência nos referidos termos, foi V. M. Servido ordenar ao dito provedor, por carta escripta pelo seo conselho ultramarino em 20 de abril do presente anno, que, constando estar satisfeita a consignação de 200$ rs., que manda dar da sua real fazenda todos os annos para a fabrica da dita Sé, ella não estava obrigada a concorrer com mais cousa alguma para a dita fabrica, e nestes termos como fica suspensa a dita obra do órgão, e ficará a do assento do relógio, e todas as mais, que é preciso se continuem para inteiro complemento da obra da dita Sé, se me faz preciso representar a V. M. Que os ditos 200| rs. Consignados para a fabrica da Sé poderião, depois delia acabada, e paramentada de todo o necessário, ir conservando-a, reparando, e reformando preciso, que é o fim da fabrica, e que os ditos 200$ rs, se não despenderão nella em 22 annos, e por isso, por requerimento que fiz a V. M. Foi servido mandar despender o importe delles do dito tempo no órgão e relógio, ornamento inteiro, que por ordem do mesmo conselho se mandarão fazer; [...]o que apenas podem os ditos 200$ rs. Em muitos annos suprir; que é preciso completar a obra do dito órgão, que está informe e

[208] Diversos documentos citam as obras necessárias à Catedral. Os principais eram: a reforma do sobrado das torres, que estavam destruídos; assentar-se o relógio; fazer-se um muro muito forte na ladeira que está à porta da Sé; ampliar-se o frontispício, pois raízes de uma árvore gameleira o estavam arruinando; a reforma dos telhados; entre outras demais.

> com prejuízo delle; assentar-se o relógio quando vier, reformar os sobrados das torres, que estão destruídos, [...] Bahia em 10 de outubro de 1728. — D. Luiz Álvares de Figueiredo, Arcebispo da Bahia.

O Rei Dom Pedro II (1683 a 1706), em carta dirigida ao Governador deste Estado, em 8 de junho de 1674, consignou 1:000$000 réis para a Fábrica da Sé da Bahia, designado às obras de recuperação da dita Sé. Em 10 de outubro de 1728, o Arcebispo de Bahia, Dom Luís Alves de Figueiredo, em carta dirigida ao Rei Dom João V, considerando se achar ainda em vigor esta consignação, considerou necessário fazer o assento do órgão de tubos, como expressa o texto da carta:

> […] Esta consignação se acha em seu vigor porque ainda é preciso continuar com as obras da dita Sé até o seu ultimo complemento e em virtude dela se continuou a despesa que consta da certidão até o ano de 1724, no ano de 1725, que chegou àquela cidade e considerou a despesa que era necessário fazer-se para o assento do órgão c relógio, que por ordem de Vossa Majestade estavam mandados fazer nessa cidade para aquela Sé não requereu a continuação de outras obras precisas, reservando a consignação para a despesa do órgão c relógio.
>
> [...] Foi Vossa Majestade no ano de 1727 mandar o dito órgão e oficiais para o assentarem o que com efeito se fêz, e como era precisamente necessário fazer-se-lhe a base por conta da consignação, ao que com efeito se deferiu, ajustando-se com um oficial perito por ordem do Provedor da Fazenda Real.
>
> Estando esta dependência nos referidos termos foi Vossa Majestade servido ordenar ao dito Provedor, por carta escrita por este Conselho, em 20 de abril de 1728, que constando estar satisfeita a consignação de 200$000 réis que manda dar da sua Real Fazenda, todos os anos, para a fábrica da dita Sé que ela não está obrigada a concorrer com mais coisa alguma para a dita fábrica e nestes termos como fica suspensa a dita obra do órgão e ficará a do assento do relógio e todas as mais que é preciso se continuem para inteiro complemento da obra da dita Sé […] e por isso por requerimento que fez foi Vossa Majestade servido mandar despender o importe deles do dito tempo no órgão, relógio e ornamento inteiro, que por ordem deste Conselho se mandaram fazer […] (Documentos Históricos, 1950, Vol. XC, p.257).
>
> Lisboa Ocidental, 17 e maio de 1732.
> Abreu. Sousa. Varges. Metelo. Galvão.

O Tesoureiro-mor da Sé, Jose Ferreira de Mattos, assim descreveu a obra do Arcebispo Dom Luís Alves de Figueiredo, falecido em 28 de Agosto de 1735: "Vejo com consolação os ornamentos com que Sua Magestade faz resplandecer grandemente esta Cathedral. Vejo o grandioso orgam com que o mesmo Serenissimo Senhor se dignou

mandar fazer com especial preceyto de que fosse magnifico"[209].

Por meio de Requerimento de 1723, os organeiros Manuel Rodrigues e Luís Nunes solicitam passagem para viajaram à Bahia, com a finalidade de fazerem o assento do novo órgão de tubos na Sé Catedral da Bahia. Segundo o texto deste Requerimento, a seguir, os órgão de tubos eram construídos em Portugal, e posteriormente montados no Brasil por técnicos enviados pelo Rei de Portugal.

Senhor

Dizem Manoel Roiz e Luis Nunes que elles es-
tam ajustados com este Conselho pera hirem a See
da Bahia armar hum orgam como consta do termo
junto e porque elles supp.tes querem saber o navio
em que hande hir e pera o que pertendem que
V. Mag.de lhe mande ajustar com o capp.am [illegible]
[illegible] orgam pera elles supp.tes [illegible]
sua passajem certa e junta m.te mandar se
passem ordens p.a a d.ta Cidade da Bahia p.a
[illegible] p.a este Reyno como tambem
a sua passagem p.a que na d.ta See se lhe de comprim.to ao d.to
termo

P. a V. Mag.de lhe faça m.ce mandar
se lhe faça o ajuste da passajem
como tambem se lhe passem as ordens
necessarias e se lhe de comprim.to ao d.to
termo

E. R. M.ce

Figura 55: **Requerimento pedido de passagem para os organeiros**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – CU_035, Cx. 2, D. 136.

[209] SILVA, 1937, Vol. V, p. 307.

Senhor

Dizem Manoel Roiz' [Rodrigues] e Luis Nunes que eles estam [estão] ajustados com este Conselho pera hirem a See da Bahia armar hum orgam como constta do termo junto e porque eles supp^{tes}. [suplicantes] querem saber o Navio em que ham [hão] de hir e pera o que perttendem que V. Mag^{de}. Lhe mande ajustar com o Capp^{am}. [Capitão] emq^{o}. [enquanto] faz o d^{to}. [dito] orgam para eles supp^{tes}. Teram [terão] a sua passagem sertta [certa] & junta m^{te}. [juntamente], mandar se passem ordens p^{a}. este Reyno como ttambem p^{a}. que na d^{ta}. [dita] See [Sé] se lhe de comprim^{to}. [cumprimento] ao d^{to}. Termo.

P. [Peço] a V, Mag^{de}. Lhe fassar M^{ce}. [Mercê] mandar se lhe fassa [faça] o ajuste da d^{ta}. [dita] passagem como ttambem se lhe passem as ordens nesessarias e se lhe de comprim^{to}. [cumprimento] ao d^{to}. Termo. (AHU_CU_035, Cx. 2, D. 136).

C. R. M^{ce}.

Em 5 de outubro de 1734, foi expedido pelo Chantre da Sé da Cidade da Bahia, ao Rei Dom João V, um Requerimento pedindo Provisão para que houvesse toque do órgão todos os dias, como se mandavam as cerimônias, confirmando a preocupação com a dignidade do culto na Sé Catedral da Bahia, assim como também a importância do órgão de tubos no acompanhamento do Coro da Catedral.

Figura 56: Pedido do Chantre da Sé da Bahia para que haja sempre organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4320.

> Diz o Chantre da Sé da Cid^{e}. [Cidade] da B^{a}. [Bahia], q' V. Mag^{de}. Foy servido mandar no anno de 1718, e q' naquela Cathedral se Selebrem os Officios Divinos com a perfeiçaõ com q' se celebraõ nas Cathedrais deste R^{no}. [Reino], para o q' se dignou V. Mag^{de}. Mandar p^{a}. aquella Sé hum bom Orgam; e por ser o ordenado de quarenta mil reis tao limitado, naõ há organista q' se queira sogeitar [sujeitar]

> a tocar efeetivam[te]. [efetivamente] todo o anno por taõ limitada porçaõ com obrigaçaõ de pagar a hum mosso [moço] p[a]. o serviço dos folles[210]; em cujos termos p[a]. q' senaõ faltau [faltam] aos Officios Divinos com a devida solemnid[e]. [solenidade], o R[do]. [Reverendo] Arcebispo se dignou tirar de sua Congroa [côngrua] outros quarenta mil reis p[a]. dar ao Organista, q' actuamente está servindo, com obrigação de tocar orgam aos Domingos, e dias santos de preceyto, e dúplices taõ somente, e o servido os semiduplices, e semiplices, contra a forma das ceremonias, por naõ ter o Organista Congrua competente, e por q' pode ser fallivel a m[ce]. [mercê] q' o R[do]. Arcebispo fas, e ficar a Sé padecendo: recorre o supp[te]. [suplicante] a innata piedade, e clemencia de V. Mag[de]., p[a]. q' se digne crear demais outro organista com seu mosso p[a]. q' a servindo alternativam[te]. [alternativamente], se possaõ evitar as faltas, q' se cooprimentaõ, ou dar a hum só Congrua competente, p[a]. poder por outro em sua auzençia, ou impedimento legitimo.
>
> A V. Mag[de]. Se digne dar o provimento necessário p[a]. q' todos os dias haja toque de Orgam, como mandaõ as Ceremonias. (AHU_ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4320).

Em outro documento relativo a esta solicitação do Chantre, datado de 25 de junho de 1735, o Procurador-mor da Fazenda Real do Estado do Brasil, Luiz Lopez Pegado Serpa, ao fazer um comentário sobre o alto custo de vida da Cidade de Salvador, assim expressa: "[...] da grande carestia desta terra, fica sendo m[to]. [muito] diminuto, este salário, p[a]. [pera] se alimentar a pessoa, [...]. Na continuação desta mesma frase, o Procurador-mor confirma a prática dos organistas pagarem os salários de seus próprios folistas: "[...] p[a]. se alimentar a pessoa, q' se ocupe naquele emprego com o encargo de sustentar hum moço q' se ocupe no exercício dos folles; [...]".

Ainda neste documento, o Procurador Luiz Pegado Serpa sugere que deveriam haver dois organistas semanários na Catedral da Bahia, dando-se a cada um o salário de sessenta mil reis, e assim manterem seus próprios folistas, não havendo mais falta de organista nos Ofícios Divinos. A seguir, no recorte deste documento, pode-se confirmar o comentário feito pelo Procurador-mor da Fazenda Real do Estado do Brasil (AHU_ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4320).

[210] Muitas vezes o organista tinha seu próprio folista, e o pagava pelo serviço de seu salário.

Figura 57: O pagamento dos folistas pelos organistas
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4320.

> [...] e nesta consideração me parece informar a V. Mag^{de}. Q' p^{a}. nesta Seé Catedral se observar a verdadeyra forma deve haver doys organistas semanários dandosse [dando-se] a cada hum secenta mil reys com a obrig^{am}. [obrigação] de pagarem, e manterem os moços de q' precizam^{to}. [precisamente] carecem p^{a}. se ocuparem com os Folles; ficando por este modo menos laburioza aq^{la}. [aquela] ocupação a catedral bem servida, e o Culto Divino intr^{a}m^{te}. [inteiramente] celebrado. Deos g^{de}. [guarde] a Real Pessoa de V. Mag^{de}. M^{os}. [muitos] ann^{os}. [anos] B^{a}. [Bahia] 25 de junho de 1735.
>
> (assinado) Luiz Lopez Pgado Serpa (AHU_ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4320).

Por fim, em 12 de outubro de 1734, o Rei Dom João atende ao pedido do Chantre da dita Sé, dando provimento necessário para que haja todos os dias o toque de órgão (AHU_ACL_CU_005, Cx. 49, D. 4320).

Nesta mesma época, foi instalado o grande órgão do Convento de São Francisco da Bahia. Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, em sua obra *Memórias históricas e politicas da província da Bahia*, cita a instalação do órgão desse convento.

> […] da parte da igreja junto ás primeiras janellas das tribunas, no mesmo andar se formarão agora dous [dois] tabernaculos. em forma de varandas saídas para fóra, de face rotunda, com a mesma formatura de cornijas, correspondentes as que correm do côro. de molduras de madeira, e da mesma forma das de pedra do

> assento das portas das tribunas, onde se accomodou no da parte dos terceiros um orgão de boa, e vistosa fabrica, com duas entradas para elle, uma por dentro do mesmo côro, por onde entra quem o toca, outra pela parte da tribuna, na qual fica a caixa dos folles, o da outra banda que só se fez por corresdencia, serve para accomodar nelle em os dias solemnes as pessoas de mais distinção, que entrão para elle por uma parte da mesma tribuna, que ficou correndo igual em grades com as varandas destes retretes. "Todas estas obras, como pertencentes á igreja, tiverão principio depois de concluida esta pelos annos de 1723, havendo-se começado no de 1708 pela capella mór [...] (SILVA, 1937, Vol. V, p. 114).

2.5.2. O Conserto do Órgão da Sé e a Formação de Organeiros Brasílicos

Poucos anos após sua instalação, o órgão de tubos da Sé Catedral da Bahia precisava de conserto. Encontra-se no Arquivo Ultramarino um conjunto cartas trocadas entre o Rei de Portugal e o Estado do Brasil, datado de um período entre os anos de 1739 e 1744, que tratam desta intervenção.

Em consulta do Conselho Ultramarino, em 4 de março de 1739, o Provedor-mor da Fazenda da Bahia relata o estado arruinado em que se encontra a Catedral Sé da Bahia. Entre vários itens, cita o novo órgão de tubos da Sé.

Segundo artigo de D. Luiza da Fonseca, em Aspectos da Bahia no Século XVIII, publicado na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, N. 77, ano 1952, foi publicado pelo Conselho Ultramarino o anúncio para os consertos da Sé, sendo recebidas três propostas de organeiros, citadas a seguir.

> Felix Martins de Rates disse que o órgão da Sé era pela mesma formatura do de São Francisco. Na ocasião em que se assentou, estava ele naquela cidade fazendo o do Mosteiro de São Bento, sendo chamado pelo Arcebispo para fazer a vistoria no órgão da Sé. Nele achou apenas o defeito de ser construído de madeira de bordo, não muito conveniente por ser sujeita ao cupim, como se tinha verificado em alguns que consertara na Bahia e Rio de Janeiro. Propunha Rates fazer o órgão de madeira nova, aproveitando tudo o que estivesse capaz, pelo preço de 2.000 cruzados; e sendo a caixa e tudo o mais que o guarnecesse de talha e escultura, por 4.000, pagando ele as passagens. Par fazer apenas um concerto levava 400$000 reis e naõ pagaria as passagens, porque pagando-as levaria 550$000 reis. Havendo mais alguma danificação nos foles ou “canaria”, custaria a obra de mais 40 ou 50 reis. Devia receber um terço de qualquer dos ajustes, para se aviar, em Lisboa, e o resto, no fim da obra, na cidade da Bahia. Propunha mais ficar naquela cidade para dali passar a outras a fim de afinar os órgãos, como se fazia na Corte.
>
> Clemente Gomes informou que o órgão estava muito desconcertado; sendo de 24 registros, metade não tocava. Pedia pelo concerto 600$000 reis e viagens pagas de ida e volta. Sendo reformada toda a madeira, levaria um conto de reis todos os aviamentos a sua custa, excetuando as passagens de ida e volta. Receberia metade da paga antes de partir e a outra depois de voltar.

> Pascoal Caetano Oldovini[211], genovês, soube que se pusera lanço no Conselho Ultramarino para o conserto do órgão da Sé da Bahia e não teve dúvida em lançar menos 100$000 reis no último preço em que estivesse, e se houvesse quem fizesse por menos, ser "afrontado". Gabava-se de mestre de fazer órgãos e de assistir à fatura de três da Sé ocidental de Lisboa, de três do Convento de Belém; fizera também um em casa de Francisco Poquer, músico da Sé ocidental e estava acabando dois que, sendo necessário, mostraria (FONSECA, 1953, p. 283).

Para esta obra foi feito um ajuste com o organeiro português Felix Martins de Rates, em Lisboa, no dia 26 de junho de 1740, no valor de trezentos mil réis, para consertar o que fosse necessário no órgão da Sé.

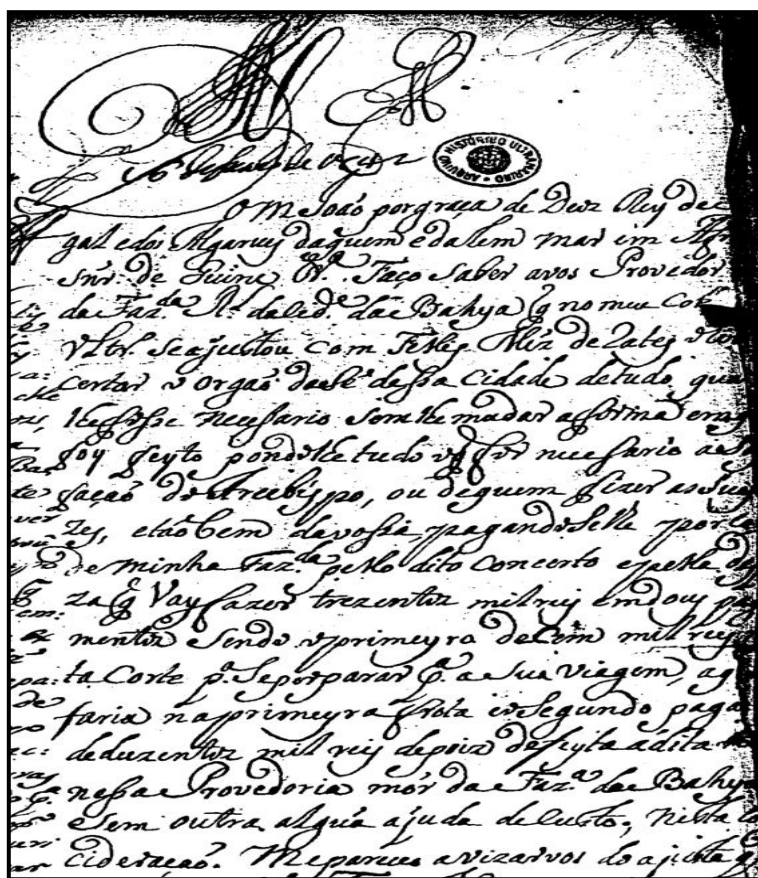



Figura 58: Ajuste com Felix Martins de Rates
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – Bahia, – Cx. 79 – D. 6505.

---

[211] Pascoal Caetano Oldovini (ca.1720 - 1785), o mestre organeiro genovês teve oficina em Évora e foi responsável pela construção e manutenção de diversos órgãos em Igrejas durante o século XVIII. Entre suas obras destacam-se: o órgão do Órgão da Capela-mor da Igreja do Convento de São Francisco de Évora, Convento do Carmo em Évora, Capela-mor da Sé de Évora, Sé de Elvas, Sé de Faro (reparação), Igreja Matriz do Crato, Capela dos Reis Magos, em Vila Viçosa, Igreja do Convento do Espinheiro, em Évora, Sé de Portalegre, e Igreja do Convento das Mercês, em Évora.

Dom João por graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daqeum e delem mar Africa Snr. [Senhor] de Guine V. [Vos] Faço saber avos Provedor da Faz^{da}. [Fazenda] R^{l}. [Real] da Cid^{e}. [Cidade] da Bahya q'. no meu Consl^{o}. [Conselho] Vlr^{o}. se ajustou com Feliz Miz' [Martins] de rates o concertar o orgaõ da Sê dessa Cidade de tudo que lhe fosse necessário som^{te}. [somente] lhe mandar a forma em q'. foy feyto pondolhe tudo o q'. for necessário a satisfaçaõ do Arcebispo, ou dequem fizer as suas vez, e taõbem [também] de vossa, pagandoselhe [pagando-se-lhe] parte de minha Faz^{da}. Pelo concerto e pella despeza q'. vay fazer trezentos mil reis em dous pagamentoz sendo o primeiro de cem mil reis nesta Corte p^{a}. [pera] se passar p^{a}. sua viagem, a q'. faria na primeira frota e o segundo pagam^{to}. [pagamento] de duzentos mil reis depois de feyta a dita nessa Provedoria mór da Faz^{da}. Da Bahya. Sem outra algua [alguma] ajuda de custo; nesta consideração. [...] (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

Em seguida, outro documento confirma o ajuste com o organeiro, como também especifica a data do serviço no órgão.

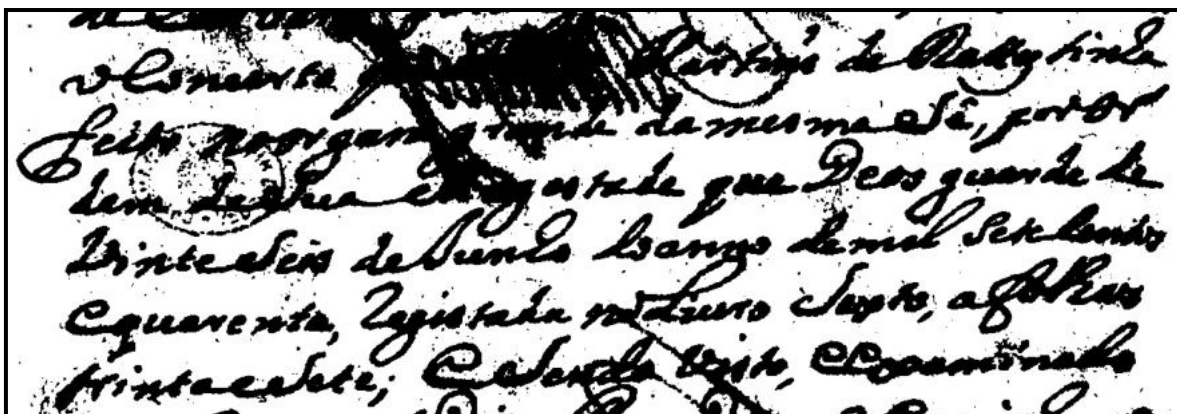



Figura 59: Data do conserto do órgão da sé pelo organeiro Felix Rates
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – Bahia, – Cx. 79 – D. 6505.

[...] o concerto que Felix Martins de Rates tinha feito no organo grande a mesma Sé, por ordem de Sua Magestade que Deos guarde de vinte seis de junho do ano de mil setecentos e quarenta, registrada no Livro Sexto, a folha trinta e sete [...] (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

A seguir, mais um documento deste conjunto confirma chegada do Organeiro Felix Martins Rates ao Porto de Salvador, em 20 de fevereiro de 1744. Vindo da Corte de Lisboa em sua missão de consertar órgãos de tubos no Estado do Brasil.

Figura 60: Felix Miz' [Martins] de Rates
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – Bahia, – Cx. 79 – D. 6505.

> Aos vinte dias do mes de fevereiro de mil setecentos e quarenta e quatro anos o porto da Cidade de Salvador da Bahia de todos os Santos pousadas do desembargador Manoel Antonio da Cunha de Sottomayor Fidalgo da casa de Sua Magestade Procurador da Fazenda Real deste Estado aly mandou vir a sua presença Felix Martins Rates horganeiro [organeiro] que veyo da frota da Corte de Lisboa por ordem de Sua Magestade que Deus guarde para conscerta o horgano[212] [órgão] da Sé desta Cidade; e a Mauricio Rodrigues Garcia, para efeito de averiguar se o dito Mauricio Rodrigues esta siente e capaz se fazer ajuste e qualquer concerto que se ofereca ho dito horgano; e cumprir o ajuste que havia feito com Luis Lopes ... servindo do Procurador mor, e por elles ambos foi dito que athe o feriado se naõ tratará ajuste algum a respeito de concertar os horganos da Sé o dito Mauricio Rodrigues Garcia declarou estar lembrado [...] (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

Por meio de carta do Rei de Portugal, Dom João V, é comunicado ao Conde de Galveias[213], Vice Rei[214] e Capitão Geral de mar e de terra do Estado do Brasil, o ajuste feito com Mauricio Roiz [Rodrigues] da Silva, residente em Salvador. Conforme foi acordado, Mauricio Rodrigues da Silva receberia um salário anual de trinta mil réis, pagos pela Fazenda Real, para que este aprendesse o ofício de organeiro e desse manutenção ao órgão da Sé da Bahia.

Este documento elucida uma das grandes dúvidas referentes ao momento em que se procedeu, na história da arte organística brasileira, a passagem dos órgãos vindos de Portugal, para os construídos no Brasil. O texto da carta também revela o processo, ocorrido no primeiro quartel do século XVIII, para a formação de mestres organeiros no Brasil. Assim, tem início a construção e a manutenção destes instrumentos em terras brasílicas. Em sua missão de formar organeiros no Estado do Brasil, decerto Felix Martins Rates touxe consigo algum manual de construção de órgãos de tubos, como também equipamento e ferramentas necessárias para seus discípulos brasílicos continuarem a exercer o ofício da organaria. Assim, tem início a organaria brasileira.

---

[212] Em algumas vezes, neste conjunto de documentos. O instrumento é referido como “o grande horgano” da Sé da Cidade da Bahia.

[213] Conde das Galveias foi um título criado por Dom Pedro II de Portugal, em 1691, a favor de Diniz de Melo e Castro, 1º conde das Galveias (1624-1709). Neste caso se trata de André de Melo e Castro (1668-1753), o 4.º Conde das Galveias.

[214] Vice-Rei foi o título, usado em algumas monarquias da Europa, para designar os governadores e representantes do rei numa província afastada ou num território ultramarino. Em Portugal, foi um título honorífico.

[illegible]

Dom Joam por graça de D.s Rey de Portu-
gal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa
S.nor de Guiné &. Faço saber a vos Conde das Gal-
veas, V. Rey, e Capitam General de mar e terra do Esta-
do do Brazil, que se vio o que me escreveo o Provedor mor
da Fazenda Real deste Estado na Carta de que com
esta se vos remeteo a copia sobre o ajuste que fes com Mau-
ricio Rodrigues da Silva para aprender a concertar or-
gaõs com o official que foi deste Reino, e se lhe dar
trinta mil r.s cada anno pelo trabalho de qualquer
concerto que fizer no Orgam da Sé. Me pareceo or-
denar vos informeis com vosso parecer. El Rey nos-
so S.nor o mandou pelos DD. Alexandre Metello
de Souza, e Menezes, e Thome Gomes Moreyra, Con-
selheiros do seu Conselho Ultr.o e se passou por duas
vias. Luiz Manuel a fes em Lisboa a vinte e doys
de Junho de mil setecentos quarenta e doys. [illegible] o
Conselheiro Martinho de Mendonça de Pina e de
Proença a fis escrever. Alexandre Metello de Souza
e Menezes. Thome Gomes Moreira. Por despa-
cho do Conselho Ultr.o de dezaseis de Junho de mil
setecentos e quarenta e doiz.

Figura 61: Organeiro Clemente Gomes – 16 de junho de1742
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – Bahia, – Cx. 79 – D. 6505.

> Dom Joam por graça de D.N.S. [Deus Nosso Senhor], Rey de Portugal e dos Algarves daquém, e dalem mar em Agua Snor. [Senhor] da Guné V. [Vos] Faço saber a vos Conde das Galveas [Galveias], V. [Vice] Rey, e Capitam General de mar e terra do Estado do Brasil, que se vio o que me escreveo o Provedor mor da Fazenda Real desse Estado na carta de que com esta se vos remete a copia sobre o ajuste que fes com Mauricio Rodrigues da Silva pera aprender a consertar os orgaõs com o official que foi deste Reino, e se lhe dar trinta mil rs cada ano pelo trabalho de qualquer conserto que fizer no Orgam da Sé. [...] Luis Manuel a fes em Lisboa a vinte e dous de junho de mil setecentos, quarenta e dous. [...] Por despacho do Conselho Ultr^{o}. [Ultramarino] desesseis de junho de mil setecentos e quarenta e dous. (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

Após o término dos serviços no órgão de tubos da Sé, foi registrado à margem deste mesmo documento, em 18 de maio de 1743, aconfirmação da finalização desta empreitada realizada pelo organeiro português Felix Martins de Rates, assim como também o aval de Mauricio Roiz Garcia, que veio para acompanhar e averiguar o trabalho do dito organeiro,

> Escreva-se ao Pr^{or}. [Procurador] da Fazenda q' de conta do concerto q' Felix Martins de Rates fes no Orgaõ da Se daq^{la}. [daquela] Cid^{e}. [Cidade], e de Mauricio Roiz Garcia ficou siente [ciente] p^{a}. cumprir o ajuste q' com 169ri provedor ratificou. Lix^{a}. [Lisboa] 18 de mayo de 1743 (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

Em outra carta, deste mesmo conjunto de documentos, é confirmado o envio do mestre organeiro. Assim, o Rei Dom João V, supre as necessidades das Igrejas no Estado do Brasil, iniciando-se a formação de oficiais brasílicos em organaria.

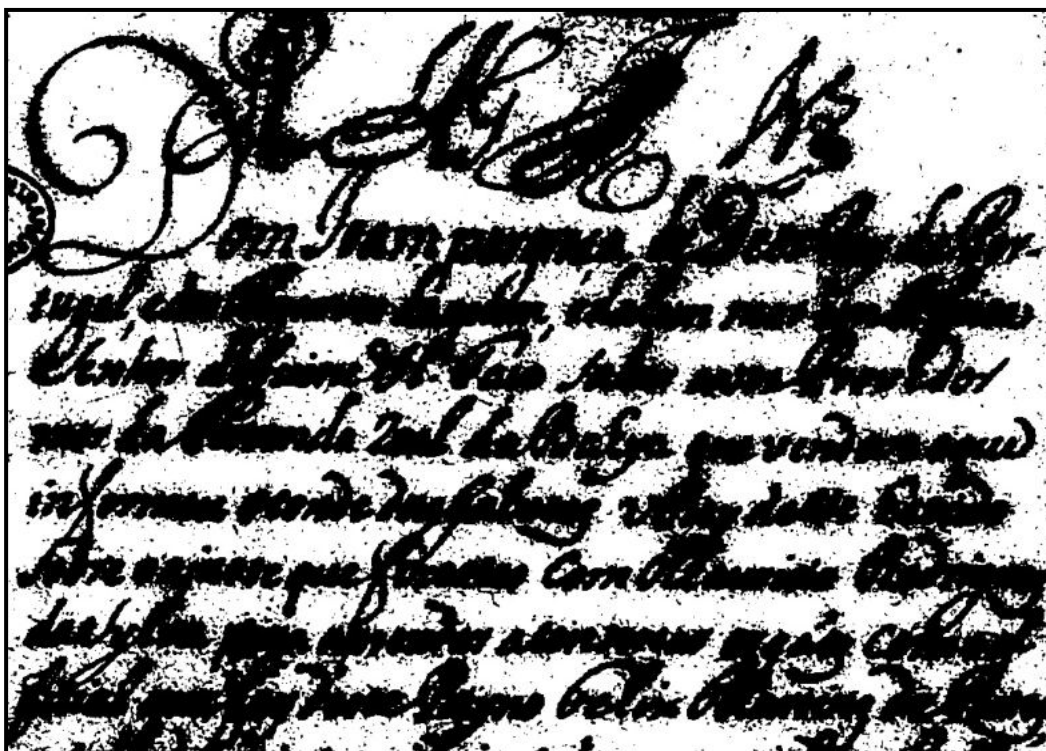



Figura 62: Ajuste com Mauricio Rodrigues da Silva – 22 de maio de 1743
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505.

> Dom Joam por graça de Deos rey de Portugal. [...] Faço saber ao Procurador mor da Fazenda Real da Bahya que ven... a que informacõn o Conde das Galveas V. Rey [Vice Rei] desse Estado sobre o ajuste que fizeram com Mauricio Rodrigues da Sylva para aprender a consertar orgaõs com o oficial que foy desse Reyno Felix Martins de Rates, [..] Lisboa aos vinte e dous de Mayo de mil setecentos e querenta e tres. [...] (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

A seguir, mais um documento comunica a chegada do organeiro português Félix Martins de Rates à Bahia para o conserto do órgão da Sé Catedral. Além do conserto do órgão da Sé Catedral da Bahia, o organeiro vindo da Corte tinha a missão de formação de um organeiro brasílico. Este documento também ratifica o ajuste com o organista Mauricio Roiz [Rodrigues] Garcia e o valor de seu salário e suas obrigações como organeiro na manutenção do órgão da Sé da Bahia. Portanto, para ser dada a manutenção no instrumento da Sé Catedral, além da manutenção básica e afinação, Mauricio Rodrigues Garcia também teria de aprender a construir os diversos tubos de um órgão. Na realidade, a intensão da Coroa Portuguesa na formação oficiais em organaria no Estado do Brasil era tornar menos dispendioso para seu erário, como também suprir a excassez de organeiros no Estado do Brasil.

Figura 63: Felix Miz'[Martins] de Rates
Fonte: Acervo fotográfico do autor –A.H.U. – Bahia, – Cx. 79 – D. 6505.

A esta cidade chegou na presente frota Felix Miz' [Martins] de Rates, mandado por ordem de V. Mag[e]. [Majestade] para consertar o orgaõ da Sé desta metropoly de tudo quanto lhe for necessário, sem lhe mudar a forma em q'. foi feyto, para o q'. se ajustou com 172ri desse lhe trezentos mil reis em dous pagamentoz, primeiro de cem mil reis, q'. logo recebeo nessa Corte, e o segundo de duzentos mil reis nesta Bahya, depois do concerto feyto, o q'. thé o prezente se naõ tem executado por razois [razões] da grande invernada que tem havido desde q'. a mesma Frota entrou neste porto thé o prezente, e se esperar q'. o tempo melhore para promta mente [prontamente] se fazer a obra q'. o mesmo orgaõ necessita para se puder tocar emtodos os rezistroz [registros]; e sem embargo q'. se entende & estará o dito concerto o mesmo Felix Miz'. Raty, **como este determinara depois de preparar o dito orgaõ fazer viagem para a cidade de Paranambuco [Pernambuco], e della passarsse [passasse] para a do Ryo de Janeyro, ou para outra qual quer parte atractar da sua vida: atendendo a omidade [umidade], e poeyras deste Paiz,** e naõ ter o mesmo Orgaõ resgoardo p[a]. [pera] evitar estes dous contrarios, tomou a resoluçaõ **p[a]. demandar chamar a minha presença a Mauricio Roiz [Rodrigues] Garcia homem curiozo e q'. sabe tocar Orgaõ, e o capacitar a q'. com effeyto aprendesse com o dito Felix Miz' [Martins] a consertar, e se fazer a mesma repparaçaõ** a q'. elle veyó [veio], premetendolhe [prometendo-lhe] a q'. no cazo q'. fique seiente [ciente] em semelhãtes [semelhantes] conscertos de lhe dar todos os annos trinta mil reis, pelo trabalho de qualquer concerto q'. fizer no mesmo orgaõ da Sê, tendo-o sempre limpo, aciado [asseado] de sorte q'. se toque com todos os rezistros, q'. têm; cuja deligencia tendo feyto e asim [assim] ajustou comigo, na certeza de q'. V. Mag[e]. asim o haverá porbem, por q'. quando o naõ haja pagarey ao mesmo homem da minha Fazenda os ditos trinta mil reis no fim deste primeiro anno, em atenção a mayor despeza q'. pelo tempo em diante se possa fazer com outros semelhantes concertos, além da falta q'. se experimentará como se tem já experimentado nos Ofícios Divinos, de que de tudo me pareceo dar esta conta a V. Mag[e]. Para q'. a vista della mande rezolver o que for servido, ordenado me o q'. // (continua no verso do fólio) // devo obrar sobre o q' lhe exponho/ Guarde a Real Pessoa de V. Mage. Muytos annos. Bahya 19 de junho de 1741. (AHU-Bahia, – Cx. 79 – D. 6505).

Portanto, como confirmado no documento acima, o organeiro português Felix Martins de Rates, em sua outra incumbência, tinha o encargo de fazer discípulos para a manutenção do órgão da Sé. Para este início da formação de organeiros brasílicos, o organista Mauricio Rodrigues Garcia deveria acompanhar os serviços, e assim, aprender a dar manutenção no instrumento. Por este novo ofício, Mauricio Rodrigues Garcia passaria a receber trinta mil réis anuais da Fazenda Real. Houve outro candidato a receber a formação em organaria, contudo, este não compareceu às aulas.

Conjuntamente, o documento deixa claro os dois problemas dominantes que geravam manutenções constantes nos órgãos do Brasil: a humidade e a poeira. Para isto, seguiu Felix Martins de Rates em sua missão para Pernambuco, Rio de Janeiro, e outras partes do Estado do Brasil.

Luís dos Santos Vilhena, em *Recopilação de notícias Soteropolitanas e Basílicas*, Volume 1, quando esteve em Salvador em 1787, faz alusão ao órgão doado pelo Rei Dom João V: "Poder-se-hia igualmente aproveitar o famozo orgão que o Sr. Rey D. João 5º mandou collocar na Sé, o qual se desmanxou este anno ao apear o tecto, e se vai inteiramente perder" (VILHENA, [1802] 1922, p. 64).

O organeiro Felix Martins Rates construiu outros órgãos de tubos no Brasil, Um deles, o órgão da Irmandade de Conceição dos Homens Pardos do Rio de Janeiro. Em *Templos Históricos do Rio de Janeiro*, de Augusto Mauricio, ao relatar um uma animosidade entre duas confrarias, a de N. S. da Boa Morte, ereta em 1663, e N. S. da Conceição dos Homens Pardos, ereta em 19 de julho de 1700, quando estas irmandades estavam instaladas na Igreja e N. S. da Conceição e Boa Morte. Resolveram ambas irmandades construir um novo templo, e em 25 de março de 1735 foi lançada a pedra fundamental. Contudo, nessa discórdia, é envolvido o órgão doado por Feliz Martins Rates.

> Brigaram por causa do órgão que fôra doado por Felix Martins Rates, à Conceição, e a Boa Morte dele queria utilizar-se; discutiram porque os Pardos reservavam para si o direito sobre o sino da capela; e até, certa vez, chegaram a disputar o altar para a realização de uma cerimônia religiosa, de cuja contenda resultou sair ferido por um castiçal, que lhe fôra arremessado por um irmão da Boa Morte, o tesoureiro da Conceição! (MAURÍCIO, p. 154).

O texto a seguir, retirado de *Rio de Janeiro : sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades (1877)*, esclarece a data da desavença entre as Confrarias citadas. Entretanto, não cita a data da doação do órgão.

> Â irmandade da Conceição deixara Felix Martins Rates um órgão; e por serem comuns os bens, quis a da Boa-Morte usar do instrumento, mas os irmãos da Conceição negavam-lhe as chaves; requereu ao poder competente, que permitiu se arrombasse o órgão, se as chaves não fossem entregues; em 10 de abril de 1791, na ocasião da missa da Boa-Morte, comparecerão os irmãos seguidos de um alcaide, exigirão as chaves, levantaram-se contendas, mas, aberto o órgão, celebrou-se a missa (AZEVEDO, 1877, p. 258).

Portanto, este dois textos anteriores confirmam a permanência do organeiro Felix Martins Rates, como também suas viagens à outras partes do Brasil, suprindo as necessidades da formação de organeiros brasílicos. A princípio o ensino estaria focado na afinação e na manutenção dos órgãos de tubos, mas, consequentemente, estaria sendo ensinado a arte da construção destes instrumentos.

Em consulta ao Conselho Ultramarino, o Provedor da Fazenda Real da Capitania de Pernambuco, João Rêgo de Barros, em carta dirigida ao Rei de Portugal, datada de 6 de agosto de 1722, da conta das necessidades da Sé de Olinda. O órgão antigo necessitava de reparos urgentes, pois não funcionava mais. Destaca-se neste texto a afirmativa do Provedor da fazenda Real: "e não haver na terra quem o consertasse. Este pedido deixa manifesto a carência de organeiros pela não existência destes oficiais no Estado do Brasil. Transcreve-se, a seguir, texto deste documento (Documentos Históricos, 1953, Vol. XCIX, p. 216).

> O provedor da Fazenda Real da capitania de Pernambuco, João do Rêgo de Barros, em carta de 13 de agosto do ano passado, dá conta a Vossa Majestade de que em carta de 5 de agosto de 1722 lhe faz Vossa Majestade a saber que o reverendo cabido da cidade de Olinda, consultara a Vossa Majestade em carta de 20 de abril do dito ano a necessidade em que se acha a dita sé de ornamentos para o culto divino, porque um que tinha de tela branca era dos dias solenes e processões se achava já muito indecente e incapaz, e outro de damasco branco, que é dos dias duplos, que eslava da mesma sorte, e que só um roxo da quaresma e outro verde dos dias feriais estavam em melhor uso, e que assim **pedia a Vossa Majestade fosse servido mandá-la prover de ornamentos, como também de um órgão para as ocasiões de coro, por se ter arruinado o que havia, e não haver na terra quem o consertasse** […] e dos que se necessitam para os dias mais solenes, enviando de tudo as medidas, e declarando outrossim se há necessidade urgente do órgão que insinua o dito cabido, e o que bastará para servir; [...] e que assim remetia as medidas dos que são necessários, e que do órgão há urgente necessidade, porquanto o que tem já não se pode ter nenhum uso dele, e carece de outro que sirva para o coro, e seja nacional[215], dos que costumam custar cem mil réis, com pouca diferença.
>
> Lisboa ocidental, 19 de Outubro de 1724
>
> (À margem do Documento)
> Como parece, com declaração que também se comprará um órgão; tudo se executará com brevidade. Lisboa ocidental, 31 de julho de 1725. Rei

Todos os registros documentais encontrados, sobre órgãos construídos por organeiros brasílicos, são posteriores à vinda de Felix Martins de Rates. Há alguns relatos de organistas, ou padres, que somente afinavam órgãos, o que era prática entre os organistas darem manutenção básica nos instrumentos das igrejas onde atuavam. A exemplo, cita-se o Padre Frei João Fagundes, que, segundo o *Livro de Despeza*: 1672-1681, da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, deu manutenção no órgão em maio de 1676:

[215] O termo refere-se a nação portuguesa, que incluía o Brasil.

“despendeu o dito (tesoureiro) seis mil réis que deu ao P^{e}. Joaõ Fagundes de afinar, e consertar o orgaõ” (Ms. Códice 848, fólio 89).

Quando foi instalado o órgão da Sé de Olinda, 1729, Agostinho Rodrigues Leite estava com apenas oito anos de idade, portanto, dificilmente ele estaria recebendo alguma formação do organeiro Clemente Gomes, responsável pelo assento do órgão da Sé de Olinda. Contudo, em 1744, Agostinho Rodrigues Leite estaria com seus vinte e dois anos de idade, e fabricaria seu primeiro órgão para o Mosteiro de São Bento de Olinda somente aos vinte e oito anos. Por falta de documentação, não é possível afirmar, por comprovação documental. Todavia, considerando-se as datas, pode-se presumir que o organeiro português Felix de Rates tenha sido o mestre de organaria de Agostinho Rodrigues Leite, em Salvador, durante o conserto do órgão da Sé, ou posteriormente em sua viagem a Pernambuco. Agostinho Rodrigues Leite, por sua vez, fez de seu filho, Salvador Rodrigues Leite, um discípulo, dando propagação à formação de organeiros brasílicos. Salvador Leite atuou nas Cidades do Recife e de Salvador.

Na Capitania de Minas Gerais, diversos fatores principais contribuíram para a construção de órgãos locais. Foram estes: a distância do Rio de Janeiro, por onde chegavam os órgãos vindos de Portugal; as dificuldades geográficas, serra altas; as viagens eram realizadas em comboios, em épocas do ano não chuvosas, pois os rios enchiam e ainda não haviam pontes; e a mesma riqueza gerada pela mineração, levou a supervalorização dos bens de consumo; e a proibidas a instalação das ordens monásticas, isolamento imposto pela Coroa Portuguesa para evitar o contrabando do ouro. Além destas dificuldades, existiam os perigos de assaltos por ciganos, escravos fugidos e quilombolas. Uma viagem, pela Estrada Real, do Rio de Janeiro a Ouro Preto demorava três meses, à Diamantina seis meses. Mesmo os mestres arquitetos utilizaram-se de matérias regionais nas construções das igrejas devido a estas dificuldades. Assim, justifica-se construção local dos órgãos nas igrejas matriz e nas ordens terceiras, segundo suas posses.

Como exemplo ilustrativo, citam-se os dois órgãos construídos na Cidade de

Diamantina, antigo Arraial do Tijuco[216]. O transporte de um órgão positivo de armário, do litoral ao Arraial do Tijuco, ficaria extremamente dispendioso. Portanto, todas estas razões levaram à construção dos órgãos da Igreja Matriz de Santo Antônio e da Ordem Terceira do Carmo pelo Padre Manuel de Almeida e Silva.

Quanto ao padre organeiro da Capitania de Minas Gerais, Manuel de Almeida e Silva, cursou gramática, filosofia e teologia moral[217] no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte[218], em Mariana[219]. De acordo com seu processo de habilitação[220], Padre Manuel de Almeida da Silva[221] e seu irmão, Padre Antônio de Almeida da Silva[222], foram habilitados como padres seculares, Presbíteros da Ordem de São Pedro. Eram Filhos legítimos dos reinóis Antônio de Alves Silva, natural da freguesia do Salvador de Parada e Barbuda, termo da Villa de Barcelos, arcebispado de Braga, e de Francisca Thomazia de Almeida Cabral, natural da Freguesia da Sé da Cidade do Porto[223].

Segundo seu *De genere, de vita et Moribus*, Padre Manuel de Almeida e Silva era filhos de cristãos antigos, portanto, era considerado pela Inquisição como de sangue limpo[224]. Manuel de Almeida e Silva foi habilitado Padre Secular da Ordem de São Pedro no dia 27 de agosto de 1763, aos 24 anos de idade. De acordo com os autos de sua

---

[216] Sobre o órgão da Ordem Terceira do Carmo, pode-se consultar em "O Órgão Setecentista da Igreja do Carmo de Diamantina: seus enigmas e sua estreita ligação com o Órgão de Córregos", nos websites: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br e http://www.handelcecilio.com.

[217] O curso de gramática tinha duração de um mínimo de quatro anos; o curso de filosofia, três anos; e o curso de teologia moral, quatro anos (LEITE, 2004, vol. VII, p. 57).

[218] O Seminário de Mariana foi fundado a 20 de dezembro de 1750, pelo primeiro bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz. A organização e direção foi entregue a cargo dos padres da Companhia de Jesus. Nesta época não havia no Bispado de Mariana outro ensino público (OLIVEIRA, 1953, p. 6).

[219] Havia outro estudante chamado Manuel de Almeida Silva no Seminário de Mariana. Este foi ordenado Presbítero do Hábito de São Pedro em 1749, filho do Capitão Bernardo de Almeida Silva e de Marianna Ferreira de Carvalho, e natural de St. Antônio de Casa Branca (atual Glaura), Comarca de Villa Rica do Ouro Preto. Segundo seus autos, o dito foi sempre morador desta freguesia, exceto quando Estudou no Rio de Janeiro. Diversos livros da Igreja Matriz de Casa Branca registram sua função de padre assistente.

[220] Alguns arquivos brasileiros, mas principalmente a Torre do Tombo, em Lisboa, detém os autos de habilitação de sacerdotes do Período Colonial Brasileiro.

[221] Em diversos documentos eclesiásticos sobrenomes encontra-se grafados nas formas Almeyda ou Sylva.

[222] Antônio de Almeida da Silva foi batizado na Igreja Matriz do Serro aos 21 de novembro de 1740.

[223] O casal também tinha uma filha chamada Joana.

[224] Curiosamente, está incluído nos autos Manuel de Almeida e Silva uma investigação a respeito deste ter seu dedo polegar da mão esquerda mutilado. O esmagamento com um alicate dos nós e falanges do dedo polegar, o dedo *pollex*, era uma das torturas usadas contra os judeus pelo Tribunal da Inquisição. Contudo, foi comprovado não ter origem judaica.

habilitação, Padre Manuel de Almeida e Silva nasceu aos 9 de março de 1739, sendo batizado na Matriz de N. S. da Conceição da Villa do Príncipe do Serro de Frio, Capitania das Minas Gerais, segundo registro no *Livro Segundo dos Batizados* desta Matriz .

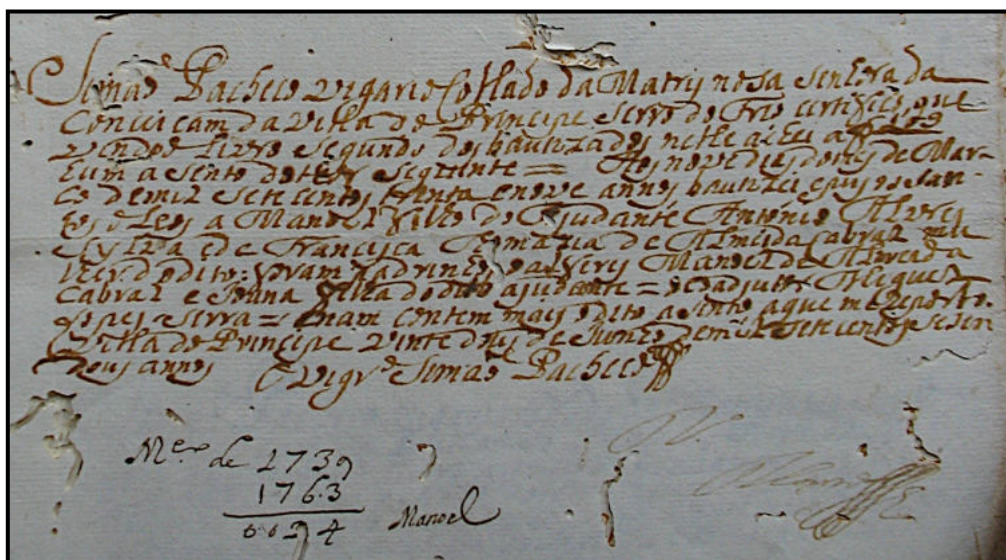



Figura 64: Certidão de nascimento do Padre Manuel de Almeida e Silva
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.E.A.M. – *De genere et moribus* – N. 1414.

> Simaõ Pacheco Vigario Collado[225] da Matris Nosa Senhora da Conceicam da Villa do Princepe Serro do Frio certifica, que vendo o Livro Segundo dos bautizados nelle achei a f [fólio] 159 hum asento do theor seguinte = Aos nove dias do mes de Março de mil setecentos trinta e nove annos, bautizei e pus os santos óleos a Manoel filho do ajudante António Alvares Sylva e de Francisca Thomazia de Almeida Cabral mulher do dito: foram padrinhos o alferes Manoel de Almeida Cabral e Joana filha do dito ajudante = e coadjutor Migues Lopes Serra = e nam [não] contem mais o dito asento a que me reporto.
> Villa do Principe vinte dias de junho de mil setecentos e sessenta e dous anos.
> O Vigr°. [Vigário] Simaõ Pacheco

Considerando-se os dados acima citados, Manuel de Almeida e Silva era aluno do Seminário de Mariana na mesma época da instalação do órgão da Sé Catedral de Mariana, entre os anos de 1752 e 1753[226], quando obteve seus primeiros contatos com os fundamentos no ofício da organaria, acompanhando o assento deste órgão de tubos[227],

[225] Vigário colado é uma expressão antiga que significa “intransferível”. Era um cargo almejado que permitia ao padre pertencer ao funcionalismo público através de concurso, além de ter um papel político importante.
[226] No período entre a instalação do órgão da Catedral de Mariana padre organeiro das Minas Gerais contava com treze para quartorze anos de idade. Era próprio, nesta época, o aprendizado dos ofícios em tenra idade.
[227] A instalação do órgão foi realizada por Manuel Francisco Lisboa, pai de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

suprido pela Coroa Portuguesa, em sua missão de prover as catedrais brasílicas. Ademais, considerando-se que permaneceu no Seminário de Mariana até 1763, Padre Manuel de Almeida e Silva, concomitantemente a seus estudos teológicos no Seminário de Mariana ao longo aproximadamente dez anos de estudos, obteve mais conhecimentos com organistas[228] [229] e organeiros que atuaram em Vila Rica, neste tempo, um centro organístico na Capitania das Minas Gerais.

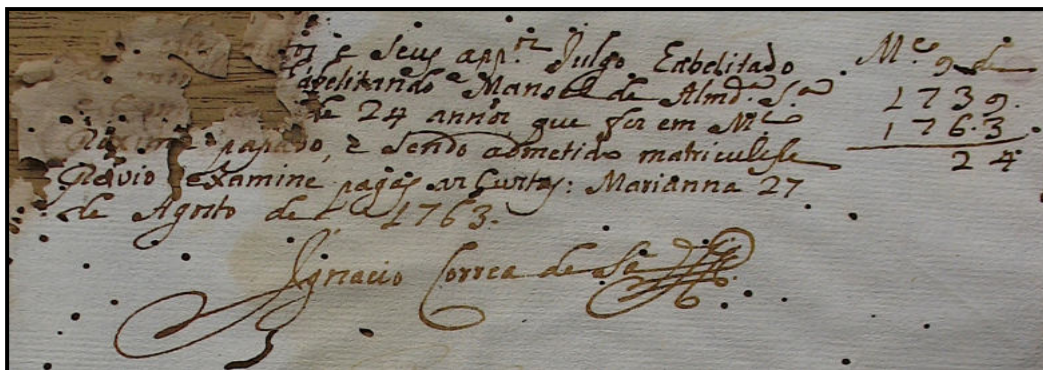



Figura 65: Habilitação do Padre Manuel de Almeida e Silva ao Hábito de São Pedro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.E.A.M. – *De genere et moribus* – N. 1414.

> Vistos estes autos e seus app^{os}. [aparatos] julgo Habelitado [habilitado] de mostrarem o habelitando Manoel de Alm^{da}. [Almeida] S^{a}. [Silva] e com idade de 24 annos que fez em M^{ço}. [março] próximo passado, e sendo admetido matricule se previo examine pagas as custas: Marianna 27 de Agosto de 1763.
>
> (assinado) Ignacio Correa de Sá
>
> (à margem) M^{ço}. [março] 9 de
> 1739
> 1763
> 24

As primeiras referências ao Padre Manuel de Almeida e Silva na Vila do Serro, atuando como padre, datam do período entre os anos de 1768 e 1740. Posteriormente, inicia suas atividades como organeiro no Arraial do Tejuco (Diamantina-Minas Gerais), na construção dos órgãos de tubos da Matriz de Santo Antônio (1778?-1783?) e da Capela da Ordem Terceira do Carmo (1782-1787). Não se tem conhecimento do tempo dedicado pelo padre organeiro em seu aprendizado informal em organaria em Vila Rica. É preciso considerar que os organeiros da região faziam somente manutenção e não existem registros

[228] Nesta época os organistas detinham nocões de organaria para a manutenção dos órgãos em suas igrejas.
[229] O primeiro organista da Catedral de Mariana, o Pe. Manuel da Costa Dantas, data de dezembro de 1748.

de oficinas de construção de órgãos de tubos para uma completa formação em organaria. Conjuntamente, é factível o uso manuais práticos de organaria pelo padre organeiro.

Todos estes fatores citados justificam as propriedades dos tubos de metal do órgão da Igreja do Carmo de Diamantina. Segundo registro contábil desta ordem terceira, em 1791-1792, quatro anos após sua construção, os tubos deste órgão encontravam-se envergados e com fissuras, sendo necessário endireitálos e soldá-los, fato resultante de um liga rica em chumbo e pobre em estanho[230], aspecto que se contrapõe à estética barroca.

Quanto aos outros organeiros de Minas Gerais, tais como, Alferes Athanazio Fernandez da Silva (1767-1843?) e Antônio Francisco Lisboa (final do século XVIII), assim também os demais organeiros brasílicos, aprenderam esta arte com algum discípulo de Felix Martins Rates, ou de outro mestre de organaria que tenha sido enviado ao Brasil com a missão de fazer discípulos ou assentar órgãos de tubos.

Assim, teve início a escola de organaria colonial brasileira, através da formação de oficiais no sistema "mestre-discípulo", assim como nas artes e ofícios. Não pode se descarta aqueles que construíram órgãos por engenho, pela imitação de órgãos existentes, ou mesmo através dos manuais e tratados de construção de órgãos de tubos. Assim, por diligência do Rei Dom João V, foi capacitado o primeiro organeiro brasílico, Mauricio Rodrigues da Silva, discípulo do mestre organeiro português Felix Martins Rates. Na sequência de sua viagem para Pernambuco e Rio de Janeiro, afinou e consertou órgãos de tubos, e também formou outros organeiros. Nas instalações posteriores dos órgãos das sés catedrais, certamente adotou-se a mesma prática de formação de organeiros. Seguramente, este modelo adotado pela Coroa Portuguea seria menos dispendioso na manutenção dos órgão das catedrais, e assim, haveriam organeiros brasílicos capacitados para a construção de órgãos de tubos para as matrizes, conventos, mosteiro, e capelas das ordens terceiras.

2.6. OUTRAS IGREJAS SUPRIDAS COM ÓRGÃOS NO SÉCULO XVIII

Os Monarcas de Portugal se esmeraram em edificar templos majestosos,

[230] Maiores informações sobre o dito órgão de tubos, consultar a dissertação de mestrado do autor, intitulada O Órgão Setecentista da Igreja do Carmo de Diamantina: seus enigmas e sua estreita ligação com o órgão de Córregos, disponível em www.handelcecilio.com.

ricamente ornamentados e equipados com as melhores alfaias e com órgãos de tubos. A construção de igrejas e mosteiros pela Coroa Portuguesa, tanto em Portugal como nas colônias, era uma forma de expressão pública de sua fé religiosa e seu compromisso com a Igreja Católica Romana. Durante os oitocentos, outros Bispados do Estado do Brasil solicitaram ao Rei de Portugal que enviem novos órgãos para suas sés catedrais. Como tratado anteriormente neste trabalho, a Coroa Portuguesa sempre se preocupou com a dignidade do culto. Esta preocupação não se limitou a suas Capelas Reais em Portugal, mas também em suprir as catedrais de suas diversas colônias.

Através de um requerimento, datado de 12 de maio de 1727, ilustrado a seguir, o Bispo de Olinda faz o pedido ao Rei de Portugal de um grande órgão para a Sé de Olinda, na Capitania de Pernambuco. Além de do órgão de tubos, é solicitado o envio de paramentos para as celebrações dos Ofícios Divinos.

em consulta da Meza da Com.cia de
5 de Abril proxime passado se fez prezente
a V. Mag.e ponta que de o Bispo de Per-
nambuco de não haver na Sé daquelle Bispado
Orgão, nem os paramentos necessarios, e que
... era precizo para se Cele-
brarem os officios Divinos. E porque esta ma-
teria privativamente pertence ...
... E o mesmo Sr. Servi-
do que pello Conselho se dê a providencia neces-
saria na forma ...
... 12 de
Mayo de 1727

Figura 66: Pedido de envio de um órgão para a Sé de Olinda
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – CU_015, Cx. 35, D. 3230.

> Em consulta da Meza da Cons^{cia}. [Consciência] de 5 de Abril proxime passado se fez presente a S. Mag^{de}. A conta que deo o Bispo de Pernambuco de naõ haver na Sé daquele Bisp^{do}. [Bispado] Orgaõ, nem paramentos necessários, e que huma, e outra couza era precizo para se celebrarem os Officios Devinos; e porque esta matéria prevativamente [privativamente] pertence ao Cons^{o}. [Conselho] Ultramarino. He o mesmo Sr. Servido que pelo conselho se dé a providencia necessaria na forma do estilo. Deos G^{de}. [guarde] V. [Vossa] M^{e}.[Mercê]. Paço a 12 de Mayo de 1727 (AHU_CU_015, Cx. 35, D. 3230).

Em Despacho do Conselho Ultramarino em Lisboa, de 14 de maio de 1727, é ordenando que o provedor da Fazenda Real da Capitania de Pernambuco, João do Rego Barros, que informe sobre os ornamentos e o órgão de tubos da Sé de Olinda.

Figura 67: Informe sobre os ornamentos e órgão da Sé de Olinda
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – CU_015, Cx. 35, D. 3230.

> Escreva se ao Provedor da Fazenda de Pernambuco, q'. [que] procure informar se dos ornam[tos]. [ornamentos] q'. saõ pedidos na Seé p[a]. se celebrarem os Divinos Officios e delles remeta rol e medidas, e semelhantem[te]. [semelhantemente] q'. ocorre saber q'. Orgaõ sera [será] suficiente p[a]. o Coro da mesma Seé, e fazendo de tudo hu [um] calcollo [cálculo] de seo custo, informe de qual das estas vias da Real fazenda da mesma Capitania, se poderá fazer vir p[a]. esse Reyno a mesma importancia veio por huã [uma] vez veo dividida em três annos, p[a]. se cobrir [cobrir] o dezembolsso q'. com os ditos ornam[tos]. E Orgaõ se fizessem pella repartição deste Con[lho]. [Conselho]. Lix[a]. [Lisboa] Occidental 14 de Mayo de 1727.
>
> (Diversas assinaturas) (AHU_CU_015, Cx. 35, D. 3230).

Através de um Requerimento ao Rei de Portugal, datado de 13 de janeiro de 1729, provedor da Fazenda Real da Capitania de Pernambuco, João do Rego Barros, pede ordens para que o Organeiro Clemente Gomes execute o assento do órgão da Sé Olinda, e sua passagem livre de volta à Corte. Além de dez tostões[231] diários, caso haja demora no seu retorno a Portugal (AHU_CU_015, Cx. 38, D. 3387).

[231] Devido a citação de diversos numerários usados durante o Brasil Colonial e Imperial ao longo do texto, citam-se estas moedas e suas respectivas equivalências: **Pataca** (1 Pataca = 320 Réis), a chamada Meia-pataca, 160 réis, 1 Conto de Réis = 1 milhao de Réis; **Vintém** (1 Vintém = 20 Réis); **Tostões** (1 Tostão = 100 Réis); **Cruzado** (1 Cruzado = 400 Réis); **Escudo** (1 Escudo = 1.600 Réis). Os chamados Réis, é o plural de Real. Fonte: http://www.ipeadata.gov.br.

Figura 68: Assento do órgão da Sé de Olinda por Clemente Gomes
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – CU_015, Cx. 38, D. 3387.

Pern^{co}. [Pernambuco] 13 janeiro 1729

Diz Clemente Gomes q' elle suplicante se ajustou com este Cons^{o}. [Conselho] p^{a}. hir asentar o orgão q'. por ordem de V. Mag^{de}. fez p^{a}. a Seé de Olinda, e por q'. p^{a}. se lhe dar na d^{ta}. Cidade á execução o asento do d^{to}. orgão se faz persizo [preciso] q'. V. Mag^{de}. mande ordem ao Provedor da d^{ta}. Cidade p^{a}. q'. este faça dar á execução o asento do d^{to}. órgão e q'. p^{a}. este feito mande notificar á pessoa a q^{m}. [quem] em cubir [incumbir] o faça dar á execuçaõ p^{a}. q'. o suplicante se possa restituir, desta Corte na mesma frota, como tambem q'. o d^{to}. Procurador da

> Fazenda lhe dee a passage liure [livre] na mesma forma q'. se fez aos oficiaez [oficiais] q'. foraõ asentar o órgão a See da Bahia pelo d^{to}.
>
> P [Peço] a V. Mag^{de}. lhe faça m^{ce}. [mercê] mandar passar ao supl^{te} . [suplicante] ordenz [ordens] p^{a}. q'. o Provedor da Fazenda da Cidade de Olinda faça dar a execução do asento [assento] do d^{to}. orgaõ fazendo notificar a pessoa a q^{m} . [quem] em cubir [incumbir] p^{a}. que naõ se dando á execuçaõ o asento do d^{to} . orgaõ à tempo q'. o sup^{te}. se possa restituir a esta Corte nezta [nesta] mesma frota se lhe pagar as demoras a rezaõ [razão] de dez tostões por dia como tambem p^{a}. o d^{to}. Provedor lhe dar a todo o tempo, a sua passage liure [livre]
>
> E. R. M. (AHU_CU_015, Cx. 38, D. 3387).

A título de curiosidade, os músicos da Sé de Olinda percebiam seus ordenados, contudo, o Bispo permitia que estes atuassem fora da Catedral, em eventos seculares:

> […] porém, o Reverendo Bispo lhes permite e procura cantem fora em festas particulares e por terem grandes lucros não reparam na perda daquele ordenado, e isto mesmo acontece com um capelão a quem se deu ordenado de organista, vencendo também o de capelão, não podendo no mesmo tempo residir no coro em que estava tocando o órgão. [...] Ao Conselho parece o mesmo que ao Procurador da Fazenda, para Vossa Majestade se servir mandar examinar esta maioria, pela Mesa da Consciência donde toca. Lisboa, 22 de dezembro de 1750. (Arquivo da Biblioteca Nacional do RJ, Consultas do conselho Ultramarino, Códice: 1-8,4,7).

A primeira Sé Catedral do Rio de Janeiro, a Igreja de São Sebastião, foi construída em 1567, por Mem de Sá, no alto do Morro do Castelo, sendo reformada em 1583 no governador Salvador Correia de Sá (1577-1598). Em 1676 a Prelazia do Rio de Janeiro foi transformada em Bispado. Após uma série de transferências para diversas igrejas, em 1685 instalou-se o Cabido da Sé na Igreja Catedral de São Sebastião, sede das irmandades de N. S. do Rosário e de São Benedito. A Sé permaneceu instalada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário até 1808, quando foram transferidas a Sé Catedral e seu Cabido para a Igreja do Carmo, por decisão Dom João V, quando chegaram ao Rio de Janeiro.

Em 1763, a Capital do Estado do Brasil foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro. Com a invasão dos franceses ao Rio de Janeiro em 1771, a Sé ficou desprovida de paramentos, alfaias e órgão para o Culto Divino. Havia um mercado de aluguéis de instrumentos musicais, no qual o órgão estava incluído. Um rabecão, cujo valor de compra era 55$000 réis, seria alugado por 1$600 réis por dia. Encontram-se registros de aluguéis de órgãos para a Sé, em 1793, nos valores de 1$280 rs. e de 2$560 rs., além dos custos de carretos.

Em 24 de março de 1732, o Cabido do Rio de Janeiro, por meio de Representação do Deão e Dignidades, pede um novo órgão de tubos para a Sé catedral.

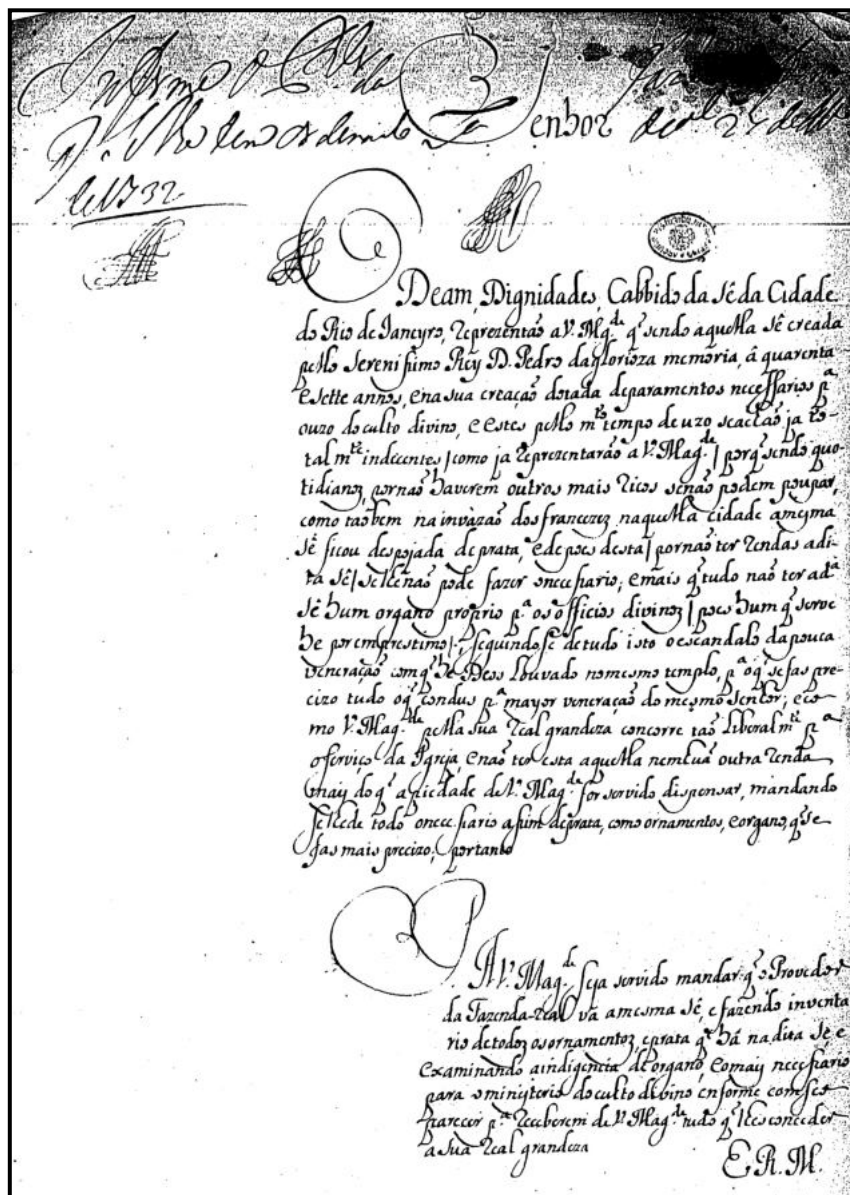



Figura 69: Pedido de um órgão para a Sé do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.H.U. – CU_017-01, Cx. 31, D. 7339.

Senhor

O Deam, Dignidades, Cabbido da Sé da Cidade do Rio de Janeyro, representaõ a V. Mg^{de}. [Magestade] q'. sendo aquella Sé creada pello Serenissimo Rey D. Pedro da gloriosa memoria, á quarenta e sete annos, e na sua creacao dotada de paramentos necessários p^{a}. [pera] o uzo do culto divino, e estes pello m^{to}. [muito] tempo de uzo se achaõ ja totalm^{te}. [totalmente] indecentes, como ja reprezentaraõ a V. Mag^{de}. Por q'. sendo cotidianoz, por naõ haverem outros mais ricos senaõ

> podem poupar, como taõbem na invazaõ dos francezes naquela cidade a mesma Sé ficou despojada de prata, e depoes desta, por naõ ter a d^{a}. [dita] Sé hum organo próprio p^{a}. os officios divinoz, poco hum q'. serve he por empréstimo. Segundo se de tudo isto o escândalo da pouca veneração com q'. he Deos Louvado no mesmo templo, p^{a}. o q'. se fas precizo tudo o q' condus p^{a}. mayor veneração do mesmo Senhor; e como V. Mag^{de}. Pella sua real grandeza concorre taõ liberam^{te}. [liberalmente] p^{a}. o serviço da Igreja, e naõ ter esta aquella nem huã outra renda mais do q'. a piedade de S^{a}. Mag^{de}. [Sua Majestade] for servido dispensar, mandado se lhe de todo o necessario assim de prata, como ornamentos, e organo, q'. se fas mais preciso; portanto.
>
> A V. Mag^{de}. Seja servido mandar q' o provedor da Fazenda-real va a mesma Sé, e fazendo inventario de todoz os ornamentoz, e prata q' há na dita Sé, e examinando a indigência de organo, e o mais necessario para o ministério do culto divino enforme [informe] com seo parecer p^{a}. receberam de V. Mag^{de}. Tudo q' lhes conceder a Sua Real grandeza. E. R. M. (AHU_CU_017-01, Cx. 31, D. 7339).

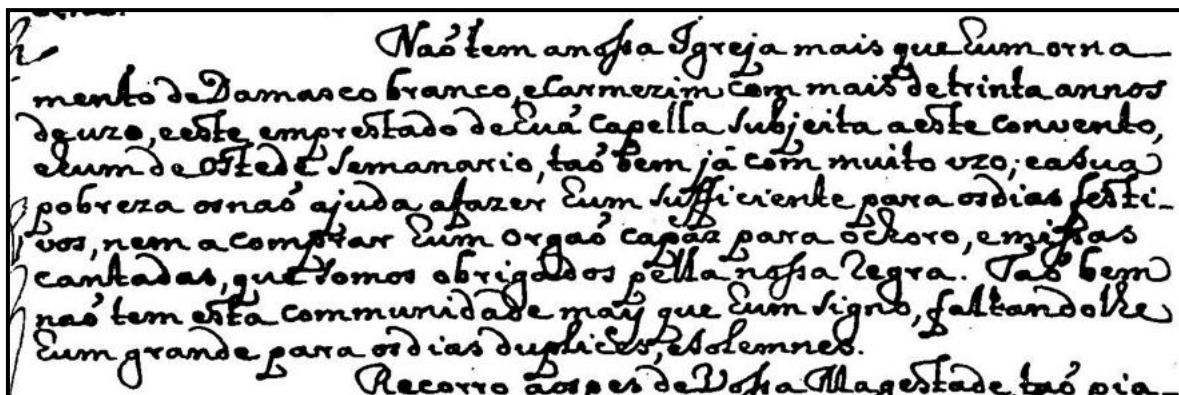
O texto revela a importância e a necessidade dos órgãos de tubos nas liturgias. Mesmo não possuindo um órgão de tubos próprio, a Sé Catedral do Rio de Janeiro pedia emprestado um instrumento para que seus Ofícios Divinos fossem celebrados com toda a dignidade. Confirmando-se a afirmação anterior, ainda nesta época, era usado na Catedral um órgão de tubos de pequeno porte, um instrumento portátil: "[...] por não ter a dita Sé hum organo próprio para os ofícios divinos, pouco um que serve é por empréstimo [...]".

Por meio de Carta Régia, datada de 18 de novembro de 1681, são determinados os salários eclesiásticos da Sé Catedral do Bispado da Capitania do Rio de Janeiro. Assim, dispõe o documento:

> Eu o Príncipe regente e Governador dos Reinos de Portugal e Algarves. Faço saber aos que esta minha provisão virem que por ter criado de novo o Bispado das Capitanias do Rio de Janeiro com as Dignidades e mais pessoas a êle pertencentes [...] a cada um dos quatro moços de coro doze mil réis, ao Mestre de Capela 40$ réis, ao Tangedor dos Orgaõs 25$ réis, ao Sochantre 30$ reis, [...] (Arquivo da Biblioteca Nacional do RJ, Cartas Régias, Códice: I–4, 3, 65).

O Bispado de São Paulo foi criado pela Bula *Condor lucis aeternae*, de 6 de dezembro de 1745, como desmembramento do Bispado do Rio de Janeiro. Foi seu primeiro Bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, nomeado em 1745, faleceu em 1748. Logo em seu primeiro ano de fundação, a Sé Catedral foi suprida com um órgão de tubos. Um documento do Arquivo Ultramarino (São Paulo – Documentos Avulsos – 1746-1747) registra a chegada do órgão de tubos e descreve as grandes dificuldades de transporte da Alfândega da Cidade de Santos até o templo da nova Catedral de São Paulo.

> Senhor – Pela Provedoria do Rio de Janeiro, na frotta passada, vieraõ remettidos a esta sincoenta e tres volumes, q'. V. Mag^{e}. Foi Servida mandar para a nova Cathedral da Cidade de S. Paulo; e nesta prezente chegaraõ a Alfandega dessa praça os que se enviaraõ pello Conselho Ultramarino, e foi condutor delles o Capitaõ Francisco Xavier da Cruz, q'. leva conhecimento de recibo em que vaõ incluidos dous sinos. Aquelles caichoens fiz conduzi para Cidade de S. Paulo a entregar ao Exm^{o}. e Rm^{o}. Bispo della. Estes vaõ ja, huns em caminho para a mesma Cidade e outros q'. vem o Orgaõ, ainda aqui ficaõ por serem os volumes de taõ extraordinaria estrutura, que naõ tem passagem pellos apertos da serra, e asperezas de mao [mau] caminho desta Praça para aquella Cidade e naõ podem ser transportados senaõ pellos índios das Aldeas do Real Padorado de V. Mag^{e}., unicos homens que os hombros carregaõ semelhantes pezos, vindo por isto mesmoa ser dificultoza e nao prompta esta conduçaõ, alem, da excessiva dispeza a q'. ella obriga, por q. a estar o caminho consertado, vedados os atolleyros e talhadas as Serras em largura necessaria ficava sendo este tranzito de dous dias athé três, o q'. agora se consegue depois de dez e quinze; este mesmo impedimento fas ficar nesta Alfandega os dous sinos q'. totalmente naõ podem ainda serem conduzidos, sem q'. primeyro o caminho se conserte e para nao perecer a minha obediencia, ponho esta conta na real prezença de V. Mag^{e}.
>
> Praça de Santos, dezoito de Septembro de 1747 – O Provedor da Fazenda Real – Joseph de Godoy Moreyra (FERREIRA, 1955, p. 67).

Em outro documento desta mesma coleção consta o inventário de duas remessas de ornamentos enviados pela Procuradoria de Santos, onde o órgão de tubos é citado: "Hum orgaõ de Noue [nove] Registros guarnecido com sua talha".

O cargo de organista foi criado por Alvará de 6 de maio de 1746, com salário de cinquenta mil réis anuais. Segundo Regis Duprat, em *Música na Matriz e Sé de São Paulo Colonial*: "O Padre Manoel de Mello, organista em 1746, era também da Matriz". Em 1765 e organista da Sé, Ignácio Xavier de Carvalho, jovem de pouco mais de trinta anos, leigo, que ocupa o mesmo cargo ainda em 1812" (DUPRAT, 1975, p. 25).

A instalação do órgão da Sé de São Paulo também ilustra este momento de transição no Brasil Colonial, no qual houve a passagem dos órgãos de tubos de menor porte (portáteis), para os grandes órgãos de tubos de igreja.

Além das sés catedrais, algumas ordens religiosas também solicitaram órgãos de tubos à Coroa Portuguesa. O Prior do Carmo da Reforma da Paraíba, Fr. Filipe do Espirito Santo, por falta de recursos do Convento e a pobreza da Cidade, solicita, em 2 de junho de 1733, esmola[232] real de um toldo, um sino grande e um órgão para a Igreja de

[232] O termo "esmola" nesta época tem o sentido de oferta.

Nossa Senhora do Carmo.

Figura 70: Pedido de órgão para a Igreja do Carmo da Paraíba
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU – Cx. 8 – D. 702.

> Naõ tem a nossa Igreja mais que hum ornamento de Damasco branco e Carmezim com mais de trinta annos de uzo, e este emprestado de huã Capella subjeita a este Convento, e hum de este [deste] de Semanario, taõ bem [também] já com muito uzo; e a sua pobreza os naõ ajuda a fazer hum suficiente para os dias festivos, nem a compra hum orgaõ capaz para o choro, e missas cantadas, que somos obrigados pella nossa Regra. Taõ bem naõ tem esta communidade mais que hum signo [sino], faltando lhe hum grande para os dias dúplices, e solenes (AHU – Cx. 8 – D. 702).

Como afirmado neste trabalho, ainda na primeira metade do século XVIII os órgãos realejos eram amplamente usados no Brasil. Dois documentos do Arquivo Ultramarino relativos a este Convento confirmam esta assertiva. O primeiro declara que Convento possuía: "um pequeno realejo ou orgaõ pequeno, ja de pouco conserto" (AHU – Cx. 9 – D. 770). O segundo, um Requerimentos ao Rei de Portugal, discrimina a tipologia de órgão que pertencia Igreja do Convento da Reforma da Paraíba: "hum realejo ou orgaõ pequeno ja de pouco conserto e esse de m^{to}. [muito] gasto, [...]" (AHU – Cx. 8 – D. 702). Assim sendo, até princípios do século XVIII ainda eram usados no Estado do Brasil os órgãos portáteis: positivos de mesa ou positivo de chão e os órgãos realejos.

Figura 71: Órgão realejo da Igreja do Carmo da Paraíba
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU – Cx. 8 – D. 70.

Em 4 de novembro de 1733, o Rei de Portugal, em carta dirigida ao Provedor da Fazenda da Capitania de Pernambuco, aprovado, pelo Rei Dom João V, o pedido do Prior, provendo o Convento de um novo órgão de tubos, assim como as outras demais necessidades deste convento.

Dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Al-
garves daquem, e dalem mar em Africa Senhor de Guiné &.a
Faço saber a vós Provedor da Fazenda Real da Cappitania da
Paraiba, que vendo se o que me expôz o Prior do Carmo da Re-
forma dessa Cidade na representaçaõ de que com esta se vos re-
mete a copea, assignada pello Secretario do meu Concelho Ultra-
marino; em que me pede seja servido mandarlhe dar os ornamẽ-
tos de que necessita aquelle Convento para os dias festivos, e
hum orgaõ, e hum signo grande. Me pareceo ordenarvos infor-
meis com vosso parecer. El Rey Nosso Senhor o mandou pellos
Doutores Manoel Fernandes Varges, e Gonçallo Manoel Gal-
vaõ de Lacerda Concelheiros do seu Concelho Ultramarino, e se
passou por duas vias. Theodozio de Cobellos Pereira a fez em
Lx.a occidental a quatro de Novembro de mil sette centos trin-
ta e tres. O Secretario Manoel Caetano Lopes de Lavre a fiz
escrever // Manoel Fernandes Varges // Gonçallo Manoel Gal
vaõ de Lacerda // primeira via //

Figura 72: Aprovação da compra do órgão pelo Rei Dom João V
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU – Cx. 8 – D. 702.

> Dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves daquem, e dalem mar em Africa senhor de Guiné etc. Faço saber a vos Provedor da Fazenda Real da Cappitania das Parahiba, que vendo se o que me expóz o Prior do Carmo da Reforma dessa Cidade na Representaçaõ de que com esta se vos remete a copea [cópia], assignada pelo Secretario do meu Conselho Ultramarino; em que me pede seja servido mandar lhe dar os ornamentos de que necessita aquelle Convento para os dias festivos, e hum orgaõ, e hum signo [sino] grande. [...] (AHU – Cx. 8 – D. 702).

Para esse novo órgão para o Convento do Carmo da Reforma da Paraíba foi contratado o organeiro Clemente Gomes ao custo de quatro centos e oitenta mil réis. No documento a seguir, datado de 12 de maio de 1738, o órgão havia sido entregue há mais de um ano. Essa dívida se prolongou até o ano de 1739 (AHU – Cx. 10 – D. 854).

Figura 73: Pedido de pagamento do organeiro Clemente Gomes
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU – Cx. 10 – D. 854.

> Foi V. Mag^{e}. Servido mandar remeter a este Conselho hua petição de Clemente Gomes, dada a S. Mag^{e}. Em audiência de seis do presente mes, em qual lhe representa fizera hum Orgaõ por ordem desse Conselho para os Padres de nossa Snra'[Senhora] do Carmo da Reforma da Parahiba, e por que o tinha entregue havia mais de hum anno, e se lhe nao tinha pago, sendo justo pello preço de quatrocentos, e outenta mil reiz, e como contava dos seus papeis, que se achavaõ correntes (AHU – Cx. 10 – D. 854).

A diligência é atendia por provisão em 26 de junho de 1736. O órgão é construído pelo organeiro Clemente Gomes. Em 1739, em uma consulta ao Conselho Ultramarino, durante o reinado de Dom João V, sobre uma dívida ao organeiro Clemente Gomes, segundo o documento a seguir.

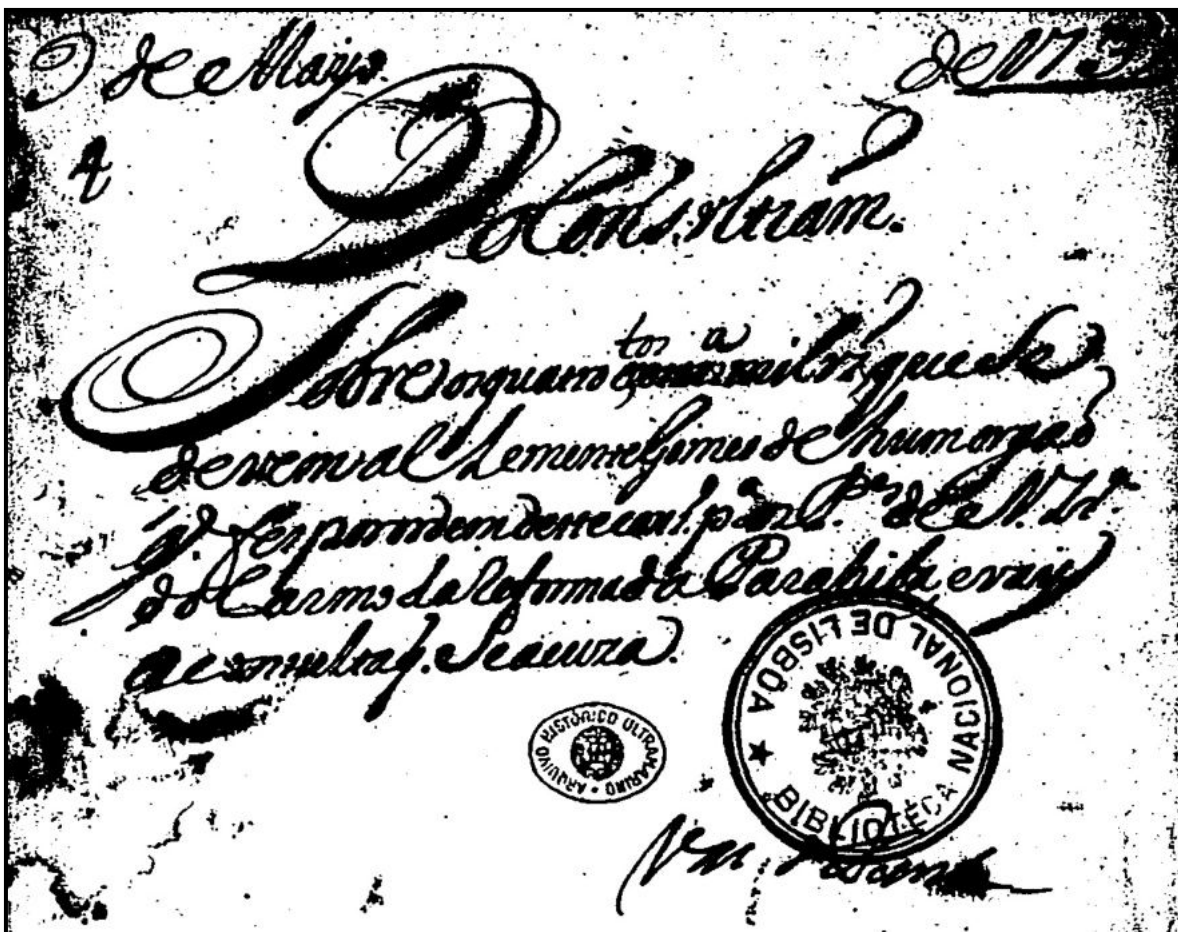



Figura 74: Organeiro Clemente Gomes – 1739
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU – Cx. 11 – D. 891.

> 9 de Mayo de 1739
>
> Do Cons. [Conselho] Utram^{o}. [Ultramarinho]
>
> Sobre os quatro c^{tos}. [centos], e oit^{a}. [oitenta] mil rs, que se devem a Clemente Gomes de hum orgaõ q'. se fes por ordem deste p^{a}. os p^{es}. [Padres] de N. Sr^{a}. do Carmo da reforma da Parahiba, a consulta q'. se aviza. (AHU – Cx. 11 – D. 891)..

2.7. ARTE ORGANÍSTICA NAS ORDENS ECLESIÁSTICAS

As Ordens Religiosas Católicas estiveram presentes no Brasil desde o achamento pela Armada de Pedro Álvares Cabral em 1500. Encimando a hierarquia das ordens eclesiástica encontram-se as ordens religiosas masculinas, as ordens primeiras, que são classificadas em quatro grupos: Cónegos Regrantes, Ordens Monásticas, Ordens Mendicantes e Clérigos Regulares. As ordens religiosas femininas, as ordens segundas, geralmente são correspondentes a uma das ordens primeiras. Em uma concepção de

recolhimento, estas ordens segundas foram concebidas em uma época em que as religiosas habitavam perpetuamente em claustros ou conventos. E finalmente, as confrarias, representando o caráter laical do catolicismos, sendo representadas pelas irmandades e ordens terceiras. No Brasil Colonial, as ordens terceiras eram praticamente reservadas a sua filiação aos brancos, e estar vinculado a estas ordens representava um *status* social.

No Brasil, o estabelecimento das principais Ordens Primeiras Eclesiásticas ocorreu segundo a seguinte ordem cronológica: Os Jesuítas (1549), os Carmelitas (1589), os Beneditinos (1581), os Franciscanos (1594), e os Agostinianos (1693).

2.7.1. A Ordem dos Frades Menores Ordem de São Francisco

Os Franciscanos foi a primeira ordem eclesiástica a vir ao Brasil. Sua história é concomitante com o início da colonização, a partir do achamento do Brasil. Contudo, foi a quarta ordem eclesiástica a se estabelecer em solo brasílico. Neste primeiro momento, os franciscanos atuaram nos serviços religiosos durante a armada de Cabral, nas duas missas celebradas na Terra de Santa Cruz, neste momento, ainda chamada Ilha de Vera Cruz.

No período entre 1500 e 1584 os franciscano vieram à Terra de Santa Cruz em missões esporádicas, em pequenos grupos de frades. No Capítulo Provincial em Portugal, à 13 de março de 1584, foi criada a Custódia de Santo Antônio, marco oficial da instalação dessa Ordem Religiosa no Brasil. Logo a seguir, em 12 de abril de 1585, oito frades franciscanos aportaram na Vila de Olinda, a seguir fundaram nesta Vila seu primeiro convento em terras brasileiras. Os franciscanos tiveram sua grande expansão no Brasil durante o século XVIII. Contudo, como as demais ordens religiosas instaladas em terras brasílicas, teve o início de seu declínio a partir de 1780, com o fechamento dos noviciados.

Na obra do Frei Franciscano Basílio Röwer (1877-1958), *Páginas de História Franciscana no Brasil*, encontram-se alguns relatos do uso do órgão de tubos por essa ordem religiosa. Segundo o autor, o período áureo dos franciscanos ocorreu no século XVIII, entre os anos de 1740 a 1780.

Do Convento de São Francisco de São Paulo, no final do século XVIII, cita-se o organista Frei português Vicente da Natividade, que fez seu noviciado em 1761 no Convento de São Boaventura de Macacu, Rio de Janeiro (RÖWER, 1957, p. 179).

Considerado bom músico e conhecido entre os frades como o “organista de orelha”, por tocar órgão de ouvido, conforme narra a crônica:

> A comunidade era numerosa, pelo que também o culto se celebrava com toda a solenidade, de acordo com as tradições. Para isto contribuía grandemente Frei Vicente da Natividade, que realçava os atos religiosos com suas belas harmonias no órgão, e que, por tocar só de ouvido, era alcunhado entre os frades de “organista de orelha” (RÖWER, 1957, p. 111).

Figura 75: Convento de São Francisco de São Paulo em 1828
Fonte: www.saojudasnu.blogger.com.br.

Documentos do antigo arquivo franciscano, noticiam sobre um escravo organista, no século XIX, que atuou durante muito tempo no santuário do Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, no Estado do Espirito Santo. Por essa narrativa, que remente a meados do século XIX, confirma-se a existência de um órgão de tubos no Convento da Penha, fato desconhecido atualmente pelos próprios organistas.

> Os escravos hábeis sabiam geralmente um oficio em que as vezes se tornavam verdadeiros mestres. [...] Os documentos antigos dão notícia também de escravos músicos. O organista do Santuário era durante muito tempo um escravo. Outros formavam uma banda de música para solenizar as festas e acompanhar as procissões que, a princípio, se faziam em redor do Santuário (RÖWER, 1957, p. 222).

O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro foi a segunda fundação nas partes do sul do Brasil. Em 1757 foi eleito como Guardião do Convento o Frei Manuel de Santa Tereza Veloso. No ano seguinte, em 2 de dezembro de 1758, Frei Manuel Veloso determinou a introdução do cantochão com acompanhamento de órgão de tubos em todos

os conventos. Foi então instalado um órgão de tubos no convento do Rio de Janeiro, considerado, na época, um dos melhores do Rio de Janeiro. A seguir, a fachada deste órgão de tubos, vista da nave da igreja.

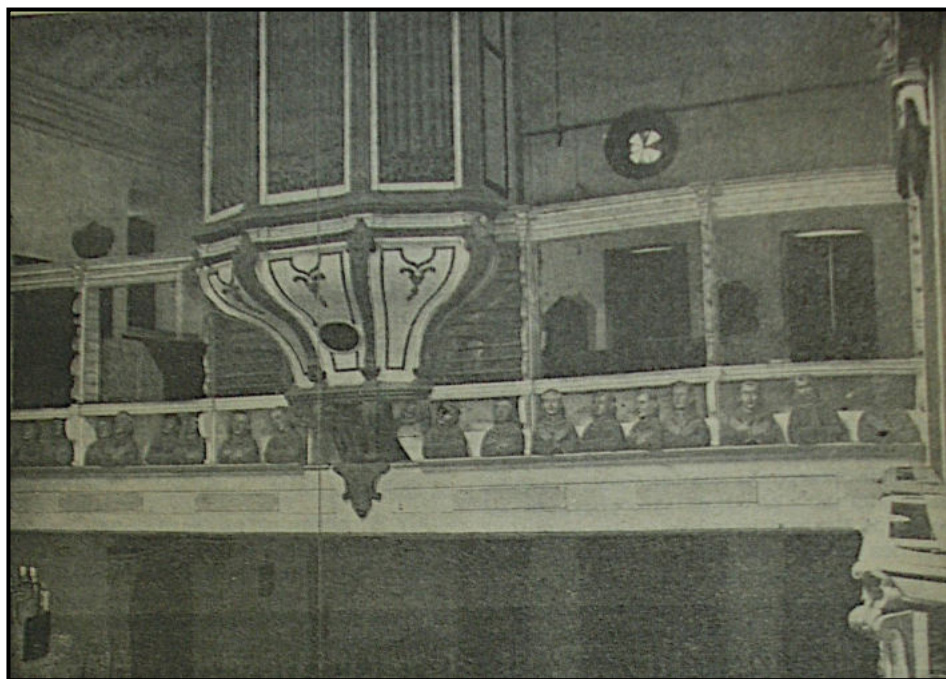



Figura 76: Órgão do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Revista Música Sacra.

Entre os anos de 1805 e 1808, o Frei Antônio Agostinho de Santana reformou este órgão de tubos, acrescentando alguns registros de vozes. Ainda no século XIX, em 1823 ou 1824, o Guardião Frei Jose de São João Chrisóstomo mandou fazer novos consertos no instrumento. Em 1802 foi organista do Frei Antônio de Santo Elias, que por sua destreza recebeu o título de “o rei do órgão” ou “o rei dos organistas”. Muitas vezes Frei Elias foi convidado a tocar em cerimônias na Capela Real, com a presença de Suas Altezas Reais.

Da mesma maneira que todos conventos e mosteiros brasileiros, este também foi incluso em toda a decadência das ordens religiosas. Depois da reconstituição, após a proclamação da República, passou por reformas internas. O órgão de tubos Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro não estava mais em condições de uso. Portanto, foi instalado um novo instrumento, como citou o cronista Basílio Röwer:

> Depois da reconstituição da Comunidade, o edifício do Convento sofreu radical reforma interna, ficando somente as paredes mestras. Também na igreja executaram-se obras importantes, entre as quais a colocação do majestoso órgão (RÖWER, 1957, p. 73).

O cronista franciscano Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779), em sua obra *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*, faz várias referências a órgãos de tubos. No Volume I, Parte Segunda, Livro II, capítulo II "*Do mais corpo interior da igreja*", quando da construção da Igreja do Convento Franciscano da Bahia, no ano de 1750, foi instalado um órgão de tubos.

> **211.** […] no mesmo andar se formarão agora dous tabernáculos em forma de varandas sabidas para fora, de facie rotunda, com a mesma formatura de cornijas, correspondentes ás que correm do choro, de molduras de madeyra, e da mesma forma das de pedra do assento das portas das tribunas donde se accomodou no da parte dos Terceyros, hum orgaõ de boa, e vistoza fabrica, com duas entradas para elle, huã por dentro do mesmo choro, por donde entra quem o toca, outra pela parte da tribuna, na qual fica a cayxa dos folies (JOBOATAM, 1859, Vol., I, p. 270).

O Hospício da Boa Viagem, construído em 1712 no arrabalde da Bahia, possuiu um órgão de tubos em sua capela-mor, como pode ser visto no Livro II, capítulo VI "*Do Hospicio da Boa Viagem no arrebalde da Bahya*".

> **240.** He a capella mór lageada, de pedra mármore branco, e preto, em forma de alcatifa ; tem a Capella huã tribuna, ou janella rasgada em cada um dos ládos, e a Igreja duas por banda, com pulpito de talha dourada, forro do tecto lizo de boa pintura de perspectiva, grades da Igreja, e capella de páo preto torneado como laõbem as do choro com nicho, e oratorio para o Santo Christo, de boa talha dourada, cadeyras em huã só ordem do mesmo páo prelo, com seo orgaõ (JOBOATAM, 1859, p. 298).

A Venerável Ordem Terceira de N. S. P. S. Francisco desta congregação da Bahia, foi criada no ano de 1635 pelo Venerável Padre Fr. Cosme de São Damião. Sua padroeira foi em eleita neste mesmo ano, quando a 28 de dezembro foi realizada a primeira festa solene dessa Ordem, na igreja velha do Convento, com Vésperas, Sermão, Missa cantada, e música a três coros. Segundo o Livro II, capítulo VII "*Da Veneravel Ordem Terceyra da Penitencia do Convento da Bahya*", em "Breve Noticia", a pedra fundamental da Igreja foi lançada em 1702, tendo sua primeira missa solene em 1703, sendo provida de um órgão: "**250.** [...] Tem hum formozo orgaõ no meyo do choro, e athe [até] o proprio frontispício he de pedra entalhada toda, com grande custo." (JOBOATAM, 1859, p. 304).

O *Livro do Guardiães do Convento da São Francisco da Bahia* (1787-1862), ao listar o vários guardiães desta casa, descreve as principais realizações destes. Relacionam-se a seguir as contribuições para a arte organística brasileira:

- **Fr. Manuel do Nascimento –** Foi o 38º Guardião do convento, eleito em 1741: "No seu tempo se fez um órgão para o coro, que custou quinhentos mil réis, que não deixou no coro por não sentir o Pe. Visitador; este órgão foi dado por uns devotos" (WILLEKE, 1978, p. 19);
- **Fr. Antônio de S. Isabel –** Foi o 44º Guardião do convento, eleito em 1755: "Pôs-se no coro o órgão" (WILLEKE, 1978, p. 21);
- **Fr. João de Jesus Maria –** Foi o 45º Guardião do convento, eleito em 1758: "[...] fez-se alguma talha mais para o órgão, e cinco figuras estofadas; ao órgão se dourou e pintou com outro corpo, que faz correspondência a ele." (WILLEKE, 1978, p. 22);
- **Fr. Domingos da Purificação –** Foi o 50º Guardião do convento, eleito em 1771: "Também se consertou o órgão com várias obras novas" (WILLEKE, 1978, p. 25).

Situada às margens do Rio São Francisco, a Villa do Penedo foi fundada por Duarte Coelho Pereira em 1560, quando ainda era parte da Capitania de Pernambuco, e, até meados do século XX, foi o principal porto do Estado. Em 14 de outubro de 1859, o Imperador Dom Pedro II e sua esposa, a Imperatriz Tereza Cristina, estiveram em visita à Cidade de Penedo, atualmente, Estado de Alagoas. Como era de costume nos eventos monárquicos, cantou-se um *Te Deum*[233] na Igreja Nossa Senhora dos Anjos do Convento de São Francisco em Penedo (Figura 77). Dom Pedro II, em seu *Diário de Viagens*[234], não faz referência ao uso de órgão de tubos naquela cerimônia, o que era de seu costume. Segundo narra em seu diário, o grupo musical daquele evento era da Guarda Nacional e da Polícia de Maceió (DOM PEDRO II, 2003, p. 105).

---

[233] O *Te Deum Laudamos* é um hino de louvor a Deus cantado em cerimônias oficiais e solenes. No Brasil, era entoado um *Te Deum* nas missas realizadas quando das visitas oficiais.
[234] Do livro Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe e Alagoas - 1859, de Dom Pedro II.

Registros encontrados nas *Crônicas de Penedo*[235] revelam a possibilidade da existência de um órgão de tubos no Convento dos Franciscanos, haja vista duas referências a frades organistas que atuaram naquele convento no século XIX. Citam-se na folha 6 dessas crônicas: “Frei Miguel de São Carlos, penedense, mestre de theologia na Bahia, bom organista e exímio orador – 1845”, e a seguir, “Frei José de S. Cecília, G^{aõ} [Guardião] – 1845, pregador de nota e bom músico e organista 1832-1834”.

Figura 77: Convento de São Francisco em Penedo
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

2.7.2. A Companhia de Jesus

Fundada por Santo Inácio de Loyola, em 1534, e reconhecida por bula papal em 1540, a Companhia de Jesus tem como objetivo principal disseminar a palavra de Cristo entre os pagãos, tendo se destacado pelo ensino em seus colégios. Em Portugal, a atuação dos Jesuítas teve o caráter de milícia, vindo a se tornar a arma mais poderosa da Contrarreforma.

Seus membros são conhecidos por “os Jesuítas”, sendo esta a primeira Ordem Eclesiástica estabelecida no Estado do Brasil. Dom João III, determinou o início do povoamento do Brasil, nomeando Thomé de Sousa como primeiro Governador Geral do Brasil, no sistema recém criado de Governo Geral. A convite do Rei, através do primeiro

[235] Essas crônicas foram são transcrições dos livros de registros do convento, cujos manuscritos originais encontram-se desaparecidos.

Superior da província de Portugal, o Padre Mestre Simão Rodrigues, superior das Missões Portuguesas na Empresa Ultramarina, foram enviados os primeiros missionários da Companhia de Jesus as colônias de ultramar. A fundação da Província do Brasil esteve a cargo do Padre Manoel da Nóbrega[236] (1517-1570) no ano de 1549, vindo na primeira armada que tinha com objetivo a fundação da Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, no novo Estado do Brasil. Na primeira expedição jesuítica nas américas vierem, com Nobrega, mais cinco Padres Jesuítas, provenientes do Colégio de Coimbra, aportando no Brasil em 29 de março de 1549. Os Jesuítas foram os pioneiros na educação no Brasil, sendo também seus colégios os centros de formação sacerdotal até meados do século XVIII, quando foram expulsos.

Uma das facetas da música colonial brasileira está relacionada com a catequese dos índios brasileiros. Os Jesuítas foram a primeira Ordem Religiosa a se estabelecer efetivamente no Estado do Brasil em 1549[237], juntamente com o grupo que veio fundar a Cidade de Salvador. O sucesso dessa Ordem Eclesiástica na catequese se deve ao uso da musica instrumental, para atrair o interesse dos índios, e ao canto, na função missionária. Posteriormente, os Jesuítas fundaram colégios e seminários (LEITE, 2004, Tomo II, Livro I, p. 258 a 260).

Nas Cartas de Padre Manoel da Nobrega encontramos poucas referências ao uso do órgão de tubos nestes primórdios da colonização brasileira. Em *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. S. J. (1554-1594*), ao narrar sobre o Colégio da Bahia, em 1584[238], quando o Sacrário do Colégio ficou determinado que no dia da invenção da Santa Cruz, três de maio, quando eram expostas a visitação o santo lenho e outras relíquias à visitação da igreja, quando havia procissão dos religiosos pelos corredores do colégio e missa. Padre Anchieta assim narra o evento: "Celebrou-se em seguida uma devota cerimonia, acompanhado com o órgão, as flautas, e o

---

[236] Padre Manuel da Nóbrega estudou na Universidades de Salamanca (Espanha) e de Coimbra (Portugal) e entrou para Companhia de Jesus em 21 de novembro de 1544.

[237] A Ordem Franciscana foi a primeira a vir ao Brasil, juntamente com a Armanda de Cabral, contudo, os Jesuítas forma os primeiros a se estabelecer e fundar conventos e colégios.

[238] Nesta época existiam no Brasil três colégios (Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco), e mais outras cinco residências da Companhia de Jesus (Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Vicente e São Paulo).

clavicórdio e as citaras a modulação dos salmos (ANCHIETA, 1933. Carta XXXI, p. 396).

Segundo Serafim Leite, em *A Música nas Escolas Jesuíticas do Brasil no Século XVI*, a introdução da música instrumental pelos Jesuítas, no ensino no Estado do Brasil, nasceu da observação da forte atração dos índios pela música. Ao chegarem ao Brasil, observaram os índios que tocavam seus instrumentos: os *maracás* e as *taquaras*[239]. Logo, os Jesuítas pediram instrumentos de Lisboa: flautas, gaitas, nêsperas, ferrinhos com argolinhas dentro, pandeiros com soalhas; e também solicitaram a vinda de tamborileiros e gaiteiros. Neste início, eles promoveram música para a diversão popular, do gênero de folia. Contudo, não tardaram a vir outros instrumentos tais como violas, cravos pífaros, harpas, berimbau, rabecas, rabecões, manicórdios, baixos e tenores de metal, contraltos, triplos e oboés. Vindo, por fim, o órgão, que não faltou em nenhum grande colégio." (LEITE, 1949, p. 31). O autor considera como uma estratégia muito hábil, começar com o som dos maracás e taquaras, com a intensão de serem introduzidos na prática "por canto de órgão e frautas, como de lá [em Coimbra] pudera fazer". (LEITE, 2004, Tomo II, Livro I, p. 258).

Na obra do Serafim Soares Leite (1890-1969), *História da Companhia de Jesus no Brasil*, encontram-se diversas narrativas da atuação dos Jesuítas na catequese e na educação em seus colégios fundados no Brasil. Segundo Serafim Leite, no Tomo II, Livro I, capítulo V, afirma que os cantos, a música e a dança foram os recursos de maior valor psicológico para a infiltração do cristianismo entre os índios e para a elevação do povo (LEITE, 2004, p. 258). A seguir, destacam-se algumas das citações ao uso do órgão de tubos na obra de Serafim Leite:

- **A Igreja do Colégio da Bahia –** "1732 – Comprou-se um órgão de tamanho nada exíguo, que nas festas acompanha maravilhosamente (mirifice) o canto dos músicos. Custou 350 escudos romanos. Notável pelos seus dourados e pinturas" (LEITE, [1938] 2004, Tomo VI, Livro I, Capítulo V, p. 228);

---

[239] Segundo Serafim Leite, maracás são instrumentos feitos de umas frutas, umas cascas como cocos, e furados com uns paus, por onde deitam pedrinhas dentro, os quais tocam. E taquaras, são umas canas grossas, com que dão no chão e que com o som que produzem, cantam (LEITE, 2004, TOMO II, LIVRO I, P. 258).

- **Fazenda do Colégio, Campos dos Goitacazes (Rio de Janeiro)** – “Do Magnífico órgão, pouco antes inaugurado[240], o P. Manuel Leão, exímio organista, diretor de orquestras e de coros, [...]” (LEITE, [1938] 2004, Tomo VI, Livro I, Capítulo IV, p. 444);
- **Ministérios com negros** – “Escreve Henrique Gomes, falando da Bahia: [...] E, assim com isso, como com boas músicas, que sempre há descantes, órgãos e às vezes frautas e charamelas, há, de-ordinário, concurso e se enche a igreja, como para qualquer pregação” (LEITE, [1938] 2004, Tomo II, Livro III, Capítulo III, p. 337);
- **A Igreja do Colégio de São Paulo** – “Além da festa de S. Inácio, uma das maiores solenidades, e com a sua organização própria, era nos meados do século XVIII, a do *Laus Perenne do Santíssimo Sacramento*, a Hora de Adoração, por turnos, fato relevante desse século, que tanto arraigou a devoção eucarística em todo o Brasil. Para estas festas buscava-se quanto lhes pudesse dar brilho e pompa. Em 1725 anuncia-se a compra de um bom órgão. Em 1727 a Congregação Mariana do Colégio de São Paulo era considerada a melhor do Brasil. Encerravam-se diariamente os estudos, com Ave-Maria, a dois coros, e aos sábados, missa solene, acompanhada a órgão” (LEITE, [1938] 2004, Tomo VI, Livro IV, Capítulo VIII, p. 552).

Nas narrativas do Padre Fernão Cardim (1540-1625)[241], em *Narrativas Epistolar de Uma Viagem e Missão Jesuítica*, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, crônica de sua visita ao Brasil em no período de 1583 a 1601, o autor sempre faz comentários como tendo ouvido “boa música” em sua visita ao Brasil. O Padre Fernão Cardim, em seu texto, menciona sobre a prática musical dos índios: o cravo; a viola; a gaita; o tambor; o pandeiro; o tamboril; boa música de vozes; o descante e o canto d’orgão; o pífaro; e as flautas[242]. Quando em visita ao colégio da Aldeia do Espirito Santo, em 1584, no Dia da

[240] Este órgão foi inaugurado em 1730.

[241] Padre Fernão Cardim, português, entrou para a Companhia de Jesus em 1555, aos 15 anos de idade. Veio ao Brasil como companheiro do visitador Cristóvão de Gouvêa.

[242] Uma possível razão do uso de flautas na iniciação dos estudos musicais, se deva ao fato deste instrumento ser de conhecimento e uso dos índios. Em sua crônica, Pe. Simam de Vasconcellos (1597-1671) cita os instrumentos músicos dos indígenas: gangoeia ou muremuré, feito de ossos de finados; membygaçu ou urucá, feito de conchas; e membyaoara, feito de cana (VASCONCELLOS, [1663] 1864, p. 60).

Invenção da Cruz, em missa oficiada por índios e cantores da Sé, Cardim fala em "outros instrumentos músicos", sem discriminar estes. Somente em duas narrativas, o cronista faz citação ao uso do órgão de tubos. A primeira, quando ainda encontrava-se no colégio da Aldeia do Espirito Santo:

> Na procissão houve boa música de vozes, frautas e órgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam psalmos, e alguns motetes, e também recitaram epigrafes às sandas relíquias. Com esta solemnidade e devoção, chegamos à capella, aonde houve completas solemnes (CARDIM, 1980 [ ], P. 160).

Na sequência desta viagem, estando no Colégio da Bahia, na festa de comemoração pelo dia das Onze Mil Virgens, houve missa cantada. Assim diz o texto: "a missa foi oficiada com boa capella dos índios, com frautas, e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos de descantes (CARDIM, [1585] 1978, P. 165).

Cardim, em uma de suas visitas a uma aldeia, em 1583, afirma sobre a prática musical: "[...] em uma delas lhe ensinam a cantar e têm seu coro de canto e flautas para suas festas, e fazem suas danças à portuguesa, com tamboris e violas, com muita graça, como se fossem meninos portugueses [...]" (LEITE, [1938] 2004, p. 258).

A região conhecida como Sete Povos das Missões[243], teve suas reduções fundadas a partir de 1627, em território espanhol, segundo o Tratado de Tordesilhas (1494). Em 13 de janeiro de 1750, foi firmado o Tratado de Madrid[244] entre o Rei de Portugal, Dom João V, e o Rei da Espanha, Dom Fernando VI. O objetivo deste tratado era revogação do Tratado de Tordesilhas (1494), não mais respeitado por ambas as partes desde a União Ibérica, sendo substituído por um novo acordo, e assim, colocar fim as disputas territoriais entre as colônias sul-americanas. Segundo o Tratado de Madrid, houve a permuta da Colônia de Sacramento pelo território dos Sete Povos das Missões, e definiu-se o Rio Uruguai como fronteira entre o Brasil e a Argentina. Em 12 de fevereiro de 1761 firmado o Tratado de El Pardo, que suspendeu o Tratado de Madri, e com isso a demarcação das

---

[243] Considerando-se que desde 1750 a região conhecida como Sete Povos das Missões passou a pertencer à América Portuguesa, e que mesmo após outras disputas e acordos entre as partes, este território permaneceu como parte do Brasil (Estado do Rio Grande do Sul) até os dias atuais, justifica-se a inserção neste trabalho.
[244] Também conhecido por Tratado de Permuta.

fronteiras. Os espanhóis foram expulsos, pela coroa portuguesa, em 1767, tendo as lutas pela posse territorial finalizadas em 6 de junho de 1801, com o Tratado de Badajoz, que confirma o Tratado de Madrid.

Os Jesuítas fundaram as seguintes reduções, que hoje fazem parte do território brasileiro, localizadas no Estado do Rio Grande do Sul: São Nicolau, fundada pelo Padre Anselmo de La Mota em 1687; São Miguel Arcanjo, fundada pelos Padres Pedro Romeiro em 1632, sendo transmigrada para o Brasil em 1687; São Luiz Gonzaga, fundada pelo Padre Miguel Fernandez em 1687; São Francisco de Borja, fundada pelo Padre Francisco Garcia de Prada em 1690; São Lourenço Mártir, fundada por Padre Bernardo de La Vega em 1691; São João Batista, fundada por Padre Antônio Sepp em 1698; e Santo Ângelo Custodio pelo Padre Diego de Haze em 1706. As aldeias geralmente eram administradas por dois padres e sua população variava entre três a seis mil habitantes[245], tendo algumas delas até quatro organistas.

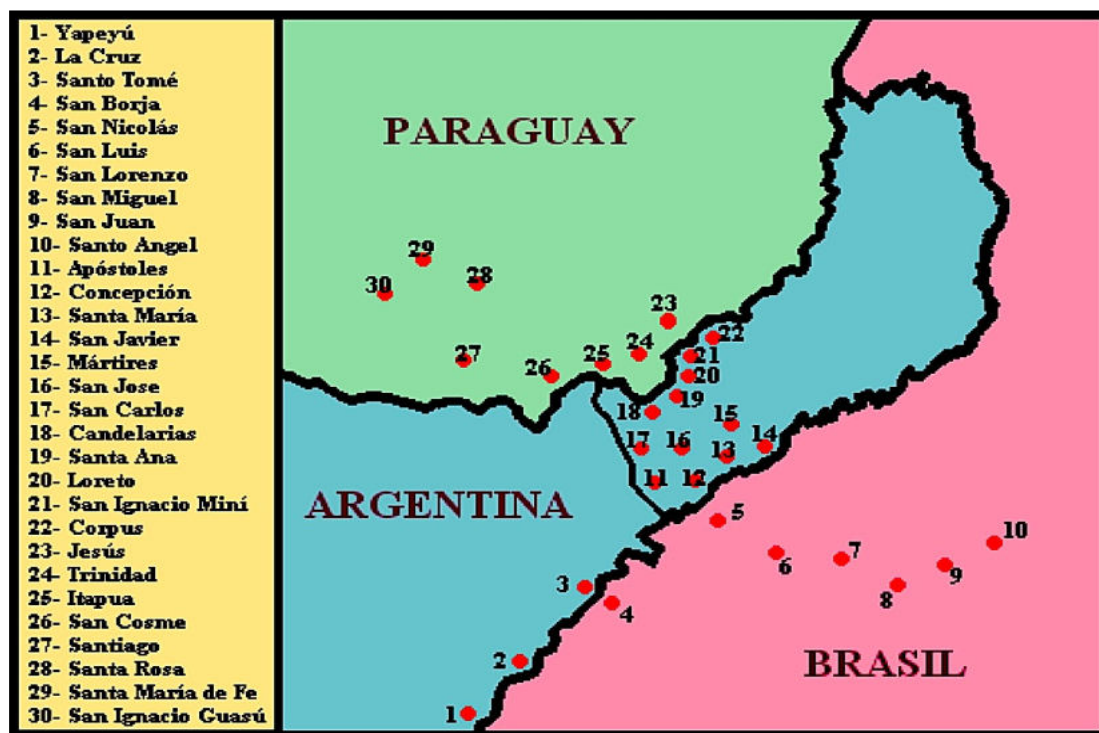



Figura 78: As Missões Jesuíticas Cisplatinas
Fonte: www.pt.wikipedia.org.

[245] SEPP, [1698] 1980, p. 124.

A qualidade da música desenvolvida pelos Jesuítas nas missões merece destaque. O Padre Antônio Sepp von Rechegg[246] (1655-1733), em *Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*, no capítulo V, ao tratar da organização das aldeias, narra que, desde os primeiros padres missionários, o ensino da música aos índios esteve presente, através do canto e nos diversos instrumentos, destacando-se entre os instrumentos, o órgão de tubos. Segundo o cronista, todas igrejas eram supridas com um ou dois órgãos de tubos, segundo a estética ibérica: "Cada Aldeia tem uma linda igreja, uma torre com quatro ou cinco sinos, um ou dois órgãos, um altar-mor ricamente dourado, dois ou quatro altares laterais, um púlpitos inteiramente dourado" (SEPP, [1698] 1980, p. 134).

O ensino musical nas Reduções Jesuíticas começavam cedo. Na Carta Ânua das Missões do Paraná e do Uruguai, relativa ao ano de 1633, Padre Pedro Romero assim descreve a prática musical: "Isso também ajuda que as crianças de pouca idade aprendem a música de cantochão e órgão, que usa a Santa Igreja para que com mais decência sejam feitos os Ofícios Divinos [...]" (CORTESÃO, 1969, p. 35). Havia também um critério de seleção: "Dos alunos da escola se escolhem os de melhor voz para cantores de música e os demais fôlego para os instrumentos de boca. Há um professor de capela, que os ensina sua faculdade como o fazem nas catedrais da Espanha" (BAPTISTA, 2009, p. 210). Simão Vasconcelos, ao se referir aos índios em 1660, afirma que eles "são muito afeiçoadíssimos a música; e os que são escolhidos para cantores da igreja, prezam muito do ofício, gastam os dias e noites em aprender e ensinar outros". Quanto a qualidade, Vasconcelos acrescenta: "São destros em todos os instrumentos músicos, [...] com eles beneficiam, em canto de órgão, vésperas, completas, missas, procissões, tão solenes como entre os portugueses"[247].

No capítulo VIII, dedicado a narrar como eram organizadas as aldeias dos índios convertidos, Padre Antônio Sepp ao comentar sobre a capacidade dos índios no

---

[246] Nasceu em Kalter, no vale de Etsch, no Tirol. Foi moço de coro na corte imperial em Viena, e recebeu uma sólida formação musical, vocal e instrumental, do mestre de capela do Principe-Bispo de Augsburgo. Entrou para a Companhia de Jesus em 1674, tendo chegado as missões jesuíticas em 1691, onde permaneceu por 41 anos. Adotou-se incluir esses relatos por se tratar do mais antigo documento, narrado através de cartas, sobre as reduções do Estado do Rio Grande do Sul.

[247] LEITE, 1949, p. 31.

aprendizado de manufaturas, assim comenta: “Temos dois órgãos, um dos quais trazidos da Europa, ao passo que o outro foi feito por índios, e tão semelhante, que a princípio eu mesmo me enganei e levei o órgão indígena por conta do europeu”[248]. E não somente construíam órgãos de tubos, também faziam trombetas, flautas, fagotes, citaras, saltérios, tiorbas, cornetas, e até relógios e quadros. Segundo Padre Antônio Sepp, para os índios bastava ter um molde ou modelo, e ficavam semelhantes aos europeus.

Padre Antônio Sepp, além de seus trabalhos apostólicos, dedicou-se a arte da música, através do ensino de diversos instrumentos, principalmente o órgão de tubos, que o considerava como instrumento indispensável para cantar louvores na igreja os louvores a Deus. Na arte da organaria, construiu e acompanhou a construção de diversos instrumentos. Em suas atuações como organista, causou muita admiração entre os índios, e até mesmo aos padres missionários, quando enviado a Redução de Nossa Senhora da Fé, tocava peças ao órgão usando as mãos e o pés, fato ainda não visto por estes, considerando-se que os órgãos ibéricos não eram providos de pedaleira (SEPP, [1698] 1980, p. 179).

Em suas citações escritas no período entre 1693 e 1701, o Padre Antônio Sepp ilustra essa qualidade através do bugre Inácio Paica, que viveu na Missão de São Miguel. Paica era músico distinto, fabricava e tocava cornetas, assim como também fazia clarins ou trombetas de guerra. Era considerado por Padre Antônio Sepp como “seu organista por excelência”, além de tocar corneta, todas as manhas, no ofício divino. Ainda afirma a seguir: “em cada redução se pode topar um ou mais campeões destes, mestres em todos os ofícios mecânicos e exímios maestros de música (SEPP, [1698] 1980, p. 247).

A Missão de São Miguel Arcanjo foi fundada por Padres Jesuítas Portugueses em 1687. Atualmente a Igreja de São Miguel, em Sete Povos das Missões – RS, encontra-se em ruínas, conservando-se praticamente a fachada, a torre, paredes laterais e do altar-mor.

---

[248] SEPP, [1698] 1980, p. 144.

Figura 79: Redução de São Miguel – Sete Povos das Missões – Rio Grande do Sul
Fonte: Acervo fotográfico do autor / Outubro – 2010 .

As figuras a seguir apresentam o complexo urbano de uma redução jesuítica. Nesses povoados habitavam, em média, cinco mil nativos, sendo administrado por dois Padres Jesuítas. Na primeira, Figura 80, a Redução de São Miguel, gravura feita pelo exército português em 1756. Na segunda, Figura 80b, encontram-se detalhadas cada parte deste complexo urbano, assim discriminados: 1 – Igreja, 2 – Praça; 3 – Cemitério; 4 – Cotiguaçú; 5 – Residências dos padres e colégio; 6 – Oficinas; 7 – Casa dos índios; 8 – Cabildo; 9 – Tambo; e 10 – Quinta.

a)

b)

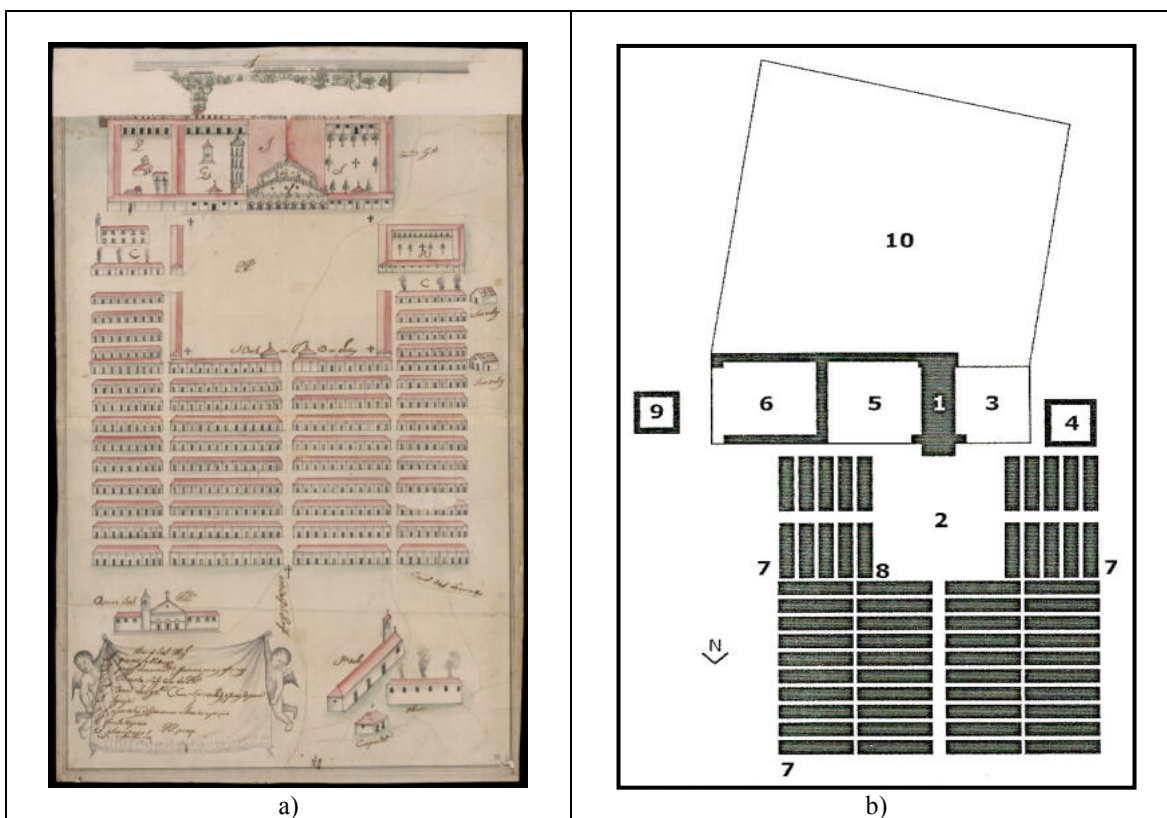



Figura 80: Planos da Redução de São Miguel Arcanjo – RS

a) Plano traçado pelos exército português em 1756
b) Planta tipologia urbana missioneira

Fontes: a) www.bndigital.bn.br; b) SCHULZE-HOFER, 2008, P. 19.

A Missão Jesuítica de São Miguel, no Rio Grande do Sul, possuiu um órgão de tubos. Destaca-se nesta Redução Jesuítica a atuação do organista e compositor o Padre Jesuíta Domingos Zipoli, que chegou às Missões Jesuíticas em 1717.

> Andamento da obra: Agosto de 1738. Concluído o arcabouço das três naves e sua cobertura. Celebrada a primeira missa na catedral em construção. As festividades paralelas incluíam desfile civil e militar, corridas a pé e a cavalo e banquete em homenagem ao Padre Provincial que foi de Buenos Aires para inspecionar as obras. Em um mês (de julho a agosto de 1738), o Padre Domingos Zipoli, antigo organista da Companhia de Jesus em Roma, conseguira reorganizar o conjunto de músicos, desmontar, limpar e afinar o velho órgão e ainda ensaiar grupos de dança e música para o grande dia da pré-inaugurarão da Catedral de São Miguel cuja construção, no entanto, nunca chegou a ser totalmente concluída. (NETO, 2012, p. 78).

A títuolo de ilustração, na Redução de São Tomé, hoje situada em Território Argentino, viveu Gabriel Quiri que, segundo Padre António Sepp, foi um músico afamado. Este índio Quiri, era construtor de órgãos de tubos, reformava os antigos, e em sua

genialidade, inventava novas formas e tipos de órgãos de tubos, sendo sempre bem sucedido. (SEPP, 1980 [1690], p. 247).

Padre Antônio Sepp também cita um organista índio, de doze anos de idade, que vivia na Redução de São João Batista, atualmente no Estado do Rio Grande do Sul. Este índio "tocava com dedo firme" sonatas, alamandes, sarabandas, correntes, baletos, e outras muitas peças de insignes compositores europeus, e toca prelúdios que fazem suar o organista mais hábil, devido a concentração que exigem (SEPP, [1690] 1980, p. 247).

Com a expulsão dos Jesuítas, através do Decreto Real em 1767, as Reduções Jesuíticas entraram em processo de decadência até seu completo abandono. Segundo levantamento realizado por Marcos Tadeu Holler[249], em sua tese intitulada *Uma história de cantares de Sion na terra dos Brasis: a música na atuação dos Jesuítas na América Portuguesa (1549-1759)*, os dados apontados em quadros comparativos entre as américas espanhola e portuguesa, no momento da expulsão dos Jesuítas das duas colônias, em 1767, demonstram a existência de vinte e dois órgãos de tubos, nas missões jesuíticas espanholas, e nove, na américa portuguesa. Dos estabelecimentos jesuíticos no Estado do Brasil, citam-se os seguintes, os quais possuíam um exemplar do instrumento no inventário da expulsão (HOLLER, 2006, p. 564):

- Casa da Vila da Vigia, Pará: "um órgão pequeno de canas[250]" (Inventário de 1760);
- Colégio do Maranhão: "hum Orgaõ; na torre 4 sinos, 2 delles g^{des}., e 2 mais pequenos.", Inventário da igreja do Colégio do Maranhão de 1760 (LEITE, [1938] 2004, Tomo III, Apêndice C, p. 601);
- Casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia: "hum orgaõ pequeno de cans [canas];" (Inventário da Casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia, Maranhão, 1760);
- Colégio da Bahia: "órgão músico, notável pelo dourado e por suas pinturas,

[249] Para maiores informações sobre este assunto, consultar: HOLLER, Marcos Tadeu. *Uma história de cantares de Sion na terra dos Brasis: a música na atuação dos Jesuítas na América Portuguesa (1549-1759)*. Campinas: Unicamp. Tese, 2006.
[250] O termo "canas" significa o mesmo que "cana brava", "taboca" ou "taquara", ou canas grossas.

e harmonia de vozes igualmente agradáveis aos ouvintes" (Ânua de 1732) e "Hum Orgaõ velho, e destemperado, que naõ toca por se achar com os foles rotos, e algumas pessas [peças] delle quebradas" (Inventário dos ornamentos de ouro e preta e mais alfaias pertencentes à igreja do Colégio da Companhia de Jesus da Cidade da Bahia, 1760);

- Seminário de Belém, Bahia: "hum Orgaõ muito velho, e hum banquinho em que se assenta o Organista, aualiado [avaliado] em dezanouve mil, e duzentos reis....19$200" (Inventário dos ornamentos de ouro e preta e mais alfaias pertencentes à igreja do Seminário de Belém da Companhia de Jesus, 1760);
- Seminário de Belém da Cachoeira: "um órgão muito velho, e um banquinho em que se assenta o organista, avaliado em 19.200 réis" (Inventário de 1760), e a compra de um órgão "que executa ofícios divinos com grande solenidade" (Ânua 1733);
- Colégio do Recife: "um órgão pertencente ao Colégio por 20.000 réis" (Receita do bens confiscados aos Jesuítas do Colégio do Recife, 1774);
- Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, Rio de Janeiro: "Hum Organo com seu banco, e outro p[a]. [pera] o organista" (Inventário das alfaias, ornamentos e do mais pertences à igreja da Aldeia de S. Pedro de Cabo Frio, 1759);
- Aldeia de Reritiba, Espirito Santo: "Hum Organo pequeno, Hum crauo [cravo] sem cordas e Hum baixaõ" (Inventário dos bens da Aldeia de N. S. da Assunção, 1759);
- Colégio de São Paulo: compra de "um órgão de suficiente magnitude, que nas festas acompanha maravilhosamente o canto dos músicos" (Catálogo trienal da Província do Brasil de 1725) "um órgão pequeno de três[251] com todos os seus canudos de estanho, em bom uso" (Inventário de 1774) e "um órgão pequeno de três com seus pertences pelo preço de 55.000 réis" (Auto

[251] O mesmo que órgão de 3 palmos, correspondendo a 2' (dois pés).

do Colégio de São Paulo, 1775). “Hua armação de Orgaõ que se acha principiado de madera de Sedro com o que lhe diz respeito de madera visto e avaliado por doze mil e oitocentos reis com que se say ......12$800 (Avaliação dos bens dos Jesuítas da Capitania de São Paulo, 1771);

- Aldeia do Embu, São Paulo: “hum Orgam pequeno” e “Tres Bancos no Coro; dous de Espaldar, e um pequeno Orgaõ” (Inventário da igreja da Capela N^{sa}. S^{ra}. Do Rosário, 1759). Atualmente, ainda existe, em seu Museu, um órgão positivo rústico, de cinco registros, com 234 tubos de metal, e 32 de madeira (Ver Figura 81).

a)

b)

Figura 81: Órgão positivo da Aldeia do Embu
Fonte: Arquivo fotográfico de Marcos Tadeu Holler.

O Solar do Colégio, da Fazenda do Colégio, em Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro, foi construído entre os anos de 1650 e 1690, sendo seu Superior o P. Pedro Leão. Como tradição dos Jesuítas, sua igreja possuía um órgão de tubos. O historiador Alberto Lamego Filho, em sua obra intitulada *A Planície do Solar e da Senzala*, faz duas descrições desse órgão. Na primeira assim descreve o órgão de tubos:

> Preservada religiosamente durante séculos, um desastre irreparável se abateu sobre a Capela em 1926. Uma noite, ao furor ciclônico de uma tempestade, ruiu parte do telhado, caindo sobre o órgão. Ali estavam ainda, delapidados nos

> escombros, os fragmentos irreconhecíveis do afamado instrumento. O que resta dele é somente a carranca terrifica que bulia os olhos e expelia a língua, ao esgúelar-se a certas notas graves[252]. Todo o instrumento imaginoso e movediço de bonecos autómatos, tocando frautas, pífaros, clarinetes e violinos, ao andar da orquestração, desapareceu esmigalhado. Apenas a carranca sobrevive, arreganhando, em desafio ao tempo, as dentuças refiladas. Aqueles grandes olhos esmaltados, focalizando no ar as pupilas imóveis, são os únicos relembrativos das festividades a que assistiram. Entre tantas, ao Te-Deum cantado pela vinda do Dr. Mimoso (FILHO, 1934, p. 40).

Figura 82: Solar do Colégio em Campos dos Goytacazes
Fonte: Acervo fotográfico do autor – FILHO, 1934, p. 33.

Em 7 de outubro de 1730, o Solar do Colégio foi palco de uma pomposa festividade pela chegada do Ouvidor Geral, Dr. Manoel da Costa Mimoso. Nessa ocasião, Padre Pedro Leam foi o organista do evento, o qual havia inaugurado este órgão de tubos pouco antes da visita do Ouvidor Geral:

> Sob os dedos profissionais do Padre Pedro Leam, o órgão todo se movia, na carranca medonha, e nos autómatos maravilhosos simulando tocar os pequeninos

[252] Foi muito comum, durante o século XVIII, colocar-se estas alegorias de carrancas, como bocas e olhos, abaixo das tribunas dos órgãos, que eram acionadas ao se tocarem notas graves na pedaleira ou das pisas.

> instrumentos. E da poderosa tubulagem, musicando o grande hino de ação de graças, escorriam volatas melodiosas, inchando o templo, escapando-se pelo portal, jorrando pelas janelas, esvoaçando pelo terraço e pela praça, afestoados e ondulantes de plebe e de embandeiramentos (FILHO, 1934, p. 40).

Por não existirem figuras ou fotografias deste órgão de tubos, a seguir, um detalhe das carrancas do órgão de tubos do Mosteiro de São Miguel de Refojos, Portugal, ilustram esse tipo de carrancas das tribunas dos órgãos de tubos.

Figura 83: Carrancas do órgão – Mosteiro de S. Miguel de Refojos.
Fonte: www.flickr.com.

Na Capela Real do Rio de Janeiro existiu, no século XIX, um órgão que possuía uma carranca abaixo da cadeireta do órgão, que ficava centralizada na balaustrada do coro.

Segundo o viajante inglês John Luccock, em *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, descreve o funcionamento desta carranca.

> Por cima da porta fica o coro, gentilmente gradeado pela frente e contendo um bom órgão. [...] Bem defronte e abaixo do gradeado do coro se acha uma imagem finamente esculpida, muito semelhante ao que na Inglaterra se chama uma cabeça de sarraceno[253]. O rosto exprime pasmo, cólera e vexame, ou melhor, uma espécie de ferocidade contida. Seus olhos são grandes e estatelados e por tal forma diretamente fixo sobre o pequeno Crucifixo que se encontra no altar, que ninguém se pode enganar quanto ao seu objeto. A boca é rude e aberta, contendo um pequeno tubo escondido, em comunicação com o órgão. Durante as partes mais patéticas da missa e muito especialmente na elevação da Hóstia, tocam na tecla desse tubo e a cabeça emite um grunhido pavoroso, como expressão de horror que os fiéis devem ressentir em tal momento. Seja o que for aquilo que se pense dessa ideia, semelhante palhaçada não pode considerar como culto cristão (LUCCOCK, [1820] 1975, p. 42).

2.7.3. ORGANISTAS CONTRATADOS POR ORDENS TERCEIRAS CARMELITAS

Conhecidos por Carmelitas, originalmente intitulada Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo, em Israel. Como ilustração da arte organística nas ordens terceiras brasileiras, optou-se pela carmelita, umas das mais atuantes no Brasil. O livros de Despesas e Receitas das Ordens Terceiras brasileiras citam o uso do órgão através de pagamentos a organistas, músicos, cantores, assim como também e transportes, aluguéis ou consertos em órgãos de tubos. Os lançamentos eram separados em itens denominados "pelo que se pagou ao organista" e "pelo que se pagou a muzica", para outros instrumentistas. As ordens terceiras destacaram-se pela contratação de músicos para atuarem em suas capelas em festas religiosas e celebrações ordinárias.

Como exemplo ilustrativo dos gastos com música das ordens terceiras, citam-se os valores dispendidos arrolados no *Livro de Receitas de Despesas da Venerável Ordem 3ª de N. Senhora do Monte Carmelo do Recife*: 1782-?, em Pernambuco,

- Pagamento ao organista no dia de N. S. do Carmo no ano contábil de 20 de outubro de 1782 e 15 de outubro de 1783: "Idem ao Organista na cazoura de dia de N. Snrª. do Carmo - // $640

253 O mesmo que cabeça de mouro.

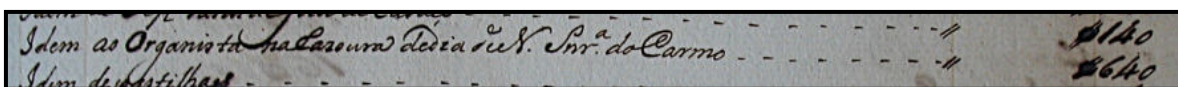



Figura 84: Organista no dia de N. S. do Carmo –1782 a 1783
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo em Recife – Fólio 6.

Despesas realizadas na festa de Santo André neste mesmo ano contábil de 1782 a 1783. Provavelmente o instrumento usado se tratava de um órgão positivo de procissão, que necessitava de ser conduzido pela Igreja em procissões ou em festas em altares laterais. O valor pago nesta festa corresponde a duas missas, cujo valor eram unitário eram $640 réis, segundo outros relatórios de despesas.

Figura 85: Música, organista e transporte do órgão no dia de St. André – 1782 a 1783
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo em Recife – Fólio 20.

Que tantos se fez de Despezas no Offício de Santo André consta do quaderno por lembrança a 28 A saber

Aos Pe. R. Religiosos - - - - - - - - - - - - - - - //	20$000
Aos ditos das Missas pelos Ir^{s}. [Irmaos] defunctos - - - - //	4$160
Ao nosso Ir^{s}. Sacerdote Missas que disseraõ - - - - - - - //	2$880
Aluguel das baetas, e galões - - - - - - - - - - - - //	3$445
Pello que se deo a Muzica - - - - - - - - - - - - //	12$000
Pello que se despendeo com o Organista - - - - - - - - //	1$280
Pello que se deo aos pretos de conduzirem o Orgam - - - //	$180
P. huã carta de alfinetes - - - - - - - - - - - - //	$160

Que todas estas parcellas referidas fazem a quantia de quarenta, e quatro mil, e sinco rs - // 44$005

Figura 86: Despesas do Irmão Tesoureiro com Ofício Geral –1848 a 1849
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Ordem Terceira do Carmo em Recife – Fólio 32 verso.

Com Officio Geral

Despendeo com		7 missas q'. se celebraraõ como consta do Livro - - -	5$600
"	"	o R[do]. [Reverendo] Commissario, inclusive a cera - -	6$000
"	"	o R[do]. Deacono e sub Deacono - - - - - - - - -	5$000
"	"	3 cantores da estante - - - - - - - - - - - - -	7$500
"	"	10 cantores do coro - - - - - - - - - - - - -	20$000
"	"	o R[do]. M[e]. [Mestre] de cerimonia - - - - - - - - -	4$500
"	"	3 solistas - - - - - - - - - - - - - - - - -	3$600
"	"	o organista - - - - - - - - - - - - - - - - -	2$500
"	"	o aluguer do Livro - - - - - - - - - - - - - -	1$000

De fato, as ordens terceira no Brasil foram as Instituições Eclesiásticas que mais contribuíram desde a construções de Igrejas e Capelas, como suprindo de seus templos com órgãos de tubos e com o pagamento a organistas.

2.8. LEVANTAMENTOS DE ÓRGÃOS ATRAVÉS DE INVENTÁRIOS

As visitas pastorais do Cônego José de Souza de Azevedo Pizarro e Araújo, entre 1794 e 1795, pelo Bispado do Rio de Janeiro, revelaram a existência de alguns órgãos de tubos de Igrejas Matizes do Estado do Rio de Janeiro. No item "móveis" dos inventários, de algumas destas Igrejas Matrizes, Monsenhor Pizarro arrolou órgãos de tubos:

- **Igreja Matriz da Sagrada Família:** pertencente a Freguesia de Santa Família, foi fundada em ca. 1755. Localiza-se atualmente em Sagrada Familia do Tinguá, Eng^{o}. Paulo de Frotin. Atual Paróquia de N**. S^{ra}.** Da Conceição / Inventário – fólios 233 e 234 (NOGUEIRA, 2008, Vol. 2, p. 15);
- **Igreja Matriz de N. S^{ra}. Da Piedade:** pertencente a Freguesia de N. S. da Piedade, Orago de Imerim (Inhomirim), foi fundada em 1696 e reconstruída em 1754. Localiza-se atualmente em Inhomirim, Magé; encontra-se em estado de ruinas / Inventário – fólios 234v. A 235v. (NOGUEIRA, 2008, Vol. 2, p. 49);
- **Igreja Matriz de São Nicolau:** pertencente a Freguesia de S. Nicolau, Orago de Suruhy, foi fundada em 1628. Localiza-se atualmente em Suruí, Magé / Inventário – fólios 237v. A 238v. (NOGUEIRA, 2008, Vol. 2, p. 92).

Em uma cópia dos Provimentos enviado a Irmandade da Senhora do Rosário, da Freguesia de São Nicolau, pelo Corregedor da Câmara Jozé Antonio Valente, é determinada a redução dos gastos e que seja usado o órgão na missa rezada na festa da Irmandade[254], como forma de redução de custos (fólios 275 a 276):

> A m^{ma}. [mesma[255]] pelo Correg^{or}. Jozé Antonio Valente
>
> Atendendo ás contas, que tomei, nas quaes pela maior parte vejo exceder a Despeza á Receita, cessará a Irm^{de}. De fazer Festas no dia em que a costumavaõ fazer; e neste dia bastará p^{r}. Ora uma Missa rezada com seo Orgaõ, e naõ mais: [...] [Assinatura:] Valente (NOGUEIRA, 2008, vol. II, p. 96).

Nas descrições do Município de Piracuruca, no Estado do Piauí[256], o autor, Gilberto V. Vasconcelos, em *Projeto de um Dicionário Geográfico do Brasil*, IV parte (Maranhão, Pará e Piauí) ao descrever os edifícios públicos assim diz:

> A Igreja Matriz, solido e magistoso edifício construído no anno de 1743, por

[254] Considerando-se os Provimentos anteriores e posterior a este, a data provável do mesmo seria abril de 1788.
[255] Refere-se a Irmandade da Senhora do Rosário, citada anteriormente no relatório de Pizarro.
[256] Nesta época, chamada Provincial do Piauhy. O município se localiza ao norte do Estado do Piaui.

operários europeus, vindos para esse fim. O edifício eh construído com pedra lavrada, tendo exterior e interiormente, no prestillo de entradas lindas colunatas de pedras com bonitos lavores. Tem no seu interior, isto é, quer na capella-mór, quer nas capelas altares lateraes, ricos modelos de esculpturas, lindas molduras douradas, em madeira. Tem um couro [coro] espaçoso, e nelle um excelente organo. [...] (CARVALHO, 1994 [1886], vol. 113, p. 405).

2.9. A ARTE ORGANÍSTICA NAS IGREJAS MATRIZES DE ALAGOAS

A antiga capital do Estado de Alagoas foi fundada em 1611, com o nome de povoado de Madalena de Subuama, passou a ser denominada Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul em 1636 e tornou-se capital da Capitania de Alagoas em 1817, quando seu nome foi alterado para Alagoas, sendo seu *status* elevado para cidade em 1823. Contudo, a capital da Província de Alagoas foi transferida para Maceió em 1839, e o nome da antiga capital foi, no mesmo ano, alterado para Marechal Deodoro.

Pedro Paulino da Fonseca[257] (1829-1902), em sua crônica intitulada *A` Velha Cidade das Alagôas: recordações de suas antigas festas de páz e concordia ali realizadas há mais de meio século*, escrita em 1895, descreve as festas religiosas da Semana Santa daquela cidade, quando essa festividade era celebrada com grande aparato e com atos litúrgicos imponentes. Ao descrever o ofício das trevas durante a Semana Santa, Paulino da Fonseca faz alusão a um Órgão tocado em um dos ofícios na Matriz de Nossa Senhora da Conceição[258] (Figura 87a). A seguir, na Figura 87b, encontra-se o recorte do manuscrito desta narrativa.

Na 3ª e 4ª fª a tarde na Matriz fazia-se o officio de
trevas com o [illegible] Triangular de quinze vellas
cujas luzes se vão apagando no fim de cada Psalmo.
As lições erão tiradas por [illegible] dos padres cantadas com
acompanhamento de um velho orgão q. ali existia.

a) b)

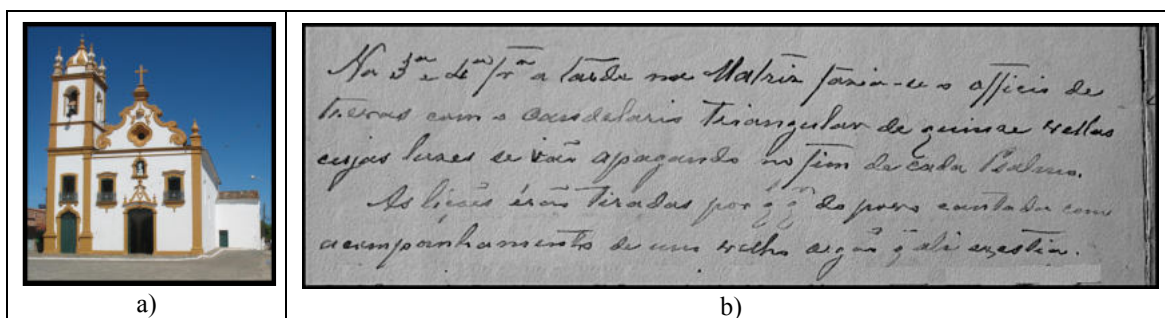



Figura 87: Matriz de Marechal Deodoro (a) e Manuscrito de Pedro Paulino da Fonseca (b)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGA.s

[257] Cronista, militar, governador de Alagoas e senador. É considerado um dos pioneiros do folclore brasileiro. Era irmão de Marechal Deodoro da Fonseca.

[258] A primeira Matriz, cuja documentação foi destruída quando os holandeses incendiaram o povoado em 1633.

> Na 3ª e 4ª feiª a tarde na Matriz, fazia-se o officio de trevas com o calendario triangular de quinze vellas cujas luzes se ião apagando no fim de cada Psalmo. As lições erão tiradas por qualquer do povo, cantadas com acompanhamento de um velho orgaõ que ali existia. (FONSECA, 1895: f 4v)

O texto escrito em 1895 refere-se a uma época há mais de meio século, ou seja, antes de 1845. Sendo assim, o instrumento citado consiste em um órgão de tubos, provavelmente um órgão positivo ou um órgão realejo. Não seria um harmônio[259], pois esse tipo de órgão, de palhetas livres, foi inventado em 1842 pelo francês Alexandre Debain. Cumpre salientar que, no entanto, ainda não se encontrou qualquer outra referência a esse órgão de Tubos, tampouco a organistas ou a organeiros da Cidade de Marechal Deodoro.

A título de curiosidade, como demonstrativo das práticas musicais na antiga Capital das Alagoas, em uma lista de despesas relativas à uma festa religiosa da Confraria de N. S. do Amparo (sediada na Igreja do Amparo), de 1688, revisada pelo Vigário Gaspar Tavares Cabral, encontrava-se incluído o seguinte gasto: "Ao mestre de capella, da musica e harpa – 11$200". Esta igreja possuía um Mestre-Escola. (CABRAL, 1874, p. 4)[260].

A Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, em Maceió, foi inaugurada, em missa solene, no dia 31 de dezembro de 1859, estando presentes Suas Majestades, o Imperador Dom Pedro II e sua esposa, a Imperatriz Tereza Cristina. Por este motivo, recebeu o título de "O Templo Imperial". A Irmandade do Santíssimo Sacramento, criada em 1825 e abrigada na Matriz, foi responsável pela construção desse majestoso templo, cujo projeto arquitetônico é da escola de Grandjean de Montigny[261] (1776-1850). Em 2 de julho de 1900, a matriz foi elevada à condição de Catedral, sendo criado o Bispado de Alagoas. A seguir, apresentam-se algumas fotos da Matriz de Maceió.

Desconhecido por muitos, existiu na Catedral de Maceió um órgão de tubos. O primeiro relato sobre a existência do instrumento nos veio por meio de Diógenes Cecilio

---

[259] O harmônio é um órgão cuja parte fônica é constituída por palhetas livres. Conhecido como Serafina nos Estados do Nordeste brasileiro e Harmônico em outros Estados.

[260] Artigo "Exquisa Rápida à cerca da fundação de alguns templos da Villa de Santa Maria Magdalena da Lagoa du Sul, agora cidade das Alagoas", de João Francisco Dias Cabral, publicado na Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, N. 11, do Volume II).

[261] O arquiteto Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny era membro da chamada Missão Artística Francesa, que chegou ao Rio de Janeiro em 1816. Uma de suas obras é o prédio da Associação Comercial de Alagoas.

da Silva[262]. De acordo com sua narrativa, o pequeno órgão ficava no coro da Catedral e era acionado por foles manuais. Na Catedral, início de nossas pesquisas em Maceió, os funcionários da igreja afirmaram que o referido órgão estava em condições deploráveis em 1973, apresentando somente alguns tubos e tendo desaparecido por completo no ano seguinte.

a)

b)

c)

Figura 88: A Sé Catedral de Maceió, Alagoas
a) Foto antiga da Matriz. **Fonte:** Museu da Imagem e do Som de Alagoas
b) Foto atual da Catedral. **Fonte:** Acervo fotográfico do autor
c) Coro da Catedral. **Fonte:** Acervo fotográfico do autor.

Nossa primeira suposição a respeito da época da compra do órgão recaía sobre a inauguração da Matriz, quando se cantou um *Te Deum*. Como a Catedral não disponibilizou para pesquisa os *Livros de Receitas e Despezas* da irmandade e como se considerou ser o porto, à época, o único meio de entrada daquele instrumento, consultaram-se, no Arquivo Público de Alagoas, quarenta caixas de documentos da alfândega dos portos de Maceió e de Penedo e doze caixas contendo documentos eclesiásticos. Não se achando qualquer registro de entrada, averiguaram-se, sem êxito, os *Livros do Tombo*, datados do século XX e disponíveis nos Arquivos da Cúria Metropolitana de Maceió.

Após três semanas de buscas a fontes documentais, encontrou-se, finalmente, no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, um *Livro de Receitas e Despezas da Irmandade do Santíssimo Sacrament*o da Matriz de Maceió. Nele estavam os registros de

[262] Diógenes Cecilio, natural de Minas Gerais, foi funcionário público federal transferido para Maceió em 1959. Foi aluno de canto no Conservatório de Música de Alagoas.

pagamentos a organistas e tocadores de fole (folistas) nas missas de quinta-feira[263] da Capela da Irmandade do Santíssimo Sacramento. O primeiro lançamento encontrado, um recibo-contrato (Figura 89), datado de 22 de junho de 1889 e registrado no valor de 40$000[264], refere-se à organista Marianna da Silva[265]. Contudo, o mais antigo registro sobre a primeira organista da Matriz, até então achado, encontra-se no *Diário das Alagoas*[266], em uma nota do dia 14 de maio de 1889, que cita a participação de Marianna da Silva no *Te Deum* entoado em comemoração ao aniversário da Lei Áurea (Figura 90).

109

Recebi do Snr Thesoureiro da Confraria do S. S. Sacramento a quantia de quarenta mil reis proveniente das mensalidades de Junho a Outubro, a oito mil reis que estipulou a referida Confraria, em favor da Organista abaixo firmada, para acompanhar a Orgão as Missas de Quintas feiras que em sua Capella manda celebrar a mesma Confraria por seus irmãos vivos e defunctos. 40$000

Maceió 22 de Junho de 1889. Marianna da Silva

110

Figura 89: Primeiro recibo-contrato da organista Marianna da Silva – *Livro de Receitas e Despezas*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGA.

[263] Dia em que todas as Irmandades do Santíssimo Sacramento celebram a eucarística ao longo do ano litúrgico.
[264] Quarenta mil réis. Os réis foram usados no Brasil até 1942, quando foi instituído o cruzeiro. A título de curiosidade, um piano de armário importado e uma assinatura anual de um jornal custavam, respectivamente, 800$000 e 12$000.
[265] Segundo os registros de despesas, Marianna da Silva permaneceu no cargo até março de 1890.
[266] De propriedade do Cônego Antônio José da Costa, o jornal trazia na coluna "Boletim" notícias eclesiásticas.

O acto, a que assistiram oito sacerdotes desta capital correo com a melhor ordem e esplendor que se podia imaginar. A musica do «Te-Deum», composição do nosso comprovinciano, capitão José Barbosa de Araujo Pereira, esteve de gosto, tendo sido acompanhada a orgão pela Exma. Sra. D. Marianna da Silva.

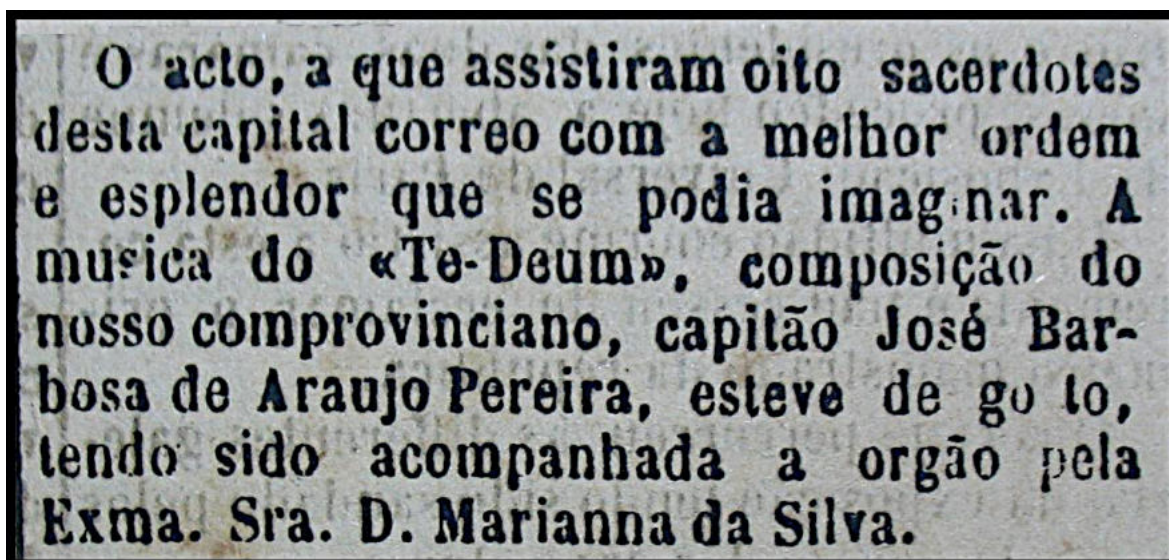



Figura 90: Recorte do Diário das Alagoas – 14 de maio de 1889
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Público de Alagoas – APA.

Segundo recibos datados até setembro de 1893, consta o nome de Eugenia Maria de Omena Filha, que iniciou seu trabalho na confraria em 15 de outubro de 1890, como substituta de Marianna Silva no cargo de organista da Matriz. Encontrou-se apenas um recibo de 7$000, datado de 18 de setembro de 1891 e referente a um pagamento ao Mestre de Capela Manuel Amâncio da Cruz[267] por seis missas cantadas ao órgão. O *Livro de Receitas e Despezas* ainda menciona os pagamentos aos seguintes tocadores de Foles (folistas) nas missas da irmandade: Osmundo Cezar, nos meses de maio a agosto de 1892, no valor mensal de 2$000; e Antônio Gomes Pacheco, em 31 de dezembro de 1892, no valor de 2$000.

Realizando-se novas pesquisas no *Diário das Alag*oas, encontrou-se finalmente o registro da instalação do órgão de tubos da Matriz de Maceió em 1889. Consonante nota do referido Jornal publicada em 2 de abril, o instrumento foi adquirido de uma fábrica francesa pelo pároco Reverendo Domingos Espinosa.

---

[267] O Diário das Alagoas, em 14 de maio de 1889, cita Manuel Amâncio como Mestre de Capela da Matriz.

Orgão.— Vindo da fabrica de Pariz, chegou a esta cidade o orgão mandado vir pelo revm. snr. vigario Espinosa, no dia 29 do proximo passado.

Posto na igreja o revm. snr. vigario chamou para organisal-o o habilissimo artista, snr. Leonidio digno irmão do revm. vigario do Muricy, padre José Roberto. Auxiliado aquelle intelligente mecanico pelo revm. padre Valladares e o snr. Isaac Newton, em dois dias collocou o importante instrumento no côro, onde experimentado produzio, depois de armado um effeito deslumbrante.

Domingo, 31, foi tocado pelo revm. Valladares, que agradou muito, por occasião da missa parochial. Acompanhou o Tantum ergo, depois do qual fora dada a benção com o SS. Sacramento.

Parabens ao snr. vigario Espinosa cujo zelo muito tem feito em beneficio da importante matriz do que é muito digno parocho.

Figura 91: O órgão de tubos da Igreja Matriz de Maceió
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Público de Alagoas – A.P.A.

Construído por um organeiro ainda desconhecido oriundo da Cidade de Paris, o órgão chegou a Maceió no dia 29 de abril, foi montado pelo Sr. Leonídio e foi inaugurado na missa paroquial do domingo seguinte pelo Padre João Nepomuceno Valadares.

Por meio desses diversos documentos, tornou-se possível comprovar a existência de um órgão de tubos da Catedral de Maceió, um instrumento que não subsistiu ao tempo. Considerando-se os órgãos franceses comprados na mesma época na Cidade de Recife, supomos que esse órgão era uma manufatura da Maison Merklin & Cie de Paris.

O historiador alagoano Ernani Otacílio Mero (1925: p.91), em seu livro *O perfil do Penedo*, ao fazer a cronologia dos eventos históricos penedenses, cita a compra, no ano de 1824, de um órgão de tubos realizada pela Irmandade do Santíssimo Sacramento para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Catedral Diocesana de Penedo. No entanto, segundo relatam os moradores da cidade do Penedo, esse instrumento, que ficava no coro da catedral, desapareceu misteriosamente por volta de 1973. Até então, o órgão, que, de acordo com Francisco Alberto Sales[268] possuía três manuais[269], era usado com muita frequência nas missas e também para o acompanhamento do coro da Catedral.

Figura 92: Igreja Matriz de N. S. do Rosário de Penedo
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Ainda no livro *O perfil do Penedo*, Ernani Mero (1925: p. 98), ao listar os "filhos do Penedo", cita o nome de Odete Almeida como organista. Não obstante, o autor não especifica a atuação da organista nas Igrejas da Cidade de Penedo.

---

[268] Francisco Sales é Presidente da Fundação do Museu Casa do Penedo. Possivelmente, o referido órgão possuía dois Manuais e uma Pedaleira.

[269] Existe uma maior probabilidade deste instrumento ter sido um órgão de coro, com dois manuais e uma pedaleira.

2.10. OS ÓRGÃOS DE TUBOS DA VILA RICA DO OURO PRETO

Muitas igrejas e capelas da Capitania das Minas Gerais foram supridas com órgãos de tubos durante o período das minerações. Também foram muitos os organistas que atuaram nas igrejas e capelas, desde inícios dos oitocentos aos novecentos. As Vilas de Nossa Senhora do Carmo (Mariana) e de Vila Rica (Ouro Preto) vieram a se tornar centros organísticos desta Capitania durante os séculos XVIII e parte do século XIX.

Segundo afirma o viajante inglês John Mawe, Vila Rica com apenas vinte anos de fundação era considerada a cidade mais rica do mundo[270], o que justificou a grande produção musical, assim como também a existência de órgãos de tubos nessa região remota. Eugène Delessert, em *Voyages dans les deux océans, Atlantique et Pacifique, 1844 à 1847*, assim afirma sobre a opulência de Vila Rica, no século XVIII:

> *Villa-Rica pourrait être plus justement appelée de nos jours la Ville-Pauvre. Rien ne répond plus à la magnificence de son nom ; il n'en était pas de même vingt ans après sa fondation. Alors, elle passait pour le lieu le plus riche du globe. Vers 1713, la quantité d'or produite par le district de Villa-Rica était si considérable, que le cinquième du roi s'élevait annuellement à l2 millions. De 1730 à 1750, les mines atteignirent à leur plus haut degré de prospérité : il y eut dans cette période des années où le cinquième du roi donna 24 millions* (DELESSERT, 1848, P. 36).

> Villa Rica poderia ser mais precisamente chamada nos dias hoje a Cidade-Pobre. Nada satisfaz a magnificência do seu nome, ela não era assim vinte anos após a sua fundação. Então ela passou ao lugar de mais rica do globo. Perto de 1713, a quantidade de ouro produzido no distrito de Vila Rica foi tão grande que o quinto[271] do Rei era de l2 milhões por ano. De 1730-1750, as minas atingiram o seu mais alto nível de prosperidade: houve nesse período de anos, em que o quinto do Rei rendeu 24 milhões (DELESSERT, 1848, P. 36).

Esta afirmativa também é confirmada pelo historiador e escritor italiano César Cantù, em sua obra *Histoire universelle*, Volume 17:

> *En effet, quelques-uns d'entre eux s'étant enfoncés jusqu'à cent lieues dans un pays très-difficile, au milieu de sauvages belliqueux, découvrirent les mines de Sabara ; d'autres pénétrèrent dans les montagnes aurifères, où ils bâtirent Villa-Ricca, qui, vingt après sa fondation, passait pour la ville la plus opulente du monde :* […] (CANTU, César, 1848, p. 531).

---

[270] MAWE, [1812] 1978, p. 125.

[271] O "quinto" era um tributo estabelecido pelo Rei Filipe III em 15 de agosto de 1603, durante a União Ibérica. O imposto de 20% era cobrado pela Coroa Portuguesa e recaia sobre produtos tais como couro, ouro e diamantes.

> Na verdade, alguns deles sendo conduzido até uma centena de quilômetros em um país muito difícil, em meio a guerreira selvagem, descobriram minas de Sabará, outros entraram nas montanhas de ouro, onde construíram Villa-Rica, que vinte anos depois de sua fundação, foi considerada a cidade mais opulenta do mundo: [...] (CANTU, César, 1848, p. 531)[272].

A Capitania de Minas Gerais foi criada em 2 de dezembro de 1720, em consequência do desmembramento[273] da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro. Seu povoamento teve início no final do século XVII, como a descoberta do ouro em Vila Rica. Na mesma medida que existia riqueza em opulência, os custos em Vila Rica eram muitos altos. A fase inicial deste povoamento foi marcado pela carestia de gêneros de várias espécies, havendo o estímulo à atividades comerciais com lucros avultados; um mercado altamente especulativo.

O primeiro registro de gasto com organista, em Vila Rica, remete a 24 de dezembro de 1721[274], constante no *Livro de Despesas e Receitas da Irmandade de Santo Antônio*, sediada na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, alusivo ao pagamento do organistas Luiz da Cunha, no valor de cento e noventa e duas oitavas de ouro.

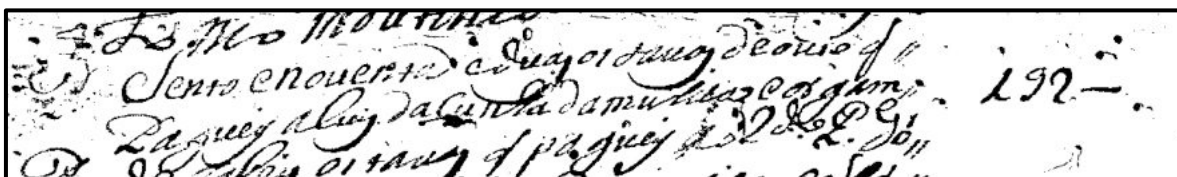



Figura 93: Lançamento contábil do primeiro organista em Vila Rica
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Eclesiástico da Paróquia de N. S. do Pilar de Ouro Preto.

> P. [Por] Sento e noventa e duas oitavas de ouro q'. paguei a Luiz da Cunha da Muzica e Orgam ———————————————————— // 192 –

O segundo registro, refere-se ao conserto de um órgão no ano contábil de 1726-1727, constante no *Livro de Despezas e Receitas da Irmandade do Santissimo Sacramento* 1721-1744, Códice 216, no fólio 23: "P^{lo}. [pelo] q'. pagou de se concertar o orgaõ". Portanto, a Igreja Matriz de N. S. do Pilar possuiu órgão de tubos e organista desde 1721.

---

272 As duas traduções para o português são do autor.

273 Por Carta Regia de 21 de fevereiro de 1720, é determinada a separação da Capitania de São Paulo da Capitania das Minas Gerais.

274 Em 1721, a Matriz do Pilar ainda era um pequeno templo, ou mesmo uma capela. O novo templo, somente foi inaugurado em 1733, quando houve a trasladação do Santíssimo Sacramento, na festividade conhecida por "Triunfo Eucarístico".

O primeiro órgão de tubos de maior porte foi adquirido pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e pela Irmandade do Pilar, ambas sediadas na Igreja Matriz do Pilar, em Vila Rica. Em 1735 foi lavrado no *Livro de Termos da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto:* 1729-1777 a resolução da Mesa dessa Irmandade sobre esta compra de um órgão de tubos.

Aos vinte dias do mes de Mayo de mil e sete sentoz
e trinta e sinco annos estando em meza o Ir. Provedor e mais
Irmaoz offeciaiz da meza da Irm.de do Santicimo Sacram.to desta
Matriz de N. Snr.a do Pilar do ouro Preto, Conciderando q.
Sera conveniente haver nesta Igr.a Orgam p.a milhor aplauzo
das Suaz feztevidades e mayor veneracam do culto devino
[ilegível] e todaz az Irm.des desta d.a Igr.a quizecem concor
rrer p.a a compra de hum que na praça se vendia e soo a Ir-
mandade de N. Snr.a do Pilar dariam a metade do custo e mais
dez peza do d.o Orgam e nenhuaz daz outraz Irm.des quizeram
nem ainda prometer couza alguã e com effeito a Nossa
Irm.de mandou comprar na praça por seu procurador e porque
nem a d.a Irm.de de N. Snr.a do Pilar tem concorrido com couza
alguã nem faz tencam de concorrer, e Conciderando nos
a Gr.de dezpeza que a nossa Irm.de faz c/ d.o Orgam nao
so na sua compra mas Assento e Concerto do d.o Or-
gam e que so no seu uzo tem a sua benefeciacao (?)
que nao he facil de ajuntar por modo algum nesta terra
acordamoz em que o d.o Orgam som.te toque naz festaz
que fizerem esta Nossa Irm.de poiz som.te a custa
della se comprou e conserva e porque nao he Justo
que az maiz Irm.des desta Igr.a [ilegível] Suaz feztevidadez

Figura 94: Compra do órgão para a Matriz do Pilar de Ouro Preto
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Eclesiástico da Paróquia de N. S. do Pilar de Ouro Preto.

Figura 95: Compra do órgão para a Matriz do Pilar de Ouro Preto (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.E.P.N.S.P.O.P.

> **Aos vinte dias do mes de Mayo de mil e sete sentoz e trinta e sinco annos** Estando em Meza o Ir: [Irmão:] Provedor e mais Irmaoz e offeciaiz da meza da Irm^{de} [Irmandade] do Santicimo Sacram^{to}. [Sacramento] desta Matriz de N^{a}. Snr^{a}. do Pillar do ouro Preto, conciderando o q^{to}. [quanto] hera comveniente haver nesta Igr^{a} [Igreja] Orgam p^{a}. [pera] milhor aplauzeo [aplauzo] das suas feztevidades [festividades] e mayor veneraçam do culto devino [divino] rogaram e todas az Irm^{des}. Desta d^{ta}. [dita] Igr^{a}. quizeççem [quisessem] com correr p^{a}. **a compra de hum que na prassa [praça] se vendia** e sóó a Irmandade de N: Snr^{a}. do Pillar dariam a Metade do Custo e mais dezpeza do d^{o}. [dito] Orgam e nem huaz daz outraz Irm^{des} quizeram nem ainda premeter couza Algua e com effeito a Nossas Irm^{des}. O mando rematar na prassa por seu procurador e porque nem a d^{ta}. Irm^{de}. N: Snr^{a}. do Pillar tem concorrido com cousa Algua nem faz tençam comcorrer. Conçiderando nossa Gr^{de}. Despeza q'. a nossa Irm^{de}. Faz o d^{to}. Orgam naõ só na sua Compra maz [mas] no asento e Concerto do d^{o}. Orgam e que sô no seu UZO tem a sua beneficaçaõ que naõ he facil recuperar por modo Algum nesta Cerra. Acordamoz em que o d^{o}. Orgam som^{te}. [somente] toque nas festas que fizerem ezta Nossa Irm^{de}. Pois som^{te}. a custa della se comprou e com serva, e porque naõ he justo que az maiz Irm^{des}. Desta Igr^{a}. nas suas feztividadez // az deixem de fazer com todo o aplauzu com cedemos [concedemos] que dando de ezmolla coatro oitavaz pello dia da fezta e duaz oitavaz de ouro por vez por az e havendo az e outras coatro oitavaz de ouro por matinaz p^{a}. ajuda de seuz concertos e da maiz [demais] obra que p^{a}. ornato he preçisa fazerçe, possa nellaz [nelas] tocarçe o d^{o}. Orgam; e sendo em Irm^{de}. Que se haja de fazer Novena ou Trezena darão p^{a}. o que d^{o}. he a meya oitava por dia e assim pedimoz aos nossoz e m^{to}. [muito] amadoz Irmaoz que noz soçederem asim o hobservem [observem] com penna de que o dando sem pagar pr^{o}. [primeiro] Licença p^{a}. se tocar no d^{o}. Horgam o Ir: q'. der a d^{a}. licença ou achava p^{a}. se tocar no d^{o}. Horgam o pagará da sua algibeira a da comutaçaõ nezte termo declarado; **e outro sim que denhua [de nenhuma] sorte consintam q'. o d^{o}. horgam saya do lugar honde ezta [está] p^{a}. feztevidade fora dezta Igr^{a} pello grd^{e}. Danno que Nisso Recebe como se tem exprementado** e pedimoz ao nosso R^{dmo}. Prellado e seus vezitadores e vigr^{o}. [vigário] da vara asim o mandem observar com penna de excomunham mayor p^{a}. conçervaçaõ desta Gr^{de}. [grande] e boa pessa q'. tem a fabrica dezta Nossa Irm^{de}. E outro sim taõbem concedemos q'. querendo a Irm^{de}. de N.Snr^{a}. do Pillar que o d^{o}. Horgam toque az suaz Ladainhaz aoz Sabbadoz dando meya oitava por cada hum Sabbado se Ihe deiche tocar o d^{o}. Orgam tudo na forma asima declarado e p^{a}. clareza de tudo digo e de como asim o detreminarao oz d^{oz}. [ditos] offeçiaiz dezta Irm^{de}. Mandaram fazer ezte termo q'. todoz asignaraõ comigo. Manoel da Costa Guimarais escrivaõ desta Irmandade q'. o soBreescrevi e asiney.
>
> (assinaturas) Manoel da Costa Guim^{es} [Guimarães]; F^{co}. [Francisco] Gomes da Cruz; Aleixo de Mattoz (*Livro de Termos* 1729-1777, fólios 19 e 19 verso).

O *Livro de Inventários* 1718-1802, códice 213, confirma esta compra no inventário anual de 1735. Pela primeira vez é arrolado um órgão de tubos em seus inventários. Segundo o lançamento, um instrumento de maior porte, como pode ser comprovado a seguir.

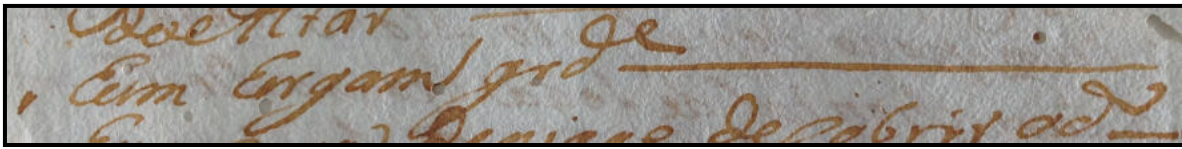



Figura 96: O órgão de tubos da Matriz do Pilar em Ouro Preto
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Eclesiástico da Paróquia de N. S. do Pilar de Ouro Preto.

Hum Horgam gr^{de} [grande] ——————————————————————

Diversas fontes iconográficas e textuais conferem o termo “grande” a órgãos. Contudo, na realidade são comparações entre outra tipologia de menor porte com o instrumento citado. A exemplo disso, na imagem iconográfica a seguir, o autor da gravura atribui à obra o título de *grand orgue*. Neste caso, um órgão positivo de chão é classificando como um “grande órgão”.

Figura 97: *Grand Orgue* – Obra de Nicolas Xavier Willemin (1763-1839)
Fonte: http://snl.no/orgel.

Dados explicitados nos diversos documentos, relativos a compra e manutenção deste órgão de tubos, levam a definição da tipologia e, principalmente, precisar o real porte deste instrumento. Considerando-se os seguintes dados, é possível afirmar que:

1. Não se trata de um órgão grande de igreja encomendado a um organeiro em Portugal, pois este estava sendo vendido na praça[275] de Vila Rica. Portanto, foi trazido algum tropeiro em lombo de burro, pelos caminhos ainda rudimentares, a denominada Estrada Real. Até aproximadamente segunda metade do século XVIII, era comum vendedores de órgãos portáteis nas cidades coloniais brasileiras[276], fato que consolida a tradição organística nas igrejas brasílicas nestas épocas;
2. Não era um grande órgão como conhecemos atualmente. Ao ser citado como um "órgão grande", foi uma comparação a um antigo existente, que muito provavelmente era um órgão positivo de chão ou um positivo de mesa;
3. O Termo de Compra faz a restrição: "e outro sim, que de nenhuma sorte consintam que o dito órgão saia do lugar onde está para festividade fora desta Igreja pelo grande dano que nisso recebe, como se tem experimentado". Este instrumento era um órgão de tubos portátil que poderia ser deslocado para outra parte da igreja ou mesmo fora desta. Portanto, não era um grande órgão fixo de igreja, ou mesmo um órgão positivo de armário. Considerando-se a afirmativa "como se tem experimentado", confirma a existência de um órgão portátil, anterior a este, e que foi danificado por ter sido transportado várias vezes;
4. Coadunando com a afirmativa anterior, no *Livro de Termos da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Nossa Senhora do do Ouro* [a]*Preto:* 1729-1777, fólio 59 verso, em 23 de junho de 1748 foi definida a

---

[275] O termo praça, que tem vários significados na terminologia urbana do Período Colonial, neste caso, refere-se ao espaço público urbano de comércio e de circulação.

[276] A exemplo, cita-se o órgão comprado pela Ordem Terceira do Carmo de Sabará, Minas Gerais, em 24 de fevereiro de 1775, no valor de 600 réis. Este órgão havia sido trazido do Rio de Janeiro por um vendedor (PASSOS, 1949, p. 37).

mudança do órgão para uma das tribunas:

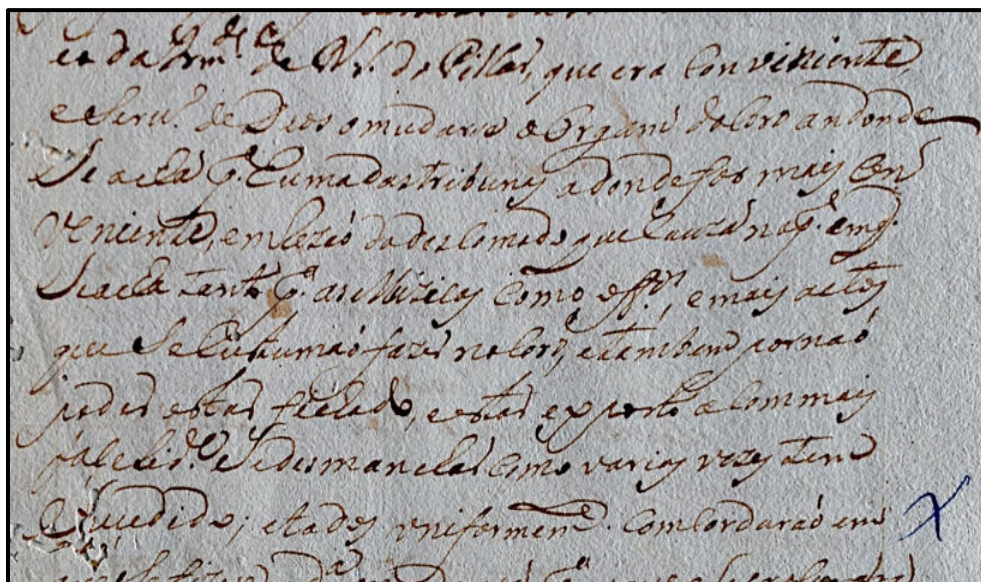



Figura 98: Mudança do órgão do coro para uma tribuna
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.E.P.N.S.P.O.P.

> [...] que era conviniente e seru°. [serviço] de Deos o mudar se o Organo de Coro andonde se acha p. [pera] huma das tribunas adonde for mais conveniente, em rezão do descomado que cauza na p^{e}. [parte] em q'. se acha tanto p^{a}. as Muzicas como offos. [Ofícios], mais actos que se costumaõ fazer no Coro, e também por naõ poder estar fechado, e estar exposto a com mais façelidade. [facilidade] se desmanchar como varias vezes tem sucedido [...].

Portanto, este órgão de tubos teria dimensões menores que os portais das ditas tribunas, que tem aproximadamente dois metros e meio de altura. Ademais, o pé direito do coro alto da Matriz do Pilar não permitiria um órgão de tubos de grandes proporções. O texto também revela que este órgão possuía algum tipo de porta, para se manter a caixa do órgão fechada;

5. De acordo o Termo datado de 20 de maio de 1770, no fólio 133, do *Livro de Termos* 1729-1777, Códice 224, o forro do órgão foi pintado por baixo, portanto, é confirmado que este órgão de tubos possuía uma caixa, a vista disso, não se trata de um órgão positivo de mesa ou positivo de chão;
6. Considerando-se todos os itens acima citados, pode se deduzir que o órgão de tubos adquirido pela Igreja Matriz do Pilar era um órgão realejo, semelhante aos instrumentos da Figura 6a, ou mesmo da Figura 99.

Dentro realidade da região da mineração, a importação de um grande órgão de igreja teria seu custo muito elevado, em consequência da distância do litoral e do relevo geográfico. Certamente existiram órgãos positivos de chão ou de mesa quando as igrejas em Vila Rica ainda eram capelas, pois as reduzidas dimensões destes templos não comportariam órgão de tubos maiores que os portáteis. Quanto às igrejas ou irmandades que não adquiriram órgão de tubos, alugavam os órgãos portáteis, segundo prática local.

Diversas outras igrejas de Vila Rica, atual Cidade de Ouro Preto, foram providas com órgãos de tubos, entretanto, todos estes instrumentos não subsistiram. Citam-se as seguintes igrejas: a Capela de N. S. Bom Jesus dos Perdões, Confraria de N. S. das Mercês de Baixo, ca. 1764; a Igreja de N. S. da Conceição, Irmandade de N. S. da Conceição de Antônio Dias, ca. 1744[277]; a Igreja de Santa Efigênia, Irmandade de N. S. dos Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Faria, (aluguel de órgão); a Igreja da Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo, um órgão positivo em 1767, outros dois "órgãos grandes", o primeiro em 1771, o segundo em 1819 (CECILIO, 2008, p. 26).

Alguns fatores justificam o desaparecimento destes órgãos de tubos. O principal deles seria precisamente sua tipologia, órgãos portáteis. Os órgãos fixos de igreja tendem a ser mais preservados, mesmo que não seja integralmente. Um segundo fator, a fragilidade destes órgãos portáteis, que muito facilmente poderiam se desmantelar, acrescentando-se a a esta causa, a falta de um cuidado em seu uso, narrados em alguns documentos citados enteriormente. E também não pode-se descartar a grande umidade da região nesta época. Estes órgãos eram abandonados nos coros das igrejas e posteriormente descartados.

Atualmente, ainda existem em Minas Gerais quatro órgãos de tubos fixos, históricos, de maior porte: dois vindos de Portugal, instalados nas Igrejas Matrizes das Cidades de Mariana e de Tiradentes; e dois construídos por organeiros mineiros, os órgãos de tubos da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina e da Igreja Matriz do Distrito de Córregos.

Merece destaque na arte da organaria mineira o Tenente, ou Alferes, Athanazio

---

[277] O viajante Auguste de Saint-Hilaire, em sua visita à Vila Rica, em 1816, ao descrever a Igreja Paroquial de Antônio Dias comenta: "[...] e a um dos lados dessa galeria se vê um pequenino teclado de órgão" (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000 p. 72).

Fernandez da Silva (1767-1843?). O *Livro 2º de Termos das Deliberações das Mesas da Ordem do Carmo de Vila Rica*: 1784-1861, folhas 165 e 165 verso, no dia primeiro de maio de 1838, assim refere-se a Athanazio Fernandez: "[...] havendo-se incubido ao Mestre d'Orgaõ Athanazio de augmentar o desta Ordem pelo preço de 120$000 reis [...]". De todos os organeiros da Capitania das Minas Gerais, este foi o único que teve o reconhecimento de seu ofício, sendo chamado "Mestre de Órgão".

A Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas (Minas Gerais) possuiu um órgão de tubos. Segundo relato do viajante inglês Sir Richard Francis Burton (1821-1890), que veio ao Brasil em 1865 como cônsul da Grã-Bretanha na cidade de Santos (SP) e viajou o país em busca de riquezas que pudessem ser aproveitadas pelo Velho Mundo. Em seu livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* uma citação ao órgão ali existente na então Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos: "No lugar para o órgão, há um pequeno instrumento, e o coro, à sua esquerda, projeta-se no corpo da igreja." (BURTON, [1869] 1976, p. 156)[278]. A caixa do órgão era obra de Antônio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho"[279]. Segundo Conceição Resende, teve seu custo em 100$000 Réis e as cornetas (trombetas) foram importadas da Itália. Em 1825, segundo registros no *Livro de Receitas e Despesas* desta Ordem, foi comprado um novo órgão de tubos, fatura do organeiro Athanasio Fernandes da Silva. O viajante inglês John Luccock, em *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, quando passou pela região, em 1818, também testificou a existência deste órgão de tubos da Basílica de Matosinhos. Assim o autor descreve o instrumento: "Colocado por cima da entrada principal, acha-se um pequeno órgão alegremente pintado [...]" (LUCCOCK, [1820] 1975, p. 42).

Segundo crônicas de viajantes que estiveram no Brasil, diversas outras igrejas

---

[278] A edição de 1941, da Companhia Editora Nacional, assim traduziu: "A tribuna do órgão sobre a entrada principal, possui um pequeno instrumento e o coro à sua esquerda, avança pelo corpo da Igreja" (BURTON, [1869] 1941, p. 277).

[279] A título de curiosidade, Saint-Hilaire, em *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, transcreve o relato de populares a respeito da doença a qual foi acometido o Mestre "Aleijadinho". Assim, diz o texto: "Muito jovem ainda, disseram-me, ele resolveu tomar não sei que espécie de bebida, com a intenção de dar mais vivacidade e elevação a seu espirito; mas perdeu o uso das suas extremidades. Entretanto prosseguiu no exercício de sua arte; ele fazia prender ferramentas na extremidade do antebraço e foi assim que fez estátuas da igreja de Matozinhos" (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000, p. 92).

também possuíram órgãos de tubos. Em *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Saint-Hilaire relata a existência de um órgão de tubos na Cidade de Itabira: "As igrejas de Itabira são muito pequenas para a população. Devo mencionar a do Rosário, onde ouvi um órgão que fora construído na própria localidade" (SAINT-HILAIRE, [1833] 2000, p. 123). Este instrumento foi construído pelo organeiro mineiro Athanasio Fernandes da Silva.

2.11. ÓRGÃO DE CAPELA DAS FAZENDAS

Durante os Períodos Colonial e Imperial Brasileiro muitas capelas de fazendas e engenhos foram providas com órgãos de tubos. Levantaram-se dois exemplos ilustrativos de órgãos de capelas de fazendas mineiras.

O primeiro, trata-se do órgão de tubos que atualmente pertence ao Museu Regional de São João Del Rey. Este instrumento foi construído para a capela da Fazenda da Boa Vista, propriedade do Padre Jerônimo Pereira de Carvalho.

Em testamento (1824), Padre Jerônimo Pereira deixou o instrumento para a Igreja da Ordem Terceira do Carmo São João Del Rey. Posteriormente, passou a fazer parte do acervo do Museu Regional de São João Del Rey onde permaneceu até 1947, quando foi doado pelo Monsenhor José Maria Fernandes ao Museu Regional de São João Del-Rei.

Este órgão de tubos foi confeccionado no Brasil, no final do século XVIII, utilizando-se de técnicas manuais e matérias-primas locais, como jacarandá, cedro e pau pereira. Contudo, não há referências a seu construtor. O instrumento possui cinco registros de vozes, e um manual de quatro oitavas, sendo a primeira uma oitava curta.

a)

b)

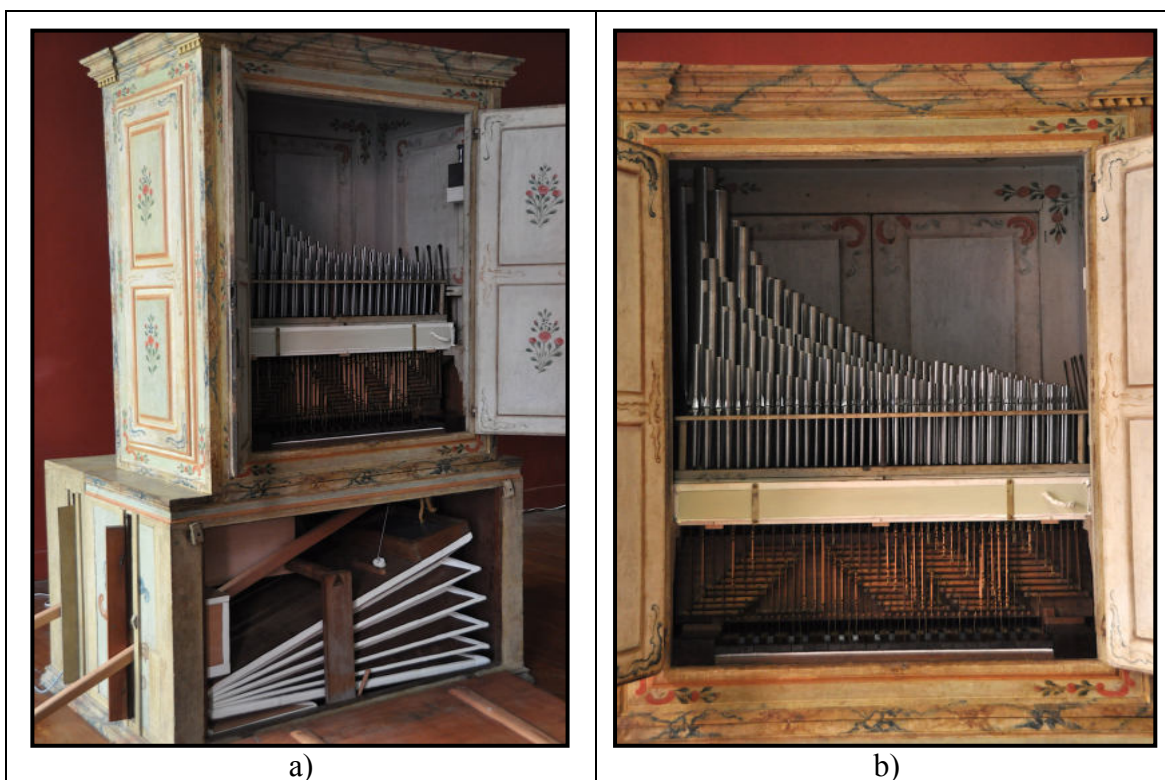



Figura 99: Órgão do Museu de São João Del Rei
Fonte: Foto de Adriana Neves – Santa Rosa Bureau Cultural[280].

O segundo exemplo, um órgão de tubos de armário pertencente à capela da Fazenda do Rio São João em Bom Jesus do Amparo, Município de Itabira. Esta fazenda, construída em 1791, tem importância histórica por ter sido residência do primeiro presidente da província de Minas Gerais, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, o Visconde de Caeté e por ter hospedado o Imperador Pedro I.

Também de construtor desconhecido, o órgão de tubos tem características do início do século XIX, e assemelha-se aos órgãos de tubos construídos pelo organeiro mineiro Athanasio Fernandes da Silva. Tem forma de armário, dividido em duas partes. O teclado possui quatro oitavas e duas notas. Seu fole é curvo, em pelica, e externo à caixa. A existência de órgão na capela denota o grau de cultura e riqueza de seus proprietários.

[280] Fotografias gentilmente cedidas por Joana Braga, do Santa Rosa Bureau Cultural.

a)

b)

c)

d)

Figura 100: Órgão da Capela da Fazenda do Rio São João, em Bom Jesus do Amparo

a) Vista da sede da Fazenda
b) Capela da fazenda com o órgão no coro
c) A caixa do órgão aberta
d) Tubaria, tábua de redução, someiro, e teclado do órgão de tubos

Fonte: Acervo centro de Documentação e Informação – IPHAN/MG.

2.12. ORGANEIROS NAS CRÔNICAS DE DOMINGOS DO LORETO COUTO

O cronista pernambucano Dom Domingos do Loreto Couto[281] (1700-1757) em *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco*, cita diversos músicos brasileiros que atuaram no Brasil Colonial e que se destacaram como instrumentistas, compositores, organistas e organeiros.

No Livro V, *Pernambuco Ilustrado com as Letras*, Capítulo 2º, intitulado "*Pessoas Naturais de Pernambuco, que Compuseram e não Imprimiram*", no Parágrafo 56, narra a musicalidade de Padre João de Lima, natural de Freguezia de Santo Amaro do Jaboatão, considerado um insigne músico de seu tempo como cantor e compositor. João Lima recebeu os aplausos da maioria dos professores da arte da música, além da fama que o levou a ser mestre da Catedral da Bahia, onde ensinou a música prática, como especulativa, fazendo muitos discípulos, que por sua vez se tornaram em mestres em todo Brasil. Retornando a sua terra, ocupou o mesmo cargo na Sé Catedral de Olinda. Segundo constatado pelo próprio Bispo de Pernambuco, Dom Mathias de Figueiredo e Mello, Padre Lima era tangedor de vários instrumentos cordas e de sopro[282] com perfeição, entre eles, o órgão (COUTO, 1902 [1757], p. 34). O cronista não cita a época em que viveu Padre João de Lima, contudo, considerando-se que foi no período do Bipado de Dom Mathias, o terceiro de Pernambuco, este relato remete ao período entre os anos de 1688 e 1695;

No mesmo Livro V, *Pernambuco Ilustrado com as Letras*, Capítulo 3º, intitulado "*Dos que pela sua rara habilidade sem ter mestre, de quem aprendessem foram insignes em alguas artes*", no Parágrafo 65, fala de Manoel Ignácio Valcacer, da Vila de Iguaçu. Segundo Loreto Couto assim narra: "Manoel Valcacer ve qualquer obra, e com perspicácia do seu juízo alcança os seus mistérios, e as imita com o último primor, e perfeição. Faz excelentes órgãos, e todo o gênero de instrumento de sopro, ou de cordas"[283]. O texto não aponta quando viveu Manoel Ignácio Valcacer.

---

[281] Domingos do Loreto Couto, cronista pernambucano, foi religioso da Ordem de São Bento e contemporâneo de Agostinho Rodrigues Leite. Sua obra *Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco* permaneceu inédita até início do século XX.

[282] Como músico prático tocava: pífaro, baixão, trombeta, viola, rebecão, cithara, thorba arpa, bandurrilha e rebeca.

[283] COUTO, 1902 [1757], p. 37.

2.13. MULHERES ORGANISTAS NO COLONIAL BRASILEIRO

Existem poucos registros de mulheres organista durante os Períodos Colonial e Imperial brasileiro. Diversos fatores sociais e religiosos justificam esta realidade. A princípio, no início da colonização, no século XVI, haviam poucas mulheres brancas portuguesas, durante o povoamento do Brasil. Em todo o Período Colonial, as mulheres possuíam poucos direitos individuais, como também eram impedidas de participavam da vida política; sendo restritas aos ambientes familiar e religioso. Determinadas vilas mantinham leis rígidas impedindo estas de saírem às ruas após às 18 horas, estando sujeitas à multas, se procedessem contrariamente à regra. Sua função limitava-se a cuidar da casa e dos filhos, estando subordinada a seu marido. Por estes motivos, as práticas musicais femininas limitavam-se às religiosas nos conventos, ou aos saraus musicais domésticos.

- **Organista do Convento de N. S. do Desterro da Bahia:** A abadessa deste Convento, em consulta ao Rei de Portugal, através do Conselho Ultramarino, pede licença para recolherem como religiosas duas moças, uma organista e uma harpista, visto que o Convento estava quase destituído de instrumentistas, por enfermidade de duas religiosas que tocavam harpa e órgão. Somente a organista entrou no Convento, a harpista contraiu casamento. O documento não cita o nome da organista, mas somente de seu pai, Manoel Roiz [Rodrigues], Pedreiro. O pedido foi deferido, sendo aprovado pelo Rei em 14 de novembro de 1710 (AUH – Bahia, cx. 6, doc. 536 / Documentos Históricos, 1952, vol. XCVI, p. 9).
- **Ermida de N. S. da Conceição – Mosteiro de Macaúbas (Sta. Luzia, Minas Gerais) –** Em 1714, Félix da Costa[284] funda a Ermida de Macaúbas. Em 1789, por Ato Régio de Dona Maria I, passa a Recolhimento. No século XIX, em 1847, se torna Recolhimento e Colégio, sendo o primeiro em Minas Gerais no ensino de meninas. Desde 1730 o Recolhimento de Macaúbas possuía um órgão de tubos. Em *Notícias do Princípio da Fundação deste*

[284] Felix da Costa era natural de Penedo, naquele tempo, Capitania de Pernambuco; hoje, Estado de Alagoas.

Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição do Monte Alegre do Sítio de Macaúbas Comarca do Sabará do Bispado de Mariana[285], assim o Bispo D. Frei Antônio de Guadalupe descreve a música nos Ofícios Divinos:

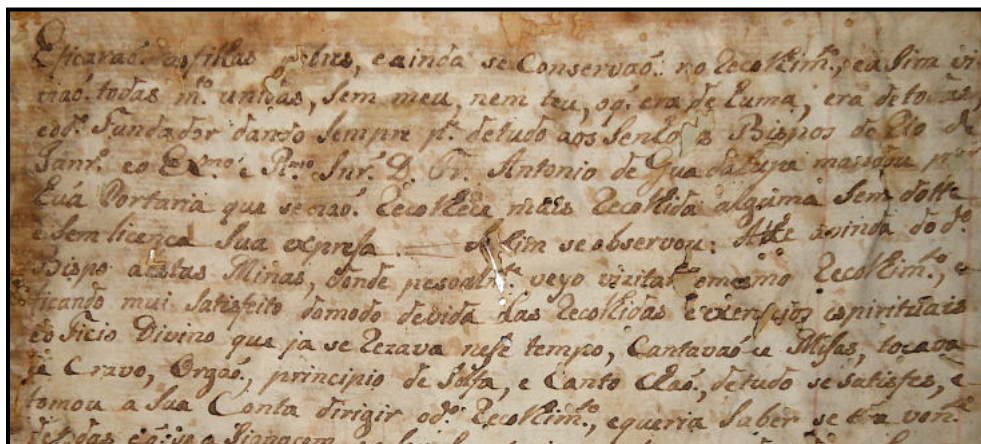



Figura 101: Órgão de tubos do Mosteiro de Macaúbas
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de Macaúbas – Minas Gerais[286].

> E ficaraõ as filhas pobres, e ainda se conservaraõ no Recolhim^{to}. [Recolhimento] e assim viviaõ todas m^{to}. [muito] unidas, [...] Assim se observou: athe [até] a vinda do dito Bispo a estas Minas, donde pessoalm^{te}. [pessoalmente] veyo vizitar o mesmo Recolhim^{to}. E ficando mui satisfeito domodo devida [de vida] das Recolhidas e exercicios espirituais e o Ficio Divino [Ofício Divino] que já se rezava nesse tempo, Cantavaõ-se Missas, tocava-se Cravo, Orgaõ, principio de solfa, e Canto Chão, de tudo se satisfes, e tomou a sua conta dirigir o d^{to} [dito] Recolhim^{to}." (Arquivo do Mosteiro de Macaúbas, 1789, fólio 4).

Este documento, datado de 18 de Julho de 1789, é uma cópia escrita por Anna Custodia de Jesus, Secretária e Escrivã, de documentos antigos deste Recolhimento, que dão noticias desde a sua fundação. Quanto ao organeiro, construtor deste instrumento, seu nome ainda é desconhecido. Este órgão foi utilizado, por um pouco mais de um século, pelas organistas desta instituição religiosa. O órgão de tubos não se encontra mais no coro da clausura da capela de Mosteiro de Macaúbas. Atualmente, nas dependências do

---

[285] Este documento foi redigido pela Irmã Anna Custodia de Jesus, secretária e escrivã do recolhimento em 1789.

[286] Por não encontrar-se os arquivos do Mosteiro de Macaúbas sendo inventariados, e portanto, ainda disponíveis à pesquisa, a historiadora do Museu Histórico Aurélio Dolabella, da Secretaria de Cultura e Turismo de Santa Luzia (MG), Maria Juscelina de Faria, gentilmente nos forneceu ao fotografia do documento.

Mosteiro, não se encontra mais alguma parte deste órgão de tubos e não se é conhecido seu destino. Existem peças e pedaços da caixa de dois harmônios antigos: *J. B. Cramer and Co. Ltd.* (1861-1921) e *Debain & Cie* (1809-1877)[287], fabricados na Inglaterra e na França, respectivamente. Neste último harmônio encontra-se escrito abaixo no nome do fabricante "*Médaille d'Or Paris 1878*, prêmio recebido em *l'exposition universelle de 1878*. Portanto, este harmônio somente foi adquirido pelo Mosteiro de Macaúbas após esta data. A compra destes harmônios indicam a ausência, ou mesmo o não funcionamento do órgão de tubos[288].

- **Anna Maria dos Santos Mártires Filha:** foi organista da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina no período de 1795 a 1806, quando faleceu. Sucedeu ao organista e compositor Américo Lobo de Mesquita. Segundo lançamento no Livro 1º, a organista Anna Mártires era cega:

> Aos sete dias domes de Junho de 1801 no consistório da Capella de N. S. do Carmo sendo [...] foi proposto pʳ. [por] parte desta dª. [dita] Ir, q'. ella desde o anno 95 se achava tocando o Orgaõ desta dª. Capella, sem salario algum, mais q'. por sua livre vontade servia a N. S., porem como he Pobre, e Cega pedia a esta Meza fosse servida atendela em mandar, reformar este Termo asima pʳ. Q'. ficasse ella eizenta pª. sempre da pagar os Annuais visto naõ ter prejuízo algu esta Ordᵐ [Ordem] [...] (LANGE, 1983, p. 311).

Anna Maria dos Santos Filha

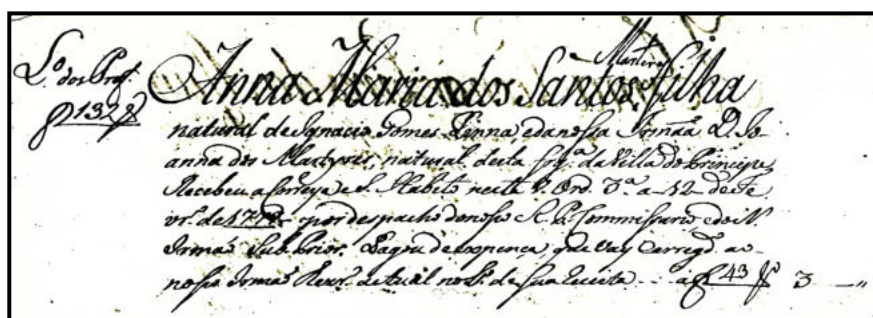



Figura 102: ***Livro dos Professos da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina***
Fonte: Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina.

[287] Do construtor de harmônios Alexandre-François Debain, de Paris.
[288] Durante o século XIX muias igrejas e ordens religiosas substituíram seus órgãos de tubos por harmônios, os órgãos de palheta.

Lo. [Livro] dos Prof. [Professos]
F. 132v [folio 132 verso]
Anna Maria dos Santos Martires Filha, natural de Ignacio Gomes Pinna, e da nossa Irmãa D. Joanna dos Martyres, natural desta Frg[a]. [Freguesia] da Villa do Principe. Recebeu a Correya do S. Habito nesta V. [Venerável] Ord. [Ordem] 3[a] [Terceira] a –12– de Fevr[o]. [fevereiro] de 1778 por despacho do nosso R. P. Commissario, e do N. [Nosso] Irmaõ Sub-Prior. Pagou de expença, que vay [vai] carregd[o]. [carregado] ao nosso Irmaõ Thezr[o]. [tesoureiro] actual no L. [Livro] da sua receita . . . a f 43v.

- **Amélia de Mesquita (1866-1954)** – Natural do Rio de Janeiro, foi estudar na Europa em 1877, quando se aperfeiçoou em órgão com organista e compositor césar Franck, retornando ao Brasil em 1886. Foi Catedrática de Órgão no Instituto Benjamim Constant por vinte e cinco anos. Foi a primeira musicista brasileira a compor uma missa completa (BRASIL, 2000, p. 45).
- **Argentina Barbosa Viana Maciel (1888-1970)** – Natural do Recife, foi organista da Igreja Matriz de Pesqueira, que veio a se tornar Catedral de Santa Águeda. Também atuou como compositora, professora de piano. Argentina Maciel fundou uma escola de piano e encenou operetas. Foi professora de Padre Jaime C. Diniz (1924-1989). Após a morte de seu marido, Argentina Maciel transferiu-se para a Cidade de Olinda, em Pernambuco (BRASIL, 2000, p. 87).

2.14. ARTE ORGANÍSTICA DOS ESCRAVOS, NEGROS E DOS ÍNDIOS

Durante os Períodos Colonial e Imperial Brasileiros, a arte da música foi considerada como pertencente aos europeus, ou a seus descendentes nascidos na colônia. Os índios e negros escravos eram considerados raças de inferior capacidade musical por estes europeus. Contrariando estas suposições, documentos e relatos de viajantes e de cronistas revelam um a realidade antagônica a esta. Entretanto, documentos, crônicas e relatos de época mostram uma realidade antagônica à visão e apreciação dos europeus.

O cronista franciscano Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, em sua obra Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil, Volume 1, Parte 1, no Capítulo VII "*Do mais, que obraraõ do Fundadores depois que entraraõ em o novo Convento*", quando da fundação do Seminário e abertura do noviciado

em Olinda, em 1586, sendo erigido para recolhimento dos novos convertidos e um educandário para o ensino dos filhos dos índios.

> **136.** [...] E porque esta gente he naturalmente inclinada á musica, em que passavaõ a vida em cantos, e bailes a seu modo rustico, lhes buscaraõ Mestres, que os ensinassem a cantar, e tanger os instrumentos, que na Igreja Catholica se uzaõ, que foy de grande importancia para a conversaõ de muitos [...] (JOBOATAM, 1859, p. 150)
>
> **137.** Para tudo linbaõ bastante, e exemplar incentivo no que vião áquelles Religiosos seus Mestres, e Directores. Eraõ contínuos nas lunçoens do Choro; gostavaõ os índios de os ouvir cantar os Divinos louvores, e com poucas liçoens entoavaõ juntamente com os Religiosos as Missas Solemnes, Ladainhas, e outras simiIhantes funçoens Sagradas, elogo houve entre elles muitos, e muy destros no canto do Orgaõ, e hum, chamado Francisco, era bastantemente contraponlista, e punhaõ as letras á solfa em a nossa lingua, que aprendiaõ com facilidade, e tambem na sua, convertendo nesta muitas das suas Gentilicas cantilenas em encomios Divinos, e era certamente muito para dar graças a Deos ver em taõ pouco tempo a hum Indiozinho com destra harmonia entoar louvores ao Senhor na sua barbara linguagem, que sendo suave aos ouvidos, só Deos se sabia entender com ella, e só ellei a podia entender (JOBOATAM, 1859, p. 151).

O cronista pernambucano Dom Domingos do Loreto Couto[289] (1700-1757) em *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco*, no Tomo I, Livro I, Capítulo 7º, intitulado "*Mostra se como os índios do Brasil não são privados das virtudes intelectuais*", no Parágrafo 82, o autor trata sobre a maneira que os europeus viam os índios, julgando-se agir não tanto pela razão, mas por instinto. Assim diz o texto:

> [...] O Illmº. Palafoz, nao se contenta com a igualdade da sua, a nossa capacidade, pois no memorial que apresentou a ElRey em favor dos Americanos das Índias de Castella, intitulado Retrato natural dos Índios, diz que excedem aos Europeus. Aly conta de hum Indio que chamavao Seis officios, porque outros tantos sabia com perfeição. De outros que aprendeo a organista em poucos dias; de outro que com quinze dias soube tocar bem esse instrumento. Refere alguãs subtilesas, em que mostrão a sua rara habilidade. Mas para que he buscar exemplos em Authores, nem dos Indios do Peru, e Mexico se os temos em nossos do Brazil (COUTO, 1902 [1757], p. 42).

Escrito entre os anos de 1757 e 1776, a obra do Padre João Daniel *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*, 4ª parte, no Capítulo 13º, intitulado "*Da indústria, com que os índios tiram fogo, e fabricam a sua louça*", corrobora com a afirmação acima, ao tratar

[289] O cronista pernambucano Domingos do Loreto Couto foi religioso da Ordem de São Bento e contemporâneo de Agostinho Rodrigues Leite. Sua obra *Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco* permaneceu inédita até início do século XX.

sobre as terras do Amazonas:

> [...] sirva para os curiosos esta noticia: O ilustríssimo senhor Palafoz falando dos índios da América não se contenta com os igualar na capacidade aos europeus, pois em um memorial que apresentou a El Rei em favor daqueles vassalos intitulado Retrato Natural dos Índios – diz que nos excedem. Ali conta de um índio, que conheceu Sua Ilustríssima a quem chamavam – Seis ofícios, porque outros tantos sabia com perfeição. De outro que aprendeu o de organista em 5 ou 6 [roto manuscrito] com observa as operações do mestre sem que este lhe desse documento algum. De outro, que em 15 dias se fez organista [...] (DANIEL, 1975, vol. 95, tomo II, p. 94).

Nos arquivos documentais da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro encontra-se uma carta dos oficiais da Câmara da Vila de São José, dirigida ao governador Luís António de Sousa Botelho Mourão, datada de 22 de Janeiro de 1770, comunicando falecimento do organista daquela câmara. Neste mesmo oficio é solicitado que se mandasse recolher o índio que fora mestre do dito organista para reger os meninos do coro paroquial. (Arquivo de Mateus Microfilme 24 – 1 p. Original. I-30, 22, 13 nº 2).

Em *Descrição Geográfica da Capitania do Matogrosso*, ano de 1797, do Conselheiro Antônio de Meneses Vasconcelos de Drummond, publicado na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, ao tratar dos índios nas missões no Rio Mamoré, na confluência com o Rio Guaporé, assim narra:

> Estas missões do Mamoré, com as dos Baures, Itomanas e Beny, formam toda a província de Mochos, habitada por 22 ate 23,000 almas. [...] os índios que a povoam são polidos, valentes e industriosos, bons oficiais de fundidores, escultores, organistas e outros misteres; (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1857, tomo XX, p. 246)

Uma das facetas da música colonial brasileira está relacionada com a catequese dos índios brasileiros. Os Jesuítas foram os primeiros a se estabelecer efetivamente em 1549, juntamente com o grupo que veio fundar a Cidade Salvador, na Bahia. O sucesso dessa Ordem Eclesiástica na catequese se deve ao uso da música instrumental, para atrair o interesse dos índios, e ao canto, na função missionaria. Posteriormente, os Jesuítas fundaram colégios e seminários.

No século XVIII, os Jesuítas criaram no Rio de Janeiro, na fazenda de Santa Cruz, uma espécie de conservatório de música destinado ao preparo musical dos negros. Na obra *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, Tomo II, publicado em

1822 pelo geógrafo e estatístico italiano Adriano Balbi (1782-1848), o autor comenta sobre essa instituição que pode ser considerada primeiro conservatório do Brasil.

> [...] uma espécie de conservatório de música estabelecido há muito[290] nos arredores do Rio de Janeiro, e destinava-se apenas a formação de negros na música. Essa instituição é devido aos jesuítas [...] com a vinda do rei para Rio de Janeiro [1808], Santa Cruz foi convertido em casa real. Sua Majestade [Dom João VI] e toda a corte foi tomada de espanto, a primeira vez que assistiram à missa na Igreja de Santo Inácio de Loyola em Santa Cruz, pela perfeição com a qual a música vocal e instrumental foi executada por negros de ambos os sexos, que eram perfeitos nessa arte, devido ao método introduzido há vários anos pelos antigos proprietários desse domínio, e que felizmente estavam preservados. Sua Majestade, que ama a música, quis tomar parte dessa circunstância. Estabeleceu escolas de primeiras letras, de composição musical, de canto e de diversos instrumentos em sua casa de campo, e conseguiu, em pouco tempo, formar muito hábeis instrumentistas e cantores entre os negros (BALBI, 1822, T. II, p. Ccxiii).

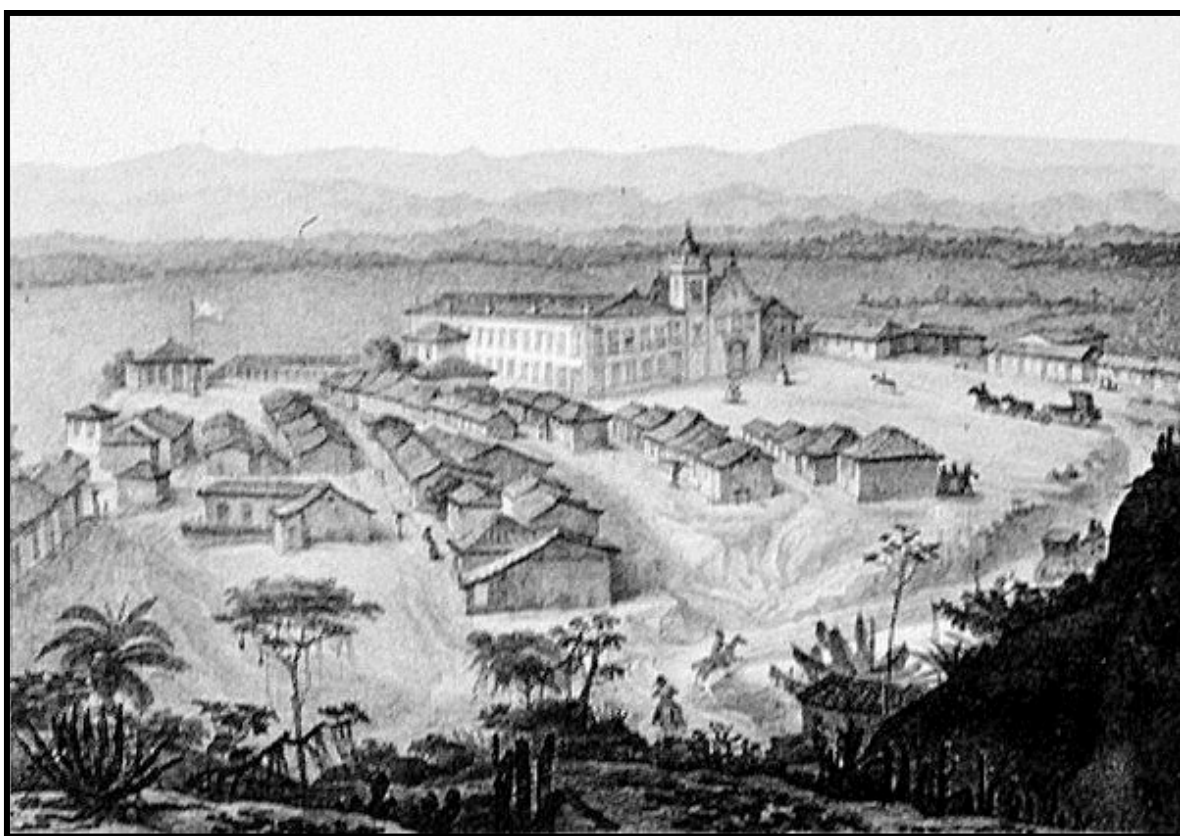



Figura 103: Sede da Fazenda de Santa Cruz em 1816, por Jean Baptista Debret
Fonte: www.cafehistoria.ning.com.

[290] A Companhia de Jesus recebeu essa propriedade por doação em 1590 (LEITE, 2004, Tomo I, Livro IV p. 148).

Esta abertura ao estudo musical dos negros, vem do Visitador Cristóvão de Gouveia, em 1586, que determinou que, depois da escola dos meninos índios, se ensinasse "a cantar aos que parece teem habilidade para isso, havendo quem o saiba fazer"[291]. Segundo Serafim Leite, em *História da Companhia de Jesus*, assim expõe sobre o dito conservatório:

> Estes primitivos "conservatórios" admitiram, com o andar do tempo, os negros à mesma aprendizagem. Assim se explica o fato de D. João VI, ao chegar ao Brasil, se admirar tanto da perfeição com que os negros executavam a música vocal e instrumental (LEITE, [1938] 2004, Tomo II, Livro I, Capítulo V, p. 260).

Esta afirmação de Serafim Leite está fundamentada na obra de *Aspecto da Artes Brasileira Colonial*[292], de Antonio da Cunha Barbosa quando afirma: "Os jesuítas criaram em um arrabalde do Rio de Janeiro, Santa Cruz, uma espécie de conservatório de música destinado a preparar os negros".

Eram muitos os músicos negros na Capitania das Minas Gerais durante os oitocentos. Em 1780, o Intendente da Fazenda, José João Teixeira Coelho, em seu informe ao Rei de Portugal sobre a situação desta Capitania, faz referência aos músicos-mulatos: "[...] aqueles mulatos que se não fazem absolutamente ociosos, se empregam no ofício de músicos, os quais são tantos na Capitania de Minas, que certamente excedem o número dos que há em todo o Reino"[293].

Existiram, na Minas Gerais Colonial, negros e mulatos que eram organistas. O Ouvidor de Sabará, Antônio Luiz Pereira da Cunha, em visita ao Santuário do Caraça em 1806 cita em sua carta: "[...] concluiu a dita capela, pondo-lhe dentro um Altar-Mor, dois Púlpitos e um coro, onde tem um pequeno Órgão e Piano forte, que, com surpresa e prazer, ouvi tocar por um preto escravo da mesma casa [...][294]". No século XIX, o Reverendo James Cooley Fletcher (1823-1901)[295] em visita a casa do Barão de Berthioga, em

---

[291] LEITE, [1938] 2004, Tomo II, Livro I, Capítulo V, p. 260.

[292] Publicado na Revista do Instituto Brasileiro, N. 61, 1ª P, (1898), p.144.

[293] Arquivo Público Mineiro, Códice 100, fólios 24 e 24 verso, 1752-1753.

[294] ZICO, 1983, p. 42.

[295] Missionário presbiteriano norte-americano chegou ao Brasil em 1851 e Manteve contatos com D. Pedro II. Lutou em favor da liberdade religiosa, da emancipação dos escravos e da imigração protestante. Ele escreveu o livro *O Brasil e os Brasileiros* (1857).

Paraibuna, Minas Gerais, comenta de sua surpresa ao ouvir uma orquestra toda composta por negros e um deles sentado ao órgão[296].

A denominada “música colonial Brasileira”[297], composta ou executada no Brasil entre 1500 e 1822, seguia os moldes da música europeia, especificamente da música portuguesa, seja ela a música profana (das festas, das casas, da corte, do teatro e das ruas), ou a música sacra (da igreja e das ordens religiosas).

A princípio, vieram os padres músicos, que trouxeram o ensino musical nas sés catedrais e igrejas matrizes. Assim, muitos músicos de Portugal vieram atuar no Brasil, no ensino e na prática musical. Por outro lado, músicos brasílicos foram estudar em Portugal. Cita-se o músico-regente Pedro Nolasco de Azevedo, natural do Arraial do Tijuco, que regressou de Lisboa em 1777, onde teve sua formação musical[298].

A maior parte da música composta e praticada no Brasil Colonial estava ligada a música religiosa, praticada nas sés catedrais, matrizes, e capelas. A maior ou menor quantidade estava diretamente associada ao crescimento ou declínio econômico; como os citados ciclos do açúcar (nordeste, nos séculos XVI e XVII), da mineração (Capitania das Minas Gerais, século XVII) e o da borracha (Amazônia, que teve seu auge entre 1879 e 1912).

A partir do século XIX, como resultado da decadência da mineração na Capitania das Minas Gerais, poucos órgãos de tubos ainda foram construídos e mantidos nas igrejas, matrizes e capelas. Com a vinda da Família Real Portuguesa e a transferência de toda a Estrutura Governamental, como também da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, foram realizados investimentos em órgãos de tubos, músicos e na produção musical para a Real Capela do Rio de Janeiro, que foi transferida de Portugal para o Brasil. A qualidade e preocupação com o Culto Divino ainda se manteve durante o Período Imperial Brasileiro, contudo, já não haviam grandes recursos para se manter a mesma qualidade do Culto Divino da Capela Real, atributo próprio das várias Dinastias do Reino de Portugal.

---

[296] MOURÃO, 1990, p. 117.
[297] Referimos como a música hoje chamada erudita.
[298] Arquivo Ultramarino, Códice 803, fólio 194 verso.

3. CAPÍTULO 3: OS MOSTEIROS BENEDITINOS BRASILEIROS

3.1. A ARTE ORGANÍSTICA NA LITURGIA BENEDITINA

A arte é um elemento presente na liturgia desde os tempos do Velho Testamento, sendo adotado pela igreja cristã primitiva, e tomando maior importância a longo da história do cristianismo. Dentro do espaço eclesiástico a arte toma uma dimensão funcional e didática, manifestando esteticamente a simbologia sacra e os conhecimentos bíblicos através de diversas áreas, sejam elas através da arquitetura, escultura, iconografia, pintura e da música.

Ora et Labora é a súmula da vida monástica de um beneditino, expressa através dos Ofícios Divinos no coro, e do serviço da pregação, e dos estudos. Assim se resume o espírito da Regra de São Bento (*Regula Sancti Benedicti*)[299]. Quanto às suas atividades, podem ser classificadas em externas e internas. As atividades externas referem-se à vida de apostolado, aos trabalho e atividades fora da clausura. Por outro lado, as atividades internas se relacionam à vida monástica ordinária, o *Opus Dei*, a Obra de Deus, e à vida litúrgica, ou seja, à vida contemplativa. Enquanto Província Beneditina Brasileira, do século XVI ao início do século XIX, os beneditinos deram preferência à vida contemplativa.

Dois elementos são importantes para a Ordem Beneditina, a liturgia e a arte. Desde de sua fundação a Congregação Beneditina Portuguesa, como também a Congregação Beneditina Brasileira, restringiram a prática musical litúrgica ao cantochão e ao canto d'órgão, e em alguns momentos da liturgia, à música instrumental. Os Mosteiros Beneditinos se destacaram como centros de ensino, de produção e prática musical em seus quatro séculos de existência em Portugal. Neste sentido tiveram um papel de mérito na história da música sacra em Portugal e no Brasil.

---

[299] Fundador da Ordem Beneditina, segundo historiadores beneditinos, São Bento era natural da Núrcia (Itália), e viveu entre os anos 480 a 547. Desde a época de Carlos Magno (768-814), três grandes regras são observadas no ocidente: a Regra de São Bento, para os monges; a Regra de Santo Agostinho, para os cônegos; e a Regra de São Basílio (base do monaquismo oriental), na Itália do sul. No IV Concílio de Latrão (1215) foram proibidas novas regras e todos os religiosos foram obrigados a se colocarem sob as Regras de São Bento ou de Santo Agostinho. A Regra de São Bento contém seus preceitos, objetivos e maneira de viver; além de ter sido um guia para todas as comunidades cristãs da Cristandade Católica Romana. A regra de uma ordem religiosa é seu documento constitutivo (QUINSON, 1999, p. 262). Para se realizar um estudo coerente sobre uma ordem religiosa, é fundamental conhecer e compreender sua regra.

No Coro Alto do Mosteiro de São Martinho de Tibães, em Portugal, encontra-se uma imagem iconográfica que demonstra a importância da música nos Ofícios Divinos da Ordem de São Bento.

Figura 104: A imagem iconográfica no Coro Alto do Mosteiro de Tibães
Fonte: Acervo fotográfico do autor – 2012.

À esquerda da imagem iconográfica encontra-se um abade beneditino

mitrado[300] e com o báculo[301] segurando com a mão direita um Quadrante de Gunter[302], e com a mão esquerda segura um órgão de tubos portativo, simbolizando os momentos em que o serviço litúrgico é celebrado através das Horas Canônicas[303]. À direita da imagem iconográfica, o Abade beneditino, sem a mitra, sustenta com seu braço esquerdo o báculo e uma partitura com pentagramas. Com sua mão direita, segura a "Mão Guidoniana" de Guido d'Arezzo[304]. Dessarte, esta imagem sugere o aprendizado e o preparo musical para os Oficios Divinos.

A Regra de São Bento reserva onze capítulos que tratam especificamente dos Ofícios Divinos: 8 – Dos Ofícios Divinos durante a noite; 9 – Quantos salmos devem ser ditos nas Horas noturnas; 10 – Como será celebrado no verão o louvor divino; 11 – Como serão celebradas as Vigílias aos domingos; 12 – Como será realizada a solenidade das matinas; 13 – Como serão realizadas as matinas em dia comum; 14 – Como serão celebradas as Vigílias nos natalícios dos Santos; 15 – Em quais épocas será dito o Aleluia; 16 – Como serão celebrados os ofícios durante o dia; 17 – Quantos salmos deverão ser cantados nessas mesmas horas; 18 – Em que ordem os mesmos salmos devem ser ditos; 19 – Da maneira de salmodiar. Destes, destaca-se o 16º Capítulo que determina a horas dos Ofícios diariamente:

> **CAPÍTULO 16 – Como serão celebrados os ofícios durante o dia.**
>
> **[1]** Diz o Profeta: "Louvei-vos sete vezes por dia". **[2]** Assim, também nós realizaremos esse sagrado número, se, por ocasião das Matinas, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas, cumprirmos os deveres da nossa servidão; **[3]** porque foi destas Horas do dia que ele disse: "Louvei-vos sete vezes por dia". **[4]**

[300] Não é possível afirmar se este abade beneditino da iconografia é, ou representa, São Bento.
[301] Báculo é um bastão com a extremidade superior arqueada, usado pelos bispos e abades, simboliza o cajado do pastor que apascenta seu rebanho espiritual.
[302] Criado por Edmund Gunter (1581-1626), matemático e inventor, o Quadrante era feito de bronze ou madeira. Uma de suas funções é marcar as horas do dia usando a luz do Sol, calculadas pelo nascer e pelo por do Sol. Durante a noite, são usadas algumas estrelas como referência. A partir do século XVI, passou a ser usado nas navegações pelos portugueses. Existia também o Relógio de Missa, ou Relógio Canônico, trata-se de um relógio de Sol cuja escala indica as Horas Canônicas, o chamado "tempo de Deus", e não o número das horas, sendo muito comum no Período Medieval em igrejas, mosteiros e conventos.
[303] O mesmo que Horas do Ofício Divino.
[304] A "Mão Guidoniana", de Guido d'Arezzo trata-se de um sistema mnemônico para o ensino da leitura musical, em que os nomes das notas correspondiam a partes da mão humana. Foi o criador do tetragrama e dos nome das notas musicais.

> Quanto às Vigílias noturnas, diz da mesma forma o mesmo profeta: “Levantava-me no meio da noite para louvar-vos”. **[5]** Rendamos, portanto, nessas horas, louvores ao nosso Criador “sobre os juízos da sua justiça”, isto é, nas Matinas, Prima, Terça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas; e à noite, levantemo-nos para louvá-Lo (BENTO, 2008, P. 41).

No decorrer desse capítulo, serão tratados especificamente a respeito do órgão de tubos nos Ofícios Divinos, quando serão focados sua importância e seu uso nas liturgias.

3.1.1 ORGANEIROS A SERVIÇO DA ORDEM SÃO BENTO

Destacam-se dois organeiros concernentes a arte organística beneditina. Primeiramente, o monge beneditino François Lamathe Bédos de Celles de Salelles (1709-1779), conhecido como Dom Bédos de Celles, foi construtor de órgãos de tubos e teórico pertencente à *Académie Royale des Sciences de Bordeaux*. Entrou para a ordem beneditina em 1726, na Congregação de Saint-Maur em Toulouse; viveu em várias abadias e mosteiros pela França, passando seus últimos 20 anos de vida em Paris; faleceu na Abadia de Saint-Denys (França). Dom Bédos construiu seis órgãos entre os anos de 1748 e 1760, existindo ainda outros dois ou três a ele também atribuídos. É de sua autoria a monumental obra intitulada *A Arte de Construção de Órgãos* (*L'art du facteur d'orgues*), publicada em 1758 e considerada o principal tratado sobre organaria.

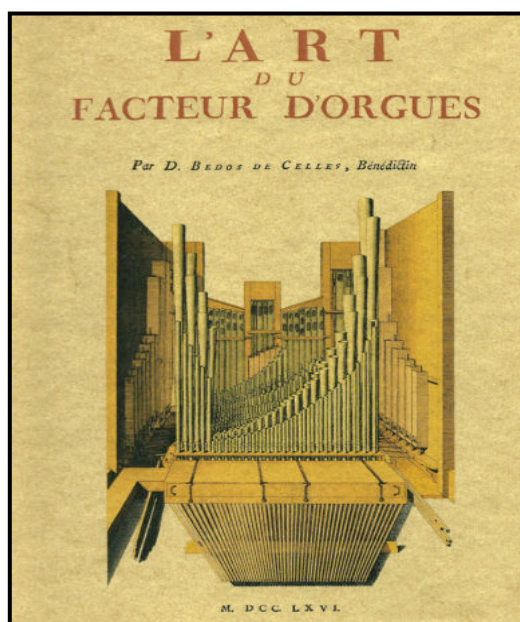



Figura 105: ***A Arte de Construção de Órgãos***
Fonte: BEDOS DE CELLES, [1766] 2010.

Segundo o prefácio, a obra é dividida em quatro partes[305]:

1. **Primeira Parte**, dividida em seis capítulos, trata do conhecimento do órgão de tubos e de seus mecanismos;
2. **Segunda Parte**, dividida em onze capítulos, trata da prática da construção do órgão de tubos;
3. **Terceira Parte**, dividida em quatro capítulos, instrui os organistas em tudo que possa ser de sua competência, segundo a construção (fabricação) do órgão de tubos, contido em seus quatro capítulos;
4. **Quarta Parte**, dividida em sete capítulos, trata da descrição e identificação dos órgãos de tubos próprios para grandes e pequenos concertos. Descreve a Sirinette, os órgãos de manivela e uma ampla explicação sobre a notação dos cilindros dos órgãos.

No Brasil, destacou-se no século XVIII o organeiro Agostinho Rodrigues Leite[306], construtor de diversos órgãos de tubos para os Mosteiros Beneditinos Brasileiros, assim como também em igrejas e ordens terceiras. Nascido Vila do Recife, Pernambuco, em 22 de agosto de 1722. Nada apurou-se sobre sua formação na arte da organaria, assim como não foi encontrado em arquivos brasileiros e portugueses algum documento que comprovasse sua viagem a Portugal para receber alguma formação em organaria.

Contudo, a fama de Agostinho Rodrigues Leite como construtor de órgãos de tubos é relatada pelo cronista pernambucano Dom Domingos do Loreto Couto[307] (1700-1757) em *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco.* No Livro V, Capítulo III, intitulado "*Dos que pela sua rara habilidade, sem ter mestres, de quem aprendessem foram insignes em algumas artes*", no Parágrafo 63, o autor louva a engenhosidade do organeiro pernambucano na arte da construção de órgãos. De acordo com Loreto Couto, eram instrumentos "primorosíssimos" e de preço muito inferior ao seu devido valor.

---

[305] Tradução do francês por Marcos Pereira Feitosa, adaptação pelo autor.

[306] Também grafado como Agostinho Roiz' Leite, ou Agostinho Rodriguez Leyte.

[307] Domingos do Loreto Couto, cronista pernambucano, foi religioso da Ordem de São Bento e contemporâneo de Agostinho Rodrigues Leite. Sua obra *Desagravos do Brasil e Glória de Pernambuco* permaneceu inédita até início do século XX.

63. Agostinho Rodrigues Leite, nasceo no Recife em 22. de Agosto de 1722, sendo seus Pays João Rodrigues Leite, Familiar do Santo Officio, e sua mulher Anna Teixeira Leite. He dotado de hum peregrino En:genho, sem outro Mestre que a propria penetração faz excellentes Or:gaõs, e para os Templos da Patria, e da Bahia os tem feito primorosissi:mos. Ao mesmo tempo que exercita esta rara habilidade, mostra que se naõ cega do interesse dando a suas obras preço muito inferior ao seu devido valor.

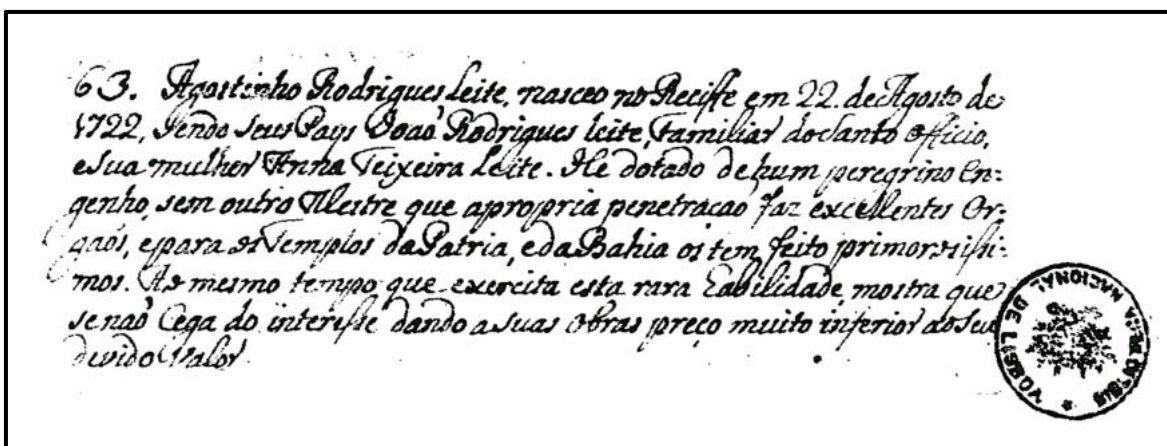



Figura 106: Agostinho Rodrigues Leite em *Desagravos do Brazil* – Parágrafo 63 – folio 401
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Nacional de Portugal – BNP.

> 63. Agostinho Rodrigues Leite nasceo no Recife em 22 de Agosto de 1722, tendo seus Pays João Rodrigues Leite, Familiar do Santo Officio, e sua mulher Anna Teixeira Leite. He dotado de hum peregrino engenho, sem outro Mestre que a propria penetração faz excelentes orgaõs e para os Templos da Patria[308], e da Bahia os tem feito primorosissimos. Ao mesmo tempo que exercita esta rara habilidade, mostra que se não cega do interesse dado a suas obras preço muito inferior ao seu devido valor (COUTO, 1757, f. 401).

Considera-se Agostinho Rodrigues Leite um dos mais importante organeiro brasileiro setecentista. O organeiro pernambucano construiu diversos órgãos de tubos em Pernambuco, Recife e Olinda; na Bahia, em Salvador; e no Rio de Janeiro. Sua obra na arte organística pode ser comprovada nos livros de registros das igrejas, irmandades e mosteiros de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro. O primeiro órgão de tubos de Agostinho Rodrigues Leite, segundo a *Crônica do Mosteiro de São Bento de Olinda*, de Fr. Miguel Arcanjo da Anunciação, foi construído no governo[309] do Abade Fr. Salvador dos Santos, no período entre os anos de 1746 e 1750, quando Agostinho Rodrigues Leite tinha aproximadamente vinte e oito anos de idade. Segundo o cronista, esse novo instrumento foi instalado em uma das tribunas do lado do Evangelho: “o orgaõ novo foi o pr^{o}. [primeiro] q’. em sua vida fez o organeiro Agostinho de tal, o qual taõbem foi author deste que agora temos, em q’. reformou vários defeitos do Primr^{o}. [primeiro] (ANUNCIAÇÃO, 1940, p.

---

[308] Neste caso, o termo “Pátria” era usado para designar a origem da pessoa, neste caso, se refere à Capitania de Pernambuco. Para os beneditinos, que possuem o Livro das Pátrias que registra a terra de origem dos monges.

[309] Os abades governavam pelo período de três anos, podendo ser reeleitos.

118). De sua obra na organaria, somente sobreviveu um exemplar, o conhecido como o "Órgão da Coroa", assentado no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro[310].

Na história da arte organística no Brasil foi posto Agostinho Rodrigues Leite, da Capitania de Pernambuco, como o primeiro organeiro nascido em terras brasileiras. Entretanto, documentos citados neste trabalho comprovam a existência de outros organeiros, quando da vinda de mestres da Corte de Lisboa, primeiras décadas do século XVIII para a instalação e posterior conserto do órgão da Sé da Bahia. Quanto à sua formação nessa arte, pode-se pressupor que tenha adquirido por sua engenhosidade ao estudar os órgãos vindos de Portugal, assim como também através dos organeiros portugueses quando viam instalar os órgãos na colônia, e dos discípulos aqui formados. Neste período da história, o aprendizado dos ofícios era feito pela relação de mestre-discípulo. O excerto retirado da Crônica de Fr. Anunciação declara que "reformou vários defeitos do primeiro" órgão que construiu para o Mosteiro de Olinda. O primeiro órgão de tubos foi construído antes de 1750 e o segundo em 1775, vinte e cinco anos depois, período no qual houve um grande aperfeiçoamento por parte de Agostinho Rodrigues Leite, pois eram vários defeitos apontoados na crônica.

Citam-se a seguir, trabalhos realizados por Agostinho Rodrigues Leite, segundo levantamento de Jaime C. Diniz, em *Músicos Pernambucanos do Passado*:

- **Mosteiro de São Bento de Olinda:** construiu vários órgãos para o Mosteiros. Trataremos especificamente sobre os órgãos posteriormente;
- **Capela de N. S. da Boa Viagem no Recife:** construiu um órgão por volta de 1743, e deu manutenção ao mesmo;
- **Igreja de São Pedro Apóstolo no Recife:** provavelmente construiu um "grande órgão" em data anterior a 1760;
- **Igreja do Carmo do Recife:** construiu um órgão, provavelmente antes de 1760;

[310] No último capítulo está incluído um estudo de caso deste órgão de tubos.

- **Ordem Terceira do Carmo de Salvador:** construiu um órgão em 1769. Segundo D. Clemente Maria da Silva Nigra, tratava-se de um "grande órgão".
- **Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro:** órgão construído em 1773[311].

Além de construtor de órgãos de tubos, o organeiro Agostinho Rodrigues Leite também consertou esses instrumentos. Encontram-se em livros de registros de despesas nas igrejas de Recife e Olinda diversos lançamentos de reformas e consertos em órgãos de tubos. Citam-se alguns deles (DINIZ, 1969, p. 119):

- **Igreja Matriz de N. S. da Boa Viagem do Recife –** o primeiro registro de pagamento data de 1747, no *Livro de Receitas e Despesas* (1743-1805): "P. [por] dr^{o}. [dinheiro] que se deo a Augostinho Roiz do Concerto do orgaõ..................20$000" (DINIZ, 1969, p. 110).
- **Igreja da Ordem Terceira do Carmo do Recife –** No Livro de Contas Gerais (1766-1827), constam alguns gastos com o órgão da igreja. O primeiro deles no ano contábil de 1766-1767 cita no folio 31: "Dinheiro que se despendeu para pagar ao Ir. Agostinho Rodrigues Leite a reedifição? Que fêz no orgaõ pondo-lhe todo o necessário".

Certamente Agostinho Rodrigues Leite possuía sua oficina de fabricação de órgãos de tubos instalada em Pernambuco. A princípio, não se pode afirmar precisamente se na Vila do Recife ou em Olinda. No *Livro 23 de Entradas de Irmãos*, desde 1725, no folio 99 verso, cita Agostinho Rodrigues Leite como morador da Vila do Recife (DINIZ, 1969, p. 106). Corrobora com essa afirmação o fato que o organeiro somente participou de Irmandades desta Vila, o que leva a pressupor que sua oficina de organaria estava instalada na Vila do Recife.

Agostinho Rodrigues Leite tinha seu tempo dividido entre a organaria e o Posto de Sargento Mór das Entradas de uma das Companhias da Vila do Recife, Capitania de Pernambuco. Em 1769, através do requerimento a seguir, é solicitada a promoção de

[311] Sobre este órgão trataremos posteriormente, no subcapítulo reservado ao Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, através de um estudo de caso.

Agostinho Rodrigues Leite a Capitão de Infantaria da Ordenança de uma das Companhias desta Vila. Este documento encontra-se lavrado no *Livro 22 de Registo Geral de Mercês de D. José I*, no folio 387, na Torre do Tombo.

387

Agostinho Roiz Leyte

Sua Mag.de tendo respeito ao d.o Agostinho Rodrigues Leyte estar provido na conformid.e da Real Ordem de 22 de Março de 1766 pello Conde de Villa Flor, Governador e Cappitão Gen.al da Capitania de Pernambuco no Posto de Capp.am de Infantaria da Ordenança de huma das Companhias da V.a do Recife, de que he Capp.am Mor João Baptista de Vasconcellos, e vago por promoção de Verissimo Machado Fr.e q. o servia a Capp.am do Novo Terço de Infantaria Auxiliar, atendendo a haver servido com satisfação o d.o Agostinho Rodrigues Leyte na Ordenança da d.a V.a do Recife, e no Posto de Sargento mor da Entrada, e a ser pessoa Nobre e abastada de bens e de honrado procedimento e se esperar delle q. da mesma sorte se haverá daqui em diante em tudo o de que for encarregado do Real Serviço: Há por bem fazer lhe m.ce de o confirmar no Posto de Capp.am de Infantaria da Ordenança de huma das Companhias da V.a do Recife de Pernambuco de q. he Capp.am mor João Baptista de Vasconcellos, e vago por promoção de Verissimo Machado Fr.e e com o d.o Posto não haverá soldo algum da Real Fazenda, mas gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, isenções e franquezas q. em razão delle lhe pertencerem. De q. lhe foi passada Carta a 2 de M.co de 1769.

Figura 107: Pedido de Promoção de Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Torre do Tombo – PT-TT-RGM-D-22_c0001 – Fólio 387.

Agostinho Roiz Leyte

Sua Mag[de]. [Majestade] tendo respeito ao d[to]. [dito] Agostinho Rodrigues Leyte estar provido na Conformid[de] da Real Ordem de 22 de Março de 1766 pello Conde de Villa Flor[312], Governador e Capitaõ Ger[al]. [Geral] da Capitania de Pernambuco no Posto de Capp[am]. [Capitão] de Infantaria da Ordenança de huma das Companhias da V[a]. [villa] do Recife, de que hé Capp[am]. Mor Joaõ Baptista de Vasconcellos, e vagou por promoçaõ de Verissimo Machado Fr[e]. [Freire] q'. o servia a Capp[am]. Do Novo Terço[313] de Infantaria auxiliar, atendendo a haver servido com satisfaçaõ o d[to] [dito] Agostinho Rodrigues Leyte na ordenanças a dta. V[a]. de Recife e no Posto de Sargento Mór das Entradas, e a ser pessoa Nobre, e atastada de bem, e de honrrado procedimento, e por esperrar dele q'. da mesma sorte se haverá daqui em diante em tudo o deque for encarregado de Real Serviço. Há por bem fazer lhe m[e]. [mercê] de o confirmar no Posto de Capp.[am] de Infantaria da Ordenança de huma das Companhias da V[a]. de Recife de Pernambuco de q'. hé Capp[am]. Mór Joaõ Baptista de Vasconcellos, e vagou por promuçaõ de Verissimo Machado Fr[e]. e como o d[to]. Posto naõ haverá soldo algum da Real Fazenda, mas gozará de todas as honras, privillegio, liberdade, inzençoés e panquezas q'. em rezao dele lhe pertencerem. De q'. lhe foy passada.

Carta a 2 de M[o]. [maio] de 1769 (PT-TT-RGM-D-22_c0001).

A 22 de abril de 1769, no reinado de om. José I, foi confirmada a carta patente de Capitão ao organeiro Agostinho Rodrigues Leite, sendo nomeado no posto de Capitão de Infantaria da Ordenança. Na sociedade colonial, o posto ocupado pelo organeiro pernambucano significava prestígio e poder. Neste tempo haviam três armas: as Companhias de Infantaria, as Companhias de Cavalaria e as Companhias de Artilharia. De acordo com Jorge da Cunha Pereira Filho, em *Tropas militares luso-brasileiras nos séculos XVIII e XIX*, no Período Colonial, existia o Estado Maior, formado pelo capitão mór, sargento mor, e capitão. Dentro de uma Companhia de Infantaria os postos eram classificados: a) oficiais superiores – Capitão de Companhia, Alferes, Sargento; b) oficiais inferiores – Furriel, Porta Bandeira e Cabos de Esquadra; c) a tropa – composta por Tambor e Soldados. Cabia ao Capitão de Companhia o comando militar.

A seguir, nomeação de Agostinho Rodrigues Leite, confirmada por documento,

[312] O título de conde de Vila Flor, título nobiliárquico de Portugal, foi instituído por decreto em 1659 e confirmado 1661. O IV Conde de Vila Flor António de Sousa Manuel de Meneses, Governador da Capitania de Pernambuco, um homem de alta nobreza, governou no período de 1763 a 1768. Entre suas realizações destaca-se a reorganização dos corpos militares desta Capitania.

[313] As Companhias de Ordenanças eram reunidas em unidades maiores sob a denominação de Terço de Ordenanças, que por sua vez, cada Terço de Ordenança era composto de quatro Companhias, o equivalente a um efetivo de 1.000 Soldados. Esse efetivo correspondia a um terço (1/3) do efetivo da unidade superior, o Regimento de Ordenanças, que tinha tres mil soldados.

datado de 22 de abril de 1769, do Conselho Ultramarino, órgão encarregado das confirmações de patentes.

Senhor

Diz Agostinho Roiz Leite, M.or em Pernambuco, q o Gov.or Capp.am Gen.al do d.o Estado o Nomeou No posto de Capp.am de Infantaria da Ordenança em huã das Comp.as da Villa do Reciffe, como consta da Patente junta, e p.a poder continuar no Real Servisso, perciza se lhe passe Patente confirmada por V. Mag.de pelo q

P. a V. Mag.de lhe faça M.ce mandar-lhe passar a sua Patente na forma do Estillo

Exped.a por 2 v.as em 2 de Mayo de 1769

E. R. M.ce

Figura 108: Confirmação no posto – Documento avulso
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Ultramarino – AHU – Cx. 107 – D. 8280.

> Senhor
>
> Diz Agostinho Roiz' [Rodrigues] Leite, M^{or}. [morador] em Pernambuco, q'. o Gov^{ro}. [Governador] Capp^{am}. [Capitão] Gen^{al}. [General] do d^{o}. [dito] Estado o nomeou no ppozto [posto] de Capp^{am}. de Infantaria da Ordenança de Huã das Comp^{as}. [Companhias] da Villa do Reciffe, como consta da Patente junta e p^{a}. [pera] poder continuar no Real Servisso, preciza se lhe passe Patente confirmada por V. Mag^{de}. [Majestade] pelo q'.
>
> P. [pede] a V. [Vossa] Mag^{de}. se faça M^{ce}. [mercê] mandar-lhe pasar a sua Patente na forma do Estillo
>
> Exped^{as}. [expedidas] por 2 v^{as}. [vias] em 2 de Mayo de 1769
>
> E R M [El Rey Mercê] (AHU – Cx. 107 – D. 8280).

As confrarias mantiveram um caráter religioso e devocional durante os Periodos Colonial e Imperial. Para a fundação de um irmandade, era necessária a aprovação da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica Romana. Seus estatutos, os chamados compromissos, eram examinados e aprovados pela Igreja e pela Coroa. A sociedade da época mantinha fortes laços com religiosidade através desta confrarias: das irmandades e das ordens terceiras. O organeiro pernambucano, participante desta sociedade colonial, foi filiado às seguintes confrarias na Vila do Recife, onde assumiu diversos cargos: Mordomo na *Irmandade do Santíssimo Sacramento*[314] *da Matriz do Corpo Santo do Recife*, Igreja Madre de Deus, 1749; Escrivão na Confraria de Nossa Senhora do Livramento; entre outros cargos, foi Mordomo na Irmandade de São Pedro dos Clérigos do Recife.

Faleceu Agostinho Rodrigues Leite em 2 de novembro de 1786. Encontra-se no *Livro da Irmandade de N. S. Madre de Deus* o certificado de pagamento por trinta missas pelo irmão defunto, como comprova o documento a seguir:

---

[314] Nos Períodos Colonial e Imperial, as Irmandades do Santíssimo Sacramento eram confrarias formadas por homens brancos leigos. Reuniam a elite politica e social da cidade, podendo ser confirmado pela participação nas irmandades de Pernambuco de barões, condes e marqueses. Era uma das irmandades de maior importância por venerar o "corpo de Cristo", através da Hóstia Consagrada e estava sediada nas igrejas matrizes.

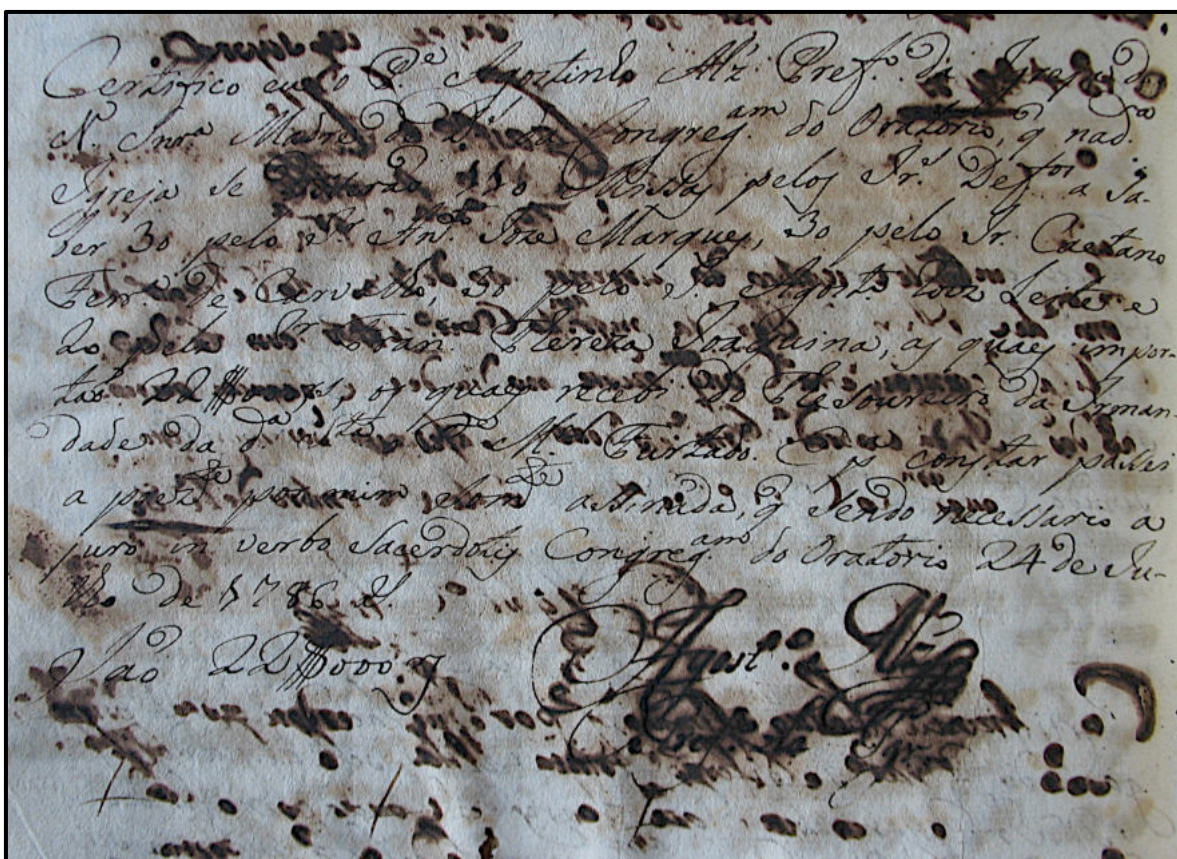



Figura 109: Certificado missas pela morte de Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Igreja Matriz da Madre de Deus do Recife - Livro da Irmandade.

> Certifico eu o Pe. Agostinho Al'z [Alvarez] da Igreja de N. Snr^{a}. Madre de D^{s}. [Deus] da Congreg^{am}. [congregação] do Oratorio, q^{m}. na d^{ta}. [dita] Igreja se deveraõ 110 missas pelos Ir^{s}. [Irmãos] Def^{tos}. [defuntos] a saber 30 pelo I^{r}. An^{to}. [Antonio] Jose Marques, 30 pelo I^{r}. Caetano Ferreira de Carvalho, 30 pelo I^{r}. Agost^{o}. [Agostinho] Roiz [Rodrigues] Leite e 20 pela I^{r}. Fran^{ca}. [Francisca] tereza Joaquina, as quaes importaõ 22$000 rs [Réis], os quaes recebi do Thesoureiro da Irmandade da d^{ta}. S^{ta}. o P^{e}. M^{el}. [Manuel] Furtado. E p^{a}. [pera] constar passeia prez^{te}. [presente] por mim som^{te}. [somente] assinada, q. sendo necessário a juro in verbo Sacerdotis Congrag^{am}. do Oratorio 24 de julho de 1786 ad.
>
> São 22$000 rs (*assinado*) Agostinho Al'z (A.I.M.D.R. – Fólio 33 verso).

Agostinho Rodrigues Leite se filiou a várias confrarias no Recife. O registro de sua morte confirma sua participação nestas Ordens Terceiras. O recorte do *Livro Abecedário dos Irmãos da Irmandade de Santa Anna da Madre de Deus* confirma sua morte e também sua filiação.

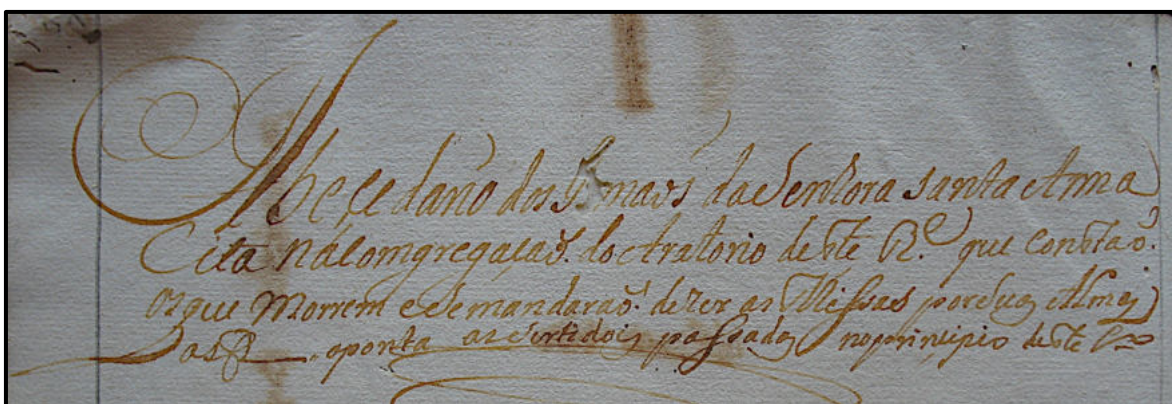



Figura 110: Abertura do *Livro Abecedário*[315] *dos Irmãos da Irmandade de Santa Anna*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Igreja Matriz da Madre de Deus do Recife.

> Abeçedario dos Irmaõs da Senhora Santa Anna cita na comgregaçaõ do Aratorio [Oratório] deste R^{ol}. [rol] que constaõ os que morrem se mandaraõ dezer [dizer] as Missas por suas almas dos fls. [folhas] aponta as sertidois [certidões] passadas no principio deste l^{ro}. [livro].

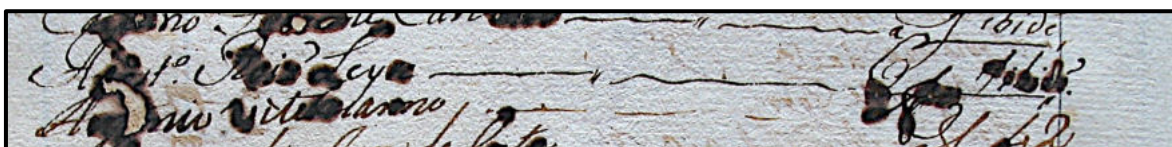



Figura 111: Abecedário da Irmandade de Santa Anna – Registro de Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Igreja Matriz da Madre de Deus do Recife – Fólio 69 verso.

> Agosto. Roiz' Leyte ——————//—————— a f. [fólio] ibidem[316, 317]

O *Livro Abecedário da Confraria de N. Sra. Madre de Deus* registra sua admissão na dita irmandade, assim como também confirma sua morte. Outrossim, revela que Agostinho Rodrigues Leite ocupou a função de Mordomo desta Irmandade.

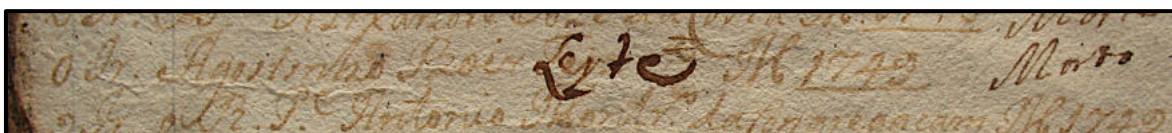



Figura 112: Livro Abecedário[318] da Irmandade da N. S. Madre de Deus – Registro como Mordomo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Igreja Matriz da Madre de Deus do Recife – Fólio 1.

> O Ir. Agostinho Roiz **Leyte** [entrou de] M. [Mordomo] 1749 **Morto**.

---

[315] Livro da Irmandade que registra as entradas dos irmãos, assim como também sua morte.
[316] O termo "Ibidem", refere-se ao número "40" citado anteriormente neste rol.
[317] Algumas citações curtas, com menos de três linhas, foram inseridas fora do parágrafo com a finalidade de destacar a transcrição após a figura do documento.
[318] Livro da irmandade que registra as entradas dos irmãos, assim como também sua morte.

O *Livro das Eleições e Contas da Confraria do Santíssimo Sacramento da Matriz do Corpo Santo do Recife* (1771-1812), no ano contábil de 1785-1786, fólio 94 verso, cita Agostinho Rodrigues Leite no rol do irmãos falecidos neste ano.

Memoria dos Irs. q falecerão este anno

Figura 113: Livro das Eleições da Confraria do S. S. da Matriz do Corpo Santo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Igreja Matiz da Madre de Deus do Recife.

Seu filho, Salvador Francisco Leite[319] (1761-1844), deu continuidade a seu trabalho, herdou a oficina de organaria de seu pai, e foi também reconhecido por seu ofício. O *Livro de Despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz do Corpo Santo de Deus,* da Vila do Recife, no ano contábil de 1792-1793, registra o lançamento do pagamento a Salvador Francisco Leite, o que comprova sua atuação e continuidade dos trabalhos de organaria da oficina de seu pai. Nesse serviço Salvador Francisco Leite recebeu pelo conserto do fole do órgão de tubos, por afinar e também por um ferro de correr engastado em latão para o órgão de tubos.

[319] Nasceu na Vila do Recife, vindo mais tarde a se transferir para Salvador, onde se casaria em 1819.

Transporte . . . . 1:633$500
Concerto do folle do Orgaõ . . . . 2$880
Affinar o d^{o} Orgaõ p^{r} Salvador Fran^{co} Leite . . 40$000
1 Ferro de correr engastado em Lataõ p^{a} d^{o} . . $200 43$080

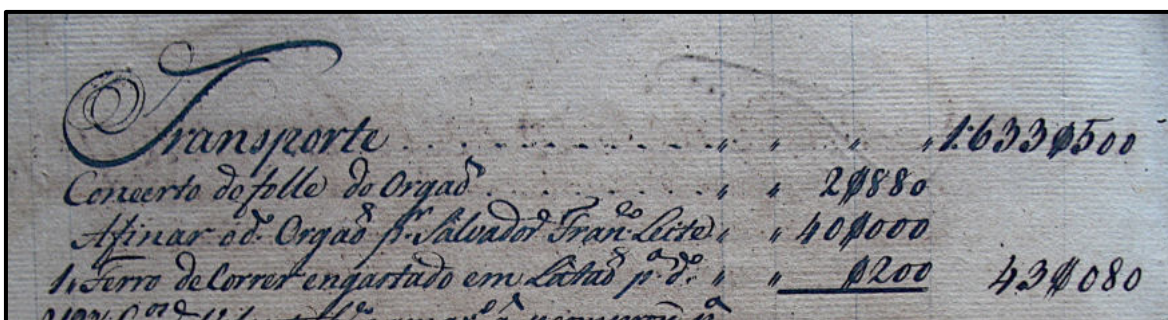



Figura 114: Recibo de pagamento a Salvador Francisco Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo da Igreja Matriz da Madre de Deus do Recife – Fólio 124 verso.

Concerto do folle do orgaõ . . . . 2$880
Affinar o d^{o}. Orgaõ p^{r}. Salvador Fran^{co}. [Francisco] Leite 40$000
1 Ferro de correr engastado em Lataõ p^{a}. [para] d^{o}. [dito] $200

Em Salvador (Bahia), além de organeiro, Salvador Francisco Leite exerceu a função de organista nas seguintes igrejas: Igreja do Passo (Irmandade do Santíssimo Sacramento)[320], Igreja N. S. da Saúde e Glória, e organista titular da Santa Casa de Misericórdia (DINIZ, 1971, p. 205).

Acrescenta-se a herança na arte organística deixada por Agostinho Rodrigues Leite, seu outro filho, Inácio José Leite, que no início do século XIX, adquire fama como organista em várias igrejas em Salvador, assim como de um reputado organeiro, considerado o melhor de seu tempo (DINIZ, 1978, p. 25).

3.1.2. O ÓRGÃO DE TUBOS NAS PRÁTICAS LITÚRGICAS BENEDITINAS

A vida cotidiana monástica beneditina é regida pelo Ofício Divino, que inclui as Horas Canônicas (*Livro Breviário*[321]) e a Eucaristia[322] (*Livro Missal*[323]), celebrados pelos monges em seu lugar próprio, o Coro da Abadia.

Como determinado no Capítulo 8 da Regra de São Bento, as Horas Canônicas devem realizadas diariamente pela comunidade monástica. Trata-se de um conjunto de

[320] Encontram-se recibos da Irmandade do Santíssimo Sacramento relativos a pagamentos ao organista Salvador Francisco Leite nos anos de 1815 a 1824. E na Santa Casa de Misericórdia em 1822 (DINIZ, 1971, p. 205).
[321] Breviário é o livro de uso litúrgico com as horas do Ofício Divino.
[322] O mesmo que Missa.
[323] Missal é o livro usado na Missa de rito romano para as leituras próprias do celebrante. Os beneditinos adotaram o Missal Romano de 1570.

orações realizadas diariamente, em momentos determinados, separas por períodos de três horas, assim distribuídos: Matinas (meia noite), Laudes (três horas da manhã), Prima (hora do Sol nascente, aproximadamente às seis horas da manhã), Terça (nove horas da manhã), Sexta (meio dia), Noa (três horas da tarde), Vésperas (hora do Sol poente, aproximadamente às seis horas da tarde) e Completas (nove horas da noite).

Os Ofícios Divinos são celebrados diariamente no Coro das Abadias. Existem dois tipos de coros nas abadias beneditinas portuguesas e brasileiras[324]:

- **Coro Alto:** localizado sobre a entrada oeste da igreja, tem um caráter mais monástico e devocional e possui um cadeiral tendo o órgão de tubos como parte ou próximo dele;
- **Coro Baixo:** o mesmo que Coro da Capela-mor. Localizado entre o Cruzeiro e o altar mor.

O órgão de tubos é considerado o instrumento mais conveniente e de maior importância na liturgia beneditina. Mesmo sendo utilizados outros instrumentos musicais[325], os cerimoniais e as constituições da Ordem de São Bento apenas legislam sobre o uso do órgão de tubos nas liturgias. Desde sua fundação, os mosteiros beneditinos buscaram prover suas igrejas com órgãos de tubos, como também ter monges organistas capacitados aos Oficios Divinos. Mesmo assim, alguns mosteiros não possuíram o instrumentos. No Primeiro Capítulo Geral, celebrando no Mosteiro de São Martinho de Tibães, em 10 de setembro de 1570, ao tratar das determinações sobre o Ofício Divino, foi prevista a possibilidade de mosteiros não possuírem o órgão de tubos, mesmo sendo considerado um instrumento se suma importância na liturgia beneditina. O texto assim definiu:

[324] Em algumas abadias o coro estava localizado ao centro da nave. A exemplo, cita-se a antiga Abadia de Westminster em Londres, atualmente um templo anglicano.

[325] Os diversos livros de registros dos mosteiros beneditinos, brasileiros e portugueses, citam a contratação e utilização de vários instrumentos em ofícios e festas religiosas e do calendário litúrgico, principalmente nas festas do Patriarca São Bento: harpas, atabales, cravos, clavicórdios, rabecas, violas, trombetas, cornetas, charamelas, sacabuchas, baixão, fagote, entre outros.

cipaes. No tempo que se ouuer de dizer gloria na missa se for dia de
quatro cappas principaes dirseha toda cantada começandoa os cantores.
os outros dias nas casas onde ouuer orgaõ dirseha auersos começando o orgaõ
quando se ouuer de dizer credo, nas paschoas domingos, e dias dapostolos
se dira cantado. No que toca aos Kyrios, sanctus, e agnus, façase como

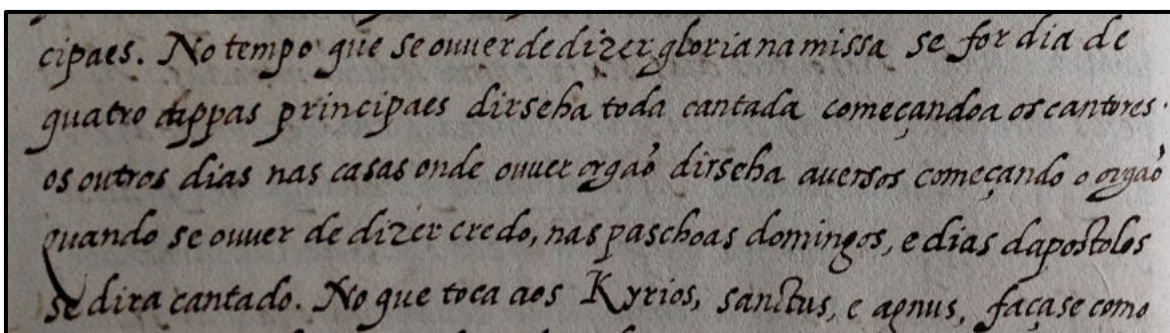



Figura 115: Mosteiros sem órgão – Determinações do Ofício Divino.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento de Singeverga.

> No tempo que se ouver [houver] de dizer Gloria na missa se for dia de quatro cappas principaes dir se ha toda cantada começando a os cantores. Os outros dias nas casas onde ouver orgaõ dir se ha a versos começando o orgaõ quando se ouver de dizer credo, nas Paschoas[,] domingos, e dias d'apostolos [de apóstolos] se dira cantado (M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – Fólio 5).

Figura 116: Órgão de tubos da Abadia de Tibães[326]
Fonte: Acervo fotográfico do autor – 2012.

[326] Obra do organeiro D. Francisco Antonio Solla, construído em 1790.

O uso do canto d'órgão no coro dos Mosteiros Beneditinos da Congregação Portuguesa foi definido no segundo Capítulo Geral celebrado no dia 13 de fevereiro de 1575. Até então, o cantochão[327] era a única forma litúrgica permitida de se cantar nos Ofícios Divinos.

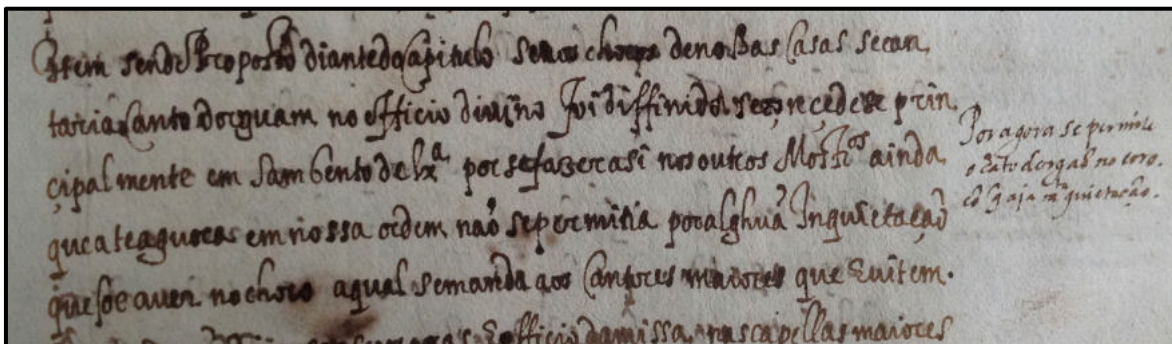



Figura 117: Permitido o canto d'órgão no choro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento de Singeverga.

> (à margem do documento) Por agora se permite o cãto [canto] dorgaõ [d'órgão] no coro. Com q' aja [haja] m^{ta}. [muita] quietação.
>
> Item sendo proposto diante do Capítulo se nos choros de nossas Casas se cantaria Canto dorgam no officio divino[.] Foi diffinido se conçedese principalmente em Sam Bento de Lx^{a}. [Lisboa] por se fazer asi [assim] nos outros Mostr^{os} [Mosteiros] ainda que ate aguora [agora] em nossa ordem naõ se permitia por alghumã [alguma] Inquietação que soe [costuma] [foi] aver [haver] no choro a qual se manda aos Cantores maiores que evitem (M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – Fólio 37).

Nas festas especiais do calendário litúrgico e no dia do Patriarca São Bento, os beneditinos contratavam músicos para tocarem nesses eventos e pagavam-se salários aos músicos e organistas convidados. A exemplo, menciona-se o Mosteiro de São Paulo (Brasil) com o seguinte registro em dezembro de 1685: "Cordas de Arpa – Em mesmo dia de cordas p.^{a} arpista que veyo [veio] tocar anoite [a noite] do Natal, mea [meia] pataca". Em março de 1687, outro lançamento: "Em o mesmo dia q' se deo ao arpista q' fica de vir tanger na Semana Santa [...] oito sentos e quarenta". Por outro lado, o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, no século XIX, pagava um Mestre de Música e um Mestre de Cantochão; além de seus organistas e os eventuais músicos nas principais festas litúrgicas.

Nos dias atuais, mesmo com toda a influência dos movimentos de renovação

[327] O mesmo que Canto Gregoriano.

carismática dos anos 60, os Mosteiros Beneditinos Brasileiros preservam o canto gregoriano em seus cultos, que são celebrados com solenidade e beleza. Alguns mosteiros usam o gregoriano em português; outros, somente na língua original latina. Em alguns dos mosteiros, em razão da ausência de órgãos de tubos, são utilizados órgãos eletrônicos ou órgãos digitais nos Ofícios Divinos.

As *Constituições da Ordem de São Bento* foram primeiramente publicadas em Lisboa, em 1590. Nesta edição das Constituições, no capítulo 37, "*Do Officio Diuino assi do Choro como do Altar*", e no capítulo 38, "*Dos officio e missas que se há de dizer polos monges defunctos de nossa ordem, e polos benfeitores dela*", apresentam as normas e dão as indicações precisas da prática musical nos serviços litúrgicos. Na segunda edição, publicada em Coimbra, em 1629, redigidas em latim, "*Constitutiones monachorum nigrorum ordinis S. P. Benedicti Regnorum Portugalliae",* encontram-se várias citações ao uso órgão de tubos.

CONSTITVTIONES
MONACHORVM
NIGRORVM ORDINIS
S.P. Benedicti Regnorum
Portugalliæ. Col.º Real

CONIMBRICÆ.

Cum facultate Inquisitorum, & Ordinarij.

Apud Didacum Gomez de Loureyro Academiæ
Typographum. Anno Dñi. 1629.

Figura 118: ***Constitutiones monachorum*** **- 1629**
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

No Livro Primeiro, Constituições Primeiras "*De Congregatione, & Monasteriis illius*", no Capítulo V, que tem como título: *De agendis prima die Capituli* (*Do que deve ser feito no primeiro dia do Capítulo*), em seu artigo 5º, assim trata[328]:

5. Eadem die hora secunda post meridiem fiat signum ad Primam sessionem Capituli Ostiario illius nouem ictibus maiorem campanam feriente, statimque tùm Vocales, tùm etiam Conuentuales Monasterij in Choro inferiori congregentur, atque ibi ad primum Versum, genua flectentes, cantent Hymnū, *Veni Creator Spiritus, &c.* alternante organo, illoque finito, Reuerendissimus cantet Versus, & Orationes, de quibus suprà.

Figura 119: O canto do Veni Creator Spiritus alternadamente com o órgão de tubos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Constitutiones monachorum – 1629 – Fólio 13.

> **5.** No mesmo dia, na segunda hora após o meio dia, seja feito um sinal para a primeira sessão do Capítulo, [mediante] nove toques feitos pelo porteiro no sino maior e, de imediato, congregando-se no coro inferior tanto os cantores como também os conventuais do mosteiro e aí, ajoelhando-se ao primeiro verso, cantem o hino *Veni Creator Spiritus* (*Venha Espírito Criador), etc.* de maneira alternada com o órgão. Findo este hino, o reverendíssimo cante o Verso e as Orações acima referidos.

No Capitulo IV, do Livro 2, *Constitutio* II, intitulado: *De Magistro Noviorum* (*Do Mestre de Noviços*), em seu artigo 11º, por quatro vezes cita o órgão de tubos:

11. Statuimus, vt tempore prædicto fratres illi juniores in Latinitate se se perficiant, & in cantu plano, floridum etiam, siuè figuratum, organaque pulsare, seu alia instrumenta Choro seruientia addiscant.

✝ Vnde Prælatis Monasteriorum principalium, in quibus Iuniores educantur, præcipimus, *Primò*, vt pro illis, quibus opus est Magistrum Latinitatis designent, qui diebus singulis commodiori tempore per horæ saltem dimidium eos curiosè doceat; Incuriosos autem, ac negligentes Abbati referat, vt eos puniat.

✝ Designent *Secundò* Prælati Magistros, qui eos tùm cantu, tùm organo instruant, ferijs saltem tertijs, quintis, & Sabbatis ante vel post Vesperas. Vnde Prælatis illis Monasteriorum principaliū præcipimus, quòd Monochorda emant, prout fuerit necesse ad huiusmodi exercitij genus.

Figura 120: O aprendizado e aperfeiçoamento no órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Constitutiones monachorum – 1629 – Folio 125.

---

[328] As primeiras traduções do latim foram gentilmente feitas por José do Nascimento Dias.

> **11.** Determinamos que, no referido tempo, aqueles irmãos mais jovens se aperfeiçoem no Latim e no cantochão e também aprendam canto florido[329] sem o toque de canto d'órgão, tocar órgão, ou de outros instrumentos auxiliares do canto.
>
> † Pelo que, determinamos aos Prelados dos mosteiros principais, onde são educados os juniores primeiramente, que designem Professor de Latim para aqueles que precisem; o qual, a cada dia, no horário mais adequado, os ensine diligentemente por pelo menos meia hora e que denuncie ao Abade aqueles que sejam descuidados e negligentes para que os puna.
>
> † Em segundo lugar determinamos que os Prelados designem professores que os instruam tanto no canto, como no ensino do órgão, pelo menos nas terças-feiras, quintas-feiras e Sábados, antes ou após as Vésperas. Pelo que, determinamos aos Prelados dos principais Mosteiros que adquiram Monocórdios, conforme seja necessário para este gênero de exercício.

Nesse mesmo Capitulo IV, no Parágrafo 13, intitulado: *De Novioribus Ordinandis* (*Dos Últimos Ajustes*), em seu artigo 13, assim o órgão de tubos é citado:

13. Minoribus ordinibus ſuſceptis, decernimus vt nullus ad Sacros ordines admittatur, quin ſufficienter lingam Latinam calleat; quin etiam prius cantum ſaltem planum, & organum pulſare ſciat, vel vice organi inſtrumentum aliud ad Chorum, ſplendoremque, & ornatum officij Diuini conducens. Quòd Abbates, *ſub præcepto virtutis ſanctæ Obedientiæ*, adimplere teneantur.

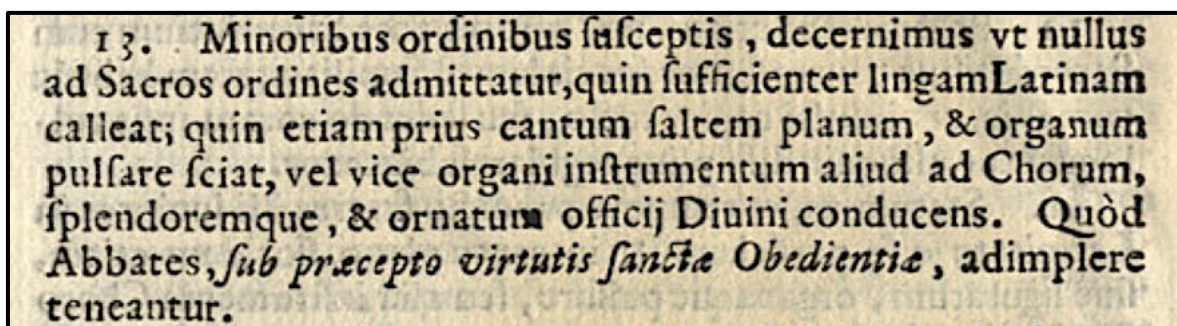



Figura 121: Admissão mediante o conhecimento de cantochão e tocar órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Constitutiones monachorum – 1629 – Folio 126.

> **13.** Uma vez recebidas as Ordens Menores, decidimos que ninguém seja admitido às Ordens Sacras sem que conheça bem a língua latina e também sem que saiba pelo menos cantochão & tocar o órgão, ou, em vez deste instrumento, algum outro que conduza ao Coro e ao esplendor & ornato do Ofício Divino. Coisa esta que os Abades são obrigados a cumprir sob preceito da força da santa obediência.

No Capitulo IX, do Livro 2, *Constitutio* II, intitulado: *De Cantore, & Magistro Caeremoniarum* (*Do Cantor & do Mestre de Cerimônias*), em seu artigo 11º, por quatro vezes cita o órgão de tubos, tratando de seu uso adequado nos Ofícios Divinos[330]:

[329] Canto florido, o mesmo que canto melismático.

[330] As traduções seguintes, do latim para o portugues, foram gentilmente feitas pelo monge beneditino Dom Rogério Miranda de Almeida O.S.B., monge no Mosteiro de Sao Bento de Vinhedo, São Paulo.

6. Statuimus, vt ſolus Cantor tonum Cantus in Conuentu poſsit attollere, vel deprimere, velociori manu, vel tardiore ipſum cantum proſequi. Non poterit tamen ea, quę ſecundùm legem, ſeu conſuetudinem ſunt canenda, ſine cantu recitare, aut organo ſupplere. Cantor autem ſpeciali aliquo fauore aliquoties recreetur.

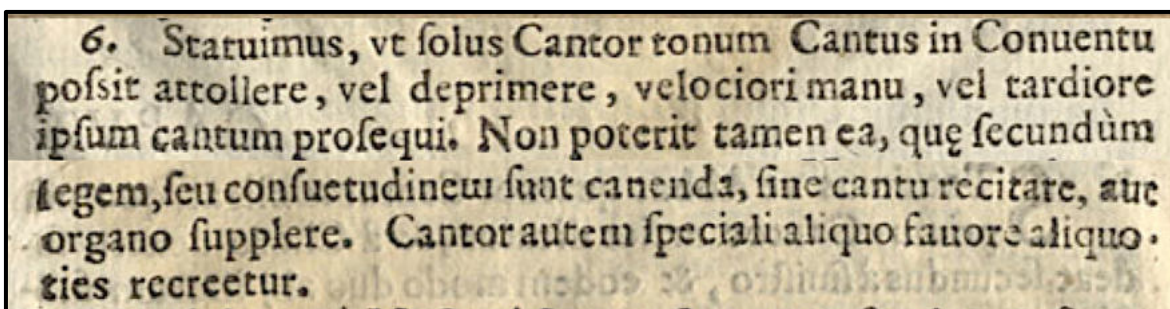



Figura 122: Exercitar no acompanhamento do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Constitutiones monachorum – 1629 – Fólios 155 e 156.

> **6.** Estabelecemos que, na assembleia, somente o cantor poderá elevar ou diminuir o tom do canto. Somente ele poderá fazer o canto prosseguir ora mais veloz, ora mais lentamente. Não pode, porém – conforme a lei ou os costumes já estabelecidos – fazer tudo isso sem exercitar-se na própria recitação do canto e no acompanhamento, ou na suplementação, do órgão. Mas com um especial favor, poderá o cantor recriar ou ajuntar algo de novo (*Constitutiones monachorum* – 1629 – Fólios 155 e 156).

11. Cætera quæ ad Cantorem, Magiſtrum Cæremoniarum, Correctorem, & Pulſatorem organorum ſpectant (proùt in libro Cæremoniali habetur) obſeruentur.

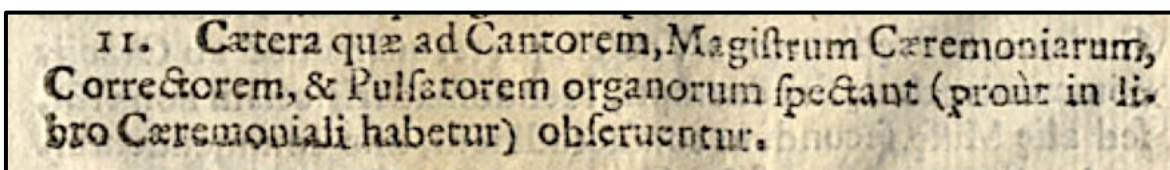



Figura 123: Cantor, Mestre de Cerimonias, ao que corrige e ao organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Constitutiones monachorum – 1629 – Fólio 156.

> **II.** As outras coisas que dizem respeito ao Cantor, ao Mestre de Cerimônias, ao que corrige (censor) e ao organista – na medida em que tudo isso se encontra no Livro de Cerimônias – devem ser observadas (*Constitutiones monachorum* – 1629 – Fólio 156).

No Capitulo I, do Livro 3, *Constitutio* I, tem como título: *De Horis Canonicis persoluendis* (*Das Horas Canônicas a serem cumpridas*), em seu artigo 7º, cita o órgão:

17. In diebus denique trium Lectionum Pſalmus Venite, &c. Lectiones, & Reſponſoria intonata dicantur * Antiphona autem Beatæ Virginis, *Aue ſtella matutina, &c.* in fine Laudum cuiuslibet Officij ſingulis diebus cantetur, in feſtis autem in quibus aliquid ex Laudibus cantatur, eam Cantor inchoet, & Organum proſequatur.

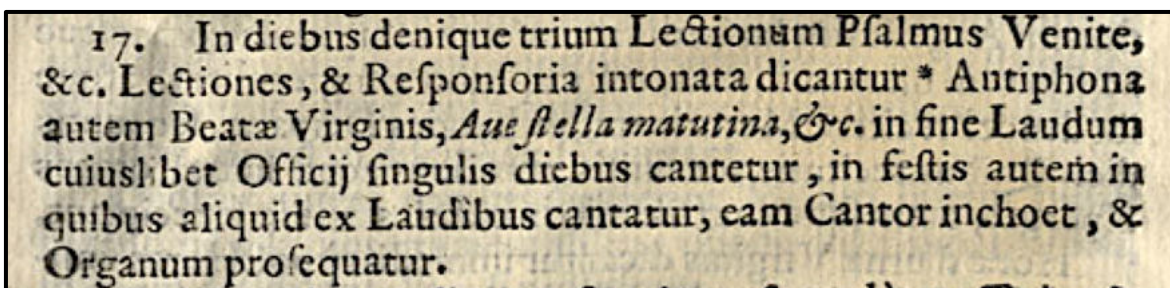



Figura 124: As Laudes e o acompanhamento ao órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Constitutiones monachorum – 1629 – Fólio 199.

17. Finalmente, durante três dias, a Leitura do Salmo *Venite*. Sejam também entoadas as Leituras e os Responsórios. Todavia, a Antífona *Beata Virginis*, *Ave stella matutina* e, enfim, o Louvor – que pertence àqueles dias particulares do Ofício – sejam cantados. Nos dias de festa, porém, em que algo das Laudes for cantado, seja este canto iniciado pelo Cantor, acompanhado pelo Órgão (*Constitutiones monachorum* – 1629 – Fólio 199).

No Capitulo III, do Livro 3, *De Regimene Monachorum* (*Do Regime dos Monges*), tem como título: *De Ordine Officii Divini & aliorum in Monasteriis minoribus servanda* (*Da ordem do Ofício Divino & de outras coisas a serem observadas nos Mosteiros menores*), em seu artigo 7º, cita o órgão de tubos:

7. Statuimus, vt in prædictis Cœnobijs Miſſa de Prima ſolitis horis dicatur, & ſingulis Sabbatis in honorem Beatiſsimæ Virginis cantetur.
† Similiter etiam cantetur Miſſa maior diebus Dominicis, ac Feſtis, & Antiphona Deiparæ Virginis in fine Completorij ſingulis diebus cantata cum organo, vel ſaltem intonata dicatur. Additamentum tamen illud, *Conceptio tua, &c.* ſemper cantetur.

Figura 125: A Missa Maior e o uso do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – *Constitutiones monachorum* – 1629 – Fólio 203.

7. Determinamos, que nos referidos mosteiros seja dita a Missa de Prima nas horas costumeiras, e que a cada sábado, ela seja cantada em honra da Santíssima Virgem.

† De maneira semelhante, também seja cantada uma Missa Maior nos dias de Domingo, e de Festa, & que, no fim dos Completórios, seja cantada diariamente, com órgão, ou, às vezes, recitada com entonação. Seja, entretanto, sempre cantado aquele complemento, *Conceptio tua, etc. semper cantetur.*

Sob a influência dos mendicantes[331], as igrejas abaciais dos Períodos Colonial e Imperial possuem Coro Alto[332], em cima da galilé. Com a vinda dos monges reformadores, retomou-se a tradição primitiva do Coro Baixo, na Capela-mor. Os órgãos de tubos, nos Mosteiros Beneditinos Brasileiros, estão situados no Coro Alto. Após a reforma boironense, no Brasil, adotou-se o uso do órgão no Coro Baixo, quando os monges usam o

[331] Correspondem as ordens religiosas: dominicana, franciscana e servita.
[332] O termo coro alto também é conhecido como coro superior e, coro baixo, como coro inferior.

cadeirado[333] da Capela-mor. Segundo crônicas e outros livros de registros beneditinos, os noviços e coristas recebiam preparo musical com vistas à excelência da música na liturgia.

Em 1647 foi publicado, em Coimbra, o *Ceremonial da Congregação dos Monges Negros da Ordem do Patriarcha S. Bento do Reyno de Portugal*. O livro regulava as cerimonias da igreja e as observâncias monásticas. Em sua primeira edição, O Cerimonial foi divido em três volumes. Vários de seus capítulos tratam da música em seus Ofícios Divinos, sendo o Capítulo VII, título 2 do Livro I, dedicado aos organista e intitulado: *Do Organista e Horas em que há de Tanger*[334].

CEREMONIAL
DA CONGREGAÇÃO
DOS MONGES NEGROS
DA ORDEM DO PATRIARCHA
S. Bento do Reyno de Portugal.

NOVAMENTE REFORMADO, E apurado por mandado de Capitulo pleno, sendo Reuerendissimo Geral da dita Congregação o Doctor Frey Antonio Carneyro Lente jubilado em a sagrada Theologia.

FORÃO INTENDENTES NESTA OBRA OS PADRES MESTRES
Frey Manoel d'Ascensão, & Frey Pedro de Menezes Monges da mesma Ordem.

EM COIMBRA
Nas Officinas de Diogo Gomez de Loureyro, & de Lourenço Craesbeeck. Anno 1647.
Com todas as aprouações, & licenças necessarias.

Figura 126: Cerimonial da Congregação dos Monges Beneditinos, 1647
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

---

[333] Série de cadeiras ligadas entre si, encostadas a uma parede, usada em coros de mosteiros e conventos.
[334] O mesmo que tocar ou executar o instrumento.

Dos officios do choro. XV

ro; o que se guardarà ainda q̃ depois da Missa se signa logo Procissão, ou algum outro semelhante acto, antes que o Conuẽto và do choro pera a tal Procissão, ou acto.

3 O Leitor antes que va pera algum acto Conuentual, em que ha de fazer seu officio, proueja tudo o q̃ naquelle acto ha de ler: & nos dias de Capitulo irà com a cogula a cella de quem presidir, & mostrarlheha a Sancta Regra, pera que sayba o capitulo que se ha de ler; saberà tambem qual he a letra do Martyrologio, pera que sayba os dias da Lũa, que ha de dizer quando na Pretiosa ler a *kalenda*. O modo que ha de guardar quando ler na Pretiosa, se diz abayxo no Tit. 4. Cap. 4.

Infra Tit. 4. cap. 4. pag. xxxv.

4 Nos dias de cea, antes que o Conuento va pera a Completa, lerà a Lição Spiritual q̃ se costuma ter, com as pauzas costumadas; & como lhe fizerem sinal, antes de dizer *Tu autem Domine*: dirà com as mesmas pauzas (hum ponto mais bayxo) a Lição breue. *Fratres sobrij estote, &c.* a qual Lição dirà sempre antes das Completas ainda que sejão rezadas, quando antes dellas não preceder Lição Spiritual. No Refeytorio assim ao jantar como à cea, & collação lerà como se diz ẽ seus propios lugares, Liu. 3. Tit. 5. Cap. 2. & 6.

Lib. 3. tit. 5. cap. 2. pag. 205 & 213

5 Quando o Leitor ouuer de ler a Regra, antes q̃ comece, se for em latim dirà: *Regula Sancti Patris nostri Benedicti*, & se for em lingoagem, dirà. *Na Regra de Nosso Padre S. B. seguese o Capitulo, &c.* ¶ Aduirta o Leitor q̃ todas as vezes q̃ em algum acto Conuentual acabar de ler, beijarà em terra sobre a manga da çogulla, & se não for de Missa porseha de joelhos atè que o Prelado lhe faça sinal & depois beijarà em terra: porem na Pretiosa não farà a sobredita venia tanto que acabar de ler o Martyrologio, senão depois que disser. *Tu autem Domine*. ¶ No Mandato dos sabbados ajudarà aos Sacerdotes como se diz no Liuro 3. Tit. 3. Cap. 3.

Lib. 3. tit. 3. cap. 3. pag. 198.

CAPITVLO VII.

Do Organista, & Horas ẽ q̃ ha de tanger.

1 O Monge Organista tenha o orgão sempre fechado da sua mão, não consentindo que se tanja, fora dos actos que logo diremos, sem licença do Prelado; & aduirta que as obras, & versos que tanger não sejão à imitaçao de cantos, & musicas prophanas, senão taes que pronoquem a deuação aos ouuintes. A ordẽ que o Organista ha de guardar he a seguinte.

2 Em todas as Festas duplices se cantarà alternatiuamente com o orgão o Hymno. *Te Deum laudamus*, & todos os mais Hymnos q̃ nos mais dias se cantão, nas Horas diurnas, & nocturnas. O mesmo serà nos Psalmos, & Canticos q̃ nas mesmas festas se cantam, excepto o primeyro Psalmo das Matinas *Domine quid multiplicati* & o *Deus misereatur nostri* das Laudes, q̃ se dirão a choros sem orgão. Tambem se cantarão sẽ orgão os Psalmos, & Canticos dos Nocturnos das Matinas, tirando as Matinas de Natal, em que assim os Psalmos de ambos os Nocturnos como os Canticos do terceyro se alternão com o orgão.

3 Em todas as mesmas festas duplices, nas Matinas, Laudes, & Vesperas depois de cada Psalmo, ou seja cantado a choros, ou com o orgão, se tangerà em quanto se reza a Antiphona, que antes do tal Psalmo se cantou; tirando a vltima de cada Nocturno, & vltima das Laudes, & Vesperas, que depois do Psalmo se cantarà toda; o que se guardarà tambem quando os Nocturnos tẽ hũa só Antiphona. Assim mesmo nunca se tangerà a Antiphona depois do *Benedictus*, *Magnificat*, & *Nunc dimittis*: nem a da Prima, Terça, ou Noa, ainda que se psalmeem com o orgão. ¶ A Antiphona. *Aue stella Matutina* no fim das Laudes se tangerà toda com o orgão,

Figura 127: Do Organista e Horas em que há de Tanger
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Cerimonial da Congregação dos Monges Beneditinos, 1647.

gão, depois que o Cantor a começar, só nos dias em que se cantão Laudes, ou parte dellas; nos mais dias sempre se cantará toda sem orgão. ¶ A Antiphona de N. S. no fim das Completas sempre se dirá alternatiuamente com o orgão, excepto só nos dias Feriaes, nos quaes serà toda cantada.

4 Na Prima, Terça, & Completas em que se Psalmea com orgão, fará o Organista hũa clausula larga, em quanto se reza *kyrie eleisõ*, & *Pater noster*, antes da Oração. Nas Laudes, & Vesperas, só tãgerà em quãto se reza *kyrie eleison*, não o *Pater noster*. Tambẽ se tange nos mesmos dias o *Deo gratias* das Laudes, & Vesperas.

5 Em todo dia semiduplex, Infraoctaua, ou simplex, & em todos os Domingos ordinarios que correm da Paschoa até à Septuagesima (tirando os do Aduẽto) se tangerà o orgão alternatim nas Vesperas ao Hymno, *Magnificat*, & ao *Deo gratias*; & na Completa ao Hymno, ao *Nunc dimittis*, & à Antiphona de N. S. ¶ Aduirtase que os Versos *Gloria Patri*, & *Benedicamus Patrem, & Filium*, & os vltimos Ramos com q̃ se acabão os Hymnos, nunqua se tanjão com orgão, mas sempre serão cantados, por reuerencia da Sanctissima Trindade, ainda que o Verso antecedente tambem fosse cantado. O mesmo se guardarà nestes Ramos. *Tantum ergo Sacramentum, &c. O Salutaris Hostia*, & *O Crux aue spes vnica* quando se reza da Cruz. E o *Te ergo quaesumus, &c.* do *Te Deum*.

6 Aduirta mais o tangedor que nos Versos da *Magnificat*, principalmente quando ouuer Capeyros, & nos *kyrios* das Missas solemnes faça as clausulas mais largas, pera que haja tempo pera se incensar; & em todos os mais Psalmos, & Hymnos, & Canticos darà sempre tempo pera que se possão rezar os Versos pauzadamente.

7 Nas Missas de Festa semiduplex, Infraoctaua, simplex, ou de Dominga ordinaria, se dirà o *Gloria*, *kyrios*, *Sanctus*, & *Agnus Dei* alternatim cõ o orgão, tãgerseha tambem o Gradual, & o Verso que em seu lugar se diz no tempo da Paschoa depois da Epistola, & o *Alleluia* q̃ se repete depois do verso antes do Euangelho. ¶ Depois do *Oremus* do Offertorio até o principio do Prefacio, & acabados os *Sanctus* atè se leuantar a segunda Hostia, & depois do *Agnus Dei*, até se começar a *Communicanda*, se tangerà sempre o orgão, & com elle se responderà ao *Ite Missa est*. O mesmo se guardarà em qualquer Missa votiua q̃ se cantar, não sendo solemne; & nas das Ferias que tem *Alleluia* depois da Epistola, & se não jejuão. ¶ Nas Missas de festa duplex, nas das Confrarias, na da Prima de N. S. no sabbado, & em qualquer outra q̃ se cantar como duplex, se tangerà como fica dito, excepto que o *Gloria in excelsis* se cantarà todo sem orgão.

8 Em todos os dias do Aduento que se fizer Officio do tempo, nos dias que corrẽ das Vesperas do sabbado da Septuagesima inclusiue até o vltimo sabbado da Quaresma, em que se não rezar de Sancto, & em todos os dias do anno em que se rezar de Vigilia de jejum vniuersal da Igreja, se não tange orgão nem â Missa, nem nas Horas do Officio diuino; tirãdo todas as Domĩgas do Aduento, & a Quarta da Quaresma, & a Quinta Feyra mayor, nos quaes dias se tange orgão sô a Missa. Tirando tambẽ a Vigilia do Natal em q̃ se começa a tanger orgão nas Laudes; & as Vigilias de Paschoa, & Pentecostes, nas quaes se começa a tanger quãdo se diz o *Accendite* no principio da Missa.

9 Tangerseha o orgão nos dias que o Abbade diz Missa, ou Vesperas cõ insignias Pontificaes, em quanto os Ministros vão pera a Capella; & no dia da Missa noua ao entrar do Missacantante pera a Igreja, na forma q̃ se diz no Liuro 2. Cap. 6. §. 7. num. 6. & 7. ¶ Os foles do orgão leuantarà o sineyro, que acabou, ou algum Donado.

Lib. 2. c. 6 §. 7. num. 6. & 7. pag. 98. & 99

CA-

Figura 128: Do Organista e Horas em que há de Tanger (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Cerimonial da Congregação dos Monges Beneditinos, 1647.

A segunda edição do *Cerimonial Monástico Reformado da Congregação de S. Bento de Portugal* foi publicada no ano de1820, em Lisboa.

CEREMONIAL MONASTICO

REFORMADO

DA

CONGREGAÇÃO

DE

S. BENTO DE PORTUGAL.

Pertence a este Mosteiro de S.to Thyrso, e está applicado ao uzo do P.e Mestre de Noviços.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1820.

Com Licença da Commissão de Censura.

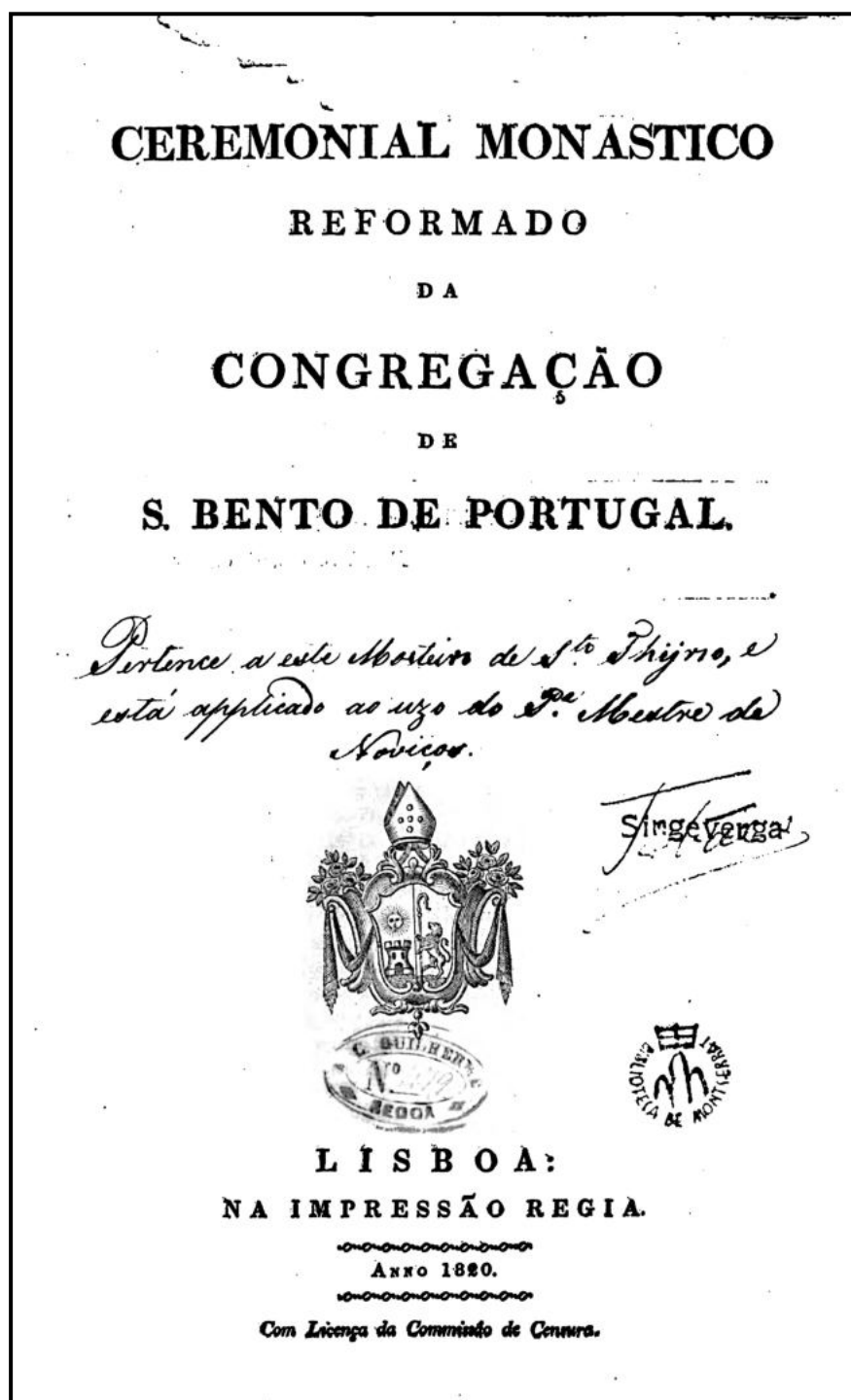



Figura 129: Cerimonial Monástico Reformado, 1820
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

22 CEREMONIAL

leccionarios, e na Collação do Capitulo não dirá no fim a lecção *Fratres*, *sobrii* etc. porque esta foi posta no Breviario para supprir a lecção do Capitulo.

17.° Ultimamente no Mandato Sabbatino ambos os Leitores ajudarão os Serventes, como se determina no Livro IV. Cap. VII.

CAPITULO X.

Do Organista.

1.° O Organista deve com todo o cuidado evitar musicas indiscretas, e profanas, donde possa resultar escandalo, e são sómente adoptar aquellas, que pela sua gravidade, e seriedade sejão correspondentes á magestade do Culto Divino, e proprias a alimentar a piedade dos Fieis. A ordem, que deve guardar, he a seguinte.

2.° Em todas as festas duplices acompanhará com o orgão o Hymno *Te Deum laudamus*, e todos os mais Hymnos, Psalmos, e Canticos, que nas dictas festas se cantarem assim nas Horas nocturnas, como diurnas, excepto o directaneo das Matinas *Domine quid multiplicati sunt*, e o das Laudes *Deus misereatur*, que se dirão a Choros sem orgão. Exceptuão-se tambem os Psalmos, e Canticos do ultimo triduo da Semana maior, que se cantarão sem orgão.

3.° Nas mesmas festas duplices, nas Matinas, Laudes, e Vesperas depois de cada Psalmo se tocará, em quanto se entoa a antiphona, que antes do tal Psalmo se cantou, tirando a ultima de cada Nocturno, e a ultima de Laudes, e Vesperas, que depois do Psalmo se cantará toda, o que se guardará tambem, quando os Nocturnos tem huma só antiphona. Assim mesmo nunca se tocará á antiphona depois do *Benedictus*, e *Magnificat*, nem á das Horas menores, ainda que se psalmeem com orgão. A do *Nunc dimittis* se cantará acompanhada com orgão. A antiphona *Ave stella matutina* será toda cantada, e acompanhada com orgão todas as vezes, que o Cantico *Benedictus* for cantado; nos mais dias duplices será cantada sem orgão. A antiphona de Nossa Senhora no fim de Completa, com a sua addição *Conceptio tua*, sempre que se cante, será acompanhada com orgão.

4.° Nos dias de primeira classe será acompanhado com o orgão o *Deo gratias* depois do *Benedicamus Domino*, nos outros dias duplices tambem tocará o orgão, em quanto o Convento entoa em tom mais baixo o *Deo gratias* depois do dicto *Benedicamus*.

5.° Advirta-se, que os versos *Gloria Patri*, e *Benedicamus Patrem et Filium* do Cantico *Benedicite*, e os ultimos ramos dos Hymnos nunca serão entoados com o orgão, mas sempre serão cantados, e acompanhados com o mesmo orgão, ainda que o verso antecedente fosse cantado do mesmo modo; mesmo se poderão entoar

Figura 130: Capítulo X: Do Organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Cerimonial Monástico Reformado, 1820.

MONASTICO. 23

com o orgão os dous versos antecedentes successivamente, a fim que os sobredictos sejão cantados. O mesmo se guardará com estas estrophes *Tantum ergo Sacramentum* etc. *O Salutaris Hostia* etc. O *Crux ave spes unica* etc. *Quæsumus Auctor omnium* etc. e *Te ergo quæsumus* do *Te Deum*.

6.° Advirta mais o Organista, que nos versos do Cantico *Magnificat*, quando as Vesperas forem capituladas por paramentados, e ao *Kyrie* das Missas, em que se thurifica o Altar, faça as clausulas mais largas, para que haja tempo de incensar. Em todos os mais Psalmos, Hymnos, e Canticos dará sempre tempo, para que possão entoar-se os versos pausadamente.

7.° Nas Missas duplices se cantará o *Gloria in excelsis* todo acompanhado com o orgão; nas outras Missas será hum verso cantado, outro entoado, acompanhado tudo com o orgão. Isto mesmo se observará a respeito do *Credo*; porêm nas Missas, que não tiverem orgão, será cantado todo a choros. Os *Sanctus*, e *Agnus Dei* nas Missas, que tem orgão, em todo, e qualquer dia serão acompanhados com o mesmo orgão hum verso cantado, outro entoado. Toca-se tambem o orgão desde que acaba de cantar-se o Offertorio até ao principio do Prefacio, e desde que acaba de cantar-se *Sanctus* até á segunda elevação da Hostia, e mais flautado entre a primeira elevação, e a do Caliz. Toca-se tambem desde que acaba de cantar-se o *Agnus Dei* até que se comece a antiphona Communio. Nos dias, em que commungar o Noviciado, e Choristado se cantarão com o orgão as duas estrophes *Tantum ergo* etc. e *Genitori*, as quaes serão cantadas sem orgão, quando a Missa o não tiver. Ultimamente se tocará ao *Deo gratias* depois do *Ite Missa est*, que nas primeiras classes he cantado, nos outros dias he entoado baixo; o mesmo se observará com o *Deo gratias* do *Benedicamus Domino* nas Missas, que tem orgão. Nas mesmas Missas se tiverem Sequencia, esta será cantada a choros, e acompanhada com o orgão.

8.° Aquella Hora, que se cantar antes da Missa maior, não sendo em dia duplex, não tem orgão.

9.° A todas as Missas se toca orgão, excepto ás seguintes. As Missas de feria, que não tiverem *Alleluia* depois da Epistola tambem não tem orgão, excepto a Vigilia de Natal, em que se principia a tocar orgão ás Laudes, e dahi por diante, como nas festas solemnes. Em Quinta Feira da Cêa toca-se orgão á Missa até o *Agnus Dei* inclusivamente. No Sabbado Sancto, e Vigilia de Pentecostes começa-se a tocar ao *Accendite*. Tambem se não toca orgão nos Domingos desde a Septuagesima até á Paschoa, excepto o quarto da Quaresma. As Vigilias são verdadeiras ferias, e entrão na regra dada no principio deste n.° Nos Officios, e Missas de Defunctos nunca se toca orgão. Advirta-se porêm, que se o orgão se fizer necessario para acompanhar alguma musica de vozes, que sem elle não possa executar-se, não ha dia, nem acto algum, em

Figura 131: Capítulo X: Do Organista (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Cerimonial Monástico Reformado, 1820.

24 CEREMONIAL

que elle não possa tocar-se, porêm he só para o dicto acompanhamento, e nada mais.

10.° Toca-se o orgão nas entradas solemnes dos Prelados, e nos actos pontificaes até se começarem os dictos actos, nas festas solemnes, em que ha quatro ou mais Assistentes com pluviaes á entrada dos Ministros para a Igreja, e o mesmo nas Missas novas.

11.° Em todos os Sabbados he acompanhada com o orgão a Ladainha de Nossa Senhora, e a antiphona *Stella cœli*, que depois della se canta. Alguns actos mais, em que deva tocar-se orgão, irão apontados em seus proprios lugares.

Figura 132: Capítulo X: Do Organista (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Cerimonial Monástico Reformado, 1820.

O latim foi adotado como língua oficial e obrigatória na Liturgia Romana a partir do Sacrossanto e Ecumênico Concilio de Trento (1545-1563)[335] com a finalidade de unificação da Religião Católica Romana. Se por um lado esta medida fortaleceu a Igreja Católica como instituição, e deu um aspecto estético as celebrações, por outro causou prejuízo aos fiéis, que em sua grande maioria não entendiam o discurso e cânticos das missas. Com isto, tendeu-se as manifestações religiosas populares e das procissões por parte do povo. A celebração teve perdas na liturgia quanto a participação efetiva da comunitária, como também no culto doutrinador teológico e edificador espiritual.

Instituído na Sessão V do Concílio de Trento (1545-1563), o Decreto da Reforma, trata do compromisso com a instrução dos fiéis católicos. Em seu Capítulo I, intitulado "*Da instituição da lição da Sagrada Escritura, e das Artes Liberais*" (REYCEND, 1781, Vol. I, p. 77), legisla sobre o ensino de Teologia e das Artes Liberais nas instituições religiosas e nas escolas. A formação era dada ao monges no Colégios de Artes e Teologia existentes nos mosteiros. Os estudos das Artes Liberais[336] compreendiam as seguintes disciplinas:

- **Trivium:** Lógica/Dialética, Gramática e Retórica;
- **Quadrivium:** Aritmética, Música, Geometria e Astronomia.

[335] O Concílio de Trento teve início no dia 13 de dezembro de 1545, e foi encerrado com a Sessão XXIV, no dia 4 de dezembro de 1563.
[336] No curso de Artes Liberais as aulas eram ministradas por dois professores em dois turnos: manhã, de 9:30hs às 10:30hs e tarde, das 14hs às 16:30hs.

Segundo Geraldo José Amadeu Coelho Dias, a Congregação Beneditina dava importância não somente aos Ofícios Divinos no Coro e a pregação, mas também aos estudos, a formação. O currículo de um monge beneditino constava das seguintes etapas[337]:

I. Um ano de noviciado;

II. Profissão Religiosa;

III. Coristado – cursaram nos Colégios 3 anos de filosofia e 4 de teologia;

IV. Bacharelato (Passante)[338];

V. Mestrado (Mestre) – com nove anos de docência;

VI. Jubilação (Jubilado) – com 12 anos de ensino, nestas patente, possuíam os privilégios e regalias dos professores, contudo, não estavam obrigados a reger alguma cadeira.

Havia Colégios de Artes e de Teologia em vários mosteiros, onde eram formados os Padres Mestres. O Pregador Público passavam a Pregador Ordinário após o Ato de Pregador. Depois de quinze anos de pregação, com quinze sermões anuais, se tornava Pregador Geral; podendo se tornar em Pregador Úrbico (nas cidades) ou Régio.

Com a reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, em 1772, foi estabelecido o Plano de Estudo de 1774, seguido pelo Plano de Estudo de 1789. Houve então uma preocupação com a formação científica do coristado da Ordem Beneditina, sendo acrescentado ao currículo as disciplinas de grego e hebraico (DIAS, 2011, p. 184).

Para os beneditinos, era importante a excelência na pronúncia do latim[339] no coro e dos organistas no acompanhamento do gregoriano. Segundo definição do Capítulo Geral celebrando em Tibães, em 3 de maio de 1761, se o corista ou o organista que entraram por prenda fosse negligente em suas funções, ele seriam punidos ou castigados.

---

[337] DIAS, 2011, p. 184.

[338] Através da bula de Gregório IX, de 7 de Outubro de 1377, Universidade de Coimbra passou a conferir graus de bacharel, licenciado e doutor, com o respectivo uso das insígnias. Para se ser bacharel era necessário cursar aulas de uma Faculdade durante três anos, após ter terminado a instrução preparatória da Lógica e da Gramática. Ao fim dos três anos, cada ano letivo tinha oito meses, defendiam "conclusões" em acto público. O grau de bacharel acabou por perder o seu conteúdo histórico, cedendo o lugar de primeiro grau universitário ao *gradum licentiae*. Já no século XVIII os títulos de bacharel e de doutor surgem com mais frequência que o título do licenciado, sendo este apenas uma passagem necessária dos estudos para se atingir o grau de doutor.

[339] O texto diz que os monges cantores deveriam ser instruídos na pureza da língua latina.

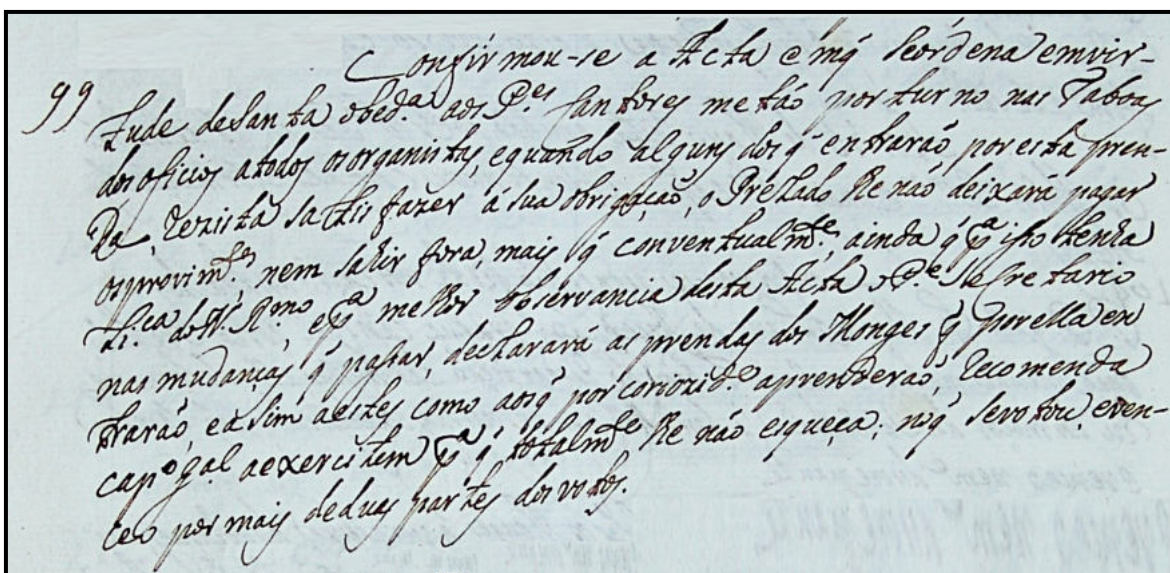



Figura 133: Os Monges por Prenda de Órgão devem satisfazer à sua obrigação
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Pública Municipal do Porto – BMP_MS-2_0635 – P. 635.

> **99 –** Confirmou-se a Acta em q' se ordena em virtude de santa Obed[a]. [obediência] aos P[es]. [Padres] cantores metaõ por turno nas Taboas dos oficios a todos os organistas, e quando algum dos q' entraram por esta prenda rezista satisfazer á sua obrigaçaõ, o prelado lhe naõ deixará pagar os provim[tos]. [provimentos], nem sahir fora, [...] (Acta da Junta de Tibães, 1761, P. 635).

No Parágrafo seguinte, N° 100, deste mesmo Capítulo Geral, é reforçada a necessidade de aperfeiçoamento na língua latina pelos corista, assim como também a punição aos negligentes.

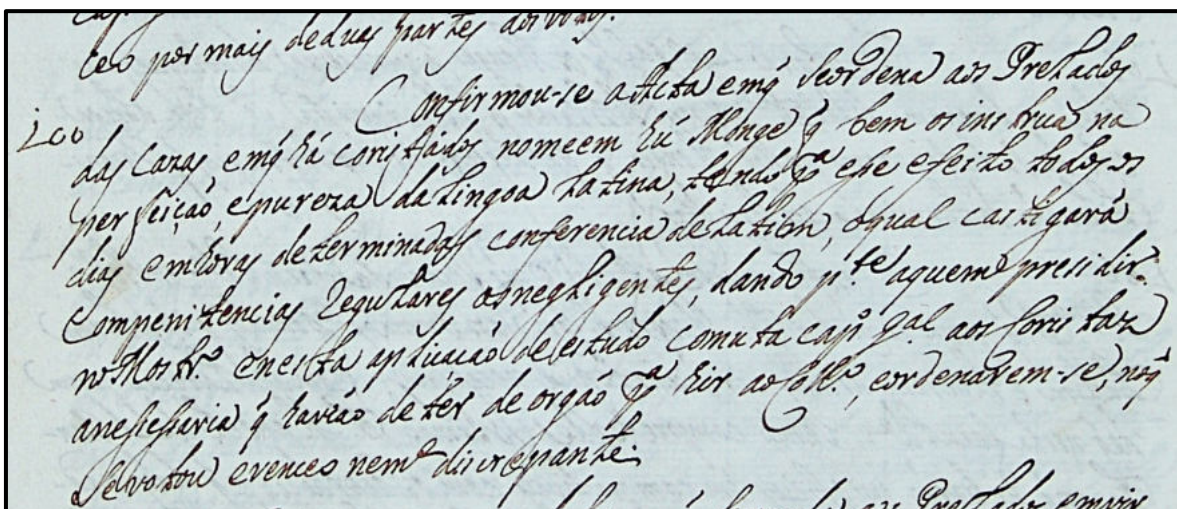



Figura 134: Punição aos monges coristas negligentes
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Pública Municipal do Porto – BMP_MS-2_063 – P. 635.

100 – confirmou-se a Acta em q'. se ordena aos prelados das Cazas em q'. há Coristados nomeem [nomeiem] hú [um] Monge q'bem os instrua na perfeição, e pureza da Lingoa latina, tendo p^{a}. esse efeito todos os dias em horas determinadas conferencia de Latim, o qual castigará com penitencias regulares os negligentes, dando p^{te}. [parte] a quem presidir no Mostr^{o}. [Mosteiro] e nesta aplicação de estudo com Cap^{o}. [Capitulo] G^{al}. [Geral] aos Coristaz a nessessaria [necessária] q'. havião [haviam] de ter de orgaõ p^{a}. hir [ir] ao Conv^{o}. [Convento], e ordenarem-se, no q'. se votou e venceo nem^{e}. [nemine] discrepante[340]. (Acta da Junta de Tibães, 1761, P. 635).

Como constatado nesta determinação, e novamente confirmado, dessa vez são acrescentadas a língua grega e a retórica na formação dos monges coristas: "Confirmouse a Acta q'. se manda aos Prelados das Cazas, aonde ouverem Coristas, nomeyem [nomeiem] hú [um] Monge q'. bem instrua na perfeiçaõ, e pureza da Lingoa Latina, Rethorica, e Lingoa Grega, [...]" (BMP_MS-2_0913 – P. 913).

Confirmouse a Acta em q'. se manda aos Prelados
das Cazas, aonde ouverem Coristas, nomeyem hu Mon-
je q'. bem os instrua na perfeição, e pureza da
lingoa Latina, Rethorica, e lingoa grega, tendo
p.a isto conferencias em dias e horas determinadas
M.e de Coristas

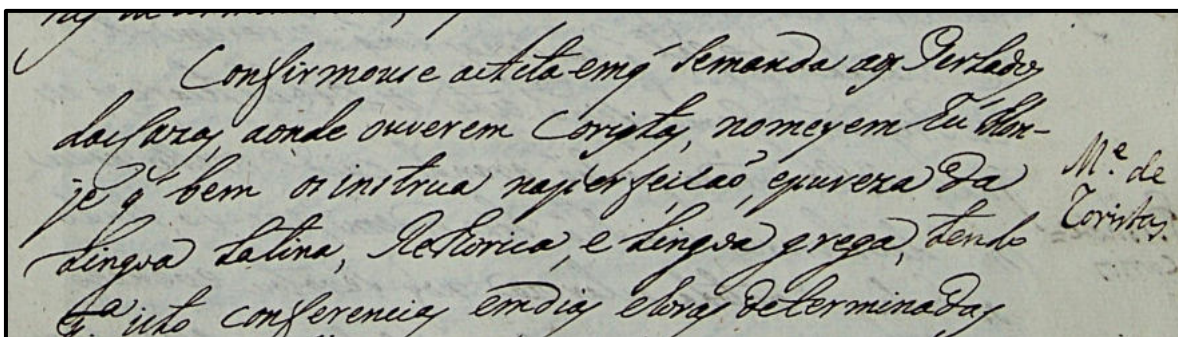
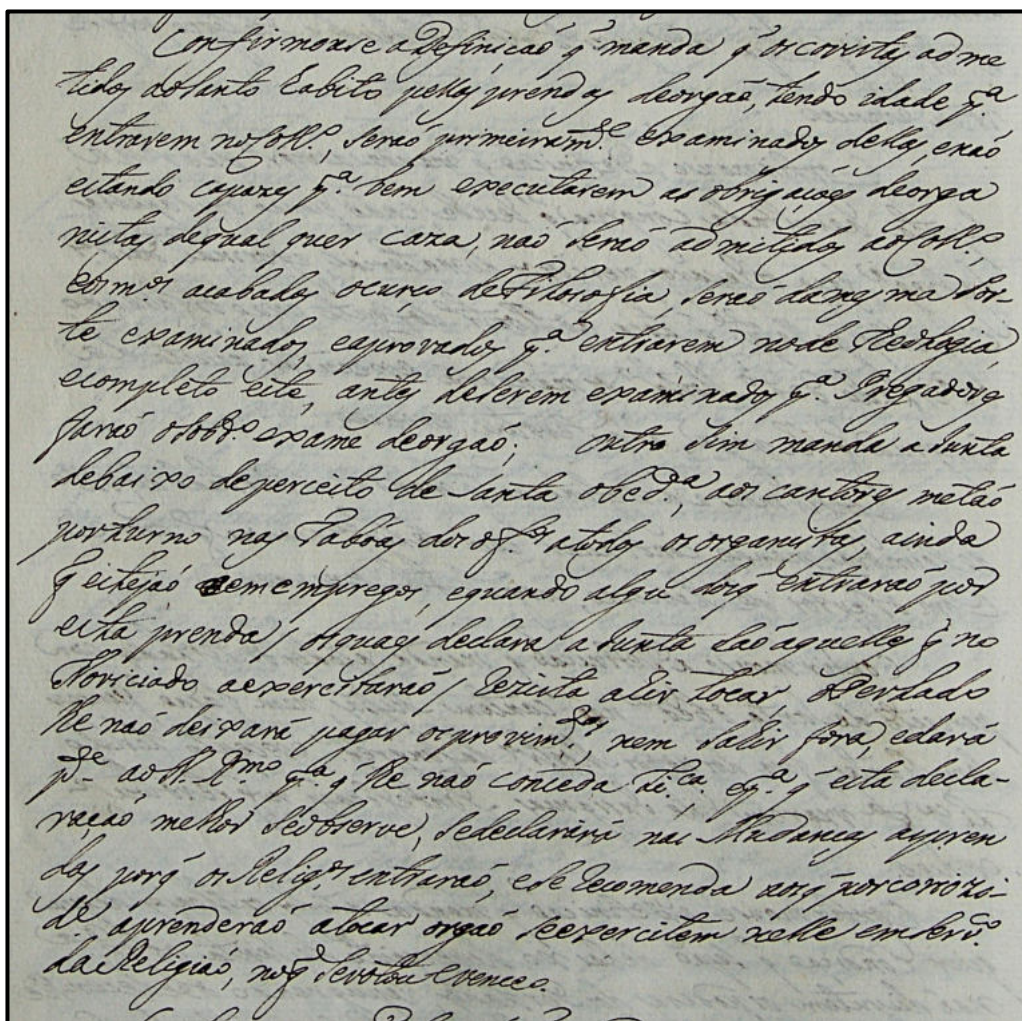



Figura 135: Aperfeiçoamento dos monges nas línguas latina e graga, na retórica
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Pública Municipal do Porto – BMP_MS-2_0913 – P. 913.

O ingresso na Congregação Beneditina não era fácil, quando o candidato não pertencia a família de nobres. As Atas Capitulares determinavam que fossem filhos legítimos de pessoas nobres. Aqueles pais que desejavam que seus filhos fossem religiosos, e não possuíam linhagem nobre, educavam-nos dando-lhes instrução em latim e em música. Assim, teriam alguma formação específica necessária a vida religiosa, o que facilitaria o ingresso no convento.

Na Biblioteca Pública Municipal do Porto encontram-se dois documentos que legislam sobre os coristas. O primeiro, intitulado "*Regulamento que se deve observar para*

[340] A expressão latina significa "sem discrepância", unanimemente, sendo usada para designar que foi tomada uma decisão por unanimidade de votos.

a instrução dos choristas" (Ms 1257, doc. Nº 29), faz alusão a lições diárias de latim, excetuando aos domingos, dias santos e nas quartas-feiras, quando não houvesse dia santo. O segundo documento, como título "*Para a instrução do Chorista*" (Ms 1257, doc. Nº 29), que também reforça a necessidade do aperfeiçoamento na língua latina, e também o exercício do cantochão.

A importância dada ao órgão de tubos na liturgia beneditina era tal que na Junta Geral celebrada no Mosteiro da São Martinho de Tibães, em 3 de maio de 1758, definiu a entrada de noviços pelas "prendas[341] de órgão e solfa", ou seja, para servir como organista ou como cantor. Para tal função eram os candidatos examinados. O segundo o *Livro do Noviciado*, Nº 30, da Congregação Beneditina registra a admissão de 30 noviços no Mosteiro de Tibães por "prenda de órgão e solfa" entre os anos de 1779 e 1806. Os lançamentos do motivo de admissão são grafados com uma das seguintes rubricas: veio por organista, entrou por órgão, entrou por organista e aceito pela prenda de órgão.

[341] O termo "prenda" tem o significado de "presente" ou mesmo "dádiva", necessárias para a entrada nos mosteiros beneditinos.

Votos.

Os q. entraõ por prendas

Representou-se a todo o Capº. que os Mais dos Monges que entraõ na Religiaõ por prendas, e tambem alguñ, que depois de entrarem nella as aprenderaõ, as deixavaõ totalmente esquecer, eximindo-se de exercellas, do q'. rezul- tava damno gravissimo a Religiaõ, e a perfeicaõ dos Officios Divinos; e pª. evitar este prejuizo ordena o Capº. q. todos em Virtude de Sta. obed.a os Cantores metaõ na Tabôa dos Offos. por turno a todos os Organistas, e quando algũ recuze a satisfazer esta obrigacaõ, o Prelado lhe naõ deixará pa- gar os provimentos, nem sahir fora mais que o [illegible]. E pª. q. melhor conste assim aos Prelados, como aos Cantores dos Monges, que tem esta prenda o M. R. P. Geral declarará nas mudanças, que passar, a prenda do Monge

Figura 136: Prenda de órgão e solfa – Junta de Tibães – 1758
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – Página 556.

557

mudado; o q'. aos Prelados se manda tam- bem em Virtude de Santa Obed.a, e q. os naõ deixe sahir fora, ainda que tenhaõ Lça. do R. Rmo. P. o q'. se votou, e venceo por mais de tres partes dos Votos. E q. com os Organistas senaõ entende a dispensa de irem ao Coro antes de serem os quatro annos de Habito.

Adver-

Figura 137: Prenda de órgão e solfa – Junta de Tibães – 1758
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.M.S. – M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – Página 557.

Os q. entraõ por prendas

Representou-se a todo o Capº. [Capítulo] que os mais dos Monges que entraõ na religiaõ por prendas, e tambem alguns, que depois de entrarem nela as aprenderaõ, as deixavaõ totalmente esquecer, e eximindo-se de exercellas, do q'. rezultava damno gravissimo a Religiaõ, e a perfeicaõ dos Officios Divinos; e pª.

evitar esse prejuízo ordena Cap°. G^{al}. [Capítulo Geral] em virtude de S^{ta}. obed^{a}. [obediência] dos cantores metaõ na Taboa dos Off^{os}. [Officios] por turnos a todos os organistas, e quando alguem rezista a satisfazer esta obrigação, o Prelado lhe naõ deixará pagar os provimentos, nem satisfará mais que conventualme^{te}. E p^{a}. q'. melhor conste assim aos Prelados, como aos cantores, dos Monges, que tem esta prenda a M. R. P. Secr°. [Muito Reverendíssimo Padre Secretário] declarará nas mudanças, que passar, a prenda do Monge mudado; o q'. aos Prelados se manda tambem em virtude da santa obed^{a}., e q'. os naõ deixe sahir fóra, ainda que tenhaõ licença do N. R^{mo}. No q'. se votou, e venceo por mais de três p^{tes}. [partes] dos votos. E q'. com os Organistas senaõ entende a dispensa de irem aos M°. [mosteiro] antes de terem os quatro anos de habito. (Capítulo Geral em Tibães, 1758, P. 556).

Para serem aceitos pela "prenda de órgão" haviam critérios rígidos nessa acolhidos ao coro, na função de organista. Na Junta Celebrada no Mosteiro de Tibães em 25 de agosto de 1773 define o processo e critérios de admissão.

Confirmouse a Definição q manda q os convistos admi-
tidos ao Santo Habito pella prenda de orgão, tendo idade q
entrarem no Noviciado, serão primeiram.te examinados della, e não
estando capazes p.a bem executarem as obrigaçoes de orga-
nista de qual quer caza, não serão admitidos ao Noviciado.
Com os acabados o curso de Filozofia, serão da mesma sor-
te examinados, e aprovados p.a entrarem no de Theologia
e completo este, antes de serem examinados p.a Pregadores
farão o dob.o exame de orgão; Outro Sim manda a Junta
debaixo de preceito de Santa obed.a aos cantores metão
por turno na Taboa dos off.os a todos os organistas, ainda
q estejão em empregos, e quando algu dos q entrarão por
esta prenda, (os quaes declara a Junta são aquelles q no
Noviciado o exercitarão) rezista a ir tocar o Prelado
lhe não deixará pagar os provim.tos, nem sahir fóra, e dará
p.a o N. R.mo p.a q lhe não conceda lic.a. E p.a q esta decla-
ração melhor se observe, se declarará nas Mudanças a pren-
da porq os Relig.os entrarão, e se recomenda aos q [illegible]
de aprenderão a tocar orgão se exercitem nelle em serv.o
da Religião, no q se votou e venceo.

Figura 138: Processo de admissão dos monges pela prenda de órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.P.M.P. – BMP_MS-2_873 – Página 837.

Confirmouse a Definiçaõ q'. manda q'. os coristas admitidos ao Santo Habito pelas prendas de orgaõ, tendo idade p[a]. entrarem no Conv[o]. [Convento]; seraõ primeiram[te]. [primeiramente] examinados delas, e naõ estando capazes p[a]. bem executarem as obrigaçoes de organista de qual quer Caza, naõ seraõ admitidos ao Conv[o]., e os m[os]. [mesmos] acabados o curço [curso] de Filosofia, seraõ da mesma sorte examinados, e aprovados p[a]. entrarem no de Theologia e completo este antes de serem examinados p[a]. Pregadores faraõ o sobd[o]. [sobredito] exame de orgaõ; outro sim manda a Junta debaixo de perceitos de Santa Obd[a]. [Obediência], aos cantores metaõ por turno nas Taboas dos Of[os]. [Ofícios] a todos os organistas, ainda q'. estejaõ sem empregos, e quando algu [algum] dos q'. entraraõ por esta prenda, os quaes declara a Junta saõ aquelles q'. no Noviciado a exercitaraõ, rezista a hir tocar, Perlado [prelado] lhe naõ deixará pagar os provim[tos]. [provimentos] nem sahir [sair] fora, e dará p[te]. [parte] ao N. R[mo]. p[a]. q'. lhe naõ conceda Li[ca]. [Licença]; e p[a]. q'. esta declaraçaõ melhor se observe, se declarará nas mudanças a serem dos porquem os Relig[os]. [Religiosos] entraraõ, e se recomenda aos q'. por coriozid[e]. [curiosidade] aprenderaõ a tocar orgaõ se exercitarem nelle em serv[co]. [serviço] da Religiaõ, no q'. se votou em venceo [venceu] (BMP_MS-2_873 – Página 837).

Segundo o texto da Junta, os coristas admitidos pela prenda de órgão passariam primeiramente por um exame, a fim de se constatar sua capacidade para servirem como organista no coro. A rigidez na qualidade do organista para o ingresso na Ordem Beneditina é confirmada no Capítulo Geral celebrado no Mosteiro de Tibães em 3 de maio de 1770.

He Ley confirmada q o N. R.mo debaixo de
perceito de Santa Obed.a naõ possa admetir ao nosso
Santo Habito Seg.tos q naõ tenhaõ as condiçoes Seg.tes
os q se aceitarem p.a o Coro seraõ f.os leg.os de Pessoas
nobres honradas, e de conhecida nobreza, e estimaçaõ
nas suas terras e vezinhanças. e os q se aceitarem pella
prenda de orgaõ, Solfa e [illegible], e os q.a Donados seraõ
taõ

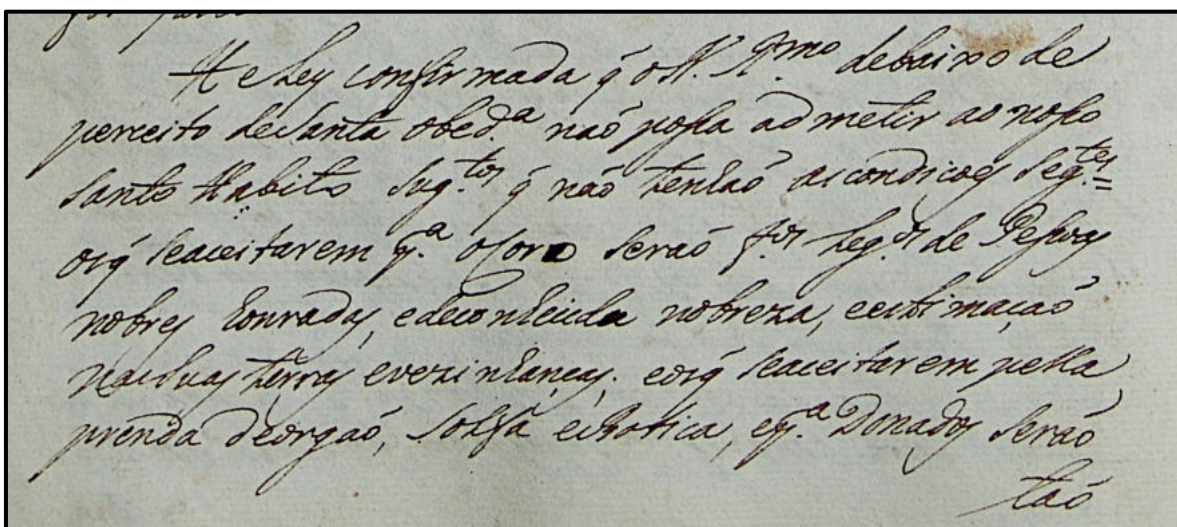



Figura 139: Ingresso dos monges – Capítulo Geral em Tibães – 1770
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Pública Municipal do Porto – BMP_MS-2_0846 – Página 846.

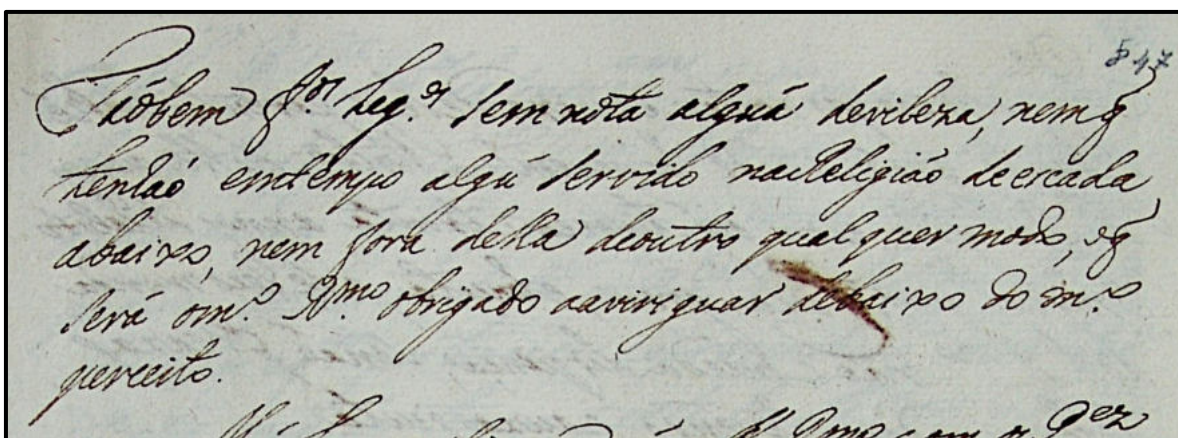



Figura 140: Ingresso dos monges – Capítulo Geral em Tibães – 1770 (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Pública Municipal do Porto – BMP_MS-2_0847 – Página 847.

> He Ley confirmada q'. o N. [Nosso] R^{mo}. [Reverendíssimo] debaixo de perceito de Santa Obed^{a}. [Obediência] naõ possa ao metir [meter][342] ao nosso Santo Habito sug^{tos}. [sujeitos] q'. naõ tenhaõ as condicoes seg^{tes}. [seguintes] = os q'. se aceitarem p^{a}. [pera] o Coro seraõ f^{os}. Leg^{os}. [filhos legítimos] de pessoas nobre honradas, e de conhecida nobreza, e estimação nas suas terras e vezinhanças; e os q'. se aceitarem pella prenda de orgaõ, solfa e botica, e p^{a}. Donados seraõ taõ bem f^{or}. Leg^{es}. sem nota alguã [alguma] devibeza, nem q'. tenhaõ em tempo algum servido na Religiao de escada abaixo, nem fora della de outro qualquer modo, e q'. será o m^{o}. [mesmo] R^{mo}. obrigado a averiguar debaixo do m^{o}. perceito [preceito] (BMP_MS-2_0847 – Página 846).

Junta Geral celebrada no Mosteiro da São Martinho de Tibães, em 9 de agosto de 1758 definiu-se: "**Officio Divino** - Confirmou-se a Acta q'. determina se naõ dispensem dous versos, ou ramos, tomandose a órgaõ quando se canta o Officio Divino, e se observem as leis, e ceremonias; no q'. se voltou, e vençeo." (BMP_MS-2_0582 – Página 587).

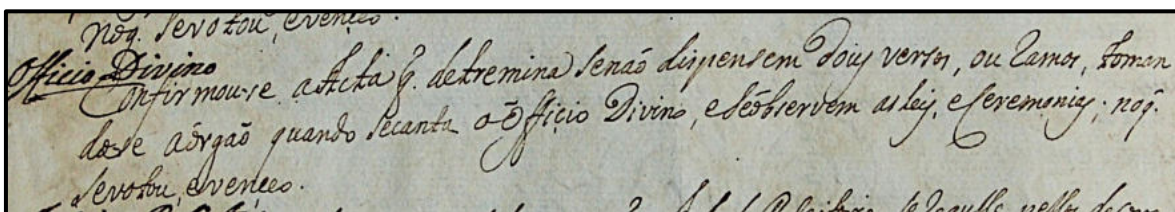



Figura 141: Versos x órgão nos Ofícios Divinos – Junta de Tibães – 1758
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Biblioteca Pública Municipal do Porto – BMP_MS-2_0582 – Página 587.

[342] O termo "Metir", ou "meter", no sentido de vestir.

Segundo o *Dicionário Rafael Bluteau*, o termo “ramos de versos”, ou “ramo[343] de verso”, trata-se de um certo gênero de versos em canções, madrigais, entre outras. Nesta prática, o órgão de tubos alternava fazendo solos entre os versos do cantochão cantados pelos monges no coro. A princípio estes solos eram improvisados, posteriormente, vieram se transformar em uma forma musical organística, sempre baseada em cantos litúrgicos. O *Ceremonial da Congregação dos Monges Negros da Ordem do Patriarcha S. Bento do Reyno de* Portugal, de 1647, adverte no primeiro Parágrafo: “[...] e versos que tanger não sejam à imitação de cantos e músicas profanas [...]”. Também no *Cerimonial Monástico Reformado da Congregação de S. Bento de Portugal*, de1820, no Parágrafo 5º trata sobre os versos. Em Portugal, destacaram-se alguns compositores nesta forma. Foram eles: Frei Roque da Conceição, Manuel Rodrigues Coelho, e vários compositores anônimos.

Contudo, no Capítulo Geral celebrado em 20 de outubro de 1776, no Mosteiro da Saúde de Lisboa, foi proibida a prática dos “Ramos a Órgão”: “Confirmou-se a Acta, q’. se manda se naõ tomem dois Ramos a Orgaõ, quando se canta o Officio Divino; no q’. Se Votou e venceo” (BMP_MS-2_1000).

Confirmou-se a Acta, q. manda se
naõ tomem dois Ramos a Orgaõ quando se
canta o Officio Divino; no q. se Votou e Venceo.

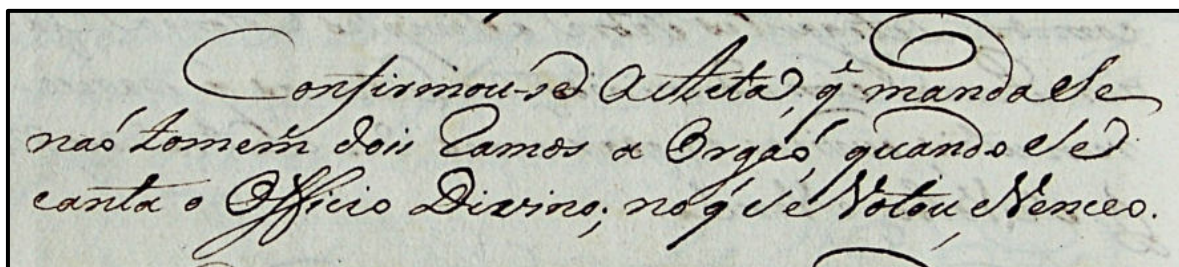



Figura 142: Proibição os Ramos a Órgão nos Ofícios Divinos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.P.M.P. – BMP_MS-2_1000 – Página 1000.

Em 1776, no Capítulo Geral realizado no Mosteiro de São Bento de Lisboa, foi confirmada e definida a entrada dos noviços na condição de prenda de órgão e solfa. Neste mesmo Capítulo, ficou determinado que os Monges admitidos por prendas eram proibidos de frequentarem os cursos ministrados nos Colégios da Congregação, para assim, darem dedicação exclusiva no desempenho das funções para as quais foram admitidos.

---

[343] Segundo o *Tratado de Versificação Portuguesa*, de 1777, Parte I, o termo “ramos” ou “estancia” é um ajuntamento de muitas parelhas de versos, ou de muitos tercetos, ou quartetos, uns com outros entre se encadeados por meio de cadências semelhantes.

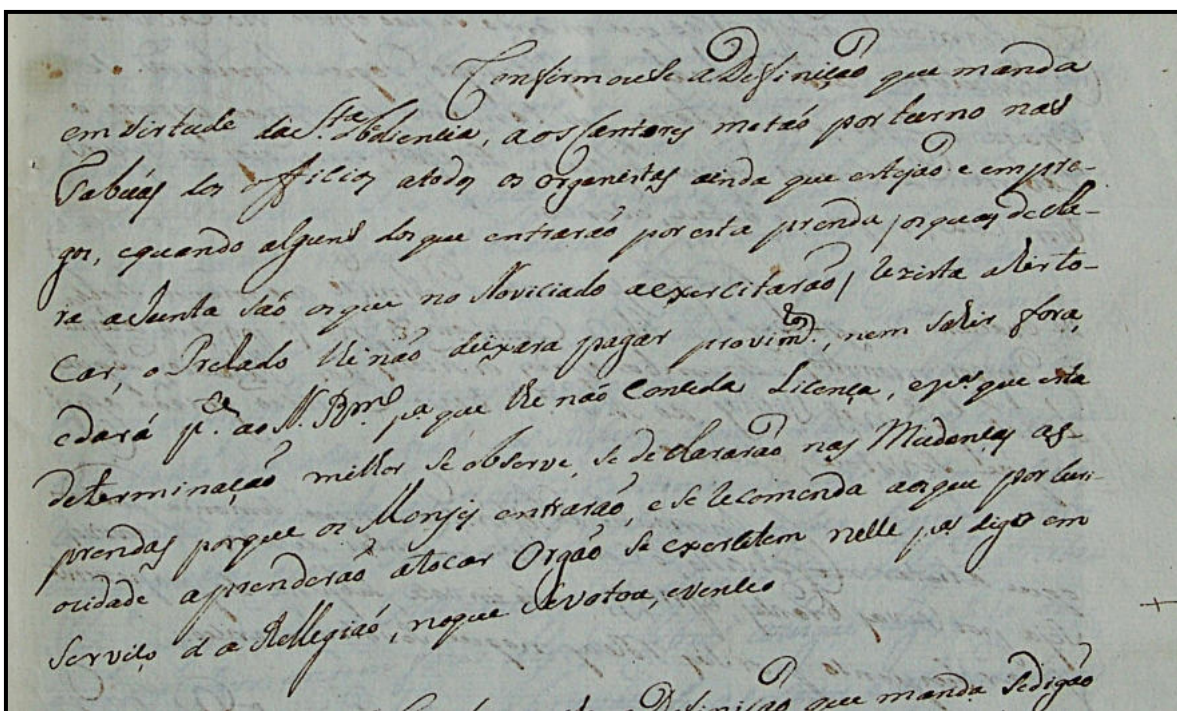



Figura 143: Prenda de órgão e solfa – Junta de Tibães - 1767
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.P.M.P. – BMP_MS-2_0787 – Página 787.

> Confirmadas todas as definições que manda em virtude da S[ta]. obediência, aos cantores metaõ por turno nas Tabuas dos Oficios, a todos organistas ainda que estejaõ e empregos, e quando alguns dos que entraraõ por esta prenda / os quaes declara a Junta saõ os que no Noviciado a exercitaraõ / rezista a hir tocar, [...] e p[a]. que esta determinação milhor se observe, se declararaõ nas mudanças as prendas por que os Monges entraraõ, e se recomenda aos que por curiosidade aprenderaõ a tocar Orgaõ se exercitem nelle p[a]. digo em serviço da Rellegiaõ, no que se votou, e venceo (BMP_MS-2_0787 – Página 787).

As representações de óperas, assim como o uso de alguns instrumentos, foram proibidos na Congregação Beneditina Portuguesa, dentro de seus mosteiros, no Capítulo Geral celebrado em Lisboa no ano de 1776, como pode ser constatado no recorte do texto a seguir.

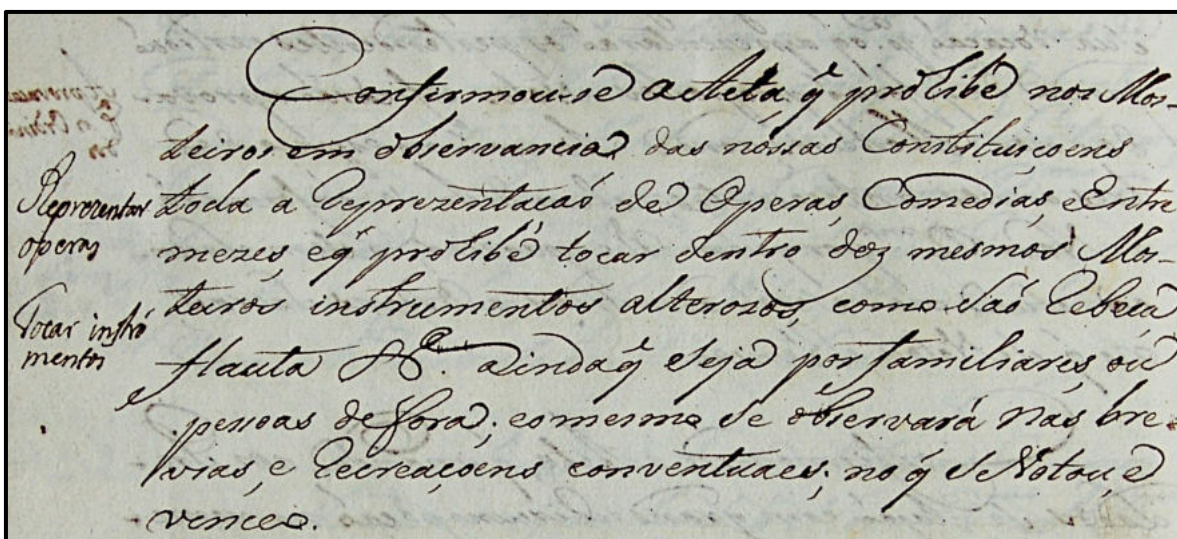



Figura 144: Proibição de obras seculares e instrumentos alterosos nos mosteiros - 1776
Fonte: Acervo fotográfico do autor – B.P.M.P. – BMP_MS-2_0980 – Página 980.

> **Representar operas / Tocar instrómentos**
>
> Confirmou-se a Acta, q'. proíbe nos Mosteiros em observancia das nossas Constituiçoens toda a representação de Operas, Comedias, e Entremezes, e q'. proíbe tocar dentro dos mesmos Mosteiros instrumentos alterozos, como saõ rabeca, flauta & ainda q'. seja por familiares, ou pessoa de fora, e o mesmo se observará nas brevias, e recreaçoens conventuaes; no q'. se Votou, e Venceo (BMP_MS-2_0980. – Página 980.

A música praticada nos Mosteiros da Província Beneditina Brasileira era a mesma da Congregação Beneditina de Portugal. Havia unidade litúrgica entre a Congregação Portuguesa e a Província Brasileira, assim como também uma rígida qualidade musical, no canto do coro, e no uso do órgão de tubos nos Ofícios.

3.2. A FUNDAÇÃO DOS MOSTEIROS BENEDITINOS BRASILEIROS

Fundada em meados do século XVI (ca. 530) por São Bento, considerado o Patriarca do Monaquismo Ocidental, a Ordem Beneditina (*Ordo Sancti Benedicti* – OSB), também conhecida como "Os Monges Negros" devido à cor de seus hábitos, possui dois ramos: o masculino e o feminino. Contudo, o foco deste trabalho se restringe aos mosteiros masculinos brasileiros. De acordo com a Regra, *Ora et Labora*, tem seu tempo dividido entre o trabalho manual e a oração, também dedicando-se a atividades intelectuais. O Ofício Divino no coro, o serviço da pregação e os estudos têm especial importância na vida monástica beneditina. Na docência, destacam-se seus colégios internos de Humanidades,

Filosofia e Teologia da Congregação. Muitos monges da Congregação Beneditina Portuguesa foram Professores conceituados na Universidade de Coimbra.

Figura 145: O Mosteiro de Tibães em Portugal – Abadia e Clausura
Fonte: Acervo fotográfico do autor - 2012

A fundação da Congregação[344] dos Monges Negros de São Bento dos Reinos de Portugal (*Congregatio Monachorum Nigrorum Ordinis Sancti Martini Tibanensis Regnorum Portugalliae*) se deu entre 1566 e 1567. De acordo com a Crônica de Cister[345], de Frei Bernardo de Brito – O. Cist., Livro VI, no Capítulo 29, o autor tratar da fundação do Mosteiro de Lorvão, revela quando os Beneditinos chegaram ao Condado Portucalense,

[344] Congregação é o conjunto dos mosteiros de um país ou de uma região associada, sob a chefia de um Abade Geral.
[345] Brito, Frei Bernardo de - O. Cist. *Crônica de Cister*: onde se contam as cousas principaes desta ordem, & muytas antiguidades do reyno de Portugal. Lisboa Occidental: Na officina de Pascoal da Sylva. primeyra parte, 1720.

antes mesmo da fundação deste como Estado. Assim diz o cronista Frei Brito:

> He o Mosteyro em sua fabrica antiquíssimo, como aquele que foi fundado no tempo de nosso Padre S. Bento, segundo se colige de huma memoria antiga, escrita no fim de hum livro de mao própria casa, que contèm as palavras seguintes, transladadas fielmente: "A nossa casa de Lorvao, foy fundada em vida de nosso Padre S. Bento, & dedicada aos Santos Martyres Mamede, & Pelagio, porque aqueles vieram fundar, traziam Reliquias destes Santos, & por isto os tomarão por Padroeyros, & foi dedicada a Igreja em louvor deles aos 20 de Mayo." (BRITO, 1720, p 856).

Na sequência do texto latino referido na crônica de Frei Bernardo de Brito, a data da fundação fica definida como 537, *Anno Domini*: "*Aedificationes annus esse creditur 537, mense maio, sex annis ante abtum Sanctissimi Patriarchae*", que traduzido diz, "Acredita-se ser 537 o ano da edificação, no mês de maio, seis anos antes da morte do santíssimo patriarca". A Religião[346] Beneditina prosperou e fundou outros Mosteiros, chegando a contar com 130 casas no Condado Portucalense. A os fiéis contribuíram muito financeiramente e com propriedades para estabelecimento dos Beneditinos.

Contudo, essa realidade começou a modificar-se com a invasão dos mouros no ano de 716, iniciando-se a decadência monástica. Durante o período das invasões, fiéis católicos foram mortos e muitas igrejas destruídas. Os Mosteiros de religiosos e religiosas foram assolados no início da conquista em sua maioria, outros, forma permitidos existir em troca de altos tributos anuais pagos aos mouros. Em julho do ano de Cristo 1064[347], o Rei Dom Fernando de Leão conquista o Estado de Coimbra, então dominado pelos Mouros. Para esta conquista, a contribuição dos Monges do Mosteiro de S. Bento de Lorvão, com mantimentos para o exército de Dom Fernando, foi fundamental, visto que faltavam alimentos para o exército. (BRITO, 1720, p 857). O filho de Henrique de Borgonha, conde de Portucale, e de Dona Teresa de Leão, intitula-se Rei Afonso I (primeiro Rei de Portugal) e assume o trono pelas armas, inaugurando a dinastia dos Borgonha. Portugal é consolidado como Estado, e em 1179 o reinado de Dom Afonso reconhecida pelo Papa. Os mouros são finalmente expulsos em 1249, e é consolidada a soberania portuguesa.

---

[346] O termo "religião" usado tem o mesmo significado de "ordem", ou Regra Beneditina.

[347] Esta mesma data na Crônica de Cister esta também registrada como era de César, ou era hispânica de 1102, segundo o calendário mouro. Por isto em documentos em que as datas não referem-se ao nascimento de Cristo, é necessário somar-se 38 anos.

Outro fator, segundo Dom José Lohr Endres, em *A Ordem de São Bento no Brasil quando província*, a péssima administração os Abades vitalícios, quanto a divisão das rendas, deixando o Mosteiro sem o sustento suficiente. Posteriormente, por volta dos anos 1400, os Abades Comendatários[348] Perpétuos aceleraram a decadência. Entre diversas causas, a principal remete a falta dos Abades em seus governos, não cuidando para que os monges desempenhassem as obrigações do Instituto a que professaram, gerando a falta da observância regular nos Mosteiros (EDRES, 1980, p. 24).

A fundação da Congregação[349] dos Monges Negros de São Bento dos Reinos de Portugal (*Congregatio Monachorum Nigrorum Ordinis Sancti Martini Tibanensis Regnorum Portugalliae*) se deu entre 1566 e 1567. Finalmente veio a restauração e reforma da vida monástica, através do apoio do Rei de Portugal Dom João III, que chamou o Fr. Antônio de Sá[350] para governar o Mosteiro de Alcobaça. Neste tempo, nomeou Fr. Antônio para ser Abade Comendatário para os Mosteiros Beneditinos de Tibães, Carvoeiro e Arnoia, afim de que fizesse a reforma monástica em todos os Mosteiros Beneditinos. Com seu falecimento, em 1550, foi sucedido D. Bernardo da Cruz. Algumas Casas Beneditinas estavam arruinadas, sem recursos humanos e materiais. Em outras, suas edificações precisaram ser reformadas, reconstruídas, e aumentadas, devido ao estado em que encontravam-se.

Na reforma, os mosteiros são intergrados em um sistema de governo centralizado, sob a direção de um Abade Geral, sem perder sua autonomia tradicional. Assim, é constituída a Congregação Beneditina Portuguesa. O período de Governo do Abade Geral e demais Abades, Visitadores e Definidores, passa a ser trienal, sendo eleitos em um Capítulo Geral. A estabilidade do monge beneditino deixa de ser ao Mosteiro, passando a Congregação Beneditina Portuguesa.

A instituição da Congregação de Portugal se deve ao apoio do Rei Dom

---

[348] Abades Comendatários são se beneficiam de encomenda.

[349] Congregação é o conjunto dos mosteiros de um país ou de uma região associada, sob a chefia de um Abade Geral.

[350] Frei Antônio de Sá era português e estudou Cânones em Salamanca, na Espanha e tomou o hábito de São Bento no Mosteiro de Montserrat, também na Espanha.

Sebastião (1554-1578), sendo oficializada pelas Bulas do Papa São Pio V, através da Bula *Eximiae dovtionis* (1562), o Rei de Portugal obteve o padroado dos Mosteiros Beneditinos Portugueses. O primeiro Abade Geral, e simultaneamente Abade Geral, tomou posse em 8 de setembro de 1569, ocorrendo o primeiro Capítulo Geral[351] da Congregação em 1570. A Congregação de Portugal teve sua cessação em 1834, com a extinção das Ordens Religiosas pelo Liberalismo. Com a extinção da Congregação Beneditina Portuguesa, a Congregação Beneditina Brasileira, recém ereta pela Bula *Inter gravissima*, que gozava de privilégios e prerrogativas. Segundo o historiador português Geraldo Dias, a Congregação Brasileira passou a ser sua legitima herdeira das tradições da Congregação Beneditina Portuguesa, de seu Brasão de nobreza religiosa, como também da importância patrimonial e artística de seus mosteiros mais antigos (COELHO DIAS, 2011, p. 82).

O Brasão de Armas da Ordem Beneditina Luso-Brasileira, elemento simbólico da reforma beneditina portuguesa, revela a ideia de difusão para o Novo Mundo. O Brasão apresenta-se em escudo dividido em dois campos distintos. No campo direito, com fundo vermelho carmesim, encontra-se erguido um leão rampante segurando o báculo[352] dourado, que simboliza a insígnia do poder abacial. No campo esquerdo, de fundo azul-marinho, está um castelo com porta aberta, de onde jorra uma agua corrente, de cor azul celeste, que vai espraiar-se para fora; representando a expansão da Congregação Beneditina portuguesa de expandir para além-mar[353]. Por cima da torre, brilha um sol pleno e dourado, representando o Patriarca São Bento a iluminar a congregação beneditina a distender-se pelo mundo. Em cima do escudo uma mitra abacial[354] envolvida pela coroa real. O leão e o castelo remetem a origem espanhola Leão e Castela (DIAS, 2011, p. 186).

---

[351] O Capítulo Geral é uma reunião trienal, realizada em um período de quinze dias, começando a três de maio, dia de Santa Cruz, para as eleições na Congregação. Desde 1700 eram realizadas nos mosteiro de Tibães.

[352] Bastão em forma de cajado usado pelo Bispo, significando ser o pastor das ovelhas. O báculo pastoral é um emblema da dignidade pontifícia.

[353] Baseado nos textos bíblicos de Ezequiel 47 e de Apocalipse 22: 1-5, que fala da agua a jorrar do altar do templo.

[354] O Abade Mitrado tem a concessão do uso das insígnias prelatícias, assim como os bispos, usam a mitra, o báculo, a cruz peitoral e o anel. A primeira concessão de uma mitra a um abade data do ano 1063, pelo Papa Alexandre II, concedeu a mitra ao Abade Egelsino, na Abadia de Santo Agostinho, em Cantuária, Inglaterra.

Figura 146: Brasão da Congregação Beneditina Portuguesa
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Mosteiro de S. B. de Singeverga – 2013.

Depois de consolidada, a Congregação Beneditina Portuguesa adotou os seguintes livros, adequados a instituição monástica: a Regra de São Bento (1586), as Constituições de 1596 e de 1629; o *Breviarium monasticum* (1607), o Cerimonial Monástico (1647), o *Missale monasticum* (1666), e o *Processionarium monasticum* (1691).

No Capítulo Geral IV° da Congregação Beneditina Portuguesa, celebrado no Mosteiro de Lisboa, em 29 de setembro de 1581, foi determinado o envio monges ao Brasil para fundarem uma congregação Beneditina. O texto da Ata desse Capítulo assim dispõe:

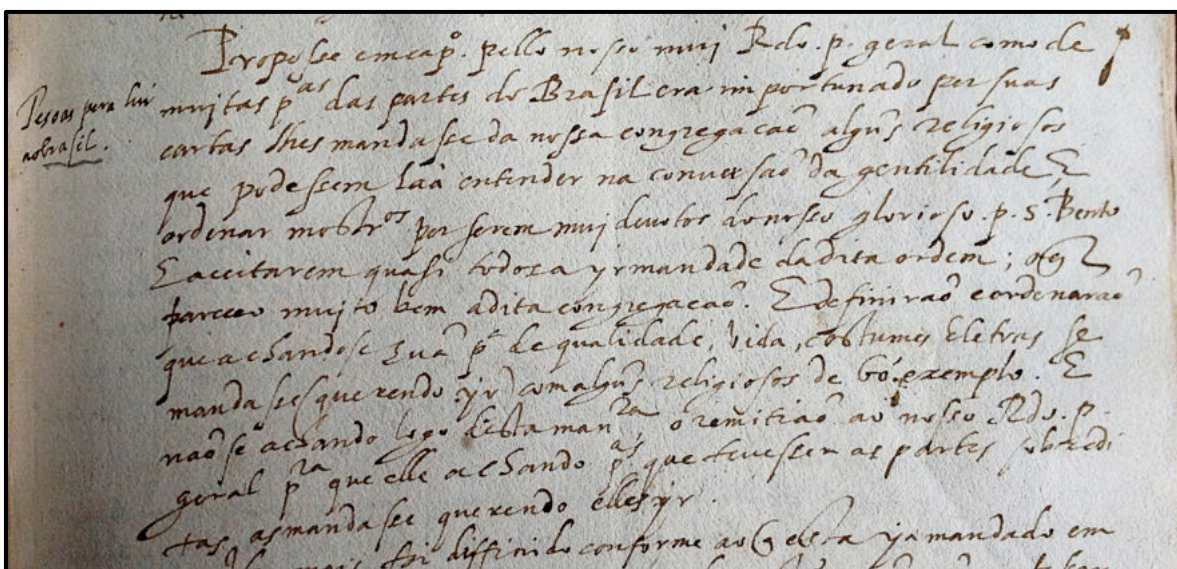



Figura 147: Envio de monges aos mosteiros do Brasil – *Acta do Capítulo de Tibães*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento de Singeverga.

> Propos se em cap^{o}. [capítulo] pello nosso mui R^{do}. [Reverendo] P. [padre] Geral como de muitas p^{as}. [pessoas] das partes do Brasil era importunado per suas cartas lhes mandasse da nossa congregaçaõ alguns religiosos que pudessem laá entender na conversaõ da gentilidade, e ordenar mostr^{os}. [mosteiros] por serem mui devotos de nosso glorioso P. S. Bento e aceitarem quase todos a yrmandade da dita ordem; o q. [que] pareceo bem a dita congregação. E definiraõ e ordenaraõ que achando se hua p^{a}. [pessoa] de qualidade, vida, costumes e letras se mandasse (querendo yr) com alguns religiosos de q. o exemplo. E naõ se achando logo desta man^{ra}. [maneira] o remitiaõ ao nosso R^{do}. P. Geral P^{ra}. [para] que ele achando p^{as}. que tevesem [tivessem] as partes sobreditas as mandasse querendo ellas yr [ir] (*Ata do Capítulo de Tibães* – M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – *Fólio 60).*

A Ordem Beneditina se estabeleceu oficialmente no Brasil em 1581/1582, na Cidade de Salvador, na Bahia, sendo o primeiro Mosteiro Beneditino nas Américas e fora da Europa. Para tal empreendimento, foi enviado pela Congregação Portuguesa um grupo composto por nove monges pioneiros chefiado pelo Padre Fr. Antônio Ventura do Latrão. Segundo o Livro Dietário do Mosteiro, além de Fr. Latrão, o grupo era composto pelos seguinte monges: Fr. Pedro de S. Bento Ferraz, Fr. João Porcalho, Fr. Plácido da Esperança, Fr. Manuel de Mesquita, Fr. José, Fr. Francisco, Corista e Subdiácono e dois irmãos donatos; Fr. João e Fr. Bento. Três anos após, no Capítulo Geral da Congregação de Portugal o Mosteiro foi elevado a Abadia e Fr. António Ventura do Latrão tornou-se seu

primeiro Abade[355], sendo considerada Cabeça da Província Brasileira. Alguns monges beneditinos antecederam a este grupo fundador em missões especiais nas Terras de Santa Cruz, especificamente em pregação evangélica.

Dentre as definições do Capítulo Privado realizado no Mosteiro de Lisboa, em de novembro de 1589, ficou decidido que os monges que fossem para o Brasil poderiam ficar por dois triênios e depois retornar ao Reino de Portugal.

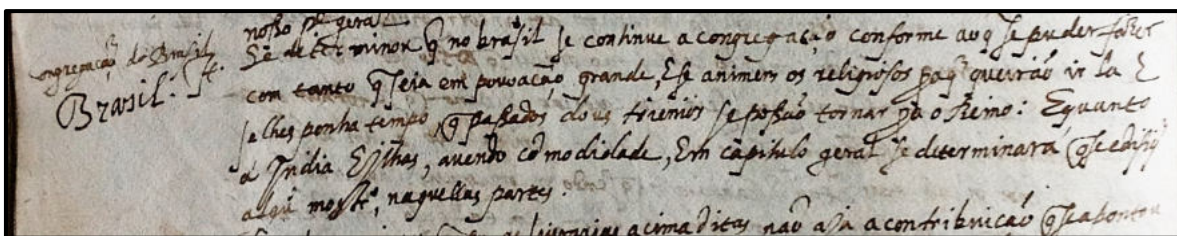



Figura 148: Envio de monges ao Brasil por dois triênios – ***Ata do Capítulo de Lisboa***
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento de Singeverga.

> Congregação do Brasil
>
> Se determinou q. no Brasil se continue a congregação conforme ao q. se puder fazer com tanto q. seja em povoação grande, e se animem os religiosos pª [pera] q. [que] queiraõ ir la e se lhes ponha tempo, q. passados dous triênios se possaõ tornar pª [pera] o Reino: e quanto à India e ilhas, avendo [havendo] commodidade, em Capítulo Geral se determinará q. se edifyque algum mostrº. [mosteiro] naquelas partes (*Acta do Capítulo de Lisboa* – M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – *Folio 119).*

A Congregação Beneditina Portuguesa iniciou sua expansão a partir do século XVI. Dom Abade Geral Frei Baltasar de Braga, em 1589, intencionou fundar mosteiros na Índia e nas Ilhas do Atlântico. Contudo, o projeto beneditino ultramarino foi catalisado nas partes do Brasil.

O estabelecimento da Província Beneditina do Brasil se deu na Junta Capitular[356] da Congregação, em agosto de 1596, realizada na Abadia de Pombeiro, em Portugal. Deste momento em diante, formariam Província à parte, mas dependente da Congregação portuguesa. Nesta mesma Junta Capitular, ficou definido que o Mosteiro da Bahia seria Cabeça da Província Beneditina Brasileira, segundo confirma o texto a seguir:

---

[355] Segundo as Bulas Papais de Pio V, 1566 e de 1567, de reformas dos Mosteiros de Portugal, os abades seriam eleitos para um governo trienal.

[356] Junta é a reunião do Abade geral com seus definidores ou conselheiros entre Capítulos Gerais, sobretudo para tratar dos negócios da Província do brasil ou eleições intermediárias por morte ou substituição. (seguindo o Glossário Monástico-Beneditino).

Figura 149: Definido o Mosteiro da Bahia como Cabeça da Província *Brasileira*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Mosteiro São Bento de Singeverga - Junta Capitular 1596.

Junta q'. Nosso M. [mui] R^{do}. [Reverendo] Padre Geral Frei Balthesar de Braga convovou no Mostr^{o}. [Mosteiro] de Pomb^{ro}. [Pombeiro] dos padres definidores.

Aos 22 de Agosto de 96 [1596] se ajuntou no Mostro. de Pomb^{ro}. no^{so}. [nosso] mto. [muito] R^{do}. [Reverendo] Pe. Geral Fr. Balthesar de Braga e os P^{es}. [Padres] Definidores [...]

No mesmo dia como do Capitulo Geral foi cometido a nosso Pe. Geral e aos P^{es}. Definidores q'. as definições do Brasil porquanto nao se podiaõ guardar^{la} parte do rigor de nossas Constituicoes, as que fizeraõ saõ as seguintes.

> Porq^{e}. [porque] o nosso Mostr^{o}. [Mosteiro] de S. Bto. [Bento] sito na Cidade da Baia de todos os S^{tos}. [Santos] foi o p^{ro}. [primeiro] que se fundou nas partes do Brasil, e a dita cidade he Cabeça daquelle estado [,] ordenamos que o dito Mostr^{o}. seja cabeça de todos os Mostr^{o}. da Provincia do Brasil, o qual conforme a nossos privilégios da Bulla de reformação avemos por incorporados, e unidos a esta Congregação de Portugal pera que possaõ guzar [gozar] de todos os privilegios, liberdades e isenções de que ela guza, [...] (Junta Capitular 1596 – M.S. / Lv. Nº 15 / Cx. 14 – Fólio 164 verso).

Na sequência cronológica, após a fundação do Mosteiro da Bahia, foram fundados os seguinte Mosteiros Beneditinos durante o Período Colonial em terras brasileiras (DIAS, 2011, p. 243):

- **II.** **Mosteiro de São Bento de Olinda**, considerado como o segundo mosteiro a ser fundado. Existem registros documentais citam o Mosteiro como casa formada desde de 1592. No Capitulo Geral, em Lisboa no ano de 1593, são citados os mosteiros da Bahia e de Pernambuco. Provavelmente, sua fundação data de 1586. Foi elevado a Abadia na Junta[357] Capitular da Congregação, em agosto de 1596;
- **III.** **Mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate do Rio de Janeiro**, em 1596. Foi elevado a Abadia na Junta Capitular da Congregação, em agosto de 1596;
- **IV.** **Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de São Paulo**. em 1593. Foi elevado a Abadia na Junta Capitular da Congregação, em agosto de 1635;
- **V.** **Mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate da Paraíba do Norte**, atual Cidade de João Pessoa, em 1596. Foi elevado a Abadia na Junta Capitular da Congregação, em agosto de 1607;
- **VI.** **Mosteiro de Nossa Senhora da Graça**, na Bahia, fundado em 1647 para funcionar como casa de estudos. Foi elevado a Presidência em 1694, e na Junta de Tibães, em 1697, foi promovido a Abadia para residência do Abade Provincial;

[357] Junta é a reunião do Abade Geral com seus definidores ou conselheiros entre Capítulos Gerais, sobretudo para tratar dos negócios da Província do Brasil ou eleições intermediarias por morte ou substituição.

VII. **Mosteiro de Nossa Senhora das Brotas**, na Bahia, em 1670. Foi elevado a Presidência, ficou fechado por um pequeno período de tempo, voltou a funcionar em 1694, sendo elevado a Abadia em 1703;

VIII. **Mosteiro do Espirito Santo de Ilhéus**, em 1596. Citado em Junta de 1596 como Priorado da Bahia, não se sabe a data de sua extinção;

IX. **Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição da Capitania do Espirito Santo**, em Vila Velha, fundado em 1589, sendo elevado a Presidência em 1596, sendo extinto em 1615, segundo narra em seu Livro Dietário, "pela falta de subsistência e pobreza da terra";

X. **Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro em Parnaíba** (São Paulo), fundado em 1643;

XI. **Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro em Santos** (São Paulo), fundado em 1650 tendo Presidente eleito em 1656. Transferiu-se para Vinhedo durante a Segunda Guerra Mundial;

XII. **Mosteiro de Nossa Senhora da Ponte**, ou de Nossa Senhora da Visitação, em Sorocaba (São Paulo), recebido por doação em 1660, a Capela de N. S. da Ponte, os beneditinos tomaram conta desta casa em 1667;

XIII. **Mosteiro de Nossa Senhora de Santa Ana**, em Jundiaí (São Paulo), fundado em 1668, sendo elevado e Presidência em 1694;

XIV. **Mosteiro de Nossa Senhora dos Prazeres**, em Guararapes (Pernambuco), foi doado aos beneditinos em 1656, e elevado a Presidência em 1723, foi extinto logo após, sendo integrado ao Mosteiro de Olinda.

Ao final de século XVI, a Província do Brasil era composta por seis mosteiros, sendo três Abadias (Bahia, Olinda e Rio de Janeiro) e três Priorados (Ilhéus, Paraíba e N. S. das Graças); quanto ao Mosteiro de São Paulo, não passava de uma capela. A partir de 1600, tornou-se notória a necessidade de mais religiosos para as diversas partes do Brasil. Na realidade não tinha como princípio o ideal missionário, mas de povoamento dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros. Na Junta realizada no Mosteiro de Pombeiro, em 1596,

já se discutia a respeito do pouco número de religiosos nos Mosteiros do Brasil, assim como também dos poucos que queriam se transferir.

Vários eram as razões e motivos que dificultavam o voluntariado dos monges beneditinos portugueses se transferirem para os Mosteiros Brasileiros. Dentre este destacam-se: antigas lendas de monstros marinhos representadas em cartografias; histórias supersticiosas do homem medieval; o clima tropical da colônia; as dificuldades e diversos perigos na travessia do mar, naufrágios e ataques de piratas; os invasores holandeses[358]; e também o temor aos índios canibais que habitavam o litoral brasileiro. Ademais, na concepção antiga, o Mar Mediteraneo era considerado um grande lago interior, próximo a povos e terras; era conhecido. Por outro lado, o Oceano Atlântico, o exterior, reputado como o desconhecido. Com efeito, o naufrágio e morte do primeiro Bispo brasileiro, Dom Pedro Fernandes Sardinha, quando ele e seus companheiros foram devorados por índios canibais em 1556, neste momento, ainda recente, gerou muito receio por parte dos portugueses quanto a possibilidade migrarem para a colônia Brasileira.

É preciso também se considerar os diversos textos bíblicos que citam os "monstros Marinhos", reforçando o temor criado pelas lendas antigas. Alguns destes versículos bíblicos cantados em seus Ofícios, tais como os Salmos. Destacam-se alguns deles retirados da Vulgata[359]:

- **Livro dos Salmos 74: 13 –** "*Tu conscidisti in virtute tua mare, contribulasti capita draconum in aquis*." – Tradução[360]: "Tu dividiste o mar com o teu poder, quebraste as cabeças dos monstros das águas; […]";
- **Livro dos Salmos 148: 7 –** "*Laudate Dominum de terra, dracones et omnes abyssi*, […]" – Tradução: "Louvai a Iahweh na terra, monstros marinhos e abismos todos, [...]";

---

[358] Durante as invasões holandesas, a Congregação Brasileira contava com cinco Abadias. Destas, as do nordeste do Brasil, principalmente as Abadias de Olinda e da Paraíba, foram saqueadas e danificadas. Os mosteiros foram abandonados pelos monges, que retornaram após a expulsão dos holandeses.

[359] Vulgata é tradução latina da Bíblia. Foi escrita por São Jerónimo entre fins do século IV início do século V, a pedido do bispo Dâmaso I, sendo reconhecida como autêntica pelo Concílio de Trento, passando ser o texto oficial da Igreja Católica.

[360] Tradução segundo a Bíblia de Jerusalém.

- **Livro de Isaías 27: 1 –** "*In die illo uisitabit Dominus in gladio suo duro et grandi et forti super Leuiathan serpentem uectem et super Leuiathan serpentem tortuosum et occidet cetum qui in mari est*" – Tradução: "Naquele dia, punirá Iahweh, com a sua espada dura, grande e forte, a Leviatã, serpente escorregadia, a Leviatã, serpente tortuosa, e matará o monstro que habita o mar.";
- **Livro de Mateus 12: 40:** "*sicut enim fuit Ionas in ventre ceti tribus diebus et tribus noctibus sic erit Filius hominis in corde terrae tribus diebus et tribus noctibus.*" – Tradução: "Pois, como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites,

Os marinheiros das grandes navegações dos séculos XV e XVI, trabalhadores incultos, foram as fontes para os artistas e escritores da época. A Carta do holandês Lucas Janszoon Waghenaer (ca. 1533-1606), de 1583, representando a costa norte de Portugal, inclui dois monstros marinhos como parte da decoração.

Figura 150: Mapa com decoração dos grandes monstros que habitavam os mares
Fonte: www.profalexandregangorra.blogspot.com.br.

Outro fato a se considerar passavam por questões raciais ou de pureza de sangue, ou mesmo os que não eram de gente nobre[361]. O "estatuto de pureza de sangue" limitava o acesso dos chamados "cristãos velhos[362]" a receberem títulos honoríficos e a concorrerem a cargos públicos e eclesiásticos. De caráter proto-racial, as Ordenações Afonsinas (1446-1447), excluíam os descendentes de mouros e de judeus; as Ordenações Manuelinas (1514-1521), incluíram as restrições aos povos indígenas e ciganos; por sua vez, as Ordenações Filipinas (1603), acrescentaram as raças de negros e mulatos.

No processo dos candidatos aos noviciados beneditinos, assim como também ao sacerdócio do clero regular e do clero secular, era aberto um processo eclesiástico conhecido como habilitações "*De genere, vita et moribus*". Neste processo o candidato à vida religiosa era investigado quanto à sua ascendência familiar, sua vida pessoal e seus costumes[363], o "De genere". A comprovação da "pureza de sangue"[364] era considerado um requisitos primordial para a admissão do candidato, estabelecido a partir do Sacrossanto e Ecumênico Concilio de Trento. Não eram habilitados os candidatos descendentes das "nações infectas", ou sejam, os judeus, os turcos e os gentios; assim também os "cristãos novos", "limpos de sangue" em até quatro gerações anteriores, como tratado anteriormente. Portanto, havia também o receio de ingresso aos noviciados de candidatos não habilitados nos Processos de Habilitação, ou nas Inquirições "*De genere, vita et moribus*". Segundo o Capitulo Geral realizado no Mosteiros de Tibães em 1758, ficou totalmente proibido o ingresso de filhos ilegítimos ao noviciado, afim de preservar o decoro e o esplendor devido a religião. (Capítulo Geral em Tibães, 1758, P. 556).

De acordo com o capítulo 58 da Regra de São Bento, em seu artigo 17[365], eram feitos três votos obrigatórios na profissão religiosa monástica: obediência, conversão de

---

[361] Na sociedade medieval portuguesa "alto clero" (bispos, abades, priores, mestres das ordens religiosas e militares) quase sempre era oriundo da nobreza. Por sua vez, o "baixo clero" (clérigos, frades, monges, irmãos conversos) eram proveniente da baixa nobreza até ao povo "miúdo" e às vezes de servos.

[362] Cristãos novos eram as famílias católicas ha pelo menos quatro gerações.

[363] Eram também investigados a ocorrência de crimes de lesa-majestade, divina ou humana, da existência de infâmia pública ou em pena vil.

[364] As habilitações *De genere*, posteriores ao Breve "*Dudum charissimi in Christo*" do Papa Xisto V, em 1588, proibiam o ingresso de pessoas com ascendência de cristãos novos, em instituições religiosas, sendo instituído em Portugal, em meados do século XVII.

[365] Também confirm a estabilidade local: capítulo 4, artigo 78; capítulo 60, artigo 9; e capítulo 61, artigo 5.

seus costumes, e o de estabilidade. Sendo assim, pelo voto de estabilidade, o monge deveria permanecer na congregação onde fez sua profissão, nele exercer sua vida religiosa e permanecer até sua morte, não podendo transferir-se para outra congregação beneditina.

Na Junta de Pombeiro (1596) é constatado o poucos religiosos existentes e que iam para o Brasil e na Congregação de Pombeiro (1600) é confirmada a urgência no envio de religiosos ao Brasil. O primeira carta de profissão pelos "votos de passar o mar" datada de 10 de novembro de 1613, foi emitida no Mosteiro de Tibães ao Frei Dâmaso da Paixão, que era natural de Vila Real[366], aproximadamente trinta e dois anos após a fundação do primeiros Mosteiro Brasílico.

Devido à grande dificuldade em encontrar voluntários na Congregação de Portugal para virem ao Brasil, nas *Constitutiones Monachorum Nigrorum Ordinis S P Benedicti Regnorum Portugalliae,* publicadas em 1629, foram consagrados os votos de estabilidade, conversão, obediência e, sendo acrescido o "Voto de Passar o Mar". No Livro II, *Constitutio* II, Caput III, *De Magistro Novitiorum* (Do Mestre de Noviços), Parágrafo § *De Professione Novituorum* (Da Profissão[367] do Noviço), item 62, encontra-se:

b Trident. vbi ſuprà.

62. Habiles tamen finito anno b Nouitiatus, ætatiſq; decimo ſexto expleto (niſi rationabilis differendi cauſa interueniat) ad profeſsionem ſecundùm ritos noſtros in Eccleſia admittatur, nouaque profitentibus Cuculla detur, & ex cæteris indumentis, quæ fuerint opus. Forma autem Profeſsionis, quã ſubſcribent hæc erit.

¶ *Ego Frater N. natus N. Diœceſis N. promitto ſtabilitatem meam, & conuerſionem morum meorum, & obedientiam ſecundùm Regulam Sanctiſsimi Patris noſtri Benedicti, mariſque tranſitũ, coram Deo, & omnibus ſanctis eius in hoc Monaſterio Sancti N. Ordinis eiuſdem Sanctiſsimi Patris, in præſentia Reuerendi admodùm Patris Fratris N. eiuſdem Monaſterij Abbatis, & ſub obedientia Reuerendiſsimi Patris Fratris N. totius Congregationis Generalis.*

Figura 151: O Voto de Passar o Mar
Fonte: Acervo fotográfico do autor – *Constitutiones Monachorum – 1629 – Página 122.*

[366] DIAS, 1995, p. 83.
[367] Profissão no sentido de declaração pública e solene.

62. Havendo, entretanto, sido devidamente terminados o ano e o noviciado e completados os 16 anos de idade (a não ser que intervenha uma causa racional para diferimento), seja [o noviço] admitido à profissão na Igreja, conforme os nossos ritos e seja dado um novo capuz aos que vão professar e, com relação às demais vestimentas, aquelas que forem necessárias. Esta, porém, será a forma da profissão a qual eles aderirão:

*Eu, Irmão **N**[368], nascido **N**[369], da diocese **N**, prometo minha estabilidade e conversão dos meus costumes e obediência segundo a Regra do nosso Santíssimo Patriarca Bento e fazer a travessia do mar[370] perante Deus e todos os seus santos neste monastério de São **N**, da Ordem do mesmo Santíssimo Pai na presença do muito reverendo Pai, Irmão **N** e do Abade do seu monastério e dever obediência ao Reverendíssimo Pai Irmão **N** [Superior] Geral de toda a Congregação[371] (Constitutiones, 1629, P. 122).*

A Congregação Beneditina no Brasil era composta por cinco mosteiros grandes, dois mosteiros pequenos e quatro presidências[372], totalizando onze Mosteiros Beneditinos. Cada mosteiro era povoado de acordo com a seguinte estatística[373]:

Tabela 2 – Monges nos Mosteiros Beneditinos Brasileiros no século XVIII

Mosteiro Beneditino	Número de monges
Mosteiro da Bahia	38
Mosteiro de Olinda	26
Mosteiro do Rio de Janeiro	32
Nossa Senhora da Graça	3
Nossa Senhora das Brotas	6
São Paulo	11
Paraíba	7
Presidência de Santos	2
Presidência de Parnaíba	2
Presidência de Sorocaba	2
Presidência de Jundiaí	2
Total de Monges	131

Fonte: DIAS, 2011, p. 243.

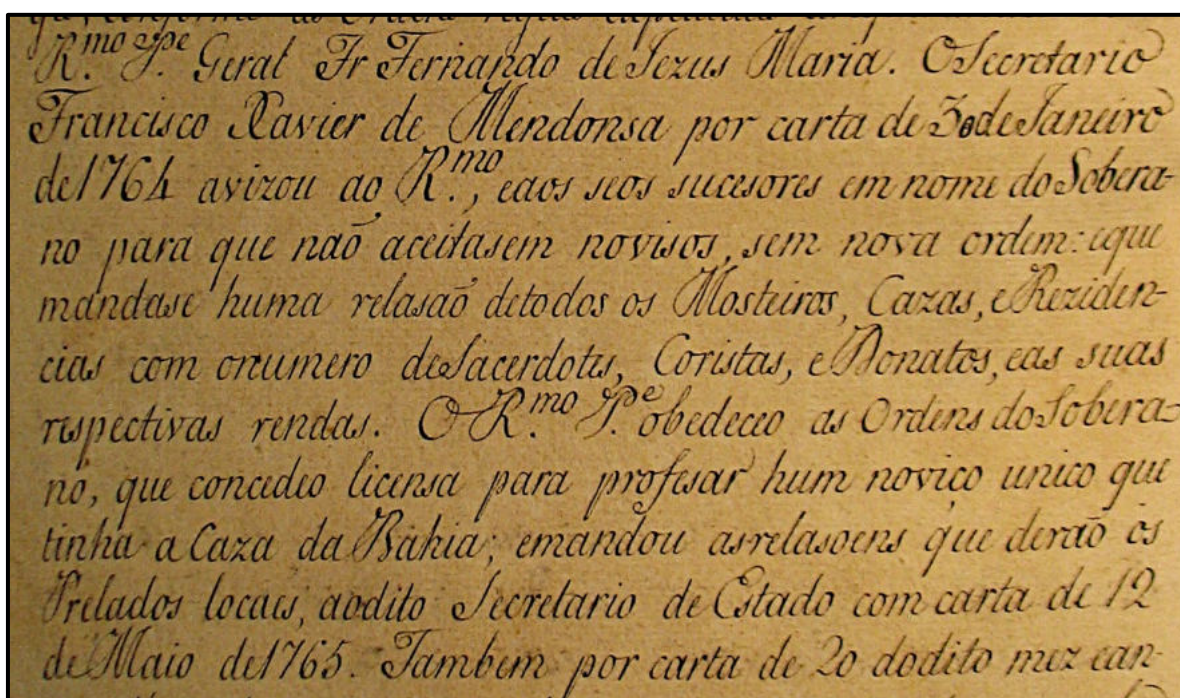
[368] O primeiro "N" era substituído pelo nome recebido pelo noviço durante os votos, pelo qual passaria a ser chamado o monge em toda a sua vida religiosa.
[369] O segundo "N" era substituído pelo nome de batismo do noviço.
[370] *Marisque Transitum*: atravessar o mar, neste caso para os mosteiros do Novo Mundo. Dai o termo conhecido como o "Voto de Passar o Mar".
[371] Tradução do texto original em latim para o português por José do Nascimento Dias.
[372] Presidência é chamado o mosteiro que não pode se tonar abadia por deficiência em número de monges, ou mesmo por outro motivo, sendo governado por um Prior.
[373] Segundo nota de Fr. Francisco dos Serafins Saraiva, em *Lembranças Interessantes e Curiosas*, Manuscrito de Singeverga, folha 111, no ano de 1778.

O Mosteiro de Tibães, considerado cabeça da Congregação e sede do Abade Geral[374] em Portugal, foi a "casa-mãe" dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros, fundando quatorze mosteiros na Província do Brasil, que segundo o historiador, e monge beneditino português, Geraldo José Amadeu Coelho Dias, "A Província Beneditina Brasileira[375] é um dos grandes títulos de glória do monaquismo português" (DIAS, 2011, p. 233).

3.3. O PERÍODO DE INSTABILIDADE: O FECHAMENTO DOS NOVICIADOS

Durante os primeiros dois séculos de existência da Congregação Beneditina Portuguesa, os Mosteiros Lusitanos e Brasílicos puderam se estabelecer e crescer sem algum tipo de ameaça. Contudo, o primeiro sinal que apontava para o possível fechamento dos Mosteiros Beneditinos em Portugal, e consequentemente no Estado do Brasil, surgiu em 1762 com a tentativa do Marquês de Pombal[376] em fechar os diversos mosteiros portugueses, durante o reinado de Dom José I (1714-1777), conhecido como "O Reformador". Nessa primeira investida os diversos mosteiros e conventos portugueses ficaram impedidos de admitir noviços. Essa seria uma forma de decretar a morte às ordens religiosas, sem dar um golpe fatal a estas instituições. Os Mosteiros Beneditinos Portugueses e Brasileiros tiveram seus claustros despovoados, na medida em que seus monges faleciam. Foi considerável o esvaziamento dos mosteiros e evidente a decadência dos mosteiros e conventos em Portugal e no Estado do Brasil.

Desde o início do séculos XVIII as Ordens Regulares em Portugal passavam por um situação de grandes dificuldades em seu sustento e manutenção, que se agravou após o terremoto de 1755. O Breve do Papa Bento XIV, de 23 de agosto de 1756, dirigido ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Manuel Câmara, descrevia a realidade das Ordens Regulares.

---

[374] Abade é superior maior de uma casa beneditina. Segundo a Regra, é considerado o pai espiritual dos monges. Seu governo são trienais, sendo eleitos nos Capítulos Gerais. Por outro lado, o Abade Geral é o responsável por todos os mosteiros de uma Congregação.

[375] A Congregação Beneditina Brasileira era Província dependente da Congregação Beneditina Portuguesa.

[376] Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), conhecido como Marquês de Pombal foi um nobre, diplomata e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I. Foi responsável por reformas religiosas, no âmbito da politica religiosa, no Reino de Portugal.

> “[...] que toda a causa de tantas desordens consistia na falta de meios para o seu sustento, em que todos aqueles Mosteiros se achavam, e que para estas se remover, não podia excogitar-se modo algum mais proporcionado, que o se reduzem os ditos Mosteiros, e Freiras delas a menor número, segundo a possibilidade das suas rendas: maiormente quando se advertia, que algumas delas depois do terremoto, e incêndio de Lisboa, ou tinham ficado por terra, ou se achavam tão danificados, que todos necessitavam de reedificação.” (FERREIRA, 2008, p. 25).

Segundo nota no *Dietário do Mosteiro de N. Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem do Patriarca S. Bento* – 1773, o Secretário Francisco Xavier de Mendonsa comunica, em nome do Rei de Portugal, o fechamento dos noviciados.

Figura 152: Fechamento dos noviciados – 1765
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário – Fólio 206.

> […] O Secretario Francisco Xavier de Mendonsa por carta de 30 de Janeiro de 1764 avisou ao R^{mo}., e aos seos sucessores em nome do Soberanopara que naõ aceitasem novisos, sem nova ordem: e que mandase huma relasao de todos os Mosteiros, Cazas e Rezidencias com o numero de Sacerdotes, Coristas, e Donatos, e as suas respectivas rendas. O R^{mo}. P^{e}. obedeceo as ordens do Soberano, que concedeo licensa para professor hum novice unico que tinha a Caza da Bahia; e mandou as relasoes que deraõ os Prelados locaes, ao ditto Secretario de Estado com carta de 12 de Maio de 1765 […] (DIETÁRIO, 1773, fólio 88).

Em maio de 1777 sobe ao trono de Portugal Dona Maria I (1743-1816), conhecida por "A Piedosa"[377]. Com a mudança de reinado, o Ministro Marquês de Pombal pede dispensa de todos os seus cargos. A Rainha logo adota a política de reação ao governo Pombalino, conhecido como a "Viradeira", mas que de fato somente restaurou os nobres atingidos pelo Marquês. Dona Maria I encontrou uma situação econômica em Portugal, um Reino endividado e com os cofres do Estado muito vazios, e com muito desemprego e muitos populares vivendo em miséria. Entre suas primeiras medidas estava a reabertura dos noviciados em Portugal e no Brasil, permitindo admissão de noviços pelos mosteiros e conventos. Por Decreto de 25 de novembro de 1789 foi instaurada uma *Junta do Exame do Estado Atual, e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares*, com a finalidade de fazer a Sua Majestade, a Rainha Dona Maria I, sobre os melhoramento de que fosse possível as ditas Ordens Religiosas. A seguir, em destaque, transcreve-se este Decreto, destacando-se as partes do texto relacionados às funções da Junta de Exame e aos noviciados.

> Havendo chegado á Minha Real Presença, que muitos dos Mosteiros, e Conventos, de que se compõem as diferentes Congregações, e Províncias das Ordens Monásticas, Regulares, e Seculares, existentes nos Meus Reinos, e seus Domínios não se achavam dotados com rendas suficientes para a subsistência dos Religiosos, ou Religiosas que neles residem: resultando desta falta a da observância da vida comua tão indispensável como necessária em detrimento irreparável da Regra, Estatutos, e Disciplina, que respectivamente professam. **Fui Servida Ordenar a todos os Prelados, assim Monacais, e Regulares, como Seculares dos referidos Mosteiros e Conventos, que remetessem á Secretaria de Estado dos Negócios do Reino exatas relações do número assim dos Religiosos, como de Religiosas das suas Obediências, e Profissões, do número dos Mosteiros de hum e outro sexo, que lhes são sujeitos; da importância das suas rendas, natureza delas; e obrigações, que nelas se acham impostas; e das suas dívidas ativas, e passivas, e mais encargos, com que se achasse onerado cada hum deles, para que sendo-Me tudo presente, pudesse Eu dar as providencias oportunas, que pede hum negocio tão importante, e em que se interessa o bem espiritual, e temporal dos sobreditos Regulares.** E havendo já os referidos Prelados remetido as relações, que por Mim lhes farão ordenadas, querendo. Eu reduzir a efeito as Minhas pias, e providentes Intenções este respeito: Sou Servida cometer ter o exame deste importante negócio ao sério, e circunspecto conhecimento de uma Junta a este fim deputada com a denominação de Junta do Exame do Estado Atual, e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares, que será presidida pelo Reverendo Bispo do Algarve, do Meu Conselho, e Meu Confessor, e a cujo arbítrio deixo assim a escolha. do lugar,

[377] A Rainha ficou conhecida no Brasil por "Dona Maria, a Louca" ou "Maria Louca", devido à doença mental manifestada em 1792, que tornou a Rainha incapaz para gerenciar os negócios de seu Reino e dos vastos domínios de além-mar.

como do número das Conferencia, e Sessões, que forem necessárias, e de que serão Deputados Luiz Manoel de Menezes Mascarenhas, Francisco Xavier da Cunha Torel, ambos do Meu Conselho, e Prelados da Santa Igreja Patriarcal; o Doutor Frei José da Rocha, do Meu Conselho, e do Geral do Santo Ofício; o Mestre Joaquim de Foios, Presbítero da Congregação do Oratório de S. Filippe Neri, o Doutor João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Procurador da Coroa; e o Doutor Thomaz José Ferreira da Veiga, Desembargador da Casa da Suplicação. **A sobredita Junta, ouvindo os respectivos Prelados, tendo examinado á vista dos Institutos, e Disciplina por eles ordenada o verdadeiro estado temporal dos Mosteiros, e Conventos, de que muito depende a observância regular, e como pôde ser melhorado, da maneira que os Religiosos, e Religiosas achem as comodidades, de que necessitam, e com que satisfeitos da vida, que professam, se façam uteis á Igreja, e ao Estado, Me consultará tudo o que parecer mais conveniente para a subsistência dos Regulares de um, e outro sexo, de que se compõem as suas respectivas Ordens; consultando-Me outro sim sobre a união, ou supressão de algum, ou alguns Mosteiros, e Conventos, que por falta de meios para subsistirem, ou por se acharem situados em lugares incômodos, nocivo, ou remotos, se devam, ou unir a outros, ou de todo suprimir; como também sobre o modo mais próprio, e adoptável, com que se poderão pagar as dívidas, e satisfazer as varias obrigações com que cada uma das ditas Comunidades se acharem respectivamente gravadas, de maneira que tudo quanto á sobredita Junta parecer conveniente para a cômoda subsistência de todos os referidos Regulares, e para o exato cumprimento das obrigações, e encargos, com que estão gravadas as rendas dos ditos Mosteiros, e Conventos Me seja mesma Junta consultado**, dirigindo-Me as suas Consultas por mão do Visconde Meu Mordomo Mór, Presidente do Meu Real Erário, da Real Junta do Comercio, e Meu Ministro, e Secretario de Estado dos Negócios da Fazenda, a quem Encarrego o expediente do despacho da referida Junta; á qual também, e finalmente encarrega, que se informe pelos meios mais concludentes do modo, e maneira, com que os Regulares que são Donatários da Minha Coroa, usam das suas Doações, e das Jurisdições que por elas lhes competem, e lhes foram concedidas, com tudo o mais que a este respeito lhe parecer, que é conveniente, e se faz necessário, .para que sendo-Me tudo presente, na sobredita fôrma possa Eu dar as providências, que forem necessárias, e próprias do Meu Real, e Supremo Poder Temporal, e suplicar, como protetora da Igreja, e da Observância da Disciplina Regular, e Monástica nos Meus Reinos e Domínios, á Santo Sé Apostólica. as outras oportunas providencias, que forem inteiramente dependentes do Seu Supremo Poder Espiritual. O mesmo Visconde Meu Mordomo Mór, e Presidente do Meu Real Erário, e Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas, e Navegação destes Reinos, e seus Domínios, Meu Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Fazenda, o tenha assim entendido, e faça executar nesta conformidade. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em 21 de Novembro de 1789. Com a Rubrica de Sua Majestade. / *Impr. na Impressão Régia* (SILVA, 1828, p. 572)[378].

[378] SILVA, Desembargador António Delgado da. *Collecção da Legislação Portugueza Desde a Última Compilação das Ordenações:* Legislação de 1775 a 1790. Lisboa: Na Typografia Maigrense. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. TOMO III, 1828.

Contudo, poucos anos depois, em 29 de novembro de 1791, outro decreto da Rainha Dona Maria I fecha novamente os noviciados. A seguir, cita-se na integra o Decreto, destacando-se as determinações relativas ao novo fechamento dos noviciados.

> Sendo-Me presente que de contínuo 'se estão impetrando Graças da Santa Sede Apostólica, tanto por parte das Províncias, e Congregações dos Regulares, como por parte de quaisquer sujeitos delas em particular, e que estas Graças não encontrando comumente as Leis deste Reino, e não desmerecendo o Meu Real Beneplácito, em quanto a essa parte, podem muitas vezes conter matéria, que ponha ainda em maior desordem, e confusão o estado atual das Ordens Regulares; e que estorve, ou haja de vir a estorvar as providencias, e remédios, que hão mister ainda mesmo para o Melhoramento temporal: **E como Eu fui servida de criar uma Junta, a quem encarreguei o Exame do mesmo estado atual**, **e do mesmo Melhoramento temporal das Ordens Regulares**, e a que tanto pela Santa Sede Apostólica, como por Mim estão concedidas, e cometidas mui amplas Faculdades ao sobredito respeito: Sou Servida que daqui em diante nenhum Breve, Rescrito, ou Graça da Santa Sede Apostólica, ou de seus Delegados, ou dos Gerais, **a que está permitido o recurso, que por qualquer modo que seja diga respeito ás Ordens Regulares, ou a seus Indivíduos, tenha, nem possa ter execução, sem que na mesma Junta do Exame do Estado atual, e do Melhoramento temporal das Ordens Regulares seja primeiro examinado**, e se lhe punha despacho de poder ser executado; o qual despacho será sempre assignado pelo Presidente da mesma Junta, pelo Procurador da Minha Real Coroa, e por um dos outros membros dela: e para este exame, e despacho serão remetidos à Junta os Indultos sobreditos pela Secretaria de Estado respectiva, depois de escrito neles o Régio Beneplácito do costume. E porque em muitos dos Indultos já agredidos, e a que foi dado o Meu Régio Beneplácito, por se não encontrarem com as Leis desta Reino, poderão verificar-se os inconvenientes, que dão causa a esta Minha Resolução: Sou outrossim Servida, que a mesma Junta. possa avocar a si aqueles, que julgar devam ser de nova examinados, e possa fazer suspender, parecendo-lhe , a sua execução, em quanto os não expedir com o despacho acima determinado. E como se Me está também de continuo requerendo por parte das Ordens Regulares licença para se aceitarem Noviços, e Noviças, alegando não só a falta que tem de sujeitos nos Conventos para o serviço deles, e cumprirem das suas obrigações, mas também, que **a interrupção da Disciplina dos Noviciados causa grande dano á conservação da Observância Regular, que ai é sempre mais exata, o que foi talvez mui principal origem da relaxação, em que se acho quase todas as Ordens Regulares;** e pois que a atual proibição de se aceitarem Noviços Me foi requerida .com mui sólidas razões pela sobredita Junta do Exame do Estado atual, e do Melhoramento temporal das Ordens Regulares: **Sou Servida que na mesmo Junta se pondere a necessidade, que as Ordem Regulares dizem ler para aceitarem Noviços: e achando que. é digna, de atenção, pela mesma Junta se conceda por escrito licença para as aceitações, que se pretenderem, precedendo a esta licença as informações, que a Junta julgar necessário tomar, tanto a respeito da necessidade que ha dos sujeitos, que pretenderem aceitar, como das circunstâncias dos mesmos sujeitos, e até da legitimidade das suas vocações, do que não poderá haver maior testemunho, que o que derem os seus Prelados Diocesanos, que em todo o caso será daqui em diante indispensável, que preceda à licença que haja de ser dada pela Junta, a qual regulará a forma, porque as sobreditas diligências devam ser feitas. Sou finalmente Servida, que todos os negócios, tanto das Ordens Regulares, como**

> **dos Indivíduos delas, pertençam daqui em diante à Junta para lhes deferir, e dar as providencias convenientes; ou para que Me consulte nos casos, que assim seja necessário, pela mesma forma que Fui Servida estabelecer no Decreto, em que Eu houve por bem criar a mesma Junta.** A Junta do Exame do Estado atual, e do Melhoramento temporal das Ordens Regulares o lenha assim entendido, e faça executar pela parte que lhe toca. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em 29 de Novembro de 1791. == Com a Rubrica de Sua Majestade. / *Impr. na Impressão Regia* (SILVA, 1828, p. 41).

Passados trinta e sete anos, não tendo sido realizada a dita Consulta, e não cumprindo seu objetivo principal, o melhoramento das Ordens Regulares, foi extinta a *Junta do Exame do Estado Atual, e Melhoramento Temporal das Ordens Regulares* pela Câmara dos Deputados, através do Projeto N^{O} 162, de 16 de janeiro de 1828. De fato, a *Junta do Exame do Estado* provocou três situações opostas a seu fim: a destruição da Disciplina Regular, com a manifesta infracção das constituições que regem as diferentes Ordens; a diminuição dos meios de subsistência dos frades, e impossibilitou satisfazerem, em tempo hábil, as coletas que são obrigados a paga ao Estado (PORTUGAL, 1828, P. 224).

Conforme o *Glossário Monástico-Beneditino*, de Geraldo J. A. Coelho Dias - OSB, o noviciado é a casa onde os novos candidatos à vida religiosa recebem a sua formação monástica. Era o tempo de formação de um monge, que geralmente durava de um a dois anos. A entrada no noviciado era denominada “tomada de hábito”. Em 1597 o Papa Clemente VIII publicou um Breve regulamentando sobre a admissão de postulantes ao noviciado.

O segundo golpe aos mosteiros beneditinos veio por parte dos franceses. Com a invasão francesa (1808-1810), quando os soldados de Napoleão Bonaparte ocuparam e saquearam os mosteiros. Neste tempo, o Mosteiro da Vitória, no Porto, e o Colégio de São Bento, em Coimbra, se tornaram hospitais. Ao mesmo tempo o Estado cobrava dos mosteiros pesados impostos, prejudicando a economia monástica. A guerra civil entre absolutistas e liberais também foi motivo de ruina aos mosteiros, pois contaminou os monges com os ideais ou o espírito político do liberalismo. Muitos monges foram levados a abandonar os mosteiros. Segundo os Capítulos Gerais da época, faltavam monges para ocupar os cargos de responsabilidade nos mosteiros beneditinos. Neste período de invasão, muitos órgãos de tubos das igrejas em Portugal tiveram seus tubos de metal delapidados

para serem derretidos e usado o chumbo deles furtados para a confecção de balas para suas armas bélicas.

Em 1833 foi criada a Comissão de Reforma Geral, tendo sido encerrados seus trabalhos em 1837. Era liderada pelo Ministro e Secretário de Estado Joaquim António de Aguiar. Seguindo a proposta da Comissão de Reforma Geral Eclesiástica, foi decretado em 1833 o fechamentos dos noviciados monásticos em Portugal, de acordo com o Decreto a seguir.

DECRETO.

ATTENDENDO á Proposta, que a Commissão de Reforma Geral Ecclesiastica fez subir á Minha Presença: Sou Servido Decretar, em Nome da RAINHA, o seguinte.

Art. 1.° Ficam d'ora em diante prohibidas todas e quaesquer admissões a Ordens Sacras, e a Noviciados Monasticos de qualquer Instituto, oú natureza que sejam.

Art. 2.° Serão desde já despedidos dos Conventos ou Mosteiros todos os individuos, que se acham nos sobreditos Noviciados, e que por este facto voltarão á Classe da Sociedade, a que pertenciam antes da sua entrada.

Art. 3.° Estabelecer-se-ha, logo que as circumstancias o permittam, um numero determinado de Seminarios para prover á educação da Mocidade, que fôr necessaria para o serviço do Culto Divino.

Art. 4.° Os Ordinarios, e todos os Prelados Monasticos ficam especialmente responsaveis pela execução do presente Decreto. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, Encarregado interinamente da Pasta dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, o tenha assim entendido, e o faça executar. Paço das Necessidades em cinco de Agosto de mil oitocentos trinta e tres. — D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA. — *José da Silva Carvalho.*

Figura 153: Decreto de fechamento dos noviciados monásticos – 1833
Fonte: Acervo fotográfico do autor – *Colecção Oficial de Legislação Portuguesa*[379], 1833, página 5.

Quanto à Congregação Beneditina em Portugal, teve seu golpe fatal em 28/30[380] de maio de 1834, com o Decreto de Expulsão das Ordens Religiosos em Portugal, assinado pelo Rei Dom Pedro IV, e pelo Ministro Joaquim Antônio de Aguiar (1792–1884), conhecido como "Mata-Frades"[381], por este motivo. A seguir a integra do decreto de 1834.

---

[379] *Colecção Oficial de Legislação Portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional, 1836. P. 234

[380] Datas das assinaturas do Ministro Joaquim Antônio de Aguiar e do Rei Dom Pedro IV, respectivamente.

[381] Para os liberais e maçons, todos os religiosos, independentemente de ordem, eram chamados de "frades".

DECRETO.

Tomando em Consideração o Relatorio do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, e Tendo ouvido o Conselho d'Estado: Hei por bem, em Nome da RAINHA, Decretar o seguinte:

Artigo 1.° Ficam desde já extinctos em Portugal, Algarve, Ilhas adjacentes, e Dominios Portuguezes todos os Conventos, Mosteiros, Collegios, Hospicios, e quaesquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares, seja qual for a sua denominação, instituto, ou regra.

Art. 2.° Os bens dos Conventos, Mosteiros, Collegios, Hospicios, e quaesquer Casas de Religiosos das Ordens Regulares, ficam encorporados nos Proprios da Fazenda Nacional.

Art. 3.° Os Vasos Sagrados, e Paramentos, que serviam ao Culto Divino, serão postos á disposição dos Ordinarios respectivos para serem distribuidos pelas Igrejas mais necessitadas das Dioceses.

Art. 4.° A cada um dos Religiosos dos Conventos, Mosteiros, Collegios, Hospicios, ou quaesquer Casas extinctas, será paga pelo Thesouro Publico para sua sustentação uma pensão annual, em quanto não tiverem igual, ou maior rendimento de Beneficio, ou Emprego público. Exceptuão-se:

§. 1.° Os que tomaram armas contra o Throno Legitimo, ou contra a Liberdade Nacional.

§. 1.° Os que em favor da Usurpação abusaram do seu Ministerio no Confessionario, ou no Pulpito.

§.° 3.° Os que acceitaram Beneficio, ou Emprego do Governo do Usurpador.

§. 4.° Os que denunciaram, ou perseguiram directamente os seus Concidadãos por seus sentimentos de fidelidade ao Throno legitimo, e de adhesão á Carta Constitucional.

§. 5.° Os que acompanharam as Tropas do Usurpador.

§. 6.° Os que no acto do restabelecimenro da Authoridade da RAINHA, ou depois delle, nas Terras, em que residiam, abandonaram os seus Conventos, Mosteiros, Collegios, Hospicios, ou Casas respectivas.

Art. 5.° Ficam revogadas todas as Leis, e Disposições em contrario. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça o tenha assim entendido, e faça executar. Paço das Necessidades em vinte e oito de Maio de mil oitocentos trinta e quatro. — D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA. — *Joaquim Antonio d'Aguiar.*

Figura 154: Decreto de Expulsão das Ordens Religiosos em Portugal – 1834
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Colecção Oficial de Legislação Portuguesa, 1836, página 234.

Dos "egressos", os religiosos expulsos de seus conventos e mosteiros, alguns continuarem suas vidas religiosas nas dioceses, outros assumiram empregos seculares ou se recolherem a casa de familiares, no entanto, muitos passaram por situação de pobreza. As casas masculinas tiveram sua expulsão imediata, por outro lado, nas casas femininas as religiosas puderam permanecer até a morte da última delas. O patrimônio, móvel e imóvel, dos mosteiros beneditinos foi sequestrado pelo Estado. Muitos mosteiros e conventos foram vendidos e outros ficaram completamente abandonados e arruinados. Os livros litúrgicos e

de registros documentais foram recolhidos aos diversos arquivos distritais portugueses. Muitos bens foram vendidos em leilão público, mas alguns mosteiros foram assaltados por populares, sendo roubados diversos pertences, até mesmo os livros e documentos de seus arquivos. As alfaias religiosas foram entregues aos bispos das dioceses. Prevendo o que viria a acontecer com o Decreto de Expulsão de 1834, alguns superiores dos mosteiros beneditinos se preveniram acautelando bens e livros dos mosteiros na casa de seus familiares e conhecidos.

Em 1808, a Família Real Portuguesa, consequência das invasões francesas, veio o Núncio Callipi, que obteve de Dom João VI, em 1810, a permissão para que os mosteiros beneditinos brasileiros recebessem quarenta noviços (DIAS, 2011, p. 241).

O Estado do Brasil, enquanto parte do Reino de Portugal, esteve subordinada as determinações do Governo Português, assim os Mosteiros Beneditinos Brasileiros foram atingidos por todas determinações políticas governamentais. Com a Independência do Brasil de Portugal, em 7 de setembro de 1822, essa separação política levou ao desligamento da Congregação Beneditina Portuguesa e a Província Brasileira. No Capítulo Geral em 1825, em Portugal, não houve eleição dos novos Abades da Província Brasileira. Somente em 1827, por meio da Bula *Inter gravissima*, pelo Papa Leão XII, foi instituída a "Congregação dos Monges da Ordem de São Bento do Império do Brasil", desvinculando-se finalmente da Congregação Portuguesa. Neste momento os Mosteiros Brasileiros contavam com um total de onze mosteiros e trinta e um monges. O Governo Imperial de Dom Pedro I (1822-1831) interveio junto a Santa Sé no sentido de se obter a emancipação dos Mosteiros Brasileiros da Congregação de Portugal. O primeiro Capítulo Geral da Congregação Beneditina Brasileira ocorreu em 17 de julho de 1829, sendo celebrado no Mosteiro da Bahia, quando foi eleito seu primeiro chefe da Congregação, o Abade Geral Padre Mestre Fr. Francisco José de Santa Escolástica Oliveira. Neste momento foi muito difícil preencher todos os diversos cargos da nova Congregação devido ao pequeno número de monges no Brasil. Alguns cargos foram ocupados pelo mesmo monge e, no segundo Capítulo Geral, celebrado em 17 de junho de 1832, foi necessária a reeleição de Abade Geral da Congregação, dos abades dos mosteiros, dos Definidores, dos Visitadores, do Secretario e companheiro do Geral, contrariando as leis beneditinas.

Uma das preocupações do reeleito Abade Geral da Congregação foi a reabertura dos noviciados, entretanto sua petição junto ao Governo Imperial ficou esquecida, devido aos vários problemas administrativos prioritários ao início do Primeiro Reinado. Várias tentativas neste sentido foram realizadas, não se obtendo algum sucesso.

Através da Circular de 19 de maio de 1855, José Tomás Nabuco de Araújo (1813-1878), Ministro da Justiça[382] durante o Segundo Reinado (1840-1889) do Imperador Dom Pedro II (1825-1891), comunica o fechamento dos noviciados brasileiros. A princípio, deveria ser provisório, mas perdurou até o final do Segundo Império Brasileiro, quando houve a separação do Estado e da Igreja. Esta medida governamental de Nabuco garante a extinção lenta e indireta das ordens religiosas no Brasil e promove o despovoamento dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros.

« Circular. — 1.ª Secção — Ministerio dos Negocios da Justiça, Rio de Janeiro em 19 de Maio de 1855. S. M. o Imperador ha por bem cassar as licenças concedidas para a entrada de Noviços n'essa Ordem Religiosa até que seja resolvida a Concordata que á Santa Sé vai o Governo Imperial propôr. Deus Guarde a V. P. Revma. — José Thomaz Nabuco de Araujo. — Sr. Provincial dos Religiosos Franciscanos da Côrte. (Na mesma conformidade aos de mais Ordens Religiosas do Imperio.) »

Figura 155: Circular para o fechamento dos noviciados brasileiros – 1855
Fonte: Acervo fotográfico do autor – *Um Estadista do Império*: 1813-1857, p. 307.

O Ministro da Justiça Nabuco de Araújo era inimigo das ordens religiosas brasileiras. Através desse ato, o Ministro Nabuco de Araújo tinha a intenção de ver restaurada a grandeza moral da concepção e a severidade das várias regras (NABUCO, 1897, p. 307). Seu Relatório de 1854, meses depois de assumir a Pasta da Justiça do Império, descreve precisamente a realidade de muitos dos conventos brasileiros, como pode ser constatado a seguir:

[382] A administração dos cultos estava ligada a pasta da Justiça no Império.

« Os conventos se acham pela maior parte em estado deploravel quanto á disciplina e administração; alguns estão abandonados e sem culto divino, entregues a um só religioso que desbarata ou não aproveita os seus ricos bens, e vive sem inspecção alguma; outros conventos mais numerosos dão o triste espectaculo da intriga, que os dilacera com prejuizo de sua santa instituição, e essa intriga procede em geral, como sou informado, das cabalas que sem pejo de simonia ahi se agitam por amor dos cargos; providencias energicas são urgentes para restituir os conventos á sua primitiva santidade afim de que se não tornem fócos de immoralidade, sendo preciso que n'elles penetre a policia como aconteceu no convento do Carmo do Maranhão. Sobre essas providencias consultei os pareceres do Arcebispo e Bispos do Imperio, e quando esses pareceres vierem, o governo Imperial tomará aquellas medidas que couberem em sua autoridade, proporá as que de vós dependem, e impetrará do SS. Padre algumas que só d'elle pódem provir. A reforma dos conventos deve consistir: 1.° em serem elles na parte espiritual sujeitos aos Bispos, aos quaes deve competir a nomeação e demissão dos Prelados e Superiores respectivos; 2.° em prestarem contas da administração temporal ao juizo competente. »

Figura 156: Primeiro relatório de Nabuco sobre as ordens eclesiásticas – 1854
Fonte: Acervo fotográfico do autor – *Um Estadista do Império*:: 1813-1857, p. 305.

Um segundo Relatório do Ministro da Justiça, em sequência a este, em 1855, confirma o relatório anterior e sugere providências a serem tomadas. No recorte do texto, referente ao conventos, o Ministro Nabuco assim define:

« É o mesmo e tal como vos referi no passado Relatorio, o estado d'esses estabelecimentos que foram outr'ora o assento da piedade, da disciplina e da austeridade religiosa : a reforma de uns e a suppressão de outros, sendo seus edificios e bens applicados, como disse, para regeneração do clero, são objectos em que o governo Imperial tem fixado sua attenção. As tres providencias seguintes são em resumo aquellas que parecem essenciaes ao fim proposto : 1.º Suppressão dos conventos do interior, que não tiverem pelo menos quatro religiosos e dos das capitaes que não tiverem dez, para a celebração e exercicio do culto ; devolução de seus edificios e bens para os seminarios. 2.ª Reforma ou regeneração dos outros em que ha communidades, ficando durante a reforma e até sua conclusão sob a plena jurisdicção dos Bispos, que aliás devem ficar ordinariamente investidos da autoridade de presidir ás eleições capitulares e annullal-as quando contrarias ás constituições. Applicação de uma parte de sua renda liquida para os seminarios. 3.ª Conversão dos bens ruraes e escravos dos conventos em apolices da divida publica dentro de dous annos sob pena de commisso a bem dos seminarios. A administração d'esses bens distrae os religiosos de sua missão sagrada e espiritual e os torna aferrados aos intereses temporaes. »

Figura 157: Segundo relatório de Nabuco sobre as ordens eclesiásticas – 1855
Fonte: Acervo fotográfico do autor – *Um Estadista do Império*:: 1813-1857, p. 306.

Em 1868 a Congregação Brasileira contava com onze mosteiros e quarenta e um monges, sendo quinze monges no Mosteiro do Rio de Janeiro, onze no Mosteiros da Bahia, quatro no Mosteiro de Olinda e as outras Abadias e Presidências estava habitadas por um ou dois monges.

Foram realizadas tentativas para contornar o fechamento definitivo dos noviciados pelos beneditinos. O Abade do Mosteiro do Rio de Janeiro enviou três jovens brasileiros ao Mosteiro Beneditino de São Paulo, em Roma, que fizeram o noviciado e

foram ordenados sacerdotes. Quando estavam para regressar, o Governo Imperial, tendo ciência desse fato, determinou que não seriam aceitas e válidas as profissões religiosas, de brasileiros, feitas no exterior nde Brasil.

Com a proclamação da República e a consequente liberdade religiosa, foi possível a restauração dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros. No ano de 1889, o Abade-Geral da Congregação Beneditina do Brasil, Dom Domingos da Transfiguração Machado, recorreu ao Papa Leão XIII, que delegou à Congregação Beneditina de Beuron (Alemanha) a restauração dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros. Chefiado por Dom Gerardo Van Caloen, o primeiro grupo de restauradores, ao chegar ao Mosteiro de São Bento de Olinda, em 1895, encontrou somente um monge, o Abade Frei José de Santa Júlia Botelho. Neste momento, os Mosteiros Beneditinos de Olinda e da Bahia se constituíram as bases para a restauração da Congregação Beneditina em terras brasileiras.

Figura 158: Restauradores da Congregação Beneditina Brasileira
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento de Vinhedo, São Paulo.

3.4. OS MOSTEIROS BENEDITINOS NO BRASÍLICO LUSITANO: SEUS ÓRGÃOS, ORGANISTAS E ORGANEIROS

As Casas Beneditinas são regidas por um hierarquia, encabeçada pelo Abade, na qual cada cargo tinha funções e papéis definidos. O organograma, a seguir, mostra a organização das funções, e suas inter-relações no exercício da administração de um mosteiro beneditino.

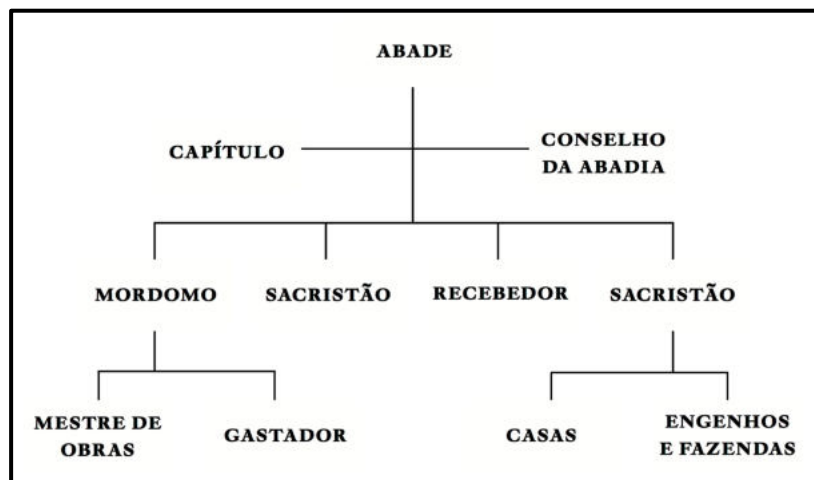



Figura 159: Organograma da administração de um mosteiro beneditino
Fonte: OLIVERA HERNÁNDEZ, 2009, p. 149.

A Congregação dos Monges Negros de São Bento dos Reinos de Portugal, de seu estabelecimento (1566-1567) até a expulsão das Ordens Religiosas de Portugal (1834), instituiu diversas formas de registros ao longo destes duzentos e sessenta e oito anos da reforma, processo iniciado no século XVI[383]. Através destes registros documentais, em forma de livros, tornou-se possível o levantamento histórico da organística dos Mosteiros Beneditinos Brasileiro. A seguir, citam-se os livros de registros dos mosteiros beneditinos:

- **Costumeiro:** livro que reúne os usos, costumes e observância do mosteiro;
- **Crônicas do Mosteiro:** Livros que relatam os acontecimentos do mosteiro, sua história, tais como mudança de cargos, visitas ilustres etc. Havia o cargo

[383] As reformas eclesiásticas são movimentos de reestruturação e do restabelecimento de uma disciplina ou de conceitos e princípios anteriormente praticados que foram perdidos. Ocorrem em ordens eclesiásticas ou em instituições eclesiásticas, as igrejas. Em algumas reformas acontece um ruptura com a igreja de origem, como na Reforma Protestante, que teve início em 1517 e que completará quinhentos anos de reforma em 2017. Em contrapartida à Reforma Protestante, a Igreja Católica Romana promoveu a Contrarreforma, uma reestruturação da própria igreja, sem haver ruptura.

de cronista-mor do Mosteiro;

- **Livro Dietário:** Livro em que cada mosteiro devia exarar as notícias diárias de natureza politica, civil e econômica; do físico, meteorológico e médico; do moral, do eclesiástico e monástico; e do literário, ciência e artes. Cada Mosteiro tinha um monge dietarista. Foi estabelecido pelas constituições de 1797. É dividido em duas partes: 1) trata da fundação do mosteiro e de tudo o que acontecesse: prestação de contas e narrativas de governo abacial; 2) trata da vida e morte dos monges (Obituário);
- **Estado do Mosteiro:** Relatório sobre o estado ou situação do Mosteiro, obras e economia, apresentado pelos Abades ao final de cada triênio de governo, sendo estes enviados ao Capitulo Geral[384]. Era um resumo do *Livro do Depósito* ou da contabilidade geral do Mosteiro e de suas fazendas. Sua redação estava a cargo de dois monges contadores especialistas, chamados estadistas;
- **Livro do Depósito:** livro de arquivo das cópias dos Estados dos Mosteiros enviados a Portugal, conservados nos mosteiros brasileiros;
- **Livro da Sacristia:** registra os recibos, despesas e encargos dos legados, anuais e futuros, e o mais que pertencia à Sacristia;
- **Livro de Gastos:** O mesmo que Livro da Mordomia. Livro para escriturar as despesas gerais, dando entradas e saídas das verbas recebidas para isto;
- **Óbitos:** Livro em que se registra a noticia da morte dos seus monges (Necrológio);
- **Livro das Obras:** Livro em que se escriturava os gastos nas construções civis, reparações, salários e materiais;
- **Livro do Tombo:** Livro de registro ou cadastramento dos bens imóveis ou propriedades de um mosteiro: compras, vendas, contratos, aforamentos, arrendamentos etc.

Além dos livros citados acima, a contabilidade dos Mosteiros Beneditinos

[384] Os Capítulos Gerais eram celebrados em Portugal a cada três anos.

emitia recibos individuais de gastos e relatórios de receitas e despensas mensais. Através dos livros de registros, como também diversos outros documentos avulsos, torna-se possível realizar um levantamento histórico documental em diversas áreas, e transportando para nossos dias a prática musical sacra da época. São fontes inesgotáveis de informações inéditas sobre a história da música colonial brasileira.

3.4.1. O MOSTEIRO DE SÃO SEBASTIÃO DA BAHIA – SALVADOR

Figura 160: O Mosteiro de São Sebastião da Bahia do Salvador
Fonte: www.bahia-turismo.com.

O Mosteiro de São Bento da Bahia foi o primeiro a ser fundado no Estado do Brasil. Sua fundação está associada ao estabelecimento da Província Beneditina Brasileira em 1581. O Mosteiro de São Bento da Bahia foi elevado a Abadia no Capítulo Geral realizado no Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, aos 13 de outubro de 1584, quando foi eleito o primeiro Abade do Brasil, o Padre Frei Antônio Ventura.

Logo a seguir, em 16 de julho de 1586, D. Catarina Álvares Paraguaçu, esposa de Diogo Álvares, "o Caramuru", fez a doação, por escritura, aos Beneditinos da Ermida de N. Sra. da Graça, situada nas vizinhanças da cidade de Salvador, bem como de toda a prataria e ornamentos do serviço litúrgico. No Capitulo Geral celebrado em setembro de

1647, no Mosteiro de Santo André de Rendufe, Portugal, foi fundado o Mosteiro Beneditino da Graça no Santuário de Nossa Senhora da Graça. A seguir, em 6 de setembro, foi eleito como Provincial o Padre Fr. Gregório de Magalhães. O Provincial Gregório de Matos fundou o Colégio de Artes no Mosteiro de Salvador logo em seguida a sua chegada à Bahia.

Em *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Souza descreve a o Mosteiro de São Bento poucos anos depois de sua fundação. Assim narra o cronista:

> Passando mais avante com o rosto ao sul, no outro arrabalde da cidade, cm um alto o campo largo, está situado um mosteiro do S. Bento, com sua claustra, e largas officinas e seus dormitórios, onde se agasalham vinte religiosos que n'aquelle mosteiro ha, os quaes tem sua cerca e horta com uma ribeira de água, que lhe nasce dentro, que é a que rodea toda a cidade, como fica atraz dito. Este mosteiro de S. Bento é muito pobre, o qual se mantem do esmolas que pedem os frades pelas fazendas dos moradores, c não tem nenhuma renda de S. Magestade, em quem será bem empregada pelas necessidades que tem, cujos religiosos vivem santa e honesta vida, dando de si grande exemplo, e estão bcmquistos o mui bem recebidos do povo, os quaes haverá três annos, que foram a esta cidade com licença de S. Magestade fundar este mosteiro, que lhes os moradores d'ella fizeram á sua custa com grande fervor c alvoroço (SOUZA, [1587] 1831, p. 120).

O primeiro registro documental de gastos com a manutenção de um órgão de tubos encontra-se no *Estado do Mosteiro*[385], triênio 1657-1660, no governo do Abade Fr. Bento dos Reys, que tomou posse em 22 de marco de 1657. Portanto, por comprovação documentalmente, considera-se este o primeiro órgão de tubos do Mosteiro de Salvador. Mesmo assim, não se descarta a existência de órgãos de tubos anteriores a este instrumento. Neste mesmo lançamento também encontra-se registrada a compra de um livro de música do compositor português Duarte Lobo[386].

[385] Os originais dos *Estados dos Mosteiros* brasileiros encontram-se no Arquivo Distrital da Universidade do Minho, em Portugal. Muitos relatórios trienais encontram-se perdidos. Do Mosteiro da Bahia faltam os seguintes triênios: Cota 136 – começando pelo triênio 1652-1656; faltam (1661-1663); (1667-1669); (1704-1706); (1724-1726); (1730-1731); (1704-1706); terminando pelo triênio 1736-1739 / Cota 137 – Começando pelo triênio 1764-1766; faltam (1772-1776); (1793-1795); finalizando com o triênio (1796-1800.

[386] O compositor português da época do Renascimento tardio e Barroco inicial, Duarte Lobo nasceu em, aproximadamente 1565 e faleceu em 24 de setembro de 1646. É considerado um dos músicos da "época dourada" da polifonia portuguesa.

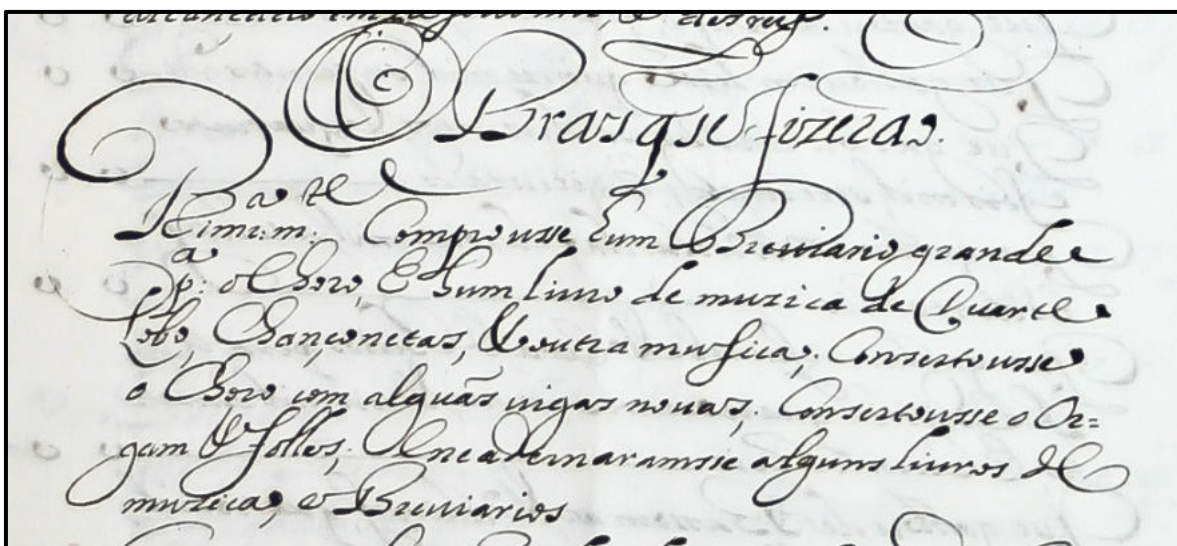



Figura 161: Primeiro registro de um órgão de tubos no Mosteiro de São Bento da Bahia, 1657-1660
Fote: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 32.

> **Obras q se fizeraõ**
>
> Primr^{a}:m^{te}: [primeiramente]: Comprousse hum Breviario grande e p: [pera] o Choro, E hum Livro de muzica de Duarte Lobo, Chançonetas[387], & outra musica; consertousse o Choro com alguãs vigas nouas [novas]; consertousse o orgam & folles, encadernaramsse alguns Livros de Muzica, e Breviarios (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 32).

Não se sabe quando este órgão de tubos foi adquirido e nem qual sua tipologia. Este lançamento esclarece algumas dúvidas quanto a repertório instrumental usado nas liturgias beneditinas no século XVII no Estado do Brasil.

A partir de sua fundação em 1549, a Cidade de Salvador foi cercada por muralhas, sendo organizada em forma de fortaleza. Em 8 de maio de 1624 Salvador foi invadida por vinte e seis navios holandeses, quando sofreu muitos bombardeios. Durante esta invasão sua Sé Primacial que foi tomada. No ano seguinte, em primeiro de maio de 1625, Salvador foi recuperada pelos espanhóis e também portugueses.

Nesta época das invasões, os holandeses produziram muitos mapas e figuras. A título de contextualização, a figura a seguir, uma ilustração da Cidade de Salvador em 1625, obra do holandês Frans Hogenberg, retrata a urbanização nesta época.

[387] Os Livros de chançonetas continha canções populares ou popularica cantadas nas festas de Natal e Ano Novo, alternadamente entre os textos latinos. Também a importação de músicas e livros de música de Portugal para a colônia.

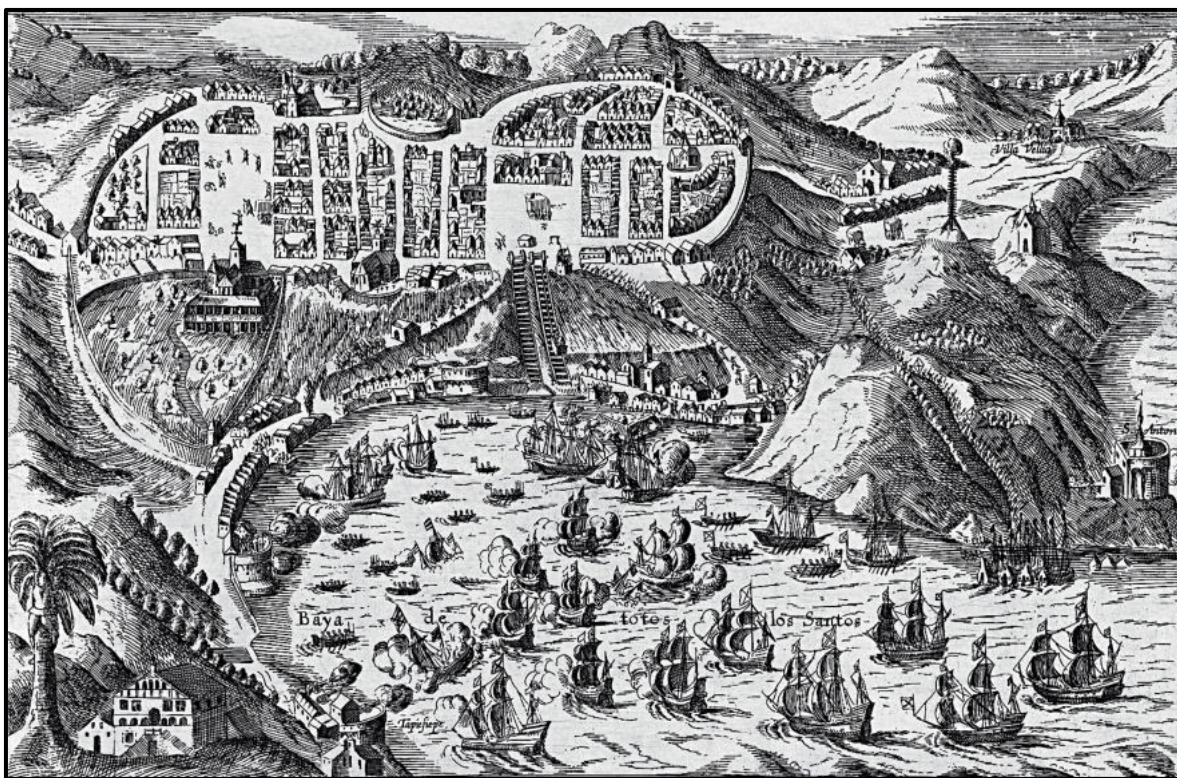



Figura 162:A Cidade de Salvador em 1625 – Ilustração de Frans Hogenberg
Fonte: Acervo de figuras do autor – www.cidade-salvador.com.

A grande igreja situada à esquerda, na **Figura 162**, é o Mosteiro e Colégio dos Jesuítas, e à sua direita, ao centro, a Sé Primacial do Brasil. O Mosteiro de São Bento encontra-se à direita, fora dos muros, próximo ao portão norte. Segundo alguns levantamentos, a Cidade de Salvador, no final do século XVI, tinha uma população inferior a quinze mil habitantes[388].

O órgão de tubos foi novamente consertado no triênio seguinte, 1663-1666, conforme registrado no item "Obras que fez o P^{e}. P^{e}. [Padre Pregador] D. Abb^{e}. [Abade]", no *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1663-1666: "[...] e mandou concerta [consertar] os orgãos e foles; [...]" (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 56).

[388] Dados segundo Leslie Bethell (Org.), em *História da América Latina: América Latina Colonial*, Vol. II, 2004, p. 334.

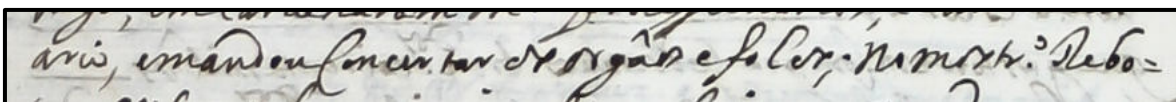



Figura 163: Conserto no órgão e nos foles
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 56.

Na sequência faltam muitos relatórios do *Estado do Mosteiro*, assim como também nos que existem, faltam lançamentos em música, músicos ou sobre os órgãos de tubos. Somente no triênio 1726 a 1729 ocorre o próximo destes lançamentos. Era Abade o P^e^. Pregador Cypriano da Conceição. Considerando-se o lançamento do gasto com órgão de tubos, sugere se tratar de um novo instrumento.

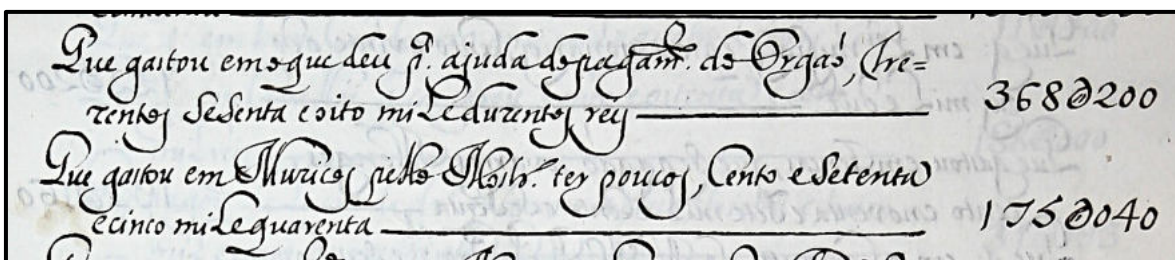



Figura 164: Gastos com órgão e músicos no trienio de 1726 a 1729
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 155.

> Que gastou em o que deu p^a^. ajuda do pagam^to^. [pagamento] do Orgaõ, trezentos sesenta e oito mil e duzentos reis -- 368$200
>
> Que gastou em Muzicos pello Mostr^o^. [Mosteiro] ter poucos, cento e setenta e cinco mil e quarentena -- 175$040

Em meados do século XVIII os Mosteiros Beneditinos Portugueses e Brasileiros passaram por uma redução na quantidade de monges devido ao fechamento dos noviciados. Essa realidade pode ser constatada no segundo lançamento acima, quando faltaram músicos neste Mosteiro. Ainda no coro, foram feitos consertos e reformas e colocados livros para os Ofícios Divinos.

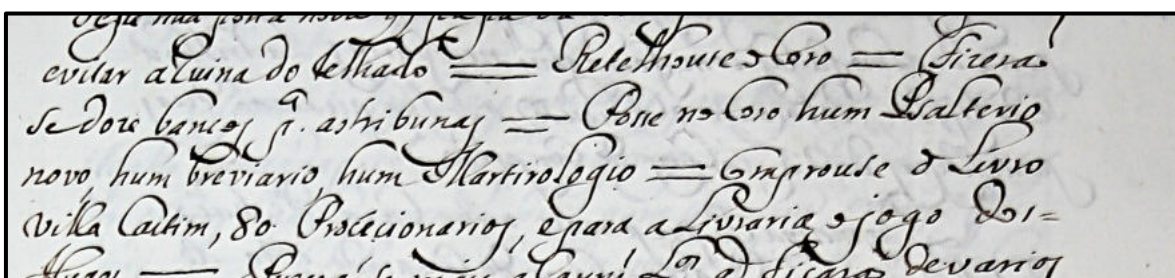
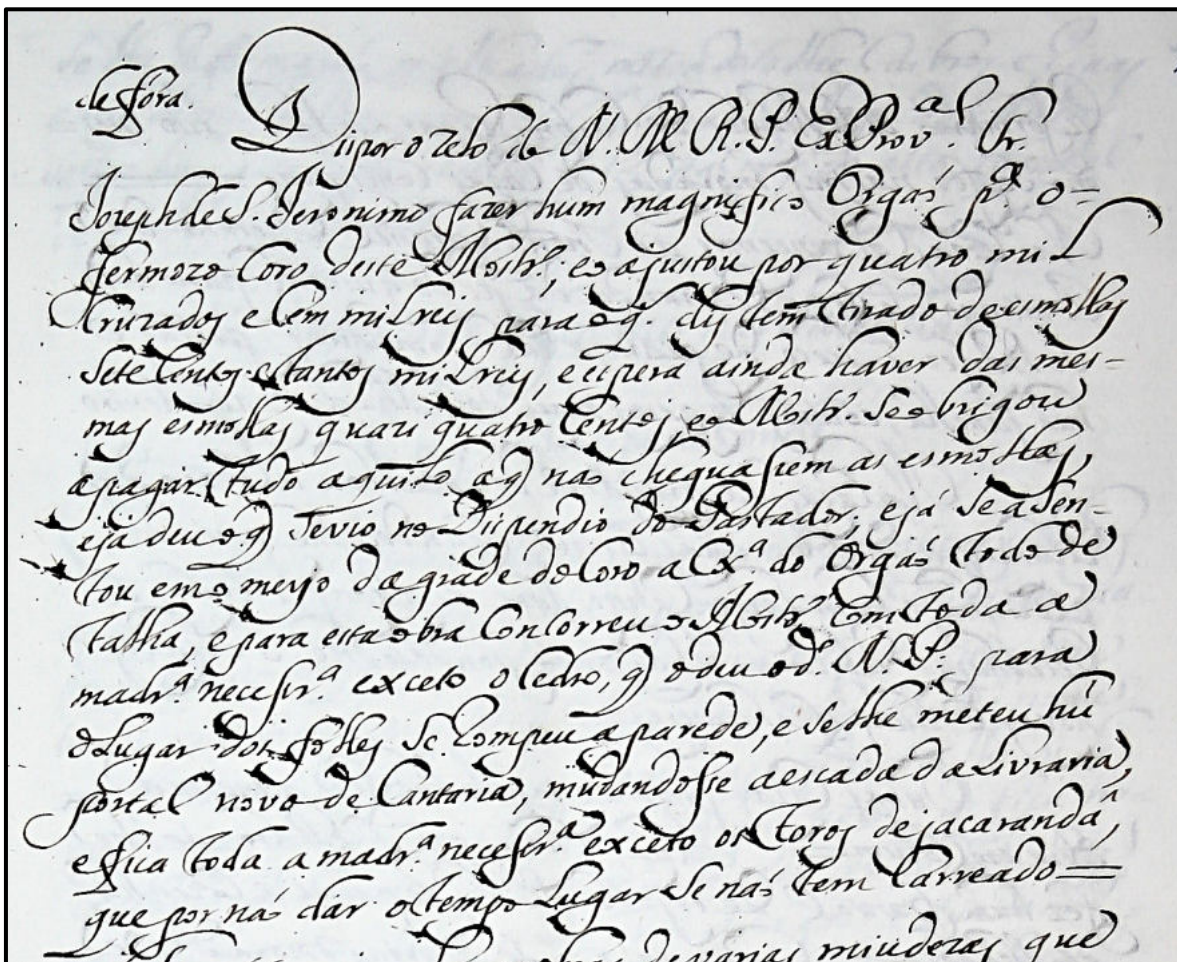



Figura 165: Reformas de livros registrados nos *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1726-1729
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 191.

> [...] = Retelhouse o Coro = Fizeraõ se doze bancos pª. [pera] as tribunas = Posse no Coro hum Psalterio novo, hum Breviario, hum Martirologio = Comprouse o Livro Villa Cartim, 80 Processionarios, [...] (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 191).

Ainda neste mesmo relatório trienal, na página 197 (fólio 25), encontram-se descritos a compra, valor e instalação do novo órgão de tubos do Mosteiro de Salvador.

Figura 166: Compra do novo órgão de tubos registrado nos *Estados do Mosteiro de da Bahia*, 1726-1729
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 197.

> Dispor o zelo de N. M. R. P. ExProval. Fr. Joseph de S. Jeronimo fazer hum magnifico Orgaõ pª. o fermozo [o formozo] Coro deste Mostrº.; e o ajustou por quatro mil Cruzados e cem mil Réis para o q' diz tem tirado de esmollas[389] setecentos e tantos mil réis, e espera ainda haver das mesmas esmolas quazi quatro centos, e o Mostrº. se obrigou a pagar tudo aquilo a q' naõ chegassem as esmolas, e já deu o q' se vio no Dispendio do Portador; e já se asentou em o meio da grade do Coro a Cxa. [caixa] do Orgaõ todo de talha, e para esta obra

[389] O termo "esmola" nesta época significava o mesmo que "ofertas".

> concorreu o Abade com toda a madrª. [madeira] necessrª. [necessária] exceto o cedro, q' o deu o dº. [dito] N. P. para o lugar dos folles se rompeu a parede, e se lhe meteu hú [hum] frontal novo de cantaria[390], mudandosse a escada da Livraria, e ficando toda a madrª. Necessrª. Exceto os toros de jacarandá, que por naõ dar o tempo lugar se naõ tem carreado = [...] (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 197).

Segundo D. Luiza da Fonseca, em "*Aspectos da Bahia no Século XVIII"*, publicado na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, o organeiro Felix Martins Rates foi o construtor deste órgão de tubos:

> Felix Martins de Rates disse que o órgão da Sé era pela mesma formatura do de São Francisco. Na ocasião em que se assentou, estava ele naquela cidade fazendo o do Mosteiro de São Bento, sendo chamado pelo Arcebispo para fazer a vistoria no órgão da Sé [...] (FONSECA, 1953, p. 283).

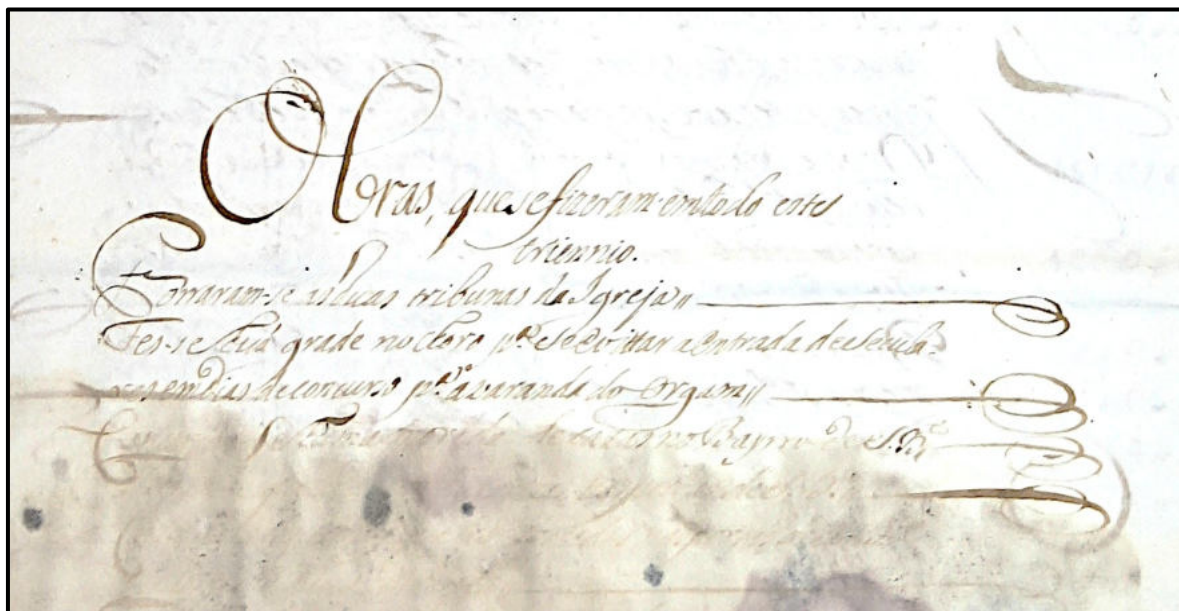



Figura 167: Obras no coro: a varanda para o órgão – *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1736-1739
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 270.

> **Obras, que se fizeram em todo este triennio**
>
> Forraram-se as duas tribunas da igreja // ————————————————
> Fes-se huã [uma] grade no choro pª. [pera] se evitar a entrada de seculares em dias de concurso pª. a varanda do Orgam // ————————————————

Padres Visitadores estiveram no Mosteiro de São Bento de Salvador em 24 de novembro de 1783 a fim de constatarem o estado em que se encontrava o Mosteiro no

---

[390] Cantaria é a pedra talhada, em formas geométrias ou de adorno, utilizada em construção.

Governo Trienal do Abade e Presidente Fr. Paschoal da Resurreyçaõ, que foi nomeado em 2 de janeiro de 1777. No item "*Obras de mayor valor q' se fizeram no Mostr^{o}. e Igreja*", em *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1777-1780, descreve a grave situação em que se encontrava a Abadia de Salvador e da necessidade de obras. Foi consertado todo o madeiramento que cobre a igreja e o coro, que segundo o texto estava "ameaçando prompta e gravissima ruína".

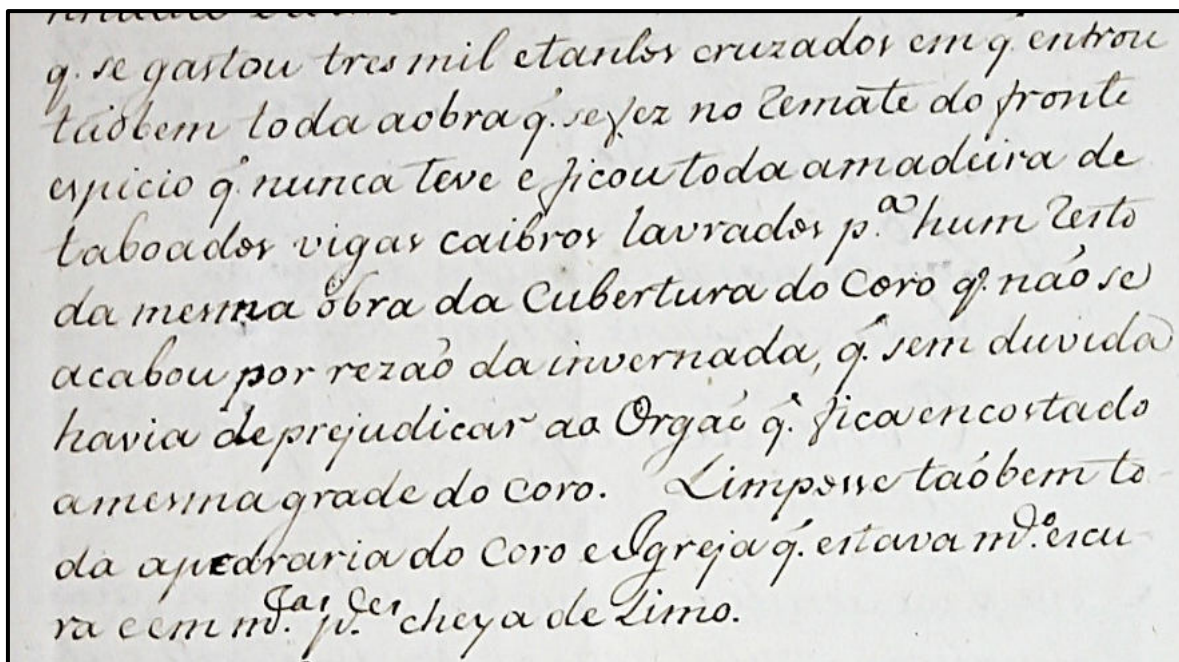



Figura 168: Situação gravíssima em que se encontrava o Mosteiro de da Bahia no triênio 1777-1780
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 114.

> [...] em q'. entrou tão bem toda a obra q' se fez no remate do fronte espicio q' nunca teve e ficou toda a madeira de taboador vigas de caibro lavrados p^{a}. hum resto da mesma obra da cobertura do Coro q'. naõ se acabou por rezaõ da invernada, q'. sem duvida havia de prejudicar ao Orgaõ q'. ficou encostado a mesma grade do coro (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 114).

Os Mosteiros Beneditinos possuíam fazendas e engenhos. Geralmente nestas propriedades haviam capelas e igrejas as quais eram supridas muitas vezes com órgãos realejos e, a partir do século XIX, com harmônios.

No segundo triênio de governo do Abade Fr. Antônio de São José Valença, 26 de julho de 1780 a 17 de setembro de 1783, o Mosteiros São Bento de Salvador, entre muitas de suas obras de reformas na Capela, incluíu o órgão de tubos, como pode ser constatado no registro do *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1780-1783:

Figura 169: Conserto do órgão realejo no triênio 1780-1783
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 150.

> A Capela ~~ Encaibrouse, ripoouse retelhouse, e embuçouse o telhado com cal [...] ~~ Consertou-se o realejo ~~ [...] (C.S.B - Liv.136, pag. 150).

Os relatórios trienais do Mosteiro de São Bento de Salvador demonstram claramente a situação em que se encontrava esta casa. As reformas e manutenções são muitas e constantes, além das dívidas que se passam aos triênios seguintes.

Figura 170: Dívidas registradas nos *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1789-1793
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 210.

> Consertouse o Orgaõ grande do Coro, q’ estava em miserável estado, com mtos canudos tapados, outros quebrados, outros amassados: e os grandes, q’ tinha de madr^{a}. [madeira] estavam huns podres, outros comidos de bicho. Com este conserto se fes grande despeza em materiaes, madr^{a}., e jornais de m^{tos} dias dos officiaes de fora, além de outros de Mostr^{o}. q’ tambem trabalharaõ; assim tambem com o M^{e}. [Mestre] de Obra, a q^{m} [quem] se pagou como pedia aqual p^{te}. [parte] da obra, com a q^{l} [qual] ficou bom, e perfeitam^{te}. Renovado o d^{o}. [dito] Orgaõ. Mandouse fazer de novo o remate do pê da Alampada do S^{r}. [Senhor] do Coro, q’ naõ tinha, e se fés de prara. Em fim ficou desse modo toda a Igra. [Igreja] com os precizos ornatos, e com a possível decência, q’ se deve a D’. [Deus] e aos seos Santos (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 210).

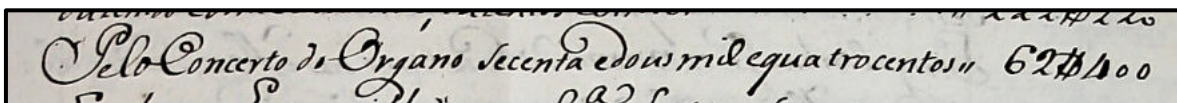
Ainda neste relatório encontra-se registrado o gasto com o pagamento do conserto do órgão de tubos.

Pelo Concerto do Organo secenta e dous mil e quatrocentos // 62$400

Figura 171: Conserto do órgão registrado nos *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1789-1793
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 278.

Pelo Concerto de Organo secenta e dous mil e quatrocentos // 62$400

No "Obras que se fizeram neste presente triênio: Igreja e Sacristia", nos *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1789-1793, ao tratar do coro da Abadia, são dados mais detalhes sobre o conserto do órgão de tubos no triênio 1789-1793. Convém salienta que entre estes detalhes, são citadas os registros de Trombetas, uma das características principais dos órgãos de tubos da escola de organaria ibérica. Além deste, é citado o registro de Clarino.

Coro

No Coro se concertou o Organo com hum Con=
certo Consideravel, porq' sucedendo Cahir do alto delle
Cima das pennas Com q' se orna quebrou as Trombetas, e
Clarim e lhe causou outros dannos q' tudo foi nece=
sario reparar com pronto, e efficas remedio e ficou
Na sua maior e milhor perfeição fizerão se de novo
Com a estampilha dous Livros hum de Himnos
Com suas Solfas Modernas e outro de Canticos

Figura 172: Detalhes do conserto do órgão no triênio 1789-1793
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 286.

de Canticos e fica terceiro de Missas particulares quaze completo
em Cadernarão se de novo tres Breviarios, e Psalterio, e Mar
tirilogio. Mosteiro

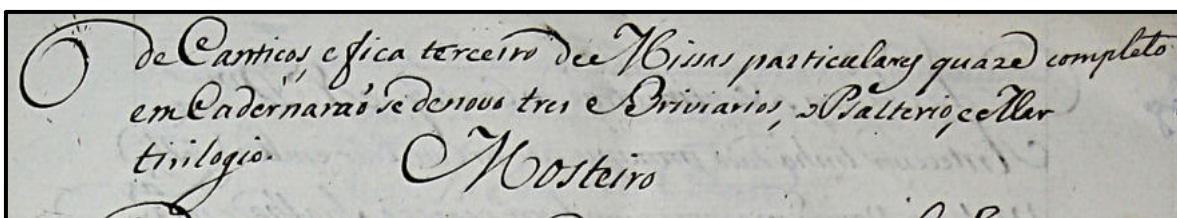



Figura 173: Detalhes do conserto do órgão no triênio 1789-1793 (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 287.

Coro

> No Coro se consertou o Organo com hum conserto concideravel, porq' [porque] sucedendo cahir do alto delle e huma das pessas com q' se orna quebrou as Trombetas, e Clarins e lhe causou outros danos q' tudo foi necessário reparar com ponto e eficas [eficaz] remédio e ficou na sua maior e milhor prefeiçaõ fizeraõ se de novo com a estampilha, dous Livros hum de Himnos com suas Solfas modernas e outro de Canticos e fica terceiro de Missa particulares quaser completo em Cadernaraõ se de novo três Breviarios, e Psalterio, e Martirilogio (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 286).

O Mosteiro de Salvador passou por doze anos de dificuldades financeiras. As consequências dessa situação se refletiram na situação lastimável a qual chegaram seus prédios, abadia e o próprio órgão de tubos, instrumento tão importante e necessários aos Ofícios Divinos prestados pelos monges. Essa importância se demonstra neste relatório trienal ao tratar da situação grave em que se encontrou endividado o Mosteiro de Salvador: "sem jamais se esquecer do Culto Divino fazendo com toda a grandeza as funções Eclesiásticas" (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 274).

No governo do Abade Fr. Antônio da Encarnação Pena, triênio de 23 de outubro de 1789 a 21 de junho de1793, pode finalmente o Mosteiro saldar suas dívidas, como pode ser comprovado nos *Estados do Mosteiro de da Bahia* 1789-1793:

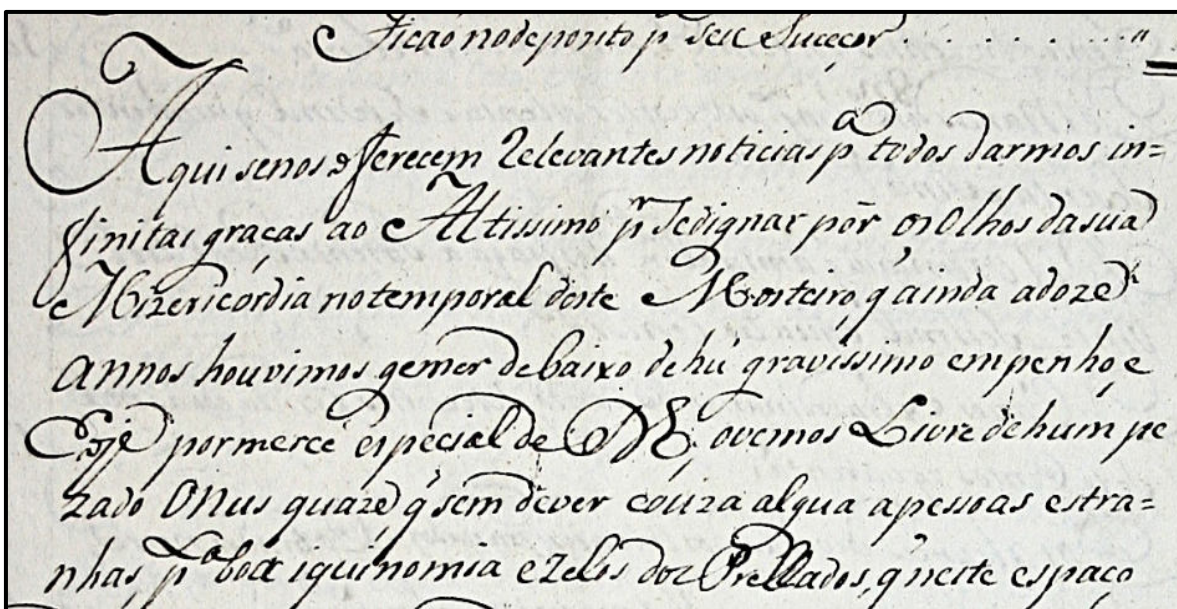



Figura 174: Pagamento das dívidas do mosteiro no triênio 1789-1793
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 274.

> Aqui se nos oferecem relevantes noticias p^{a} [pera] todos darmos infinitas graças ao Altissimo p^{r} [por] se dignar por os olhos da sua Mizericórdia no temporal deste Mosteiro q' ainda a doze annos houvimos gemer debaixo de hú [um] gravíssimo empenho, e hoje por mercé especial de D' [Deus]; ouvemos livre de hum pezado onus quase, q' sem dever couza algua a pessoas estranhas, p^{la} boa iquinomia e zelos dos Prellados, [..] (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 274).

A descrição das diversas obras, reparos e consertos realizados neste triênio no Mosteiro de Salvador demonstra de forma sucinta a realidade desses doze anos de endividamentos. Há dois triênios passados, 1783-1786, pagou-se uma parte dessa dívida no valor cinco contos, oitocentos e setenta e dois mil, trezentos e quarenta réis [5:872$340] (C.S.B - Liv.136, pag. 197), Segundo lançamento registrado na contabilidade nesse relatório, triênio 1789-1793, foi quitado um último pagamento relativo à dívidas de triênios passados foi no valor de sete contos, duzentos e nove mil e oitocentos e cinquenta réis [7:209$850] (C.S.B - Liv.136, pag. 277).

3.4.1.1. MONGES ORGANISTAS DO MOSTEIRO DA BAHIA

Dos vários livros e documentos avulsos do Mosteiro de São Bento da Bahia, o *Dietário das vidas e mortes dos monges, que faleceram neste Mosteiro de S. Sebastião da Bahia da Ordem do Príncipe dos Patriarcas S. Bento* revela informações sobre a arte organística nesta Casa Beneditina secular:

> 15^{o} – O Decimoquinto foi o Pe. Fr. Placido da Cruz natural de Pernambuco professo nesta caza. Era Religioso dotado de prendas, com as quaes sempre servio a Religiaõ. Tocava orgaõ com destreza, e na muzica era perf^{to}. Todo o seu cuid^{o}. se encaminhava p^{a}. q' as funcoens do Coro, e Igreja se fizesse com toda a decencia, e perfeiçaõ. [...] acabou a vida disposto com a graça dos Sacram^{tos}. no mez de dezbr^{o}. de 1642 sendo D. Abb^{e}. o m^{to}. R. P. Fr. Bernardo de Braga (Códice L^{o}. 155, f. 13).

> 71^{o} – O septuagesimo primeiro foi o M^{to} R. P.Missionario Apostolico Fr. Matias de S. Bento natural da Cidade de Braga, professo neste Most^{ro} [Mosteiro], […] como era bom organista e melhor musico, quiz empregar estas prendas nos divinos louvores sabia, que o Chorô era o emprego ms nobre de um Religioso, este foi o que esculheo, este foi o que buscou. Foi m^{to} [muito] annos M^{e} [Mestre] de capella, e Cantor mor accudindo a todas as suas obrigaçoens com mta promptidaõ, e com m^{to} gosto, empenhado-se que todas as pencoens pertencentes a seu emprego, satisfizessem com m^{ta} [muita] perfeiçaõ, e decencia. Passados m^{tos} annos nestes louvaveis exercicios, […] depois de alguns annos chegouo a este Mostr^{o} a noticia de sua morte geralmte sentida pelos habitantes dáquellas terras, na consideraçaõ que perdiaõ um taõ grande director das suas almas, os seus ossos foraõ tranferidos para o claustro em 23 de Ouctubro de 1695 sendo D. 25 Abb. o M^{to} Rev^{o} P. M^{e} Fr. José da Naividade. (Códice L^{o}. 155, f. 38v).

> 74 ^{o} – O septuagesimo quarto foi: o P.Fr. Joaõ de S^{ta} Maria natural d'esta Cidade professo neste Mostr^{o}. No seculo era tratado com estimacaõ m^{to} distinta pelas prendas de que foi dotado, p^{r} que era o Musico mais dextro daquelles tempos, no tocar, e cantar principalmente no organo. […] Ja adiando em annos foi accomettido de uma febre maligna, que dando-lhe tempo para se dispor com os ultimos sacramentos lhe tirou a vida nos fins do anno de 1699 sendo D.Abbe o M^{to} R P. Fr. Theodoro da Purificaçaõ (Códice L^{o}. 155, f. 40v).

> 111^{o} – O Centesimo undecimo foi o P^{e}. Preg^{or} Fr. Joaõ do Sacramto natural da Cid^{e} do porto professo neste Mostr^{o}. Foi admetido ao S^{to} habito pelas prendas de que era doutado p^{r} q' era hum dos melhores musicos, e organistas daquelle tempo, pórem as virtudes q' elle exercitou o fiseraõ mais estimavel nos olhos de D^{s} [Deus] e dos homens; observava com toda acautela os votos da sua profissaõ; a sua assistencia no coro foi continua, […] Faleceo aos 2 de Abril de 1720 com todos os Sacramtos sendo D.Abbe o M. R. Pe. Pregor [Pregador] Fr. August^{o} da Encarnaçaõ. (Códice L^{o}. 155, f. 60).

> 119^{o} – O Centesimo decimo nono foi o Pe. Fr. Boa ventura de Sta Quiteria natural desta Cidade de F^{o} [filho] de Pais honestos no seu ingresso na Religiaõ se chamou Fr. Valintim de S. Berndo que depois mudou em o nome que fica dito. Assistio dous annos neste Mostr^{o} em estado de Secular para suprir a falta de

organista que nesta occasiaõ havia, ao dep^{s} [depois] de admettido ao S^{to} habito, e nelle professou a vida Religiosa; ja professo foi continuando no exercicio de organista,[…] Era D. Abbe o N. M. R. Pe .Ex. Provin^{al} [Provincial] Fr. Jose de S. Jeronimo. Foi o dia do seu falecimento em 28 de Desembro de 1721. (Códice L^{o}. 155, f. 63).

157^{o} – O Centesimo quinquagesimo septimo foi o Nosso m^{to}. Reverendo Pe. Ex. Provincial Fr. Manoel do Espirito Santo, natural da Cidade de Lisboa, professo neste Mosteiro, foi a vida deste Religiozo verdadeirame vida de Monge […] Já nas vesperas de sua morte pedio licença ao Prelado p^{a} dispender algumas couzas, que lhe restavaõ do q' adquirira plas suas ordens, […] deixôu duzentos mil rs p^{a}. que do sêu rendimto se concervasse assêza huma lampada diante da immagem do Senhor crucificado, que está no côro, de quem sempre foi devotissimo, dêo huma avultadda esmolla p^{a}. o orgaõ, […] e chegado o dia oitavo do mez de 7br^{o} [setembro] de 1736 Enchêo os seus dias com huma morte semelhante a sua vida, na mesma occaziaõ em que tinha chegado das Brottas anoticia da morte do Abade desta caza o m^{to} [muito] reverend P^{e}. Mestre Fr. Anastacio da Assumpçaõ. (Códice L^{o}. 155, f. 82).

203 ^{o} – O duode centésimo [ducentasimo] terceiro foi o P^{e}. Pregador Fr. Franc^{co} [Francisco] de Sta. Luzia nascido nesta Cidade de Pais honestos, professo neste Mostr^{o}. Pelas prendas, q' tinha de organista, e musico, e pela perfeiçaõ de seos costumes foi admettido ao estado de Monge, […] Nesta Casa aonde foi maior a sua assistencia, servio mtos annos de Cantor mór, e Mestre da Capella, procurando com diligencia, q' todas as funcções do Côro, e Igreja se fisessem com toda a perfeiçaõ, decencia, e gravidade, e p^{a} ter os melhores Musicos sempre promptos p^{a}. quando delles necessitava, fasia com ells algumas despesas a custa do seo Peculio. Frequentava o côro com promptidaõ, […] foi accomettido de um repentino accidente, q' dando lhe tempo p^{a} se absolver e ungir, o privou da vida em 3 de 8br^{o} [outubro] vesporas do Patriarcha S.Franc^{o}, de q^{m} [quem] era devotissimo, de 1758 Sendo D.Abbe o N. M. R. P^{e}. ExProv^{al} Fr. Jeronimo da Ascençaõ. (Códice L^{o}. 155, f. 102).

249^{o} – Entre todos os esquecidos pareceme, que naõ havera outro como o P. Fr. Felis natural do Rio de Janr^{o}. o qual foi musico, e entreme tida naõ me lembre se de orgaõ ou de rebeca o qual dep^{s}. que veio de Lx^{a} [Lisboa] e o conhecido de vista neste Mostr^{o}. no q^{al}. acabou a vida entrou a padecer umas quenturas pelo corpo das quaes veio a cobrirsse de mal de S. Lasaro p^{r}. cuja causa foi separado de seos Irmaõs a morrer apartado d'elles em uma casinha que havia na horta até acabar a vida [...] Se foi assim ou naõ, eu naõ affermo; m^{s} [mesmo] podemos tomar exemplo, e louvar e D^{s} [Deus] p^{r} que q^{to} m^{s} padeceo nesta vida teria menos, que padecer na outra, trouxa m^{to} selfa [solfa] para este Mostr^{o} toda em letra redonda como entaõ se usava em Lex^{a} p^{r} que ainda que parecesse bem a musica, do q' nesse tempo se usava nestas partes do Brazil, era obra de uma mera curiosidade, mas naõ composta conforme as regras d'arte; p^{s} nenhum era compositor de perfeiçaõ. Veio de horta dep^{s} [depois] de morto, e se lhe deo sepultura nos claustros. (LOSE, 2009, p. 303).

250 – Naõ ha de ser menos esqeucido o P. Fr. Franco Gama natural d'esta Cidade Musico, e organista deste Mostr^{o} em o q^{l} [qual] tambem foi M^{e} [Mestre] de Capella m^{tos} [muitos] annos, e tambem Cantor, e Musico; […] deixou no seculo um seu Irmaõ Secular, que tambem era musico, e Organista, […] (Códice L^{o}. 155, f. 123).

Merece destaque, entre os monges músicos, o ducentésimo septuagésimo oitavo (278º), o M. R. P. Fr. José de Jesus Maria S. Paio [Sampaio] do Mosteiro de Salvador que se destacou na arte organística:

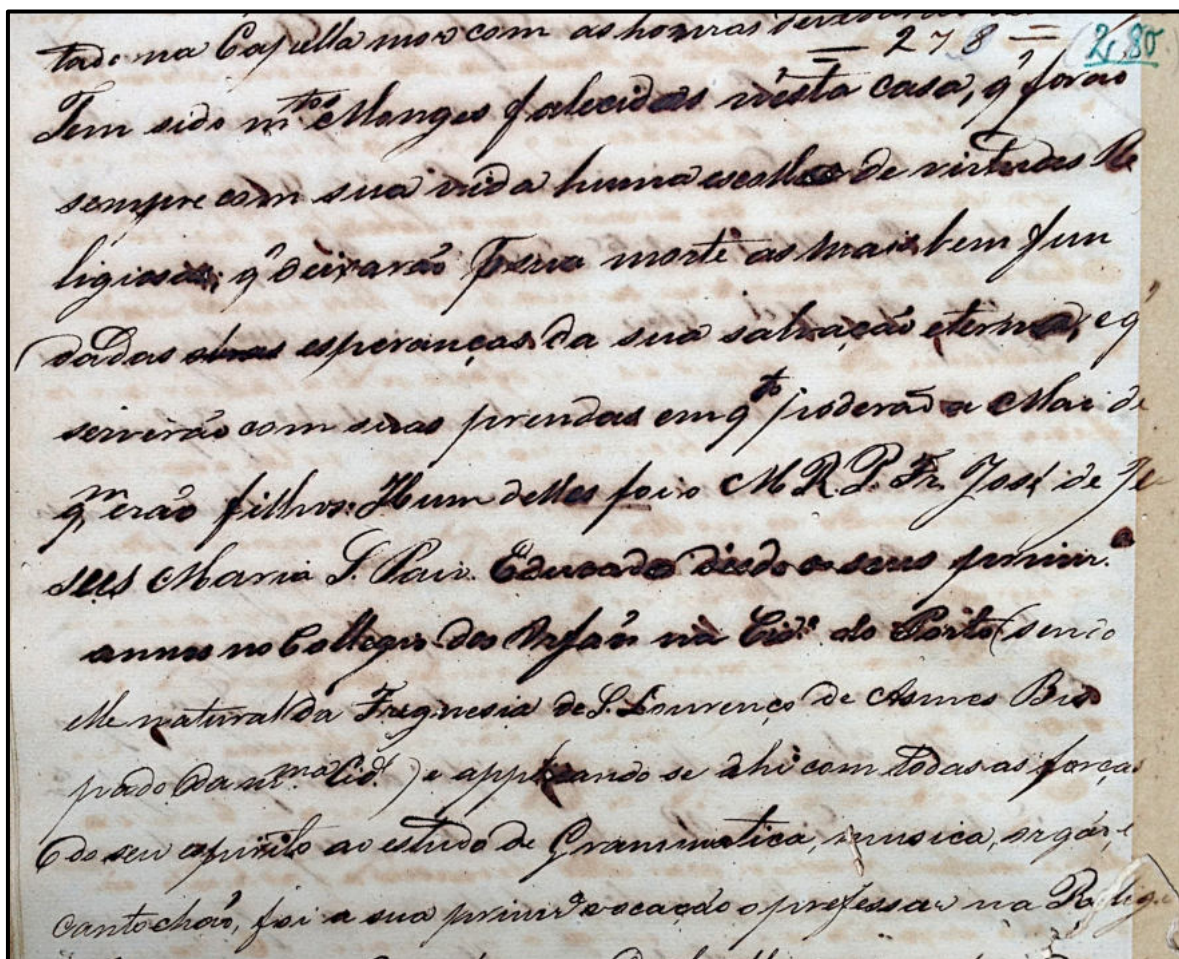



Figura 175: O estudo e o ensino do órgão segundo o *Dietário do Mosteiro da Bahia*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia – Códice Lº. 155 – Fólio 146.

> Tem sido m^{tos} Monges falecidos n'esta casa, q' foraõ sempre com sua vida huma escolla de virtudes Religosas; [...] Hum delles foi o M. R. P. Fr. José de Jesus Maria S. Paio. Educado desde os seus primeiros annos no Collegio dos Orfaõs na Cid^{e}. do Porto (sendo elle natural da Freguesia de S. Lourenço de Asures Bispado da m^{ma} Cid^{e}.) e applicando se ahi com todas as forças do seu espirito ao estudo de Grammatica, musica, orgaõ, e cantochaõ [...] (Códice Lº. 155, f. 145v).

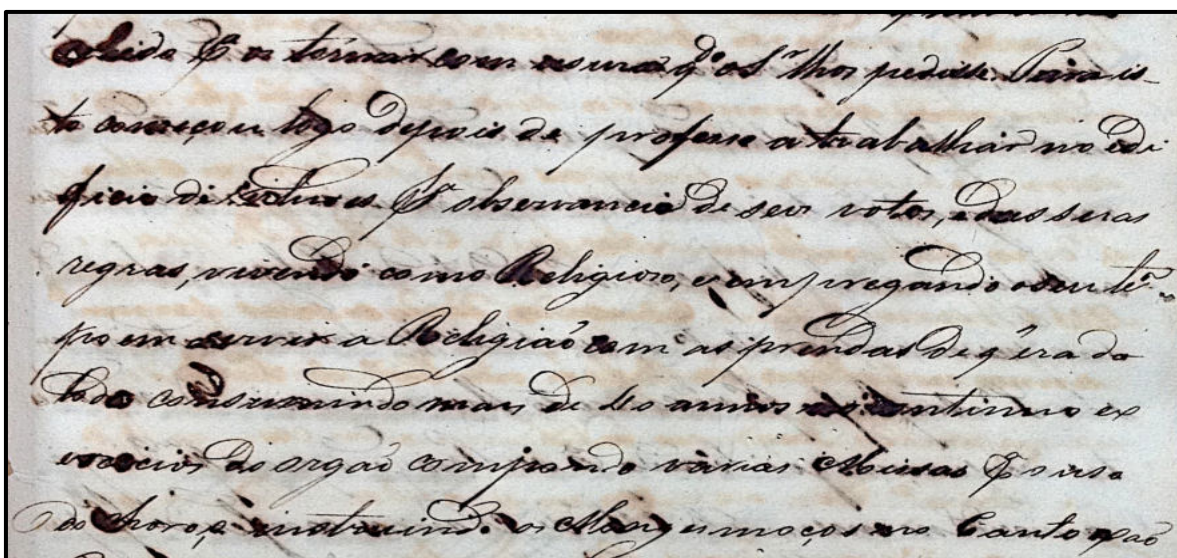



Figura 176: Atuação do organista Fr. José de Jesus Maria S. Paio
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia – Códice L^{o}. 155 – Fólio 146.

> Para isto começou logo depois de professo a trabalhar no edificio de virtudes p^{la}. observancia de seos votos, e das suas regras, vivendo como Religioso, e empregando o seu tempo em servir a Religiaõ com as prendas de q' era dotado consumindo mais de 40 annos no continuo exercicios do orgaõ compondo varias Missas p^{a} o uso do choro, e instruindo os Monges moços no Canto xaõ (Códice L^{o}. 155, f. 146).

A sequência das narrativas sobre a vida e feitos deste monge beneditino revela uma informação inédita a respeito da fundação de uma escola pública para o ensino de música e para a formação de organistas, de onde saíram muitos discípulos na arte organística . Até onde se tem referência, este foi o primeiro curso regular de órgão de tubos na história do Brasil.

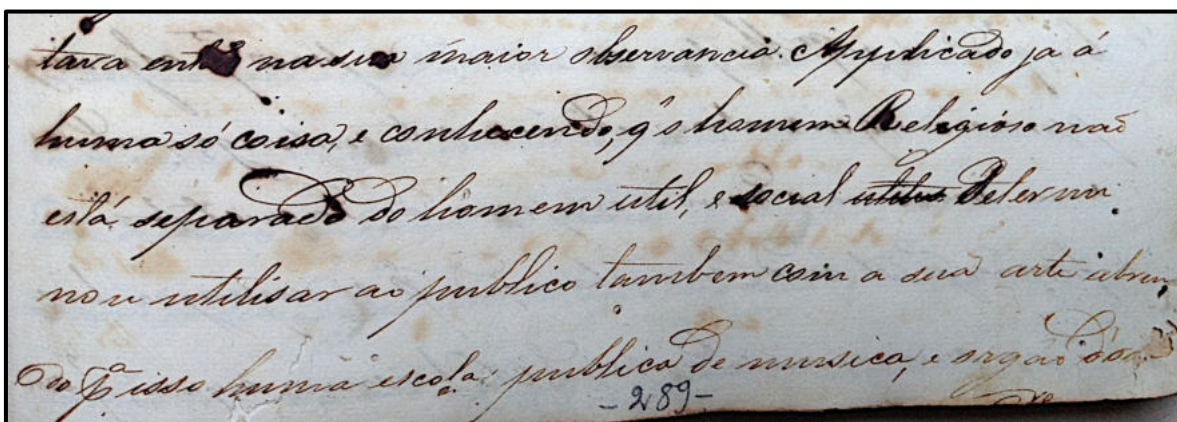



Figura 177: A Escola Pública de Órgão no Mosteiro de São Bento da Bahia
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia – Códice L^{o}. 155 – Fólio 146.

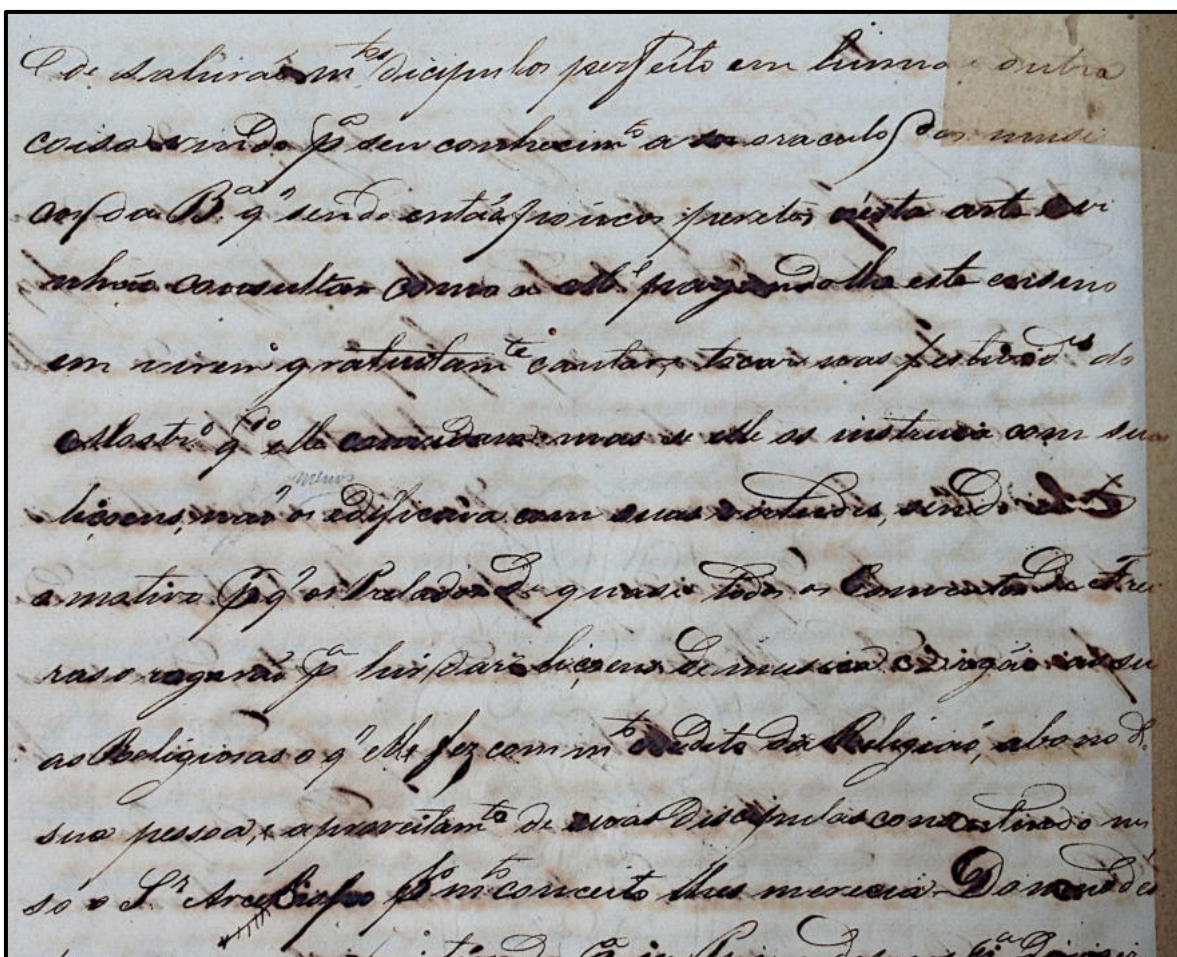



Figura 178: A Escola Pública de Órgão no Mosteiro de São Bento da Bahia (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. da Bahia – Códice L^{o}. 155 – Fólio 146v.

> […] Applicado já á huma só coisa, e conhecendo, q' o homem Religioso naõ está separado do homem util, e social determinou utilizar ao publico tambem com a sua arte abrindo p^{a}. isso huma escola publica de musica, e orgaõ d'on de sahiraõ mt^{os}. [muitos] discipulos perfeitos em huma e outra coisa vindo p^{a}. seu conhecim^{to}. [conhecimento] a ser oraculo dos musicos da B.^{a} q' sendo entaõ pouco peritos n'esta arte e vinhaõ consultar como ao Me. [Mestre] pagando-lhe este ensino em virem gratuitam^{te}. cantar, e tocar nas festivid^{es}. do Mostr.^{o} q^{do}. elle convidava: mas se elle os instruia com suas liçoens, naõ os edificava com suas virtudes, sendo este o motivo p^{r}. q' os Prelados de quasi todos os Conventos de Freiras o rogaraõ p^{a} hir dar liçoens de musica e orgaõ as suas Religiosas e q' elle fez com m^{to}. credito da Religiaõ, abono de sua pessoa, e aproveitam^{to}. de suas discipulas consentindo isso o S^{r}. Arcebispo p^{lo} tem conceito lhes merecia [...] (Códice L^{o}. 155, f. 146).

Segundo o Dietário da Bahia, o Fr. José de Jesus Maria S. Paio [Sampaio] faleceu aos 23 de Agosto de 1810, tendo oitenta e nove anos e seis meses de idade, quando era Abade o Frei Dom Manoel da Conceição Rocha.

O Dietário do Mosteiro da Bahia faz alusão a outros monges músicos que não foram organistas, mas que foram lembrados por suas práticas musicais. Através dessas narrativas de suas vidas monásticas é possível também informações sobre a realidade, qualidade, repertório naqueles séculos passados.

> 10^{O} – O Decimo foi o P^{e}. Fr. Antonio da Encarnaçaõ professo em Portugal. Logo ao depois de Sacerdote mandaraõ para esta casa pela parte, q' tinha de tocar baixaõ, e outros instrum^{tos}, de que nesse tempo se usava. […] Faleceo este perfeito Religioso aos 9 de Desembro de 1638. Sendo D. Ab^{e}. o M. R. P^{e}. Fr. Calisto de Faria (Códice L^{o}. 155, f. 11).
>
> 21^{o} – O Vigeimo p^{ro}. [primeiro] foi o P. Fr. Antonio de S. Paulo natural do Rio de Janeiro e professo nesta caza. […] No tp.º [tempo] de estudante aplicou-se com grd^{e} desvelo a muzica, e a varios instrumentos, principalm^{te} a Arpa, q' tocava com destreza. […] acabou catolicam^{te}. o seu Desterro desposto com a graça dos Sacram^{tos}. em 6 de Septbr.º de 1652 Sendo D. Abb^{e} o m^{to}. R. P. F^{r}. Mancio do Martires (Códice L^{o}. 155, f. 14).
>
> 48^{o} – O quadragesimo oitavo foi o M. R^{do} P^{e} Fr. Martinho de Jezus natural do Rio de Janeiro. Noticia que se pode descubrir deste Religiozo he que servio assistindo sempre dentro do Mosteiro, porque era bom Musico, e soccorrido de huma perfeita voz a qual empregava nos divinos louvores com grande alegria, e consolaçaõ da sual Alma. Faleceo em 24 de Agosto de 1683 sendo D. Abb^{e}. o M^{o} R. P^{e}. Pregor [Pregador] Fr. Bento da Victoria (Códice L^{o}. 155, f. 29v).
>
> 98^{o} – O Nonagesimo oictavo foi o Pe. Pregdor Fr. Agostinho da Sta Monica natural da Cid^{e} [Cidade] do Porto professo no Mostr^{o} do Rio. […] No coro era frequente, do q^{l} [qual] era pouco despensa do p^{r} ser bom musico e socorrido de huma vos admiravel. Tocava varios instrumentos, e nunca se escusou de servir a Religiaõ com as prendas de que era dotado; […] espirou nos braços dos assistententes aos 22 de Janeiro de 1715 sendo D. Abbe o M. R. P^{e}. P^{gor} Fr. Antonio da Trindade Ramos (Códice L^{o}. 155, f. 54).
>
> 107^{o} – O Centesimo septimo foi o Pe. Fr. Pantaleaõ de S. Bento natural da Cidade do Porto professo no Rio de Janeiro. Ao depois de ter servido aquelle Mosteiro com as prendas de que era doutado como eraõ ser bom musico o tocar varios instrum^{tos} com destresa, veio mudado p^{a} esta Casa, na q^{l} continuou o mesmo exercício p^{r} [por] bastantes annos; pedindo licença p^{a} ir a Villa de Jagoaripe lá o acometeo a morte e foi sepultado na m^{ma} [mesma] Freguesia sendo D. Abb o M. R. P^{e}. M^{e}. Fr. Mauro da Encar^{cam}. [Encarnação] (Códice L^{o}. 155, f. 58).
>
> 115^{o} – O Centesimo decimo quinto foi o Pe. Fr. Gonçalo da Con^{cam} [Conceição] natural de Pern^{co} [Pernambuco], a sua casa o foraõ procurar os Religiosos para que fosse taõ bem Religioso da nossa Ordem, vendo nelle as prendas […] servio a Religiaõ com as p^{tes} [partes] q' tinha de bom musico e tocar alguns instrum^{tos} de q' se usava com dextresa. […] veio a morrer caminhando p^{a} os setenta de Religiaõ e m^{s} [mais] de oitenta de idade natural. Faleceu com todos os Sacram^{tos} aos 6 de15 Abril de 1721 sendo D. Abb^{e} o N. M. R. Pe. Ex.Prov^{al} Fr. José de S. Jeronimo (Códice L^{o}. 155, f. 61v).
>
> 137^{o} – O centesimo trigesimo septimo foi o N. M. R. Pe. Ex.Prov^{al} Fr. Emeliano

da M[e] [Mãe] de Deos natural da Cide Porto de Pay honestos, professo neste Mostrº. Foi admittido ao nosso habito p[la] [pela] p[te] [parte] q' tinha de musico ajudado de hum perfta voz. […] veio mudado pª esta casa, aonde assistio freqüentado o coro, […] vendo q' era chegado o ultimo de seus dias recebendo com mtos actos catholicos os ultimos Sacramtos deixou resignado esta vida mortal em 27 de Março de 1730 sendo D.Abbe o M.R.Pe.Pregor Fr. Cyprianno da Concam [...] (Códice Lº. 155, f. 72).

142º – O centesimo quadragesimo seg[do] foi o M. R. Pe. Pregdor Fr. Dionisio de S. José, nascido nesta Cid[e] de Pais nobres e abundantes professo neste Mostrº. […] e pª q' logo dos seus principios se exercitasse em bons costumes, lhe vestiraõ a cogula Benedictina da q[l] usou athe os dez annos de id[e] no tempo competente o mandaraõ aprender algumas artes liberaes, prendas dignas de hum homem bem nascido. Foi bom Grammatico, e excellente Musico; e huma das melhores vozes q' teve este Mostrº. Admittido ao Noviciado professou com grd[e] [grande] conttentamto seu, e satisfaçaõ dos Religiosos plas prendas de q' era dotado; […] Passados alguns annos sentindo-se molestado em huma perna, buscou este Mostrº, aonde ja naõ naõ achou remedio pª a queixa, q' padecia, q' se disse ser hua postema; administraraõ os S[tos] Sacram[tos] q' recebeo com m[ta] devoçaõ, e ternura; pedio q' lhe dessem hum Snr. Crucificado, e abracado com elle acabou a sua vida aos 26 de Ag[to] [agosto] de 1731 tem do de id[e] cincoenta e sete, e de habito 41. Era D. Abb[e] o N. M. R. P[e]. Me. Ex.Prov[al] Fr. Joaõ Baptista da Cruz (Códice Lº. 155, f. 74v).

147º – O centesimo quadragesimo septimo foi o M. Re. Pe. M[e] Jubº Fr. Fernando da Trinde nascido em Lxª [Lisboa] de Pais honestos professo neste Mostrº. […] Foi Religioso dotado de m[tas] prendas naturaes, e moraes e com ellas servio a Religiaõ, adquirindo-lhe honra e credito; bom musico, e bom Latino; […] Foi Prior neste Mostrº. e juntamte de trez de trez popilos, q' p[lo] [pelo] tempo adiante bem se lhe deraõ a conhecer, p[r] [por] discipulo de hum taõ grd[e] M[e]., p[r], q' alem de os instruir na pratica das virtudes, tambem lhes ensinou grammatica e musica. [...] Faleceo aos 23 de Janrº disposto com a graça dos Sacram[tos] no anno 1734, Tendo de idade setenta e seis annos e de habito sesenta. Era D. Abb[e] o M. R. P[e]. Preg[dor] Fr. Basilio das Neves. (Códice Lº. 155, f. 77).

168º – O Centesimo sexagesimo oitavo foi o muito Reverendo P. Pregador Jubilado Fr. Raimundo de S. Miguel, nascico nesta Cidade de Pais virtuosos, profeço neste Mosteiro. […] Era bom Gramatico, bom Muzico, e tocava alguns instrum[tos], que acompanhavaõ o canto cham, com estas partes servio a Religiaõ, naõ só no tempo, em q' era obrigado, ao coro, ms taõ bem ao dep[s] [depois] , que p[los] [pelos] seus privilegios ficôu dispençado d'elle. […] espirou, tendo de idade 54 annos, e de habito 36. Foi o dia do seu falecimto em 19 de Junho de 1746. Era D. Abd[e] o Nosso Muito R. P. Exprovincial Frei Antonio da Luz (Códice Lº. 155, f. 86v).

193º – O Centesimo nonagesimo terco foi o P[e]. Fr. Manoel da Encarnaçaõ, nascido em Lxª [Lisboa] de pais honestos, com os quais se embarcou pª [pera] o Brazil, o com elles foi viver na villa de Camamu, professo neste Most[ro]; ao q[l]. servio com zêllo, e promptidaõ m[tos] annos, principalme no altar, e côro p[r] [por] ser m[to] [muito] bom muzico, e tocar arpa com m[to] destreza. […] Falecêo na mesma Vª [Villa] de Camamu com 84 a[s] [anos] de id[e] [idade]; e 61 de habito em 19 de Março de 1753, sendo D. Abade o N. M. R. P[e]. M[e]. Exprovincial Fr. Joaõ de Santa Maria (Códice Lº. 155, f. 98).

225^{o} – O Ducentesimo vigesimo quinto foi o M. R. P^{e}. Preg^{or}. Fr. Miguel da Conceiçaõ, natural da da Cidade do Porto, professo neste Mostr^{o}. Todo tempo q' viveo este Monge, se utilisou a Religiaõ doprestimo q' tinha p^{a}. a servir; servio-a no Côro com a parte, q' tinha de Musico bem instruido, principalmte. no canto chaõ; […] Faleceo em 7 de Novembro de 1768. Sendo D. Abb^{e} o N. M. R. P^{e}. Ex Prov^{al} Fr. Jeronimo da Ascençaõ (Códice L^{o}. 155, f. 114v).

251 ^{o} – Naõ he bem que fique em eterno esquecimento o Pe.Fr. Bento natural de Portugal a q^{m} [quem] eu conheci perfeitamte o qual tocava charamelllinha principalmente quando se contava o Te Deum nas Matinas no Choro, e qd^{o} [quando] se cantava o Magnificat, e Benedictus, e faberdaõ com tal istrumetno tanto lustrava nosso Choro neste tempo, que os Religiosos de S. Franc^{o} naquellas matinas m^{s} [mais] solemnes, dep^{s} [depois] que acabavaõ de cantar as suas, punhaõ se nas janellas de suas Cellas p^{a} ouvirem a consonencia, que fazia a nossa dita xaramilinha, e as voses dos nossos P. P. hoje porem naõ havera q^{m} queira ouvir nosso canto p^{r} [por] que alem de estar a Choro taõ falto de vozes se encommenda a dois Choristas os qs naõ tem voses cheias e pr isso naõ se ouvem os outros parece, que seguem o canto Ceciliano cantando som^{te} [somente] com as voses do coraçaõ p^{s}. [pois] os m^{s}. [mesmos] delles nem abrem as bocas qd^{o} se canta. Como era velho, fortalecido com as gracas dos Sacramentos morreo (Códice L^{o}. 155, f. 123).

3.4.1.2. Compras de livros para o Coro do mosteiro

Nos *Estados do Mosteiro de São Bento da Bahia* 1652-1656, constam diversos livros adquiridos para o coro. Cita-se um destes lançamentos: "E reformousse melho, hum livro de letra gothica q'. com os officios das duas festaz de N. P. B^{to}. [Bento]; dous Livros de Canto de Orgaõ; reformaraõsse os Breviarios; [...] (Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 9).

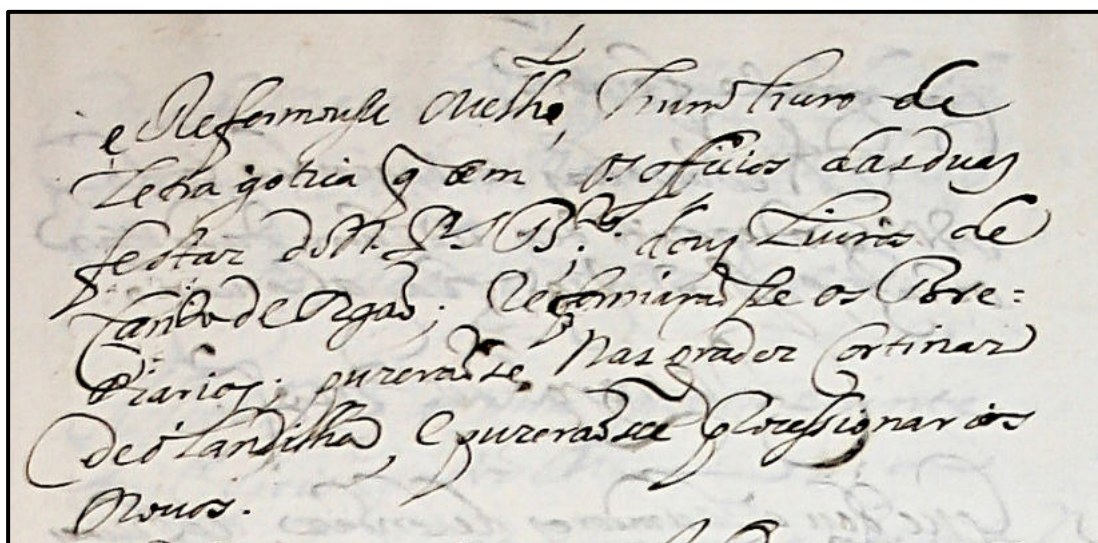



Figura 179: Reformas de diversos livros do coro no triênio 1652-1656
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 9.

3.4.1.3. MÚSICOS E ORGANISTAS CONTRATADOS PARA AS FESTAS RELIGIOSAS

Os mosteiros beneditinos seguem o calendário litúrgico da Igreja Católica Romana, observando as principais cerimonias, festas e solenidades: o Advento, o Natal, a Quaresma, a Páscoa (Semana Santa)[391], e pentecostes. Uma de suas festas mais significativas é o dia do Patriarca São Bento, comemorada no dia 21 de março, o dia de sua morte. Outros santos da Igreja Católica Romana também são comemorados anualmente nas respectivas datas.

Desde o século XVIII, encontram-se registros de pagamentos a músicos que tocaram nas festas das Capelas da Abadia do Mosteiro de São Bento da Bahia.

- Triênio de 1764 a 1766, governo do Abade Fr. Felippe na Natividade:

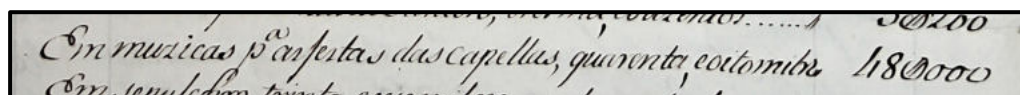



Figura 180: ***Estados do Mosteiro de da Bahia*** **1764-1766**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 16.

Em muzicas p[a] as festas das Capellas, quarenta, e oito mil rs. 48$000

- Triênio de 1765 a 1768, governo do Abade Fr. Jeronimo das Ascenção.

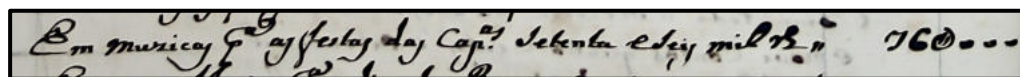



Figura 181: ***Estados do Mosteiro de da Bahia*** **1765-1768**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 52.

Em muzicas p[a] as festas das Cap[as]. [Capelas], setenta e seis mil rs. // 76$000

- Triênio de 1789 a 1793, governo do Abade Fr. Antônio da Encarnação Pena:

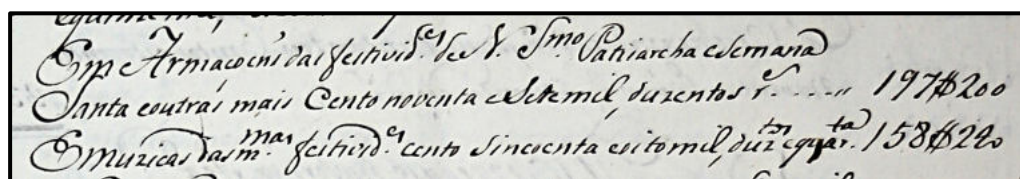



Figura 182: ***Estados do Mosteiro de da Bahia*** **1789-1793**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 287.

[391] **A Semana Santa** é uma tradição religiosa católica quando se celebra a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo. Ela se inicia no Domingo de Ramos, que relembra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e termina com a ressurreição de Jesus, que ocorre no Domingo de Páscoa. Nos demais dias, são recordados os diversos momentos que antececeram a crucificação de Jesus Cristo.

> Em armaçõens das festivid^{es}. de N. S^{mo}. [Santíssimo] Patriarcha e semana Santa e outras mais cento noventa e sete mil, duzentos r^{s}. - - - - - - - - - - - // 197$200
>
> E muzicas das m^{mas}. [mesmas] festivid^{es}. [festividades] cento sincoenta e oito mil, duz^{tos}. [duzentos] e quar^{ta}. [quarenta] 158$290

Em muzica da Porta da Igreja da festivid^{e}. do transito do N.
Santissimo Patriarcha trinta e dous mil r^{s}. . . . . // 32$000

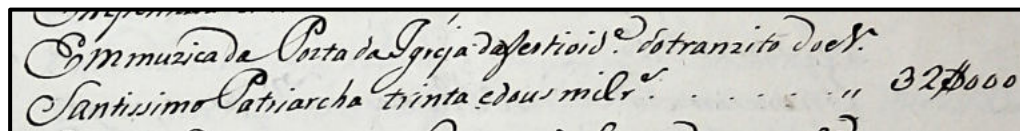



Figura 183: ***Estados do Mosteiro de da Bahia*** **1789-1793**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.136, pag. 287.

> Em muzica da Porta da Igreja da festivid^{e}. do transito do N. Santissimo Patriarcha trinta e dous mil r^{s}. - // 32$000

3.4.1.4. O ÓRGÃO DE TUBOS NOS OFÍCIOS DIVINOS NO SÉCULO XIX

Com o fechamento dos noviciados, os reflexo durante o século XIX foram muito danosos aos beneditinos. Em algumas das Casas Beneditinas Brasileiras, a própria Festa do Patriarca, uma das mais importantes na devoção beneditina, algumas vezes não aconteceu. A partir de 1854, muitas das festividades passaram a não serem realizadas. Com todas as dificuldades, o uso do órgão de tubos se manteve dentro das possibilidades de cada mosteiro beneditino.

No ano de 1859, Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II, em Viagem pelas Províncias da Bahia, Sergipe e Alagoas, visita o Mosteiro de São Bento de Salvador no dia 8 de outubro. Muito apreciador das artes, e principalmente da música, em todas igrejas por onde passava, em suas viagens pelo Brasil, sempre conhecia os órgãos de tubos. Geralmente pedia ao organista local para tocar o instrumento, como aconteceu no dia seguinte, ao visitar a Igreja de São Francisco de Salvador. Em seu diário, Sua Majestade faz citação do órgão de tubos do Mosteiro Beneditino de Salvador: “O coro da igreja tem assentos de jacarandá com belos lavrados, e órgão descansando num arco chato, que diz ter caído por duas vezes, antes de ser construído por um frade” (DOM PEDRO II, 2003, p. 76).

O primeiro registro documental do uso desse instrumento encontra-se no Governo Trienal do Abade Fr. Manoel de S. Caetano Pinto, primeiro de maio de 1866 a 31 de março de 1869. No item “Observância regular”, que descreve a situação da prática no Coro, assim narra:

Observancia regular.

Em nossas criticas e excepcionaes circumstancias nenhuma regularidade podemos observar, e fizemos somente aquelles actos compativeis com as nossas forças.

Rezamos sem interrupção os nossos Anniversari-os no Côro, e se disserão as Missas respectivas, in-clusive as mensaes, sendo cantadas as dos dias de Finados, assim da Igreja, como da Ordem.

Tiverão constantemente orgão e incenso, as mis-sas de Prima de Nossa Senhora nos sabbados.

Figura 184: Observância da música no coro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento da Bahia. Códice L^{o}. 400, fólio 3.

> Em nossas criticas, e excepcionaes circunstancias nenhuma regularidade podemos observar, e fizemos somente aqueles actos compatíveis com as nossas forças. [...] Tiveraõ constantemente orgaõ e incenso, as missas de Prima de Nossa Senhora nos sabbados. (Códice L^{o}. 400, fólio 3).

No *Esboço do Mosteiro da Bahia*, no Triênio de Governo do Abade Geral Pe. Mestre Jubilado Pregador Imperial Fr. José da Purificação Franco, de primeiro de maio de 1872 a 31 de março de 1875, em “Observância regular e Culto”, fólio 3, retrata a realidade dos Ofícios Divinos neste Mosteiro, que era similar aos demais cenóbios. Neste triênio, o órgão de tubos ainda estava funcionando e em uso.

Observancia regular e Culto

Em vista do diminuto numero de Religiosos não
tem sido possivel estabelecer-se a observancia regular, a pezar,
porem, de todas as difficuldades temos cantado constantemente
a Missa de Nossa Senhora, aos sabbados - com ladainha e
stella coli, para o que foi necessario convidar um Religioso
Franciscano, que nos tem sempre ajudado.
Por duas vezes fez-se a festa do Nosso Santo Patriarcha.
Fizerão-se todos os anniversarios - rezados no Coro; cantan-
do-se as Missas dos dias - dos fieis defunctos e dos da Nossa
ordem. As Missas de S. Sebastião, Santo Amaro San-
ta Luzia e S. Caetano forão solemnisadas com orgão e fogue-
tes. Celebrarão-se finalmente todas as Missas de obri-
gação, conforme ordenão nossas leis e actas capitulares.

Figura 185: Observância do culto e o órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento da Bahia – Códice L^{o}. 337.

Observância regular e Culto

> Em vista do diminuto numero de Religiosos não tem sido possível estabelecer-se a observância regular, a pezar, porem, de todas as dificuldades temos cantado constantemente a Missa de Nossa Senhora aos sabbados com ladainha e stella coli, para o que foi necessário convidar um Religioso Franciscano, que nos tem sempre ajudado.
> Por duas vezes, fez-se a festa do Nosso Santo Patriarca.
> Fizeram-se todos os anniversarios-rezados no Coro; cantando-se as Missas dos dias dos fieis defunctos e dos da nossa ordem. As Missas de S. Sebastiao, Santo Amaro, Santa Luzia e S. Caetano foraõ solenizadas com orgaõ e foguetes. Celebraraõ-se finalmente todas as Missas de obrigação, conforme ordenaõ nossas leis e actas capitulares (Códice L^{o}. 337, f. 3).

O Esboço do Triênio 1887-1890, quando foi Abade Geral o Fr. Jesuíno da Conceição Mattos, demonstra essa realidade: "Não nos foi possível fazer a Festa solemne de nosso Patriarcha, supprindo-se porém essa falta por Missa solemnemente rezada com a decência possível, accompanhada a orgaõ." (Códice L^{o}. 357 – Fólio 3).

Não nos foi possivel fazer a Festa solemne
do nosso Patriarcha, supprindo-se porém es=
sa falta por Missa solemnemente rezada com
a decencia possivel, accompanhada a orgão.

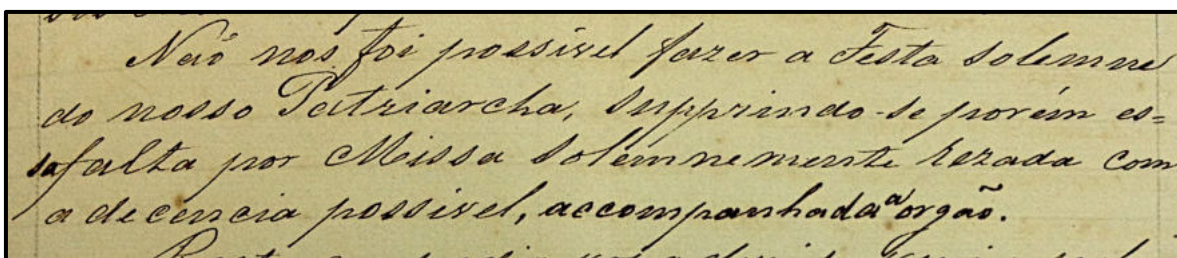



Figura 186: Manutenção do uso do órgão nas celebrações litúrgicas
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento da Bahia – Códice L^{o}. 357.

Em meados do século XIX, muitas das festividades do Mosteiro não foram mais realizadas, retornando estas práticas ao final desse mesmo século. No *Esboço do Mosteiro da Bahia*, nos dois Triênios de Governo do Abade Geral Fr. Domingos da Transfiguração Machado, de 14 de maio de 1890 a 13 de março de 1893, encontram-se relatado o restabelecidas das festividades beneditinas.

Culto.
Logo que as finanças do Mosteiro se
tornaram mais favoraveis, muito antes
de estar extincto seu debito, pareceu-
-me que se podia restabelecer as festi-
vidades que antigamente se faziam em
nossa Igreja, e que foram interrompi-
das desde 1854, as quaes começaram
a ser celebradas em 13 de Dezembro
de 1891 com sermão, a que generosa

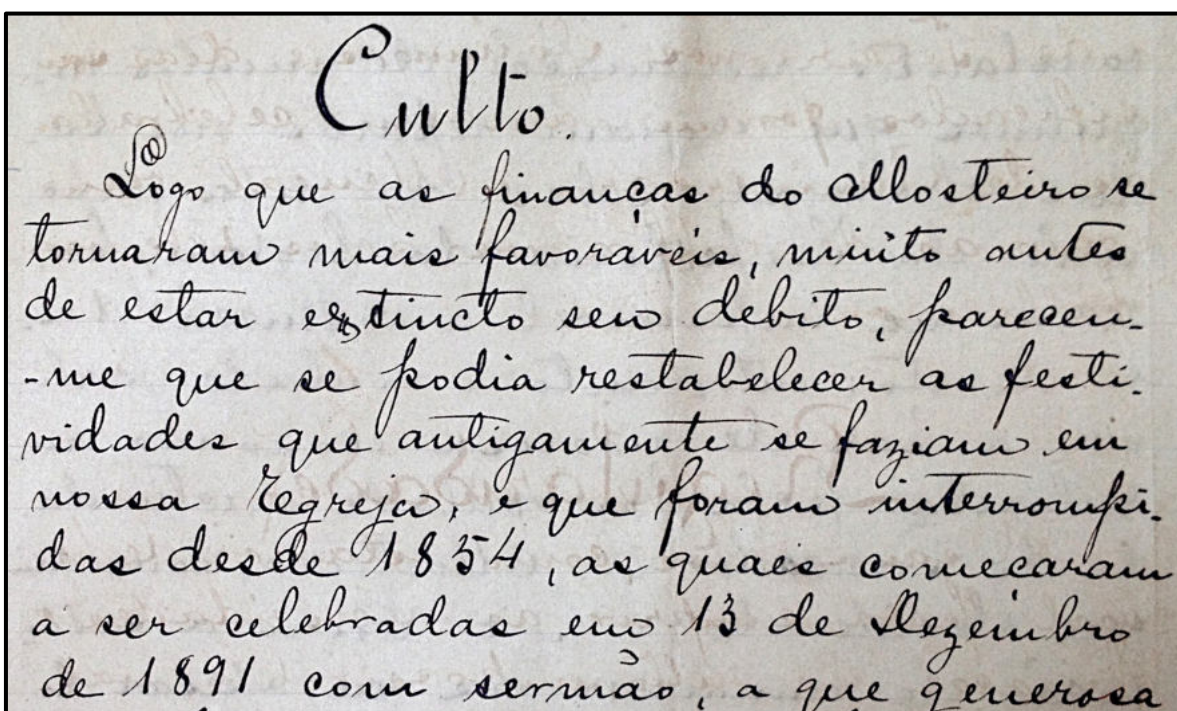



Figura 187: Reestabelecimento das festividades no Mosteiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. da Bahia – Códice L^{o}. 400 – Fólio 3 verso.

Culto

> Logo que as finanças do Mosteiro se tornaram mais favoráveis, muito antes de estar extinto seu debito, pareceu-me que se podia restabelecer as festividades que antigamente se faziam em nossa Egreja, e o que foram interrompidas desde 1854, as quaes começaram a ser celebradas em 13 de Dezembro de 1891 com sermão [...] (Códice L^{o}. 400, fólio 3 verso).

3.4.1.5. O ÓRGÃO REALEJO DO MOSTEIRO DE SALVADOR

O Mosteiro de São Bento de Salvador possuiu um órgão realejo, instrumentos muito comuns nas igrejas e usados em missas nas capelas laterais das igrejas, assim como nas próprias procissões internas nas igrejas, conventos e mosteiros. Esses órgãos de tubos processionais são munidos de alças de metal lateral para serem transportados usando-se alavancas, da mesma maneira como nos andores nas procissões. Segundo Maria Luiza de Queiroz Amâncio dos Santos, em *Origem e evolução da Música em Portugal e sua influência no Brasil*, esse órgão de tubos tem três registros divididos, segundo a características da escola de organaria ibérica.

a) b)

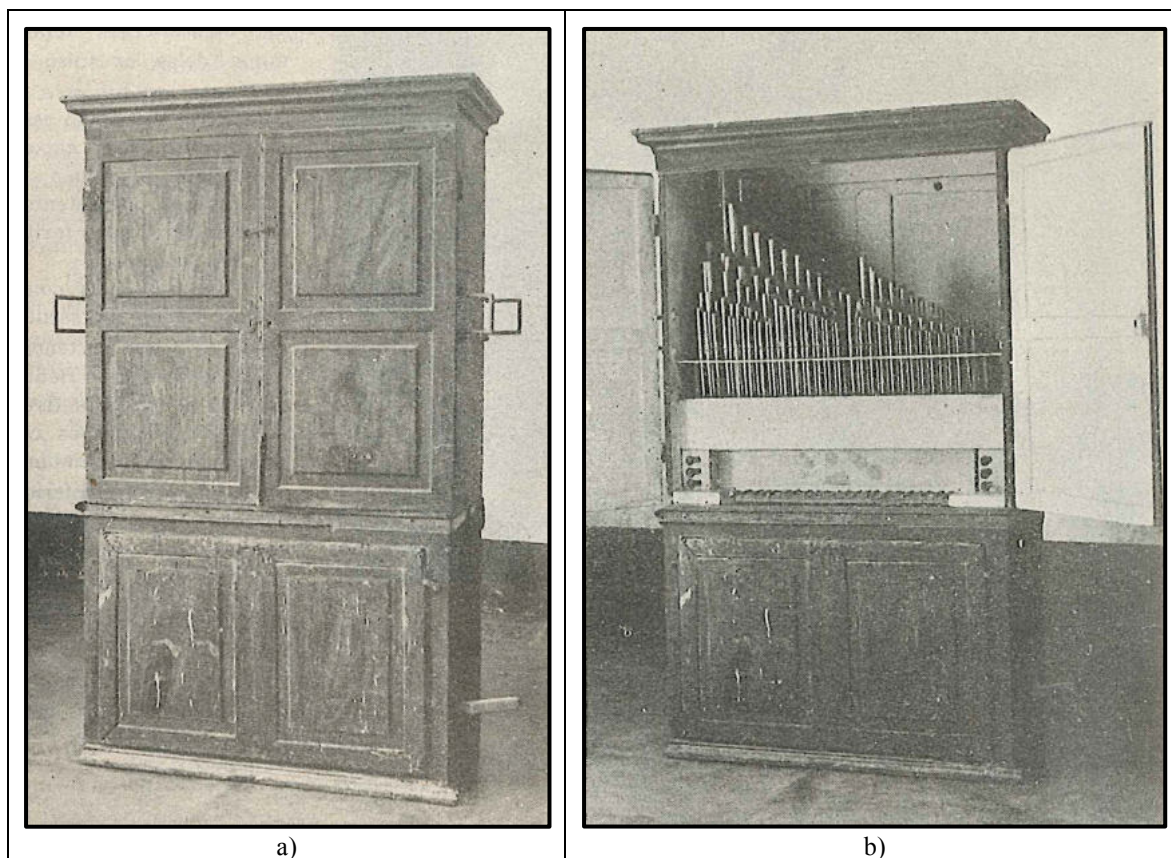



Figura 188: O órgão realejo que existiu no Mosteiro de São Bento da Bahia
Fonte: SANTOS, 1942, p. 115.

Este órgão realejo possui um fole, acionado pelo próprio organista através de uma alavanca ao lado direito do instrumento. Possui um manual com cinquenta e três notas e não possui pedaleira, por se tratar de um órgão de tubos para ser transportado e com a

finalidade de acompanhamento de cantochão ou canto de órgão. Sua disposição de registros: flauta 4’ (principal), bordão 4’, e Mixtur 3 fach (mistura de três fileiras). A caixa deste órgão realejo tem 1,90 metros de altura e 1,07 metros de largura.

Maria Luiza de Queiroz esteve em pesquisas no Mosteiro da Bahia quando era Abade o Fr. D. Plácido Staeb, e organista, o Monge D. Lourenço Strobel, nos anos quarenta do século XX.

Segundo relato do atual Arquiabade do Mosteiro de Bahia, Dom Emanuel d’Able do Amaral, como também confirmado pelo Monge Arquivista, Dom Ivan da Silva Andrade, não se sabe o destino deste órgão realejo. O Monges mais antigo da Abadia da Bahia, chegaram por volta dos anos 60 do século XX, não tendo mais achado este instrumento no coro da Abadia de Salvador. Este órgão de tubos pode ter se deteriorado com o tempo, assim como pode ter sido doado a outra igreja, como também vendido a particulares.

3.4.2. O Mosteiro de N. Sra. das Brotas – Brotas (Recôncavo da Bahia)

Figura 189: O Mosteiro de Nossa Senhora das Brotas, em ruínas, no final do século XIX
Fonte: OLIVERA HERNÁNDEZ , 2009, p. 152.

No triênio 1711-1714, governo do Abade Fr. Bernardo de Santa Maria, o Mosteiro de São Bento de Nossa Senhora das Brotas adquiriu um órgão de tubos. Os *Estados do Mosteiro* não citam onde foi adquirido e qual foi o mestre organeiro. No item "Descarregasse o Pr. [Presidente] P. [por] gastados do Mostr^{o}. [Mosteiro] da Manr^{a}. [maneira] seguinte" está contabilizado o valor gasto na compra do órgão de tubos.

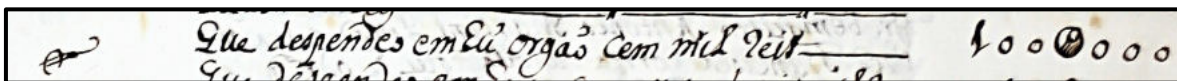



Figura 190: Gastos com a compra do órgão – 1711-1714
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 27.

Que despendeo em hum orgaõ Cem mil reis ———————— 100$000

Ainda nesse mesmo *Estado do Mosteiro*, em "Obras q'. se fizerão este Triennio", encontra-se listadas diversas compras para a Igreja do Mosteiro, entre estas compras, está registrado: "Comprousse hum orgam".

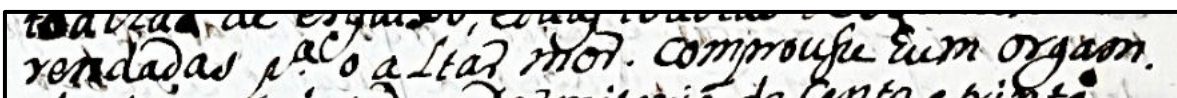



Figura 191: Gastos com a compra do órgão – 1711-1714
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 31.

Aproximadamente cinquenta anos depois, no triênio de governo do Abade Fr. Mauro de Jesus Maria, 1766 a 1769, o órgão passou por reparos. Provavelmente não foram registrados outros consertos no órgão de tubos. É um período muito longo para não terem sido trocadas as peles dos foles e das válvulas. Quanto a afinação, trata-se de um serviço de manutenção que muitos organistas faziam. Em “Obras q’. se fizeraõ neste 3^{io}. [triênio]”, está registrado:

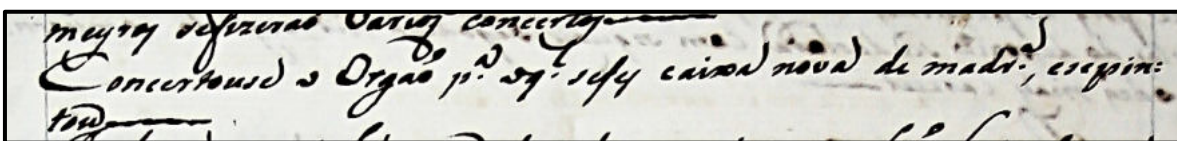



Figura 192: Gastos com consertos de manutenção do órgão – 1766-1769
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142. pag. 161.

Concertouse o orgaõ p^{a}. o q’. se fes caixa nova de madr^{a}. [madeira], e se pintou.

Não é citado o mestre organeiro, nem o valor do serviço. O lançamento sugere não se tratar de um órgão realejo, mas de um órgão positivo de armário, pois possuía caixa.

A caixa do órgão de tubos foi novamente pintada no triênio 1777-1780, governo do Abade Fr. Marcelino de S. Anna.

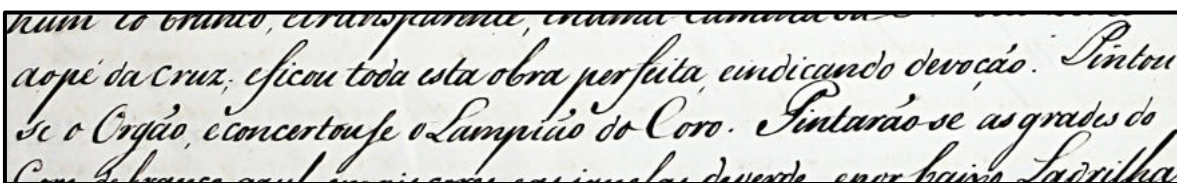



Figura 193: Pintura da caixa do órgão – 1777-1780
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 186.

Pintou-se o Orgão, e consertouse o Lampião do Coro.

Novamente a caixa do órgão de tubos foi pintada no triênio 1786-1789, governo do Abade Fr. Vicente da Trindade Ferreira.

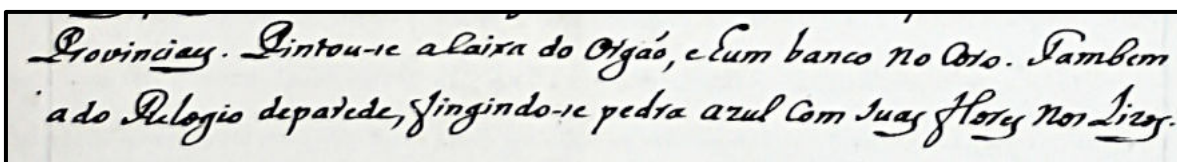



Figura 194: Pintura da caixa do órgão – 1786-1789
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 214.

Pintou-se a caixa do o Orgão, e hum banco no Coro.

3.4.2.1. MÚSICOS E ORGANISTAS CONTRATADOS PARA AS FESTAS RELIGIOSAS

Não foi possível apurar os organistas que atuaram no Mosteiro de Nossa Senhora das Brotas[392]. Como todos os Mosteiros Beneditinos, a Casa de Brotas também teve pagamentos a músicos contratados para as festas religiosas.

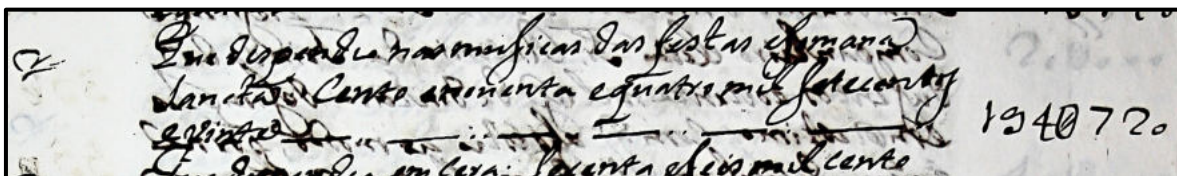



Figura 195: Música para a Semana Santa – 1707-1711
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 11.

Que despendeo nas musicas das festas e Semana Sancta: Cento e noventa e quatro mil setecentos e vinte r^{s} [reis] ——— · · ——— · · ——— 194$720

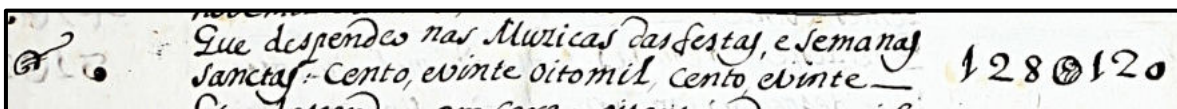



Figura 196: Música para a Semana Santa – 1711-1714
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 26.

Que despendeo nas muzicas das festas, e Semanas Sanctas: Cento, e vinte e oito mil, cento e vinte ——————————————— 128$120

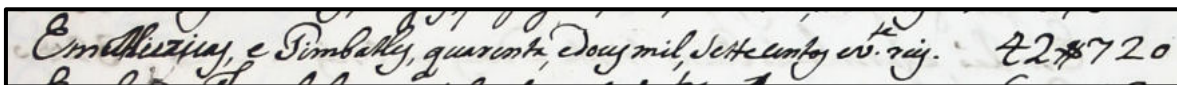



Figura 197: Música para Festas Religiosas– 1783-1786
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.142, pag. 196.

Em muzicas, e Timballes, quarenta, e dous mil, setecentos e v^{te}. [vinte] reis 42$720.

[392] Não foi possível realizar o levantamento dos monges organistas que atuaram no Mosteiro de Nossa Senhora das Graça, pois não foi possível localizar o *Livro Dietário*, que foi perdido ou estava sendo higienizado. Durante as pesquisas não foi possível acessar ao inventário dos livros do mosteiro.

3.4.2.2. O ÓRGÃO DE TUBOS NOS OFÍCIOS DIVINOS DURANTE O SÉCULO XIX

Durante o período mais crítico para os Mosteiros Beneditinos Brasileiros, o século XIX, o Mosteiro de N. Sra. das Brotas manteve o instrumento, como também seu uso nas liturgias. Segundo o *Esboço do Mosteiro*, Triênio de 1835 a 1842, Governo do Abade e Presidente Fr. Antônio Joaquim o órgão de tubos foi consertado para seu uso no coro: “[...] e concertou-se o Orgaõ, q’ se achava tambem inutilisado” (Códice Lº. 364 – Fólio 2).

estava inutilisado: pintou-se, e concertou-se o Or-
gaõ, q. se achava tambem inutilisado.
Fez-se uã grade grande de vinhatico, e

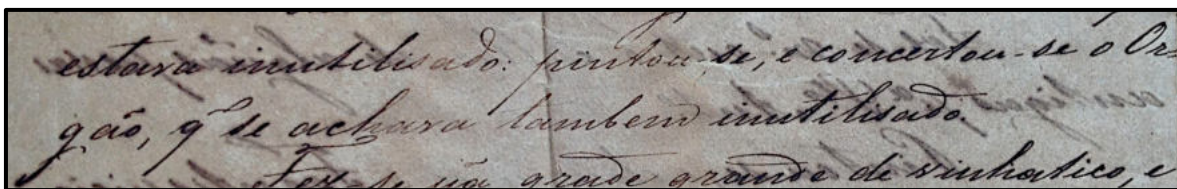



Figura 198: Conserto do órgão no triênio 1835-1842
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro da Bahia – Códice Lº. 364, fólio 2.

Frei Thomas São Leão Calmon foi o último Abade do Mosteiro de Nossa Senhora das Brotas, eleito em 1881, sendo reeleito por cinco vezes. Seu último triênio de governo encerrou em 20 de maio de 1896. O Mosteiro de Nossa Senhora das Brotas foi incorporado ao Mosteiro da Bahia em 20 de janeiro de 1906, sendo vendido os edifícios e terrenos no ano de 1911.

3.4.3. O MOSTEIRO DE N. SRA. DA GRAÇA – VILA VELHA (RECÔNCAVO DA BAHIA)

Figura 199: O Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, Salvador em 1920
Fonte: www.skyscrapercity.com.

Primeiramente fundada como a Ermida de Nossa Senhora da Graça, em 1535, por Diogo Alvares Caramuru, trata-se da igreja mais antiga da Cidade de Salvador. No Capítulo Geral celebrado no Mosteiro de Rendufe (Portugal), em 1647, o Abade Geral da Congregação Beneditina e os Padres Capitulares resolvem fundar Mosteiro de Nossa Senhora da Graça. Neste mesmo mês foi eleito o Provincial, Padre Fr. Gregório de Magalhaes, que logo se transferiu para o Brasil. A fundação do Mosteiro de N. Sra. da Graça acontece em um momento conturbado em que algumas partes do Estado do Brasil encontravam-se invadidas por holandeses, e a vinda de monges da Congregação de Portugal se tornava arriscada por estarem os mares infestados de naus holandesas. O segundo provincial, Fr. Bernardo de Braga, foi o empreendedor do “Mosteirinho da Graça”, construído em um terreno doado por Catarina Álvares Paraguaçu em 1586. O Mosteiro de Nossa Senhora da Graça veio a funcionar como Casa de Estudos, por iniciativa do Fr. Bernardo de Braga.

Na Junta Geral do Brasil, em 13 de Janeiro de 1694, o Mosteiro foi elevado a Presidência. Em 5 de fevereiro de 1697, foi elevado a Abadia, na Junta de Tibães, e neste

mesmo ano, em 18 de fevereiro, foi eleito seu primeiro Abade, o Padre Provincial Fr. Cristóvão da luz. Contudo, após três triênios, em 4 de abril de 1707, foi revogada esta disposição, sendo o Mosteiro da Graça retornado a sua condição de Presidência. Entretanto, na Junta de 27 de fevereiro de 1720, o Mosteiro volta a sua condição de Abadia, sendo eleito seu quarto Abade, Fr. Agostinho da Encarnação.

No arquivo Distrital de Braga encontram-se os *Estados do Mosteiro da Graça* referentes a apenas três triênios: 1717-1720, 1720-1724, e 1772-1778. A primeira vez que o órgão de tubos é mencionado está no triênio do Abade Fr. Augusto da Encarnação, eleito em 8 de setembro de 1720, e finalizando seu governo em 1724. No item "*Obras, q'. se fizeraõ na Igreja, Sacristia, e mais partes*" está arrolado a despesa referente a manutenção de um órgão de tubos: "Consertouse, e afinouse o orgaõ do Coro." (Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 14).

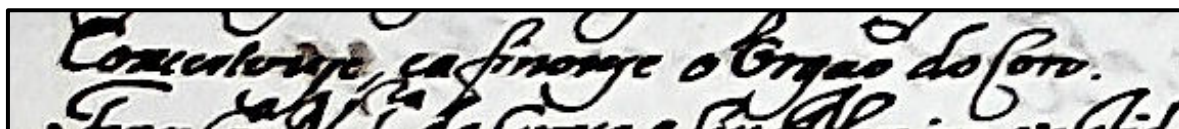



Figura 200: Primeira referência a órgão de tubos no Mosteiro da Graça
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 14.

O lançamento da despesa é muito sucinto. Não cita o organeiro responsável pelo trabalho e nem o valor do gasto. Sobre a origem desse órgão de tubos não existe alguma informação, assim como também a data de quando foi adquirido pelo Mosteiro de Nossa Senhora da Graça.

Durante o período correspondente aos dois triênios de Governo do Abade Fr. Salvador de Sta. Ignez, 1772-1778, estava sendo construída uma nova Igreja para o Mosteiro, obra iniciada no triênio anterior. Segundo vários gastos relacionadas com essa obra listadas e enumerados no item "*Contas do P^e^. [Padre] Adm^or^. [Administrador] da obra da Igre^a^. [Igreja] nova*": carapinas, pedreiros, pedreiros de cantaria, cordas, madeiras, ferragens, assim como ornamentos para os Ofícios Divinos. No item "*Obras, q'. se fizerão no Mostro. e Fazenda", e subtítulo "Igreja*", está arrolado mais um gasto com o órgão de tubos do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça: "Consertou-se o Orgão, e se pintou a sua caixa" (Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 146).

Concertou-se o Orgão, e se pintou a sua Caixa. Fez-se hũa Cruz de madeira prateada com seu crucifixo p.a o altar mor, e se renovou o frontal do mesmo altar.

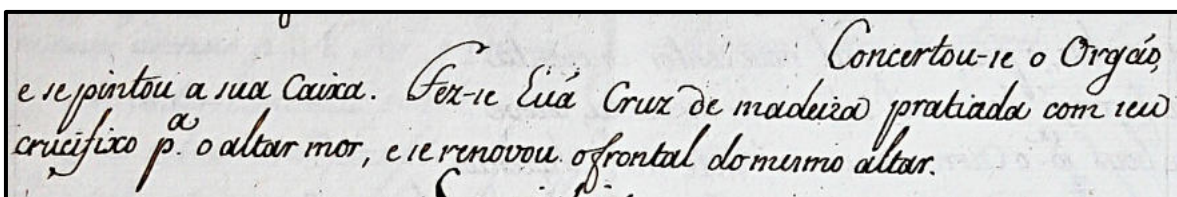



Figura 201: Conserto e pintura do órgão de tubos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 146.

A tipologia desse instrumento é desconhecida, se ainda era um órgão realejo, ou um órgão de tubos de armário. Entretanto, o termo "caixa" somente foi usado em órgãos de tubos fixos, ou órgãos de tubos de armário, o que sugere se tratar de um órgão grande, um órgão positivo de armário.

Quanto aos organistas que atuaram no Mosteiro da Graça, também não encontra-se alguma informação[393]. Nestes três *Estados do Mosteiro*, há gastos com músicas, como pode ser visto a seguir.

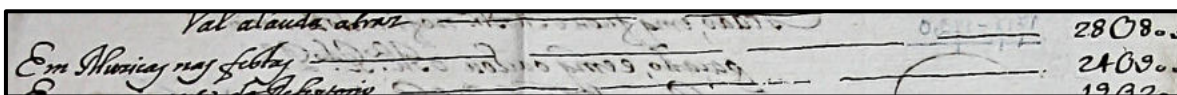



Figura 202: Gastos em músicas – 1717-1720
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 7.

Em Muzicas nas festas ——————— ——————— ——————— 28v800

Em muzicas nas festas ——————— 11036

Figura 203: Gastos em músicas – 1720-1724
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 13.

Em Muzicas nas festas ——————— ——————— 11v360

Em Muzicas, vinte, e quatro mil r.s - - - - - - - - - 24$000

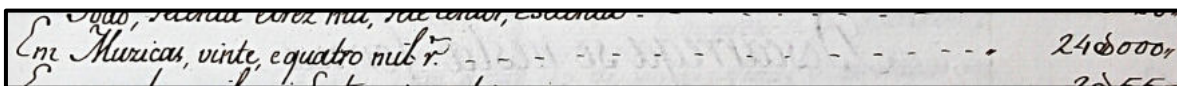



Figura 204: Gastos em músicas – 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.143, pag. 143.

Em Muzicas, vinte e quatro mil r^s [reis] - - - - - - - - - - - - 24$000

O Mosteiro de N. Sra. da Graça teve Fr. Thomas S. Leão Calmon como seu

[393] Não foi possível realizar o levantamento dos monges organistas que atuaram no Mosteiro da Graça, pois não foi possível localizar o *Livro Dietário*, que foi perdido ou estava sendo higienizado. Durante as pesquisas não foi possível acessar ao inventário dos livros do mosteiro.

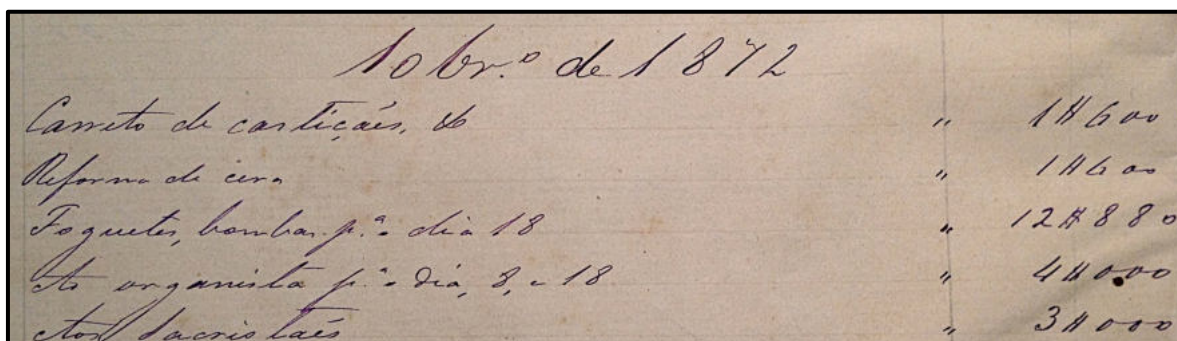
último Abade, que tomou posse em 20 de maio de 1896, vindo a falecer no Mosteiro da Graça em 4 de maio de 1898. O Mosteiro foi incorporado à Abadia da Bahia em 1906, por Decreto da Santa Sé, se tornando Priorado Claustral.

3.4.3.1. O ÓRGÃO DE TUBOS NOS OFÍCIOS DIVINOS DURANTE O SÉCULO XIX

O *Livro de Despesas da Sacristia do Mosteiro de Graça* (Códice L°. 211), iniciado em março de 1896, registra uma quantidade significativa de lançamentos a pagamentos a organistas. Como esses lançamentos não se referem somente às festas Religiosas, este fato sugere que tenha sido contratado um organista, por falta de um monge organista. O primeiro lançamentos refere-se a Festa de N. Sra. da Graça, em dezembro de 1869, durante o Triênio de Governo do Abade Fr. Joviano de S. Delfina Baraúna.

10br.º de 1869

Gesso e Cré p.ª limpar prata	1$000
Uma rede de carvão	1$280
Carreto do orgão da Matriz p.ª o Mostr.º	1$600
Muzica p.ª a festa de N. Snr.ª da Graça	100$000
Sermão p.ª a d.ª d.ª	50$000
Foguetes p.ª a d.ª d.ª	93$500
Armação p.ª a d.ª d.ª	60$000
Cera p.ª a d.ª d.ª	18$740
Roupa lavada p.ª a d.ª d.ª	2$120
Renda p.ª uma toalha	4$240
A tres sacristães p.ª a festa da Snr.ª da Graça	12$000
A dous P.es p.ª a d.ª d.ª	20$000
Agoa de cheiro p.ª a d.ª d.ª	1$500
Carreto do orgão p.ª a ida p.ª a Matriz	1$200
Incenso e [illegible]	1$280
Fitas, cheiros p.ª a festa da Graça	3$420
Registos de N. Snr.ª	40$000
1 caixão de espermacete	17$500
6 varas de renda p.ª toalha do altar	4$800
50 hostias	1$000
	435$180

Figura 205: Pagamentos a organistas e músicos no Mosteiro da Graça
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 211 – Fólio 1.

Um dos primeiros lançamentos nesse rol de despesas refere-se ao transporte de um órgão da Igreja Matriz para o Mosteiro da Graça, assim como seu retorno para a Matriz. Segundo os lançamentos de N. 3 e de N. 14, além do pagamento a música para, lançamento

de N. 4. Não existe pagamento a organista, portanto, ainda havia monge organista neste Mosteiro:

10br^{o}. [Dezembro] de 1869

Carreto do orgaõ da Matriz p^{a}. o Mosteiro . . . . // 1$600
Musica p^{a}. a festa de N. Sr^{a}. da Graça . . . . // 1$600
Carreto do orgaõ p^{a}. a ida p^{a}. a Matriz . . . . // 1$200

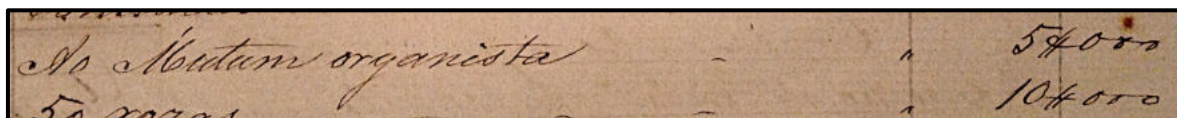
Na festa da Graça, no triênio seguinte, segundo do Abade Fr. Joviano Baraúna, em dezembro de 1872, não houve translado de órgão para o Mosteiro, mas houve o pagamento a um organista: "Ao organista p^{a}. o dia 8 e 18 . . . . // 4$000" (Códice L^{o}. 211 – Fólio 7 verso).

10br.º de 1872
Carreto de castiçaes, &c // 1$600
Reforma de cera // 1$600
Foguetes, bombas p.ª dia 18 // 12$880
Ao organista p.ª dia 8, e 18 // 4$000
Aos sacristaes // 3$000

Figura 206: Transporte do órgãos e pagamento ao organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. da Salvador – Códice L^{o}. 211 – Fólio 7 verso.

No mês de junho de 1873, iniciam-se os diversos pagamentos a organistas. Os valores começam com 2$000 réis, aumentando para 3$000 réis em julho de 1874. A partir de setembro de 1884 os pagamento passaram para 5$000 réis, permanecendo mensalmente na contabilidade.

No ano de 1881, quando tomou posse o Abade Fr. Thomas de S. Leão Calmon, o relatório cita do nome do organista contratado. O primeiro lançamento, no fólio 22: "Ao S^{r}. Mutum - - - 2$000", o segundo, no fólio 23: "Ao Mutum organista - - - // 5$000" (Códice L^{o}. 211 – Fólio 22).

Ao Mutum organista // 5$000
// 10$000

Figura 207: Organista contratado
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L^{o}. 211 – Fólio 22.

No relatório contábil referente ao mês de dezembro de 1886, os lançamentos esclarecem quanto aos pagamentos a organistas, discriminando quanto a mensalidade e à festas, além de citar um pagamento a uma organista para uma das festividades do mes de dezembro.

Dezembro 86
1 Canada de ~~vinho~~ azeite de mamona 4$800
Incenso e pastilha $800
1 Arroba de cera em vellas 38$400
6 Cartuxos de stearina para os lustres 6$000
Musica pa. missa da Graça 40$000
Dita pa. noite de Natal 20$000
Ao Organista e a organista / especial 10$000
Ao Sachristão

Figura 208: Organista nas festividades de Natal em 1886
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice Lº. 211 – Fólio 27.

Dezembro 86

[...]	
Musica pª. a Missa da Graça	40$000
Dita pª. a noite de Natal	20$000
Ao Organista e a organista / especial	10$000

No ano seguinte, 1887, no mês de maio, nos gastos com a festa de Maria, foi alugado um harmônio. Não é possível concluir se o órgão de tubos deste Mosteiro estava sem condições de uso ou se o instrumento foi alugado por ocasião da festa, prática comum durante Brasil Colonial e Imperial.

Figura 209: Aluguel de um harmônio em 1887
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 211 – Fólio 28 verso.

Maio

Aluguel de um Harmunium [harmônio]	12$000
Musicas vindo Rio de Janeiro P^a^. o mez de Maria	100$000
[...]	
Copia de musicas da Bahia	16$000
Organista p^a^. o mez de maria	50$000
Dois livros de cânticos p^a^. o mes de Maria	8$000

A partir do ano de 1887 o Mosteiro de N. Sra. da Graça provavelmente passou por dificuldades financeiras, pois os pagamentos relativos ao organista, nos anos de 1887, 1889, e ate abril de 1890, somente foram feitos em março de 1890, de acordo com o lançamento no fólio 29.

Figura 210: Pagamentos de salários do organista relativos a três anos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 211 – Fólio 29.

Organista durante o anno de 1887	100$000
Dito no anno de 1889 ate janeiro de 1890	384$000
Pelos mezes de Fevereiro, Março e Abril	36$000

Os pagamentos regulares ao organista somente continuaram no mês de maio de 1890, no valor de 15$000 réis, em dezembro, 10$000 réis acrescidos ao salário pela festa de Natal. Em fevereiro de 1895 os salário foram reduzidos a 10$000 réis mensais, até março de 1896, quando encerrou-se o *Livro de Despesas da Sacristia do Mosteiro de Graça.*

3.4.3.2. O FECHAMENTO DO MOSTEIRO DA GRAÇA

No *Esboço do Mosteiro da Bahia*, nos dois Triênios de Governo do Abade Geral Fr. Domingos da Transfiguração Machado, de primeiro de abril de 1896 a 31 de março de 1903, relata desfecho final do Mosteiro da Graça (Códice L°. 337 – Fólio 5).

Mosteiro de N. Senrª da Graça

Este Mosteiro depois do fallecimento (do D. Abbe) produ-
ria de rendas de casas, foros, laudemios ex-
traordinarios a quantia de 66:172$950, a
qual renda foi toda consumida com as gran-
des obras no Mosteiro, concerto nas casas, in-
stallação da officina typographica, despe-
sas com o Estandarte Catholico, subsistencia
do pessoal e das oblatos com destino á serem
irmaõs leigos, capellania e organista todas
estas despesas reunidas excederam á receita
na quantia de 12:884$991, que foi for-
necida pelo Mosteiro da Bahia, accusan-
do porem o livro caixa em Março um sal-
do de 651$300 r.

Mosteiro de S. Sebastião da Bahia 31 de Março de 1903
Fr. Domingos da Transfig. Machado
Abbe Geral.

Figura 211: Fechamento do Mosteiro da Graça no triênio 1896-1903
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 337 – Fólio 5.

Mosteiro de N. Senr[a]. da Graça

Este Mosteiro depois do fallecimento do D. Abb[e]. [Abade] produzio de rendas de casas, foros, laudêmios e extraordinários a quantia de 66:172$950 a qual renda foi toda consumida com as grandes obras no Mosteiro; concerto nas casas, instalação da officina typographica, despesas com o Estandarte Catholico, subsistencia do pessoal e dos oblatos com destino á serem irmãos leigos, Capellania e organista: todas estas despesas reunidas excederam á receita na quantia de 12:884$991, que foi fornecida pelo Mosteiro de Bahia, accusando porem o livro caixa em Março em saldo de 651$300 rs.

Mosteiro S. B. De S. Sebastiao da Bahia, 31 de Março de 1903, e Fr. Domingos da Transfig. Machado – Aba[de]. Geral.

3.4.4. O MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA – (PERNAMBUCO)

Figura 212: O Mosteiro São Bento de Olinda - Pernambuco
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Localizada na Capitania de Pernambuco, Olinda foi fundada como Povoação, por Duarte Coelho Pereira, em 1536, juntamente com as famílias e soldados que vieram de Portugal. Posteriormente, em 1676, foi elevada a Cidade de Olinda pelo Príncipe Regente Dom Pedro II de Portugal, quando foi criado, em 22 de novembro, o Bispado de Pernambuco, terceiro do Brasil. Até a invasão dos holandeses, a Vila do Recife era porto de embarque e desembarque. Contudo, durante o Governo de Mauricio de Nassau (1637 a 1644), a Vila do Recife foi modernizada, foram construídas pontes e jardins, sendo transforada em uma bela cidade. Ademais, trouxe novas tecnologias à fabricação de açúcar e favoreceu a tolerância e liberdade religiosa.

Fundado em 1586[394], pelo Pe. Fr. João Porcalho, sendo o segundo na ordem de

[394] Devido a destruição do Mosteiro de Olinda pelos Holandeses, documentos da fundação e a memória dos fundadores foram destruídos.

fundação dos mosteiros pertencentes a Província Beneditina Brasileira, de acordo com Fr. Gaspar da Madre de Deus, como também considerando-se citações deste mosteiro em atas de Juntas e de Capítulos Gerais da Congregação de Portugal. Houve tentativas de fundação de mosteiros no Rio de Janeiro e São Paulo, contudo, juridicamente, o Mosteiro de Olinda foi o segundo a ser fundado no Brasil. Segundo a *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763*, do Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, em 1592, ou alguns anos antes disto, teve o Pe. Fr. Bento do Rio Douro seu primeiro Prelado. Em 1592 o Mosteiro de Olinda foi habilitado a ter noviciado, e posteriormente, em 22 de agosto de 1596, foi elevado a Abadia (ENDRES, 1980, p.49). Teve como primeiro Abade, e terceiro Prelado, Fr. Mâncio da Cruz.

A *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763*, descreve quando a Capitania de Pernambuco foi invadida em 16 de fevereiro de 1630. Os monges deste mosteiro tiveram que fugir para o Engenho da Mata (Mussurepe) e o Engenho de Itapicorá. Nestes engenhos puderam viver a vida em comunidade, como também manter seus ofícios religiosos e obrigações monásticas. O Mosteiro de Olinda foi destruído em 17 de maio de 1632, e suas pedras usadas na construção da Fortaleza da Gorita e do Palácio do Conde de Nassau[395]. Os monges retornaram e reconstruíram o Mosteiro após a restauração da Capitania de Pernambuco, em 27 de janeiro de 1654, sendo reedificado no mesmo lugar onde fora construído primeiramente, e onde se encontra atualmente.

São várias as fontes que confirmam a existência de órgãos de tubos no Mosteiro de São Bento de Olinda, assim como em seus livros de registros relatam a importância do instrumento em sua liturgia, mesmo quando o órgão de tubos da Abadia não estava em condições de uso, era alugado na Vila de Recife.

O primeiro relatório do *Estado do Mosteiro de Olinda*, encontrado no Arquivo Distrital de Braga[396], refere-se ao período, com data inicial ignorada e com término em

[395] Posteriormente, o Palácio de Nassau serviu de residência aos Governadores da Capitania de Pernambuco.

[396] Do Mosteiro de Olinda faltam os seguintes triênios: Cota 138 – começando pelo triênio 1651?-1659; faltam os triênios (1657-1659); (1667-1669); (1724-1726); período 1704-1712; (1724-1726); período 1740-1745; (1750-1752) / Cota 139 – começando pelo triênio 1766-1799; faltam os triênios (1780-1783); (1786-1789; (1793-1795); período 1796-1800.

1657, podendo ser considerado o primeiro relatório de *Estado do Mosteiro* após a invasão holandesa. Segundo este, o Fr. Antonio dos Reys entregava a presidência do Mosteiro ao Abade P^{e}. Fr. Diogo Rangel. Neste período de reconstrução do Mosteiro, encontra-se somente um registro de gastos com música.

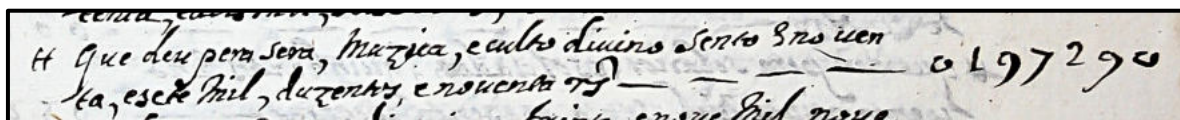



Figura 213: Gastos com música nos *Estado do Mosteiro de Olinda* - 1654?-1657
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 9.

> # que se deu pera sera [cera], muzica, e culto divino sento [cento] & noventa, e sete mil, duzentos e noventa rs' [réis] ---------------------- V197290

O *Estado do Mosteiro de Olinda*, seguido a este, refere-se ao triênio 1660 à 1663, quando deixou a casa o Pe. Presidente Geral Fr. Izidoro da Trindade, entregando a presidência ao Pe. Fr. Jacinto da Cunha em 17 de setembro de 1663. As obras continuaram em todo Mosteiro de Olinda, inclusive no Coro da Abadia. Registram-se gastos com música e livros do coro.

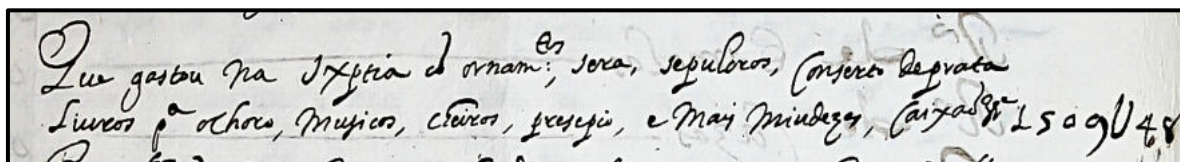



Figura 214: Gastos com músicas e livros nos *Estado do Mosteiro de Olinda* - 1660-1663
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 48.

> Que gastou na Sxptia [Sacristia] cõ [com] ornam^{tos}; sera [cera], sepulcros, conserto de prata, Livros p^{a} [pera] o Choro, muzicos, cheiros, presépio, e mais miudezas, caixaõ gr^{e} [grande] ------------------------- 1509 V 480.

No item "*Obras que se fes na Igreja e na Sxptia [Sacristia]*", encontra-se relatada toda a reforma do Coro, necessária aos ofícios dos monges. Neste informe encontra-se incluído a compra de um órgão de tubos, o primeiro registrado nos documentos deste Mosteiro de Olinda.

Figura 215: Reforma do coro e compra de um órgão de tubos positivo no triênio 1660-1663
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 54.

> [...] e tem o choro sincoenta e hum de largo, assoalhado todo de taboado amarelo, aprainado todo por baixo, e a viga sobre q esta assentado toda guarnecida, q' esta obra limpa, e boa: a p[a] [pera] o mesmo choro fes quatro bancos do mesmo Taboado q' tomaraõ todo o choro, e bem cambem neles trinta Religiosos. ~ Pos no choro huã estante g[de] [grande] de quatro faces p[a] [pera] se por nella os Livros de Canto Chaõ, e de orgaõ que custou de feitio oito mil réis; mandou mais fazer outrs estante pequena pa [pera] os anchichoros [antecoro]:

Pela descrição precisa do instrumento, e da forma de uso, trata-se de um órgão positivo de mesa. A importância deste texto se revela na comprovação do uso dos órgãos positivos de mesa, no Periodo Colonial, até a segunda metade do século XVII. Trata-se de uma informação inédita, na medida em que não foi encontrado até o presente momento, algum documento que datasse precisamente o momento da história da música organística

brasileira em que ainda foram usados os órgãos positivos de mesa. Na riqueza de detalhes do relatório, é citado o valor de um órgão positivo naquela época. Contudo, não são citados o organeiro e sua origem.

Comprou-se pª o Choro hũ
orgaõ que custou 26V mil rs q fica asentado sobre hũ caixaõ
de madrª dourada cõ seu vaõ pª se meterẽ os Livros do
Choro :

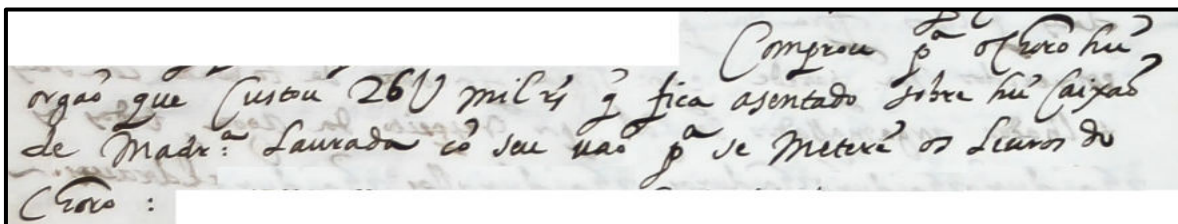



Figura 216: Recorte do texto anterior, detalhando o órgão positivo do Mosteiro de Olinda - 1660-1663
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 54.

> Comprou-se pª [pera] o choro hum orgaõ que custou 26 V [$] mil réis q' fica asentado sobre hum caixaõ de madrª. [madeira] dourada cõ [com] seu vaõ pª se meterã [meterão] os Livros do Choro: [...] (Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 54).

A seguir, a figura elucida a tipologia de um órgão de tubos positivo de mesa do neste século:

Figura 217: Órgão positivo de mesa alemão de 1627
Fonte: www.collections.vam.ac.uk.

Geralmente, nestes relatórios, quando a mercadoria era adquirida na Corte de Portugal, usava-se a expressão “que mandou vir de”, como observa-se a frente nesse mesmo texto. Portanto, existiria uma possibilidade de ter sido construído na colônia. Entretanto, considerando-se a narrativa do Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, em sua Crônica do Mosteiro de São Bento de Olinda até 1763, este órgão positivo foi comprado em Portugal, como pode ser constatado no seguinte relato: “[...] q’. [que] mandára vir de Portugal hum orgaõ; ja naõ existe, por q’. depois se fizéraõ dois: [...] (ANUNCIAÇÃO, 1940, p. 76). Assim, mais uma vez é autenticada a afirmativa de que até o século XVIII os órgãos de tubos vinham de Portugal, não sendo ainda construídos no Estado do Brasil.

Na continuação deste relatório, relativo ao triênio 1660-1663, no item “*Obras que se fez na Igreja e na Sacristia*”, são citados outros investimentos no coro da Abadia de Olinda.

> Mandou fazer um candeeiro de folha de flandes com seu Lamparaõ dentro cõ [com] dous lumes p[a] [pera] lumiar de noite a estante ~ Comprou dous Livros de Missas de Canto de Orgaõ q pos no choro. Mais dous Breviarios novos que mandou vir de Lix[a]. [Lisboa] e seis Processionários q’. servem no choro. ~ Comprou des mil réis de musica, a fora outra m[ta] [muita] que agenciou o Pe. Fr. Simaõ q’. mandou vir da Ba. [Bahia] p[a]. [pera] quaresma e somana Sta. [Semana Santa] e Natal (Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 54).

Neste mesmo relatório, encontra-se um pagamento: “Ao irmaõ Fr. Bento de Musica q’. deixou a caza - - - - - 06V000 [06$000]” (Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 64), como vemos a seguir.

Figura 218: Pagamento por música no triênio 1660-1663
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 64.

Finaliza esse relatório trienal um resumo de todas reformas e compras para o Coro e os Ofícios Divinos da Abadia do Mosteiro de Olinda.

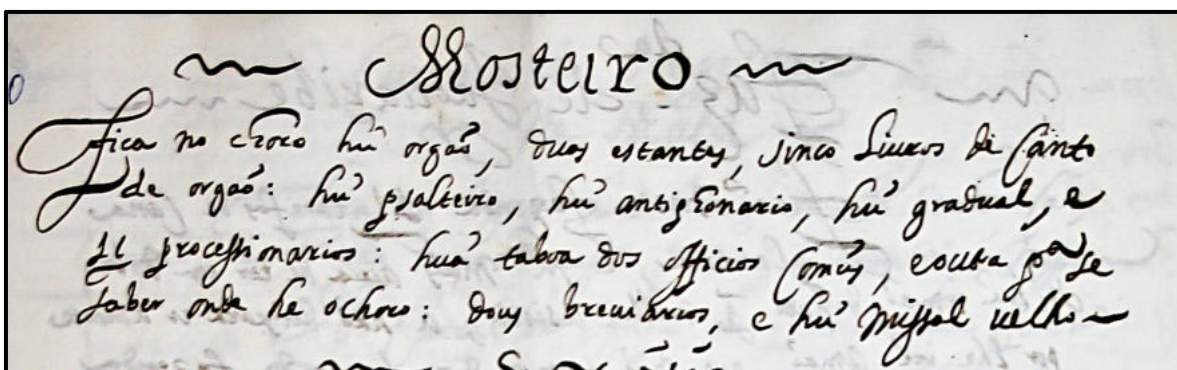
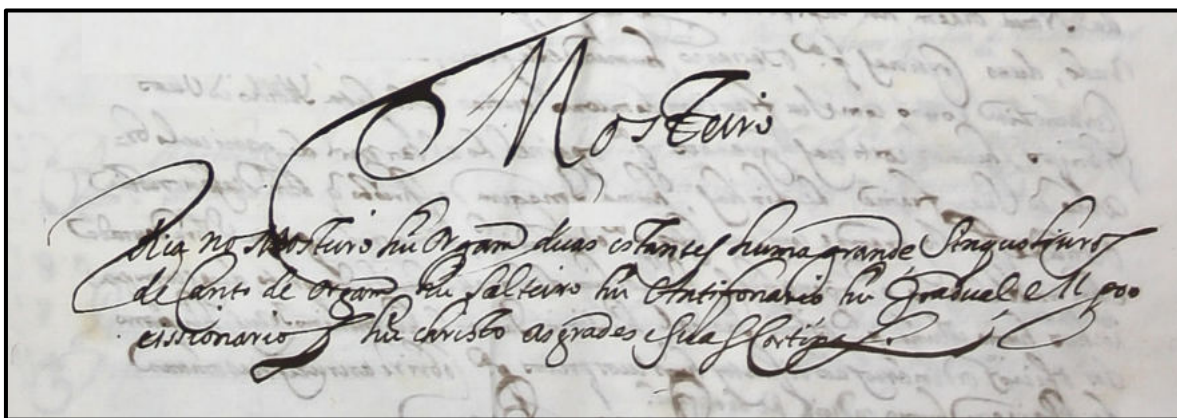
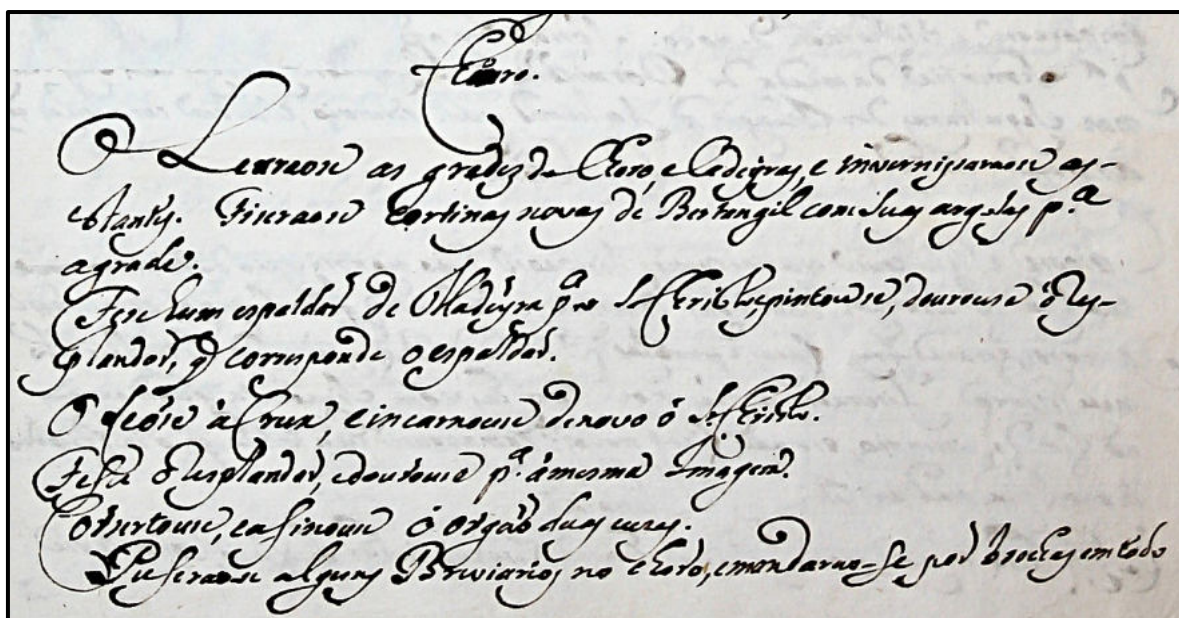



Figura 219: Resumo dos investimentos no coro, citando-se novamento o órgão positivo - 1660-1663
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 70.

> ~~~~ **MOSTEIRO** ~~~
> Fica no choro hum orgaõ, duas estantes, sinco Livros de Canto de orgaõ: hum Psalteiro [Psalterio], hum Antiphonario, hum Gradual, e 21 Processionarios: huma taboa dos Offícios Comuns, e outra pª se saber onde he o choro: dous Breviarios, e hum Missal Velho (C.S.B - Liv.138, pag. 70).

O *Estado do Mosteiro*, no relatório final do governo do Padre Pregador Fr. Jacinto da Cunha, no triênio de 1663 a 1666, no item "*Mosteiro*" confirma a existência deste órgão de tubos positivo.

Figura 220: ***Estado do Mosteiro de Olinda*** **- 1663-1666**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 97.

> Havia no Mosteiro Hum Orgam duas estantes huma grande sinquo [cinco] Livros de Canto de Orgam hum Psalteiro hum Antifonário hum Gradual e 11 Procissionarios [Processionarios] hum Christo as grades e suas cortinas. (Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 97).

A Crônica do Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, ao tratar do 47º Prelado, de 1692 a 1694, sendo o 36º Abade Fr. Jeronimo de S. Bento citam um órgão de tubos. Assim narra o cronista:

> [..] O Pe. Fr. Bernardo da Encarnam.[Encarnação] diz = q'. [que] no tempo da Abbadia deste Rmo. Prelado (q'. era filho do Porto) se fizeraó as cadei... [cadeiras] velhas do Coro antigo: estas estaó hoje no Cap. [Capítulo] nov. [novo]: q'. [que] mandára vir de Portugal hum orgaõ; ja naõ existe, por q' depois deste se fizéraõ dois [...] (ANUNCIAÇÃO, 1940, P. 76).

No *Estado do Mosteiro 1726-1730*, governo do Abade Frei Roque da Assumpção, no item "*coro*" cita afinação do órgão de tubos, mas não se refere a qual instrumento seria: "**Choro** [...] Consertousse, e afinousse o orgaõ duas vezes [...] (Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 165).

Choro.
Levaraõse as grades do Choro e Cadeiras, e invernisaraõse as Estantes. Fizeraõse Cortinas novas de Bertangil com suas argolas p.ª a grade.
Fes se hum espaldar de Madeira p.ª o S.r Crucificado pintouse, dourouse o Resplendor, q̃ corresponde o espaldar.
O Sedio á Cruz, e incarnouse de novo o S.r Crucif.º
Fes se o Resplandor, e dourouse p.ª a mesma Imagem.
Consertouse, e afinouse o orgaõ duas vezes.
Puseraõse alguns Breviarios no Choro, e mandaraõ-se por breves em todo

Figura 221: Consertos e afinações no órgão do Mosteiro - 1726-1730
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 165.

No triênio seguinte, 1733-1736, foram consertados os foles do órgão: "[...] Comprouse hum Breviario p[a]. O choro, consertaraõse dous, o Psalterio, o Gradual, e os follez [foles] do orgaõ." (Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 233).

ssarias. Na sacada alta, q̃ olha p.ª a cid.e se por hua janella nova, q̃ p.ª elle se fes de novo, como tambem janella na baixa. = Comprouse hum Breviario p.ª o Choro, consertaraõse dous, o Psalterio, o Gradual, e os follez do orgaõ.

Figura 222: Conserto nos foles do órgão no triênio de 1733-1736
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 233.

Este mesmo órgão de tubos foi consertado no governo do Abade Pe. Mestre Manuel do Desterro Landim, 1739-1743. A *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda*, assim relata: “Consertou o telhado do ....o [choro?], e o orgam (ANUNCIAÇÃO, 1940, p. 110)”.

Na *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda*, ao tratar do 67º Prelado, governo do Abade Pe. Fr. Salvador dos Santos, 1746 a 1749, narra que o Mosteiro recebeu, por doação do Padre Frei Bento de S^{to}. Thomaz, um novo órgão de tubos, obra do organeiro pernambucano Agostinho Rodriges Leite. Também afirma que, anteriormente, Agostinho Rodrigues Leite construiu um órgão realejo para o Mosteiro de Olinda.

> Taóbem mandou assentar hum orgaõ novo em huma das tribunas da p^{te}. [parte] do Evangelho; por q’ o realejaõ q’ dantes tinha o Moster^{o}. [Mosteiro], estava totalm^{te}. [totalmente] destruído, e sem serventia. Este d^{o}. [dito] realejo destruido, passados alguns anos foi vendido ao Mostr^{o}. da Parayba. O orgaõ novo foi o p^{ro}. [primeiro], q’ em sua vida fez o organeiro Agostinho de tal, o qual taóbem foi author deste, q’ agora temos, em q’ reformou vários defeitos do primr^{o}. [primeiro] (ANUNCIAÇÃO, 1940, p. 118).

Considerando-se que Agostinho Rodrigues Leite nasceu em 1722, não se pode confirmar documentalmente, mas pode-se deduzir, que os consertos em órgãos de tubos registrados desde 1726 referem-se ao órgão realejo do organeiro pernambucano.

Esta doação também é confirmada no *Estado do Mosteiro 1746 a 1749*, no item “*Sacristia*” assim narra: [...] posse hum Organo novo, q’ deo de esmolla[397] o M^{tre}. [Mestre][398] R^{do}. [Reverendo] P^{e}. Fr. B^{to}. [Bento] de S^{to}. Thomas.

Figura 223: Um novo órgão no Mosteiro de Olinda no triênio de 1746-1749
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.138, pag. 287.

No governo do Abade Pregador Geral Fr. Manoel do Nascimento Lisboa, 1750 a 1753, 68º Prelado, foram continuadas as obras de seu antecessor. A Crônica do Frei

[397] O termo “esmola” nessa época significava o mesmo que “oferta”.
[398] Padre Mestre trata-se do padre encarregado da educação dos noviços.

Miguel Arcanjo da Anunciação descreve estas obras onde posteriormente foi colocado o órgão de tubos em uma das tribunas da Abadia deste Mosteiro.

> Rompeo ambas as paredes collateraes da Igr^{a}. [Igreja], e em cada huma delas assentou três tribunas com portadas de madr^{a}. [madeira]; e naõ sei por q’ motivo se naõ sérvio das de cantaria, q’ tinham deixado seo Antecessor. Em cada huma das d^{as}. [ditas] sacadas mandou pôr grades torneadas de jatubá, q’ saõ as q’ ainda exsitem, e em cima das portas mandou fazer sanefas entalhadas com hum remate de entalha, q’ depois seos Sucessores mandaraõ doirar (ANUNCIAÇÃO, 1940, p. 123).

Na sequência do texto, o cronista narra o assentamento de um órgão de tubos em uma dessas tribunas. O órgão de tubos do organeiro Agostinho Rodrigues Leite, instalado primeiramente em uma tribuna do lado do Evangelho, lado esquerdo do altar, no governo anterior do Abade Salvador dos Santos, foi transferida para outra tribuna do lado da Epístola, lado direito do altar.

> Em huma das tribunas, q’ era mais larga, e ficava da p^{te}. [parte] da Epistola, e pegada ao Coro fez assentar o orgaõ; mandou fazer cortinas de damasco carmesim com franjas de retroz amarelo p^{a}. [para] duas das d^{as}. [ditas] tribunas, e p^{a}. as outras tres, restavaõ passou as cortinas da Capella Môr, a q’ acrescentou, o q’ foi necessario (ANUNCIAÇÃO, 1940, p. 123).

Um novo órgão de tubos foi adquirido pelo Mosteiro de Olinda no período de 24 de junho de 1772 a 7 de junho de 1778, durante o governo do Pregador Abade Antônio de S. José Valença. O *Estado do Mosteiro de São Bento de Olinda* registra no item “*Que se descarrega na forma seguinte, q’. dispendeo*” o valor deste instrumento, podendo-se avaliar os custos de um órgão de tubos na segunda metade do século XVIII.

Em hum Orgaõ oito centos mil Reis . . . . // 800$000

Figura 224: Um novo órgão para o Mosteiro de Olinda no triênio de 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.139, pag. 133.

> Em hum Orgaõ oito centos mil Reis .... // 800$000

Ainda neste mesmo *Estado do Mosteiro*, no item “Obras que se fizeraõ no Trienio da Abbadia”, encontra-se uma descrição detalhada desse novo órgão de tubos.

Fes se hua trebuna no lugar donde estava o
Orgaõ velho; e para esta se fez grade nova de imitação das outras,
e sua sanefa de talha, e nella se poz o Remate, q̃ tinha servido no
Orgaõ velho. Forrou se esta trebuna de amarelo, e se pintou a e-
mitacaõ de pedra azul: dourou-se a sanefa de novo em campo de
cor de perola, e se Retocou em algũas partes o douramento do Remate.
Comprou se hũ Orgaõ novo de doze com trompetas para fora, e
caixa de Cedro Rematada com seos Remates, e pianhas de talha;
o q̃ se trocou pelo velho dando o Mosteiro ainda de mais dous
mil cruzados; e para esta compra deo de esmola sincoenta mil
Reis o M. R. P. Pregador e Ex Abbe Fr. Mauro de Jesus Ma

Para asentar este Orgaõ, se fez hum Coreto junto
das grades do Coro em sima de grossas vigas, forrado por sima,
e por baixo de amarelo: da parte de sima se guarneceo com a gra-
de do Orgaõ velho, e por ser pequena se fez de novo, o q̃ foi neces-
sario até chegar a grade do Coro, na qual se gatiou, e se segurou
com gatos de ferro, serrandose hum pedaço da grade do Coro
pa servir de porta, e dar entrada para o lugar do Orgaõ, pon-

Figura 225: Novo órgão registrado no *Estado do Mosteiro de Olinda* - 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.139 – Pag. 145.

pondo-se lhe chave, e fechadura para se conservar sempre
fechada, e sómente se abrir quando se vai tocar o Orgaõ:
pela parte debaixo se guarneceo o dito forro com simalha, e pe
la parte de fora com cordoens de amarelo, e depois desta perfei-
caõ se pintou nelle hua bella prespectiva com os altos, e cordo
enz dourados em campo azul emitando pedra.

Figura 226: Novo órgão registrado no *Estado do Mosteiro de Olinda* - 1772-1778 (continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.139 – pag. 146.

> Fes se huã tribuna no lugar donde antes estava o Orgaõ velho; e para esta se fez grade nova de imitação das outraz, e sua sanefa detalhada, e nella se poz o remate q' tinha servido no Orgaõ velho. Forrouse esta tribuna de amarelo. E se pintou a emitaçaõ de pedras azul dourou-se a sanefa de novo em campo de cor de perola, e de retocou em algumas partes o douram^to. [douramento] do remate. Comprouse hum Orgaõ novo de doze com trombetas para fora, e caixa de cedro rematada com seos remates, e pianhas de talha; o q' se trocou pelo velho dando o Mosteiro ainda demais dous mil cruzados; e para esta compra deo de esmola sincoenta mil Reis e M. R. P. Preg^or. [Muito Reverendo Pregador] e ex Abb^e. [Abade] Fr. Mauro de Jesus M^a [Maria].
>
> Para assentar este orgaõ, se fez hum coreto junto das grades do Coro em sima de grossas vigas; forrado por sima, e por baixo de amarelo: da parte de sima se goarneceo com a grade do Orgaõ velho, e por ser pequena se fez de novo, o q' foi necessario até chegar a grade do Coro, na qual se gatiou, e se segurou com gatos de ferro, serrando-se hum pedaço da grade do Coro p^a. [pera] servir de porta, e dar entrada para o lugar do Orgaõ, pondo-se-lhe chave, e fechadura para se conservar sempre fechada, e sómente se abrir quando se vai tocar o Orgaõ: pela parte de baixo se goarnecao o dito forro com simalha, e pela parte de fora com cordoens de amarelo; e depoiz desta perfeçaõ se pintou nella hua bella prespectiva com os altos, e cordoenz dourados em campo azul emitando predra (Monástico, C.S.B - Liv.139 – Pag. 145).

Segundo esta descrição do novo órgão de tubos, construído por Agostinho Rodrigues Leite, em muito assemelha-se ao órgão de tubos instalado no Mosteiro do Rio de Janeiro em janeiro de 1773. Trata-se de um órgão construído segundo a escola de organaria ibérica, com Trombetas em Chamada (registro de Trompete), posicionados horizontalmente na frente da caixa do órgão, abaixo dos tubos de fachada. Um "órgão de doze (Palmos[399])", ou de base 12 palmos, corresponde a um órgão de base 8' (oito pés).

O governo do Abade Antônio de S. José Valença, por dois triênios, foi marcado por grandes obras no Mosteiro de Olinda. A estante grande do Coro foi reformada de tal forma que parecia ser nova. As estantes pequenas também foram consertadas fazendo-se novos pés em jacarandá. Fizeram também três Livros de estampilha para os Ofícios Divinos (Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 157)[400].

Em 1774 foram consertados os foles por um organista cujo nome não foi citado.

---

[399] Enquanto em toda a Europa era usado a medida "pé (foot)", medida anglo-saxônica, para medida dos tubos e registros do órgão, a Península Ibérica, e suas colônias, usavam a medida "palmo". Um palmo corresponde a 22,5 cm, e um pé, a 30,48 cm.

[400] A título de curiosidade, estava incluída, entre as "obras para o coro", oito tinas oitavadas de amarelo, que deveriam ficar no coro, e cheias de areia. Estas tinas seriam usadas para se cuspir nelas, e desse modo, se conservaria o coro sempre limpo.

Era comum no Período Colonial Brasileiro, como também necessário, que os organistas além de tocarem o instrumento fizessem pequenos serviços de manutenção nos órgãos de tubos, a organaria de manutenção.

Figura 227: Conserto dos foles do órgão realizado pelo organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 50.

> Por dr^{o}. [dinheiro] ao Organista, q' consertou os folles do organo quatro mil réis 4$000
>
> Por duas libras de tinta p^{a}. [pera] o forro do Orgaõ duz^{tos} [duzentos] reis ..... $200.

O livros de registros beneditinos, acima mencionados, geralmente não são específicos na datação, pois tratam sempre de períodos de três anos. Contudo, outros fazem os lançamentos diariamente ou citam a data do gasto. O *Livro do Gasto da Sacristia 1757-1800*[401] do Mosteiro de Olinda registra o pagamento feito, em 1775, ao organeiro pernambucano.

Figura 228: Pagamento ao organeiro Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – fólio 53.

> Por dr^{o}. [dinheiro] ao Cap^{am}. [Capitão] Agostinho pelo Orgaõ novo oito centos mil Réis - 800$000

Este lançamento contábil anterior, refe-se ao pagamento final ao organeiro Agostinho Rodrigues Leite. Existem outros gastos com a montagem do órgão de tubos citados, no *Livro Gasto da Sacristia*, feitos anteriormente a este pagamento.

No fólio 52 verso, do *Livro Gasto da Sacristia*, encontra-se um lançamento datado de 6 de fevereiro de 1775, portanto, a compra desse órgão de tubos novo foi

[401] Na capa do *Livro do Gasto da Sacristia* está registrado como sendo do perído de 1757 a 1800. Contudo, o primeiro registro data de 1756, e o último, posterior ao ano de 1800.

realizada anteriormente, em dia próximo a esta data.

Figura 229: Pintura do forro do órgão de tubos em 1775
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 52 verso.

Pelo que dei ao Pintor que pintou o forro do orgaõ por duas vezes, duas patacas - $640

Ainda neste mesmo fólio, acima do lançamento anterior, encontram-se um gasto relacionado à instalação do novo órgão de tubos.

Figura 230: Gastos com pintura do forro do órgão de tubos em 1775
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 53.

Por duas libras de tinta p^{a}. o forro do Orgaõ, duz^{tos}. [duzentos] reis . . . . $200.

Figura 231: Gastos com pintura de baixo do órgão de tubos em 1775
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 53 verso.

Por dr^{o}. [dinheiro] ao Pintor por Pintar de Baixo do Orgaõ Vinte mil reis - 20$000

O Mosteiro de Olinda adquiriu um órgão realejo, no triênio de 1783 a 1786, para as festas das Capelas da Abadia, como também para as Capelas dos engenhos. Era Abade do Mosteiro o Pregador Pe. Fr. Miguel Arcanjo da Anunciação. : “Em hum Realeijo, oito mil réis - - - - - // 80$000” (Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 255).

Figura 232: Compra de um órgão realejo registrado no *Estado do Mosteiro de Olinda* - 1783-1786
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B – Liv.139, p. 255.

Em hum Realeijo, oito mil réis - // 80$000

O *Livro do Gasto da Sacristia 1757-1800*, confirma o gasto com a compra

desse órgão realejo em abril de 1784, ano em que morreu organeiro Agostinho Rodrigues Leite. Convém salientar, que neste lançamento Agostinho Rodrigues Leite é reconhecido no ofício de organeiro. No lançamento seguinte, pagamento pelo frete de canoa, confirmando-se que sua oficina era na Vila do Recife[402], e não na Vila de Olinda.

Figura 233: Mais um registro da compra do órgão realejo em abril de 1784
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 70.

> Por dr°. [dinheiro] ao M. Agostinho organr°. [organeiro] por hum realigio [realejo] novo oitenta mil reis ———————————— 80$000
>
> Por carreto do d^{to}. [dito] athe [até] o porto das canoas, e frete do porto p^{a}. [pera] a Cid^{de}. [cidade], quatrocentos e oitenta ———————————— $480

Um fato inusitado para a época ocorreu nesse Mosteiro no triênio de governo de Fr. Miguel Arcanjo da Anunciação, 1778 a 1780. No registro no item "*Estado em que de prezente fica o Mosteiro*" encontra-se a listagem dos escravos pertencentes ao patrimônio do Mosteiro de Olinda, assim como os adquiridos, nascidos e mortos. Neste rol de escravos deste Mosteiro é citado um mulato aluno de órgão, não sendo citado seu monge professor.

Ficaõ agoratrin-
ta, equatro, entrandonesta Conta omulatinho Joaõ, que
fica aprendendo atanger Orgaõ, e Emais hum escra-
vo denumero quesedeclarano Estadopassado: ondese-
dis, que sedeixavatrinta, etrez.

Figura 234: Escravo aluno de órgão no Triênio 1778-1780
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.D.B. – Monástico, C.S.B - Liv.139 – Fólio 229.

[402] Até então, os musicólogos não se tinha certeza se sua oficinaa estava instalada na Vila de Recife ou na Vila de Olinda. Mapas antigos, dos séculos XVII e XVIII, mostram um canal ligando as Vilas do Recife e de Olinda, por onde eram realizados os transportes, sem ser necessário o caminho pelo mar.

> Ficaõ [Ficam] agora trinta, e quatro, entrando nesta conta o molatinho Joaõ, que fica aprendendo a tanger Orgaõ, e tem mais um escravo do numero, que se declara no Estado Passado: onde se dis [diz], que deixava trinta, e trez. [...]" (Monástico, C.S.B - Liv.139, fólio 229).

O Mosteiro de Olinda nessa época possuía fazendas e engenhos nos quais haviam Capelas e Igrejas, nos quais se celebravam os Ofícios Divinos e Missas. Faziam do patrimônio do Mosteiro: o Engenho de São Gonçalo de Mussurepe, o Engenho de São Bernardo, o Engenho de Goitã, e a Fazenda de Jaguaribe. No item "*Obras q' se fizeraõ no Mosteiro e fora delle e em todo o tempo do governo*" detalha a compra desse órgão realejo e sua finalidade: "[...] Comprouse hum realeijo p[a]. [para] as festas de nossas Capellas, e Engenho q' se fazem a canto chaõ" (Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 268).

Mosteiro

Mandou-se vir p.a a torre hũ sino com vinte e seis aRou-
bas com pouca diferença, e outro maiz com dez aRoubas menos
alguãs Libras. Comprou-se hũ realejo p.a as festas das nossas Ca-
pellas, e Engenhos q̃ se fazem a canto chaõ. Em todas as-

Figura 235: Compra de um órgão realejo para as capelas e engenhos no triênio de 1783-1786
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 268.

Neste triênio foram feitos acabamentos nas tribunas da Capela Mor, sendo colocadas talhas em todas as portas. Em baixo de cada tribuna colocou-se bacias entalhadas, muito próprias para órgãos de tubos assentados em tribunas (Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 265).

Finalmente a caixa do órgão de tubos construído por Agostinho Rodrigues Leite recebeu pintura e ornamentação durante o triênio de governo do Abade Fr. Luiz da Assumpção, de 11 de outubro de 1789, finalizando em 4 de agosto de 1793.

na ponta dourado. A caixa do orgaõ, q ainda estava em madeira, foi
pintada de vermelho, e envernizada, e em mtrs. partes se fizeraõ flores de
ouro, e outros debuxos taòbem dourados ficando todo o remate dourado, e as
cortinas estufadas fingindo huma seda azul de lustrozas flores. Poseraõ
se nas janellas do mtº. Coro duas vidraças com dezaseis palmos de altura,
e sete

Figura 236: Pintura da caixa do órgão no triênio de 1893-1793
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 297.

> [...] A caixa do orgaõ, q' ainda estava em madeira, foi pintada de vermelho, e envernizada, e em mtr^as^. [muitas] partes se fizeraõ flores de ouro, e outros debuxos taòbem dourados ficando todo o remate dourado, e as cortinas estufadas fingindo huma seda azul de lustrosas flores (Monástico, C.S.B - Liv.139, p. 297).

De acordo com essa descrição do relatório do *Estado do Mosteiro*, o acabamento da caixa do órgão de tubos do Mosteiro de Olinda em muito se assemelha com a caixa do órgão de tubos do Mosteiro do Rio de Janeiro, ambos obra do organeiro Agostinho Rodrigues Leite.

Ainda no *Livro do Gasto da Sacristia 1757-1800* do Mosteiro de Olinda encontra-se um último registro de gasto com foles, no ano de 1805.

Figura 237: Concerto dos foles do órgão de tubos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia 1757-1800 – Fólio 98.

Por 6 pelles de camurça p[a]. os foles . . . . 1$920

3.4.4.1. O ÓRGÃO DE TUBOS NOS OFÍCIOS DIVINOS DURANTE O SÉCULO XIX

No *Livro da Mordomia 1842-1846*, Códice 131, no ano de 1843, encontra-se o registro contábil de um frete de um órgão de tubos para a festa do Patriarca São Bento. No dia 20 de março houve um frete da vinda do órgão de tubos para o Mosteiro de Olinda. Na sequência, o pagamento do aluguel deste órgão para a Festa do Patriarca São Bento, no dia 21 de março, e o frete do retorno do órgão de tubos, no dia 22 de março, para a Villa do Recife.

Figura 238: Frete de canoa de um órgão na ida para o Mosteiro – Festa do Patriarca São Bento
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – *Livro da Mordomia* 1842-1846 – Fólio 61.

P. [por] Frete do Orgão qd^{o}. [quando] veio // 1$200

Figura 239: Aluguel do órgão para a Festa do Patriarca São Bento
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro da Mordomia 1842-1846 – Fólio 61 verso.

P. [por] Aluguel do Orgaõ // // 1$200

Figura 240: Frete de canoa de um órgão na volta para Recife no dia 22 – Festa do Patriarca São Bento
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro da Mordomia 1842-1846 – Fólio 62

P. [por] Frete do Orgaõ na volta // 1$200

O fato de ter sido alugado um instrumento sugere que o órgão de tubos da Abadia do Mosteiro de Olinda não estava em funcionamento. A fim de um melhor esclarecimento, este órgão de tubos veio da Vila do Recife sendo transportado por canoa, assim, pode-se constatar que se tratava de um órgão positivo, ou mesmo um pequeno órgão realejo. Outros lançamentos ao tratar de fretes referem-se ao transporte de canoa entre Olinda e Recife. Segundo mapas da época, havia um canal fluvial ligando ambas cidades, evitando a via marítima. Os lançamentos a seguir comprovam a afirmativa:

Figura 241: Frete de canoa de ida e retorno para o Recife
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro da Mordomia 1842-1846 – Fólio 180

Por Canôa p^{a}.[pera] hida, e vinda do Recife - - - - - - - - - - - - - 1$280

Ao chegarem os monges alemães para restaurar o Mosteiro de Olinda, em 1895, encontraram o mesmo bastante arruinado, somente com um monge de idade bastante avançada. Segundo uma crônica deste Mosteiro o órgão de tubos encontrava-se bastante deteriorado, sem funcionamento, e era, como narra o autor da crônica, “casa de morcegos”.

3.4.4.2. MÚSICOS E ORGANISTAS CONTRATADOS PARA AS FESTAS RELIGIOSAS

Os Beneditinos tinham por prática contratar organistas e instrumentistas leigos para as principais festas: festas do Patriarca, dia 21 de março, na Semana Santa e no Natal.

Figura 242: Festas do Patriarca e Semana Santa em 1770
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia - 1757-1800 – Fólio 40.

P^{la}. [pela] Muzica da noite de Natal de 70 v^{te}. [vinte] oito - - - - - - - - - - - 28$420

Figura 243: Festas do Patriarca e Semana Santa em 1771
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia - 1757-1800 – Fólio 41.

P. [por] Muzica do dia de N. S. Patriarca, quatroze mil 14$000
P. Muzica da semana S^{ta}. , vinte oito mil réis 28$000

Figura 244: Música na noite de Natal em 1771
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia - 1757-1800 – Fólio 42.

P. Muzica da noite de Natal do anno de 1771 seis mil, e quatro centos ---- 6$400

Figura 245: Organista e cravo no Natal em 17??
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia - 1757-1800 — Fólio 82v.

> Pello que si deu ao organista q [que] foi tocar nas festas da Matta[403] ---- 6$400
> Por aluguel de hum cravo que foi tocar na festa de Jaguaribe ----------------- 2$560
> Pello q'. se pagou aos M^{el}. [Manuel] Roiz [Rodriguez] pella muzica do Natal 8$000

Em 1786, pagamento pela música na Festa do Patriarca São Bento.

Figura 246: Música na Festa dos Ossos do Patriarca em 1786
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia - 1757-1800 – Fólio 85.

> P. Muzica da Transladaçaõ dos ossos do N. Sr. Patriarca no anno de 86 - - 4$000

Figura 247: Mestre de Capela contratado em 1792
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 85.

> Pelo q'. paguei ao M. [Mestre] da Capela pela muzica na colocação da Imagem do coro quatro mil rs. [réis] --4$000

Um registro de pagamento a um organista referente às "festas do mês" que remetem a festa do Patriarca, dia 21 de março, e da Semana Santa, que em alguns anos, ocorrem em datas próximas. Corroborando com esta afirmativa, existe nesse mesmo fólio um lançamento de "pagamento da música da Semana Santa". Como de costume nos livros contábeis das igrejas e ordens eclesiásticas, eram lançados separadamente os pagamentos a "músicos" do pagamento aos "organistas".

Figura 248: Organista para festa em 1790
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.O. – Livro do Gasto da Sacristia – 1757-1800 – Fólio 80 verso.

> P. [por] lhe que paguei ao organista q veio tocar na festa dos Ossos[404] - - 2$000

[403] Refere-se ao Engenho da Mata (Mussurepe).
[404] Refere-se a Festas dos Ossos do Patriarca São Bento.

3.4.5. O MOSTEIRO DE N. SRA. DE MONTSERRAT DA PARAÍBA DO NORTE (JOÃO PESSOA)

Figura 249: O Mosteiro de Nossa Senhora de Montserrat da Paraíba do Norte
Fonte: www.panoramio.com.

A fundação da Paraíba se deve ao acordo de paz entre os português e os índios Tabajaras celebrado em agosto da 1585. Este fato representou a primeira vitória das Forças Coloniais na Capitania de Pernambuco, Estado do Brasil. Neste momento da história, o povoamento dependia diretamente da política em relação aos nativos. O incremento das atividades econômicas dependia dessa estabilidade. Na Capitania da Paraíba havia mais pau brasil e em melhor quantidade do que em Pernambuco. Segundo as narrativas em *Sumário*

das Armadas[405], em 1587, o autor diz: “Dizem que o páo d’esta capitania da Parayba é mercadoria, mais de lei que todas as outras, por não padecer corrupção do tempo nem da água; antes a do mar o-afina”.

O Mosteiro de São Bento da Paraíba, Orago de N. Sra. de Montserrat, foi fundado em 1643, e teve início com a doação de uma Capela pelo sertanista Capitão André Fernandes Ramos, fundador da Villa da Parayba. A respeito dos primeiros anos desse Mosteiro pouco se sabe, devido a falta de documentação, resultado da perda de seus arquivos. A Paraíba esteve sob o domínio holandês durante vinte anos, de 1634 a 1654.

O Mosteiro da Paraíba foi elevado a Presidência em 14 de julho de 1659, sendo seu primeiro Presidente, o Fr. Thomé Batista, eleito na Junta de Tibães em 14 de julho de 1659. O Mosteiro da Paraíba nunca foi elevado a Abadia.

Os *Estados do Mosteiro da Paraíba* conservados no Arquivo Distrital de Braga contém as poucas informações documentais encontradas sobre essa Presidência Beneditina. No primeiro *Estado do Mosteiro* arquivado, triênio 1654 a 1657, encontra-se um inventário do Mosteiro após a invasão holandesa. Nessa lista não encontra-se arrolado algum órgão de tubos, como também nenhum livro do coro. Nos primeiros triênios estão contabilizados diversos gastos com reformas e ornamentos na reconstrução do Mosteiro.

A título de curiosidade, e ratificando o bom tratamento dado aos índios e escravos, um lançamento contábil, o *Estado do Mosteiro da Paraíba,* no triênio 1700-1703, mostra o pagamento a índios por trabalhos realizados para o Mosteiro.

Figura 250: Índios pagos por trabalhos no Mosteiro da Paraíba
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.141, pag. 16.

> Que se pagou aos Indios, a cerca q’. fizeraõ do pasto do engº. [engenho]; trinta mil rs ———// ———// ———// ———// ———// ———// 30$000

---

[405] Esta obra é considerada como a “certidão de nascimento da Paraíba”. Tem como título completo *Sumário das armadas que se fizeram, e guerras que se deram na conquista do rio Paraíba; escrito e feito por mandado do muito reverendo padre em Cristo, o padre Cristóvão de Gouveia, visitador da Companhia de Jesus, de toda a província do Brasil*. De autor desconhecido, mas de uma testemunha ocular. Sua autoria é atribuída aos jesuítas que acompanharam a comitiva de Martim Leitão, ouvidor geral do Brasil.

Segundo a *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763*, do Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, o Mosteiro de Olinda, no Governo do Abade Fr. Salvador dos Santos, 1746 a 1750, vendeu um órgão realejo ao Mosteiro da Paraíba.

> Taóbem mandou assentar hum orgaõ novo em huma das tribunas da p^{te}. [parte] do Evangelho; por q' o realejaõ q' dantes tinha o $Moster^{o}$. [Mosteiro], estava $totalm^{te}$. [totalmente] destruído, e sem serventia. Este d^{o}. [dito] realejo destruido, passados alguns anos foi vendido ao $Mostr^{o}$. da Parayba. O orgaõ novo foi o p^{ro}. [primeiro], q' em sua vida fez o organeiro Agostinho de tal, o qual taóbem foi author deste, q' agora temos, em q' reformou vários defeitos do $primr^{o}$. [primeiro] (ANUNCIAÇÃO, 1940, p. 118).

Esta venda é confirmada pelo *Estado do Mosteiro*, durante a governo de D. Abade, o Pregador Geral Fr. Calisto de S. Caetano, 1747 a 1750.

Figura 251: Confirmação da venda do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.141, pag. 198.

> Que gastou em hum Orgaõ p^{a}. o Coro, e concerto delle ———// ———// 96$000

Este registro contábil confirma a necessidade de conserto do órgão realejo. Considerando-se o valor pago neste momento ao organeiro Agostinho Rodrigues Leite pelo novo órgão de tubos do Mosteiro de Olinda, oitocentos mil réis, esta compra ficou relativamente dispendiosa. O órgão de tubos para o Mosteiro Pernambucano tratava-se de um grande órgão, por outro lado, o comprado pelo Mosteiro Paraibano era um órgão realejo que segundo o cronista citado anteriormente, estava "destruído".

A compra do órgão de tubos é confirmada ainda nesse mesmo relatório trienal do *Estado do Mosteiro da Paraíba* - 1747-1750, no item intitulado "*Obras q'. se fizeraõ neste triennio*", sub item "Sacristia".

Figura 252: Confirmação da compra do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.141, pag. 207.

> Collocousse [Colocou-se] no Altar Colateral da Igreja [...] Pintarãosse os dous Altares Colateraes, e poz-se hum Orgaõ no Coro.

Estes são os únicos registros documentais de órgãos de tubos nos *Estados do Mosteiro da Paraíba*. A falta de outros lançamentos referentes a órgãos de tubos sugere que não houve manutenção no órgão realejo, assim como também a compra de um outro instrumento.

3.4.5.1. MÚSICOS E ORGANISTAS CONTRATADOS PARA AS FESTAS RELIGIOSAS

Não é possível apurar os monges organistas que atuaram no Mosteiro da Paraíba, pois o *Livro Dietário*, que registra a vida dos monges que viveram neste Mosteiro, encontra-se desaparecido.

O primeiro registro de pagamento de músicos contratados para as festas religiosas do Mosteiro da Paraíba encontra-se *Estado do Mosteiro da Paraíba*, no triênio 1700-1703. No anterior, 1654-1657, não foram contratados músicos.

Figura 253: Primeiros pagamentos a músicos das festas religiosas do Mosteiro da Paraíba
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.141, pag. 16.

> Que se pagou aos muzicos q'. cantaraõ nas festaz do Mostr^{o}., sinco mil, oitocentos e sesenta ———// ————// ————// ————// ————// 5$860.

Nos triênios entre os anos de 1718 a 1747 não há algum registro de gastos com

música pelo Mosteiro. Somente no triênio 1747-1750, no *Estado do Mosteiro da Paraíba*, encontrar-se o primeiro pagamento após esse longo período.

Figura 254: Mais gastos com música pelo Mosteiro da Paraíba
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.141, pag. 197.

Que gastou com Muzicas trinta e quatro mil reis ——// ——// ——// 34$000

A partir de 1747, até o último *Estado do Mosteiro*, triênio 1791-1793, encontram-se diversos registros de pagamentos a músicos. O engenho do Mosteiro da Paraíba possuía uma Capela, contudo, não existe alguma referência a órgão de tubos nestas Capelas. Em outros Mosteiros Beneditinos, cujas capelas de suas fazendas e engenhos não possuíam órgãos de tubos fixos, os órgãos realejos eram transportados quando necessário.

Em 21 de julho de 1770 foi determinado a criação de um Curso de Artes no Mosteiro de São Bento da Paraíba, conforme o documento a seguir:

Gratia Dei cum omnibus.

Como por insinuação do Ill.mo e Ex.mo Snr. Marquez Vice Rey, determinamoz abrir neste Mostr.o hum Curso de Artes, para utelidade publica, para o qual ja temos nomeado Lente, e se achaõ neste Mostr.o tres Passantes nova m.te eleytos, que devem exercer a sua obrig.am, suprindo as faltas do Lente, assistindo ás Conferencias, e Concluzoẽs, argumentando naõ só nas q. se defenderem em Caza, mas tambem nas de fora, e p.a o fazer com esplendor, e Credito da Religiaõ, necessitaõ de tempo livre para estudar: ao q. attendendo noz, e juntam.te a grande falta, que há neste Mostr.o de Religiozos para o Coro; e dezejando, que tudo se faça com suavid.e e gosto; determi;

Figura 255: Criação do Curso de Artes do Mosteiro da Paraiba
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.37, Pag.150.

Gratia Dei cum Omnibus[406]

> Como por insinuação do Ill[mo]. [Ilustríssimo] Ex[mo]. [Excelentíssimo] Snr. Marques Vice Rey, determinamos abrir neste Mostr[o]. [Mosteiro] hum Curso de Artes, para utelidade publica, poara o qual ja temos nomeado Lente, e se achaõ neste Mostr[o]. três Passantes novam[te]. [novamente] eleytos, que devem exercer a sua obrig[am]. [obrigação], suprindo as faltas do Lente, e assistindo às conferencias, e concluzois [conclusões], argumentando naõ só nas q. [que] se defendem em Caza, mas também nas de fora; e p[a]. [pera] o fazer com esplendor, e credito da Religiaõ, necessitaõ de tempo livre para estudar; ao q[m]. Atendendo noz, e juntam[te]. [juntamente] a grande falta que há neste Mostr[o]. de Religiozos para o Coro; (Monástico, C.S.B - Liv.37, Pag.150).

O Mosteiro de São Bento da Paraíba foi fechado em meados do século XIX. Teve como seu último Presidente o Fr. Manoel da Purificação, eleito em Junta, em 30 de dezembro de 1820. Fr. Manoel da Purificação faleceu em dezembro de 1830. A partir de então, passou a ser administrada pelos Prelados da Abadia de São Paulo até 1905. Seu último administrador foi Dom Miguel Kruse. Em 1905 a Presidência da Paraíba foi incorporada à Abadia de São Paulo.

[406] *Gratia Dei cum Omnibus*, saudação cristão que siginifica: A graça de Deus seja com todos.

3.4.6. O Mosteiro de N. Sra. de Montserrat do Rio de Janeiro

Figura 256: O Mosteiro de Nossa Senhora de Montserrat do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo de figuras do autor – Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

A Baía da Guanabara foi descoberta pelo explorador português Gaspar Lemos em primeiro de janeiro de 1502. Os franceses invadiram em 1555, que construíram o Forte de Coligny, na Ilha de Serigipe, onde pretendiam fundar a França Antártica. Em primeiro de março de 1565 foi fundada por Estácio de Sá a Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que firmaram resistência aos franceses, finalmente expulsos em janeiro de 1567.

Segundo o *Dietário do Mosteiro de N. Senhora do Montserrate do Rio de Janeiro da Ordem do Patriarca S. Bento* – 1773, os primeiros fundadores do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro chegaram em outubro de 1589. Eram eles os Reverendos Padres: Fr. Pedro Ferras e Fr. João Porcalho. Aos 25 de março de 1590 receberam a doação de uma Sesmaria de Manoel de Brito e de seu filho Diogo de Brito Lacerda, onde edificaram o Mosteiro Fluminense, premanecendo até os dias atuais. A princípio, como

Ermida de N. S. do Ó, contudo, no governo de seu primeiro Abade o Fr. Ruperto de Jesus, em 1602, o Mosteiro mudou seu título da “Conceição” de sua padroeira, pelo de “Monserrate”.

O Mosteiro do Rio de Janeiro teve quatro Presidências, sendo a primeira em 1589, governada pelo fundador Fr. Pedro Ferras, de Ilhéus e seu primeiro Abade eleito em 1600, o Fr. Ruperto de Jesus, natural de Sande, Portugal. A seguir, apresenta-se cópia do *Livro Dietário* onde estão listados os quatro primeiros Presidentes e Abades dessa Casa Beneditina.

Figura 257: Primeiros Presidentes de Abades do Mosteiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ[407], Códice 1161 – Livro Dietário **–** Fólio 206.

[407] AMSB/RJ: Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Este foi um dos Mosteiros Beneditinos mais ricos, entre as casas beneditinas brasileiras. Possuiu as seguintes fazendas: Cabo Frio; Camorim; Campo Grande; Campos dos Goitacases; Iguaçu; Ilha do Governador; Inhumirim; e Maricá.

Ao longo de sua história, o Mosteiro de São Bento do Rio de janeiro demonstra seu zelo com o Coro e com o Ofício Divino. Por várias vezes foram realizadas reformas no Coro da Abadia, além de equipar e comprar ou reformar seus livros, como constatado nos itens a seguir:

- Triênio 1688-1891: "Para a imagem do coro mandou fazer hum resptandor de prata, cortinas roxas: onde pôz hum Psalterio Beneditino [...]" (DIETÁRIO, 1773, fólio 46);
- Após a invasão francesa em 1711: "Comprou um Psalterio, e dous livros grandes de pergaminho, em hum dos quaes estão as festas do N. S. Patriarcha. [...] Reformou o madeiramento e o forro da Igreja, e as cadeiras do coro do lado esquerdo arruinado com a invasão dos franceses" (DIETÁRIO, 1773, fólio 63);
- Triênio 1739-1743: "Tendo-se ja concluído nos triênios antecedentes a talha do Corpo da Igreja, ele fez continuar com a do Coro que ainda Faltava [...] comprou um Psalterio novo, e mandou fazer hum livro todo de pergaminho muito curiozo com as quatro festas do anno[408], e outro mais pequeno com varias canticas" (DIETÁRIO, 1773, fólio 73);
- Abade Gaspar da Madre de Deos (1763-1766): "O Culto Divino, e as funsoens da Igreja lhe mereserañ a sua maior atensañ; fazendo que elas se executassem com o maior asseio, e decência, principalmente na Muzica e Canto em que excedeo os seos antecessores. [...]" (DIETÁRIO, 1773, fólio 114);
- Abade Vicente Joze de S^{ta}. Catharina (1772-1777): "O Culto Divino ocupou m^{ta}. [muita] p^{te}. [parte] do seo cuid^{o}. [cuidado], e diligencia. As funções sagradas forañ no tempo do seo governo as mais solemnes. Celebrou as festivid^{es}. [festividades] de N. S^{mo}. [Santissimo] Patriarcha com pompa, e

---

[408] As quatro festas do ano litúrgico são: Natal, Ressurreição, Pentecostes e Assunção.

magnificencia, officiando de Pontifical nos 3 annos de sua Abbadia; e nos dois ã. [anos] em q' como Presid^{e}. [Presidente] governou este Moster^{o}., rogou ao Ex^{mo}. e R^{mo}. Inr. Bispo Deocezano p^{a}. celebrar Pontifical nos três dias; e a assim vieraõ a ser estas festivid^{es}. mui solenes p^{la}. [pela] do seo culto, magnifisençia, aparato, e luzido concurso. [...] P^{a}. o Choro q' elle frequentava de dia, e de noite comprou Salterio, Gradual, e Antifonario novos, e fez consertar os velhos. Mandou fazer hum livro novo, q' contem as quatro festivid^{es}. mais solenes do anno, e as de N. I^{mo}. Patriarcha; outro mais de hymnos, e cânticos" (DIETÁRIO, 1773, fólio 126);

Não foi possível apurar por documentação quando foi adquirido o primeiro órgão de tubos do Mosteiro do Rio de Janeiro. Contudo, encontra-se no livro Dietário deste Mosteiro o primeiro registro documental de um organista, o Padre Frei Plácido Barbosa, que faleceu nesta Casa em 1638 (DIETÁRIO, 1773, fólio 221). Faltam os registros dos treze primeiros abades, período no qual foi comprado o primeiro órgão de tubos, possivelmente um órgão positivo de mesa ou um órgão positivo de chão.

Os órgãos de tubos primitivos usados nos mosteiros, conventos e igrejas brasileiras eram órgãos portáteis: órgãos positivos, de mesa ou de chão, ou órgãos realejos. Eram instrumentos de pequeno porte, com poucos registros de vozes e constituídos por tubos de madeira ou tubos de metal, e geralmente tinham como base registros tapados de 8' (oito pés), muitas vezes um 4' (quatro pés) tapado.

O primeiro registro documental sobre órgãos de tubos no Mosteiro do Rio de Janeiro datam de 1652, no governo do Reverendo e Mestre Frei Francisco da Madalena. Encontra-se no fólio 44 do *Estado do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*[409], *Volume I*, em que se documenta um gasto em manutenção assim identificado:

[409] Esse tipo de livro, por ter a função de relatar o estado material e financeiro dos mosteiros, era escrito ao final de cada governo. Tratava-se de um resumo do *Livro do Depósito*, que era enviado a Portugal, e sempre era iniciado com a frase "Estado em que se encontra o mosteiro", razão de seu título.

Figura 258: Primeiro registro referente a órgãos encontrado nos arquivos do Mosteiro de São Bento
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 44.

Em peles pª [pera] o orgaõ, & esteiras[410] & mais miudezas..................45$320 réis

Este registro contábil do gasto sugere tratar-se do dispêndio para o conserto dos foles ou das válvulas do someiro do órgão de tubos, serviço muito comum devido a grande humidade que afetava a pele dos foles e das válvulas do someiro.

No registro seguinte, no mesmo *Estado do Mosteiro - Volume I*, em *Obras que se fizeram na Igreja*, e Sacristia, assinala a compra de um novo órgão realejo:

Figura 259: Um órgão realejo do Mosteiro de São Bento
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 94.

Posse [pôs-se] na Igreja um realejo, que custou ——————————16$000 réis

No *Dietário*[411] *do Mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem do Patriarcha São Bento* - 1773, fólio 46, o Abade Dom Thomás da Assunção, em seu governo, no triênio de 1688 a 1691, assim relata: “Para a imagem do coro mandou fazer hum resplandor[412] de prata, e cortinas roxas: e nele pôz hum Psalterio Benedictino, e hum Orgaõ grande”. Por falta de mais informações documentais que detalhem este instrumento, não é possível precisar se tratava-se de um órgão de grande porte, ou se um órgão de maior porte em relação a outro instrumento anterior de menor porte. Considerando-se a data, segunda metade do século XVII, provavelmente era um órgão

---

[410] O mesmo que tapetes.

[411] O *Dietário* contém duas partes: a primeira consiste em um Catálogo dos Prelados (abades e presidentes) do período de 1590 a 1792 e a segunda parte trata da vida dos monges que viveram e morreram no mosteiro entre 1629 e 1789.

[412] Resplandor, atualmente conhecido como resplendor, trata-se um círculo de luzes que cinge e coroa a cabeça nas imagens e figura dos anjos e santos canonizados.

realejo, tipologia organística maior do que um órgão de tubos positivo de mesa ou de chão. Aproximadamente duas décadas antes, o Mosteiro de Olinda adquiriu um órgão positivo de mesa.

Figura 260: Registro de um órgão grande para o coro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário – Fólio 46.

No governo do Abade Dom Matias da Assunção, cujo triênio teve início em 1700, finalizando em 7 de setembro de 1703, foi comprado outro órgão realejo para o coro da Abadia. No mesmo *Livro Dietário do Mosteiro*, supracitado, fólio 57, assim consta: "[...] para o coro comprou um realejo, [...]".

Figura 261: Órgão realejo para o coro do Mosteiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário – Fólio 57.

Conforme relata *o Dietário do Mosteiro*, o Rio de Janeiro foi invadido, pela segunda vez, em 1710, pelo capitão Jean Francois Du Clerc e no ano seguinte, em 12 de setembro de 1711, por Duguay-Trouin, que ocupou a cidade em onze dias. Segundo Rocha (1991, p. 248), o Coro do Mosteiro foi danificado e destruído pelos canhões franceses, que comprometeram tudo o que pertencia ao Culto Divino: livros de coro, vestimentas e o próprio órgão de tubos. Nesta investida foi perdido o primeiro Livro do Tombo do Mosteiro do Rio de Janeiro.

Após a expulsão dos franceses, o Mosteiro Fluminense se refez, substituindo os destroços por novos materiais. Diversas reconstruções foram realizadas no governo do 35º Abade, Fr. Joze de Jesus, no período de 08 de junho de 1711 a 12 de junho de 1714.

No Coro, Igreja, e Sachristia mostrou maior aplica-
saõ, e mais zelo.* Comprou hum Psalterio, e dous livros grandes
de pergaminho, em hum dos quaes estaõ as festas do N. S. Patri-
archa; hum orgaõ grande, e huas cortinas de damasco carme-
zim com galoens de ouro para a imagem de Christo. Man-

Figura 262: Órgão para o coro após os Franceses
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário **–** Fólio 63.

O *Estado* do Mosteiro, no triênio 1711-1714, quando Governou o Abade Fr. Antônio da Trindade, à página 104, registra em uma lista de recibos de gasto : “De hum Orgam novo, [...]” (Monástico, C.S.B - Liv.134, Pag.104). Neste mesmo Relatório Abacial, em “***Coro*** *[...] Obras que se fizeram neste triênio neste Mosteiro*”, no item “*Coro*”, está registrado: “Hum Orgam gr[de] [grande] e outro pequeno que se resgatou por quatro moedas novas e o mandamos consertar” (Monástico, C.S.B - Liv.134, Pag.111).

S.to o pé da Cruz onde esta o Senhor Cum Orgam grde e outro pequeno que se res-
gatou por quatro moedas novas e o mandamos consertar. Hua Taboa do offi-
cio, e duas de coros todas pintadas. Fez se hua estante e dous bancos.

Figura 263: Registro de um órgão grande e um pequeno para o coro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.134, Pag.111

A partir do século XVIII começaram a vir de Portugal os grandes órgãos de tubos de igreja. As catedrais, matrizes, mosteiros e conventos brasílicos iniciaram a substituição de seus antigos órgãos portáteis e realejos por instrumentos fixos e de maior porte. O documento anterior ao citar como um “órgão pequeno”, refere-se aos órgãos realejo, ou mesmo a um órgão portátil.

Quanto ao instrumento mencionado como um “órgão grande”, considerando-se o documento a seguir, pode-se afirmar que realmente era um órgão de maior porte. O Dom Abade Frei Bernardo de São Bento, professo do Mosteiro de Olinda, sendo o 38º abade do Mosteiro do Rio de Janeiro, tomou posse em junho de 1720 e governou até o ano de 1723. Consoante o *Livro Dietário do Mosteiro de N. Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro,* foi realizado, em 1723, um aumento no órgão de tubos: “[...] ornou, e augmentou

[aumentou] o Orgaõ no anno de 1723, o qual servio muitos annos com huma talha muito excelente [...]" (Livro Dietário, fólio 67). As talhas eram feitas nas caixas dos órgãos fixos de igreja. Por outro lado, os órgãos realejos eram somente adornados em policromias.

nou, eaugmentou o Orgaõ no anno de 1723, oqual servio mui-
tos annos com huma talha muito excelente: efez outras o-

Figura 264: Registro referente ao aumento do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário **–** Fólio 67.

No *Estado do Mosteiro* deste triênio, 1720 a 1723, o texto revela a ornamentação feita nessa intervenção, o que confirmada tratar-se de um órgão de tubos de grande porte, como poder ser comprovado no documento a seguir:

Obras q se fizeram este Triennio

Encarnousse o Santo Christo do Choro. Poseramsse nas jane-
las do Choro, Coatro Vidraças grandes. Fesse de novo o Orgaõ.
cuja obra fica acabada, dourado, e estufado, e no petippé para
abanda de dentro, se cobrio de xaraõ preto com ramos de ouro:
aqual obra emportou q. sima de seis mil cruzados, sahidos
q. esmolla dos devotos, q. q. isso concorreraõ: dispendendo a Rel-
ligiam so m.te duzentos e cincoenta milrs, pouco mais ou menos:
Fesse huã Cortina de Bertangil azul q. cobrio o petippé
do Orgaõ. Continuousse a obra de talha dos arcos das Cap-

Figura 265: Registro referente a um novo órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 130.

Obras q' se fizeram este Triennio

> Encarnousse o Santo Christo do Choro [...] Fesse de novo o orgaõ cuja obra fica acabada, dourada, e estufado [e estofado[413]]; e no petippé [petipé] [414] para a banda

[413] Pintura, em policromia, que procura imitar um tecido.

[414] A palavra é composta por *petit* (pequeno) e *pied* (pé), ou seja, pequeno pé. Segundo o *Diccionario Técnico-Histórico del Órgano en España*, o termo pé (pie, pied) significa o corpo baixo da caixa do órgão, a base da caixa. Portanto, a expressão "pequeno pé" revela que o órgão não era de grandes dimensões.

> de dentro, se cobriu de xaraõ[415] pretto, com tamos[416] de ouro: aqual [a qual] obra emportou [importou] p. [por] sima deseis [de seis] mil cruzados, havidos p. esmolla dos devottos, q. p[a] [para] isso concorreraõ: dispendendo a religiam somente; duzentos e sincoenta mil réis, pouco mais ou menos. Fesse huá [uma] cortina de bertangil[417] [bertangil] azul p[a] [para] cobrir o petippé do Orgaõ. [...] (Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 130).

Na sequência, vários registros de consertos realizados neste órgão de tubos. O primeiro, no *Estado do Mosteiro*, triênio de Governo do Abade Frei Matheus da encarnação, de 1726 a 1731, estão registrados gastos diversos, destacando-se consertos realizados no órgão de tubos supramencionado: “Em consertos do Orgaõ, do Relógio [...]” (Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 154).

O segundo, no triênio de 1747 a 1748, Governo do Abade Fr. consta: “de cuja quantia se rezervarao trezentos e cincoenta mil reis; a saber çento e sincoenta (réis) p[a’] [pera] o conserto do Organo, [...]” (Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 275).

Figura 266: Conserto do órgão do Mosteiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 275.

Ainda nesse mesmo fólio, está relatado: “Fica o sobred[to] [sobredito] dr[o].[dinheiro] p[a] [pera] a factura das cazas, e conçerto do Organo na maõ do p[a]. [padre] Procurador” (Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 275).

Figura 267: Conserto do órgão do Mosteiro (Continuação)
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 275.

---

[415] Verniz de laca, muito lustroso e duradouro, originário da China e do Japão.
[416] Gênero de trepadeiras de raízes tuberosas, da família das dioscoreáceas, de ramos volúveis, folhas cordadas e flores em racemos axilares.
[417] Tecido de algodão fabricado pelos cafres.

Nos arquivos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro encontra-se um documento único, não datado, da encomenda de um órgão realejo para uso em acompanhamento pelo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Figura 268: Recibo da encomenda do órgão realejo pelo Mosteiro do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Recibos Avulsos.

> Hum realegio p[a] [pera] acompanhar em muzicas com as circumstancias q' [que] aponto: novo, de madr[a] [madeira] escolhida, e feito por author q tenha aceitacaõ, e podendo q'. sejaõ de estanho os canudos[418].
>
> De quatro rezistros [Registros].
> Oitava curta[419] na maõ esquerda, e larga na direita[420].

---

[418] O termo "canudo" era usado em Portugal e no Brasil Colonial, e significava o mesmo que "tubo". O conjunto dos tubos era chamado de "canaria".

[419] Oitava curta - É aquela encontrada na primeira oitava dos órgãos antigos até meados do século XVIII. Tem razões na economia de material, pois os tubos mais graves são maiores e gastam mais em sua fabricação. A forma mais usada é: a tecla Mi1 soando como Dó1; o Fá1#, como Ré1; e o Sol1#, como Mi1. As notas Fá1, Sol1, Lá1, Si1b e Si1 não se alteram. A oitava curta persiste algumas áreas até 1840.

1º rezistro flautado todo tapado sem aumentacaõ[421] algua [alguma]
2º rezistro seja a oitava grave aberta com 2ª aumentacaõ do meio pª sima
3º dº [dito] seja sempre huã [uma] quinta aguda
4º oitava aguda.

Este recibo é o primeiro registro documental que contém as características técnicas de construção de um órgão realejo no Brasil Colonial, um instrumento pertencente à escola de organaria ibérica. Segundo descrição dos registros de vozes, o teclado é dividido ou partido. Comparando-se as descrições dos registros de vozes citados deste recibo com os registros de vozes próprios de um órgão de tubos dessa tipologia, conclui-se:

- **1º)** Um registro inteiro tapado de 8'- trata-se de uma fileira de tubos com metade do comprimento, ou seja 4'. Sendo tubos tapados, soam oitava a cima, como sendo 8';
- **2º)** Um registro partido de 4' na primeira metade do teclado (*bajos*), e com aumentação[422] na segunda metade do teclado (*tiples*);
- **3º)** Um registro inteiro de quinta, ou seja 2 2/3';
- **4º)** um registro inteiro agudo, correspondendo a 2'.

Segundo as características técnicas apontadas neste recibo de encomenda, era um órgão realejo de oitava curta, e de teclado partido (mão esquerda = Grave, mão direita = Agudo). O teclado partido é umas das principais característica dos órgãos ibéricos fixos, e também dos órgãos realejos. Em Portugal, esta divisão estava entre o Dó e o Dó# centrais.

A importância desse documento reside no fato de que se trata de um dos raros apontamentos sobre a construção de órgãos realejos e sobre os registros usados nesses instrumentos no século XVIII. Este é o único documento descrevendo disposição dos registros e características técnicas de um órgão realejo no Brasil Colonial.

Como o documento não está datado, pode-se atribuir a ele duas possibilidades citadas anteriormente. A primeira, registrada no *Estado do Mosteiro*, no triênio de Governo do Abade Fr. D. Francisco de São José, 1766 a 1770, cita a aquisição de um órgão realejo:

---

[420] Oitava larga na direita, significa que a última oitava do teclado era complete, terminando na nota Dó.

[421] Possivelmente o termo refere-se a tubos abertos, que têm o dobro da altura dos tubos tapados.

[422] O termo "aumentação" sugere ser uma mistura, que neste caso, pode ser composta por um registro de quinta (2 2/3), ou um registro com a quinta (2 2/3) e o registro oitava aguda (2') juntos.

“Mandou vir hum realejo para as festas das fazendas”. A segunda, a compra citada nas “Obras das Fazendas – Campos” no *Estado do Mosteiro*, triênio do Abade Fr. Vicente Jozé de Sta. Catarina, 1772 a 1777, foi comprado um órgão realejo para a Fazenda de Campos: “Para a dita Capela se comprou hum Realejo pr. duzentos mil reis, [...]”.

3.4.6.1. O ÓRGÃO DE CONSTRUÍDO PELO ORGANEIRO AGOSTINHO RODRIGUES LEITE

Durante o governo do Abade Vicente Jose de Santa Catarina, que iniciou em 1772 e finalizou em 1775, foi instalado um novo órgão de tubos, no ano de 1773, obra do mestre em organaria Agostinho Rodrigues Leite. De todos instrumentos construídos pelo organeiro pernambucano, este é o único existente atualmente.

O novo órgão de tubos foi adquirido no segundo ano do primeiro triênio do governo do Abade Frei Vicente José de Santa Catarina, sendo instalado em 1773. Segundo Mateus Ramalho Rocha (1991), em *O Mosteiro do Rio de Janeiro*: 1590/1990, o Abade era apaixonado pelo culto divino. O *Estado do Mosteiro,* dois triênios de Governo do Abade supracitado, 1772 a 1777, registra o seguinte lançamento: “Soalhou-se o coro, en ele se asentou hum Orgaõ novo, que se dourou e pintou, e seu importe chegou a cinco mil e tantos Cruzados” (Monástico, C.S.B - Liv.135, Pag.146)

Coro

Soalhouse o Coro, en ele se asentou hum Orgaõ novo, que se doirou e pintou, e seu importe Chegou a sinco mil e tantos Cruzados. Fizerão-se Cai-
xilhos Com vidraças para os quatro Janelas, e se pintarão. Comprarão-se

Figura 269: Registro referente ao novo órgão construído por Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.135, Pag.146.

A grandiosidade do conjunto arquitetônico da Igreja do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro destaca-se das demais Abadias Brasileiras. Suas paredes são cobertas por talhas douradas, alto de suas paredes laterais encontram-se tribunas, e abaixo, Capelas das Irmandades[423]: Nossa Senhora de Montserrat, São Brás, Santa Gertrudes, São Lourenço, Nossa Senhora da Conceição, São Caetano, Nossa Senhora do Pilar, Santo Amaro, São Cristóvão, e finalmente, a Capela do Santíssimo Sacramento.

À frente da porta central da Igreja, encontra-se um tapa-vento, acessório usado nas igrejas brasileiras antigas. Trata-se de uma peça singular de talha dourada, que forma um conjunto único com a obra do organeiro Agostinho Rodrigues Leite. Encabeçando o tapa-vento, encontram-se o Brasão Beneditino e dois anjos trombeteiros. Todo o conjunto foi construído no triênio abacial 1733 a 1736.

A seguir, duas fotografias ilustram o órgão de tubos do Mosteiro de São Bento, construído por Agostinho Rodrigues Leite. Na primeira, um registro fotográfico de 2009, um vista da fachada do órgão de tubos, e do tapa-vento, de uma das tribunas laterais da Abadia do Rio de Janeiro. Na segunda fotografia, uma vista interna do Coro Alto, o órgão encontra-se ainda em seu estado original[424], quando houve a vinda nos monges alemães para a Restauração dos Mosteiros da Congregação Beneditina Brasileira.

[423] Todas as Irmandades foram extintas, restando hoje somente a Irmandade de São Bras.
[424] Neste momento haviam somente as alterações realizadas durante o século XIX,

Figura 270: O órgão do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, vista da Nave da Igreja
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

Figura 271: O órgão do Mosteiro Fluminense ainda em seu estado original, visto do Coro[425]
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo fotográfico do AMSB/RJ.

[425] Segundo Maria Luiza de Queiroz Amâncio dos Santos, em *Origem e evolução da Música em Portugal e sua influência no Brasil*, o monge a esquerda, era D. Alcuino Meyer, e o Monge sentado ao órgão, Mauro Haag.

Esse registro é confirmado no fólio 128 do *Livro Dietário do Mosteiro - 1773*, Códice 1161: “Soalhou de novo este santuário, e assentou nelle hú [um] orgaõ novo, q' [que] depois de doirado, e pintado, emportou [importou] mais de 5 mil cruzados”.

ex. Soalhou denovo este Santuario, e assen-
tou nelle hú Orgaõ novo, q' depois de doira-
do, epintado, emportou mais de 5 mil cru-
zados. Estas piedozas disposiçoẽs, q' todas se-

Figura 272: Registro em que se encontra a confirmação do novo órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário **–** Fólio 128.

No *Livro Dietário do Mosteiro - 1773*, Códice 1161, fólio 128 63, consta o registro da compra deste órgão grande:

No Coro, Igreja, eSachristia mostrou maior aplica-
saõ, emais zelo.* Comprou hum Psalterio, edous livros grandes
depergaminho, emhum dos quaes estaõ asfestas do N. S. Patri-
archa; hum orgaõ grande, ehuás cortinas de damasco carme-
zim comgaloens deouro para aimagem de Christo. Man-

Figura 273: Registro referente à compra do novo órgão no Dietário do Mosteiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário **–** Fólio 63.

Transcreve-se o texto:

> No coro, Igreja, sachristia mostrou maior aplicasao, e mais zelo. Comprou hum Psalterio, e dous [dois] livros grandes de pergaminho, em hum dos quaes estaõ as festas do N. S. Patriarcha; hum orgaõ grande, e huas [e umas] cortinas de damasco carmezim com galoens [galões] de ouro para a imagem de Christo.

Nos arquivos do Mosteiro do Rio de Janeiro, encontra-se o recibo do pagamento feito ao organeiro Rodrigues Leite, ao final de seu trabalho. Apresentam-se, a seguir, a foto e a transcrição desse documento que comprova a autoria do órgão de tubos.

Figura 274: O recibo do pagamento a Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor – SILVA-NIGRA, 1950, p. 146.

Transcreve-se o texto a seguir:

> Recebi do M^{to} R^{do} P^{e} procurador do Mosteyro de S. Bento do Rio de Janr^{o} o snr [senhor] Fr. Lourenso da Espetasaõ [Espectação] Valadares, quatro mil e quinhentos Cruzados[426] de um órgão q [que] trouse de Pern^{co} [Pernambuco] e o vim asentar no d^{to} [dito] Mosteyro, e p [por] estar pago e satisfeyto da sobredita quantia pasey este de minha letra e sinal.
> Rio de Janr^{o} [Janeiro] 14 de Janr^{o} de 1773
> (assinatura) **Agostinho Roiz Leyte**
> São – 1800$000 reis.

Não foram encontrados documentos que tratassem da especificação técnica deste órgão de tubos. Encontram-se apenas lançamentos referentes a aumentos de registros e reparos, sobre os quais serão tratados à frente neste trabalho.

Contudo, através um estudo detalhado deste órgão de tubos[427], foi possível levantar diversas informações técnicas de sua construção original, que são as seguintes:

[426] Um cruzado equivalia a 400 réis. Por isso, o comentário ao final do recibo de Agostinho Rodrigues Leite.
[427] O estudo de caso do órgão da Agostinho Rodrigues Leite, o primeiro a ser realizado sob o foco da organaria, e por autorização do Abade Dom Roberto Lopes.

- Um Manual de Registros Partidos[428] entre o Dó^3 e o Dó#^{3}, segundo a escola de organaria ibérica portuguesa. Considerando-se os orifícios de encaixe dos tubos do registro de Trombetas[429] (Figura 275d), o manual possuía quarenta e nove teclas, considerando-se a quantidade de furos de um registro de trombetas *en chamade* que fora instalado na parte do consolo do órgão. Segundo os furos das palhetas instaladas do lado do consolo, eram quarenta e cinco teclas, sugerindo ter havido um aumento do teclado posteriormente;
- Possuía nove registros partidos, com nove puxadores de registros de cada lado (Figura 275a). Esta informação é confirmada em um parecer do Monge organista, D. Plácido Domingos, em seu relatório sobre o "Órgão da Coroa", quando da instalação do órgão da Firma Berner. Até onde foi possível apurar, somente três registros podem ser confirmados: principal 8' (12 palmos), tubos de madeira (cilíndricos e quadrados); Clarion (registro baixo e no registro agudo [430]), Trombetas (registro baixo e no registro agudo). Esse dois últimos foram acrescentados no século XIX, no triênio 1854 a 1857, não havendo apontado a altura do Registro;
- Pedaleira com 26 notas, com extensão de Do^1 a Dó#^{3} e 2 Registros: Bordão 16' e Flauta major 8'. Contudo, esta pedaleira atual não é original do órgão de Agostinho Rodrigues Leite. De acordo com o detalhe do recorte da Figura 276, não existia quando os alemães chegaram ao Mosteiro do Rio de Janeiro em 1903. Parafusos encontrados em toda a pedaleira, confirmam sua fatura moderna;
- Foles internos a caixa do órgão, considerando-se a existência de um marcador do nível de ar dos foles na fachada do órgão, abaixo das

[428] Era característica de um órgão ibérico ter um manual apenas com o teclado com registros partidos entre o Dó^3 e o Dó#^{3} (Portugal), ou entre o Si^{2,} ou Dó^3 (Espanha).

[429] Estes furos para encaixe dos tubos de palheta foram descobertos retirando-se a madeira que os cobria, quando fazíamos o estudo deste instrumento. Nossa suspeita advinha de não achar-se atualmente a localização dos registros de palheta instalados no século XIX.

[430] O termo "registro baixo", ou "Bajo", refere-se a metade grave do teclado partido; mão esquerda. Por outro lado, "registro agudo", ou "tiple", refere-se a metade aguda do manual, mão direita.

Trombetas. Com este dispositivo, o folista[431] saberia quando parar de tocar os foles, evitando assim que seja bombeado mais ar do que o necessário, como também que este venha a ser danificado.

Figura 275: Detalhes do órgão de tubos de Agostinho Rodrigues Leite
Fontes: Arquivo fotográfico do Mosteiro de S. Bento do RJ. (a) / Demais fotos: Acervo fotográfico do autor.
a) O consolo original do órgão de tubos – Fotografia de 1903.
b) O registro de trombetas da fachada.
c) A pedaleira do órgão de tubos.
d) Os furos para o suporte do registro de palhetas do consolo do órgão de tubos.

[431] Muitas vezes o foleiro, ou folista, era um cargo na Igreja, ou poderia ser tocado o fole por um escravo.

A seguir, o recorte de uma fotografia de 1903, quando chegaram os monges alemães, mostra a ausência da atual pedaleira do órgão de tubos (Figura 271c).

Figura 276: Detalhe fotográfico da base do órgão de tubos sem a pedaleira
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo fotográfico do AMSB/RJ.

Os tubos do registro Principal 8’ (oito pés), que compõe a fachada do órgão de tubos, ratificam a engenhosidade do organeiro Agostinho Rodrigues Leite na manufatura de órgãos de tubos. Externamente, os tubos da fachada são todos externamente cilíndricos, contrapondo ao previsto, internamente os tubos da fachada são quadrados, sendo completamente feitos de madeira e sem alguma emenda aparente. Usa o sistema de afinação de corrediça. Considerando-se os recursos de marcenaria da época, trata-se de um trabalho de muito difícil confecção em organaria. Geralmente os tubos do registro Principal do órgão de tubos tem a forma cilíndrica e são construídos em metal, confeccionados em liga de estanho e chumbo. Contudo, quando construídos em madeira, os tubos do registro Principal geralmente teem a forma externa quadrada.

Este registro Principal 8’ é parte do atual órgão do Mosteiro, sendo composto por treze tubos de fachada e quarenta e três tubos quadrados internos a caixa do órgão de tubos. A figura a seguir ilustram detalhes deste tubo do registro Principal 8’, através de seu corte transversal, da boca do tubo, do tubo posicionado na fachada do órgão de tubos, e do sistema de afinação de corrediça, o mesmo usado nos tubos de madeira quadrados.

Figura 277: Os tubos do Registro Principal 8' do órgão de Agostinho Rodrigues Leite
Fonte: Acervo fotográfico do autor.

- **a)** O formato cilíndrico externo e quadrado interno dos tubos do Registro Principal da fachada.
- **b)** Detalhe da boca do tubo do Registro Principal da fachada: lábio superior e inferior, e orelhas.
- **c)** Tubos do Registro Principal da fachada.
- **d)** O afinador do tubo do Registro Principal da fachada.
- **e)** Os outros tubos do registro Principal internos à caixa do órgão de tubos.

A respeito deste tipo de feitura de tubos para a fachadas de órgãos, o organeiro Nuno Rigaud[432] afirma: "Muito raramente encontram-se, em órgãos de tubos históricos, tubos de madeira em que o exterior foram torneados e pintados para dar a sensação de ser um tubo cilíndrico de metal. Nesta época o metal era caro e a mão de obra barata, justificando-se esta prática, com a finalidade de redução de custos. Para disfarçar o fato de que os tubos maiores da fachada eram de madeira, o organeiro os torneava e os pintava, ou revestia estes tubos com uma folha de metal".

Muitas vezes estes tubos de madeira cilíndricos recebiam um acabamento, ou eram folheados em metal. Esta técnica é bastante antiga, teve seu começo em Francônia[433] (Alemanha) ao final do século XVII, sendo difundida por outras partes [Acta Organlogica 25, 1997, 267-274].

A manutenção da pintura dos tubos de fachada do órgão deste Mosteiro era refeita com certa constância. Encontra-se registrado no *Livro de Provimentos*: 1819, Códice 147-148, no fólio 178 verso, uma despesa relativa à pintura dos tubos da fachada: "Por imp[e]. [importe] de mais tintas de pão de ouro p[a]. o Orgaõ - - - - - - 60$000". Também no *Livro 57 do Depósito*, Códice 28, ano 1844, fólio 53 verso, cita a obra com pintura dos tubos, assim relatado: "douraraõ se todos os canudos que fazem frente para a Igreja".

Entre todos os órgãos de tubos históricos existentes no Brasil, este é o mais antigo dos grandes órgãos de tubos de igreja representante da organaria colonial brasileira, e o único exemplar sobrevivente dos órgãos de tubos construídos por Agostinho Rodrigues Leite. Também destaca-se por sua singularidade em possuir Trombetas Horizontais na fachada, uma das principais característica dos órgãos de tubos ibéricos (Figura 275b).

3.4.6.2. AS INTERVENÇÕES NO ÓRGÃO DURANTE O SÉCULO XIX

O século XIX foi marcado por diversas intervenções neste órgão de tubos

[432] Nuno Rigaud é natural de Braga, Portugal, tem atuado como organeiro em afinação, reparação e restauro de órgãos de tubos. Trabalhou nas Firmas CAD Service-Weber - Escritório de Planeamento para a Organaria em Landshut e na Fábrica de Órgãos Georg Jann em *Allkofen*, ambas na Baviera, Alemanha. Desde 2006 tem sua própria firma, a *Nuno Rigaud Orgelbau*, sediada em Mengkofen, Alemanha. O organeiro Nuno Rigaud foi o consultor nos assuntos relacionados a organaria deste trabalho.

[433] Francônia (*Franken*) é uma região geográfica e histórica na Alemanha, situada no norte do estado da Baviera.

constuido por Agostinho Rodrigues Leite. Considerando-se qeu não foi encontrado qualquer lançamento de despesa referente a consertos, o primeiro conserto somente ocorreu em, aproximadamente, cinquenta e seis anos após sua construção. Este fato confirma a qualidade de construção dos instrumento. O *Estado do Mosteiro do Rio de Janeiro*, no Governo do Abade Fr. Luiz de Santa Theodora, de 15 de agosto de 1829 a 25 de abril de 1832, registra esse conserto: “[...] consertou-se o Orgaõ grande, cujo conserto arbitrado em dois contos de reis, se fez por 500$000 reis; [...] (*Estado do Mosteiro*, 1829-1832, fólio 1v).

[illegible] para a torre; limpou-se toda a fabrica de Relogio da mesma Torre; concer-
tou-se o Orgaõ grande, cujo conserto arbitrado em dois contos de reis, se fez por
500$000 reis: para acautelar o precipicio, que offerecia o caminho da ladeira –

Figura 278: Conserto do órgão grande no século XIX
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 337 – Fólio 1 verso.

No *Livro do Depósito do Triennio do Dom Abade Frei Marcelino do Coração de Jesus*, N° *56*, 1839 a 1842, Códice 27, encontra-se na fólio 77 verso, o seguinte lançamento: “No coro se está consertando o Orgaõ todo de novo por se achar totalmente incapaz de servir [...]”. No *Estado do Mosteiro* (Códice 337, fólio 4), encontra-se registrado o mesmo conserto no órgão de tubos, além de vários reparos em livros do coro, que demonstram uma situação geral de deterioração, resultante da realidade geral dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros, por causa do fechamento dos noviciados.

Còro.
No Còro se está concertando o Orgaõ todo de novo por se achar totalmente incapaz de ser-
vir; e encadernaraõ-se todos os Livros grandes, e pequenos do mesmo com ferragem nova em
todos aquelles que a tinhaõ: poz-se huma [illegible] nova, e se compraraõ vinte cinco jogos
de Breviarios, oito [illegible], dous Ceremoniais novos, dous Martyrologios, hum Psalterio,
vinte duas Santas Regras, sendo huma em Latim, tres Exercitatorios, quatro Diurnos, e
seis Cadernos de Missas de Requiem, que se poseraõ na Sacristia, ficando já [illegible]
no Còro hum Martyrologio, e quatro Breviarios, e os mais que não são precisos entra-
rem ainda em uso, ficaõ em deposito na Livraria para serem distribuidos pelos Padres,
que delles precisarem pelo preço em que ficaraõ, entrando o seu producto para o [illegible]
da Casa. Poz-se hum candieiro de reverbero para dar luz ao Psalterio.

Figura 279: Estado em que se encontra o órgão do Mosteiro do Rio de Janeiro no triênio de 1839 a 1842
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 337 – Fólio 4.

No Coro se está consertando o Orgaõ todo de novo por se achar totalmente incapaz de servir; e encadernaraõ se todos os Livros grandes, e pequenos do mesmo com ferragem nova em todos aquelles que as tinhaõ: por-se huma ampulheta nova, e se compraraõ vinte e cinco jogos de Breviarios, oito Annuaes, doze Ceremonias novas, dois Martyrologios, hum Psalterio, vinte e duas Santas Regras, sendo huma em Latim, três Exercitatorios, quatro Diurnos; e seis Cadernos de Missas de Requiem, que se passaraõ na Sacristia, [...]

Em novembro de 1842, o órgão de tubos passou por uma obra de escoramento de sua caixa. No *Livro das Despesas das Obras no triênnio do Rever*[mo] *D. Abbade Fr. Joze Policarpo de Santa Gertrudes*, Códice 125, fólio 72, encontra-se este lançamento: “P. [por] balaustres de Bronze, tiroes de ferro, Massanetas e mais arranjos, P.[a] escurar [escorar] e segurar o Órgão do Coro „ 163$280”.

P. Balaustres de Bronze, tiroes de ferro, Massanetas e
mais arranjos P.a escurar e segurar o Orgaõ do Coro . 163$280

Figura 280: Registro do lançamento de despesas com o escoramento do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 125, fólio 72.

Esse aumento dos registros do orgão é confirmado, detalhadamente, no seguinte lançamento do *Livro das Despesas da Mordomia*, Códice 66, fólio 172, referente ao triênio 1839-1842, do Dom Abade Frei Marcelino do Coração de Jesus: “Por 2 registros novos de palhetas chamadas baixos e agudos de clarion, e 2 registros chamados baixos de agudos de trombetas p.[a] [para] o Orgaõ..........................500$000”.

172
Transp.e . . . 9301$850 2:283$420
Por 2 registos novos de palhetas chamados baixos e agudos
de clarion, e 2 registos chamados baixos e agudos de trom-
betas p.a o Orgaõ . . . 500$000

Figura 281: Documentação referente ao acréscimo de registros ao órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 66, fólio 172.

O *Livro 57 do Depósito*, Códice 28, ano 1844, fólio 53-verso, ao tratar das obras realizadas na Sacristia e na Igreja Abacial no segundo triênio de governo de Frei Marcellino Coração de Jesus, de 1843 a 1846, confirma a intervenção no órgão de tubos:

Figura 282: A confirmação do acréscimo de registros do órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 28, ano 1844, fólio 53-verso

> Consertou-se de novo todo o Orgaõ pondo-se-lhe dois registros novos de palhetas chamados baixos e agudos de clarins, e outros dois tambem novos de palhetas chamados baixos e agudos de trombeta dourou se e pintou se todo douraraõ se todos os canudos que fazem frente para a Igreja, puseraõ se duas colunas de bronze com braçadeiras de ferro para segurar o mesmo Orgaõ, e fez se hum banquinho á maneira de escabello com hum armario dentro para se guardarem as muzicas, todo pintado, e em que se assenta o organista. Encarnaram se digo encarnou se a Imagem do Senhor pondo-se-lhe duas cortinas de tafeta novo guarnecidas de rendinha de ouro, todos os Anjos que servem de ornato ao Orgaõ dourando se as trombetas dos mesmos com verniz francez [...]

O *Estado do Mosteiro* (Arquivo do Mosteiro da Bahia – Códice L°. 337), referente ao final do Governo do Abade Fr. Marcelino da Conceição de Jesus, 1845, fólio 4, confirma essa mesma obra realizada no órgão de tubos. Também no Rol da Procuradoria, no *Livro de Provimentos*: 1819, no fólio 178 verso.

> Por assolhadura a hum pintor que ajudou a decorar os canudos do Orgaõ - 6$000
> [...]
> Por imp^{e}. [importe] de mais tintas de pão de ouro p^{a}. o Orgaõ - - - - 60$000

No Triênio 1848 a 1851, Governo do Abade Fr. Antônio Joaquim de Jesus Maria José, o tratar de obras no Santuário, assim é relatada uma intervenção no órgão de tubos, além da compra de um piano forte: "Consertou-se o Orgaõ, e se tem afinado as vezes necessárias, encadernaraõ-se três Breviarios, e se deraõ todas as Muzicas precizas, assim

como comprou-se hum Pianno forte muito superior” (*Estado do Mosteiro*, 1848-1851, f 3v).

Côro

Concertou-se o Orgaõ, e tem-se afinado as vezes necessarias; encadernarão-se tres Breviarios, e se derão todas as Muzicas precizas; assim como comprou-se hum Pianno forte muito superior.

Figura 283: Conserto e afinação do órgão e compra de um piano forte no triênio de 1848 a 1851
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento de Salvador – Códice L°. 337.

Uma nova intervenção, dessa vez radical, foi feita no órgão de tubos durante o Triênio 1854 a 1857, quando Governou o Abade Frei Manoel de São Caetano Pinto. O *Estado do Mosteiro do Rio de Janeiro* assim registra: “Consertou-se radicalmente o Orgaõ, aumentando-se-lhe os rezistros das vozes, e fazendo-se novos folles concerto que importou em 1:250:000.

Concertou-se radicalmente o Orgaõ do Coro, augmentando-se-lhe os rezistros das vozes, e fazendo-se novos folles concerto que importou em 1:250:000. Fez-se um par de cortinas

Figura 284: Conserto radical no órgão e aumento de registros.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice L°. 337 – Fólio 2 verso.

Confirmando esse acréscimo, o *Livro 62 do Depósito*, códice 33, fólio 61-verso, referente ao triênio de Frei Manoel de São Caetano Pinto, 1854 a 1857, apresenta o seguinte registro no ano de 1855: “Concertou-se radicalmente o Órgão do Coro augmentando-se-lhe os rezistros [Registros] das vozes, e fazendo-se novos folles, concerto que importou em 1.250$000”.

madeira. Concertou-se radicalmente o Orgaõ do Coro augmentando-se-lhe os rezistros das vozes, e fazendo-se novos folles, concerto que importou em 1:250:000. Fez-se um

Figura 285: Documento referente à ratificação do aumento de Registros no *Livro do Depósito*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 33, fólio 61-verso.

Encontram-se, nos arquivos do Mosteiro de São Bento, alguns recibos avulsos de gastos com consertos do órgão de tubos realizados por José Estevão Napoleão Lebreton.

Um deles, por exemplo, na figura a seguir, é datado de 12 de setembro de 1856, mas não discrimina o serviço, no valor de 500$000 réis, prestado pelo organeiro.

Recebi do Illmo Sr. Padre procurador
do Convento de St Bento
A quantia de quinhentos mil reis
por conta do concerto do Orgão
do dito convento.
Rio de Janeiro 12 de setembro 1856
Rs 500$000
Lebreton

Figura 286: Recibo avulso de conserto do órgão - 1856
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, recibos avulsos.

Na sequência, outro recibo datado de 20 de janeiro de 1860, apresenta um valor de 200$000 réis, referente a um conserto geral de três foles do órgão de tubos, também realizado pelo organeiro José Estevão Napoleão Lebreton.

O Mosteiro de St Bento a Lebreton
Deve
por Concerto Geral de tres follis do Orgão do
mesmo mosteiro, Collocação &c ...
a quantia de - - - - - Rs 200$000
Rio de Janeiro 20 de Dezembro de 1860.
Recebi do Sr. Padre procurador do Mosteiro de St Bento
o importe da Conta acima
José Estevão Napoleão Lebreton

Figura 287: Recibo avulso de conserto do órgão - 1860
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, recibos avulsos.

De origem francesa, Joseph Etienne Napoléon Lebreton, que adotou o nome em português José Estevão Napoleão Lebreton, foi responsável pela instalação do órgão de tubos Cavaillé-Coll[434] na Igreja Matriz de São José do Ipiranga, em São Paulo. Esse evento é confirmado em nota que se encontra na parte posterior do referido instrumento:

> Este órgão mecânico foi construído em Paris, na oficina de Cavaillé-Coll, fabricante e mais célebre pelos grandes melhoramentos que introduziu no mecanismo deste instrumento: encomendado pelo Dr. Cônego Joaquim do Monte Carmelo em sua viagem à Europa no ano de 1863, e aqui colocado por Joseph Etienne Napoléon Lebreton e Hyppolite Elis Portebois, francezes, fabricantes de pianos e órgãos, com casa no Rio de Janeiro, muito hábeis artistas e estimáveis pessoas [...]. (SOARES, 1989, p. 79)

O *Livro 68 do Depósito*, Códice 39, fólio 75, aponta duas intervenções no órgão de tubos do Mosteiro Fluminense no segundo triênio de governo, 1872 a 1875, de Dom Abade Frei Manoel de São Caetano Pinto. Assim está registrado no fólio supracitada: “Por duas vezes concertou-se o Órgão, que entretanto pode ser substituído por um novo e moderno”.

Por duas vezes concertou-se o Orgão, que entre-
tanto pode ser substituido por um novo e moderno.

Figura 288: Registro de dois consertos feitos no órgão, substituição por um novo.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 39, fólio 75.

No *Livro do Depósito*, Códice 68, em *Rol da Procuradoria*, em 30 de abril de 1872, está registrado este gasto com o órgão referente a este serviço, citando o seu valor.

Rol da Procuradoria
P. drº. dado á conta do concerto do orgão - - - 400$000
400$000 2:388$200

Figura 289: Conserto do órgão registrado no *Rol da Procuradoria*
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 68, fólio 229.

Rol da Procuradoria

P. [por] drº.[dinheiro] dado à conta do concerto do orgaõ - - - - 400$000

---

[434] Organeiro francês do século XIX, Aristide Cavaillé-Coll (1811-1899).

O Esboço do Mosteiro de Nossa Senhora de Montserrat do Rio de Janeiro, no Triênio de Governo do Abade Fr. Manuel de S. Caetano Pinto, de 22 de Junho de 1872 a 31 de Março de 1875, em "*Coro e Sanctuario*", no fólio 3 verso, confirma este estas reformas. Segundo o texto, revela que seu estado de deterioração estava avançado: "Por duas vezes consertou-se o Orgaõ, que entretanto pode ser substituído por um novo e moderno" (Esboço, 1872-1875, f. 3v).

Por duas vezes concertou-se o Orgaõ, que entre-
tanto pode ser substituido por um novo e mo-
derno.

Figura 290: Dois consertos no órgão durante o triênio de 1872-1875
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice Lº. 337, fólio 3 verso.

No *Livro 68 do Depósito - 1872*, Códice 39, fólio 74-verso, referente ao triênio de governo do Abade Frei Dom Manoel de São Caetano Pinto, de 1872 a 1875, relata-se a compra de um harmônio, assim narrado: "[...] foram reparadas e envernizadas as grades de toda a Igreja e para Ella se comprou um Harmonico para o Mosteiro servir nos actos que tem lugar na Capella Mór".

os taburnos dos Altares: foraõ reparadas e en-
vernizadas as grades de toda a Igreja e para ella
se comprou hum Harmonico para servir nos
actos que tem lugar na Capella Mór.

Figura 291: Registro da compra de um Harmônio
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 39, fólio 74-verso.

O órgão de tubos de Agostinho Rodrigues Leite, segundo documento do organista Dom Plácido Gomes de Oliveira, funcionou até princípios de 1907 [435], quando foi

[435] Outro documento data como tendo funcionado até aproximadamente 1915.

declarado estragado e sem conserto.

Ao ser eleito o Abade Fr. Manuel de S. Catharina Furtado, em 7 de outubro de 1884, tendo governado até 31 de março de 1887, o novo Abade encontrou o Coro do Mosteiro fechado por falta de Religiosos, e uma situação muito precária. Segundo seu relatório no *Esboço do Mosteiro*, foi necessário contratar padres seculares para os principais Ofícios, Missas e festividades (AMSB/RJ, Esboço, 1884-1887, fólio 2).

No *Livro de Recibos da Irmandade de São Brás*[436] encontram-se dois recibos de pagamentos a organista e harmonista que coadunam com a afirmativa anterior. O primeiro recibo, do organista Antônio Dias Lopes que tocou no dia das festividades da Irmandade. O segundo, como harmonista na Festa de São Brás.

Figura 292: Pagamento ao organista – Irmandade de São Brás em 1899
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice não catalogado. Fólio 132 verso.

Figura 293: Pagamento ao harmonista – Irmandade de São Brás em 1901
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice não catalogado – Fólio 139 verso.

---

[436] Este livro tem seu início de registos em 1840.

3.4.6.3. A DOAÇÃO DO ÓRGÃO ANTIGO AO MOSTEIRO DE SÃO PAULO

Com a compra do novo órgão de tubos, em 1773, manufatura do organeiro pernambucano Agostinho Rodrigues Leite, o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro se propôs, em 1774, a doar seu antigo órgão de tubos ao Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção, na cidade de São Paulo. O *Livro de Atas dos Conselho do Mosteiro do Rio de Janeiro*, período de 1700 a 1835, registra essa proposta de doação:

Figura 294: Documento de doação do antigo órgão ao Mosteiro de São Bento de São Paulo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1148, fólio 10.

> Aos 13 de abril de 1774, propôs o N. [nosso] M.[mui] R. [reverendíssimo] P. [Padre] D. [dom] Abb.^{de} [abade] em Conv.^{to} [convento] pleno[437] se convinhaõ em q.' [que] se deva se esmolar a nosso Mostr.^{o} [mosteiro] de S. Paulo o Orgaõ velho, com a condiçaõ devir [de vir] o realejo de S. Paulo pr.^{a} o nosso Mostr^{o} de Santos, e visto tambem p.^{r} [por] não haver q^{m} [quem] o comprasse p^{r} [por] ter si^{do} [sido] damnificando com o tempo. Respondêrão todos q.' sim e q.' era m.^{to}

[437] A expressão "Convento Pleno" refere-se uma assembleia geral realizada na Sala Capitular ou no Coro do Mosteiro. Nesta reunião oficial participam todos os monges do mosteiro.

[muito] justo, e santo. Em fé de verd.º [verdade] de q.' isto assim se passou em Conv.[to] [Convento] pleno, fés este termo dem.ª [de minha] letra, e signal, dia, mes era ut supra.

Fr. Jozé da Nativida[de] [Natividade] (AMSB/RJ, Códice 1148, fólio 10).

Essa doação pode ser finalmente comprovada com base em um registro encontrado no *Estado do Mosteiro de São Bento de São* Paulo, referentes aos dois triênios 1772-1778, como mostra a figura a seguir (Monástico, C.S.B. – Liv. 144, Pag. 191).

mettas a imitaçaõ de marmore. Acrescentou-se no meio do coro
hum coreto sobre novo vigam[to] fazendo-se novos balaustres, p.ª cir-
cular este acrescentam[to] e acompanhar a mesma ordem dos mais;
p.ª assentar-se o novo orgaõ de doze, que nos proveio do Mostr.º
do Rio de Jan[ro] e por baixo se fez hum cano de madr.ª p.ª con-
duzir-se o vento da caza dos folles, q fica á p.te [illegible]
o mesmo orgaõ. Esta obra foi m.to [illegible] p.ª q conduçaõ do mes-
mo orgaõ do Rio, q este Mostr.º como q Officiaes, que o conduziraõ,
assentaraõ, e o afinaraõ, como tambem q se fez huma acabada
caixa de obra, obra completa, e [illegible] solidar-se o coro,
e naõ tremer o orgaõ se puzeraõ quatro columnas de vigas por
de baixo das suas madres, q o sustentaõ; assentadas sobre pe-
dras de cantaria.

Figura 295: Documento das obras para instalação do órgão doado pelo Mosteiro do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B. – Liv. 144, Pag. 191.

Acrescentou-se no meio do coro hum coreto sobre novo vigam[to] [vigamento][438]; fazendo-se novos balaustres, para circular este acrescentam[to] [acrescentamento] e acompanhar a mesma ordem dos mais; p[a] [para] assentar-se o novo orgaõ de doze[439], q [que] nos proveio do Mostr[o] [mosteiro] do Rio de Jan[ro] [Janeiro] [...] (Monástico, C.S.B. – Liv. 144, Pag. 191).

A continuação do processo de doação e instalação, serão tratados no

[438] Termo que significa o conjunto das vigas de uma construção; travejamento.

[439] Órgão de base Doze Palmos, correspondendo a 8' (oito pés). Do século XV até a metade do século XVIII, enquanto na maioria da Europa era utilizado o pé como medida dos tubos do órgão, o palmo era a medida padrão utilizada na Península Ibérica. Um Tubo de doze palmos corresponde a um tubo de oito pés (12 palmos = 8' – oito pés).

subcapítulo do Mosteiro de São Bento de São Paulo. Assim com também, a doação do órgão realejo do Mosteiro de São Paulo será tratada no subcapítulo referente ao Mosteiro de Santos.

3.4.6.4. O ÓRGÃO DE TUBOS DAS FAZENDAS DO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO

Como resultado de suas condições financeiras e da preocupação com os Ofícios Divinos, o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro equipou com órgãos de tubos as Capelas das Fazendas de Campos dos Goitacazes e de Camurim.

O órgão de tubos da Fazenda de Campos foi adquirido no triênio do Abade Fr. Vicente Jozé de Sta. Catarina, 1772 a 1777, como comprova o recorte do documento: "Para a dita Capela se comprou hum Realejo p^{r}. duzentos mil reis, [...] (Monástico, C.S.B - Liv.135, pag. 151).

Figura 296: Compra do órgão para a Fazenda de Campos no triênio de 1772-1777
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.135, pag. 151.

Quanto ao órgão de tubos da Fazenda de Camurim, os textos dos documentos não deixam explicito a tipologia deste órgão de tubos, assim como também a data de sua compra. No Códice 57, *Livro de Gastos* 1777-1780, em um rol de gastos datados de 9 de fevereiro de 1779, registra a compra de pelicas para o órgão de tubos: "Pelica – – P^{a}. [pera] consertar os foles de Camorim tres tostoens ———————— $300".

Figura 297: Pelicas para os foles do órgão da Fazenda de Camorim
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 57 – Livro de Gastos – Fólio 47 verso.

No *Estado de Mosteiro*, triênio de Governo de Fr. Luciano do Pilar, de 1795 a 1800, no relatório relativo à Fazenda de Camorim, ano de 1797, ao descrever obras realizadas na Capela, fala do : "O orgaõ que p^{r}. [por] desconcertado naõ cervia [servia] á [há] annos se fez de novo e hua [uma] Cx^{a}. [Caixa] p^{r}. baixo, que encerra os novos folles" (Códice 24 – Fólio 88 verso).

Figura 298: Consertos dos foles da Fazenda de Camorim
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.S. – Códice 24 – Fólio 88 verso.

O *Estado do Mosteiro do Rio de Janeiro*, triênio de Governo do Fr. Marcellino do Coração de Jesus, de 15 de junho de 1851 a 28 de fevereiro de 1854, a tratar de suas fazendas, refere-se a um conserto no órgão de tubos da Capela, mas não cita a qual delas pertencia o instrumento: "Reparou-se algumas ruinas da Igreja, consertou-se e afinou-se o Orgaõ, [...]" (*Estados do Mosteiro*, 1851-1854, f. 5).

Figura 299: Conserto e afino do órgão no triênio de 1851-185
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento de Salvador – Códice L°. 337 – Fólio 5.

Os diversos *Estados do Mosteiro do Rio de Janeiro*, registram vários gastos com músicas nas festas religiosas nas Fazendas de Campos e de Camurim.

3.4.6.5. MONGES ORGANISTAS QUE ATUARAM NO MOSTEIRO FLUMINENSE

O *Dietário do Mosteiro de N. Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem do Patriarca S. Bento* – 1773, Códice 1161, ao tratar da vida do Monges que faleceram no Mosteiro do Rio de Janeiro, revela aqueles monges que se destacaram ne arte da música. Existiu um *Livro Dietário* anterior a este, mas o Fr. Paulo da Conceição (Dietário N. 167), por ter boa letra, compôs de novo, e com melhor método, o Dietário do Monges Falecidos (DIETÁRIO, Códice 1161, 1773, fólio 355). Foram os seguinte Monges organistas nessa Casa Beneditina, segundo seu Dietário:

> 8° – O oitavo foi o Pe. Fr. Placido Barbosa natural de Pernambuco, e professo no Mosteiro da Bahia. Tinha excelente voz de contralto, cantava com gala o canto de Orgaõ, e o tangia perfeitamente [...] Tambem se naõ sabe com certeza o anoo em que faleceo; por que no mesmo Dietario se diz que fora a 15 de julho de 1638 sendo D Abbade o Pe. Me. [Mestre] Fr. Mauro Cortereal, e este Prelado tomou posse em 1639 (DIETÁRIO, 1773, fólio 221).

26º – O vigésimo sexto monge foi o Fr. Cortista Fr. Placido das Chagas natural de S. Paulo, e professo na Caza da Bahia. Era Monge dotado de boa voz, e no Coro acompanhava no Orgaõ os Divinos Oficios. [...] faleceo em 25 de Fevereiro de 1666 sendo D. Abbade o Pᵉ. Fr. Leaõ de S. Bento (DIETÁRIO, 1773, fólio 229).

33º – O trigésimo terseiro foi o Pᵉ.Fr. Leandro de S. Bento nascido nesta Cidade, e professo neste Mosteiro, aonde tomou o habito em 11 de Abril de 1616 sendo o D. Abbade o N. P. Fr. Bernardino de Oliveira. Viveo muitos annos trabalhando sem descanso pelo aumento desta Caza e do seo patrimonio. Era muito bom muzico, e Organista: [...] Eleito Presidente da Caza de Santos, e rezidindo nela pouco tempo, [...] recolhendo-se a este Mosteiro [...] deixou de viver aos 17 de setembro de 1673 sendo D. Abbade o Pᵉ. Mᵉ. Fr. Antonio da Trindade (DIETÁRIO, 1773, fólio 231).

42º – O quadragésimo segundo foi o N. P. Provincial Fr. Marcos da Besterro nascido na Bahia de Paes nobres, autorizados, e professo no Mosteiro da mesma Cidade. Este Monge era muzico, Organista. [...] De Prior de Olinda passou a Prezidente das Brotas: [...] Foi Mestre de noviços nesta Caza [...] Foi sua morte em 5 de Fevereiro de 1686 sendo D. Abbade o Pᵉ. Mᵉ. Pᵒʳ. [Procurador] Fr. Christovaõ de Christo, que o fez sepulta na Capela mor da parte da Epistola com as exequias devidas a sua dignidades (DIETÁRIO, 1773, fólio 236).

43º – O quadragésimo terseiro foi o Fr. Corista e Fr. Antonio de Santa Maria natural da Bahia, e professo no Mosteiro daquela Cidade. Era muzico, organista e tocava harpa. [...] foi Deos servido chamalo para si aos 26 de Fevereiro de 1686 sendo D. Abbade o Pᵉ. Mᵉ. Pᵒʳ. Fr. Christovaõ de Christo (DIETÁRIO, 1773, fólio 236).

93º – O nonagesimo terseiro foi o Pᵉ. Pʳ. Fr. Marçal de S. Joaõ, nascido nesta Cidade, e filho de Domingos Roiz' [Rodrigues] Lisboa, e Joanna de Araujo. [...] Este Monge educôse nos seos primeiros annos com o Pe. Pr. Fr. Gonsalo da Conceicaõ, o qual lhe ensinou a muzica, e a tanger orgaõ. [...] Escrevia muito bem, com grande curiosidade, como se pode ver na Missa dos Defuntos que copiou em hum dos livros grandes de pergaminho. Sendo Corista foi Sachristao menor, e tratava do culto divino com o maior asseio, ocupando se em fazer curiosidades para com elas se ornarem os altares. [...] Faleceo de huma hidropezia; e foi a sua morte em 3 de Julho de 1729 sendo D. Abbade o N. Pᵉ. Mᵉ. Fr. Matheus da Encarnasaõ Pinna (DIETÁRIO, 1773, fólio 266).

148º – O centesimo quadragésimo oitavo foi o Pᵉ. Fr. Alberto da Conceicaõ, nascido nesta Cidade, e professo no Mosteiro da Bahia, aonde vestio a Cogula em 1733 sendo D. Abbade o N. Pe. Me. Fr. Joaõ Baptista da Cruz. Este Monge satisfez sempre com a obrigasaõ em que o poz o seo estado, porque trinta e quatro annos que viveo na Religiao[440] todos os empregou no serviço do Coro, e os mais deles nesta Caza, por que naõ teve ocupaçaõ alguma, que dele o izentase. Foi muitos anos Mestre da Capela, e Cantor mor dezempenhando as prendas que Deos lhe deo neste louvavel exercicio. Era bom organista, bom muzico, e tinha

[440] Os Beneditinos usam o termo "religião" com o mesmo significado ou mesmo se referindo a sua Ordem Eclesiástica.

uma voz excelente de contralto. Foi sua morte pelas quatro horas da tarde de 11 de Feveriero de 1767 sendo D. Abbade o N. P^{e}. F^{r}. Francisco de S. Joze. (DIETÁRIO, 1773, fólio 318).

151^{O} – O centesimo quinquagesimo primeiro foi o P^{e}. Fr. Francisco do Nascimento nascido nesta Cidade e professo neste Mosteiro; aonde tomou o habito em 7 de setembro de 1719 e se chamava Fr. Francisco da Natividade. [...] Frequentava o Coro com diligiencia, e nele supria a falta dos Organistas, e Cantores. Quarenta e nove annos contava de religião quando faleceo em 4 de outubro de 1768 pelas quatro horas da tarde sendo D. Abbade o N. P^{e}. Fr. Francisco S. Joze. [...] (DIETÁRIO, 1773, fólio 320).

160^{o} – O P^{e}. M^{e}. Jubilado, e D^{r}. Fr. Antonio de S. Bernardo he hum daqueles Monges que fazem todo o esplendor da nossa Provincia; e foi os centesimo sexagesimo que faleceo neste Mosteiro. Na Cidade do Porto nasceo em 14 de Fevereiro de 1703, [...] e por logo nos mais tenros annos o admiravaõ revestido de huma grande viveza, e agilidade, o aplicaraõ ao estudo da gramatica latina, da muzica, e instrumentos. Ainda naõ contava com doze annos de indade quando para evitar o castigo com que o mestre o obrigava as liçoens do Orgaõ, que ele por gênio natural aborrecia, se resolveo auzentar para Roma, acompanhado só da grandeza do seo animo.[...] deixou de viver aos 27 de Fevereiro de 1774 [...] sendo D. Abbade o M. R. P^{e}. Pr. Fr. Vicente joze de S. Catharina (DIETÁRIO, 1773, fólio 337).

166^{o} – O centesimo sexagesimo sexto Monge q' faleceo neste Mostr^{o}., foi o M. R. P. Ex Abb^{e}. Fr. Manoel do Nascim^{to}. Pinhaõ, natural desta Cid^{e}. [...] Ordenado Sacerdote no anno de 1736, veio p^{a}. [pera] este Mostr^{o}., onde frequentou o Choro, em q' era exactissimo, e m^{to}. [muito] útil, p^{a}. ser Muzico, e Organista. No Choro se ocupou, ate ter 16 anno de religião, quando entrou no Collegio de Artes [...] acabou seos dias com todos os Sacramt^{os}. a de Mayo de 1777, sendo Presid^{e}. [Presidente] o M. R. P. Ex Ab^{e}. [Abade] Fr. Vicente Joze de S. Catharina [...] accomettido de huã enfermid^{e}., q'o fez acabar deos dias com todos os Sacram^{tos}., a 26 de Março de 1778, nao contando ainda 50 annos de id^{e}. [idade], sendo a 1^{a} vez D. Abb^{e}. o N. R^{mo}. P. Ex Prov^{al}. [Provincial] Fr. Lourenco da Expectaáõ Valadares (DIETÁRIO, 1773, fólio 353).

184^{o} – Neste Mostr^{o}. faleceo o M. R. P. D. Abb^{e}. Fr. An^{to}. de S. Catharina, e foi entre os felecidos o centesimo octagesimo quarto. Nasceo nesta Cid^{e}. [Cidade] e foi receber o nosso S. Habito ao Mostr^{o}. da B^{a}. [Bahia]. Depois de Pr. veio p^{a}. este Mostr^{o}. ao q^{l}. [qual] sérvio no choro com a sua voz, e instrum^{to}. [instrumento], pois era Muzico, e tocava rebeca [rabeca], e orgaõ. [...] Ja desfalecido de forças, pelos seos mt^{os}. annos, pois contava com mais de 80, [...] vindo acabar entre os seos Irmaos, com todos os Sacram^{tos}. Em 12 de Dezbr^{o}. [Dezembro] de 1793, sendo a 3^{a} vez D. Abb^{e}. o N. R^{mo}. P. Ex Prov^{al}. Fr. Lourenço da Expectaçaõ Valadares. [...] (DIETÁRIO, 1773, fólio 369).

185^{o} – Foi o M. R. P. Ex Ab^{e}. Fr. Pedro de S. Joze o centesimo octagesimo quinto Monge falecido neste Mostr^{o}. Este Monge era natural de Ponte de Lima, Arcebispado de Braga. Tomou nosso Santo habito no Mostr^{o}. da Cid^{e}. do Porto em 28 de Novembro de 1728, tendo de id^{e}. [idade] natural 21 annos veio ter o Noviciado ao nosso Mostr^{o}. da Bahia, onde fez profissão, e depois veio ter o seu Colegio a este Mostr^{o}. completo, ele foi mudado p^{a}. o Mostr^{o}. da B^{a}. [Bahia] ahi sérvio alguns annos a Religiao no choro, cantando, pois era Muzico, e Organista.

> [...] Na Junta futura veio eleito M[e]. [Mestre] de Novicos deste Mostr[o]. [...] o conservarão os Prelados nesta Caza, á qual servia com a muzica, e orgão. [...] acabou seos dias, fortalecido com os Sacramentos da Igeja no 1[o] de Fevr[o]. [fevereiro] de 1795, contando oitenta e oito annos de id[e]., e secenta e sete de Religião, sendo D. Ab[e]. deste Mostr[o]. o N. R[mo]. P[e]. Pr. Fr. Lourenco da Expectação Valadares (DIETÁRIO, 1773, fólio 370).
>
> 191[o] – Foi o Ir. [Irmão] Chorista Fr. Manoel de Jesus Maria, natural de Guimaraens o centesimo nonagésimo primeiro Monge Falo. [falecido] neste Mostr[o]. Nele recebeo o santo habito [...] aos 19 de 8br[o]. [outubro] de 1794. [...] vetio o nosso santo habito tendo de idade 17 annos incompletos; [...] Era religioso organista principiante quando entrou na Religiaõ, acompanhando o Choro com bastante destreza. Como era inclinado a instrumentos muzicos, aplicouse a tocar flauta, e daqui procedeo enfermar do peito, de sorte que em breve tempo cahio em huma tizica, com a qual acabou a vida na flor da idade, [...] contando com 4 anos, e 7 dias de Religiaõ, e 21 annos completos de idade. Foi o dia de seu falecimento aso 28 de 8br[o]. pelas 10 horas da manhã, no anno de 1798. Sendo D. Abb[e]. o M. R. P. Fr. G[al]. [Geral] Fr. Luciano do Pilar (DIETÁRIO, 1773, fólio 377).

Frei Paulo da Conceição Ferreira, no *Livro Dietário do Mosteiro – 1773*, Códice 1161, fólio 267, ao tratar do resumo biográfico de Frei Marçal de São João, menciona-o como tangedor de órgão que aprendera essa arte com Frei Gonçalo de São João. Destacava-se também como copista dos grandes pergaminhos de canto gregoriano. Ainda neste mesmo *Dietário*, no fólio 278, encontra-se registrado o Monge Fr. Martinho da Conceição (?-1739), aceito por prenda de músico: “Por muzico foi aceite na Religião [...]”.

3.4.6.6. MONGES MÚSICOS DO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO

Ainda nesse mesmo Livro O *Dietário do Mosteiro de N. Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem do Patriarca S. Bento* – 1773, a primeira parte desse livro, intitulado “*Catálogo dos Prelados*”, ou seja, dos Presidentes e Abades que governaram esta Casa Beneditina durante o período de 1590 a 1792. Encontram-se, entre estes, abades, presidentes e monges músicos.

Na primeira metade do século XVII, existiu uma classe de canto para meninos neste Mosteiro, durante o triênio de Govermo do Abade Fr. Diogo da Silva: “Abrio nesta Igreja velha huã [uma] porta p[a]. servir de Classe aos meninos que aprendem a Cantar, [...] (Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 21).

Figura 300: Classe de canto para meninos no Mosteiro do Rio de Janeiro no triênio de 1648-1552
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.134, pag. 21.

Sendo o Mosteiro ainda presidência[441], o sexto Presidente, P^e^. Fr. Pedro dos Santos, que governou de 1633 a 1635, destacou-se como contrapontista e mestre da música.

O P.^eo^ Fr. Pedro dos Santos.
6º Prezidente

O Sexto Prezidente que governou esta caza mais dehum an-
no foi o P.^e^ Fr. Pedro dos Santos, filho desta Provincia, ereligi-
ozo Velho, excelente contrapontista, egrande mestre damuzica.

Figura 301: Presidente do Mosteiro de São Bento, excelente contrapontista e Mestre da Música
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário – Fólio 20.

O Mosteiro Fluminense, formou seus escravos em diversos ofícios e artes, até por medida de economia. Desta forma, o escravo tinha seu *status* elevado. Ao longo de sua existência, diversos organistas atuaram nos Ofícios Divinos deste Mosteiro, dentre os quais, alguns eram escravos organistas.

No *Livro dos Provimentos dos Monges e Escravos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*[442] – Códice 147, encontram-se registro de dois escravos organistas, Mathias e Ignácio, em 13 de junho de 1777. Neste mesmo livro, no período de 1782 a 1787, encontram-se listados diversos escravos organistas, entre os quais destacam-se: Mathias, Jeronimo, Bonifacio de Narciza, Joze Campista, José Roberto e Custódio Irmão. Logo depois, em 18 de janeiro de 1787, são citados: Mathis, Joze Roberto, Felizardo Pedro, Francisco Sacristão, Irmão Miguel. Os Monges Beneditinos, recebiam seus provimentos (tecidos) a cada dois anos. Contudo, de acordo com o *Livro da Rouparia* 1780, Códice

[441] Foram um total de dez presidentes desde a fundação do Mosteiro do Rio de janeiro.
[442] Livro conhecido também como *Livro da Rouparia*.

147, esses escravos também passaram a receber, sendo vestidos com roupas confeccionadas em linho e seda. A partir do ano de 1799 até 1813, encontram-se vários registros documentais de um escravo que é citado como Fran[co] [Francisco] Órgão. Cumpre salientar que em todos os livros os escravos organistas têm seus nomes destacados, como pode ser constatado a seguir no *Livro da Rouparia* 1780, Códice 148.

Organistas	Mathias	3	6	6
	Jeronimo	3	3	6
	Bonifacio de Narciza	3	3	4½
	Joze Campista		6	
	Custodio Irmão	76½	147	135

Figura 302: Provimento dos escravos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - 1783
Fontes: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 147, fólio 117.

Neste relatório da rouparia, revela como estes escravos organistas eram bem vestidos pelos beneditinos, seus roupas eram confeccionadas em linho e seda. Os itens contabilizados neste relatório são: linho, olanda[443], bactas, linhagem, estoupa.

Barbeiros	Dionizio da Conceição	3½	6	6
	Camilo de Lelis	3	3	6
	Bonifacio	3	3	5
Ferreiros	Anacleto	3	6	7
	Semiano	3	3	6
	Gabriel	3	3	6
	Giraldo Doido	3	3	6
Em fermª	Veridiano	3	6	6
	Joze Neves	3	3	6
Organistas	Mathias	3	6	[illegible]
	Joze Roberto	[illegible]	6	6
	Felizardo Pedr.	3	4	6
	Franco Sacristão	3	3	6
	Irmão Miguel	4	"	3

Figura 303: Provimento dos escravos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro - 1787
Fontes: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 147, fólio 128 verso.

[443] O mesmo que Holanda, que é um tecido de linho, muito fino, originário da Holanda.

Confirmando a atuação de negros-músicos, também se encontra, em um *Livro da Mordomia* do Mosteiro *de São Paulo*, o registro da importância de 4$480 réis, pagas a um negro pela “muzica” tocada em dezembro de 1762. Para a época, isso representava uma grande revolução; possivelmente, era consequência das normas baixadas pelo Marquês de Pombal restringindo a entrada de noviços, o que deve ter implicado a necessidade de se recorrer a escravos na liturgia, e recorrer a organistas contratados.

Os Mosteiros Beneditinos Brasileiros possuiram muitos escravos, os quais tinha enfermaria equipada e casa para morar; nos Mosteiros não haviam senzalas. No Mosteiro de Santos, o *Livro dos Assentamentos da Despesa da Sacristia, dos recebimentos da mesma, noticias de morte dos Religiosos, certidões de Missas e termos das visitas*, Códice 18, no fólio 133, cita menciona uma despesa com médico para os escravos em abril de 1860. Neste tempo, este Mosteiro era administrado pelo Abade de São Paulo, Fr. João de S. Bento Pereira, e sendo Procurador, o Sr. Antônio Gomes da Fonseca: “Ao Medico pelo tratam^{to}. [tratamento] dos escravos .   . 18$000”.

Ao Medico pelo tratam^{to}. dos Escravos 18$000

Figura 304: Pagamento a um médico por tratamento a um escravo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de Santos, livro não catalogado.

Esse cuidado com os escravos, por parte dos beneditinos, pode ser confirmado nos *Estados do Mosteiro do Rio de Janeiro*, triênio de Governo do Abade Fr. Antônio do Carmo, 1825 a 1829: “A Infermaria de nossos Escravos foi toda assoalhada de novo, alem de outros concertos, para seo melhoramento, tornando-se com todo o aceio [asseio], e commodos precizos aos enfermos.” (*Estado do Mosteiro*, 1825-1829, f. 5).

A Infermaria dos nossos Escravos foi toda
assoalhada de novo, alem de outros concertos, para
seo melhoramento, tornando-se com todo o aceio,
e commodos precizos aos enfermos.

Figura 305: Reforma na enfermaria dos escravos do Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. Bento da Bahia – Códice L^{o}. 337.

O *Dietário do Mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro da*

Ordem do Patriarcha São Bento – 1773, no fólio 129, descreve a situação enfermaria dos escravos, do Mosteiro Fluminense, na segunda metade do século XVIII, que estava em péssimo estado e foi equipada adequadamente.

Figura 306: Reforma da enfermaria dos escravos no Mosteiro fluminense
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 1161 – Livro Dietário **–** Fólio 129.

> A caza q' servio de Enfermaria dos escravos, era bem pouco apta p^{a}. o tal ministério, p^{lo}. [pelo] seo dezabrim^{to}, pequenez, e pouco asseio: mas a sua carid^{e}. [caridade] fez construir de novo hua bem regular, e cômoda Enfermaria, provendo a de todo o necessário a utilid^{es}. [utilidades] dos enfermos, como colxões, cobertores etc. E ainda mesmo aplicou p^{a}. enfermeiro, hum rapaz, q'mandou vir da Fazd^{a}. [Fazenda] dos Campos, a qm. [quem] leo Livros, e alguns intrumentos de Cirurgia, recomendado ao Cirurgiaõ do partido a sua instrucçaõ, q' com efeito remedeia em m^{tas}. [muitas] occaziões a falta dos Professores e a quellas pronta applicaçaõ q' devem ter os remédios (DIETÁRIO, 1773, fólio 129).

Segundo o monge historiador, Dom Mauro Maia Fragoso, as condições no Mosteiro Beneditino Fluminense permitiu que alguns escravos do Mosteiro adquirissem seus próprios escravos. O autor, em seu artigo intitulado "*Antônio Teles: escravo e mestre pintor setecentista, no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro"*, faz menção de dois

escravos, falecidos, pertencentes ao escravo Antonio Teles: Rita (1784) e Germando (1785). (FRAGOSO, 2013, p. 17)[444].

Os Congregação Beneditina Brasileira é considerada como "os arautos da abolição da escravatura do Brasil". No período entre os anos de 1780 a 1871, os Beneditinos Brasileiros, em seu pioneirismo abolicionista, determinou uma série de medidas no intuito de libertar seus escravos. Em 1867 o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, atendendo solicitação do Governo Imperial por ocasião da Guerra do Paraguai, alforriou vinte e nove escravos que se voluntariaram para servir a Pátria. E finalmente, em 29 de setembro de 1871, todos os Mosteiros Beneditinos Brasileiros libertaram seus escravos, quatro mil em todo o Brasil, antecedendo a Lei Áurea.

3.4.6.7. ORGANISTAS E MÚSICOS CONTRATADOS PELO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO

Durante o século XIX os Mosteiros Beneditinos Brasileiros passaram a contratar organistas leigos para seus Oficios Divinos. A principal razão desta medida se deve ao estado precário em que se encontravam os mosteiros, sem condições até de manterem seus órgãos de tubos e, principalmente, a falta de monges organistasem suas Casas.

A título de ilustração, em 1864, encontra-se registrado no *Livro de Despesas da Mordomia*, Códice 66, fólio 18 verso, o transporte de um pequeno órgão. Contudo, não é citada a origem nem o destino deste instrumento.

Figura 307: Carreto de um pequeno órgão para Mosteiro em 1864
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 66, fólio 18 verso.

Por carreto de 1 Orgaõ peq^{no}. [pequeno] q'. veio no dia de Feriados · · · // 2$000

No Natal de 1844 foi contratado o organista e organeiro Pierre Guigon (1803-1862). Guion chegou ao Rio de Janeiro em 1837, onde fundou a oficina de impressão musical Guigon & Cia em 1873. Nesta época também foram contratados Jaques, a respeito

[444] Artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a. 174, n. 485., Jan./mar. 2013.

do qual não se tem referência, e um Monge Franciscano (*Livro de Provimentos*: 1819).

Figura 308: Organista e organeiro Pierre Guigon que tocou no Mosteiro em 1864
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 147-148, fólio 178 verso.

> Por gratificação ao Organista Guigon, Jaques e Fr. Secis Franciscano que ajudaraõ a cantar a Missa da noite de Natal - - - - - - - - - - 86$000

Ainda no *Livro de Provimentos:* 1819, nesta mesma época foi contratado um Mestre de Cantochão para a formação dos Monges no coro.

Figura 309: Contratação de um Mestre de Cantochão pelo Mosteiro em 1864
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Códice 147-148, fólio 178 verso.

> Por d^{o}. [dinheiro] ao M^{e}. [Mestre] de Canto chão do mesmo anno . . . . . 120$000

Em 1864, um recibo avulso referente ao pagamento a um organista contratado pelo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro referente a dois meses de pagamento, o que sugere ter sido contratado para ser organista no dito Mosteiro.

Figura 310: Organista contratado pelo Mosteiro em 1864
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, Recibos avulsos: N. 29.

> Recebi do M^{mo}. [Muitíssimo] Rev^{o}. Senr. [Senhor] Pe. M^{e}. [Mestre] Procurador do Mosteiro de S. Bento como Organista do mesmo: os meses vencidos.
> Nov^{r}. e Dez^{bro}. A quantia de 40:000
> Rio de Jan^{o}. 2 de Jano. De 1864.
> [assinatura] Joaõ Julio Candido de Couto

3.4.6.8. ÓRGÃOS INSTALADOS NO MOSTEIRO FLUMINENSE DURANTE O SÉCULO XX

Quando os monges alemães, vindos da Europa para restaurar os mosteiros beneditinos brasileiros, chegaram ao Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, em 1903, ainda encontraram o órgão de tubos em funcionamento. A Figura 271, como também a Figura 275b, ambas já apresentada, mostram o uso do órgão de tubos por dois destes monges alemães que vieram para restaurar o Mosteiro Fluminense.

Em uma matéria jornalística[445] intitulada "*Reminiscências e saudades do Velho Órgão de 1777*", o monge organista Dom Plácido de Oliveira conta que tocou pela segunda vez neste órgão no dia 8 de dezembro de 1906. Nesta época, o órgão ainda estava em sua constituição original, constando apenas as alterações do século XIX. Em princípios de 1907, o órgão de Agostinho Rodrigues Leite foi considerado um instrumento sem concerto.

De acordo como documentos avulsos[446] encontrados no Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, em 1925 o Mosteiro Fluminense substituiu o órgão de tubos construído pelo organeiro pernambucano, Agostinho Rodrigues Leite, por um órgão alemão da firma Johann Klais (Bonn), que foi instalado no Coro Alto. A caixa do antigo órgão de tubos passou a servir como fachada para a nave da Igreja Abacial. O novo órgão de tubos, da firma alemã Johann Klais, possuía vinte e sete registros de vozes, dois manuais e pedaleira, e foram aproveitados os tubos do registro Principal sa fachada do antigo órgão de tubos de Agostinho Rodrigues Leite. O órgão de tubos Johann Klais funcionou até 1943, quando foram detectados problemas nos mecanismo em razão de ataques por cupins[447]. Este instrumento foi desmontado em dezembro de 1942 e substituído por um novo órgão de tração eletropneumática fabricado pelo organeiro Guilherme Berner[448], em sua oficina Santa Cecília (Rio de Janeiro). A seguir, apresentam-se duas fotografias desse órgão, que, devido a seu aspecto, ficou conhecido como "o monstruoso".

---

[445] Não existe alguma referência ao jornal em que foi publicada a matéria.

[446] Estes documentos avulsos não encontram-se catalogados, apenas agrupados como documentos relativos aos órgãos do século XX e são compostos por relatórios, orçamentos e recortes jornalísticos.

[447] Segundo o relatório, o cupin era um terrivel inimigo das madeiras europeias.

[448] Guilherme Berner (1907-1951), de origem alemã, foi aprendiz e posteriormente oficial na firma G. F. Steinmayer & Cia. Construiu órgãos de tubos no Rio de Janeiro, em São Paulo e em diversas cidades no Sul do Brasil. A fábrica do construtor Guilherme Berner localizava-se a Rua Barão S. Francisco, 212, Rio de Janeiro.

a)

b)

Figura 311: Órgão Johannes Klais do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro
a) Fachadas: lateral e da nave
b) Desmontagem do órgão em 1942
Fontes: Acervo fotográfico do autor – Arquivo fotográfico do AMSB/RJ.

Em 1943 o monge organista Dom Plácido de Oliveira realizou uma campanha para levantar recursos para a ampliação do órgão de tubos, quando seriam aproveitadas partes do órgão Klais e alterado o "Órgão da Coroa". Devido a arquitetura de sua caixa, que possui como teto, uma grande coroa, este órgão de tubos recebe, pelo organista titular do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro Dom Plácido Gomes de Oliveira, o nome de "Órgão da Coroa", como ainda é conhecido atualmente.

Curiosamente, Dom Plácido equivocou-se ao afirmar que o Órgão da Coroa era de manufatura portuguesa "fabricado em Lisboa", assim como também ao citar o ano de "1777" como sendo a data de construção. A seguir, pode-se constatar esse equívoco através do folder de doções para a arrecadação de fundos para a construção do novo órgão de tubos.

Figura 312: Folder restauração do "Órgão da Coroa" em 1943
Fonte: Acervo fotográfico do autor – AMSB/RJ, documentos avulsos.

O plano de construção do novo órgão de tubos da Firma Guilherme Berner foi elaborado em quatro etapas pelo organista titular do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Dom Plácido de Oliveira. Segundo relatório, existiam nesta época somente a caixa e 21 tubos do registro Principal da fachada do órgão de Agostinho Rodrigues Leite. Este novo projeto compreendia um instrumento de quatro manuais, com a seguinte distribuição dos registros de vozes: Manual I, 12 registros (784 tubos); manual II, 10 registros (504 tubos); manual III, 17 registros (1.240 tubos) e pedaleira com 14 registros (192 tubos); totalizando 2.720 tubos. Do órgão Johann Klais, anterior a este, foram aproveitados 26 registros de vozes. A primeira etapa do novo órgão de tubos foi inaugurada com um concerto em 6 de maio de 1944.

Em uma segunda etapa (1956) foi acrescentado um manual IV, 11 registros (836 tubos). Os tubos deste IV manual foram inseridos no Órgão da Coroa. A princípio, o

Órgao da Coroa tinha sua independência, tendo deu manual e uma pedaleira inserida. Posteriormente, o Órgão da Coroa, perdeu este manual e os puxadores de registros, sendo somente tocado através do IV manual do consolo. Em sua formatação final, o novo órgão do organeiro Guilherme Berner totalizaria um conjunto de 68 registros de vozes e 3.680 tubos., e seu custo total cehgou ao valor de Cr$ 206.000,00[449].

a) b)

Figura 313: Órgão Guilherme Berner do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro
a) Uma das fachadas do órgão
b) Consolo do órgão, com seus quatro manuais
Fontes: Acervo fotográfico do autor.

Houve sempre desvelo em possuir um órgão de tubos na Abadia Fluminense e garantir a manutenção e conservação desses instrumentos. Atualmente, o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro mantém em seu quadro de funcionários o organeiro José Joaquim Marçal para a manutenção constante do órgão de tubos.

Até onde foi possível apurar, em todos estes séculos de existência do Mosteiro Fluminense, existiram tres órgãos de tubos históricos de grande porte, um órgão de porte desconhecido (1652), três órgãos realejos, dois órgãos em suas fazendas, e dois órgãos de tubos modernos instalados no século XX. Até os dias atuais, seus Ofícios Divinos são realizados em cantochão (latim e português) e acompanhados ao órgão de tubos.

[449] Cruzeiro, moeda vigente no Brasil entre os anos de 1942 a 1964.

3.4.7. O MOSTEIRO DE N. SRA. DA ASSUNÇÃO – (SÃO PAULO – SÃO PAULO)

Figura 314: O Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de São Paulo, em 1882
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Fotografia de Militão Augusto de Azevedo / www.arquiamigos.org.br

Em 1554 os Padres Manuel da Nobrega e José de Anchieta, juntamente com um grupo de Jesuítas, chegaram ao Planalto de Piratininga a fim de catequizar os índios da região. A principio construíram um barracão de taipa de pilão, e dois anos depois ergueram uma igreja e colégio. A data oficial da fundação de São Paulo é considerada como sendo 25 de janeiro deste mesmo ano, quando celebraram a primeira missa. Ao redor da igreja e do colégio formou-se uma povoação que viria a ser a Vila de São Paulo. Somente em 1681 São Paulo foi considerada cabeça da Capitania de São Paulo e, em 1711, a Vila foi elevada à categoria de Cidade.

O Mosteiro de São Bento de São Paulo, Orago de nossa Senhora da Assunção, foi o quarto na sequência de fundação da Província Brasileira, para tal, foi enviado à Vila de São Paulo Irmão Frei Mauro Teixeira a fim de sondar a possibilidade de fundação de um Mosteiro. Foi construída uma ermida pelo Irmão Fr. Mauro Teixeira. Dois anos depois, foi enviado Fr. Mateus da Ascenção a Capitania de São Vicente para edificar um mosteiro. A Câmara cedeu terras a título de "carta de chãos de sesmaria para o sítio do convento", em doação perpétua, em 9 de maio de 1600. Somente em 14 de maio de 1635, no Capítulo

Geral, o Mosteiro de São Paulo teve seu reconhecimento jurídico pela Congregação Beneditina de Portugal, sendo então eleito seu primeiro Abade, Fr. Álvaro Carvajal, filho de nobre família de Sevilha, Espanha.

O crescimento da Cidade de São Paulo somente iniciou-se na segunda metade do século XIX, quando foi construída a Ferrovia Santos-Jundiaí. Situada em uma posição estratégica, sendo passagem obrigatória entre o porto e as rotas de escoamento do café, resultou em uma modernização radical de sua estrutura urbana e de um crescimento econômico. Em consequência destes fatores, durante muitos anos o Mosteiro de São Paulo foi uma casa pobre em recursos financeiros. Somente no século XX o Mosteiro Paulistano teve esta situação financeira modificada, quando então se construiu sua nova Abadia.

Segundo o historiador catarinense Affonso de d'Escragnolle Taunay[450], em *História Antiga da Abbadia de S. Paulo*: 1598-1772, até 1646 os monges beneditinos viviam em uma "modestíssima" Abadia, uma igreja "minúscula" e "paupérrima", se sem algum conforto. Esta igreja era a mesma desde a fundação do Mosteiro, e neste momento, a comunidade paulistana era composta por sete membros e quatro celas[451]. Aos 17 de janeiro de 1650, quando era Presidente do Mosteiro o Frei Feliciano de São Tiago e Prior Fr. Jeronymo do Rosário, o Bandeirante Fernão Dias Paes Leme[452], fez um generosa doação para uma nova Igreja. Esta intervenção na Abadia garantiu a sua existência. (TUNAY, 1927, p. 72). Foi lavrado um documento entre as partes e, de acordo com este, ficou firmado que da parte de Fernão Dias Paes Leme seria construída uma nova Igreja Abacial, de invocação de Nossa Senhora de Monserrate, acabada de todo o necessário. Em troca, da parte do Mosteiro, seria dado ao Bandeirante Fernão Dias Paes Leme, e a seus herdeiros e descendentes, a Capela-mor da Igreja, na qual se faria uma carneira para ele e seus

---

[450] Affonso de d'Escragnolle Taunay (1876-1958) foi um biógrafo, historiador, ensaísta, lexicógrafo, romancista e professor brasileiro. Atuou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Academia Paulista de Letras, na Academia Portuguesa de História e como correspondente de Institutos Históricos estaduais, o que possibilitou a Afonso Taunay grande dedicação aos estudos historiográficos, especialmente ao bandeirismo paulista, ao Período Colonial Brasileiro e à literatura, ciência e arte do Brasil.

[451] Celas são os quartos de cada monge dentro do claustro.

[452] O bandeirante paulista Fernão Dias Pais Leme (c. 1608-1681) provavelmente nasceu nas cercanias de Sao Paulo, conhecido como "O Caçador de Esmeraldas", é considerado como o mais renomado bandeirante, juntamente a Antônio Raposo Tavares.

herdeiros legítimos. Entre estas coisas necessárias para nova Igreja, ficou-se determinado: a dita Capela-mor, ornada e com seu retábulo; os ornamentos, os lampadários e tudo mais necessário ao ministério do dito altar; o corpo da Igreja com sua torre e seu coro alto; e o púlpito, os bancos e as grades da Igreja. Então, foi construída a nova Igreja, com dois altares colaterais: a Santo Amaro (lado do Evangelho), e a São Bernardo (lado da Epistola). Também foram construídos novos dormitórios para os monges. (TUNAY, 1927, p. 80).

Esta Igreja Abacial foi derrubada, conservando-se somente a torre, e construída uma nova Igreja durante o governo do Abade Fr. Miguel de S. Rita, 1760 a 1762. Como os custos excederam ao arrecadado para a obra, gerando dívidas para o Mosteiro, foi suspenso seu governo pelo Padre Visitador.

A seguir, duas fotografias revelam a parte externa e interna da Abadia, assim como também uma parte externa do claustro do Mosteiro de São Paulo em diferente épocas.

Figura 315: Abadia de S. Bento de São Paulo em 1830[453]
Fonte: Acervo fotográfico do autor – TUNAY, 1927, p. III.

[453] Coleção do Museu Paulista – Atrib. a Miguel Benicio de A. Dutra.

Figura 316: Abadia do Mosteiro de São Bento de São Paulo[454]
Fonte: Arquivo do Mosteiro de São Bento de São Paulo.

[454] Fotografia de autor e data desconhecidos.

Figura 317: Abadia do Mosteiro de São Bento de São Paulo – 1862-1863
Fonte: Fotografia de Militao Augusto de Azevedo / Acervo Biblioteca Mario de Andrade.

No Arquivo Distrital de Braga, em Portugal, encontra-se uma planta da propriedade dos Mosteiro de São Bento de São Paulo, datado do ano de 1787, de autor desconhecido, que indica as partes do mesmo, segundo a legenda a seguir.

A. Rua nova da S. Bento chamada da alegria

B. Portão que serve de passage pera o Rio, ou serventia do Mosteiro pera o Rio

C. Quintaes das Cazas

D. Rua que vai pera o Rio

E. Igreja do Mosteiro

F. Ribanseira que fica sobre o Rio

G. Igreja do Mosteiro

H. Portaria do Mosteiro

I. Portaria chamada do carro

J. Enfermaria dos Escravos

K. Portao que serve de passage pera a Sta. Enfermaria

L. Pateo do Mosteiro.

Figura 318: ***Estados do Mosteiro de Santos*** **– Planta do Mosteiro de São Paulo**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, fólio anexo.

A primeira referência à arte organística deste cenóbio é o registro de um gasto em manutenção constante *Livro do Depósito*[455] 1730-1784 (Códice 24), no *Estado do Mosteiro de S. Bento de São Paulo*: no triênio de governo no Abade Fr. João de Sam (São) Domingos, que tomou posse em primeiro de março de 1754.

Figura 319: Primeiro registro de um órgão de tubos no Mosteiro de São Paulo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 24, fólio 31.

Concertou-se o orgaõ, e ficou capaz p^{a}. se Louvar a D^{s}. [Deus].

[455] O arquivo do Mosteiro de São Paulo mantem as cópias originais de seus “Estados”.

Considera-se este órgão realejo como o primeiro do Mosteiro São Bento de São Paulo. Não se sabe a data da compra, origem e nem o construtor deste órgão realejo. Segundo o cronista beneditino Frei Angelo, ao tratar das diversas modificações realizadas na Igreja Abacial e do Mosteiro paulistano, no item intitulado "*Do Choro desta antiga Igreja*" reserva três tópicos narrativos relacionados às necessidades e realidades do coro:

> **55.** Para a bôa ordem e disposição desta Igreja por ser de monges que devem gastar tempo em oração e recolhimento como é do seu antigo Instituto, também era necessário, que na Igreja deste Mosteyro houvesse choro, nas quaes os monges satisfizessem as suas obrigações, e para isso se fez naquele tempo pelo modo possível, que permitia a terra, um choro, no qual, por nao ser muito grande, nem muito pequeno, puzeram três archibancos para assento dos monges, e uma estante grande para o Psalterio, tudo á moda antiga, sem galanteria e feitio.
>
> **56.** Na parede do frontispício para dar claridade a este choro abrirão rasgadas, grandes, as quaes pelo tempo adiante vierão ter portaes de pedra, porque não costumavão muito mais pela falta que experimentava a Cidade delas e muito dificultosa a conducção para virem carros da mesma maneira tosca, importava a conducta delas, em qualquer carrada, que davão quatro mil réis, mas contudo sempre houverão Prelados, que vencendo todas as difficuldades e despesas pelo seu nimio zello mandarão fazer nesta antiga Igreja, e as janelas do mesmo choro de pedras, posto que com a obra liza, e sempre ao antigo, que por ser ja muito antiga a obra e pouco segura se veyo por ultimo a desfazer toda, e fazer-se de novo.
>
> **57.** No choro, pelo tempo adiante, veyo sempre a ter grades de pau torneadas, e com suas moldura levantadas, devendo-se ao zello do Pe. Preg. Frei José da Encarnação, Prelado que então era deste Mosteyro segunda vez no anno de 1733; e nelle também ha um realejo, ou Orgão que se deve ao cuydado e zello do Pe. Preg. Fr. Antonio da Madre de Deos, D. Abbade, que havia sido deste Mosteyro, e ao depois faleceu no dia 1º de janeiro sendo Prelado delle no anno de 17.. [?] (TUNAY, 1927, p. 146).

Em 28 de julho de 1757 foi contratado um organista para a Festa de Santa Ana , segundo registro contábil registrado no *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Bento de São Paulo: 1757-1764* (Códice 2), no fólio 8 verso.

Figura 320: Primeiro registro de um órgão realejo no Mosteiro de São Paulo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 2, fólio 8.

Pasteis	Em o d°. [dito] por dinr°. [dinheiro] pª. [pera] pasteis para o almoço do Organista em dia de S. Anna 80 ———————— v080 [$080]

O *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Bento de São Paulo*: *1764-1781* (Códice 3) registra diversos gastos com reformas neste órgão realejo. A seguir, destaca-se um destes consertos realizado neste órgão de tubos.

Figura 321: Gasto em pelica para o órgão realejo em 14 de dezembro de 1770
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 104.

Obras	Em d°. [dito] huã [uma] pele de pilica [pelica] pª. o Orgam trezentos e secenta ———————————————— v360

3.4.7.1. A DOAÇÃO DO ÓRGÃO DO MOSTEIRO DO RIO DE JANEIRO

As obras de instalação do novo órgão de tubos doado ao Mosteiro de São Paulo começaram em 1776, tendo seu primeiro registro documental de despesa no dia 16 de maio desse mesmo ano. Era abade do Mosteiro Paulistano o Frei Dom Gaspar da Soledade e Matos, que governou durante dois triênios, de 1772 a 1778, quando teve início o processo de recebimento e instalação do órgão doado. O instrumento doado pelo Mosteiro do Rio de Janeiro foi reparado, construída um nova caixa do órgão de tubos, e ampliados seus registros de vozes. No *Livro da Mordomia* – 1764-1781, Códice 3, fólios 219 a 223, encontram-se vários lançamentos de despesas referentes a essa obra, tais como: compra de

madeiras para o órgão de tubos, pagamentos ao carpinteiro e compra de seis arrobas e vinte e quatro libras[456] de chumbo para o órgão doado. Não está discriminado no *Livro da Mordomia* a que se destinava essa compra de chumbo, mas, como se trata de uma grande quantidade desse material, sugere que houve reparos e construção de novos tubos de metal, e aponta um possível aumento do número de registros do órgão. Também foram compradas madeiras, que podem ter sido usadas reparos e para a confecção de tubos de madeira. Quanto à caixa nova do órgão de tubos, foi construída pelo Mestre Manuel Joaquim Xavier, que realizou outras obras de marcenaria para o Mosteiro de São Paulo, cuja Abadia estava sendo reconstruídanesta mesma época. Em suma, pode-se constatar que tratava-se de um instrumento de um certo porte, considerando-se a quantidade de madeira usada na construção da caixa. Segundo registro nos livros do Mosteiro de São Paulo, foram usadas vinte e quatro tábuas de cedro (cada uma – acreditamos – com 30 cm de largura) para o teto do órgão de tubos.

Estes dados confirmam a tipologia e porte do órgão tubos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, tratado anteriormente (página 390), adquirido no início do século XVIII. Portanto, este instrumento era um órgão fixo de igreja.

O transporte de recebimento do órgão de tubos doado pelo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro aconteceu durante o governo do Abade Fr. Gaspar da Soledade Mattos, que durou dois triênios, de 1772 a 1778. No item "Descarga do Depósito" do *Estado do Mosteiro*[457], no Governo de Fr. Gaspar Mattos, encontram-se listados os gastos referentes a vinda e instalação do novo órgão de tubos.

Ratificando a informação tratada anteriormente, a condição para de recebimento desta doação do órgão de tubos do Mosteiro Fluminense, seria a doação do órgão realejo do Mosteiro Paulistano ao Mosteiro de Santos, em São Paulo. O recebimento e conserto deste órgão realejo será tratado no subcapítulo reservado ao Mosteiro de Santos.

---

[456] Sistema de medida de massa usado em Portugal, À época, uma arroba equivalia a 14,688 kilogramas e uma libra, em torno de 460 gramas.

[457] O primeiro *Estado do Mosteiro de São Paulo*, arquivados no arquivo distrital de Braga, Portugal, data do triênio 1726 a 1730.

Figura 322: Gastos com a instalação do novo órgão recebido por doação no triênio de 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, p. 186.

> Em fretes, e consertos do novo orgaõ, q' veio do Rio de Janr^{o}, [janeiro], pregos, madr^{as}. [madeiras] p^{a}. [pera] a caixa, xumbo; official q' a fes, e ao M^{e}. [Mestre] q' o assentou, e ao muzico de o afinar, duz^{tos}. [duzentos], e quarenta, e hum mil, e sincoenta, e cinco r^{s}. [réis] .... 241$55

A título de curiosidade, alguns profissionais da época recebiam nomes diferentes dos atuais. No texto anterior, o termo "official" refere-se ao ofício de carapina, atualmente, marceneiro, assim como ao se grafar "Mestre", com letra maiúscula, trata-se do Mestre Organeiro.

Ainda no mesmo relatório trienal, em "*Obras feitas na Igreja*", encontram-se mais detalhes sobre reformas no coro, assim como também da instalação, e aumento do órgão de tubos vindo do Rio de Janeiro.

Figura 323: Reforma no Coro e conserto da Infiltração sobre o órgão sobre no triênio de 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, p. 191.

> **Igreja**
>
> Acabou-se a impena [empena] do frontespicio da Igr^{a}. [Igreja] do óculo, p^{a}. [pera] sima [cima], e neste fesse [fez-se] de novo hua moldura redonda, obra de olaninaria. Po-se-lhe hua vidraça em castilho de chumbo?, p^{a}. vedarem as agoas [aguas], q' entravaõ no coro, causando gravíssimo prejuízo á orgaõ.

Figura 324: Instalação do órgão no coro no triênio de 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 24, fólio 93.

Acrescemtou-se no meio do coro hum coreto sobre novo vigam^{to}. [vigamento], fazendo-de a novos balaústres, p^{a}. [pera] circular este acrescemtam^{to}. [acrescentamento] e acompanhar a mesma ordem dos demais; p^{a}. asentar-se o novo orgaõ de doze, que nos proueio [proveio] do Mostr^{o}. do Rio de Janr^{o}. [Janeiro] e por baixo se fez hum cano de Madr^{as}. [madeiras]; p^{a}. conduzir-se o vento da caza dos foles, q' fica a p^{te}. [parte] dir^{ta}. [direita] do coro; p^{a}. o mesmo orgaõ. Esta obra foi m^{to}. [muito] emport^{e}. [importante] ja p^{la}. [pela] conducaõ do mesmo orgaõ do Rio, p^{a}. este mostr^{o}. como p^{los}. [pelos] oficiaes que ó concértaraõ, assentaraõ, e o afinaraõ, como também p^{la}. excel^{e}. [excelente]; e bem acabada caixa de fora; obra completa, e m^{to}. Asseada. P^{a}. solidar-se o coro, e nao tremer o orgaõ se puzeraõ quatro colunas de vigas por de baixo das duas madres, q' o sustentaraõ; assentadas sobre pedras de cantaria.

Figura 325: Continuação da instalação do órgão no coro no triênio de 1772-1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 24, fólio 93.

> Fe-se hum S^{to}. Christo p$^{a.}$ o coro bem obrado, e m^{to}. [muito] milhor incarnado, com olhos de vidros, q' por sua devoção e deo o Re^{v}. Pe. Fern^{do}. [Fernando] da M^{e}. [Mae] de D^{s}. [Deus]. Foi eslocado na caixa do orgaõ em huã cruz romana bem feita e pintada de preto, fingindo jacarandá, com seos refundidos em toda a cruz, e remates doirados. P^{á} vener^{m}. [veneração]; q' pede esta imagem, q' ficou inter^{a}. [inteira] m^{to}. [muito] completa com seo diadema prateado, e ramos doirados, e coroa de espinhos, tando na mesma caixa do orgaõ banqueta, p^{a}. velas; se pós huã Lampada de lotam com todo e preparo necessário. [...]

No triênio seguinte, 31 de março de 1778 a 21 de março de 1781, governo do Abade Fr. Joseph de Elvas Maria Campos, em "*Obras que se fizeram na Igreja*" continuaram o serviços relativos a instalação do novo órgão de tubos.

Figura 326: Casa dos foles e banco para o organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, p. 216.

> 31 - - Fes-se hua porta liza com sua feichadura p^{a}. a Caza dos foles do Orgaõ, consertaraõ se p^{r}. [por] alguas vezs os d^{os}. [ditos] foles
>
> 32 - - Fes-se hum banco com seu degraô, e pintousse p^{a}. assento do organista

Figura 327: ***Estados do Mosteiro de São Paulo*** **1778-1781 – Continuação da instalação do órgão no coro**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Mosteiro de S. B. de São Paulo - Fólio 106.

> Fizeraõ se mais duas portas de almofadas p^{a}. o coro: huã q'. serve p^{a}. a entrada, e outra, q'. se comunica p^{a}. a torre, e corredor das tribunas. Fese [fez-se] huã porta lisa com sua fexadura p^{a}. a caza dos folez [foles], e consertaraõ se por algumas vezez os d^{os}. [ditos] folez. Fese hum banco com seo degrao e pintou se p^{a}. assento do organista.

Deste lançamento de obras, e mesmo em relatórios semestrais seguintes, são registrados vários consertos nos foles deste órgão de tubos. Não se sabe a origem destes foles, se vieram do Rio de Janeiro, ou se foram construídos pelo mestre organeiro quando da instalação do órgão de tubos no Mosteiro de São Paulo. Foram realizados mais serviços de manutenção e de preservação do órgão de tubos. Um fator que sempre foi causa de reparos nos órgãos brasileiros, citado anteriormente, e que justifica essa série de consertos nos foles do órgão, era o excesso de humidade do clima no Brasil.

Figura 328: Cuidados com o órgão – Triênio de 1781-1784
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, p. 247.

> Fes-se hua cupulazinha de Madr[a]. [madeira] com sua sanefas do espaldar do Orgaõ p[a]. cobrir o S[to]. Christo. A alampada de latão do dito S[to]. Christo do choro trocou-se por outra nova do mesmo metal a moderna. Cobrio-se de pano emurado o Orgaõ por sima p[a]. livrar os canudos[458] do pó.

Figura 329: Concertos dos foles do órgão no triênio de 1781-1784
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, p. 247.

> Consertaraõ-se por varias vezes os foles do Orgam.

No último relatório trienal, encontrado no Arquivo Distrital de Braga, registra mais um conserto aos foles desse órgão de tubos. Dessa vez, os monges foram mais precisos no relatório, citando a causa dos constantes consertos dos foles.

[458] Em Portugal, assim como também no Brasil Colonial, os tubos do órgão eram chamados de “canudos”, e seu conjunto, canarias.

Figura 330: Os constantes reparos nos foles – Triênio de 1790-1792
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga - Monástico, C.S.B - Liv.144, p. 273.

> Se fez hum bom conserto nos foles do Orgam, todo de pregaria doirada para melhor segurar o coiro [couro], visto o estrago continuo que faziam as humidadas [humidades]. Fizeram-se alguns concertos nos telhados da Igreja, e da torre, e do Mosteiro.

Supõe-se que os consertos relativos aos telhados da igreja sejam a causa dos vários reparos realizados nos foles desse órgão de tubos, causados pela humidade.

3.4.7.2. A INSTALAÇÃO E AUMENTO DO ÓRGÃO DOADO AO MOSTEIRO DE SÃO PAULO

A instalação e aumento do órgão de tubos doado pelo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro ao Mosteiro Beneditino de São Paulo somente teve seu início em maio de 1776. No *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Bento de São Paulo*: 1764-1781, Códice 3, estão registrados diversos gastos para esse serviço de organaria. Não se sabe o percurso que o frete fez para levar o instrumento de um para outro Mosteiro. A melhor possibilidade de deslocamento seria por mar até a Cidade de Santos, e depois por terra até a Cidade de São Paulo.

Para a instalação do novo órgão de tubos foram necessárias obras no coro da Igreja para poder assentar o instrumento. Os lançamentos contábeis conjuntos ao do órgão de tubos revelam a reforma geral feita no templo do Mosteiro Paulistano. Destacam-se as principais obras realizadas no coro nesta época: novas portas para a Igreja, tribunas laterais, cortinas para o coro, o Cristo do coro, a balaustrada do coro e vidros para as janelas.

Devido a contabilidade precisa e detalhada dos livros beneditinos se tornou possível acompanhar todo o trabalho de instalação no novo órgão de tubos, saber valores, tempo de duração da obra, e materiais necessários. No rol de lançamentos, os lançamentos referentes a esta obra são lançados seguidos do termo “para o órgão”. A seguir, transcrevemos os lançamentos contábeis.

Os dois primeiros destes lançamentos contábeis registrados foram em compras de pelicas, usadas nos foles, someiro e válvulas, e pregos no mês de maio de 1776: “Pelica – Em dº. uma pelica pª. o orgam, pataca —// $320 / Pregos – Em dº. 25 taixas [taxas] riperes [ripares] pª. o mesmo, Secentas —// $060” (Códice 3 – Fólio 197 verso).

Figura 331: Compra de materiais: pelicas e pregos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 197 verso.

Na sequência dos lançamentos dos gastos, a partir do mês de junho, como esperado por se tratar de um instrumento constituído em grande parte por madeiras, sejam nos tubos, nos mecanismos e na caixa (Códice 3, fólios 198 a 203).

- Pregos - Em dº. meio cento de pregos caixares pª. o orgam meia P^{ca}. —// $160 (f. 198);
- Pregos - Em dº. cento de taixas [taxas] ripares[459] pª. o orgam; —// $160 (f. 198v);
- Pregos - Em dº. cem taixas meios ripares pª. o organo, Cento e Secenta rs. $160 (f. 203);
- Pregos - Quinta frª. [feira] 5 do dº. taxas ripares, cento e quarenta rs pª. o orgam —// $140 (f. 203);
- Pregos - Em dº. taxas ripares pª. o orgam, duzentas, a 14v [vinténs], duzentos, e oitª. [oitenta] rs. —// $280 (f. 203).

Do fólio 203 verso ao fólio 217 não existe algum lançamento das obras do novo órgão de tubos. A partir do fólio 217 verso, ainda no ano de 1776, continuam os lançamentos de gastos relacionados com a instalação do órgão de tubos:

- Arame Por dº. pª arame do Organo, seis vintens [vinténs] . . . . v120.

No fólio 219, encerrando o ano de 1776, encontra-se um último pagamento deste ano a um carpinteiro.

[459] Pregos ripares e/ou taxas ripares eram usados para caibros e ripas.

Figura 332: Pagamento de jornadas de trabalho ao carpinteiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 219.

Jornal   Por mil malhadura[460] ao carpint^{o}. do Organo, quatro mil reis 4$000

Somente a partir de 16 de maio de 1777 continuam os gastos realizados em compras de materiais, pagamentos de jornadas de trabalho do organeiro Mestre Joaquim Xavier. Sobre este mestre na construção e serviços de órgãos não existe alguma referência.

Figura 333: Pagamento de jornadas de trabalho
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 221.

Jornal   Por huma doblo q' dei ao M^{e}. [Mestre] Joaq^{m}. [Joaquim] Xavier a Conta do Seg^{da}. [segunda] empreytada do Organo em 16 de Mayo 1777 - - - - - - - - - - - - - - - - 12$800

Figura 334: Jornais de trabalho do organeiro
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 221 verso.

Jornal   Por d^{o}. q' se deu ao M^{e}. Joaq^{m}. Xavier a Conta do Organo oito mil reis - - - - - - - - - - - - - - 8$000

Figura 335: Gastos em arame após o dia 11 de agosto de 1777
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 221 verso.

Arame   Por 4 v^{as}. [varas][461] de arame grosso p^{a}. Organo, a 16^{o} rs seis centos e quarenta - - - - - - - - - - - - - - - - 8$000

[460] Malhadura, o mesmo que "ação de fazer".
[461] Vara é uma das unidades de medida de comprimento usado em Portugal, sendo aquivalente a 1,1 metro.

Figura 336: Compra de diversos materiais para o novo órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 221 verso.

Obras	Por 11 Bambolins[462] torneados p^{a}. o Organo, cento e vinte $120
Tinta	Por 6 onças de galhas, 4 de caparroza, huma de gomarabia p^{a}. [pera] tinta quatro centos e oitenta - - - - $480

Figura 337: Mais jornais do organeiro e tranca para o órgão
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 221 verso.

Jornal	Por dr^{o}. q' se pagou da empreitada da caixa do Organo ao M^{e}. Joaq^{m}. X^{er}. [Xavier], a quatro mil e oitocentos - - - 4$800
Jornal	Por dr^{o}. q' se pagou [...]
Jornal	Por 4 trancas p^{a}. o Organo ao a 320 rs mil e duzentos e oitenta 1$280.

Após 27 de janeiro de 1778, encontram-se uma série de pagamentos referentes a jornadas de trabalho do organeiro Mestre Joaquim Xavier e também a materiais para o novo órgão de tubos:

[462] Bambolim, o mesmo que sanefa.

Figura 338: Mais jornais do organeiro e outras despesas com o órgão em 1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 223.

Jornais	Por 2 dias de jornais a M^{e}. Joaq^{m}. X^{er}. no Organo, a 480 rs nove centos e sec^{ta}. [sessenta] - - - - - - - - - - - - - - -- - - - -	2$960
Feixadura	Por 1 feixadura p^{a}. o Coro, seiscentos e vinte reis - - - -	$600
Jornais	Por 6 dias de jornais a Joaq^{m}. X^{er}. dous mil e quatrocentos reis	2$400
Jornais	Por 4 dias de jornais ao M^{e}. Joaq^{m}. X^{er}. mil novecentos e vinte	1$920

Figura 339: Mais jornais do organeiro e outras despesas com o órgão em 1778
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, Fólio 223.

Jornais Por 3 dias de jornais a Joaq^{m}. X^{er}. mil e duzentos reis - - - - 1$200

Jornais Por mais 4 dias ao d^{to}. [dito] mil e seis centos reis - - - - - 1$200

Obras Por 4 Balaustes p^{a}. o Coro, a 160, seiscentos e quatro centos reis - $640

Jornais Por 6 dias de jornais a Joaq^{m}. X^{er}. dous mil e quatrocentos reis 2$400

Jornais Por 6 dias de jornais ao d^{to}. . dous mil e quatrocentos reis - - - -2$400

Pelicas Por 4 pelicas p^{a}. o Organo a 320 mil duzentos e oitenta reis - - -1$280

Jornais Por 4 dias ao M^{e}. Joaq^{m}. X^{er}. mil seiscentos reis - - - -- - - 1$600

Pregos Por 1 quarteis de pregos meyos ripares p^{a}. o Organo, quatrocentos reis $400

Os lançamentos das despesas continuam fólio 223 verso:

Figura 340: Mais materiais – Madeiras, chumbo e táboas
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3 – Fólio 223 verso.

Jornais Por 6 dias ao M^{e}. Joaq^{m}. X^{er}. dous mil e quatrocentos reis 2$400

Obras Por 18 coseceiras a 1.360 rs a dúzia p^{a}. o Organo, dous mil e quarenta reis - 2$040

Obras Por 24 taboas de sedro [cedro] p^{a}. forro do Organo a 1.280 rs a dúzia dous mil quinhentos e secenta reis - - - - - - - - - - - 2$560

Xumbo Por 6 arrobas e 8 l^{os}. [litros] de xumbo p^{a}. o Organo a 2.400 rs quinze mil reis -15$000

Madr^{as}. Por 4 cambotos[463] de sedro p^{a}. o Organo a 800 rs três mil e duzentos reis - 3$200

Três outros trabalhadores na instalação do órgão de tubos são citados, contudo, não são referidas as suas funções, ou ofícios, na obra. Um dos oficiais citados é um organeiro chamado Bernardino.

[463] Camboto, o mesmo que perna fina.

Figura 341: Jornais de trabalho pagos a Mestre Joze da Costa
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 223 verso.

Jornais Por d^{o}. q' se deu a M^{e}. [Mestre] Joze da Costa a conta do Organo, em telhas doze mil e oito contos - - - - - - 12$800

Figura 342: Jornais de trabalho pagos ao organeiro Bernardino e a seu irmão Ignácio
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 223 verso.

Jornais Por d^{o}. q' dey ao Bernardino de afinar o Organo, 8000 rs e a seu irmaõ Ign^{co}. [Ignácio] 4000 rs, doze mil reis - - - - - 12$000

O lançamento seguinte, relativo a compra de uma certa quantidade de chumbo, não cita a destinação. Contudo, pode ter sido um erro de registro ou seria para as janelas.

Figura 343: Compra de chumbo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 223 verso.

Xumbo Por 4 arrobas e 24 l^{os}. [litros] de xumbo, a 1000 rs o quintal, onze mil oitocentos e setenta e cinco reis - - - - - - 11$875

No *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Bento de São Paulo*: 1764-1781, fólio 238 verso, encontra-se o lançamento de compra de pregos: "Pregos – Em d^{o}. Pregos p^{a}. a caza dos foles vintém --- $020". E, no fólio 250 verso, um último pagamento a Mestre Joaquim Xavier.

Figura 344: Pagamento ao Mestre Joaquim Xavier
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 250 verso.

Obras Em d^{o}. de jornais de 12 dias ao M^{e}. Joaqm. X^{er}. de fazer o oitavado nos cantos da Igr^{a}. [Igreja] tres mil rs ——//—— 3$000.

3.4.7.3. MONGES ORGANISTAS E MÚSICOS DO MOSTEIRO DE S. BENTO

De acordo com narrativa do "Cronista Anônimo" (Códice 27: fólios 18, 19 e 20), o 13º Abade a governar o Mosteiro de São Paulo era um músico[464]:

> **13º** – Na era de 1682 entrou p Pe. Fr. Lourenço da Assumpção, filho da Cidade da Bahia, grande músico e bom pregador. Fez duas obras de que carecia o Mosteiro, retelhou o Mosteiro todo. Assoalhou parte do dormitório novo de nelle poz quatro cellas. Governou athé 1685 (TUNAY, 1927, p. 118).

3.4.7.4. ORGANISTAS CONVIDADOS PARA FESTAS RELIGIOSAS NO MOSTEIRO

Em 28 de março de 1769, início do Governo triênal do Abade Manoel de S^{ta}. Anna Araújo, foi contratado um organista, cujo nome não é citado, para a posse do novo Abade do Mosteiro de São Paulo (*Livro da Mordomia do Mosteiro de São Bento de São Paulo*: 1764-1781 - Códice 3 – Fólio 90 verso). Como o novo órgão grande vindo do Rio de Janeiro chegou em 1774, esse organista tocou no órgão realejo do Mosteiro.

Figura 345: Pagamento a um organista na posse do novo Abade em 1769
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 90 verso.

> Agoard^{e}. Em d^{o}. [dito[465]] agoard^{e}. [aguardente] do Reino p^{a}. [pera] o organista q' tocou na posse oitenta reis ———————— $080

No ano seguinte foi contratado um organista para tocar no Natal do Mosteiro.

Figura 346: Pagamento a um organista em 15 dezembro de 1770.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 104.

> Pam Em d^{o}. [dito] pam [pão] p^{a}. o organista quarenta reis———— $040

---

[464] Não foi possível a continuidade das pesquisas no arquivo do Mosteiro de São Bento de São Paulo. A princípio nos foi colocado a disposição o arquivo para continuação destas pesquisas. Contudo, em um segundo contato, e após várias insistências, e mesmo solicitanto a consulta de apenas um livro por um período de três horas, o monge responsável afirmou que o arquivo somente estariam a disposição a partir do mês de julho de 2014, ou seja, cinco meses após a defesa desta tese.

[465] O termo "dito" refere-se ao dia do mês citado anteriormente neste relatório financeiro.

Ainda neste mesmo *Livro da Mordomia* 1764-1781, encontra-se no mês de dezembro de 1773 o pagamento, lançado em atraso, a um organista que veio tocar na festa do Patriarca São Bento, em 21 de março deste ano.

Figura 347: Pagamento a um organista na festa do Patriarca São Bento.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 128.

Muzica. Em d^{o}. [dito] q' se deo aoz [aos] muzicos na festa de N. P. S. B^{to}. [Bento] sinco p^{as}. [patacas]———————— $360

No mesmo livro, em março de 1777 foi contratado um organista para tocar na Semana Santa no Mosteiro. Contudo, o nome do organista não é citado.

Figura 348: Pagamento a um organista na Semana Santa.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 206v.

Muzica. Em d^{o}. [dito] dinh^{o}. [dinheiro] p^{a}. o organista da Semana S^{ta}. dez p^{as}. [patacas] ————————// 3$200

3.4.7.5. MÚSICOS CONVIDADOS PARA FESTAS RELIGIOSAS NO MOSTEIRO

O *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Paulo*, 1681-1700 (Códice 1), no fólio 3 verso, cita dois gastos com músicos em 5 e 6 de abril de 1681, correspondendo à sexta-feira e ao domingo do Tríduo Pascal[466] [467]. Este é o mais antigo registro de pagamento à um músico feito pelo Mosteiro de São Bento de São Paulo.

[466] As comemorações da Semana Santa tem início solene no Domingo de Ramos, quando é lembrado a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Na Segunda-feira, é recordada a prisão de Cristo. Na Terca-feira, são celebradas as sete dores de Maria. Na Quarta-feira, é celebrado o Ofício das Trevas, lembrando que o mundo já está em trevas devido à proximidade da morte de Jesus. A partir de Quinta-feira, tem início o Tríduo Pascal, o conjunto de três dias nos quais se comemora a Paixão de Cristo. Este período tem início na Quinta-feira Santa e se estende até o Sábado de Aleluia, quando ocorre a Vigília Pascal. Na liturgia romana, o Tríduo Pascal é ponto culminante, pois são os três dias de Cristo crucificado, morto e ressuscitado.

[467] Cálculo Segundo o Calendário Perpetuo.

Figura 349: Pagamentos a músicos registrados no *Livro da Mordomia* 1681-1700
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 3 verso.

Em d^{o}. de pasteis p^{a}. [...] - $060
Em 5 do dito dedos y ... pataca p^{a}. os muzicos - - - - - - - - - - - - - $160
Em d^{o}. corenta reis [...]
Em 6 do d^{o}. [dito] para os Muzicos 4 vintem de pasteis - - - - - - - - - - $080

A título de curiosidade, ilustra-se a seguir alguns dos diversos pagamentos feitos aos músicos em doces, vinhos, empadas, pastéis, ovos, aguardentes e outros produtos produzidos pelo Mosteiro Paulistano. A seguir, diversos destes pagamentos registrados no *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Paulo* 1681-1700:

Figura 350: Pagamentos aos músicos em doces e vinhos
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 15 verso.

Doces	Em 21 de m^{co}. [março] hua pataca de doces p^{a}. os muzicos	$320
Vinho	Em o mesmo dia p^{a}. os muzicos de v^{ho}. Hua pataca - - - - -	$320

Figura 351: Pagamento a músicos em 19 de janeiro de 1684 – *Livro da Mordomia* 1681-1700
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 23.

Ovos	Em d^{o}. [dito] dera sete vinteis [vinténs] de ovos p^{a}. os muzicos q' vieraõ cantar a cinza --	$340

Figura 352: Mais pagamentos a músicos em 1684 – *Livro da Mordomia* 1681-1700
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 28.

Vinho	Em doze de novembro hum sesto de vinho pera os muzicos	$640
Pam	Em treze dous [...]	
Pasteis	Em dito dous tostoins [tostões] de pasteis p[a]. os muzicos	$200

Os pagamentos eram feitos aos músicos de diversas formas, como pode ser confirmado em vários dos lançamentos ao longo deste trabalho. As principais formas eram: em dinheiro, em pão, em pasteis, em empadas, em doces, em vinho, e em aguardente.

Figura 353: Pagamentos aos músicos em 7 de abril de 1686 – *Livro da Mordomia* 1681-1700
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 40 verso.

Vinho p[a]. os muzicos	Em mesmo dia vinho p[a]. os muzicos, q' vieraõ cantar a Paixaõ dos Ramos, e a missa quatro m? pataca e meya.	$ 480
Paõ	Em mesmo dia de paõ p[a]. os mesmos muzicos, huã [uma] pataca ____________________	$320
Empadas	Em o mesmo dia de empadas p[a]. os mesmos doze vintens ______________________________	$210
Doces	Em o mesmo dia de doces p[a]. os mesmos dous	$200

A grande maioria lançamentos de pagamentos a músicos na festas do Mosteiro simplesmente estão registrados como "pagamentos a músicos" ou "pela música", deixando o nome do músico em anonimato e sem citar instrumentos. Contudo, existem alguns poucos lançamentos como referências ao nome dos músicos contratados nos *Livros da Mordomia*.

Figura 354: Pagamentos a músicos em abril de 1686 – *Livro da Mordomia* 1681-1700
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 40 verso.

Muzica Em d^{o}. q' paguei Muzico An^{to}. [Antônio] Manço sete p^{tas}. [pacatas] ——————————————————// 2$240

Muzica Em d^{o}. q' paguei Muzico Pedro o Baixa mil novec^{tos}. [novecentos] e seç^{ta}. [sessenta] ——————————// 1$960

No terceiro *Livro da Mordomia:*1764-1781, no fólio 49, cita o nome do músico que tocou na Semana Santa, na quinta-feira, 9 de abril de 1767.

Figura 355: Pagamento ao músico Manuel Pedro na Semana Santa – *Livro da Mordomia* 1764-1781
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 40 verso.

Muzico Em d^{o}. q' se deo ao muzico M^{el}. [Manoel] P^{ro}. [Pero] Pr. [por] vir a Sem^{a}. [Semana] S^{ta}. P^{ca}. [pataca] e meia —————— $050

Ainda neste mesmo livro, no fólio 123, na terça-feira, dia 9 de abril, encontram-se mais dois lançamentos de gastos desta mesma Semana Santa.

Figura 356: Música nos Ofícios da Semana Santa – *Livro da Mordomia* 1764-1781
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 123.

Muzica Em d^{o}. q' se pagou ao Muzico Joaq^{m}. [Joaquim] da Semana S^{ta}. quatro P^{cas} ——————————————// 1$280

Muzica Em d^{o}. se pagou a Igr^{a}. [Igreja] por naõ ter a procisam p^{a}. tocar no Off^{o}. [Ofício] das Trevas oito toztõez [tostões] ————// $800

Na Semana Santa de 1772, novamente foi contratado o músico Joaquim, cantor de missa, para tocar nas festividades. No fólio 139 encontram-se diversos pagamentos a músicos: o primeiro no valor de duas patacas, no dia 6 de abril; o segundo em doces ($260); o terceiro, mostrado a seguir.

Figura 357: Músico Joaquim que tocou na Semana Santa – *Livro da Mordomia* 1764-1781
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 139.

Muzica	Em d^{o}. q' se pagou ao Muzico Joaq^{m}. de cantar na Semana S^{ta}. seis P^{cas} ——————————————————// 1$220

No primeiro *Livro da Mordomia:* 1681-1700, encontra-se contabilizado pagamentos a harpistas: o primeiro, no Natal de 1685; e o segundo, no Sábado da Semana Santa, em 8 de abril de 1786; o terceiro, na Semana Santa de 1687; e o quarto, na Semana Santa de 1689.

Figura 358: Pagamento a um harpista em 1685 – *Livro da Mordomia* 1681-1700
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 35 verso.

Doces	Em mesmo dia de doces p^{a}. acolhaçaõ dos Religiosos, e muzicos, q'. [que] vieraõ cantar a noite do natal três patacas —————————— $960
[...]	
Cordas de Arpa	Em mesmo dia de cordas p^{a}. o arpista, que q' veyo tocar a noite do natal —————————— $160

No mesmo *Livro da Mordomia* 1681-1700 encontra-se um lançamento contábil "Em cordoins [cordões[468]] e tratos [trates] p^{a}. arpista*"*:

[468] Refere-se às cordas da harpa.

Figura 359: Pagamento ao harpista e gastos com cordas e trastos em 1687
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 1, fólio 51 verso.

> Em o mesmo dia q'. se deo ao Arpista q'. ha de vir tanger a Somana [Semana] Santa p[a]. bordoins [bordões][469] e trastos oito sentos e quarenta -------------- $840

Segundo pesquisas do musicólogo português Manuel Valença, baseada em provas documentais, o uso da harpa foi associado, em Portugal, ao espírito da celebração das Sexta-feiras da Quaresma (VALENÇA, 1995, p. 24).

No segundo *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Paulo*: 1757-1764 estão contabilizados pagamentos em festas religiosas no Mosteiro. Seguem-se alguns destes lançamentos: no fólio 14 , aos 17 de novembro de 1757, músicos para a festa de Santa Gertrudes[470]; e no fólio 131, no dia 19 de dezembro de 1762, pagamento de uma dívida com um músico da festa de Santa Gertrudes:

Figura 360: Músicos para a festa de Sta. Gertrudes – *Livro da Mordomi*a 1757-1764
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 2, fólio14.

> Em pasteis dos muzicos, q' vieraõ fazer a festa de S. Gertrudes gratuitam[te]. [gratuitamente], e refeitório quatro centos e sincoenta reis $450

Figura 361: Pagamento de dívida com um Músico – *Livro da Mordomia* 1757-1764
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 2, fólio 131.

> Muzica Em o d[to]. por resto da muzica q' se devia de S. Gert[s]. [Gertrudes] quatro mil quatro cent[s] [centos], e oitenta ———————— 4$480

No terceiro *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Paulo*: 1764-1781 também

[469] É a corda mais grossa de certos instrumentos musicais, neste caso, da harpa..
[470] O dia de Santa Gertrudes é 16 de novembro.

encontram-se contabilizados mais pagamentos em festas religiosas no Mosteiro.

Figura 362: Pagamento a Músicos em aguardente em abril de 1768.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 65.

Obras	Em 42 das. Almoço p^{a}. os Clerigos, e os Muzicos do Off^{o}. [Ofício], de que teve no Moestr^{o}. organista duas p^{caz}. [patacas] seis centos e quarenta reis ———— $640

Figura 363: Pagamento a Músicos em aguardente em 31 de Março de 1769.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 91.

Aguard^{es}.	Em d^{o}. [dito] Aguard^{e}. [aguardente] p^{a}. almoço dos Muzicos meya p^{ca}. [pataca] ———— $160

Em dezembro de 1770, um registro de pagamento a músicos com doces no *Livro da Mordomia do Mosteiro de São Bento de São Paulo*: 1764-1781.

Figura 364: Pagamento a Músicos em 13 dezembro de 1770.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 104.

Doce	Em d^{o}. [dito] pam [pão] de Lô p^{a}. os Musicos seis centos e quarenta reis ———— $640

Em 21 de abril de 1771, foram pagos os músicos contratados para a Semana Santa, quando houve encenação, organizada por um Mestre de Capela, de nome não citado, mas que possivelmente deveria ser da Sé de São Paulo. O lançamento contábil “Muzica” elucida o termo, que se refere aos músicos contratados para tocar nas Missas Cantadas.

Figura 365: Ofícios da Semana Santa *Livro da Mordomia* 1764-1781
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 122 verso.

Muzica	Em d^{o}. se deo ao Me. [Mestre] da Capela p^{a}. a ensenaçaõ a Muzica da Missa cantada sinco P^{caz} [patacas] . ——————————// 1$600

Em primeiro de abril de 1773 encontram-se registrados três pagamentos referentes a compra de cordas para cravo e aguardente para os músicos.

Figura 366: Pagamento aos Músicos & Cordas para o cravo.
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 154 verso.

Por dois carreteis p^{a}. o cravo: dois vinteins [vinténs] ——————————// $040
[...]
Em huma med^{a}. [medida] de aguard^{e}. [aguardente][471] p^{a}. os muzicos meya p^{ca}. [pataca] ——————————————————// $160
Em 4 carreteis de arame p^{a}. o cravo: cento e vinte ——————————// $120

Em julho de 1778 foram chamados clérigos para cantar no coro da abadia na Missa de Santa Anna, cuja Santa é comemorada no dia 26 de julho.

Figura 367: Clérigos para o coro registrado no Livro da Mordomia 1764-1781
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo do Mosteiro de S. B. de São Paulo, Códice 3, fólio 154 verso.

Pasteis	Em d^{o}. pasteis p^{a}. os Clerigos, q' cantaraõ no Coro a Missa de S. Anna// ——————————————————— $400.

O último Abade do século XIX, Fr. Pedro da Ascenção Moreira, faleceu em 15 de julho de 1900. Era o único monge no Mosteiro de São Paulo. O restaurador Dom Gerardo Van Caloen ao saber do estado de saúde de Dom Pedro Moreira, designou a D. Miguel Kruse para assistir ao Abade enfermo. Assim, após a morte do Abade tomou posso do Mosteiro como representante do Abade Geral Brasileiro, evitando o fechamento do Mosteiro de São Paulo e o consequente sequestros de seus bens por parte da República dos Estados Unidos do Brasil.

---

[471] Em alguns lançamentos está grafado como "agoa ardente".

3.4.8. O MOSTEIRO DE N. SRA. DO DESTERRO – (SANTOS – SÃO PAULO)

Figura 368: O Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro em Santos
Fonte: Aquarela de Adrien-Aimée Taunay, em 1825 - www.itaucultural.org.br[472]

Fundado em primeiro de janeiro de 1650, o Mosteiro de Santos teve como primeiro Presidente Fr. Plácido da Cruz, sendo nomeado, tomou posse em 4 de fevereiro de 1650. Na Junta do Brasil, realizada em 18 de maio de 1656, foi a casa aceita, canonicamente ereta e constituída Presidência, sendo eleito seu primeiro Presidente Canônico, Fr. Isidoro da Trindade. Em 1907, a Presidência foi incorporada a Abadia de São Paulo, neste momento administrada por priores Claustrais. Foi canonicamente declarada

[472] Aquarela de Adrien-Aimée Taunay, em 1825 - Academia de Ciências de São Petersburgo (São Petersburgo, Rússia) - Reprodução fotográfica Claus Meyer.

novamente mosteiro independente em 8 de julho de 1925, por Breve do Papa Pio XI. Neste mesmo ano, em 23 de junho, foi nomeado o Fr. João Evangelista Peters. O Mosteiro de Santos desde sua fundação foi Presidência, não se tornando Abadia.

O Mosteiro de Santos, durante os Períodos Colonial e Imperial Brasileiro, nunca foi uma casa com recursos financeiros maiores como eram os Mosteiros da Bahia, Mosteiro do Rio de Janeiro e o Mosteiro de Olinda.

O Mosteiro de Santos teve seu primeiro órgão de tubos durante a Presidência de Fr. Miguel de Santa Catarina Motta. Este processo teve início com a doação do antigo órgão do Mosteiro do Rio de Janeiro ao Mosteiro de São Paulo, na condição deste ofertar seu antigo órgão realejo ao Mosteiro de Santos.

No *Estado do Mosteiro de Santos*, quando governou o Presidente Pregador Miguel de Santa Catarina Motta, no período de 22 de março de 1772 à 31 de julho de 1780, registra o recebimento, por meio de doação, do órgão realejo do Mosteiro de São Paulo.

Figura 369: Órgão realejo que veio do Mosteiro de São Paulo no triênio de1772-1780
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.140, p. 75.

> **Obras, que se fizeraõ neste Triennio na Igreja e Sachristia**
>
> **Retalhou-se** todo o Corpo da Igreja, e Capella mor. [...] No Coro se pôs hum Orgaõ que veyo [veio] do Mostr^{o}. de S. Paulo, por lhe ter d^{o}. [doado] do Mostr^{o}. do R^{o}. [Rio] de Janr^{o}. [Janeiro] outro melhor; com cond^{am}. [condição] de vir para este Mostr^{o}. o que na quelle havia. [...] (Monástico, C.S.B - Liv.140, p. 75).

Os primeiros registros documentais da vinda deste órgão de tubos para o Mosteiro de Santos encontram-se no *Livro da Mordomia* 1773-1791, Códice N^{o}. 14, atualmente preservado nos arquivos do Mosteiro de Vinhedo, em São Paulo. Nos fólios 1 e 1 verso, encontram-se todos lançamentos de despesas necessárias ao uso deste órgão de tubos, que segundo o *Livro de Atas Capitulares Conventuais do Mosteiro do Rio de Janeiro,* 1760 a 1835, o Fr. Jozé da Natividade, assim descreve o estado do órgão de tubos doado: "[...] o realejo de S. Paulo pra o nosso Mosteiro de Santos, e visto também por não haver quem o comprasse por ter sido danificando com o tempo".

A seguir, estão listados os lançamentos contábeis das despesas com o órgão de tubos realejo doado pelo Mosteiro de São Paulo. Os primeiros, em 1774, provável data de chegada do instrumento na Praça de Santos:

Figura 370: Primeiras despesas com o órgão vindo do Mosteiro de S. Bento de São Paulo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V.[473] – Livro da Mordomia: 1773-1791 – Fólio 1 verso.

> 1774 [...]
>
> Abr^{l}. [abril] [...]
> 30 – 4 tb de Estanho velho q'. dey a M^{el}. [Manuel] Ang^{lo}. [Angelo] // // $640
> 4 tb de chumbo na d^{ta}. [dita] q'. forma .... // 80 // $320

Em vários lançamentos referentes ao conserto do órgão realejo encontra-se o nome de Manuel Ângelo, que supõe-se se tratar do organeiro responsável por este serviço de reparação.

Em 26 de agosto de 1776 estão registrados dois gastos, um em pelica e outro pele de veado. Como era prática durante os Periodos Colonial e Imperial Brasileiros, as pelicas eram usadas para vedar as válvulas de notas, no someiro do órgão, e as peles de veado eram geralmente usadas na construção e reaparo dos foles.

---

[473] Arquivo do Mosteiro de São Bento de Vinhedo. O arquivo monástico com os livros do antigo Mosteiro de Santos encontram-se atualmente no Mosteiro de São Bento de Vinhedo, São Paulo.

Figura 371: Despesas com o órgão realejo doado pelo Mosteiro de São Paulo em 1776
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Livro da Mordomia: 1773-1791 – Fólio 1.

1776

Ag^{to}. [agosto]
A26 - [...]
6 Pelicas br^{cas} [brancas] p^{a}. [para] o orgaó .... // 1$920
1 Pela de viado .... // $720

Ainda nesse mesmo ano, mais gastos com o conserto do órgão realejo. Um dos lançamentos refere-se ao pagamento do organeiro no valor de mil, novecentos de vinte réis.

Figura 372: Mais despesas com o mesmo órgão realejo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Livro da Mordomia: 1773-1791 – Folio 1

1776

7br^{o}. [setembro]
15 - [...]
1 pelica br^{ca} [branca] p^{a}. [pera] o orgaó .... // $320
20 pregos dourados p^{a}. [para] o m^{mo}. [mesmo] .... // $040
10 Ptos? de d^{tos}. [ditos] .... // $020
22 - Pl^{o}. [pelo] q' [quanto] me ordenou desse ao M^{el}. Ang^{lo}. [Ângelo] // 1$920
26 - Pl^{o}. [pelo] q'. me ordenou desse ao m^{mo}. .... // $640
7br^{o}. - Pl^{o}. [pelo] q'. mais disse desse ao m^{mo}. .... // $640

Na sequência, encontram-se registrados mais gastos com o conserto, dentre estes, mais gastos com o conserto do órgão e o restante do pagamento ao organeiro, no valor de quatro mil seiscentos réis. Os serviços de consertos no órgão realejo foram finalizados somente em 6 de novembro de 1776.

Figura 373: Pagamento ao organeiro que consertou o órgão realejo
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Livro da Mordomia: 1773-1791 – Folio 1 verso

1776 Transporte da lauda [...]
8br^{o}. [outubro] [...]
11 - 12 pregos cabessa de pipa p^{a}. [para] o orgaõ $020
Novr^{o}. [novembro]
6 - Pl^{o}. com q'. acabey de pagar a M^{el}. Ang^{lo}. [Ângelo] .... 4$640

Considerando-se os materiais pagos citados na lista de despesas, referentes aos diversos consertos do órgão nos anos de 1774 a 1776, pode-se deduzir:

- O órgão realejo chegou ao Mosteiro de Santos em aproximadamente quatro meses, pois a documento de doação do Mosteiro do Rio de Janeiro foi lavrado em 13 de abril de 1774;
- Foram usados pregos dourados, portanto alguma parte da caixa do órgão precisou ser reparada ou refeito o acabamento da mesma;
- As pelicas brancas, geralmente eram usadas nas válvulas nos someiros;
- O fole foi reparado, pois foi adquirido pele de veado;
- Existem vários pagamentos a Manuel Ângelo, encadeados aos pagamentos por compras de material para o conserto do órgão realejo, sugerindo ser o organeiro responsável pelos serviços.

O *Estado do Mosteiro de Santos* 1780-1783, durante o governo do P^{e}. Pregador Fr. Miguel de Santa Catarina Motta, no item "Obras na Igreja e Sacristia", cita: "consertouse o fole do Orgaõ".

Figura 374: Conserto do fole do órgão registrado nos *Estados do Mosteiro de Santos* 1780-1783
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.140, p. 83.

Obras na Igreja e Sacristia

> Puzeraõ-se tres alvas [...] Consertou-se o fole do Orgaõ, consertou-se o telhado da Igreja (Monástico, C.S.B - Liv.140, p. 83).

Não se sabe exatamente até quando este órgão realejo esteve servindo nos Ofícios do Mosteiro de Santos. Alguns documentos revelam datas de sua existência. Em 8 de fevereiro de 1847 o Mosteiro fez um inventário das alfaias, elaborado pelos monges Pe. Fr. Florêncio das Dores Maia, Paulo da Conceição Moura, pelo Secretário Fr. José do Monte Cassino e por Jeremias luís de Sá. No fólio 2 deste inventário é citado “1 órgão Velho”, como se comprova no documento a seguir:

1 Par de galhetas de loiça já sem azas
24 Castiçaes de pao pintados
2 Credenças
3 Missaes velhos
1 cadeira d'encontro de Jacarandá
8 Jarros de loiça
2 Mezas velhas
1 Pillão
7 Bancos de pao
4 Escabellos (estão na caza do Maneqº 3 e 1 no Montserrat)
1 Estante de pao
1 Orgão velho

Figura 375: Órgão arrolado no Inventário de 1847
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Inventário de 1847 – Folio 2.

Existem nos arquivos do Mosteiro de Santos mais dois inventários realizados após este de 1847. O primeiro deles em 1860, e o seguinte em 1937, contudo, em nenhum deles o órgão realejo foi arrolado.

O *Livro de Receita e Despeza* 1884-1886, do Mosteiro São Bento de Santos não registra algum gasto com consertos ou reformas do órgão realejo. Esse fato não muito próprio de um órgão, permanecer por um período de dois anos sem algum reparo, considerando-se principalmente o efeito da humidade nos foles e válvulas de notas do órgão de tubos.

No *Livro Mordomia de Santos* 1773-1791, constam gastos com o órgão realejo somente nos quatro primeiros anos 1773 a 1776. Os Relatórios da Mordomia, que registram as receitas e despesas do Mosteiro de Santos, no período referente aos anos de 1870 a 1900, também não cita algum gasto com o órgão realejo. Considerando-se que quando este instrumento chegou ao Mosteiro Santista ele tinha mais de um século, pressupõe-se que o órgão velho arrolado no inventário de 1847 seja antigo órgão realejo doado pelo Mosteiro de São Bento de São Paulo.

3.4.8.1. Outros órgãos adquiridos pelo Mosteiro Santista

Um recibo datado de 1897 revela um fato novo que aponta para a compra de três órgãos de tubos, que poderiam ter sido importados pelo Porto de Santos, durante a presidência de Fr. Joaquim Monte Carmelo. O recibo de pagamento de um carreto destes órgãos de tubos para o Mosteiro de São Bento. O mesmo não define as direções do carreto, presumidamente, do Porto de Santos para o Mosteiro de Santos, como constatado a seguir.

N 4

Santos, 13 de setembro de 1897

O Illm. Snr. Antonio Martins Deve

— A —

NICOLAU & FERREIRA

com Carroças para conducção de mercadorias

Typ. Universal—Santos

1 carrete de 3 orgaões do convento de São Bento	8 000
4 homens para carregar os ditos.	10 000
Total	18 000

Recebemos a quantia acima.

[illegible]

Figura 376: Recibo referente a um carreto de três órgãos - 1897
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Recibos avulsos.

Confirmando-se, em outra fonte documental do próprio Mosteiro em estudo, comprovou-se a transação de compra dos instrumentos através do *Relatório de Despezas do Convento de São Bento de Santos*, no ano contábil de 1897, no fólio 2, segundo lançamento a 13 de setembro, como demonstra o documento seguinte.

Figura 377: ***Relatório de Despezas* – Registro referente ao carreto de três órgãos - 1897**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – *Relatório de Despezas do Convento* – Fólio 2.

Neste mesmo *Livro de Despezas*, em 10 do mês de dezembro, encontra-se outro lançamento, no valor de 1.500$00 Réis, referente ao pagamento de um órgão de tubos que o Dom Monte Carmello encomendou para o Convento de Santa Thereza, em São Paulo.

Figura 378: *Livro de Despezas* – Registro referente ao pagamento de um órgãos - 1897
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – *Relatório de Despezas do Convento* – Fólio 2.

Por falta de documentação, nada pode-se concluir ou afirmar no que diz respeito ao possível uso destes órgãos de tubos pelo Mosteiro de Santos. Um deles, segundo o documento, está direcionado ao Convento de Santa Tereza, um Convento Carmelita na Capital São Paulo. Em relação aos outros dois órgãos de tubos, não foi encontrado algum registro de seu destino.

O Mosteiro de São Bento de Santos adquiriu um harmônio novo, em 30 de outubro de 1904, ao custo de 250$000 Réis. A compra foi realizada na loja de instrumentos "*Bernardo Klaunig*", localizada na mesma cidade. A figura seguinte apresenta a frente e o verso do recibo de compra deste harmônio.

BERNARDO KLAUNIG
Concertador e Professor de Piano
DEPOSITO DE PIANOS, HARMONIUMS E MUSICAS
Rua General Camara N. 185 — Praça dos Andradas N. 11

Bernardo Klaunig, Santos
Pianos, Harmoniums e Musicas
Estabelecido em SANTOS desde 1886.

Residencia e Deposito: Rua General Camara 185
TELEPHONE No. 78
Officinas: Praça dos Andradas 11

Afina, concerta, aluga, troca, compra, vende (prestações)
Pianos, Harmoniums novos e uzados.
Mochos, Estantes, Lampeões, Reflectores etc. Materiaes para concertos de pianos e outros instrumentos.
Musicas, (não existentes no deposito, encommenda-se) vende-se á preços dos editores no Rio de Janeiro ou de São Paulo.
PREÇOS MODICOS ✤ ✤ SERVIÇOS GARANTIDOS.

TYP. H. GROBEL — S. PAULO

Figura 379: Recibo da compra de um harmônio em 1904
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documentos avulsos.

Duas listas encontradas nos arquivos do Mosteiro de Santos, citam os oficiais do Mosteiro de Santos nos anos de 1937 e 1938. Encabeçando a hierarquia está o Vice-Prior R. P. D. Joseph, que atuava como organista neste Cenóbio.

OFFICIALES
MONASTERII B. M. V. ab EXILIO de SANTOS.

Vice- Prior ....
Organista .... R. P. D. Joseph

Figura 380: Prior organista do Mosteiro de Santos – 1937 e 1938
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documentos avulsos.

No inventário do Mosteiro de Santos, relativo ao período entre os anos 1930 a 1933, e também em 1939, são citados dois instrumentos em seu rol: um harmônio[474] pequeno sem marca mencionada, e outro harmônio grande do coro superior, da marcar E. E. Liebmann – Orguel. Este é tratado como “1 harmônio do monte”, referindo-se a Capela de Montsserrat.

[474] Os harmônios são órgãos de palhetas livres.

Ad) instrumentaria:	1930	1931	1932	1933	1939	19
campainha tripla -- altar-mór	1	1	1	1	1	
campainha de aço -- altar lateral........	1	1	1	1	1	
campainha de bronze -- altar lateral.....	1	1	1	1	1	
campainha do claustro - artistica	1	1	1	1	1	
harmonio portatil - marca	1	1	1	1	1	
harmonio grande do coro superior - marca: E.E.Liebmann - Orgel	1	1	1	1	1	[illegible]

Figura 381: Inventário do harmônio da década de 1930
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documentos avulsos.

3.4.8.2. MONGES ORGANISTAS DO MOSTEIRO DE SANTOS

Devido a perda dos vários livros de registros do Mosteiro de Santos, não é possível apurar os organistas que atuaram nesse Mosteiro nos primeiros séculos de sua existência. Não foi encontrado nos arquivos do Mosteiro de Santos, atualmente em Vinhedo, o *Livro Dietário*, que narra a vida dos Monges de cada Mosteiro.

Contudo, é certo que atuaram organistas até o ano de 1905, segundo pagamentos feitos ao organista Oscar A. Ferreira. Três recibos avulsos, do início do século XX, confirmam a existência de um órgão de tubos no Mosteiro Santista. Na figura a seguir três recibos de pagamento ao organista Oscar A. Ferreira: referentes a 21 de março de 1904, 60$000 réis; em 21 de março de 1905, 60$000 réis; e em março de 1908, 30$000 réis. Segundo as datas referidas, o organista Oscar A. Ferreira foi contratado para tocar na festa do Patriarca São Bento, realizada no dia 21 de abril. Não se pode descartar a possibilidade deste pagamento ter sido registrado incorretamente como “organista” Oscar A. Ferreira, e não como “harmonista”. Existem alguns poucos casos de referência à harmonistas, tocadores de hamônios, como organistas.

28

PROFESSORADO DE MUSICA

Recibo N. 15 Rs. 60.000

Recebi do Procurador do Mosteiro de S. Bento

a quantia de sessenta mil reis

proveniente de ~~lições dadas no mez~~ serviços feitos no mesmo mosteiro no dia 21 Março de 1904

Santos 1 de Abril de 1904

~~O PROFESSOR,~~ O organista

Oscar Ferreira

17

PROFESSORADO DE MUSICA

Recibo N. 38 Rs. 60$000

Recebi do Procurador da Com. de S. Bento

a quantia de sessenta mil reis

proveniente de ~~lições dadas~~ serviços feitos no mosteiro no dia 21 de Março de 1905

Santos 6 de Abril de 1905

Oscar A. Ferreira

~~O PROFESSOR,~~ Organista

Oscar A. Ferreira

4

S. Bento

PROFESSORADO DE MUSICA

Recibo N. 76 Rs. 30$000

Recebi do Snr. Alvaro Pinto da Silva Moraes

a quantia de trinta mil reis

proveniente de ~~lições dadas~~ uma missa no Mosteiro de S. Bento no mez de Março de 1908

S. Santos 2 de Abril de 1908

O PROFESSOR, organista

Oscar A. Ferreira

Figura 382: Recibos avulsos de pagamentos ao dito organista
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documentos avulsos.

3.4.8.3. MÚSICOS CONTRATADOS PARA AS FESTAS RELIGIOSAS DO MOSTEIRO

Os *Estados do Mosteiro de Santos* mostram gastos em missas cantadas e nas Festas do Patriarca São Bento, no dia 21 de março, quando eram contratados músicos e organistas para tocaram. A seguir, alguns destes registros.

Figura 383: ***Estados do Mosteiro de Santos*** **1726-1729**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.140, p. 10.

Missas Cantadas -----------------------------//-----------------------------------// 53$200

Figura 384: ***Estados do Mosteiro de Santos*** **1751-1755**
Fonte: Acervo fotográfico do autor – Arquivo Distrital de Braga – Monástico, C.S.B - Liv.140, p. 26.

Que se dispendeo em Muzicas p[a]. [para] as festas do Mostr[o]. [Mosteiro] vinte hum mil sette cento, e secenta reis //----------//-----------//--------//--------// 21$760

Nos *Relatórios Anuais de Receitas e Despesas do Mosteiro* no século XIX, Contas do procurador, encontram-se mais despesas com músicos nas festas religiosas do calendário litúrgico e dos Santos. Primeiromente, gastos com a Festa do Senhor do Bomfim, em 1859, e o segundo recibo, referente diversos pagamentos na Festa do Patriarca São Bento em 1867.

Figura 385: Documentos 1724 - 1905
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documento ainda não inventariado.

Notas da Festa do Snr. do Bomfim a 10 de Julho de 1859

Pe do Altar	26 000
Sermaõ	40 000
Muzica	40 000
Fogos	20 200

Em Março de 1867, lista de várias despesas com a festa do Patriarca.

Figura 386: Relatório Anual do Mosteiro 1867
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documento ainda não inventariado.

Março de 1867

P [Por] 16 de Cera de velas de .... a 1.600	25$600
P 6 dusias [dúzias] de foguetes a 2.800	16$800
P Musica p^{a}. de Missa cantada em dia de S. Bento	200$000

P Sacristaõ, q'. a ajudou 5$000
P vinho, e hóstias $640
P agua da collonia, e incenso em dia S. Bento 1$000
P flores $640

O lançamento seguinte, também da Festa de São Bento, cita o nome do músico Luiz Arlindo da Trindade. De acordo com uma lista de *Irmãos São Bento / Mosteiro de Santos*, de 1870, Luiz está arrolado como irmão.

Despeza
Despeza com a festa de S. Bento no dia
31 de Março de 1871, Muzica a Luiz Arlindo 25$000

Figura 387: Relatório Anual do Mosteiro 1870-1871
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documento ainda não inventariado.

Despeza com a festa de S. Bento no dia 31 de Março de 1871, Muzica a Luiz Arlindo 25$000

Mais um recibo de pagamento, no valor de 20$000. a Luiz Arlindo da Trindade pela Música na Missa cantada no dia de São Bento, em 24 de março de 1872.

Recebi do Snr Constantino da Silva
Ferreira a quantia de vinte mil reis pela
musica da missa cantada no dia de
S. Bento, e passei este Stos 24 de Março
de 1872
Luiz Arlindo da Trindade
Rs 20$000

Figura 388: Recibo avulso da música na Festa de São Bento – 1872
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documento ainda não inventariado.

Em Receitas e Despesas do Mosteiro, de 1º de janeiro a 30 de abril de 1882, registra despesas da festa de São Bento desse ano.

Figura 389: Relatório Anual do Mosteiro 1882
Fonte: Acervo fotográfico do autor – A.M.S.B.V. – Documento ainda não inventariado.

24 Pagam[to]. [Pagamento] a musica da festa 401000

Na restauração dos Mosteiros Beneditinos, o Mosteiro de Santos foi socorrido pelos Monges alemães da Congregação de Beron, que repovoaram outros Mosteiros da Congregação Brasileira no final do século XIX e início do século XX. Em 1905 tornou-se Priorado Independente. Contudo, durante a Segunda Guerra Mundial, o Mosteiro de Santos foi fechado devido a presença de monges alemães, quando tiveram de abandonar a Cidade de Santos em 24 horas. A Abadia de Santos hoje é o Museu de Arte Sacra de Santos. Os Monges expulsos de Santos passaram um ano na Cidade de São Paulo, a seguir, dois anos no Mosteiro de Jundiaí, quando finalmente se estabeleceram na Cidade de Vinhedo, passando a ser o Mosteiro de São Bento de Santos em Vinhedo. Em 1963, filiaram-se à Congregação Beneditina Cassinense Americana, vinculando-se à Arquiabadia de Saint Vicent, em Latrobe, Pensilvânia, nos Estados Unidos da América

Quanto aos damais cenóbios pertencentes à Congregação Beneditina Brasileira, em estudo, somente o Mosteiro de Nossa Senhora de Monsserrat da Paraíba teve seus bens sequestrados pela República dos Estados Unidos do Brasil.

Durante o século XIX, período de maior instabulidade da história dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros, resultado do fechamento dos noviciados, os órgãos de tubos de alguns mosteiros beneditinos permaneceram sem funcionamento ou mesmo deteriorados. Ainda neste tempo, alguns mosteiros adquiriram harmônios, o órgão de palhetas, sendo essa uma forma menos dispendiosa de substituição dos órgãos de tubos, e mantendo-se a tradição de acompanhamento de seus Ofícios Divinos ao órgão. Por outro lado, os Mosteiros com mais recursos financeiros mantiveram e até aumentaram seus instrumentos. Quanto aos monges organistas, dentro da realidade de casa cenóbio, foi necessária a contratação organistas leigos, prática esta que permanece até o século XXI. Desta forma, foi preservada a arte organística dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros ao longo de todos esses séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte organística brasileira, não tem seu marco inicial bem estabelecido. A princípio, musicólogos e organistas consideraram as primeiras missas celebradas pela Esquadra de Pedro Álvares Cabral como referência inicial da história do órgão de tubos no Brasil. Contudo, nenhum registro oficial, secular ou eclesiástica, seja documental ou de crônicas de época, comprovam o uso do órgão de tubos nas ditas missas. Todavia, as crônicas simplesmente relatam a presença do organista franciscano Masseu nas missas celebradas.

São escarças as informações e documentação do período entre 1500 e 1549, o início do povoamento do Brasil, quando vieram os primeiros Jesuítas para a fundação da Cidade de Salvador em 1549. Da mesma forma, o período seguinte, até a criação do primeiro Bispado, em 1551. Podemos somente supor que trouxeram órgãos positivos de chão ou de mesa, considerando-se a importância do órgão de tubos na liturgia Católica Romana. Nesta época, o instrumento considerado necessário à dignidade de culto. Comprovadamente, o marco primitivo e oficial, se deu com a criação do cargo de organista da Sé Primaz do Estado do Brasil, em 1559, cargo ocupado primeiramente pelo Cônego Padre Pedro da Fonseca, Clérigo de Missa de Lisboa, Bacharel em Artes Liberais pela Universidade de Coimbra, e que assumiu o cargo em 25 de dezembro de 1559.

A tipologia dos órgãos de tubos utilizados ao longo da história da música, assim como o seu desenvolvimento e a ampliação, foi resultado de três fatores diretamente relacionados seu uso na Igreja Cristã. O primeiro, refere-se ao repertório litúrgico, segundo a estética de cada estilo de época. O segundo, está atribuído ao crescimento do espaço físico dos templos e a consequente necessidade de um instrumento com maior capacidade sonora. O terceiro, decorrente de seu uso nas práticas litúrgicas, seja na função de instrumento acompanhador ou de instrumento solista. No Brasil, a tipologia de órgãos de tubos usados nos primeiros quatro séculos da História do Brasil foi definida por meio de documentação secular e eclesiástica, relatos de viajantes e crônicas de época. Nos primeiros séculos do Brasil, quinhetos e seiscentos, o eixo social e econômico concentrava-se no litoral. Os primeiros órgãos de tubos usados nas igrejas, matrizes, capelas e sés brasileiras

eram de pequeno porte, sendo classificados como órgãos positivos de mesa, órgãos positivos de chão e órgãos realejos, todavia, nenhum documento aponta para o uso dos órgãos portativos. Em princípios do século XVIII, todos os documentos solicitando novos órgãos de tubos à Coroa Portuguesa, citados no Capítulo 2 desta tese, em "*A gênese da organaria brasileira*" e em "Igrejas supridas com órgãos pelo Rei de Portugal no século XVIII", reitera que os instrumentos existentes nestas igrejas eram muito pequenos e incapazes de servir em seu propósito litúrgico, principamente em razão da maior dimensão dos templos brasílicos nesse momento. Coadunando com esta realidade, foi possível comprovar documentalmente que ainda no século XVII, eram adquiridos e usados órgãos positivos de mesa no Brasil. Trata-se do órgão de tubos adquirido pelo Mosteiro de São Bento de Olinda, registrado no *Estado do Mosteiro de Olinda: 1660-1663*. No relatório, ao descrever o uso deste instrumento, são reveladas suas características técnicas: "Comprou-se para o coro um órgão que custou 26 V mil réis que fica assentado sobre um caixão de madeira dourada com seu vão para se meterão os Livros do Coro". Quanto aos órgãos realejos (Figura 6a), amplamente usados no Brasil até o século XVIII, e mesmo ainda nos séculos seguintes, assumiu diversas formas em caixa de maior porte, como pode ser constatado pelo órgão de tubos de fazenda de São João Del Rey (Figura 99) e o pelo órgão realejo do Mosteiro de Salvador (Figura 188). O recibo encontrado nos Arquivos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, dá descrições técnicas precisas de sua construção, segundo a escola ibérica de organaria: quatro registros de vozes, um manual com oitava curta, e teclado partido. Este instrumento foi adquirido para ser também usado em Festas Religiosas nas fazendas do Mosteiro Fluminense, uma vez que os órgãos realejo eram portáteis. No Brasil Colonial muitas vezes foi atribuído o termo "grande órgão" a órgãos que eram realejos, tendo como referência os órgãos portáteis de menor porte. À exemplo, o estudo de caso, então documental, do órgão de tubos adquirido para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar em 1735, comprovou que este "grande órgão" era um instrumento de pequeno porte, um órgão realejo. Este século é considerado como o "século de ouro" da arte organística brasileira. Portanto, baseado em documentação, os grandes órgãos de tubos fixos somente começaram a vir de Portugal e a serem construídos no Brasil a partir do século XVIII.

Por meio de um estudo de caso, técnico e documental, do órgão de tubos do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (1773), construído pelo organeiro Agostinho Rodrigues Leite - antes considerado como o primeiro organeiro brasileiro - foi possível apurar diversas características técnicas de construção, muitas desta, inéditas.

Através de vários documentos eclesiásticos e seculares foi possível apurar, nos quatro séculos em estudo, os valores de salários e de pagamentos avulsos a organistas, os preços de compra de órgão de tubos, os custos dos materiais das manutenções e os honorários pelos serviços dos organeiros na conservação destes instrumentos das igrejas e das ordens religiosas brasileiras.

Em se tratando da tradição organística brasileira, não se pode comparar quantitativamente a tradição organística brasileira, de um país ainda jovem, com a milenar tradição organística europeia. Mesmo em Portugal, neste mesmo período em estudo, os órgãos também estavam também sendo instalados nas igrejas, matrizes e sés catedrais. Para precisar corretamente a tradição organística brasileira, é necessário considerar o contexto geográfico, urbano, religioso, social e econômico nos quatro séculos de história do Brasil. É necessário considerar que somente a partir de 1549 foi iniciado o povoamento das Terras do Brasil pela Coroa Portuguesa, e somente em dezembro de 1559 é criado o primeiro cargo oficial de organista no Estado do Brasil, na Sé Primaz de Salvador. Nos finais do quinhentos e início dos seiscentos, ocorreu a União Ibérica. Ainda no primeiro quartel dos seiscentos, houve a invasão dos holandeses, quando muito foi destruído nas guerras travadas, e consequentemente, a economia foi atingida. Nesta época, Salvador, a metrópole brasílica, era habitada por aproximadamente quinze mil pessoas. Considerando-se este índice habitacional, pode-se avaliar as demais vilas, aldeias, e povoamentos do Estado do Brasil. Tratava de um território sendo fundado, povoado e desbravado pouco a pouco. Segundo Neuza Fernandes, em *A inquisição em Minas Gerais no século XVIII*, a população no Estado do Brasil no início do século XVIII era de 300.000 habitantes; em 1766, chegou a 1.500.000 habitantes. Nos finais do século XVII e princípios do XVIII, com a descoberta das minas de ouro, deu-se início o desbravamento do interior do Estado do Brasil. Neste momento, ocorreu uma verdadeira corrida ao ouro, tanto por parte dos brasílicos, como também de muitos reinóis que, ao migrarem para o Brasil, despovoaram certas regiões ao

norte de Portugal. Consequentemente, houve um crescimento populacional e o deslocamento do eixo econômico do Estado do Brasil. Ainda segundo Neuza Fernandes, a população na Capitania de Minas Gerais cresceu de 40.000 para 300.000, entre os anos de 1704 e 1738. O Livro *Dietário do Mosteiro do Rio de Janeiro* cita casos de monges que se deslocaram para os garimpos das Minas Gerais. Nos maiores centros mineradores surgiram muitas vilas mineradoras, além de pequenos povoamentos que nasceram para abastecer estes novos lugarejos. Nestas povoações, existiam pequenas capelas, que de fato, não comportariam grandes órgãos de tubos; no máximo, um órgão positivo de mesa, positivo de chão ou um pequeno órgão realejo. Um fator relevante era a grande distância que havia entre estas vilas e o litoral, além do relevo geográfico, que dificultava o transporte e encarecia o custo de um órgão de tubos, impossibilitando muitas igrejas adiquiriem seus próprios órgãos de tubos. Em razão de que o órgão de tubos era considerado um instrumento necessário a dignidade do culto da Igreja Católica Romana, foi adotada no Brasil a prática do aluguel de órgãos portáteis das igrejas ou irmandades que possuíam estes instrumentos, como comprovado em diversos documentos e lançamentos contábeis.

Um conjunto de fatores justificam o desaparecimento dos órgãos históricos brasileiros. De acordo com documentos citados, os pequenos órgãos positivos e realejos, e mesmo alguns grandes órgãos, se deterioravam com facilidade em consequência do clima (a humidade) e da poeira. Quanto aos pequenos órgãos portáteis, positivos e realejos, acrescenta-se outro fator de desgaste, os deslocamentos na prática dos aluguéis e empréstimos entre igrejas e oredens terceiras. A falta de organeiros para reparos faziam que estes instrumentos acumulassem defeitos e fossem paulatinamente abandonados nos coros das igrejas, sendo posteriormente descartados. Considerando-se que a grande maioria dos órgãos de tubos históricos desapareceu, somente através do levantamento documental foi possível apurar diversas igrejas e capelas que possuíram órgãos de tubos, nos Períodos Colonial e Imperial brasileiro, sobre muitos dos quais, não haviam informações de suas existências. Considerando-se os pouco órgãos históricos sobreviventes, não justifica a afirmativa de que o Brasil não teve tradição organística. Contudo, a comprovação documental da existência destes instrumentos confirmam, fundamentam e consolidam a tradição organística brasileira.

Os Mosteiros Beneditinos Brasileiros, foram um paradigma da arte organística. Ainda que em momentos de crise, devido a vários fechamentos dos noviciados, não se perdeu a tradição do cantochão, do canto d'órgão, e do órgão de tubos em sua liturgia. Diversos registros documentais citam a compra de órgãos de tubos, a manutenção desses instrumentos, como também a formação e atuação de organistas. Merece notoriedade o monge organista Fr. José de Jesus Maria S. Paio [Sampaio] (1721-1810) fundador de uma escola pública para o ensino de música e para a formação de organistas no Mosteiro de ão Bento da de Salvador. Como comprovado documentalmente, as casas beneditinas brasileiras que tinham menos recursos financeiros eram supridas através de doações de órgãos de tubos das Casas Beneditinas mais abastadas. Esta prática pode ser legitimada pela doação ocorrida entre as casas beneditinas do Rio de Janeiro, para o Mosteiro de São Paulo, e deste para o Mosteiro de Santos.

Através da arte organística dos Mosteiros Beneditinos Brasileiros, pode-se comprovar a tradição organística no Brasil Colonial e Imperial e, com fundamentação documental, afirmar a presença da arte organística durante estes quatro primeiros séculos da história do Brasil, na medida de seu povoamento. Essa arte foi manifesta através das práticas litúrgicas cristãs, acompanhando e apoiando os textos cantados, assim como também em seus momentos solistas. Esta tradição é ilustrada através de seus órgãos de tubos, importados ou construídos *in loco*, sejam eles de mestres organeiros reinóis ou brasílicos. Conjuntamente convém salientar os muitos organistas que atuaram nos Cultos Divinos celebrados por todo o Brasil Colonial e Imperial, testificando o legado da arte organística brasileira.

Este trabalho não esgota o assunto - há muito ainda a ser levantado - mas pode ser um ponto de partida para novas descobertas sobre a arte organística brasileira, enriquecendo e ampliando assim a base de conhecimento desta arte, atualmente pouco cultivada no Brasil, mas carregada de tradição e significado por sua importante participação no cenário da música ocidental.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS
Fontes Documentais Primárias

Arquivos Brasileiros:

Arquivo da Biblioteca de Diamantina (Minas Gerais)

Arquivo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – B. N. R. J.

Arquivo do Convento de São Francisco de Penedo (Alagoas)

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (Minas Gerais) – A.E.A.M.

Arquivo Eclesiástico da Paróquia de N. S. do Pilar de Ouro Preto – A.E.P.N.S.P.O.P.

Arquivo da Igreja Matriz da Madre de Deus do Recife (Pernambuco) – A.I.M.M.D.R.

Museu da Imagem e Som de Alagoas - MISA

Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

Arquivo do IPHAN/MG (Belo Horizonte – Minas Gerais)

Arquivo da Mitra Arquidiocesana de Diamantina (Minas Gerais)

Arquivo do Mosteiro de Macaúbas (Santa Luzia – Minas Gerais)

Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda (Pernambuco) – A.M.S.B.O.

Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro – AMSB/RJ.

Arquivo do Mosteiro de São Bento de Salvador (Bahia) – A.M.S.B.S.

Arquivo do Mosteiro de São Bento de São Paulo (São Paulo) – A.S.B.S.P.

Arquivo do Mosteiro de São Bento de Vinhedo (São Paulo) – A.M.S.B.V.

Arquivo do Museu de Arte Sacra de Ouro Preto (Minas Gerais)

Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Diamantina (Minas Gerais)

Arquivo da Ordem Terceira do Carmo do Recife (Pernambuco)

Arquivo Público de Alagoas - APA

Arquivo Público do Estado da Bahia (Salvador) – A.E.P.B.

Arquivo Público de Minas Gerais (Belo Horizonte – Minas Gerais)

Real Gabinete Português de Leitura (Rio de Janeiro)

Arquivos Portugueses:

Arquivo Distrital de Braga (Universidade do Minho) – A.D.B.

Arquivo Distrital de Évora – A.D.E.

Arquivo Distrital do Porto – A.D.P.

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa) – A.H.U.

Arquivo do Mosteiro de São Bento de Tibães (Braga) – A.M.S.B.T.

Arquivo do Mosteiro de São Bento de Singeverga (Santo Tirso) – A.M.S.B.S.

Arquivo da Universidade de Coimbra

Biblioteca da Universidade de Coimbra (Reservados)

Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) – B.N.P.

Biblioteca Pública Municipal do Porto – B.P.M.P.

Torre do Tombo (Lisboa) – T.T.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIN, Amparo Berlinches (Org). *Órganos de la Comunidad de Madrid: Siglos XVI a XX*. Espanha: B.O.C.M., VOL. IV, 1998.

ALVARES, João, O.A. *Chronica dos feytos, vida e morte do Infante sancto D. Fernando que morreo em Fez*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1730.

ALVES, Marieta. *Convento da Lapa.* Salvador: Pub. da Prefeitura do Salvador, 1953.

_____________. *A Sta. Casa da Misericórdia e sua igreja*. Salvador: Pub. da Prefeitura do Salvador, 1952.

_____________. *Convento de S. Francisco.* Salvador: Pub. da Prefeitura do Salvador, 1952.

_____________. *Igreja do Bomfim.* Salvador: Pub. da Prefeitura do Salvador, 1951.

_____________. *Igreja do Pilar.* Salvador: Pub. da Prefeitura do Salvador, 1951.

ANCHIETA, *José de. Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. S. J. (1554-1594).* Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1933

ANUNCIAÇÃO, Frei Miguel Arcanjo da. *Crônica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763*. Recife: Imprensa Oficial, 1940.

AQUINAS, St. Thomas. *Summa Theological*. Paris: Bloud, 1880 [1265–1274]. v. 4.

ARAÚJO, Dom Manuel do Monte Rodrigues de. *Elementos de direito ecclesiastico publico e particular*: em relação á disciplina geral da Igreja e com applicação aos usos da Igreja do Brasil. Rio de Janeiro: Typografia Episcopal de Antonio Goncalves & Companhia. 1857. V. 1.

AUDSLEY, George Ashdown. *The art of organ-building*. Nova York: Dover Publications, 1965. vols. 1, 2.

AVENTINUS, Johannes; ZIEGLER, Hieronymus. *Annalium Boiorum Libri Septem*. Ingolstadt: Alexander Samuel Weissenhorn, 1554.

AZEVEDO, Moreira. *Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades (1877)*. Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1877.

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil*: *primeira época – Período Colonial*, Petrópolis: Edições Vozes. 5ª edição. 2008.

BACH, Carl Philipp Emanuel. *Ensaio sobre a maneira correta de tocar teclado*: Berlim: 1753-1762. Tradutor: Fernando Cazarini. Campinas: Ed. da UNICAMP, [1753] 2009.

BAPTISTA, Jean. *O Temporal: sociedades e espaços missionários*. São Miguel das Missões: Museu das Missões-IBRAM, Coleção Missões - Vol. I, 2009.

BARROS, João de. *Décadas da Ásia*: Primeira Década. Lisboa: Regia Officina Typografica, [1552] 1778.

BEDOS DE CELLES, François. *L'Art du Facteur D'Orgues*. Valladolid: Maxtor Editorial,

2010.

BENTO, Santo. *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2008.

BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina: América Latina Colonial*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Vol. II, 2004.

BINGHAM, Rev. Joseph. *The Antiquities of the Christian Church*. Londres: William Straker, 1834. v. II.

BOSCHI, Caio C. *O Cabido da Sé de Mariana (1745-1820): documentos básicos*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Editora PUC Minas, 2011.

BRAZIL, Erico Vital. *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Editora Zarar, 2000.

BRITO, Frei Bernardo de - O. Cist. *Crônica de Cister*: onde se contam as cousas principaes desta ordem, & muytas antiguidades do reyno de Portugal. Lisboa Occidental: Na officina de Pascoal da Sylva. primeyra parte, 1720.

BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento:* a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

BUIL, Joaquín Saura. *Diccionario Técnico-Histórico del Órgano en España.* Barcelona: EDIM, 2001.

BURGH, Allatson. *Anecdotes of Music:* Historical and Biographical in a Series of Letters from a Gentleman to His Daughter. Londres: Longman, 1814. v. 1.

BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, [1867] 1976.

BUSH, Douglas Earl; KASSEL Richard. *The Organ:* An Encyclopedia. Nova Iorque: Talor and Francis Group, 2006.

CAMIN, Ângelo. *Considerações sobre Fônica Organística*. 1941. 63 f. Tese (Para concurso a cadeira de Órgão) – Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil.

CANTU, César. *Histoire universelle*. Paris: L'Intitut de France ,Vol. XVII, 1848.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1585] 1978.

CARVALHO, Gilberto Vilar Coord. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundacao Biblioteca Nacional. 1994. ISSN 0100-1922.

CECILIO, Handel. O órgão setecentista da Igreja do Carmo de Diamantina: seus enigmas e sua estreita ligação com o órgão de Córregos. Campinas: Unicamp, tese, 2008.

Colecção Oficial de Legislação Portuguesa. Lisboa: Imprensa nacional, 1836.

CONSTANCIO, Francisco Solano. *História do Brasil, desde o seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral até a abdicação do imperador Pedro I*. Paris: Livraria Portuguesa de J. P. Aillaud. Tomo I, 1839.

CORRÊA, Gaspar. *Lendas da Índia*. Lisboa: Typographia da Academia Real de Ciências, Livros I e IV, [1529-1561] 1858.

CORTESÃO, Jaime. *A Expedição de Pedro Alvares Cabral*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1922.

________________. *Jesuítas e bandeirantes no Tape:* 1615-1641. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de. *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos portugueses*. Lisboa: Typografia Rollandiana, Livros I e IV, [1551] 1833.

CASTRO, Mariângela. *Igreja de Nossa Senhora do Carmo Antiga Sé: história e restauração.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COSTA, Sara Figueiredo. *Regra de S. Bento em Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

D'ALENCAR, Carlos Augusto Peixoto. *Roteiro dos Bispados do Brasil e dos Seos Respectivos Bispos, Desde os Primeiros Tempos Coloniaes até o Presente*. Ceara: Typ. Cearense, 1864.

DANIEL, João. *Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro*: Biblioteca Nacional. Vol. 95, tomo II, 1975.

DANIEL, Padre João. *Tesouro descoberto no Rio Amazonas – 1722-1776*. Rio de Janeiro: Divisão de Publicação e Divulgação. Em Anais da Biblioteca Nacional, vol. 95, tomo II, 1975.

DELESSERT, Eugène. *Voyages dans les deux océans, Atlantique et Pacifique, 1844 à 1847. Brésil, États Unis, Cap de Bonne-Espérance, Nouvelle Hollande, Nouvelle Zélande, Taïti, Philippines, Chine, Java, Indes Orientales, Égypte*. Paris: A. Franck, 1848.

DIAS, Carlos Malheiros (dir. e coord.). *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Porto: Litografia Nacional, 1923.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *O Mar e os Beneditinos Portugueses*. Braga: ASPA, 1995.

________________________. *Quando os Monges eram uma Civilização… Beneditinos: espírito, alma e corpo*. Porto: CITCEM / Edições Afrontamento, 2011.

DINIZ, Jaime. *Músicos Pernambucanos do Passado*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1978.

____________. *O Recife e sua Música*. Recife: Arquivo Publico Estadual, Separata de Um Tempo do Recife, 1969. Tomos I e II.

DODERER, Gerhard. *Caixas de órgãos portugueses setecentistas*. Braga: Museu Nogueira da Silva, 1996. Separata.

DOM PEDRO II. *Viagens pelo Brasil*: Bahia, Sergipe e Alagoas – 1859. Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressão, 2003.

D. DUARTE I. *Leal Conselheiro e Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*.. Lisboa: Casa de todos os mercadores de livros de Lisboa, Porto e Coimbra, 1842.

DRUMMOND, Conselheiro Antônio de Meneses Vasconcelos de. Descrição Geográfica da Capitania do Matogrosso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, tomo XX, 1857.

ENDRES, D. José Lohr. *A Ordem de São Bento no Brasil quando província (1582-1827).* Salvador: Beneditina, 1980

FERNANDES, Neusa. *A inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2000.

FERREIRA, Carlos Alberto. A creação da Sé Catedral de São Paulo, por El-Rei D. João V: documentos para a sua história, extraídos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Ultramarino, Biblioteca da Ajuda, São Paulo: *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, 1955.

FERREIRA, *António Matos. Correntes Cristãs, Política e Missionação nos Séculos:* XIX e XX. Lisboa: Editora: CEHR - Centro de Estudos de História Religiosa. 2008. Tomo 19-20.

FONSECA, D. Luiza da. Aspectos da Bahia no Século XVIII. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador*: IGHB, N. 77, ano 1952.

FRAGOSO O.S.B., D. Mauro Maia. Antônio Teles: escravo e mestre pintor setecentista, no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 174, n. 485., Jan./mar. 2013.

FRANCO, Antônio. *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora do reyno de Portugal*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana. Tomo I, Livro 2, 1719.

GANDALVO, Pero de Magalhães. Historia da província Santa Cruz: a que vulgarmente chamamos Brasil. Lisboa: Typographia da Academia real das sciencias, [1576] 1858.

GÓES, Damião de. *Crônica do felicissimo Rei Dom Emanuel*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1749

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial: Do descobrimento à expansão territorial; História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Bertrand Brasil, Tomo 1, v. 1, 2003.

____________________________. *A época colonial*: administração, economia, sociedade; História geral da civilização brasileira. São Paulo: Bertrand Brasil, Tomo 1, v. 2, 2003.

HOLBROOK, Josiah. *Familiar Treatese on the Fine Arts, Painting, Sculpture , and Music*. Boston: James B. Dow., 1834.

HOLLER, Marcos Tadeu. *Uma história de cantares de Sion na terra dos Brasis*: a música na atuação dos Jesuítas na América Portuguesa (1549-1759). Campinas: Unicamp. Tese, 2006.

JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro. Vol. I, Parte Segunda. 1859.

LAMA, Jesús Angel de la. *El Organo Espanol*. Valladolid: Alcaniz y Fresno's S. A., Tomos I a III, 1995.

LAMEGO, Alberto Ribeiro, *A Planície do Solar e da Senzala.* Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.

LANGE, Francisco Curt. *Algumas Novidades em torno à Atividade Musical Erudita no Período Colonial de Minas Gerais*. Publicado: University of Texas Press. In: *Latin American Music Review / Revista de Música Latinoamericana*, Vol. 4, No. 2 (Autumn - Winter, 1983), pp. 247-268.

LE MÉE, Katharine. *The Benedictine Gift to Music*. New Jersey: Paulist Press, 2003.

LEITE, Duarte, *História dos descobrimentos*. Lisboa: Edições Cosmos, 1958.

LEITE, Serafim. Cartas do Brasil e mais Escritos do Pe. Manuel da Nóbrega. Coimbra: Universidade, 1955.

_________________. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola / Petrobras, 4 tomos [10 vols.], 2004.

LOSE, Alicia Duhá. *Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia:* edição diplomática. Salvador: Edufba, 2009.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, [1820] 1975.

LUNA, Joaquim G. de. *Os monges beneditinos no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1947.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserañ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente.* Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 4 tomos, 1754.

MAGALHÃES, Joaquim Ferreira. *Os primeiros 14 documentos relativos à Armada de Pedro Álvares Cabral*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

MANSI, Johannes Dominicus. *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio*. Graz: Akademicher Druck, 1960 [1759]. v. 17 A.

MARTÍN, Julián López. *A Liturgia da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MATTOS, Gastão de Mello Mattos, *Nota sobre os postos no Exército Portugues*. Em Arqueologia e História, vol. VIII, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1930.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, Tomo 1 - Período Colonial, 2001.

MAURÍCIO, Augusto. *Templos Históricos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1946.

MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, [1812]

1978.

MAZZA, José. *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*. Lisboa: Tipografia da Editorial Império, Lda, 1944/45.

MEDEIROS, José, *Uso e Cerimônias da nossa Ordem de Cristo*. Sintra: Zéfiro – Edições de Actividades Culturais, Unipessoal Lda. 2008.

MELLO, Guilherme Theodoro Pereira de. *A música no Brasil desde os tempos coloniais até o primeiro decênio da republica*. Bahia: Typographia de S. Joaquim, 1908.

MILMAN, Henry Hart. *The History of Christianity, from the Birth of Christ to the Abolition of Paganism in the Roman Empire*. Paris: Baudry's European Library, 1840.

MONTEYRO, D. Sebastiaõ. *Constituiçoens Primeyras do Arcebispado da Bahia: Feystas, & ordenadas.* Lisboa Ocidental: Officina Pascoal da Sylva, 1719.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta – A experiência brasileira – 1500-2000: a grande transação*. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império: 1813-1857*. Rio de Janeiro: Livreiro-Editor, I Tomo, 1897.

NETO, Miranda. *A utopia possível : missões jesuíticas em Guairá, Itatim e Tape, 1609-1767, e seu suporte econômico-ecológico*. Brasília : FUNAG, 2012.

NOGUEIRA, Marcus Antonio Monteiro. *O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro: inventário da arte sacra fluminense*. Rio de Janeiro: INEPAC, 2 Vols., 2008.

NOGUEIRA, Octaciano. *Constituições Brasileiras: 1824*. Brasília: Senado Federal e Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 1999.

OLIVEIRA, Dom Helvécio Gomes de. Breve Notícia dos Seminários de Mariana. São Paulo: Oficina da Revista dos Tribunais, 1953.

OLIVERA HERNÁNDEZ, Maria Herminia. *A administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVIERI, Antônio Carlos (Osrg). *Cronistas do descobrimento*. São Paulo: Ática, 1999.

OWEN, Barbara. *The registration of Baroque organ Music*. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

PAPA BENDICTI XIV, *Caeremoniale Episcoporum*. Mechliniae: Archiep. Mechl. Typographus, 1853.

PAPA CLEMENTS VIII, *Caeremoniale Episcoporum*. Roma: Typis Lepidi Fatÿ, 1606.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da história do Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N. 5, 1940.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador: Editora Corrupio / Petrobras, 3ª ed., 2009.

PORTUGAL, Câmara dos Deputados. *Diário da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*. Lisboa: Impressão Régia, Vol. 2. 1828.

PLATINA, Bartolomeo. *The Lives of the Popes* – From the Time of Our Savior Jesus Christ to the Accession of Gregory VII [*Vitae Pontificum*]. Londres: Griffith Farran & CO. Limited, 19?? [1479].

POLLIO, Marcus Vitruvius. *The Architeture*. London: Tradução de Joseph Gwilt. Londres: John Wale, 1860.

PRAET, Wilfried. Organ dictionary. Berchem: EPO, 2000.

PRAETORIUS, Michael. *Syntagma Musicum*. Alemanha: Bärenreiter. Faksimile-Reprint der Ausgaben von 1614/15 und 1619, Band I, II, and III, 2001.

REISCH, Gregor. *Margarita philosophica cum additionibus novis: ab auctore suo studiosissima revisione tertio superadditis*. Publicado por Jo. Schottus [et M. Furterus], 1508.

RESENDE, Garcia. *Chronica dos valerosos e insignes feitos del Rey Dom Ioão II.* Lisboa: Antonio Alvarez Impressor & Mercador de Livros, 1622.

RESENDE, Maria da Conceição. *A música na história de Minas Colonial*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

REYCEND, João Baptista. *O Sacrosanto, e Ecomenico Concílio de Trento*: em latim e português. Lisboa: Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1781. Tomo I e II.

RIEMANN, Hugo. *Manual del organista*. 5. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1929, p. 152.

RÖWER, Frei Basílio. *Páginas de história franciscana no Brasil : esboço histórico de todos os conventos e hospícios fundados pelos religiosos franciscanos da província da Imaculada Conceição do sul do Brasil, desde 1591 a 1758, e das aldeias de índios administradas pelos mesmos religiosos desde 1692 a 1803*. Petrópolis: Editora Vozes, 1957.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1833] 2000.

__________________________. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1822] 1974.

__________________________. *Viagem pelo Distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1833] 2004.

SANTO ANTONIO, Fr. Joseph de. *Acompanhamento de missas, sequencias, hymhos, e mais cantochao, que he uso, e costume acompanharem os Órgãos da Real Basilica de Nossa Senhora e Santo Antonio, junto á Villa de Mafra, com os transportes, e armonia, pelo modo mais conveniente, para o Côro da mesma Real Basilica*. Lisboa: Camara Real de Sua Magestade Fidelissima, 1761.

SANTOS, Isa de Queiroz. *Origem e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

SEQUEIRA, Antonio D'Oliva de Sousa. *Projecto para o estabelecimento político do Reino-Unido de Portugal, Brasil e Algarves*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1821.

SILVA, Desembargador António Delgado da. *Collecção da Legislação Portugueza Desde a Última Compilação das Ordenações:* Legislação de 1775 a 1790. Lisboa: Na Typografia Maigrense. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. Tomos III e IV, 1828.

SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e. *Memórias históricas e politicas da província da Bahia*. Bahia : Imprensa Official do Estado. Vol. V, 1937.

SILVA, José Justino de Andrade e. *Colecção Oficial de Legislação Portuguesa*, Lisboa: Imprensa nacional, 1836.

SILVA, José Justino de Andrade. *Colleçãoo Chronologica da Legislação Portugueza*. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza, Segunda Série.1856.

SILVA, Desembargador António Delgado da. *Collecção da Legislação Portugueza Desde a Última Compilação das Ordenações:* Legislação de 1775 a 1790. Lisboa: Na Typografia Maigrense. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. TOMO III, 1828.

___________________________. *Collecção da Legislação Portugueza Desde a Última Compilação das Ordenações:* Legislação de 1775 a 1790. Lisboa: Na Typografia Maigrense. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. TOMO IV, 1828.

SOLEDADE, Fr. Fernando da. *Seráfica Cronológica da Ordem de São Francisco da Província de Portugal*. Lisboa: Officina de Manoel, & Josephe Lopes Ferreyra. Tomo III, 1705.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587* . Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1851.

SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes de. *O descobrimento do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Gráfica-Editora Michalany, 1956.

SUMNER, William Leslie. *The Organ: Its Evolution, Principles of Construction and Use*. Londres: Macdonald, 1958.

TAUNAY, Affonso de E. *História antiga da Abbadia de S. Paulo, (1958-1772)*. São Paulo: Tip. Ideal H. L. Canton, 1927.

VAZ, João. *Os seis órgãos da Basílica de Mafra*. Lisboa: RTP e IMC, 2012.

VILHENA, Luís dos Santos. *Recopilação de notícias Soteropolitanas e Basílicas*. Bahia : Imprensa offical do estado. Vol. 1, 1921.

WEBBER, Geoffrey. *The Cambridge Companion to the Organ*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WILLIAMS, Peter F. *The European organ*: 1450–1850. Londres: B. T. Batsford, 1968.

__________________; OWEN, Barbara. *The new grove:* the organ.W. Londres: W. Norton & Company, 1984.

WILLEKE, Fr. Venâncio OFM. *Livro dos Guardiães do Convento de São Francisco da*

Bahia. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - IPHAN, 1978.

ZICO, José Tobias. *Caraça, sua igreja e outras construções*. Belo Horizonte: FUMARC/UCMG, 1983, P. 42.

ZUAZO, Alejandro. *Ceremonial segun las reglas del Missal Romano...: Methodo de celebrar la Missa rezada y cantada*. Madri: Imprenta de la ilustre Cofradia de la Santa Cruz, 1753.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, Ayres. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo: 1808-1865*. Vols. I e II, Rio de Janeiro: Sala Cecilia Meieles, 1867.

AZEVEDO, Carlos. *Baroque Organ-Cases of Portugal*. Amsterdam: Frits Knuf, 1972.

BAKER, David. *The organ*, 3. ed. Merlins Bridge: Shire Publications Ltd, 1993.

BARBOSA MACHADO, Diogo. *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserao desde o tempo da promulgacao da ley da graca ate o tempo prezente*. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741.

BLUTEAU. Raphael. *Vocabulário português e latino.* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1713.

BROWN, Howard Mayer. *Musical Iconography - A Manual for Cataloguing Musical Subjects in Western Art before 1800*. Massachusetts: Havard University Press, 1972.

BUSH, Douglas E. *The Organ:* an encyclopedia. Nova Iorque: Taylor & Francis Groupe, 2006.

CALMOM, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 3ª Ed., Volumes I a V, 1959.

COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

COUTO, D. Domingos do Loreto. Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de janeiro*. V. 24, p. 1-611, 1904 [1757].

DODERER, Gerhard. *Caixas de órgãos portugueses setecentistas*. Braga: Museu Nogueira da Silva, 1996. Separata.

FARIA, Maria Juscelina. Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas: um recolhimento mineiro do século XVIII. *Revista Análise e Conjuntura*, jan./abr., 1987.

FREYREISS, Wilhelm Georg. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, [1815] 1982.

GLANCEY, Jonathan. *Architeture*. London: Dorling Kindersley Limited. 2006.

HAPER, John. *The Forms and Orders of Western Liturgy from the Tenth to the Eighteenth Century: A Historical Introduction and Guide for Students and Musicians*. Great Britain: Clarendon Press, 1991.

HENRIQUE, L. Luiz. *Acústica musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

KERR, Machado Dorotéa. *Catálogo de órgãos da cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume Editora, 2001.

______________________. *Possíveis causas do declínio do órgão no Brasil. Em anexo: Catálogo de órgãos do Brasil. Dissertação de mestrado*. Rio de Janeiro: Universidade

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Escola de Música, 1985.

______________________. *Organistas, organeiros e órgãos : crônicas sobre a história da música no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011.

KIEFER, Bruno. *História da música brasileira.* Porto Alegre: Movimento, 1977.

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LANGE, Francisco Curt. *Os compositores na Capitania Geral das Minas Gerais*. *Estudos Históricos*, n. 3 e 4. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1965.

____________________ *A organização musical durante o Período Colonial Brasileiro*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 5., 1966. *Anais...* Coimbra: [s.e.] 1966.

____________________. *História da música nas irmandades de Vila Rica* - Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Belo Horizonte: Imprensa Oficial [Conselho Estadual de Cultura], 1979. vols. 1 e 5. (História da música na Capitania Geral das Minas Gerais).

____________________. *História da música na Capitania das Minas Gerais: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1983. v. 8.

LEITE, S. *Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil* (1549-1760). Lisboa: Brotéira, 1953.

LUNA O.S.B., D. Joaquim G. de. *Os monges beneditinos no Brasil:* esboço histórico. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Christi, 1947.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Arraial do Tijuco, Cidade Diamantina*, 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 240.MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, [1812] 1978.

MELLO, Christiane Figueiredo Pagano de. *Forças militares no Brasil Colonial: corpos de auxiliares e de ordenanças na segunda metade do século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2009.

MENESES, Flo. *A acústica musical em palavras e sons*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

MORAIS, Geraldo Dutra. *História de Conceição do Mato Dentro*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1942.

MERKLIN, Alberto. *Organologia*. Valladolid: Editorial MAXTOR, (Ed. Facsimil de 1924), 2003.

MOURÃO, Rui. *O alemão que descobriu a América*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

NEVES, José Maria. *Catálogo de obras da música sacra mineira*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

NIGRA O.S.B., D. Clemente Maria da Silva. *Construtores e artista do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda, 1950.

NILAND, Austin. *Introduction to the organ*. Londres: Faber and Faber, 1968.

NORONHA, Ibsen José Casais. *Aspectos do Direito no Brasil Quinhentista*. Coimbra: Edições Almedina SA. 2005.

OWEN, Barbara. *The registration of baroque:* Organ Music. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em Torno da História do Sabará*. Rio de Janeiro: Serviço do patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940, n. 5.

Pinho, Ernesto. *Santa Cruz de Coimbra. Centro de Actividade Musical nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian, 1981.

PONTES O.S.B., D. Plácido Domingos de Azevedo. *Reflexões e considerações sobre a gloriosa Ordem de São Bento, a sua implantação em terras brasileiras e a extraordinária restauração de referida ordem no Brasil*. Não Publicado.

QUINSON, Marie-Therese. *Dicionário cultural do cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ROCHA O.S.B., D. Mateus Ramalho. *O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*: 1590/1990. Rio de Janeiro: Ed. Studio HMF, 1991.

ROMEIRO, Adriana. *Dicionário Histórico das Minas Gerais – Período Colonial*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

___________________. *Dicionário Histórico Brasil: Colônia e Império.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Antônio Carlos dos. *Os músicos negros: escravos da Real Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

SAURA BUIL, Joaquín. *Diccionario técnico-histórico del órgano en España.* Espanha: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004.

SCHULZE-HOFER, Maria Cristina; MARCHIORI, José Newton Cardoso. *O Uso da Madeira nas Reduções Jesuítico-Guarani do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IPHAN, 2008.

SILVA, Handel Cecilio Pinto da. *O órgão da Freguesia de Nossa Senhora D'Aparecida de Córregos: Renasce das cinzas, revelando uma historia fantástica*. Brasília, In Anais do XVI Congresso Nacional da ANPPOM, 2006.

__________________________. *A arte organística do Estado de Alagoas: Um resgate de sua história nos séculos XIX E XX.* Florianópolis: In Anais do XX Congresso Nacional da ANPPOM, 2010.

SOARES, Calimério. Os Órgãos Cavaillé-Coll das Igrejas do Senhor Bom Jesús do Brás e São José do Ipiranga na cidade de São Paulo e da Igreja da Ordem Terceira do Carmo - Salvador - Bahia – Brasil. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 71-93, 1989.

TOLLENARE, Louis-François de. *Notes dominicales prises pendant un voyage en*

Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818. Paris : Presses Universitaires de France, 1971-1973.

VALENÇA, Manuel. *A Arte Organística em Portugal I - c. 1326 - 1750.* Braga: Editorial Franciscana,1990.

_________________. *A Arte Musical e os franciscanos no espaço portugês (1463-1910).* Braga: Editorial Franciscana, 1997.

_________________. *A Arte Organística em Portugal II - depois de 1750*. Braga: Editorial Franciscana, 1995.

_________________. *Instrumentos musicais importados em Portugal - Arp Schnitger e Órgãos recentes*. Braga: Editorial Franciscana, 2002.

_________________. *O Órgão na História e na Arte.* Braga: Editorial Franciscana, 1987.

_________________. *Organística e Liturgia*. Braga: Editorial Franciscana, 2006.

VASCONCELOS, António de. *Real Capela da Universidade de Coimbra: Alguns apontamentos e notas para a sua história*. Reed. de Manuel Augusto Rodrigues. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1990.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus templos*: era colonial (1703-1797). Belo Horizonte. Gráfica Queiroz Breyner, 1938.

WEBBER, G.; THISTLETHWAITE, N. (Ed.). *The Cambridge Companion to the Organ*. Cambridge: University Press, 2003.

WILLIAMS, Peter F. *A NEW HISTORY OF THE ORGAN: From greeks to the present day*. London: Indian University Press, 1980.

GLOSSÁRIOS

GLOSSÁRIO DE TERMOS ORGANÍSTICOS

Segundo Handel Cecilio Pinto da Silva

Ação Mecânica - Refere-se tipo de conexão entre a tecla e a válvula em instrumentos que possuem someiro de corrediça e de válvulas e também ao mecanismo de ação dos puxadores de registros.

Batalha - Obra estruturada em curtas secções modulares contrastadas na textura, umas imitativas, outras marcadamente harmônicas e monorrítmicas, que descreve, com sugestivos efeitos onomatopaicos, uma batalha.

Canaleta - O mesmo que gravura ou canal de nota. É o canal localizado no someiro que corresponde a cada tecla do manual. Tem a função de distribuir o ar por todas as fileiras de registros.

Composta (Compuesta) - O mesmo que Mistura, Cheio, *Compuestas de Lleno*, *Ripieno*, *Lleno* ou *Mixtur*. Corresponde ao registro composto por duas ou mais fileiras de tubos que enriquecem o som fundamental com sons harmônicos superiores.

Consolo - O termo significa a parte do órgão onde o organista executa e programa o instrumento. É uma espécie de mesa de controle onde estão os Manuais, a Pedaleira, os Puxadores de Registros e os Acoplamentos. Nos órgãos mecânicos, o consolo se localiza na própria caixa. Traduzido para o português como consola ou console, o verbete do Novo Dicionário Aurélio - Século XXI apresenta-o como "consolo", termo empregado ao longo desse trabalho.

Contra-someiro - Também chamado de panderete ou de suporte dos tubos. Tem como função apoiar o pé dos tubos no someiro. Nesse suporte de madeira, há um orifício com o diâmetro adequado ao encaixe de cada tubo. Existe uma peça para cada fileira ou para cada mistura.

Duto de Ar - O mesmo que condutor de ar. Conduz o ar produzido nos foles até o reservatório de ar.

Fachada - Parte frontal da caixa onde se encontram os tubos aparentes, que geralmente são os tubos do registro Principal. Como parte da caixa do órgão de tubos, sendo responsável pela projeção do som. Existem diversas formas de composição da fachada que incluem partes decorativas em madeira e os tubos. Estes tubos podem ser organizados verticalmente, em torres ou em nichos, ou horizontalmente; a Trompeteria Tendida. Podemos considerar a fachada como sendo o "rosto" ou a "face" do órgão de tubos.

Falso Registro - São barra que ficam entre na parte superior do someiro e que permitem as réguas de registro deslizar nas corrediças.

Foles - Os foles são responsáveis pela produção de ar para alimentar os tubos. Podem-se considerados como sendo "os pulmões" do órgão de tubos.

Manual (do latim, *manus*) - É o teclado executado pelas mãos do organista.

Meio Registro - O mesmo que registro partido ou médio registro. O termo se aplica aos órgãos ibéricos, nos quais um simples registro é dividido em duas partes, correspondendo à mesma partição do teclado. A metade correspondente à região grave é chamada de Baixos e a região aguda é denominada Tiples (agudos). Alguns registros existem somente em uma das metades do teclado. Cada metade é operada por um puxador de registro independente. Geralmente a divisão encontra-se entre o Dó^3 e o Dó#^{3} e algumas vezes entre o Si^2 e o Dó^3, na região da Catalúnia.

Mistura - O mesmo que *Ripieno*, *Lleno*, *mixture*, ou *Mixtur*. Corresponde ao registro de vozes composto por duas ou mais fileiras de tubos que enriquecem o som fundamental com sons harmônicos superiores.

Molas das Válvulas - São molas que fazem com que as válvulas no someiro voltem a sua posição original após a tecla ser acionada.

Molinete de Redução - É uma peça de madeira ou metal que se localiza na tábua de redução que atua na transferência do movimento das teclas as válvulas no someiro.

Oitava Curta - É aquela encontrada na primeira oitava dos órgãos antigos desde a segunda metade do século XV, até meados do século XVIII. Contudo, a oitava curta persiste algumas áreas até 1840. Tem razões na economia de material, pois os tubos mais graves são maiores e gastam mais em sua fabricação. Existe a oitava curta pela esquerda, cuja forma mais usada é: a tecla Mi^{1} soando como Dó^{1}; o Fá$^{1\#}$, como Ré^{1}; e o Sol$^{1\#}$, como Mi^{1}. As notas Fá^{1}, Sol^{1}, Lá^{1}, Si^{1b} e Si^{1} não se alteram. Nos órgãos ibéricos correspondem às mesmas notas das pissas. A oitava curta pela direita que tem seu teclado cromático completo até a nota Lá.

Organeiro - É o oficial ou profissional que constrói, faz conservação, e executa reparos nos órgãos de tubos.

Órgão Fixo de Igreja – Órgão de tubos localizado geralmente localizados nos coros, em tribunas, ou nas naves das igrejas. O termo "órgão fixo" é usado em oposição aos órgãos portáteis.

Pedaleira - É o teclado executado pelos pés do organista.

Pissas - São botões usados como pedaleira e, geralmente, são as notas: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si^{b} e Si.

Portativo - Órgão de tubos pequeno e de fácil de transporte, de uso muito corrente no século XIV, nomeadamente nas procissões, nas quais era transportado pelo próprio organista tocava o teclado (com a mão direita) e acionava o fole (com a mão esquerda).

Positivo - O termo vem do latim, do verbo *ponere,* que significa "pousar". Trata-se de um órgão de tubos com poucos registros de uso litúrgico, mas, algumas vezes, de uso secular (Órgão de Câmera). Com apenas um manual e sem pedaleira esse órgão era facilmente deslocável no espaço litúrgico das igrejas onde servia para acompanhamento do cantochão.

Positivo de Armário - O mesmo que órgão positivo de móvel. Nos tempos coloniais, o termo "positivo de armário" era conhecido na organaria portuguesa como "positivo de móvel". São órgãos que possuem portas para proteger o consolo e os tubos e somente são abertas para as execuções. Sua caixa assemelha-se a um armário.

Principal - É o registro considerado como a base sonora de um órgão de tubos, corresponde ao som fundamental da série harmônica.

Puxadores de Registro - Dispositivo mecânico que permite ligar e desligar determinado registro; puxando-o ou empurrando-o. Está localizado do lado esquerdo e do lado direito do consolo, ou somente do lado esquerdo; no chamado quadro de registros. Quando o puxador é acionado, permite que o ar dos foles chegue aos registros fazendo os tubos soarem ao serem acionadas as teclas. Fazem parte deste conjunto de mecanismo: o puxador, o molinete de registro e as réguas de registro. O mesmo que botão de registro, manúbrio ou tirador de registro.

Registro - O mesmo que registro de vozes. É o timbre individual do órgão. Composto por uma ou mais fileiras de tubos. O nome dos registros deriva do timbre e da altura sonora. O número, em algarismos arábicos, corresponde à medida do tubo mais grave da fileira. Nas misturas, várias fileiras de tubos paralelos soam juntos, e são usados números romanos, que correspondem ao número de fileiras.

Registros Partidos - O mesmo que meio-registros.

Régua de Registro - Também denominada de registro, são réguas de madeira que correm nas corrediças. Cada régua de registro possui um orifício correspondente a cada tubo do registro sob o qual está colocada. As corrediças ficam acima dos canais que estão sobre o reservatório de ar. Quando a régua é deslocada, por meio dos puxadores, permite a comunicação entre os canais e os tubos desse registro. Ao ser pressionada a tecla, a válvula é aberta permitindo que o ar passe do reservatório para o canal de nota, chegando então ao tubo, fazendo este soar.

Reservatório - O mesmo que deposito de ar. É a caixa que se localiza no someiro, tendo a função de receber e armazenar o ar produzido pelos foles.

Rótulo do Registro - O mesmo que selo, etiqueta ou letreiro. Local onde está escrito o nome do registro no puxador de registro.

Someiro de Corrediças - O mesmo que secreto. É uma caixa retangular feita em madeira que tem como função principal receber o ar dos foles e distribuí-lo pelos tubos, que são colocados sobre ele, e apoiados nos panderetes. Existem três tipos de someiros: de corrediça, de válvula única e de válvula cônica. Os someiros dos órgãos em estudo são do

tipo de corrediça. Nesse caso, as partes dele são: o depósito de ar, as válvulas, os canais, as corrediças e o contra-someiro. Dentro do depósito de ar do someiro existem válvulas e cada uma dessas está ligada a uma tecla do manual por meio de uma vareta ou fio de arame. Quando é pressionada a tecla, abre-se uma válvula permitindo a passagem do ar do reservatório para os canais abaixo dos tubos. O puxador de registro aciona cada corrediça correspondente a essa fileira de tubos, fazendo-os soar. O comprimento do someiro é proporcional ao número de teclas e ao tamanho dos tubos. No caso dos órgãos em estudo, cada corrediça corresponde a um registro.

Selo de Ar - O mesmo que selo do reservatório. Serve para vedar orifício do reservatório de ar por onde passa o arame da redução.

Tábua de Redução - O mesmo que redução, painel de redução, tábua de molinetes ou quadro de redução. É o mecanismo de comunicação que faz a transferência do movimento da tecla até a válvula do canal de nota correspondente no someiro, fazendo que essa seja aberta. É composta pela tábua, molinetes e vareta (em alguns órgãos são usados arames).

Tampa de Corrediça - Tampa do someiro com orifícios que correspondem a cada tubo. Servem de apoio para o pé do tubo como também para permitir que o ar que vem das canaletas, ao passarem pelas réguas de registros, chegue a estes.

Tiento (Tento) - Forma musical originada na Espanha em meados do século XV. Análogo às formas *Fantasia* e *Ricercare*. Inicialmente para vários instrumentos, nos finais do século XVI se tornou uma peça exclusiva para teclados. Forma tradicional do final do século XVI, é um tipo de obra geralmente estruturada em várias secções encadeadas, algumas vezes de caráter rítmico contrastante, baseadas numa sucessão de motivos que se imitam, circulando de voz em voz. O teclado partido veio permitir destacar a trama polifônica do *Tento*, uma ou mais linhas melódicas, solísticas ou concertantes, tanto no registro superior como no inferior, dando assim lugar aos *Tentos de meio registro alto* (*de mão direita)*, B*aixo (de mão esquerda), de dois tiples*, ou *de dois baixos.*

Tração Mecânica - Sistema mecânico que permite o contato do consolo com o restante do órgão. A grande vantagem desse sistema é permitir uma resposta mais rápida e direta entre o toque e o soar do tubo

Trompeta Real - Registro de palhetas típico do órgão de tubos ibérico. Neste caso, estes tubos são internos a caixa do órgão e na são posicionados verticalmente.

Trompeteria Horizontal - São os registros de palheta do órgão ibérico cujos tubos se encontram na fachada posicionados horizontalmente. Foram introduzidos nos órgãos ibéricos durante a segunda metade do século XVII e primeira metade do século XVIII. (KASTNER, 1987, p. 76). Conhecido também como *Lengüentería Horizontal, Trompetería Tendida, Palhetas de Fachada* ou *Trompetería de Batalla*. Registro apropriado para se tocar Batallas de Pedro de Araújo, Torrelas e Cabanilles. Com Aristide Cavaillé-Coll (1811-1899), construtor francês de órgãos, este registro ficou conhecido como *Trompette en Chamade.*

Tubaria (Tubagem) - Conjunto de tubos de um órgão de tubos, correspondendo à parte fônica do instrumento.

Tubos Mudos - O mesmo que tubos canônigos (Canónigos), ou tubos falsos. São tubos ornamentais colocados para compor os nichos e as torres na fachada do órgão.

Tubos sonantes - São os tubos que soam, em oposição aos tubos mudos (canônigos).

Válvulas dos Canais - Esse mecanismo controla hermeticamente a passagem de ar do reservatório de ar para os canais abaixo dos tubos, permitindo-os soar. Tem a forma triangular-prismática. Também conhecido como sopapo.

GLOSSÁRIO DE TERMOS BENEDITINOS E ECLESIÁSTICOS[475]

Abade - Superior maior duma casa beneditina, formada segundo o Direito Canónico. A Regra Beneditina considera o Abade como Pai do mosteiro. Os abades durante muito tempo eram vitalícios ou perpétuos; todavia, na Antiga Congregação Beneditina Portuguesa, de 1570 a 1834, passaram a trienais e eram eleitos não pelos monges do respectivo mosteiro, mas em Capítulo Geral, por força da centralização do Concílio de Trento (1545-1563).
Abade Geral - Era o abade responsável por de 1713 e 1731, foi introduzido para que todos os mosteiros beneditinos, reunidos em Congregação. Era eleito trienalmente pelos delegados ao Capítulo Geral e governava o seu Mosteiro de São Martinho de Tibães.
Abade Mitrado - Abade a quem foi concedido o uso das insígnias prelatícias, à maneira de bispo, com mitra, báculo, cruz peitoral e anel.
Alfaias Litúrgicas - São todos os objetos que servem ao exercício da Liturgia: adornos, paramentos da igreja ou capela, peça de vestuário, empregada em cerimónias, vasos, etc.
Alferes - Oficial do exército inferior ao tenente. É um porta-bandeira, provavelmente, aquele que, na irmandade, levava o estandarte.
Altar - é a Mesa para os sacrifícios. Mesa consagrada onde se celebra a missa. O Altar-mor é o principal. Em torno da nave, encontram-se os altares laterais
Antifonário - Livro de canto litúrgico para o Ofício Divino, sobretudo Laudes e Vésperas
Artes - Estudos de Filosofia, depois do Coristado, durante três anos. Compreendiam História Literária, História da Filosofia, Lógica, Ontologia, Geometria, Cálculo, Física, História Natural, Pneumologia e Ética. As aulas, dadas por dois professores, de manhã, das 9:30h até 10:30h e, de tarde, das 14h até às 16:30h. Havia um professor substituto.

Báculo - O mesmo que cajado. Tem sua extremidade superior arqueada. É um bordão de pastor, relativo ao líder. Também conhecido por bago (em desuso), é um dos símbolos

---

[475] Em sua maioria, os verbetes estão segundo o *Glossário Monástico-Beneditino: Em torno dos espaços religiosos – monásticos e eclesiásticos* de Geraldo J. A. Coelho Dias, OSB/FLUP, e o Glossário de Termos sobre religiosidade de Verônica Maria Meneses Nunes Aracaju: Tribunal de Justiça; Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008.

episcopais.

Breviário - Livro de uso litúrgico com as Horas do Ofício Divino. O 1° Breviário Monástico Reformado foi impresso em Coimbra, 1607.

Cabido - Conjunto, corporação dos cônegos de uma catedral. Capítulo ou assembleia, celebrada por uma ordem religiosa.

Cadeiral - Também conhecido por estala e por cadeira de espaldar. Se localiza no coro alto ou na capela-mor das igrejas, para os eclesiásticos. Nas primitivas basílicas cristãs eram de pedra ou mármore. A partir do século XIII passam a ser de madeira e, no Barroco, são objetos esculpidos de valor artístico.

Canonicato - Dignidade de um cônego.

Canonista - Aquele que é versado nos cânones da Igreja.

Cantaria - Pedra rija, esquadrada para construções. Pedra de cantaria, pedra rija que pode ser ou foi lavrada.

Capítulo - Lugar do mosteiro, preparado com arte e funcionalidade, para as reuniões do convento dos monges. Também se chama Capítulo ao corpo dos professos reunidos para sessão capitular da comunidade. O nome deriva do fato de aí se ler um capítulo da Regra.

Capítulo Geral - Lugar das reuniões trienais para as eleições na Congregação, que, desde 1700, teve lugar adequado em Tibães. Tais reuniões deviam realizar-se de três em três anos por período de 15 dias, a começar em 3 de Maio, dia de Santa Cruz.

Carta de Profissão - Documento comprovativo do compromisso dum monge, ao emitir os votos monásticos.

Cerimonial - Livro que regulava as cerimónias da igreja e das observâncias monásticas. Houve edições em três volumes: Coimbra, 1° e 2° no ano de 1647, 3° em 1648; a 2" edição em Lisboa, 1820. A reforma do Cerimonial provocou dificuldades.

Clausura - Espaço do mosteiro não acessível a pessoas de outro sexo.

Clérigo - Religioso que recebeu ordens sacras ou eclesiásticas. A Ordem eclesiástica pode abranger o clero secular ou diocesano e o clero regular ou das ordens e institutos de perfeição.

Colégio - Lugares monásticos, ligados a um mosteiro, onde se ministravam os Estudos Maiores de Filosofia e Teologia.

Cônego - Clérigo secular, que faz par- te de um cabido, e ao qual impendem obrigações religiosas, numa Sé ou colegiada.

Congregação - Conjunto dos mosteiros dum país ou regiões associadas e sob a chefia dum Abade Geral. A Congregação Beneditina Portuguesa teve o seu centro ou casa-mãe (Mosteiros de Portugal e da Província do Brasil) no Mosteiro de Tibães, junto a Braga.

Côngrua - Pagamento aos bispos, vigários e párocos, obtido para sua conveniente sustentação.

Conselho - Grupo de anciãos que assistem um abade para decisões importantes na vida das comunidades, quer no espiritual quer no temporal.

Constituições - Livro aprovado pela Santa Sé, que regula e aplica as normas da Regra para a vida comunitária. Houve uma edição em português, em Lisboa, 1590, e outra em latim, em Coimbra, 1629, que se tornou o código normativo da disciplina para toda a Congregação até à expulsão de 1834.

Convento - O grupo dos elementos capitulares, quando reunido para sessões comunitárias ou capítulos. Diferença de terminologia com as ordens mendicantes, que chamam Convento ao próprio edifício material ou casa, onde os seus membros viviam.

Conventual - Monge a residir num mosteiro de que era membro ou onde tinha a sua conventualidade. Na Congregação Beneditina, os monges professavam para a Congregação onde tinham estabilidade, e não para os mosteiros. Por isso, podiam mudar de conventualidade por disposição do Abade Geral.

Corista - Aquele que, depois do Noviciado, júnior, passava no mosteiro três anos no aperfeiçoamento do latim, da música ou do órgão ou de outro instrumento musical.

Coristado - Lugar bem determinado num mosteiro e onde os coristas tinham as suas celas.

Coro - Lugar determinado na igreja onde os monges rezam ou celebram o Ofício Divino.

Coro Alto - sobre a entrada, de carácter mais monástico e devocional, com o cadeiral, geralmente bem adornado.

Coro Baixo - O mesmo que Coro da Capela-mor. Localizado próximo do altar, sobretudo para as celebrações eucarísticas ou solenes (Vésperas) com participação dos fiéis.

Cronista - Monge encarregado de fazer o relato dos acontecimentos. Na Antiga Congregação Beneditina Portuguesa criou-se o cargo de Cronista-mor da Congregação.
Cura - Sacerdote encarregado da paróquia nas igrejas dos monges.

Definidor - Membro do Capítulo Geral eleito para três anos com a função de determinar e julgar as coisas propostas e tirar os impedimentos e entender na reforma da ordem e bom governo dos mosteiros.
Dietário - Livro em que cada mosteiro devia exarar as notícias da natureza política, civil e económica; do físico, meteorológico e médico; do moral, eclesiástico e monástico; do literário, ciência e artes. Foi determinada a sua existência pelas Constituições (Const. 3, N° 79, Livro 2) e urgida pelos Abades Gerais Fr. Manuel da Esperança Teles em 1795 e logo por Fr. Manuel de Santa Rita Vasconcelos. Em cada mosteiro devia haver o monge dietarista. Existem exemplares dos Dietários de Tibães, iniciado por Fr. Francisco de S. Luís Saraiva em 1798, Ganfei, Lisboa (São Bento da Saúde), Neiva, Rendufe.
Disciplina - Conjunto de determinações, que todo o monge devia observar e que marcavam a observância regular. A expressão "Tomar disciplinas" indica o ato penitencial de os monges, sobretudo na sexta-feira à noite, castigarem o próprio corpo com correias ou cordas.

Ecônomo - Monge encarregado da administração temporal; também se lhe chama Celerário.
Estadista - Um dos dois monges eleitos pela comunidade, independentemente dos abades, para fazerem os Estados ou relatórios trienais a enviar para os Capítulos Gerais. A prática dos Estados foi decretada em 1629.
Ermida - Pequena igreja em sítio ermo.

Estado - Relatório a apresentar no fim de cada triénio ao Capítulo Geral, feito por dois monges eleitos sobre o estado ou situação dum mosteiro (obras e economia). Daí se dizer "Estados de Tibães", mas, melhor se diria "Estados do mosteiro de (nome do mosteiro) para o Capítulo Geral" de Tibães.
Estante Coral - Peça de grandes dimensões e artística, geralmente de quatro faces, quer no

coro alto quer no coro baixo para sustentar os antifonários e graduais, que os monges seguiam das suas estalas.

Fábrica - O mesmo que rendimento. Rendas aplicadas às despesas de culto e manutenção de uma igreja.

Festa Religiosa - São ritos dedicados ao Senhor (natividade, morte e ressurreição) e aos santos (Maria, padroeiros, mártires). É o dia de festa é dia santificado, ou seja, dia consagrado ou instituído em honra de Deus ou dos santos. Diz-se também dia de guarda.

Frade (Frei) - Membro de uma comunidade religiosa masculina.

Frontispício - Frontaria, fachada de um edifício.

Galilé (Galileia) - Cemitério, destinado ao enterro de pessoas nobres em alguns conventos.

Gasto (Livro do) - Livro para escriturar as despesas gerais, dando entrada das verbas recebidas para isso.

Gradual - Livro com os cânticos para a celebração da Eucaristia.

Hábito - Veste própria do monge, que ele recebia quando entrava no noviciado. Daí falar-se de "Tomada de Hábito" ou "Entrada no Noviciado". O hábito beneditino comum consistia em túnica e escapulário preto com capuz de orelhas, acrescentado da cogula para o coro.

Hábito de Coro - Veste mais solene (Cogula) do monge para as celebrações litúrgicas no coro.

Horas Canônicas (Horas do Ofício Divino) - Conjunto de orações que as comunidades monásticas devem fazer a horas certas: Matinas (Vigílias), Laudes, Prima, Tercia, Sexta, Noa, Vésperas, Completas.

Hospício - Casa em que religiosos dão hospedagem a peregrinos, viajantes. Casa ou estabelecimento de caridade e onde se recolhem órfãos, enfermos, velhos abandonados.

Humanidades - Curso de dois anos, após o noviciado ou profissão, e que constituía o Coristado. Aprendiam: Latim, Grego, Hebraico, Retórica, História Universal e Antiguidade

profana/Mitologia. Eram examinados por três professores e, aprovados, passavam para Artes ou Filosofia.

Igreja Matriz - A que tem jurisdição sobre outras de uma dada circunscrição.

Inquirição “De genere, vita et moribus" - Investigação a fazer por pessoas idóneas sobre a família, vida e costumes do candidato à vida religiosa (ADE-UM - *Inquisitiones de genere, vita et moribus*).

Irmão Leigo - Monge que não se destinava ao serviço do altar nem se adentrava nos estudos (Donato).

Jubilado - O Mestre de Filosofia ou Teologia, que exercera doze anos ininterruptos de ensino e chegava à categoria de emérito ou Jubilado, sendo dispensado de ensinar e também de certos atos comunitários, recebendo outros privilégios, como preceder o Prior na mesa maior, ter título de Paternidade e ser vogal nos Capítulos Gerais, se fosse um dos 4 mestres mais antigos em idade monástica.

Junta - Reunião do Abade Geral com seus definidores ou conselheiros entre Capítulos Gerais, sobretudo para tratar dos negócios da Província do Brasil ou eleições intermédias por morte ou substituição.

Lampadário - Candelabro. Lustre com vá- rias lâmpadas pendentes.

Lectio Divina - Leitura meditada e aprofundada da Sagrada Escritura ou de livro aparentado, que promova a vida espiritual.

Liturgia - Conjunto das celebrações públicas comunitárias em vista do culto oficial da Igreja cristã (Eucaristia, Sacramentos, Ofício Divino).

Mendicante - Religioso que pertence às ordens com voto estrito de pobreza: Agostinhos, Carmelitas, Dominicanos, Franciscanos, ou com eles relacionados.

Mesa de Consciência e Ordem - Instituição da administração portuguesa, criada no século XVI e responsável por assuntos relacionados aos territórios ultramarinos.

Mestre (PM) - Era o padre que gastara nove anos de exercício na cátedra de Teologia (Doutor). Para obter o grau de Mestre em Filosofia e Teologia, era preciso fazer Atos de conclusões magnas.

Mestre-escola - Era o mestre de meninos ou de primeiras letras.

Mestre de Noviços - Era o padre encarregado da formação dos noviços. Durante muito tempo houve noviciado em Tibães, Santo Tirso, Porto, Lisboa.

Missa Cantada - A que se celebra em solenidade e canto.

Missa Capitular - Missa diária obrigatória nas catedrais e nas igrejas que possuem cabido.

Missa Conventual - Missa rezada pelo pároco em domingos e dias santificados; missa do dia.

Missal - Entre os beneditinos seguia-se o Missal Romano de 1570, embora com complementos para os Santos próprios da Ordem.

Mitra - Cobertura da cabeça. Barrete de forma cônica, fendida na parte superior e que em certas solenidades é usado por bispos, arcebispos, cardeais e Abades.

Monge - Religioso de tipo anacoreta, mas que, no Ocidente, vivendo em comunidade, está ligado a uma ordem monástica que siga a Regra de S. Bento ou outra no quadro dum mosteiro (Monaquismo), e, por isso, anterior às ordens mendicantes (século XIII).

Mordomo - Encarregado de preparar e dirigir uma festa de igreja. Aquele que administra bens da confraria ou irmandade.

Mosteiro - Edifício material, ou casa, onde vivem os membros das ordens monásticas (Beneditinos, Cistercienses, e seus ramos)

Nave (Corpo da Capela) - Parte interior da igreja, desde a entrada até o santuário, ou o que fica entre fileiras de colunas que sustentam a abóbada.

Noviciado - Casa onde os novos candidatos à vida religiosa recebiam a sua formação monástica. Por isso, o Noviciado também era o tempo de formação dum monge, o qual, em gerai, durava um ano ou dois. O Papa Clemente VIII publicou um Breve (10/IX/1597) com disposições acerca da admissão de postulantes ao noviciado. A entrada no noviciado também era chamada Tomada de Hábito. Os noviciados foram fechados em 1762 pelo

Marquês de Pombal e reabertos pela Rainha Dona Maria I em 1781; fecharam durante as Invasões Francesas (1808-1814) e no período do Liberalismo (1820-1824). Houve Noviciados em Tibães, Porto, Santo Tirso, Coimbra, Lisboa, Rendufe e Brasil (Baía, Rio de janeiro). Tibães foi casa única de Noviciado em Portugal a partir de 1807. Em 110 anos houve c. 532 admissões ao Noviciado.

Óbitos (Livro de) - Livro em que cada mosteiro registava a notícia da morte dos seus monges (Necrológio).

Oblato - Pessoa do mundo que se entrega espiritualmente a um mosteiro, aceitando partilhar da sua espiritualidade. Também se chamaram "Oblatos" os jovens, *pueri*, que estudavam num mosteiro e partilhavam a vida do mosteiro.

Obras (Livro das) - Livro em que se escriturava o que se gastava nas construções, reparações, salários e materiais.

Observâncias - Conjunto de prescrições disciplinares que os monges deviam guardar.

Oficinas - Lugares monásticos adstritos a várias trabalhos ou tarefas.

Ofício Divino - Conjunto de Horas canónicas (breviário) e Eucaristia ou Missa (missal), que os monges devem celebrar dia a dia. Para os monges, o lugar próprio do Oficio Divino é o coro.

Ordem - Associação de pessoas ou instituições, cujos membros emitem votos solenes de consagração religiosa. Distinguem-se: Ordens Monásticas: Beneditinos, Cistercienses, Cartuxos, Olivetanos, Silvestrinos, Trapistas; Ordens Canonicais: Cónegos Regrantes de Santo Agostinho; Ordens Mendicantes: Agostinhos Descalços, Eremitas de Santo Agostinho, Carmelitas, Dominicanos, Franciscanos, Capuchinhos. Também se fala de Ordem Ativa, dedicada ao apostolado externo: doentes, ensino, missionação, pregação, e Ordem Contemplativa, consagrada à Clausura para oração e santificação pessoal.

Ordens Sacras - Hierarquização dos ofícios eclesiásticos pela comunicação das Ordens Maiores e Menores.

Ordens Maiores - Os ofícios sagrados eclesiásticos que levavam ao sacerdócio: Subdiácono, Diácono, Presbítero ou Sacerdote. Eram conferidos pelo Bispo diocesano ou Ordinário do lugar.

Ordens Menores - Conjunto dos quatro ofícios eclesiásticos (Porteiro, Leitor, Exorcista, Acólito), que, antigamente, depois da Prima Tonsura, preparavam para o acesso às ordens maiores sacerdotais. Os abades beneditinos, por privilégio, podiam conferir as ordens menores aos seus monges.

Pároco - Sacerdote que tem a seu cargo uma paróquia. Prior. Cura.

Passante - Era aquele que terminava o respectivo curso de Filosofia ou Teologia, uma espécie de Bacharel.

Pátrias (Livro das) - Livro em que se registava a terra de proveniência dos monges.

Pias - Livro em que se registavam as notícias do Batismo dos candidatos ao noviciado.

Postulante - Pessoa que desejava entrar num mosteiro e era inicialmente recebido como hóspede até entrar no noviciado.

Pregador - Padre que tinha licença para falar ao Povo de Deus em ações litúrgicas de sermões. Diversas categorias: **Pregador Ordinário (PP)** - O que, ao fim do 4° ano de Teologia, recebia faculdade de pregar em público. **Pregador Úrbico** - O padre que podia pregar nos mosteiros urbanos. **Pregador Geral (PPG)** ~ O padre que se jubilava depois de 15 anos contínuos de pregação. Tinha privilégios e o título de Paternidade.

Prelazia (Prelatura) - Cargo, dignidade ou jurisdição de prelado. Circunscrições territoriais caracterizadas por uma jurisdição quase episcopal: embora subordinada ao ordinário da Diocese à qual se ligavam, eram governadas por prelados com autonomia administrativa no seu território específico.

Pregador Régio - O padre que era nomeado pelo rei para pregar diante da corte real.

Pregador (PR), **Ato de** - Exercício que todo o aluno devia fazer ao fim do 2° ano de Teologia.

Presidência - Mosteiro que, por deficiência de número de monges, ou por outra razão, não podia ser abadia, e por isso era governado por um Prior.

Primaz - Prelado, que tenha jurisdição sobre um certo número de arcebispos e bispos e que hoje só usufrui uma categoria superior a esses arcebispos e bispos. O principal entre os bispos e arcebispos de uma região.

Prior - O monge escolhido pelo abade para o ajudar na chefia do mosteiro em que, por isso, o substituía e ocupava o primeiro lugar dos monges.

Processionário - Livro com cânticos e textos para as funções litúrgicas e monásticas e outros ofícios religiosos. Edições em Coimbra, 1620,1691, 1712.

Professar - Que faz voto numa ordem. Proferir votos solenes, ligando-se a uma religião, a uma doutrina, a uma Ordem Religiosa.

Procurador - Monge do mosteiro encarregado cie tratar os assuntos externos, econômicos e jurídicos. Houve procuradores especiais em Braga, Porto e Lisboa. Desde 1725, o Procurador Geral da Congregação tinha voto no Capítulo Geral.

Procurador geral - Monge que, em Lisboa, estava encarregado de tratar os assuntos maiores junto do rei ou do Núncio.

Profissão - Emissão dos votos evangélicos de Pobreza, Obediência e Castidade após o noviciado. A Profissão pode ser simples, quando temporária, isto é comprometendo o religioso peão tempo de três anos, ou solene, isto é, perpétua, comprometendo-se definitivamente para todo o sempre, e ficava registada em carta própria. Na Antiga Congregação Beneditina só havia uma profissão.

Próprio das Missas dos Santos da Ordem - Complemento ao Missal Romano, com as missas dos Santos da Ordem Beneditina, impresso em Coimbra, 1648 e 1718.

Próprio dos Santos da Ordem - Complemento ao Breviário com a indicação do Ofício e Missa dos Santos próprios da Ordem Beneditina, adoptado depois de 1623 e impresso em Lisboa, 1700, Coimbra, 1719, 1740.

Província - Conjunto de mosteiros que os beneditinos fundaram no Brasil ou "Brasílico Lusitano" desde 1581/ 1582 no tempo do Colonialismo, que durou até 1827, quando, na sequência da Independência do Brasil, a Santa Sé criou a Congregação Brasileira.

Provincial - Nome dado ao Abade que na Província do Brasil tinha autoridade delegada pelo Abade Geral e que, inicialmente, até 1612 esteve ligado ao Abade da Baía.

Provisão - Espécie de rescrito passado pelos tribunais, Conselho Ultramarino, Mesa de Consciência e Ordens, a requerimento das partes ou ex-oficio. Havia duas espécies: por consulta e por concessão régia. Carta pela qual o governo confere mercê, cargo ou expede qualquer visa ou providência. Provisão de boca: mantimento.

Razão (Livro de) - Livro em que os monges deviam apontar os dados principais da sua biografia: família, nascimento, noviciado, profissão, conventualidade, obras e outros apontamentos particulares.

Refeitório - Lugar onde os monges em silêncio e com leitura tomam as refeições. Há o púlpito do leitor, e os monges comem em mesas corridas. Daí o cargo de Refeitoreiro para designar o monge encarregado do refeitório e o que se ligava às refeições dos monges.

Regras Monásticas - Código de regras que dão orientação espiritual e administrativa para vida religiosa comunitária. A primeira regra foi redigida por Basílio Magno com base em uma coleção de perguntas e respostas sobre a vida monástica, incluindo ascetismo, tarefas e trabalho manual, horas de oração litúrgica diária, educação das crianças, pobreza c castidade.

Regra de São Bento - Código legislativo escrito pelo fundador, São Bento (480-547), em 520 d.C. Teve sua primeira edição latino-portuguesa em 1585. A Regra Beneditina é composta de setenta e três capítulos que abranges questões como organização prática, horas de oração litúrgica diária, disciplina, estabilidade e obediência. Segundo a Regra, a vida do diária de um monge está dividida nas seguintes partes: a oração e o serviço divino, o *Opus Dei* (Serviço de Deus), três a quatro horas; a lei das Escrituras, *Lectio Divina*, quatro horas; o trabalho manual, seis a oito horas; as refeições e sono, oito a nove horas. Desde a época de Carlos Magno (768-814), três regras são observadas no ocidente: Regra de São Bento, para os monges; Regra de Santo Agostinho, para os cônegos; e Regra de São Basilio, base do monaquismo oriental. Após o Concílio de Latrão (1215) às demais ordens foram obrigadas a se colocarem sob a Regra de São Bento ou sob a Regra de Santo Agostinho.

Resplendor - Círculo ou semicírculo de raios de metal que se coloca nas cabeças das imagens. Auréola, diadema fulgurante.

Sacerdote - O monge que, depois de 4 anos de vida monástica ou de profissão, recebeu a ordenação presbiteral com poder de celebrar o Sacrifício Eucarístico.

Salmodia - Recitação dos Salmos no coro.

Salmo - Oração, que englobava os cento e cinquenta Salmos do Livro dos Salmos na Bíblia, e que a Liturgia distribuiu pelas diversas Horas do Ofício Divino.

Sé - Igreja episcopal de uma diocese, bispado, juntamente com a sua jurisdição. Ex.: A Santa Sé – a Igreja de Roma.
Secretário Geral - Aquele que era eleito em Capítulo Gerai para escrever as atas do respectivo Capítulo e das Juntas.
Seráfico - Relativo aos serafins. Ordem dos religiosos franciscanos.
Sub-prior - Monge que substituía o Prior e tinha lugar a seguir a ele.

Teologia, Curso de - Curso superior de 4 anos, geralmente no Colégio de Coimbra. Compreendia: História e Antiguidades Sagradas, História Eclesiástica, Teologia Dogmático-Teorética, Teologia Dogmático-Prática, Teologia Disciplinar, Teologia Exegética. As disciplinas eram ministradas por 4 professores ordinários com aulas de manhã e de tarde. Havia 2 professores substitutos de Teologia. Por Privilégio do Papa Clemente VIII, concedido à Congregação Beneditina Portuguesa em 1596, esta podia conceder graus na Ordem de Passante (Bacharel) e de Mestre (Doutor) pela Ordem em Artes (Filosofia) e Teologia, observando os Estatutos da Universidade de Coimbra.
Tombo - Livro de registo ou cadastro dos bens imóveis ou propriedades dum mosteiro.
Tonsura - Cercilho monástico, também chamado Coroa. A Prima Tonsura marcava o começo da progressão nas ordens eclesiásticas.
Triênio - Espaço de tempo em que, ao longo de três anos, duravam as funções atribuídas em Capítulo Geral.

Vedoria (Livro da) - Livro em que se registavam as inspeções à fazenda e ao património.
Viático - Provisões ou dinheiro para uma viagem. Comunhão eucarística que uma pessoa recebe em agonia; também é ministrado preferencial- mente pelo pároco aos enfermos e moribundos, como conforto para o caminho em direção à vida eterna.
Vigário - O monge encarregado do governo da paróquia integrada no mosteiro, portanto, uma espécie de pároco, cargo que, geralmente, era exercido pelo Prior.
Visitador - Monge encarregado pelo Capítulo Geral de passar visita aos mosteiros, registando aquilo que era preciso corrigir.
Vulgata - Versão latina da Bíblia, feita no século IV segundo a versão grega dos Setenta e revista por São Jerônimo.

ANEXOS

Discurso proferido pela Professora Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão, Co-Orientadora estrangeira do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), na defesa da tese de doutoramento de Handel Cecílio Pinto da Silva.
28 de Fevereiro de 2014

As minhas primeiras palavras são de saudação muito cordial à Sra. Professora Doutora Helena Jank e a todos os restantes membros da Banca, assim como ao candidato e a todos os presentes, e para agradecer o convite, que tanto me honra a mim e à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para participar nestas provas de doutorado. As inovações tecnológicas permitem-me efectivamente estar presente, embora distante, e é com grande prazer que faço assim parte, como convidada especial, da Banca de Doutorado de Handel Cecílio Pinto da Silva.

Quando, no início do ano lectivo de 2011/2012, um estudante brasileiro a elaborar uma tese de doutoramento sobre a arte organística no seu país veio falar comigo, interessado em frequentar as minhas aulas de Paleografia e Diplomática, não podia imaginar que esse seria o início de uma co-orientação de trabalho, tanto durante a estadia de Handel Cecílio em Portugal como depois do seu regresso ao Brasil. Mas assim aconteceu, e esta foi uma experiência muitíssimo enriquecedora e levada a cabo com grande gosto, que mostrou como mesmo à distância se podem acompanhar com sucesso as pesquisas de um orientando e fez arreigar ainda mais em mim a convicção da importância da interdisciplinaridade e do trabalho de colaboração entre investigadores de diferentes áreas e nacionalidades

Esta minha breve intervenção não pretende analisar pormenorizadamente a dissertação que Handel Cecílio elaborou. Isso será feito pelos colegas membros da Banca, com toda a competência e saber. Eu não sou musicóloga, mas historiadora; dedico-me em especial à História da Idade Média, raramente fazendo incursões para outras épocas na minha investigação, centrada sobretudo na história religiosa e nas ciências historiográficas da Paleografia, Diplomática, Sigilografia, Codicologia. Tenho tido a meu cargo, desde há muitos anos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o ensino da Paleografia e da Diplomática, tanto medievais como modernas, e foi precisamente esse o motivo que fez de mim co-orientadora de doutorado de Handel Cecílio. Penso que será mais interessante e útil, nestas minhas palavras, dar um fiel testemunho do trabalho que ele desenvolveu sob minha orientação, daquilo que poderemos designar, no fundo, como os bastidores da investigação que levou a efeito, e que permitiu colher as

informações inéditas com as quais foi possível elaborar e enriquecer a dissertação hoje defendida.

Efectivamente, para que o candidato pudesse ir mais além no estudo dos órgãos, organistas e organeiros do Brasil colonial e imperial, era imperioso compulsar a documentação original da época. E isso exige conhecimentos de Paleografia, a ciência que estuda as escritas antigas e as decifra, assim como de Diplomática, disciplina que se dedica ao estudo dos documentos, das suas tipologias e da sua organização interna, bem como das entidades que os produzem. Na sua dissertação de mestrado, o candidato tinha já recorrido a fontes inéditas, mais recentes, porém. Quem lida com documentos da Época Contemporânea consegue, sem demasiado esforço, familiarizar-se com as formas gráficas de então, antiquadas mas, no entanto, bastante próximas das actuais. O mesmo não se passa, porém, quando se recua no tempo, sendo as letras mais difíceis de decifrar, por via de regra, as do período moderno. Os séculos XVI e XVII, sobretudo, legaram-nos uma multiplicidade de escritas variadas, juntando a tradição gráfica medieval à letra humanística e levando a extremos a cursividade, ou seja, a escrita traçada velozmente ao correr da pena, que pode ser muito difícil de compreender. As grafias mais complicadas são, sem dúvida, as chamadas encadeadas, cujo nome as descreve na perfeição: nelas, as letras sucedem-se umas às outras sem levantar a pena; não muito menos difíceis são as escritas processadas, ou seja, as usadas para escrever os registos de processos e, de um modo geral, todo o tipo de documentação de carácter administrativo nos séculos XVI e XVII, sem qualquer preocupação estética ou sequer de legibilidade – um exemplo típico deste género de grafia pode ser visto na fig. 176, p. 327 da dissertação de Handel Cecílio. Os contemporâneos de tais grafias tinham já a perfeita noção das dificuldades que estas causavam, como nos revela Cervantes num passo do seu D. Quixote: queria o cavaleiro escrever uma carta a Dulcineia mas não tinha papel; fez então um rascunho numa página arrancada a um livro e pediu ao seu fiel Sancho que o levasse a um escrivão para ser passado a limpo, recomendando-lhe porém que escolhesse quem não usasse escrita processada, pois essa só a entenderia Satanás!

Serve esta pequena anedota para comprovar as dificuldades de leitura que as escritas modernas colocam, e que só conseguem ser ultrapassadas com o estudo da Paleografia, a que o candidato se dedicou com grande entusiasmo. No ano que passou em Portugal, frequentou as duas cadeiras de Paleografia e Diplomática (uma no 1º e outra no 2º semestre) e também esteve presente nas minhas aulas de História do Livro, para melhor

OBS: A referência à figura 176, p. 237, correponde a versão da defesa da tese, nesta versão final, corresponde à figura 179, p. 337.

compreender os legados escritos do passado. Foi, nas três disciplinas, um estudante sempre atento, assíduo, interventivo, interessado e trabalhador.

Para além das aulas, muitas foram as horas que passámos a conversar, em que procurei guiar Handel Cecílio nas suas pesquisas, tentando responder às suas dúvidas e transmitir-lhe informações sobre os arquivos e os fundos que devia investigar. Não é fácil nem óbvio saber por onde começar uma pesquisa desta envergadura, em especial devido à crónica carência nos arquivos portugueses de bons instrumentos de pesquisa, sejam eles catálogos, inventários ou simples guias de fundos que permitam a um investigador compreender qual é a documentação existente e a que necessita de compulsar. E assim, graças a esta colaboração, além do Arquivo Distrital de Braga, onde o candidato sabia à partida que iria encontrar importantes elementos, pois aí se encontram depositados os cartórios dos antigos mosteiros beneditinos daquela arquidiocese, mormente os de Tibães, casa-mãe da Congregação Beneditina Portuguesa, e além dos arquivos privados quer dessa abadia, quer do mosteiro de Singeverga, o número de instituições onde fez pesquisas em Portugal cresceu extraordinariamente, como se prova na vasta lista de referências arquivísticas indicada no final da sua dissertação, e que se somam a um largo número de instituições brasileiras detentoras de documentos onde também pesquisou. Para lá dos arquivos já mencionados, o candidato investigou ainda no Arquivo da Universidade de Coimbra, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Arquivo Histórico Ultramarino, nos Arquivos Distritais do Porto e de Évora e ainda na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Os bons resultados das pesquisas intensivas e sistemáticas efectuadas estão bem patentes. O afinco e o entusiasmo com que Handel Cecílio se lançou ao trabalho foram premiados com as informações importantíssimas que encontrou e que permitem um novo olhar sobre a arte organística no Brasil. Deu a conhecer organistas e organeiros, encomendas de órgãos, contratos de artífices e músicos e uma multiplicidade de referências que alargam a geografia da presença deste instrumento no vasto território brasileiro. Descobriu como a arte de construção dos órgãos foi penetrando no Brasil, com que protagonistas e através de que circuitos. Encontrou os nomes e os percursos de homens e até mulheres há muito esquecidos, ligados quer à construção e manutenção de órgãos, quer à execução da música que dava brilho às cerimónias litúrgicas. Recuperou a memória de muitos instrumentos, infelizmente hoje desaparecidos na sua quase

totalidade, mas de cuja existência os registos escritos conservam as provas. Questionou, pois, os documentos e deles soube colher muitas respostas, com as quais compôs o presente trabalho, que nos apresenta uma imagem da arte organística do Brasil colonial e imperial que vai bem além, aliás, do que o título da tese indica. De facto, não é só da organística nos mosteiros beneditinos que o candidato se ocupa. Apresenta, demoradamente, o que para leigos como eu é extremamente útil e didáctico (e o mesmo se diga do glossário de termos organísticos no final), uma explanação sobre os órgãos, a sua evolução e o seu uso, em especial na Península Ibérica, de onde foram levados para todos os cantos do mundo, tanto por portugueses como por espanhóis. Analisa com rigor as referências existentes à eventual presença deste instrumento musical nas primeiras missas oficiadas na Terra de Vera Cruz. Introduz o tema dos órgãos das catedrais – e bem me recordo do entusiasmo com que me anunciou os dados a este respeito que tinha encontrado, e de como falámos sobre a oportunidade da sua inclusão na dissertação, pela qual acabou por optar. Dedica ainda um outro capítulo à arte organística brasileira em geral, abordando a sua presença tanto nos templos das ordens eclesiásticas como nas igrejas matrizes e até nas capelas de fazendas e engenhos, não esquecendo um apontamento, para mim muito interessante, sobre a relação de escravos, índios e negros com os órgãos e a sua música. Só depois, finalmente, entra no tema principal da pesquisa, a organística nos mosteiros beneditinos do Brasil, que explana com grande desenvolvimento, contribuindo também, com o seu trabalho, para um melhor conhecimento da história das próprias instituições monásticas em si.

Agradou-me em particular o cuidado que o candidato teve em ilustrar a sua dissertação com múltiplas imagens, recuperando memórias visuais de edifícios e órgãos e, o que mais ainda me interessa, reproduzindo na íntegra ou em breves excertos um largo número de documentos, acompanhados sempre das respectivas transcrições. Há nestas ainda algum trabalho a fazer, quer de afinação de critérios de transcrição, quer de resolução de dúvidas que não houve a possibilidade de esclarecer cabalmente antes do fim do prazo de entrega deste seu trabalho académico. São pormenores a corrigir para a versão definitiva, e para os quais, naturalmente, pode contar com a minha colaboração.

Não me vou alongar mais. Procurei, nas minhas palavras, deixar o testemunho do que foi a co-orientação e o acompanhamento que dei ao trabalho de Handel Cecílio. Sinto um grande orgulho por ver esse trabalho chegado ao fim, tendo dado corpo a esta extensa dissertação de doutorado que bem demonstra a seriedade, a dedicação e a

competência com que levou a cabo a sua investigação. Agradeço, uma vez mais, a oportunidade que a Universidade Estadual de Campinas me proporcionou de participar nestas provas, renovo as saudações a todos os presentes e expresso os meus mais sinceros votos de felicidades ao candidato a Doutor.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 2014

Maria do Rosário Barbosa Morujão

Professora Auxiliar
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Portugal

AGRADECIMENTO ÀS ORIENTADORAS

Foram muito importantes as participações de minhas orientadoras, pois ambas forneceram ferramentas necessárias ao desenvolvimento dos trabalhos, cada em sua área distinta. O desenvolvimento dos trabalhos ocorreu sempre em um ambiente muito agradável, ético e produtivo. Ambas atuaram efetivamente na orientação dos trabalhos, na defesa da tese, e nas revisões finais, na procura das "gralhas do texto", que se tornavam ocultas. Além de orientadoras, foram amigas em todos os momentos. Portanto, Dra. Helena Jank e Doutora Maria do Rosário Barbosa Morujão fazem parte desta minha vitória!

PROFESSORA DOUTORA HELENA JANK, ORIENTADORA DA UNICAMP

Agradeco à minha prezada orientadora da UNICAMP, Professora Doutora Helena Jank: pelo excelente trabalho na orientação e condução deste trabalho de pesquisa, assim como também pela pela amizade em todo o tempo. Desde minha qualificação de mestrado, tem acompanhado minhas pesquisas participando de bancas, além das disciplinas sobre a música antiga, ministradas na UNICAMP, que tanto contribuíram para minha performance em órgãos de tubos.

Foram muitas as horas na revisão do textos final da tese, quando sempre soube fazer as colocações com toda a sabedoria, conhecimento e gentileza que lhe é peculiar. pela boa vontade e colaboração em todas as horas. Mesmo estando em viagem profissional, ou mesmo em férias, Profa. Helena Jank nunca deixou de atender às urgências relacionadas e meu doutorado, sempre com toda boa vontade e procurando resolver os problemas surgidos com todo o empenho.

Nos preparativos e organização da defesa da tese, Profa. Helena acompanhou toda a organização, participando efetivamente sempre, inclusive, assumindo algumas de minhas obrigações, por eu não poder estar sempre me deslocando de Belo Horizonte para Campinas. Este é um momento muito tenso para orientando e orientador, contudo, soubemos enfrentar todos os problemas surgidos, sem tensões e nem desgastes para nenhuma das partes.

Quando convidei Dra. Helena Jank para ser minha orientadora, com toda sinceridade ela falou: “já fui organista há muito tempo, mas não sou mais”, e depois também disse: “minha área não é a pesquisa histórica documental”. Na época eu afirmei: “penso que um orientador não precisa ser extamente da mesma área, basta saber orientar o trabalho”. E, realmente, Dra. Helena Jank soube orientar e conduzir tudo com excelência. É uma orientadora preocupada com o desenvolvimento das pesquisas, com a qualidade, com a seriedade e reponsabilidade no conteúdo, e também faz todo o possível para o sucesso dos trabalhos de seus orientandos. Portanto prezada Dra. Helena Jank, sou grato por tua orientação neste trabalho de pesquisa, procurando sempre a excelência na construção e elaboração da tese. MUITO OBRIGADO POR TUDO!

PROFESSORA DOUTORA MARIA DO ROSÁRIO BARBOSA MORUJÃO, CO-ORIENTADORA ESTRANGEIRA DO PROGRAMA DE DOUTORADO SANDUÍCHE NO EXTERIOR (PDSE)

Quanto à prezada Doutora Rosário Morujão, Co-Orientadora estrangeira do Programa Doutorado Sanduiche no Exterior – PDSE na Universidade de Coimbra, sou grato pelas aulas de Paleografia e Diplomática, e de História do Livro, nas quais pude aprender e desenvolver as técnicas de leitura dos documentos antigos e estudar sobre documentos antigos, ferramentas extremamente essenciais ao desenvolvimento deste trabalho de pesquisa histórica documental.

Quando iniciei as aulas de paleografia, não imaginava que Doutora Rosário Morujão viria a ser minha Co-Orientadora do PDSE. Após uma aula sobre os escribas beneditinos, quando tive muitas informações necessárias a minhas pesquisas, comecei a pedir mais informações e Professora Morujão se colocou a disposição para resolver minhas dúvidas relativas à sua área de trabalho. Assim, informalmente e com toda a boa vontade, nos intervalos das aulas, Profa. Morujão respondia a minha lista de perguntas, indicava arquivos e sugeria contatos. Muitas vezes, o que aparentemente seria simplemente seria uma indicação de um arquivo para pesquisas, viria a solucionar algum dos questionamentos das pesquisas. Considerando, sua importante participação efetiva em minhas pesquisas, e procurando fazer justiça, convidei Doutora Rosário para ser minha Co-orienatdora do PDSE. E mesmo findo meu período em Portugal, continuou colaborando e resolvendo minhas dúvidas na paleografia e na historiografia.

Sou grato pela excelência de seu trabalho na co-orientação das pesquisas em Portugal, muito importantes para a fundamentação e enriquecimento da tese. Sou muito grato pela revisão de todas as transcrições dos documentos, realizada após a defesa, para a finalização da versão final da tese, assim como também pela amizade e atenção em todo o tempo. Agradeço por tua participação e por tuas palavras em minha defesa da tese, mesmo que por vídeo conferência, momento importante na finalização de meu doutorado. Muito obrigado pelas palavras proferidas em teu discurso neste momento. Prezada Doutora Rosário Morujão, MUITO OBRIGADO POR TUDO!

CONVITE PARA A DEFESA DA TESE